

A CONEXÃO

BELLAROSA

4 *novelas de*

SAUL

BELLOW

**Tradução**

Caetano e Rogério W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](http://lelivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



SAUL BELLOW

# A conexão Bellarosa

*4 novelas*

*Tradução*

Caetano W. Galindo  
Rogério W. Galindo

*Introdução*

Leandro Sarmatz

  
COMPANHIA DAS LETRAS

# Sumário

Introdução — Bellow: a voz, *Leandro Sarmatz*

Um furto

A conexão Bellarosa

Uma afinidade verdadeira

Ravelstein

Sobre o autor

## Introdução

# Bellow: a voz

*Leandro Sarmatz*

Saul Bellow nasceu em 1915 em Lachine, no Canadá francês. Filho de imigrantes judeus de São Petersburgo, a cidade cosmopolita que viu surgirem Gógol, Dostoiévski e Nabokov. Falava-se russo e iídiche em casa, inglês e francês nas ruas. No fim da Primeira Guerra a família muda-se para a maior e mais afluyente Montreal, porém o Velho Mundo continuava com eles: recém-chegados como os Bellow viviam em guetos, instalados de forma precária, lutando contra outro inimigo que não os cossacos que irrompiam nas aldeias do Leste Europeu, mas a miséria do Novo Mundo. A promessa de uma vida novinha em folha parecia não se cumprir. As coisas iam mudar em breve, contudo. Em 1924, com nove anos, o pequeno Solomon entrou de forma clandestina nos Estados Unidos com o resto da família. O pai estava em Chicago havia alguns meses trabalhando na padaria de um primo. Bellow-pai, que era severo, neurótico, dado a surtos de violência verbal, tentou uma série de negócios antes de conseguir se estabelecer.

Seria em Chicago, “essa cidade sombria”, como diz o narrador de *As aventuras de Augie March* (1953), o grande abre-alas (estético, ficcional) da obra de Saul Bellow, que o filho de imigrantes iria se fazer americano. Frequentou por um período o curso de letras, mas, acossado pelo suposto

antisemitismo do departamento de literatura — até a Segunda Guerra o estudo da literatura inglesa era ainda um domínio de patrícios americanos que sonhavam levar a existência de Henry James —, optou pela antropologia. Outra escolha, dessa vez pela língua inglesa como seu veículo literário, foi o elemento fundamental dessa nova vida. Até pelo menos a escrita de seu primeiro livro, *Dangling man* (1944), Bellow oscilava, dubitativo e talvez com uma pontinha de sentimentalismo, para a língua iídiche. Mas logo isso parece ter passado. O seu inglês — suntuoso e esperto, irônico e cadenciado — iria vencer. Em uma carta da década de 1970 à tradutora e professora canadense Bracha Weingrod, Bellow fala sobre a questão, a partir, possivelmente, de um convite para escrever um texto teatral em iídiche:

Sua ideia é boa mas eu tive que decidir muitos anos atrás se iria escrever em inglês ou em iídiche, e quando optei pelo inglês meu iídiche começou a murchar. Com membros da minha família (da minha geração) eu continuo falando iídiche e às vezes leio um livro em iídiche, mas duvido que conseguiria escrever uma peça na minha língua materna.

O curioso, ainda no capítulo Bellow e o iídiche, é o fato de ele ter sido em parte o responsável pelo enorme êxito de Isaac Bashevis Singer no mercado americano. É sua a primeira tradução do conto “Gimpel, o tolo”, de 1953, que abriu caminho para que o escritor nascido na Polônia (antes conhecido apenas entre imigrantes e leitores do iídiche) começasse a ser apreciado por toda uma audiência de língua inglesa em revistas como *Partisan Review* e (sobretudo) *New Yorker* — que iriam formar o gosto do leitor de ficção para o mundo místico e erótico das pequenas comunidades judaicas europeias pré-Holocausto. Contudo, o encontro entre dois grandes autores, como parece ser bastante comum, teve algo de amargo. Singer temia que Bellow, já um tanto famoso, levasse a maior parte do crédito pelos méritos literários da tradução, e depois dessa experiência com “Gimpel” iria se cercar de tradutoras quase anônimas (“o harém de Singer”,

como o próprio dizia). Nunca ficaram próximos. Tanto que no grosso volume *Letters* (no qual apareceu a carta reproduzida acima), edição com a correspondência de Bellow que saiu em 2010, há apenas uma carta a Singer, um bilhete curto de felicitações pelo Nobel de Literatura em 1978 — dois anos depois que seu primeiro tradutor havia sido escolhido pela Academia Sueca.

Bellow foi, acima de tudo, uma voz. Muitos de seus livros costumam ter um fiapo de história: intelectual é traído pela mulher e embarca num delírio epistolar; professor universitário acompanha a esposa numa viagem ao Leste Europeu durante a Cortina de Ferro e passa a examinar a condição humana; um professor eventual e sobrevivente do Holocausto observa a loucura da babel do século XX, Nova York. Convenhamos que, vistas em seu resumo esquelético, essas não parecem as histórias mais *eletrizantes* do romance contemporâneo. Pura ilusão. O que está em jogo nelas é a maneira como a voz — esse timbre e esse fôlego que a um só tempo evocam as ruas da Chicago de Al Capone, o discurso erudito, a peroração rabínica e um fundinho de iídiche, sua primeira língua — dá vida a tramas e personagens. Um estilo único (que influenciaria escritores talentosos de Philip Roth a Martin Amis) mesmo em livros que exigem estamina do autor, as narrativas longas como *As aventuras de Augie March*, *O legado de Humboldt* e *Herzog*, que seduz pelo que tem de encantatório e singular. Talvez o único paralelo que se possa fazer a partir da voz de Bellow esteja fora da literatura: Frank Sinatra, outro mestre do século xx americano, também nascido em 1915. Ambos usaram a voz como veículo máximo de expressão pessoal e artística. Marcaram a sua época. Atravessam quase incólumes o tempo.

A produção tardia de um escritor talentoso às vezes reserva algumas surpresas em relação à obra pregressa. Tudo pode entrar em outra frequência. Em alguns autores, a maturidade traz mudanças de foco, uma nova embocadura, a destilação de toda uma obra. Philip Roth, por exemplo,

para citar um autor que começou à sombra de Bellow e que por ele seria reconhecido como outro grande. Depois de romances alentados e ambiciosos tematicamente, concebeu seus últimos livros (a partir dos anos 2000) em tom camerístico, praticando a novela centrada em poucos personagens a atravessarem situações-limite no embate entre suas personalidades e o mundo. *O animal agonizante, Homem comum, A humilhação, Nêmesis*: há toda uma depuração rothiana nesses textos de até duzentas páginas, uma busca de síntese que não é apenas a concentração de tudo o que preocupou o autor nos livros anteriores. É quase outra personalidade — adensada, compacta, crepuscular.

Caso similar é o das quatro novelas reunidas neste volume. Foram escritas na última porção da carreira (e da vida) de Bellow, quando já era apontado como a maior expressão do romance dos Estados Unidos depois de William Faulkner. São textos mais curtos que seus grandes romances e, embora partilhem de algumas das questões que gravitaram em torno de sua obra — a nova energia da existência judaica insuflada pelo meio americano, a vida intelectual, o adultério e outras paixões —, são como versões de bolso dos largos painéis (sociais, mentais) desenhados nos textos de trezentas páginas ou mais. O que não significa, claro, um rebaixamento. É apenas a voz que adota um tom mais baixo, é Frank Sinatra gravando canções de bossa nova.

“Um furto” e “A conexão Bellarosa” saíram em livro em 1989, com sete meses de diferença. A primeira narrativa fora recusada por *New Yorker* e *Vanity Fair*, publicações de prestígio no ecossistema literário americano. Vista de longe, a negativa de seus respectivos editores parece algo próximo a uma blasfêmia, mas mesmo naquele tempo pré-internet a imprensa já não tinha espaço para textos mais longos, e “Um furto” foi considerado muito grande para ocupar uma edição de revista. Bellow colocou o ponto final em “Uma afinidade verdadeira” em 1996, a publicação apareceu no ano seguinte. “Ravelstein”, seu derradeiro esforço narrativo, veio a lume em 2000.



As duas primeiras novelas trabalham a partir de uma busca. Acossada pelo mistério do desaparecimento de um anel de esmeralda, Clara Velde — a editora de moda que protagoniza “Um furto” — começa, então, a compreender do que ela é feita, depois de alguns casamentos, aventuras sentimentais, muitas decepções. A conclusão é puro Bellow: um caldeirão de sensações, emocionais e intelectuais, que borbulham na personagem às vésperas de uma implosão pessoal. Perseguição implacável através da memória e do entendimento de um ato de bondade, “A conexão Bellarosa” traz outra síntese da obra do grande ficcionista de Chicago: a tragédia e a redenção da vida judaica pós-Holocausto na história do resgate de Harry Fonstein das garras de Hitler por um figurão da Broadway.

Duas últimas obras do autor publicadas em vida, “Uma afinidade verdadeira” e “Ravelstein” falam respectivamente de afetos precoces e tardios. Na primeira, um vendedor de antiguidades — sujeito maduro que conheceu o mundo — volta para Chicago com o grande amor de sua juventude a assombrá-lo. Seu cliente e amigo, um nababo quase centenário, entra numa espécie de jogo para ajudar a recuperar essa paixão adolescente.

Já “Ravelstein”, último romance, traz algumas questões interessantes (e que por isso causaram polêmica à sua época) sobre a matéria do romance e o tratamento da realidade. Hoje, com a quase prevalência das formas híbridas na ficção — obras como as de Emmanuel Carrère, Sebald, Roberto Bolaño, que são muitas vezes erguidas a partir de pesquisa documental e construídas retoricamente com os expedientes da não ficção —, a questão parece até irrisória, mas de fato não é. Quais seriam os limites romanescos da exposição de uma vida real? Abe Ravelstein, intelectual falastrão, dândi, esnobe e perdulário que fez fortuna com um best-seller em que vulgarizava toda uma trajetória de erudição e que levou uma vida sexual agitada e morreu em decorrência do vírus da aids, é todo calcado numa figura real, o filósofo Allan Bloom, amigo e colega de magistério de Bellow na Universidade de Chicago. Aparecem no texto questões bem particulares: a vida sexual de Bloom (tirado do armário no romance), seus gostos refinados (se houvesse um hotel de dez estrelas, ele teria reservado a suíte

presidencial), sua visão reacionária da cultura ocidental diante do pop (Michael Jackson é retratado de forma grotesca e aviltante); “Ravelstein” fez algum escândalo quando foi originalmente publicado. Era impiedosa e indiscreta demais a exposição de uma vida?

Pode ser. Mas também a ficção derradeira de Bellow é uma obra-prima que registra, como em poucos momentos de toda sua obra, a voz muito particular do pensamento. É uma demonstração tácita de vitalidade e aposta sensual na prosa feita por um homem que, então com 85 anos, se recusava a ficar em silêncio.

UM FURTO

*Para meu filho, Daniel O. Bellow*

Clara Velde, para começar pelo que nela chamava mais a atenção, tinha cabelos louros curtos, com um corte elegante, que cresciam numa cabeça incomumente grande. Numa pessoa de caráter inerte uma cabeça de tais dimensões podia ter parecido uma deformidade; em Clara, por ela ter tanta força pessoal, ficava parecendo uma beleza meio bruta. Ela precisava daquela cabeça; uma mente como a dela exigia espaço. Tinha ossos grandes; seus ombros não eram largos, mas altos. Seus olhos azuis, excepcionalmente grandes, tornavam-se proeminentes quando ela refletia. O nariz era pequeno — ancestralmente um nariz do Mar do Norte. A boca era muito boa mas se esticava desmesuradamente quando sorria, quando chorava. A testa era forte. Quando chegou ao limiar da meia-idade, as rugas do seu encanto *naïf* se aprofundaram; seriam permanentes agora. Na verdade, tudo nela chamava a atenção, não só o tamanho e a forma da cabeça. Ela deve ter decidido há muito tempo que para pessoas como ela não podia haver imposturas; ela não podia gastar energia com disfarces. Portanto, lá estava ela, uma americana ossuda. Tinha pernas muito boas — quem é que sabe o que se poderia ver se as pioneiras usassem saias mais curtas. Ela comprava roupas nas melhores lojas e entendia de cosméticos. No entanto, a aparência caipira jamais a abandonava. Vinha do meio do mato; não restava dúvida. Sua gente? Fazendeiros e negociantes de Indiana e Illinois que eram muito religiosos. Clara foi educada com a Bíblia:

orações no café da manhã, bênçãos antes de cada refeição, salmos decoradinhos, os evangelhos, capítulo e versículo — religião à moda antiga. Seu pai era dono de umas lojinhas de departamento no sul de Indiana. As crianças frequentaram boas escolas. Clara estudou grego em Bloomington e literatura elisabetana e jacobina em Wellesley. Um caso amoroso frustrado em Cambridge levou a uma tentativa de suicídio. A família decidiu não levá-la de volta a Indiana. Quando ameaçou tomar mais soníferos eles deixaram que ela fosse para a Universidade Columbia, e ela ficou morando em Nova York sob estreita vigilância — um regime organizado pelos pais. Ela, contudo, encontrou modos de fazer exatamente o que quis. Temia o fogo do inferno mas fazia mesmo assim.

Depois de um ano na Columbia ela foi trabalhar na Reuters, depois deu aula numa escola particular e acabou escrevendo artigos sobre temas americanos para jornais britânicos e australianos. Com quarenta anos já tinha formado uma empresa sua — uma agência jornalística especializada em alta-costura para mulheres — e acabou vendendo essa empresa para uma editora internacional e se tornando uma das suas executivas. No conselho diretor alguns se referiam a ela como “uma boa empresária”, e outros, como “a czarina da imprensa de moda”. Agora ela já era também a mãe atenciosa de três meninas. A primeira delas foi concebida com alguma dificuldade (a assistência profissional de ginecologistas foi o que a possibilitou). O pai dessas crianças era o quarto marido de Clara.

Três dos quatro não foram mais que isso — homens que caíram na categoria marido. Só um, o terceiro, foi algo próximo a um marido de verdade. Era Spontini, o magnata do petróleo, amigo próximo do esquerdista bilionário e terrorista Giangiacomo F., que se explodiu nos anos 70. (Alguns italianos disseram, como era de se prever, que o governo armou a explosão.) Mike Spontini não era politizado, mas também não tinha nascido rico, como Giangiacomo, cujo modelo de vida era Fidel Castro. Spontini fez a própria fortuna. A aparência que tinha, suas casas e châteaux e iates teriam lhe dado direito a um papel em *La dolce vita*. Bandos de mulheres estavam à caça. Clara ganhou a briga para casar com ele mas

perdeu a briga para ficar com ele. Reconhecendo por fim que ele estava se livrando dela, não se opôs a esse homem difícil, arbitrário, e cedeu todos os direitos de propriedade no acordo... um desacordo na verdade. Ele levou embora os assombrosos presentes que lhe dera, até a última pulseira. Assim que o divórcio saiu, Mike foi detonado por dois derrames. Estava semiparalisado agora e não conseguia formar palavras. Uma italiana do tipo Sairey Gamp tomava conta dele em Veneza, onde Clara ocasionalmente ia vê-lo. Seu ex-marido lhe soltava um rugido animalesco, um olhar rijo de raiva, e aí voltava à sua aparência imbecilizada. Ele preferia ser um imbecil no Gran Cannale a ser um marido na Quinta Avenida.

Os outros maridos — um desposado em cerimônia na igreja, com vestido e trajes de gala, os outros escostados na prefeitura — eram... bom, para falar francamente, maridos-bandeira. Velde era grande e bonito, indolente, desafiadoramente incompetente. Ficava em média não mais que seis meses em qualquer emprego. E então todos na empresa queriam matá-lo.

A desculpa dele para viver largando empregos era que o seu verdadeiro talento seria para estratégias de campanha. As eleições traziam à tona o melhor que havia nele: conseguir a atenção da mídia para o seu candidato, que nunca, nunca ganhava nas primárias. Mas, afinal, ele não gostava de ficar longe de casa mesmo, e uma eleição é um espetáculo itinerante. “Um doce”, dizia um dos resumos de Clara para Laura Wong, a estilista sino-americana que era sua confidente. “Um pai afetuoso enquanto as crianças não estão incomodando, o que o Wilder mais faz é ficar lendo livros de bolso: suspense, ficção científica e biografias de celebridades. Acho que ele pensa que tudo vai ficar bem enquanto continuar lá sentadinho naquelas almofadas. Pra ele inércia é o mesmo que estabilidade. Enquanto isso, eu cuido da casa sozinha: hipoteca, manutenção, empregadas, moças *au pair* da França ou da Escandinávia — austríaca, a última. Eu invento trabalhos para a escola das crianças, cuido da educação, do dentista e do pediatra, mais os coleguinhas, os passeios, testes psicológicos, roupas de bonecas, bilhetinhos cheios de recortes pros namoradinhos. O que mais... ? Lido com os problemas secretos delas, resolvo as brigas, encorajo os intelectos,

enxugo as lágrimas. Amo. O Wilder só fica lá lendo P. D. James, ou sei lá mais o quê, até eu ficar a ponto de arrancar o livro e jogar no meio da rua.”

Numa tarde de domingo ela fez exatamente isso — abriu a janela e arremessou o livrinho dele no meio da Park Avenue.

“Ele ficou espantado?”, perguntou Ms. Wong.

“Não completamente. Ele sabe o quanto é irritante. O que ele não me concede é razão por estar irritada. Ele está *ali*, não está? O que mais eu quero? Em toda aquela turbulência, ele é o ponto de tranquilidade. E pra todos os momentos loucos e as tristezas que eu tive no jogo do amor — sobre as quais ele tem total informação — ele é a resposta. Uma mulher sensual que não conseguia encontrar um lugar onde colocar a sua emotividade, e que atraía homens brilhantes que não conseguiam fazer o que ela queria mesmo que fizessem com ela.”

“E ele faz *de verdade*?”

“Ele é o senhor absoluto, e por nenhuma razão, a não ser o desempenho sexual. É o poder de garanhão que o deixa tão confiante. Ele não é o tipo que fosse analisar. *Eu* tenho de fazer isso. Uma mulher sensual pode se iludir sobre as compensações de uma vida mental. Mas o que realmente resolve tudo, segundo ele, é o volume masculino. Ele praticamente diz com todas as letras que eu gastei o meu tempo com Jaguars fracassados. Sorte minha ter topado com um legítimo Rolls-Royce. Mas ele errou de carro”, ela disse, atravessando a cozinha com uma pressa eficiente para tirar a chaleira do fogo. O passo dela era poderoso, com as pernas desajeitadas, bem torneadas, seguindo rápidas demais para que os saltos acompanhassem o ritmo. “Quem sabe um Lincoln Continental fosse mais o caso. Enfim, mulher nenhuma quer que o quarto vire uma garagem, muito menos pra um carro sem graça.”

O que uma senhora civilizada como Laura Wong pensava de confidências como essas? A bochecha chinesa levantada com o olho chinês se acomodando ali em cima, o minúsculo grau de peso da prega epicântica ainda mais branca contra o preto dos olhos, e a luz daqueles olhos, tão estrangeira de se ver e ao mesmo tempo mais que familiar pelo seu

sentido... O que podia ser mais humano que o reconhecimento desse sentido familiar? E no entanto Laura Wong era nova-iorquiníssima na sua compreensão geral das coisas. Ela não confiava em Clara tão plenamente quanto Clara confiava nela. Mas, afinal, quem confiava, quem *poderia* abrir o peito assim tão completamente? O que os ricos olhos de Ms. Wong sugeriam, Clara, em seu sem jeito, tentava de fato dizer. Fazer.

“É, os livros”, disse Laura. “Não dá pra deixar de ver.” Ela também tinha visto Wilder Velde pedalando na sua bicicleta ergonômica com a tevê ligada no volume máximo.

“Ele não consegue entender o que está errado, já que o que eu ganho parece mais do que bom pra nós. Mas eu não recebo *tanto* assim, com três crianças em escola particular. Aí eu tenho que gastar o dinheiro da família. O que envolve os meus velhos pais — velhinhos de Indiana lá com as suas Bíblias. Eu não consigo fazer ele ver que eu não posso bancar um marido desempregado, e não tem *um* recrutador aqui em Nova York que se disponha a falar com o Wilder depois de dar uma olhada que seja no curriculum vitae e no histórico de trabalho dele. Três meses aqui, cinco meses ali. Porque isso está me incomodando, e por *minha* causa, os meus chefes estão tentando arranjar uma vaga pra ele em algum lugar. Eu sou importante o suficiente pra empresa fazer uma coisa dessas. Se ele gosta tanto assim de eleições, talvez devesse se candidatar a um cargo público. Ele tem lá certa *cara* legislativa, e pouco me importa se ele ferrar com todo o Congresso. Eu já estive com congressistas, até casei com um, e ele não é mais bobo que eles. Mas ele não quer admitir que tem alguma coisa errada; ele tem esse tipo de confiança em si próprio — tanta, que consegue até se interessar amigavelmente pelos homens com quem eu me envolvi. Eles são como os competidores fracassados, pro sujeito que ganhou o troféu. Ele se orgulha de dizer que tem uma ligação com os mais famosos, e, quando eu fui visitar o coitado do Mike em Veneza, ele foi comigo.”

“Então ele não é ciumento”, disse Laura Wong.

“Muito pelo contrário. As pessoas de quem eu fui íntima, pra ele são que nem os personagens de um livro de história. E imagine se o Ricardo III ou o



Metternich tivessem traçado *a sua* mulher quando ela era moça? O Wilder é um caga-nomes, e os nomes que lhe dão mais prazer são os que ele encontrou por ser meu marido. Especialmente os das manchetes...”

É claro que Laura Wong estava ciente de que não cabia a ela mencionar o nome mais significante de todos, o nome que assombrava todas as confidências de Clara. Isso era a própria Clara quem deveria fazer. Se fosse adequado, se ela pudesse reunir as forças necessárias para tratar da mais persistente das suas preocupações, se pudesse pedir que Laura a ouvisse uma vez mais... eram escolhas que você devia confiar que ela fizesse com muito tato.

“... que ele às vezes grava quando estão sendo entrevistados na CBS ou nos programas MacNeil/Lehrer. Teddy Regler sempre em primeiríssimo lugar.”

Pronto, lá estava o nome. Mike Spontini era bem importante, mas você ainda tinha que vê-lo na categoria marido. Ithiel Regler para Clara estava muito acima de qualquer um dos maridos. “Numa escala de zero a dez”, ela gostava de dizer a Laura, “ele *era* o dez.”

“É o dez?”, Laura havia sugerido.

“Eu seria não só irracional mas psicótica de manter o Teddy no presente do indicativo”, Clara disse. Era uma negativa tortuosa. Wilder Velde continuava a ser julgado por um padrão do qual Ithiel Regler jamais poderia ser removido. Não fazia, jamais podia fazer muito sentido falar de irracionalidade e de imprudência. Clara jamais seria segura ou cuidadosa, e ela não sonharia eliminar a influência de Ithiel — nem se o Anjo de Deus lhe oferecesse a opção. Ela podia ter respondido: é a mesma coisa que você tentar substituir o meu sentido do tato pelo de outra pessoa. E a questão teria que parar por ali.

Portanto, Velde, gravando os programas de Ithiel para ela, provava quanto era inexpugnável em sua posição de marido definitivo, aquele que não podia, no quadro geral das coisas, ser superado. “E eu fico feliz que o sujeito ache isso”, dizia Clara. “É melhor pra todo mundo. Ele não ia acreditar que eu pudesse ser infiel. Isso é de admirar mesmo. Assim, eis um

casal duplamente enigmático. Quem será o mais enigmático? O Wilder realmente gosta de ver o Ithiel sendo todo perito e esperto lá em Washington. E, enquanto isso, Laura, eu não tenho ideias pecaminosas de ser infiel. Nem penso nessas coisas, elas não figuram na minha mente consciente. Wilder e eu temos uma vida sexual em que nenhum conselheiro matrimonial no mundo inteiro podia ver defeito. Nós temos três filhas, e eu sou uma mãe amorosa, crio as meninas de uma maneira responsável. Mas, quando o Ithiel está na cidade e eu almoço com ele, começo a escorrer na direção dele. Ele me fazia gozar alisando a minha bochecha. Pode ser só quando ele fala comigo. Ou até quando eu vejo ele na tevê ou só escuto a voz. *Ele* não sabe — eu acho que não —, e afinal o Ithiel não ia querer fazer uma maldade, interferir, dominar ou explorar — não é o jeito dele. A gente tem essa ligação, total, deliciosa, que também é um desastre. Mas até pra uma mulher criada com a Bíblia, o que na cidade de Nova York hoje em dia é uma influência bem distante, você não pode chamar a minha relação de um mal que clama por punição depois da morte. Não são as ofensas sexuais que vão te derrubar, porque a essa altura ninguém mais consegue traçar um limite entre o que é natural e o que não é, sexualmente. Enfim, não ia ser a histeria feminina, a razão de ela acabar no inferno. Ia ser alguma outra coisa...”

“E o quê?”, Laura perguntou. Mas Clara estava calada, e Laura se perguntava se não seria Teddy Regler quem deveria dizer o que Clara considerava um pecado mortal. Ele conheceu Clara tão bem, por tantos anos, que talvez pudesse explicar o que ela queria dizer.

A tal *au pair* austríaca, srta. Wegman — Clara se deu o prazer de conferir pessoalmente. Ela ia marcando os pontos: vestida do jeito certo pra uma entrevista, cabelo recém-lavado, sem unha comprida, sem esmalte que chamasse a atenção. A própria Clara estava vestida de matrona elegante, com um conjunto de padrão casco de tartaruga e uma blusinha branca com um babado embaixo do queixo. Dos seus dias de professora ela trouxe um

estilo de preceptora na hora de fazer perguntas (“Agora, Willie, pegue a *Catilinária* e me dê o tempo verbal de *abutere* na frase de abertura de Cícero”): era a armadura da disciplinadora envergada por uma molengona. A tal austríaca causou uma impressão agradável. O pai era um banqueiro vienense e a menina era correta, educada e querida. Você tinha que tirar da cabeça que Viena era um ninho de psicopatas e hitleritas. Pense, pelo contrário, naquela moça linda que se matou junto com o príncipe herdeiro. Essa menina, que tinha mãe italiana, chamava-se Gina. Falava inglês com fluência e provavelmente não estava fingindo quando disse que podia assumir a responsabilidade de três meninhas. Não estava tramando planos secretos para dar um golpe em todo mundo, não estava no fundo cheia de prevenções quanto a crianças desafiadoras, obstinadas, mudamente resistentes como a mais velha de Clara, Lucy, uma menina roliça que precisava de ajuda. Uma jovem secretamente maldosa podia causar danos terríveis a uma criança como Lucy, causar ferimentos que jamais cicatrizariam. As duas meninas magrelinhas riam da irmã. Elas abafavam as risadinhas com a mão enquanto Lucy se continha como um soldado romano. O rosto dela se acalorava com o tédio e as mágoas.

A moça estrangeira fez tudo certinho, veio com as respostas corretas — por que não?, já que as perguntas as deixavam óbvias. Clara percebia como estavam distantes da “vida real” dos dias de hoje e da história atual essas suas premissas “responsáveis” — elas se baseavam na sua criação de cidade do interior, republicana e igrejeira, a disciplina de ninharias cotidianas da sua mãe, que fazia saltar sua mesada da máquina de troco de cobradora de ônibus que trazia pendurada no pescoço. A vida naquela cidadezinha em Indiana já estava tão ultrapassada quanto o antigo Egito. A “gente de bem” de lá eram os nativos com quem os televangelistas levantavam uma dinheirama para pagar pelas suas limusines de seis portas e pelas suas perversões à moda de Miami. Esse pessoal era a absurda família querida de Clara, por quem ela se sentiu sufocada na infância e por quem agora sentia um amor irrestrito. Em Lucy ela via a sua gente, ossuda, teimosa, calada — ela via a si mesma. Era um material que podia ir longe. Mas como é que

você treina uma criança dessas, o que é que você podia fazer por ela em Nova York?

“Agora — tudo bem te chamar de Gina? — qual era o seu objetivo, Gina, quando você veio pra Nova York?”

“Melhorar o meu inglês. Eu estou matriculada num curso de música na Columbia. E aprender sobre os EUA.”

Uma menina europeia bem-educada e vulnerável teria feito melhor em ir para Bemidji, no Minnesota. Alguma ideia dos perigos explosivos que as mulheres encaravam por aqui? Elas podiam ser detonadas de dentro para fora. Quando era jovem (e não só então), Clara fizera experiências imprudentes — um monte de relacionamentos arriscados; podia ter acontecido de tudo; muito aconteceu; e tudo pela honra de correr riscos. Isso a levou a reavaliar a srta. Wegman, a estimar o que se podia fazer com um rosto como o dela, o cabelo daquele rosto, o vulto daquela menina, o busto — com o tesouro das Mil e uma Noites sobre o qual as mocinhas núbéis (inocentes até certo ponto) estavam sentadas. Tantas atrações perigosas — e tanta ignorância! Naturalmente, Clara sentia que ela mesma faria tudo (até certo ponto) para proteger uma jovem que estivesse na sua casa, e tudo o que fosse possível significava usar todos os recursos de uma pessoa experiente. Ao mesmo tempo era uma crença firme para Clara que nenhuma mulher *inexperiente* de idade madura podia ser levada a sério. Portanto, podia ser séria essa sra. Wegman lá de Viena, a mãe, que tinha dado permissão para a tal Gina passar um ano na Deuseodiabolândia? Caso contrário, uma Gina rebelde estaria se arriscando por conta própria. De novo, pela honra de correr riscos.

Clara, no seu papel de matrona, de senhora da casa, aquiesceu com os seus próprios pensamentos, e o aceno que fez com a cabeça pode ter sido interpretado pela menina como se quisesse dizer que estava tudo o.k., que ela já podia se dar por contratada. Ela teria o seu próprio quartinho decente nesse imenso apartamento da Park Avenue, um salário justo, entrada e saída livre, duas noites livres, duas tardes para as aulas de história da música e partes da manhã enquanto as meninas estavam na escola. Conhecidos

austriacos, jovens pretendentes, eram visitas encorajadas, e amigos americanos eram vetados por Clara. Combinando antes, Gina podia até dar uma festinha. Dá para ser democrática e ainda assim manter a disciplina.

Nos primeiros meses, Clara observou de perto a sua nova *au pair*, e aí pôde contar aos amigos na hora do almoço, gente do escritório, e até mesmo ao seu psiquiatra, o dr. Gladstone, como tinha tido sorte de encontrar essa menina vienense, srta. Wegman dos modos graciosos. Que exemplo perfeito ela dava, e ainda era uma influência tão calma para as hiperexcitáveis pequeninas. “Como o senhor disse, doutor, elas disparam tendências histéricas umas nas outras.”

Não era para esperar respostas desses médicos. Você pagava para eles te darem ouvidos. Clara disse exatamente isso a Ithiel Regler, com quem continuava em contato bastante próximo: — telefonemas frequentes, cartas ocasionais, e quando Ithiel vinha de Washington eles bebiam alguma coisa, até jantavam de vez em quando.

“Se você acha que esse Gladstone está ajudando mesmo... Acho que alguns desses caras até *podem* ser legais”, disse Ithiel, num tom neutro. Com ele não havia intromissões triviais. Ele nunca tentava dizer o que você devia fazer, nunca dava conselhos em assuntos de família.

“É mais pra me aliviar o coração”, disse Clara. “Se você e eu tivéssemos virado marido e mulher, isso não ia ser necessário. Eu podia não estar tão sobrecarregada. Mas, mesmo assim, nós temos linhas de comunicação abertas até hoje. A bem da verdade, você mesmo já passou por um período de análise.”

“E como. Mas o meu médico tinha mais fragilidades do que eu.”

“E faz diferença?”

“Acho que não. Mas me ocorreu um dia que ele não podia me dizer como ser Teddy Regler. E nada ia ficar bem a não ser que eu *fosse* Teddy Regler. Não que eu faça grandes defesas do precioso Teddy, mas nunca pude escolher ser outra pessoa.”

Como pensava antes de abrir a boca, ele falava com confiança, e como tinha essa confiança, ele soava cheio de si. Mas Ithiel era menos entojado

do que as pessoas lhe imputavam. Quando acompanhava, Clara, falando como alguém que o conhecia, que realmente o *conhecia* (e ela não fazia segredo disso), dizia, quando mencionavam o nome dele, quando ele era atacado por algum espírito inquieto da vida, que Ithiel Regler falava com mais franqueza dos seus próprios defeitos do que qualquer outra pessoa que se desse ao trabalho de expô-los.

No momento daquela conversa psiquiátrica, Clara agiu de uma maneira absolutamente familiar a Ithiel. Sentada, ela inclinou o corpo na direção dele. “Me *diga!*”, ela falou. Quando ela fez isso, ele mais uma vez viu a menina do interior em toda a *secura* da sua ignorância, pedindo instrução. Sua boca ficaria um pouco aberta enquanto ele responderia. Ela ia ficar observando e ouvindo com concentração crítica. “*Diga!*” era uma das suas senhas.

Ithiel disse: “Um dia desses eu vi um programa sobre violência contra crianças na tevê, e depois de um tempo comecei a pensar quanta coisa eles estavam colocando sob aquela rubrica, sem contar violência sexual ou *mortal* — mutilação e assassinato. Quase tudo que eles estavam mostrando era castigo normal no meu tempo. Portanto, hoje em dia, eu podia ser um caso de violência contra a criança e o meu pai podia ter sido preso como espancador. Quando estava enfurecido, ele se transformava — ele era como uísque ilegal das montanhas em comparação com a bebida que a gente compra na loja. As crianças, nós todos, eram estapeadas com as duas mãos, pelos dois lados ao mesmo tempo, e sem piedade? E daí? Quarenta anos depois tenho que ver um programa de televisão pra saber que eu também sofri uma violência. Só que eu adorava o meu falecido pai. As surras eram só um incidente, um item isolado entre nós. Eu ainda o adoro. Agora, pra te dizer o que isso significa: eu não posso aplicar a terminologia corrente ao meu caso sem prejuízos pra realidade. O meu pai me batia empolgadamente. Quando ele fazia isso, eu queria que ele caísse duro e seco ali mesmo. Eu também adorava mortalmente o velho, e *jamais* vou me considerar uma criança que sofreu violência. Eu suspeito que o seu psicanalista fosse querer me levar até o ódio, pra não transformar o ódio em

passividade. Aí ele estaria me dizendo do alto das suas premissas teóricas como Teddy Regler devia ser Teddy Regler. O verdadeiro Teddy, no entanto, rejeita essa mágoa contra um homem morto, que ele mais que simplesmente *espera* ver na terra dos mortos. Se isso tivesse que acontecer, seria porque nós nos amamos e desejamos que acontecesse. Além disso, depois dos quarenta anos há que se declarar uma moratória — mais cedo, se possível. Você não pode bancar ser uma criança arruinada pra sempre. Eis o meu argumento contra a psiquiatria: ela encoraja você a enfatizar a violência e te mantém infantilizado. Agora o coração de todo este país morre de pena de si próprio. Pode haver causas políticas ocultas pra isso também. Prenúncios do destino desta imensa superpotência...”

Clara disse “*Diga!*” e aí ficou ouvindo como uma menina do interior. Esse lado dela nunca iria desaparecer, graças a Deus, Ithiel pensou; enquanto a secreta observação de Clara foi: Como nós chegamos a nos entender bem. Ah, se a gente tivesse sido assim vinte anos antes.

Não era que ela não fosse capaz de acompanhá-lo nos primeiros anos. Ela sempre entendeu o que Ithiel dizia. Se não fosse esse o caso, ele não teria se dado ao trabalho de falar — por que gastar palavras? Mas ela também reconhecia o apelo cômico de ser a paspalha boquiaberta. Puxa vida! Ah, é! Mas claro! E eu aqui capaz de me morder de raiva por não ter pensado nisso sozinha! Mas o tempo todo a Clara da cidade grande estivera em construção, estocando ideias para a sua sobrevivência na Deuseodiabolândia.

“Mas deixa eu te contar”, ela disse, “um negócio que eu estava espantada demais pra mencionar quando a gente se conheceu... quando a gente ficava deitado sem roupa em Chelsea, e você largava umas ideias voando em volta do mundo, mas depois elas sempre voltavam a *nós*, na cama. Na *cama*, que na minha cabeça era pra descanso, ou sexo, ou ler um romance. E de volta a *mim*, que você nunca ignorou, por mais que as suas ideias pudessem ter ido longe.”

Aquele Ithiel, de cabelo completamente negro então, e agora grisalho, tinha ganhado algum peso. Rosto mais cheio, arredondado embaixo. Com

algo mais da forma de uma urna. De resto a aparência dele estava notavelmente igual. Ele disse :“Eu realmente não tinha assim tantas boas-novas sobre o mundo. Acho que você estava caçando entre as coisas obscuras que eu falava, em busca de aberturas que te levassem de volta ao primeiro e único assunto que você tinha: amor e felicidade. Eu muitas vezes sinto tanta curiosidade sobre o amor e a felicidade agora quanto você sentia naqueles dias, ouvindo os meus falatórios”.

Entre um emprego e outro, Ithiel tinha conseguido achar tempo para passar longos meses com Clara — em Washington, sua base principal, em Nova York, em Nantucket e em Montauk. Depois de três anos juntos, ela de fato o pressionou a comprar um anel de noivado. Ela era naquela época, como ela mesma lhe diria, terrivelmente compulsiva e exigente (como se não fosse agora). “Eu precisava de uma declaração simbólica pelo menos,” ela dizia, “e pus tanta pressão nele, dizendo que ele tinha me arrastado tanto tempo por aí como a namoradina, como a transa dele, que finalmente eu consegui dele essa capitulação.” Ele levou Clara à loja de Madison Hamilton no distrito dos diamantes e comprou-lhe um anel de esmeralda — de verdade, perceptivelmente limpa, cor perfeita, de primeira qualidade, como avaliadores disseram mais tarde a Clara. Mil e duzentos dólares ele pagou pelo anel, um preço alto nos anos 60, quando ele estava especialmente duro. Mas ele era assim: difícil de convencer mas, depois que tinha decidido, desconsiderava os itens mais baratos. “Pode levar toda essa outra porcariada”, ele resmungou. O correto sr. Hamilton provavelmente ouviu. Madison Hamilton era um cavalheiro, de boa reputação e com dignidade, numa década em que algumas dessas qualidades ainda estavam por aí: “Antes de os nossos compatriotas americanos terem se afundado em mentiras até cair num estado de alucinação — terem se engabelado até chegar à inânia”, dizia Ithiel. Ele disse também, ainda falando de Hamilton, que vendia joias antigas: “Acho que o nominho doido que os meus pais me deram me predispôs favoravelmente a tipos em extinção como Hamilton — WASPs com bons modos... No que me diz respeito, ele podia ser um armênio, dos discretos”.



Clara estendeu o dedo de noivado, e Ithiel colocou o anel. Quando o cheque estava preenchido e o sr. Hamilton pediu um documento, Ithiel pôde mostrar não só uma carteira de motorista mas um passe do Pentágono. O que causou uma grande impressão. Naquela época Ithiel estava voando alto como menino prodígio da estratégia nuclear, e podia ter ido direto até o topo, até a mesa de negociação em Genebra, encarando os russos, se fosse menos idiossincrático. Gente muito poderosa atribuía um valor elevado às capacidades dele. Bom, era só você olhar o tamanho e a limpidez daqueles olhos escuros: “Os olhos de Hera na minha gramática homérica”, dizia Clara. “A não ser pelo fato de que ele era tudo menos efeminado. Não mesmo!” Ela só queria dizer que ele tinha um olhar clássico firme.

“Na loja do Hamilton, naquele dia, eu estava usando um conjunto com uma minissaia que mostrava os meus joelhos se tocando. Eu não tenho perna torta, é só essa pequena peculiaridade no que se refere à parte de dentro das minhas pernas... Se é uma deformidade, me fez bem. O Ithiel achava o máximo.”

Posteriormente, ela ia se referir a isso como “a imprevista utilidade das anomalias”. Ela escreveu isso num pedacinho de papel que deixou vagar pela casa com outros pedacinhos de papel, de modo que, se perguntassem o que queria dizer, ela podia dizer que tinha esquecido.

Embora Ithiel vez por outra pudesse mencionar “teoria dos jogos” ou “destruição mútua garantida”, ele não entregava informação que pudesse ser restrita, e ela nem tentava entender o que ele fazia em Washington. De vez em quando o nome dele aparecia no *Times* como consultor de segurança internacional, e durante uns anos ele foi conselheiro do presidente de um comitê do Senado. Ela deixava a política em paz, sem perguntas. Quanto mais ocultas as atividades dele, tanto melhor ela se sentia a seu respeito. Poder, perigo e segredo o deixavam ainda mais sexy. Nada de conversa fiada. Uma mulher podia se sentir segura com um homem como Ithiel.

Era uma sorte maravilhosa que aquele apartamentinho em Chelsea fosse assim tão perto da Penn Station. Quando aparecia na cidade ele telefonava, e em quinze minutos estava lá, segurando a sua valise. Era costume dele

quando chegava tirar a gravata e enfiar entre os documentos. Era costume dela quando desligava o telefone tirar o anel da sua gaveta trancada a chave, admirá-lo no dedo, e beijá-lo quando a campainha tocava.

Não, Ithiel não fez uma grande carreira no serviço público, ele não sabia trabalhar em equipe, não tinha talento para administração; era especial demais no seu jeito de pensar, e não havia chance de ele chegar ao nível do gabinete. Enfim, era mais do que fácil para ele passar muito bem como agente independente; ele não ia ficar amarrado a políticos com ambições presidenciais: os que eram espertos jamais chegariam lá. “E além disso”, ele dizia, “eu gosto de continuar móvel.” Uma mudança de continente quando precisava de novos ares. Ele assumia missões assim à medida que elas agradavam ao manipulador que havia nele, o Teddy Regler dos bastidores: no Golfo Pérsico, com uma fábrica japonesa de uísque em busca de mercados sul-americanos, rastreando terroristas com a polícia italiana. Nenhuma dessas atividades comprometia a sua reputação de credibilidade em Washington. Ele testemunhava como expert diante de comitês de investigação no Congresso.

Nos dias de intimidade que tiveram, Clara mais de uma vez o ajudou a cumprir um prazo final. Aí eles eram Teddy e Clara, uma superequipe trabalhando vinte e quatro horas. Ele sabia como ela era confiável, uma trabalhadora xiita, como ela compreendia conceitos estranhos com rapidez, como podia ter tato. De parte dela, ela tinha consciência da profundidade analítica que ele podia atingir, do escopo da informação que ele detinha, da qualidade dos seus relatórios. Para ela, parecia que ele estava um nível acima de todo mundo. Uma vez, no hotel Cristallo em Cortina D’Ampezzo, eles fizeram juntos um documento, ao ritmo perfurante da quadra de tênis lá embaixo. Ele teve que ler as páginas que ela estava datilografando pra ele pelo telefone transatlântico. Enquanto falava, ele deixava que ela se adiantasse na máquina. Podia confiar nela para organizar as suas notas e escrevê-las num estilo que se parecesse com o dele (não que o estilo fizesse diferença em Washington). Tudo menos o material secreto. Ela faria

qualquer quantidade de trabalho — longos dias sonolentos na minúscula Olivetti peso-pena — para se ligar a ele.

Conforme contou a Ms. Wong, ela tinha visto um livro muitos anos atrás nas estantes da biblioteca da Columbia. Um título isolado tinha se destacado do resto, de milhares: *O par humano*. Bom, a estudante loura ossuda fazendo *pesquisa* e sentindo-se (sem perceber) tão vulcânica que um dos seus controles era prender o fôlego — ao ver aquelas palavras douradas na lombada de um livro conseguiu respirar de novo. Respirou. Ela não pegou o livro; não queria lê-lo. “Eu queria *não* ler.”

Ela descreveu isso a Laura Wong, que era educada demais para limitá-la, discreta demais para conduzir as suas confidências para canais adequados. Você tinha que ouvir tudo o que saía da cabeça maluca de Clara quando ela estava ligada. Ms. Wong aplicava essas revelações pessoais à sua própria experiência de vida, como qualquer outra pessoa teria feito. Ela também tinha sido casada. Por cinco anos uma esposa americana. Talvez até tenha amado. Ela nunca dizia. Ninguém ia saber.

“O título inteiro era *O par humano nos romances de Thomas Hardy*. Na escola eu adorava Hardy, mas agora tudo o que eu queria do livro era o título. Ele me voltou em Cortina. Ithiel e eu éramos o Par Humano. Levamos o almoço pra um piquenique na floresta perto do Cristallo — queijo, pão, frios, pickles e vinho. Eu rolei por cima de Ithiel e lhe dei comida. Mais tarde descobri, quando eu mesma tentei, o quanto é difícil engolir naquela posição.

“Agora sinto, quando eu relembro, que eu tinha um excesso de carga elétrica. É concebível que o espírito do mundo entre em simples garotinhas e faça delas as suas intérpretes demoníacas. Eu mencionei isso a Ithiel há algum tempo — ele e eu já temos idade suficiente pra discutir esses assuntos —, e ele disse que um dos seus camaradas dissidentes russos estava lhe falando de uma coisa chamada ‘superliteratura’ — sendo que a literatura era a tragédia ou a comédia das vidas privadas, enquanto a superliteratura era sobre o possível fim do mundo. Além da história pessoal. Em Cortina eu achava que estava agindo movida por emoções pessoais,

mas essas emoções eram tão devoradoras, tão férvidas, que podem ter sido suprapessoais — uma jovem sadia apaixonada expressando a tragédia ou a comédia de um mundo em agonia. Uma febre que empregava o amor como seu hospedeiro.

“Depois do feriado nós fomos de carro para Milão. Na verdade, foi lá que conheci o Spontini. A gente estava numa festa chique depois do jantar, e ele disse: ‘Deixem eu dar uma carona na volta pro hotel de vocês’. Então Ithiel e eu entramos com ele naquele Jaguar, e fomos acompanhados por carros e mais carros de policiais, abrindo e fechando alas. Ele tinha orgulho da sua segurança; isso era quando as brigadas vermelhas estavam sequestrando os ricos. Não era tão *fácil* ser rico — rico o bastante pra um resgate. Mike disse: ‘Por tudo o que eu sei, o meu próprio amigo Giangiacomo pode ter um plano pra me sequestrar. Não o Giangiacomo pessoalmente, mas o grupo a que ele pertence’.

“Naquela mesma viagem Ithiel e eu também passamos algum tempo com Giangiacomo, o bilionário revolucionário em pessoa. Ele era um sujeito gentil, agradável, de boa aparência, não fosse por aquele absurdo traje à la Fidel Castro, que nem um garoto do Queens com uma roupa de caubói. Estava usando um quepe militar, e num canto do seu escritório elegante tinha uma metralhadora no chão. Ele convidou a mim e Ithiel para o seu chateau, a cerca de oitenta quilômetros dali, rococó do século XVIII: podia ter sido uma locação pra *As bodas de Fígaro*, não fosse pela piscina com algas e uma sauna ao lado, na parte úmida do jardim, bem afastada, colina abaixo. No almoço, o mordomo ficava se debruçando por cima da gente com trufas das terras do próprio Giangiacomo pra ralar por cima da *crème veloutée*, mas não conseguia porque Giangiacomo estava gesticulando de braços abertos, tratando da insurgência revolucionária, o tema do livro que ele estava escrevendo. Aí, quando o Ithiel lhe disse que não havia opiniões como aquela em Karl Marx, Giangiacomo disse: ‘Eu nunca li Marx, e agora é tarde demais; é urgente agir’. Ele nos levou de volta a Milão no fim da tarde a cerca de oitocentos quilômetros por hora. Muita ação, pode ficar

sabendo. Eu cobri a minha esmeralda e a agarrei com a mão direita, pra proteger, quem sabe, numa batida.

“No dia seguinte, quando o nosso voo saía, o Giangiaco­mo estava no aeroporto em traje de guerra com um grupo de meninas de boutique, todas de mini. Um ano ou dois mais tarde ele se explodiu enquanto tentava dinamitar linhas de energia. Eu fiquei triste.”

Quando eles voltaram a Nova York no sufocante agosto, de volta ao apartamento no Chelsea, Clara preparou para Ithiel um belo jantar italiano de vitela com limão e alcaparras, tão bom quanto, ou melhor que, os que serviam os restaurantes de Milão, ou o chef de Giangiaco­mo no lindo châte­au de brinquedo. Mãos à obra na estreita cozinha nova-iorquina ao estilo de uma cozinha de bordo, Clara estava nua e usava tamancos. Para amaciar, ela bateu a carne com uma frigideira vermelha de ferro forjado. Naqueles tempos ela estava com o cabelo comprido. Estando vestida ou nua, os movimentos dela eram sempre enérgicos; ela não sabia o que significava ralentar.

Esticado na cama, Ithiel estudava seus perigosos documentos (aquele monte de fatos proibidos) enquanto ela cozinhava e a música soava; as persianas estavam abaixadas, as luzes, acesas, e eles gozavam de uma maravilhosa privacidade. “Quando eu era menina e a gente ia de férias pro litoral de Jersey durante a guerra”, Clara recordava, “ficavam umas persianas pretas nas janelas por causa dos submarinos alemães escondidos lá no Atlântico, mas a gente podia ligar o rádio no volume que quisesse.” Ela gostava de fazer de conta que estava ocultando Ithiel e os seus documentos secretos — não que a informação mortal afetasse Ithiel o bastante para mudar a expressão do seu perfil reto: “concentrado como Jascha Heifetz”. Será que alguém podia estar no encalço dele? Sujeitos com teleobjetivas ou miras telescópicas nos telhados do Chelsea? Ithiel sorria, e fazia pouco disso. Ele não era tão importante assim. “Eu não sou rico como Spontini.” Mas eles bem podiam estar atentos a Clara, fechando o foco numa Filha de Álbion nua em pelo, ele disse.

Naquele tempo ele vinha com frequência de Washington para visitar o filhinho, que morava com a mãe na East Tenth Street. A ex-mulher de Ithiel, que agora usava o nome de solteira, Etta Wolfenstein, fazia todo o esforço possível para ser simpática com Clara, batia papo com ela ao telefone. Etta tinha informantes em Washington, que ficavam de olho em Ithiel, que era indiferente a fofoca. “Eu não sou o presidente”, ele dizia para Clara, “pra ficarem publicando boletins sobre os meus humores e os meus movimentos.”

“Eu não devia ter culpado o Ithiel por levar uma mulher pra jantar de vez em quando em Washington. Ele precisava de momentos simples, comuns, tranquilos. Eu disparava tanta energia naquele tempo. Especialmente depois da meia-noite, a minha hora favorita para examinar a minha psique — o que era o amor; e a morte; e o inferno e o castigo eterno; e o que o Ithiel me custaria no juízo de Deus quando eu fechasse os olhos pra este mundo pra sempre. Todas as minhas emoções carolas surgiam depois da uma da manhã, noites inteiras de lágrimas, angústia e histeria. Eu deixava ele louco. Pra acabar com aquilo, ele ia ter que casar comigo. Aí ele nunca mais ia ter que se preocupar. Todo o meu poder demoníaco estaria a serviço dele. Mas, no meio-tempo, se ele conseguisse uma hora de sono já de manhã cedo e tempo suficiente pra fazer a barba antes do primeiro compromisso, ele engolia o café, dizendo que parecia Lázaro amortalhado. Ele era vaidoso também”, dizia Clara a Ms. Wong. “Talvez fosse por isso que eu escolhia esse tipo de castigo, pra ele ficar com olheiras. Uma vez ele disse que tinha que resumir um trecho de legislação pro pessoal da Fiat — eles estavam tentando fazer um contrato ser aprovado pelo Congresso — e que eles iam achar que ele tinha passado a noite numa orgia e que agora não conseguia nem ficar de pé direito.”

Clara não pretendia contar a Teddy que em Milão, quando Mike Spontini a convidou para sentar na frente com ele, ela encontrou a palma da mão dele esperando por ela no banco, e que ela se levantou imediatamente e lhe deu a bolsa para segurar. No escuro, os dedos dele logo se fecharam na sua coxa. Aí ela apertou o acendedor de cigarros e ele imaginou o que ela faria

com aquilo quando estivesse quente, então parou, deixando-a em paz. Você não mencionava esse tipo de incidentes ao homem que estava com você. Além de tudo eram coisas muito lugar-comum para um homem que falava sem parar sobre política mundial.

Nos relatos que Ms. Wong ouvia (ela, que tinha tanta sensibilidade americana, apesar do seu ar de distância oriental e do corte chinês das suas roupas), a franqueza de Clara pode ter feito que *ela* parecesse estrangeira. Clara ia além das convenções americanas de franqueza. O anel de esmeralda a pacificou por algum tempo, mas Ithiel não estava disposto a ir adiante, e Clara foi ficando mais difícil. Ela lhe disse que tinha decidido que eles seriam enterrados no mesmo túmulo. Ela disse: “Eu prefiro ir pra debaixo da terra com o homem que amei a dividir uma cama com alguém que me seja indiferente. É, eu acho que a gente devia ficar no mesmo caixão. Ou dois caixões, mas aí quem morrer por último vai ficar por cima. Lado a lado também dá. De mãos dadas, se der pra pedir”. Outro tópico frequente era o sexo e o nome do primeiro filho deles. Um nome do velho testamento era o que ela preferia — Zebulão ou Gad ou Asher ou Neftali. Para uma menina, Michal, quem sabe, ou Naomi. Ele vetou Michal porque ela riu de Davi quando ele dançou nu celebrando a vitória, e aí se recusou de todo a participar de conversas como essa. Ele não queria fazer planos de felicidade. Ficou chateado com ela quando ela disse que havia um cemitério lindo no interior lá em Indiana, todo cercado de grandes castanheiros-da-índia.

Quando ele foi a negócios para a América do Sul, ela soube por Etta Wolfenstein que ele tinha levado uma secretária de Washington com ele para assistência e (conhecendo Teddy) tudo mais. Para mostrar a que vinha, Clara teve um caso com um jovem Jean-Claude que acabava de chegar de Paris, e em uma semana ele já estava dividindo o apartamento dela. Ele era muito bonito, mas quase nunca tomava banho. A sujeira dele era tão incrustada que ela não conseguia tirar do box do chuveiro. Teve que alugar um quarto no Plaza para enfiá-lo numa banheira. Aí por algum tempo conseguiu suportar o cheiro dele. Ele lhe pedia que ajudasse a conseguir um

*green card*, e ela o levou a Steinsalz, o advogado de Ithiel. Mais tarde Jean-Claude se recusou a devolver a chave da casa dela e ela teve que ir até Steinsalz mais uma vez. “Troque a fechadura, querida”, disse Steinsalz, e perguntou se ela queria que a conta dessas consultas fosse para Ithiel. Ele era um amigo, e admirava Ithiel.

“Mas o Ithiel me disse que o senhor nunca cobrava.”

Clara descobriu o quanto os nova-iorquinos se divertiam com a sua ignorância.

“Desde que você se envolveu com o francesinho, você sentiu falta de alguma coisa na casa?”

Ela parecia devagar para entender, mas era simplesmente dissimulação. Tinha trancado o anel de esmeralda no cofre do banco (este, também, um ato que sugeria um enterro).

Ela disse com firmeza: “Jean-Claude não é nenhum vagabundo”.

Steinsalz gostava de Clara também, pela sua personalidade passional. De alguma forma ele sabia, além disso, que a família dela tinha dinheiro — uma fortuna em imóveis, e isso lhe garantia certa consideração junto a ele. Jean-Claude não era o tipo de Steinsalz. Ele aconselhou Clara a dar um jeito nas suas desavenças com Ithiel. “Não usar o sexo para atingi-lo”, ele disse. Clara não pôde evitar olhar para o colo do advogado, onde, por ele ser obeso, seu órgão sexual estava delineado pela pressão da gordura. O que a fez pensar num daqueles objetos que apareciam quando amantes da arte de joelhos tiravam moldes do piso de uma igreja. A figura de um cavalheiro morto há séculos.

“Então, por que o Ithiel não pode ser fiel?”

O primeiro nome de Steinsalz era Bobby. Era um grande economista. Tinha um escritório que rendia milhões de dólares e não lhe custava um centavo. Ele sublocava um espaço no canto de um escritório de um contador exibido e o pagava com auxílio jurídico.

Steinsalz disse: “O Teddy é um gênio. Se ele não preferisse andar à larga, podia escolher o cargo que quisesse em Washington. Ele dá valor à sua liberdade, tanto que, quando quis visitar o sr. Leakey na Garganta Olduvai,



ele simplesmente arrumou as coisas e foi. Ele vai pro Irã como eu vou a Coney Island. O xá gosta de conversar com ele. Ele mandou chamar o Ithiel uma vez só pra ser informado sobre Kissinger. Eu vou lhe dizer uma coisa, Clara, pra você não segurar Ithiel com uma rédea curta demais. Ele gosta mesmo de você, mas ele se irrita fácil. Um pouquinho de consideração pelas necessidades dele ia ganhar muita gratidão. Uma boa ideia é não ser muito escandalosa com ele. Ouça o que eu digo, tem zeladores no zoológico que dedicam mais atenção às necessidades de um morcego frugívoro do que qualquer um de nós dedica a um semelhante”.

Clara lhe respondeu: “Há animais que vêm aos pares. E se a fêmea estiver sofrendo?”.

Foi uma boa conversa, e Clara se lembrava com gratidão de Steinsalz.

“Todo mundo sabe aconselhar gente apaixonada”, disse Steinsalz. “Mas só os próprios apaixonados podem separar o joio do trigo.”

Solteirão e amante de livros, ele morava com a mãe octogenária, que tinha que ser levada ao banheiro numa cadeira de rodas. Ele gostava de listar os homens famosos com quem tinha frequentado o segundo grau — Holz o filósofo, Buchman o Nobel de física, Lashover o cristalógrafo. “E este que vos fala, cujas exposições na corte de recursos fizeram história no meio jurídico.”

Clara dizia: “Eu meio que amava o velho Steinsalz também. Ele era como um Papai Noel com um saco vazio que desce pela sua chaminé pra roubar tudo na casa — essa é uma das tiradinhas do Ithiel, sobre o Steinsalz e a propriedade. À sua própria maneira bizarra, Steinsalz era generoso”.

Clara aceitou o conselho do advogado e fez as pazes com Ithiel na volta dele. Aí os mesmos erros os atropelaram. “Eu era uma merda de uma recidivista. Quando Jean-Claude foi embora eu fiquei feliz. Entrar na banheira com ele no Plaza foi como que uma baderna — uma festinha de estudantes particular. Dizem que o Rei Sol fedia. Se for verdade, Jean-Claude podia ter ido direto até o topo em Versalhes. Mas a minha família é toda tarada por limpeza. Antes de aceitar sentar no seu carro, a minha avó te forçava a espanar o assento, e por baixo do tapete também, pra garantir que

a sarja da roupa dela não pegasse qualquer poeirinha.” A propósito, Clara trancou o anel não por medo de que Jean-Claude o roubasse, mas para protegê-lo de ser contaminado pelo seu mau comportamento na cama.

Mas, quando Ithiel voltou, as suas relações com Clara não eram mais o que tinham sido. Dois elementos externos tinham se introduzido entre eles, mesmo que Ithiel parecesse indiferente a Jean-Claude. Com ciúmes e magoada, Clara não podia perdoar a perua de Washington, de quem Etta Wolfenstein lhe dera um retrato completo. A menina era estúpida mas tinha uns peitos enormes. Quando Ithiel falou da sua missão com Betancourt na Venezuela, Clara não ficou impressionada. Uma americana apaixonada era muitíssimo mais importante que qualquer figurão sul-americano. “E você levou a sua ajudantezinha com você pro palácio do presidente pra exibir as dimensões daquele busto?”

Ithiel disse sensatamente: “Não vamos bater muito um no outro”, e Clara se arrependeu e concordou. Mas logo ela montou outra pista de obstáculos de testes e regras, e se autoafirmou sem ser razoável. Quando Ithiel cortou o cabelo, Clara disse: “Não é assim que eu gosto, mas também não sou eu que você está querendo agradar”. Ela era capaz de dizer: “Você está se cuidando bem mais do que antes. Eu tenho certeza de que Jascha Heifetz não cuida tanto das mãos”. Ela se enganava. Você não manda um homem com olhos provindos da mitologia grega cortar as unhas lá no banheiro, nem que você de fato tenha horror das aparas no tapete. Clara foi capaz de esquecer que ela e Ithiel eram o Par Humano.

Mas na época ela não podia ter certeza de que Ithiel estivesse pensando como ela sobre o “Humano”. Para sondá-lo, adotou um interesse maior por política e passou a falar da África, da China, da Rússia. O que emergia era a insignificância do fator pessoal. Clara repetia e testava palavras como Kremlin ou Lubianka mentalmente (soavam como o fim do mundo) enquanto ouvia Ithiel falar sobre pessoas que não sabiam explicar por que estavam na cadeia, nunca estavam sem piolhos e carrapatos, nunca livres da disenteria e da tuberculose, e por fim delirando. Eles fazem deles um exemplo, ela pensava, para mostrar que ninguém é alguém, que todos são

descartáveis. E mesmo aqui, quando Ithiel era obrigado a confessar, ele admitia que aqui nos EUA o estatuto do indivíduo estava se enfraquecendo e provavelmente estava num declínio irreversível. Criminosos obtendo consideração especial eram um sinal disso. Ele podia falar com distanciamento de tais opiniões, como se a alma dele fosse uma entre uma dúzia de almas similares num banco de jurados, ouvindo as provas: considerar-nos inocentes seria bom, mas um veredicto de culpados não seria uma grande surpresa para ele. Ela concluiu que ele estava num estado moral perigoso e que cabia a ela salvá-lo. O Par Humano era também uma operação de resgate.

“Uma crise terrível estava ameaçando nos oprimir até a morte.”

Na época, ela não era avançada o suficiente para racionalizar isso tudo até chegar a uma conclusão. Mais tarde ela teria sabido como colocar: você não podia separar o amor do Ser. Você podia Ser, mesmo que estivesse só. Mas naquele caso você só amava a si mesma. Se fosse assim, todo mundo era uma fantasmagoria, e aí a política mundial era um teatro de sombras. Logo, ela, Clara, era a única chave para o sentido da política que Ithiel poderia encontrar. Se não, ele bem podia parar de se incomodar com aquelas grotescas teorias dos jogos, ideologias, tratados e todo o resto. Por que se incomodar em elencar tantas fantasmagorias?

Mas não era um momento em que as coisas pudessem ir bem. Ele não via o óbvio, embora fosse do tamanho de um caminhão para ela. Eles tinham discussões terríveis — “Foi um erro não deixar ele dormir” —, e, depois de alguns meses opressivos, ele fez planos para sair do país com ainda outra das suas amigas estrangeiras.

Clara ouviu, novamente de Etta Wolfenstein, que Ithiel estava hospedado num pulgueiro de um hotel na altura das ruas Quarenta a oeste da Broadway, onde seria difícil encontrá-lo. “‘Segurança na baixaria’, Etta disse — *Ela* era uma coisa.” Ele ia se encontrar com a nova namorada no Kennedy na tarde seguinte.

Imediatamente Clara foi de táxi para lá e entrou no saguão lotado, lajotas sujas como de um banheiro público. Ela apertou com as duas mãos o balcão

e mentiu que era a esposa de Ithiel, dizendo que ele a tinha mandado vir fechar a conta dele e levar a bagagem. “Eles acreditaram em mim. Você nunca fica mais tranquila do que quando está completamente enlouquecida. Nem pediram documentos, já que eu paguei em dinheiro e dei cinco paus de gorjeta por cabeça para todo mundo. Quando subi, fiquei espantada de ele conseguir se fazer sentar numa cama daquelas, que dirá dormir com aqueles lençóis sebosos. A morgue teria sido mais bacana.”

Então ela voltou ao seu apartamento com a valise dele — aquela que eles levaram a Cortina, onde ela foi tão feliz. Clara esperou até depois de escurecer, e ele apareceu lá pelas sete. Tranquilo com ela, o que queria dizer que estava fervendo.

“Qual era a piada, em me aprontar uma coisa dessas?”

“Você não disse que estava vindo a Nova York. Você estava se mandando do país.”

“E desde quando eu tenho que bater ponto que nem um empregado?”

Ela o encarou sem medo. Na verdade, estava desesperada. Ela gritou no rosto dele os nomes bíblicos dos seus futuros filhos. “Você está traindo a Michal e a Naomi.”

Via de regra, Ithiel tinha um autocontrole excepcional, “a não ser quando a gente transava. Era uma fúria gélida de início”, como Clara haveria de dizer. “Ele estava falando como um homem de colete e paletó. Eu lembrei a ele que o destino das nossas duas raças dependia daquelas crianças. Disse que elas seriam uma fusão de dois tipos elevados. Eu não sou contra outros tipos, mas eles iam estar por aí de um jeito ou de outro, mais numerosos... Eu não sou racista.”

“Você não pode fechar a minha conta no hotel e levar a minha valise. Ninguém vai me supervisionar. E eu imagino que você revistou as minhas coisas.”

“Eu não faria uma coisa dessas. Eu estava te protegendo. Você está cometendo o maior erro da sua vida.”

Naquele momento a aparência de Clara era oca. Viam-se os ossos do rosto dela, especialmente os orbitais. A inflamação dos seus olhos teria

chocado Ithiel se ele não estivesse determinado a lhe dar uma lição. Hora de traçar limites, era o que ele estava dizendo para si mesmo.

“Você não vai voltar pra aquele hotel horroroso!”, ela disse quando ele pegou a mala.

“Eu tenho uma reserva em outro lugar.”

“Teddy, tire o casaco. Não vá agora, eu não estou legal. Eu te amo com a minha alma.” Ela repetia isso, quando a porta bateu atrás dele.

Ele disse a si mesmo que estabeleceria um mau precedente se a deixasse controlá-lo tendo chiliques.

O luxo do quarto na Park Avenue não lhe caía bem — os interruptores dourados, os móveis listrados, o horror daquele afresco, a cama feita como na fotografia colorida do panfleto, com dois tabletes de chocolate mentolado na mesa de cabeceira. O banheiro era forrado de espelhos, os metais brilhavam, e ele sentia que a vida o abandonava. Foi para a cama e sentou na beirada mas não se estendeu. Não estava nas cartas que ele fosse dormir naquela noite. O telefone tocou — era um som maldoso, um chocalhar ralo — e Etta disse: “A Clara tomou um vidro de soníferos. Ela me ligou e eu mandei uma ambulância. É melhor você ir até Bellevue; você pode ser necessário. Você está sozinho aí?”

Ele foi de pronto ao hospital, correndo por corredores cinzentos, parando para pedir informações até se encontrar no espaço de espera para parentes e amigos, junto a uma estreita janela horizontal. Via corpos em macas, nenhum que lembrasse Clara. Um rapaz com um colarinho branco logo se juntou a ele. Disse que era o pastor de Clara.

“Eu não tinha percebido que ela tinha um.”

“Ela vem sempre falar comigo. É, ela está na minha paróquia.”

“Fizeram a lavagem do estômago?”

“É... ah, fizeram. Mas ela tomou uma dose grande, e eles ainda não estão seguros. Você é Ithiel Regler, eu imagino.”

“Sou.”

O jovem pastor não fez mais perguntas. Nenhuma discussão aconteceu. Não se podia senão agradecê-lo por aquele tato. E também pelas

informações que ele trazia das enfermeiras. Pela manhã diziam que ela ia sobreviver. Estava sendo levada para cima, para uma ala feminina.

Quando foi capaz, ela mandou dizer pelo seu amigo clérigo que não queria ver Ithiel, não tinha desejo de saber dele, nunca. Depois de um dia de auto-tormento no luxo do hotel da Park Avenue, ele cancelou a viagem à Europa. Evitou a piedade de Etta Wolfenstein, ávida por saber dos seus tormentos, e voltou para Washington. O clérigo fez questão de levá-lo até a Penn Station. Lá estava ele, extra-alto, com a sua fatiota e o colarinho clerical. A calvície acabava de apanhá-lo, ele tinha decidido não usar chapéu, e ficava levando a mão a tufo de cabelo desaparecidos ou em desaparecimento. Ithiel ficou pouco à vontade com a sua piedade. Porque o rapaz não tinha nada a lhe dizer a não ser que ele não devia se culpar. Ele podia estar dizendo: “Você, com os seus pecados, o seu coração meio mais ou menos. Eu com a minha queda de cabelos”. Isso não tomava forma verbal. Somente uma urgência muda no seu rosto decente. Ele disse: “Ela já está no ambulatório. Ela anda pela ala e ajeita as agulhas do soro quando elas se afrouxam no esparadrapo. Ela ajuda bastante os velhinhos abandonados”.

Você sempre pode conseguir um remédio, pode abrir a torneirinha do consolo quando precisa, pode achar um conserto para a cabeça. A América é generosa quanto a isso. A atmosfera é plena de dicas úteis. Ithiel era orgulhoso demais para aceitar qualquer conserto fácil. Como: “O suicídio é um golpe baixo”, “O suicídio é punitivo”, “Os coitadinhos nunca sabem o que estão fazendo”, “É tudo pela cena do resgate”. Você podia se dizer coisas assim; elas não queriam dizer porra nenhuma. No mundo inteiro, agora, não restava um lugar civilizado onde uma mulher dissesse: “Eu te amo com a minha alma”. Só aquela menina do meio do mato ainda era desse jeito. Se no mundo não sobrava mais sacralidade mística, ela ainda não sabia disso. Ithiel, com seu nariz reto, rumo a Washington e ao domo do Capitólio, símbolo de uma nação inchada com a sua importância mundial, dava mais valor a Clara do que a qualquer coisa *neste* lugar, ou qualquer

lugar. Ele pensou: Foi por isso que eu optei, e é isso que eu mereço. Entrando naquele quarto no Regency, eu recebi o que fiz por merecer.

Foi depois disso que os casamentos de Clara começaram — primeiro o casamento na igreja com o vestido da avó, arranjos elaborados, peças gravadas da Tiffany, porcelana de Limoges, cristais Lalique. Mamãe e Papai perceberam que depois de duas tentativas de suicídio os mais plenos esforços deveriam ser envidados para proporcionar uma vida estável à sua Clara. Foram muito queridos a respeito disso. Não houve economias. O Marido Número Um era um psicólogo educacional que aplicava testes em alunos. Seu nome era dos bons — Monserrat. Nos cartões que mandou imprimir, Clara era Mme. de Monserrat. Mas como ela diria depois a Ithiel: “Aquele casamento era como um peru de Ação de Graças. Um mês depois o bicho está todo seco e você ainda está comendo peito de peru. Precisa de cada vez mais molho russo, e logo logo a faca mais afiada da cidade não vai conseguir trincar”. Se havia alguma coisa que ela sabia fazer com perfeição era inventar descrições como essa. “Logo, logo você está tentando comer fiapos de carne de ave”, ela dizia.

O segundo marido era um garoto do sul que entrou para o Congresso e até concorreu em algumas primárias presidenciais. Eles moraram em Virgínia por cerca de um ano, e ela algumas vezes viu Ithiel em Washington. Não foi muito gentil com ele nessas ocasiões. “Francamente”, ela lhe disse no almoço, um dia, “eu não consigo imaginar por que eu pude um dia querer abraçar você. Eu olho para você, e digo: eca!”

“Provavelmente existe um lado *eca* em mim”, dizia Ithiel, perfeitamente plácido. “Não faz mal nenhum aprender um pouco sobre o nosso lado repulsivo.”

Ela não conseguia cutucá-lo. No olhar que lhe lançou então brilhava certo respeito.

“Eu estava meio louca”, ela diria mais tarde.

Naquela época ela e o marido sulista estavam tentando ter um filho. Ela ligou para Ithiel e descreveu as dificuldades que estavam tendo. “Eu pensei que talvez você fosse me fazer o favor”, ela disse.

“Fora de cogitação. Seria grotesco.”

“Uma criança com olhos gregos clássicos. Escute, Teddy, enquanto estou aqui sentada, o que você acha que eu estou fazendo? Onde você imagina que minha mão está, e o que ela está fazendo?”

“Eu já fiz a minha parte pela espécie”, ele disse. “Por que criar mais pecadores?”

“O que você sugere?”

“Esses maridos de conveniência não são a solução.”

“Mas, pra nós dois, não estava nas cartas, Ithiel. Por que você tinha tantas mulheres?”

“Pra você houve uma bela quantidade de homens — talvez tenha algo a ver com a democracia. Há tantos candidatos, escolhas tão atraentes. Misture-se com seus iguais. E por que se limitar?”

“Tudo bem, mas acaba dando em tanta infelicidade... E por que eu não ia poder engravidar de você? O Alistair e eu não somos compatíveis nessa esfera. Você não me perdoou pelo que eu disse aquele dia, que você era *eca*? Eu estava só sendo malvada. Ithiel, se você estivesse aqui agora...”

“Mas eu não vou estar.”

“Só pra procriação. Tem até mães de aluguel hoje em dia.”

“Eu já estou até vendo um motoboy negro de bota, cinto e capacete, esperando com uma caixa térmica pra camisinha cheia de esperma. ‘Toma, Billy. Leva isso correndo pra aquela senhora.’”

“Você não devia rir disso. Você devia era pensar no velho filósofo estoico que disse aos amiguinhos quando eles o pegaram em flagrante: ‘Não riam, estou plantando um Homem’. Ah, eu fico falando assim pra impressionar você. Não é de verdade. Eu estou perguntando — e agora é sério — o que é que eu faço.”

“Devia ser um filho do Alistair.”



Mas ela se divorciou de Alistair e casou com Mike Spontini, que tinha ameaçado queimar em Milão com o acendedor de cigarros do painel. Por Spontini ela de fato tinha sentimentos, ela disse. “Mesmo tendo pegado ele e outra mulher trepando logo antes de a gente casar.”

“Ele não era feito pra ser marido.”

“Eu achava que quando ele chegasse a conhecer as minhas qualidades eu ia representar mais pra ele. Ele finalmente ia *enxergar*. Não digo que eu seja melhor que as outras mulheres. Eu não sou superior. Eu sou maluca, além disso. Mas estou em contato com o *eu* em mim mesma. Eu podia fazer tanta coisa pelo homem que eu amasse. Como é que o Mike *pôde*, na minha cama, com a porta destrancada e comigo em casa, comer uma vadia horrorosa que nem aquela? *Diga*.”

“Bom, todo mundo tem que se livrar da desordem, um dia, e quando a gente se livra a gente também se acaba. Aí quando você toma distância de novo pra dar um salto, percebe que rompeu ligamentos demais. Acabou.

Mike Spontini pretendia tratar Clara direito. Comprou uma casa bonita em Connecticut com vista para o mar. Ele nunca investiu mal, nunca perdeu um centavo. Ele dobrou o seu dinheiro em Connecticut. O apartamento da Quinta Avenida foi um bom negócio também. No interior, Clara passou a cuidar do jardim. Ela devia esperar que houvesse uma magia nas flores e nos vegetais, ou que o odor do solo acalmasse a alma transatlântica de Mike, baixasse a febre dele. O casamento durou três anos. Ele pagou o preço da maldade, puxou sua cana, como dizem os detentos, aí pediu o divórcio e mandou avaliar o espólio. Precisou de um derrame para segurar o louco do Mike. O lado esquerdo do rosto dele ficou desfigurado de uma tal maneira (isso era Clara falando) que se tornou um comentário inalterável a respeito da estratégia de vida que ele tinha seguido: “seu conceito fracassado”. Mas Clara era forte nisso de lealdade e foi leal mesmo a um ex-marido apoplético. Você não corta todos os laços depois de anos de intimidade. Depois do derrame, ela lhe preparou uma festa de aniversário no hospital; mandou um bolo para o quarto. No entanto, o médico lhe pediu para não ir.

Quando você estava mal, arrebatado, destruído, consumido, moribundo, era que você via o melhor de Clara.

Portanto, era estranho que ela tivesse se transformado também numa executiva, muito bem paga e influente. Ela sabia falar sobre moda, se vestia com originalidade, sabia muito e de primeira mão sobre decadência, mas a qualquer momento era capaz de pôr de lado a “czarina” e se tornar a caipirona, a boba à mercê de caixeiros-viajantes e trambiqueiros que queriam atraí-la para o celeiro. Nela você podia ver repentinamente uma menina de uma cidade distante, daquela América resquicial de escolas com só uma sala de aula, guardinhas, ceias com pratos cobertos, uma daquelas comunidades à margem da tecnologia e do desenvolvimento urbano. O pai dela, lembre, ainda ajudava na sacristia e a mãe continuava mandando cheques para fundamentalistas da tevê. Numa sala de reuniões sofisticada, Clara seria tão simplória quanto um mingau de fubá, e, quando estava com esse humor, ao abrir a boca você não podia adivinhar se ela ia falar ou fazer uma bola de chiclete. Contudo, qualquer um que tivesse em mente passar-lhe uma rasteira devia se preparar para tomar uma rasteira gigante.

Ela estava sempre pronta a reconhecer total ignorância, dizendo, como dissera tantas vezes a Ithiel Regler, “*Diga!*”. A menina do meio do mato era também sentimental; guardava lembranças, fotografias de família, bilhetes de dia dos namorados, e adorava o anel que Ithiel tinha comprado para ela. Ela não largou dele durante quatro casamentos. Quando mandou avaliá-lo para fazer um seguro, descobriu que tinha se tornado muito valioso. Teve uma cobertura de quinze mil dólares. Ithiel nunca foi esperto com dinheiro. Era um mau investidor — azarado, descuidado. Na Forty-Seventh Street, havia vinte anos, Maddison Hamilton fizera uma patetada, incomum, ao pôr preço na sua esmeralda. Mas Clara também era descuidada, pois o anel sumiu quando ela estava grávida de Patsy. Esquecido em alguma pia, quem sabe, ou roubado de um banco na quadra de tênis. A perda a deprimiu; a depressão se aprofundava enquanto ela procurava o anel em sacolas, gavetas, vincos dos estofados, tapetes felpudos, frascos de comprimidos.

Laura Wong lembrava o quanto Clara ficara transtornada. “Foi isso que te levou de volta ao divã”, ela disse, com delicadeza oriental.

Clara andava esperando se libertar do dr. Gladstone. Chegou a dizer isso. “Agora que engravidei pela terceira vez, eu devia conseguir encarar sozinha, finalmente. Um drinque com o Ithiel quando eu estou mal faz mais por mim. Eu já tive mais médicos do que qualquer mulher pode precisar ter. O Gladstone vai me perguntar como esse símbolo Ithiel ainda pode ser tão poderoso. E o que eu vou poder dizer? Quando o saco do aspirador fica cheio de pó, você troca por outro. Por que não se livrar de pó de sentimentos, também. E no entanto... até um técnico como o Gladstone sabe que não é bem assim. O que ele quer é me dessensibilizar. Eu estava pronta pra morrer de amor. Tudo bem, eu ainda estou viva, tenho um marido, estou esperando outro neném. Estou, como diz aquele pessoal da teologia, aquela bobajada toda dos teólogos: *situada*. Se, finalmente, você consegue se situar, por que ficar de luto por causa de um anel?”

No fim, Clara acabou ligando para Ithiel e contando sobre a esmeralda. “Um elo tão forte entre nós”, ela disse. “E eu me sinto culpada de incomodar você com isso agora, quando as coisas não estão indo bem pra você, com a Francine.”

“Nunca mal a ponto de eu não poder dizer umas palavras de apoio”, disse Ithiel, tão confiável. Ele não gostava de lamentar os próprios problemas. Era tão extremamente organizado — como se vivesse segundo o padrão equilibrado do seu rosto clássico; um par de olhos como aquele parecia pedir por um tipo de contenção singular, quem sabe até administrada. Ithiel podia ser duro consigo mesmo. Ele se culpava por Clara e pelos seus próprios casamentos fracassados, incluindo o atual. E, no entanto, as escolhas que fazia mostravam que ele também era imprudente. Ele tinha um compromisso com a civilidade elevada, com a estrutura, a ordem; mas corria riscos com as mulheres, era um jogador, em certa medida era um anarquista. Havia anarquia dos dois lados. Contudo, a ligação, o sentimento dele por ela era — para surpresa inclusive dele mesmo — permanente. O

seu respeito sempre crescente por ela subia no horizonte como uma lua que levasse décadas para nascer.

“Sete casamentos ao todo, e a gente ainda se ama”, ela disse. Dez anos antes, teria sido arriscado de dizer isso, teria provocado uma rajada de medo no corpo dele. Agora ela tinha certeza de que ele concordaria, como de fato concordou.

“É verdade.”

“Como é que você interpreta o anel, então?”

“Não interpreto”, disse Ithiel. “É uma ideiazinha bem ruim essa de torcer as coisas pra tirar qualquer gotinha de significado delas. Não dá para acreditar na maneira como as pessoas espremem a sua roupa lavada emocional. *Eu* não sinto que você tenha me ofendido perdendo aquele anel. Você disse que estava no seguro?”

“Pode apostar.”

“Então acione a seguradora. Essas empresas cobram bem. O prêmio deve ser de perder de vista.”

“Eu realmente estou dilacerada por causa disso”, disse Clara.

“É a sua alma do século X. O seu médico tem muito o que fazer a respeito!”

“Ele ajuda, em certos aspectos.”

“Esses caras!”, disse Ithiel. “Se uma centopeia entrasse no consultório, ia sair com uma muletinha minúscula pra cada perna.”

Relatando essa conversa a Ms. Wong, Clara disse: “Não precisou mais que isso. Era o anarquista dentro do Ithiel saindo de controle. Falar com ele, nem que seja por cinco minutos, me dá um ímpeto tão grande”.

A seguradora lhe pagou os seus quinze mil dólares, e aí, um ano depois, o anel perdido apareceu.

Em um dos seus fanáticos ataques de limpeza de primavera, ela o encontrou debaixo da cama, em cima da rodinha, enroscado na moldura à qual se prendia a pequena alavanca do freio. Estava do lado dela da cama. Ela devia ter tateado em busca de um lenço de papel e derrubado o anel do criado-mudo. Por que razão estaria tateando, agora que estava descoberto,

ela nem se dava ao trabalho de imaginar. Segurou o anel junto ao rosto, sentiu de fato como se estivesse inalando a essência verde daquele gelo — não, gelo era diamante; ainda assim, aquela esmeralda também era um gelo. Nela estava congelada a proposta de Ithiel. Ou ainda representava a forma permanente da paixão que ela tivera por aquele homem. A forma quente seria vermelha, como um nódulo dentro do corpo, nas partes sexuais. Isso, você veria como um rubi. A forma fria era esse concentrado de verde transparente. Isso não era um dos delírios dela; era tão real quanto o verde do oceano, quanto as montanhas de cujas vísceras extraem-se essas gemas. Ela imaginava esses lugares (o Atlântico, os Andes) como imaginava o interior do próprio corpo. À sua maneira sumária, ela disse: “Talvez tudo se resume a eu ser uma mina de crianças”. Tinha três meninhas para prová-lo.

A companhia de seguros não foi avisada. Clara não estava pronta para devolver o dinheiro. A essa altura ele simplesmente não existia. Tinha sido gasto num piano, um tapete, mais um conjunto de porcelana de Limoges — Deus sabe o que mais. Portanto, o anel não podia ser reassegurado, mas isso não importava muito. Exultantemente feliz, ela contou a Ithiel no telefone: “Incrível, onde aquele anel foi cair! Bem embaixo de mim, enquanto eu estava lá deitada sofrendo por causa dele. Eu podia encostar nele só largando o braço. Podia ter derrubado com o dedo”.

“Quantos de nós podem dizer uma coisa dessas?”, disse Ithiel. “Que você pode estar deitado na cama e ter ao alcance a cura pro que o aflige.”

“Só que você não sabe...”, disse Clara. “Achei que você ia ficar contente.”

“Ah, mas eu fiquei. Eu achei ótimo. É como se você tivesse ganhado mais dez anos de vida.”

“Eu vou ter que cuidar dobrado dele. Não posso fazer um seguro... Eu nunca tenho muita certeza de quanto uma coisa como esse anel pode ser importante pra um sujeito que tem que pensar no Pacto do Atlântico e naquelas coisas todas. Intimidação nuclear, teatros de operações... completamente incompreensíveis para mim.”

“Ah, se as respostas estivessem embaixo da minha cama”, disse Ithiel. “Mas não ache que eu não posso levar um anel a sério, ou que eu seja tão metido quando à representatividade mundial ou a ‘decisiva correlação de forças’ de Lênin — não ache que você é só uma menina que eu trato com a tolerância de um papaizinho. Eu gosto de você mais do que do presidente, ou do conselheiro de segurança nacional.”

“É, eu entendo isso, bem como entendo por que, humanamente, você prefira ter que lidar comigo.”

“Só pense, se você não fizesse, você mesma, a sua limpeza de primavera, a sua empregada podia ter achado o anel.”

“A minha empregada nem sonharia em entrar debaixo da cama em qualquer estação do ano; foi por isso que tirei uma folga do escritório. Eu tinha que ficar trabalhando em volta do Wilder, que está lendo John Le Carré. Sentado no meio da sua casa feminina que nem um índio sioux na sua tenda. Que nem o Touro Sentado. Mas, mesmo assim, ele é sempre muito doce. Mesmo quando age como o macho dominante. E ele estaria completamente perdido se eu não fosse... ops!”

“Se você não fosse o homem da casa”, disse Ithiel.

Bom, era uma residência feminina, e talvez por essa razão Gina se sentisse menos estrangeira em Nova York. Ela dizia que amava a cidade, eram tantas acomodações especificamente para mulheres. Todo mundo que chegava, além disso, já conhecia tudo por causa dos filmes e das revistas, e, quando John Kennedy disse que era berlinense, toda Berlim podia ter respondido: “E daí? Nós somos nova-iorquinos”. Era impossível ser estrangeiro por aqui, na opinião de Gina.

“Isso é o que *você* pensa, meu anjo”, foi a resposta de Clara, embora não tenha sido dada a Gina Wegman, mas sim a Ms. Wong. “E vamos torcer pra ela nunca descobrir o que esta cidade pode fazer com alguém da idade dela. Mas, quando você pensa numa menina tão bonitinha e com aquele charme italiano dela, tão inocente — ainda que inocência seja uma coisinha difícil

de provar. Não dá pra esperar que ela esqueça o que é ser mulher só porque o ambiente é tão perigoso.”

“Você deixa ela andar de metrô?”

“*Deixar!*”, disse Clara. “Quando essas crianças saem pra rua, cadê a possibilidade de controle? Eu só posso é rezar pra ela ficar bem. Eu disse que se fosse usar uma saia curta ela devia pôr um casaco também. Mas de que é que servem os conselhos sem uma vivência na sarjeta? O que uma mulher tem que ter hoje é alguma experiência com a sarjeta. No entanto, cabe a mim ficar de olho na menina, e eu preciso supor que ela é inocente e que não *quer* ser encoxada na hora do rush por uns delinquentes sexuais imundos.”

“É difícil estar na posição do adulto responsável”, disse Laura.

“É a religião das antigas que eu tenho em mim. Governantite.” Clara disse isso em parte por brincadeira. Contudo, quando invocava as suas origens, os seus anos de formação, ela virava por alguns instantes a menininha de testa larga, olhos grandes, nariz pequenino, que tinha sido forçada pelos pais a decorar longas passagens dos Gálatas e dos Coríntios.

“Ela funciona bem com as crianças”, disse Ms. Wong.

“Elas ficam muito à vontade com ela, e não há tensão alguma com a Lucy.” Para Clara, Lucy era o principal. Nessa fase ela estava tão melancólica — acima do peso, com receio de fazer amigos, ciumenta, teimosa, problemática. Difícil de levar. Clara tinha sugerido muitas vezes que Lucy precisava cortar o cabelo, aqueles cachos pesados que lhe cercavam o rosto. “A menina tem mais cabelo que Júpiter”, disse Clara numa das suas sessões com Laura. “Às vezes”, eu acho que ela deve ser tão forte — potencialmente — quanto um carregador de tijolos.”

“Ela não ia gostar assim curtinho e elegante que nem o seu?”

“Eu não quero uma tempestade por causa disso”, disse Clara.

A menina era desajeitada, certamente (embora fosse ter pernas bonitas — já dava pra ver). Mas havia um grande poder por baixo daquela falta de jeito. Lucy reclamava que as irmãs mais novas se uniam contra ela. E parecia, Clara concordava. Patsy e Selma eram crianças graciosas, e faziam

Lucy parecer grandalhona, estabanada antes da idade estabanada. Ela seria estabanada depois também, exatamente como a mãe tinha sido, e explosiva, desafiadora e irritadiça. Quando Clara conseguia romper as barreiras da filha (os olhos extragrandes do seu rosto estreito tinham que pressionar a menina até que ela se abrisse — “Você pode sempre falar com a mamãe sobre o que está acontecendo, o que está te incomodando”), então Lucy soluçava e dizia que todas as meninas da sala faziam pouco e riam dela.

“Vaquinhas”, disse Clara a Ms. Wong. “É impressionante como começa tudo cedo. Até a Selma e a Patsy, que são umas crianças afetuosas, estão se desenvolvendo à custa da Lucy. A ‘feiura’ dela — você sabe o que a palavra ‘feia’ é pras crianças — faz as duas virarem damas. E as irmãs mais novas estão longe de serem bobas, mas eu acho que a Lucy é quem tem a inteligência ali. Tem alguma coisa *maior* na Lucy. Gina Wegman concorda comigo. A Lucy se comporta como uma monstrinha. Não é só aquele penteado romano. Ela é invejosa e guarda rancores. Meu Deus, como guarda! É aí que entra a Gina, porque a Gina tem tanta classe, e *gosta* dela. Tanto quanto eu posso, com as responsabilidades executivas e carregando o fardo de manter a casa, ajo como uma mãe pra aquelas meninas. Além disso, eu tenho sessões com os psicólogos da escola — já fui casada com uma dessas figuras — e discussões com outras mães. Talvez colocar as meninas nas ‘melhores’ escolas seja um grande erro. Ali a gente tem que vencer a influência dos principais corretores de ações e advogados da cidade. Eu estou dizendo o que eu acho...”

O que Clara não podia dizer, porque a criação de Laura Wong era tão diferente da dela (e era a dela que parecia mais alienígena), tinha a ver com Mateus 16,18, “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” — sendo que *ela* era a força do amor, contra a qual nenhuma porta se fecha. Isso era mais uma parcela da matéria primitiva que Clara trouxe do meio do mato e era parte da sua confusa vida interior. Explicá-la à sua confidente causaria mais penas do que valeria, se você considerasse que no fim Ms. Wong ainda estaria às escuras — com a segunda escuridão sendo mais negra que a primeira. Aqui, Clara não podia dizer o que achava.



“Aquela criança tem muito de mulher. De uma mulher atraente, poderosa. Gina Wegman tem a mesma intuição sobre ela”, dizia Clara.

Sentia-se muito próxima de Gina, só que não seria inteligente fazer dela uma amiga mais jovem; isso ficaria muito perto da adoção e talvez criasse rivalidades com as crianças. Você tinha que manter a distância — evitar intimidades, evitar especialmente confidências. Contudo não havia nada errado com um presentinho de vez em quando, desde que fosse um presentinho educativo. Por exemplo, você pedia para a *au pair* trazer uns papéis até o seu escritório, e aí podia mostrar a sua sala, servir um belo chazinho. Ela deixou Gina participar de uma reunião de comércio sobre ombreiras e ouvir argumentos em favor deste ou daquele tipo de enchimentos, do grau da sustentação, da desejabilidade de uma linha mais reta no caimento das roupas; as novas tendências de tamanho nas coleções de Armani, Christian Lacroix, Sonia Rykiel. Ela levou a moça a um desfile das últimas tendências de primavera da Itália, onde ela ouviu muita discussão sobre a desejabilidade de botas acima do joelho, e sobre as camadas de saias de Gianni Versace por cima de calcinhas com babados. Porta-vozes agitadores culturais apregoando trajes curtos de seda amassada, ou paletós de bela imitação de jaguatirica, ou capas que simulavam castor — sendo tudo isso o trabalho engenhoso de artesãos milionários, de estilistas bilionários, que ditavam as tendências. Gina veio vestida de forma adequada, uma menina bonita, muito nova. Clara não sabia dizer como essa mostra de moda a impressionara. Era melhor, Clara pensou, relativizar um pouco a coisa toda: os cenários luxuosos, o elenco de estrelas italianas e a pompa dos experts — esta, algo contida pela presença da impassível czarina.

“Bom, o que eu podia dizer dessas coisas?”, disse Clara, novamente em confidências a Laura Wong. “Essa purpurina é a nossa fonte de renda, e mulheres legais ficam velhas e melancólicas, cínicas também, com toda essa ostentação de peles, sedas, couros, cosméticos et cetera, do negócio da moda. E, enquanto isso, as minhas responsabilidades familiares é que realmente contam. Como proteger as minhas filhas.”

“E você quis dar um prazer à sua Gina”, disse Ms. Wong.

“E eu gosto desse espírito brincalhão”, disse Clara. “Ele é necessário. Mas as quantias que ele acaba custando! E quem fica com aquilo tudo! Além disso, Laura, se eles precisam emplastrar aquilo nas mulheres... Se uma mulher é linda e você acrescenta um vestido lindo, isso é uma coisa: você está acrescentando beleza à beleza. Mas, se a operação vem só do lado de fora, ela tem uns efeitos curiosos. E é assim que acontece em geral. É claro que vai ter uns trapaceiros descarados ou gente desesperada mas com uma aparência gloriosa. Mas, na maioria dos casos de decoração, o efeito é um inferno. É uma variação daquele verso de Auden de que eu gosto tanto sobre ‘o desejo dos insanos de sofrer’.” Quando disse isso, sua aparência era desabridamente violenta. Tinha ido mais longe do que desejava, mais longe do que Ms. Wong estava preparada para acompanhar. Aqui Clara bem podia ter acrescentado as palavras de Mateus, 16.

Sua confidente sino-americana estava acostumada a esses zooms repentinos. Clara não estava sendo dramática quando expressava ideias como essas sobre roupas; estava refletindo em voz alta, e muitas vezes tinha Ithiel Regler em mente, as mulheres com quem ele saiu, as mulheres com quem se casou. Entre elas havia várias “mulheres chiques” — ela queria dizer que eram mulheres voluptuosas que se vestiam com excesso, exageradas e tontas, “com uns peitos gigantes”, com as quais um homem como Ithiel não deveria jamais ter gastado a sua substância. E ele tinha se casado três vezes e tinha dois filhos. Que desperdício! Por que deveria haver sete casamentos, cinco crianças! Até Mike Spontini, mesmo com todos os seus poderes e encantos, tinha sido um desperdício — um mediterrâneo, um marido italiano que voltava para a esposa quando achava adequado, isto é, quando estava cansado dos negócios e de se divertir por aí. *Todos* os outros foram maridos de brinquedo, humanamente não sérios — não daria pra tirar uma ressonância masculina de nenhum deles.

Que pena! Pensava Laura Wong. Teddy Regler devia ter se casado com Clara. Aplique qualquer medição — necessidade, simpatia, sentimento, pode escolher —, e os dois perfis (era assim que Laura colocava as coisas)

eram praticamente idênticos. E Ithiel estava se dando muito mal agora. Logo depois de Gina ter se tornado a sua *au pair*, Clara soube pela Wolfenstein, a primeira mulher de Teddy, que tinha lá os seus espias em Washington, que a terceira sra. Regler tinha alugado um caminhão de mudanças e esvaziado a casa numa manhã, assim que Teddy saiu para o escritório. Ao voltar para casa à noite, ele só encontrou a cama que tinham dividido na noite anterior (pelada dos lençóis) e alguns itens de cozinha insignificantes. Francine, a terceira esposa, não tinha filhos para cuidar. Passava os dias à toa em lojas de departamentos. Até aí era verdade. Ele não permitiu que ela sentisse que estava dividindo a vida dele. E, no entanto, o sujeito ficou atordoado, aniquilado... deprimido, e depois doente. Ele estava de luto pela mãe. Francine tinha tomado as suas providências uma semana depois do enterro da mãe dele. Uma semana exatamente.

Clara e Laura juntas decidiram que Francine não conseguiu suportar aquela dor. Ela mesma não tinha essas emoções, e não gostava delas. “Tem gente que simplesmente não entende a dor”, foi o que Clara disse. Era possível, também, que houvesse outro homem na história, e teria sido constrangedor, depois de uma tarde com esse homem, voltar para casa, para um marido perdido em pensamentos negros ou precisando de consolo. “Pra mim é fácil imaginar isso pelo lado da esposa”, disse Laura. O seu próprio divórcio tinha sido desagradável. Seu marido, um homem chamado Odo Fenger, dermatologista, era um daqueles bebezões gordos, louros e corados que precisam obstinadamente incluir você nas suas emoções (com os olhos mudando do azul-bebê para o azul-uísque) e que, assim, centuplicam as agonias do rompimento. Então por que *não* chamar um caminhão e se mudar direto para o futuro — futuro significando aqui nunca (jamais na vida) encontrar o outro novamente. “A tal Francine não tinha capacidade de ajudar com aquilo, depois de o sentimento ter sido morto dentro *dela*. Cada um tem lá o seu jeito de lidar com essas coisas. Como você disse antes, no Renascimento eles usavam veneno. Quando o sentimento está morto, o outro se torna fisicamente insuportável.”

Clara não prestou atenção integralmente no que Laura estava dizendo. Seu único comentário foi: “Acho que *houve* algum progresso. Melhor se mudar que matar. Pelo menos os dois continuam vivos”.

Hoje em dia Ms. Wong não queria saber de maridos, nem de filhos. Tinha se retirado de tudo isso. Mas respeitava Clara Velde. Talvez a sua curiosidade fosse até maior que o respeito, e o assunto que mais a deixava curiosa era Clara e Ithiel Regler. Ela colecionava recortes de jornais sobre Regler e, como Wilder Velde, não perdia as entrevistas dele na tevê, se conseguisse dar um jeito.

Quando Clara ficou sabendo de Francine e o seu caminhão de mudança, foi de avião para Washington assim que conseguiu pegar a ponte aérea. Gina estava lá para se encarregar das crianças. Clara jamais se sentia tão segura como quando a confiável Gina estava lá para cuidar delas. Como reforço, Clara tinha a sra. Peralta, a faxineira, que também tinha virado uma amiga da família.

Clara encontrou Ithiel num estado de dignidade mórbida. Foi afetuoso com ela mas reservado sobre os seus problemas, agradeceu-lhe algo formalmente a visita e lhe disse que preferia não entrar na história da sua relação com Francine.

“Como queira”, disse Clara. “Mas você não tem ninguém por aqui; só eu, em Nova York. Eu cuido de você se precisar.”

“Eu fico feliz de você ter vindo. Eu tenho andado desconsolado. Mas o que aprendi é que quando as pessoas começam a falar dos problemas particulares, elas entram numa espiral infinita sobre relacionamentos e deixam todo mundo absolutamente desorientado de tédio. Tenho certeza que eu consigo me virar.”

“Claro. Você é forte”, disse Clara, com orgulho dele. “Então não vamos falar muito disso. Só que aquela mulher não precisava esperar até a sua mãe morrer. Podia ter feito isso tudo antes. Você não espera o sujeito estar mal pra daí meter um pé na bunda.”

“Vamos comer alguma coisa boa? Comida do Oriente Médio, chinesa, italiana ou francesa? Eu percebi que você está usando a esmeralda.”

“Eu estava torcendo pra você notar. Agora me diga, Ithiel, você vai sair da sua casa? Ela deixou a casa muito pelada?”

“Eu posso acampar por lá até entrar alguma grana e aí remobiliar a sala de estar.”

“Alguém tinha que estar tomando conta de você.”

“Se tem uma coisa de que eu não preciso, é da imagem do coitadinho de mim, na rua da amargura, e de alguma mulher fiel que me enche o coração de gratidão.” Ser rigoroso com o seu coração lhe dava satisfação.

“Ele gosta de olhar para a família humana como ela é”, Clara explicaria.

“Você não seria capaz de casar com uma mulher que te desse valor”, disse Clara durante o jantar. “Como Groucho Marx dizendo que não ia se filiar a um clube que o aceitasse como membro.”

“Deixe eu contar uma coisa”, disse Ithiel, e ela entendeu que ele tinha recuado para a periferia a fim de retornar ao centro por um dos seus ângulos estranhos. “Quando o presidente tem que ir pro hospital Walter Reed pra ser operado e os jornais estão cheios de esquemas da bexiga e da próstata dele — eu ainda me lembro dos desenhos horríveis da ileíte do Eisenhower —, fico feliz por não haver diagramas das minhas entranhas na imprensa e pelo grande público não estar de olho no meu ânus. Pela mesma razão, sempre desencorajei conversa fiada sobre a minha psique. É mais do que justo que a Francine não tenha me dado valor. Eu teria passado o resto da vida com ela. Eu fui paciente....”

“Você quer dizer que desistiu, que se entregou.”

“Eu fui carinhoso”, Ithiel insistiu.

“Você tinha que fingir. Você estava vendo o erro que cometeu e estava pronto pra pagar por ele. Ela estava pouco se lixando pro seu carinho.”

“Eu fui fiel.”

“Não, você foi derrotado”, disse Clara. “Você ia pro seu esconderijo no escritório e mexia os seus pauzinhos pra lidar com a Rússia ou o Irã. Aqueles tipos malucos da Líbia ou do Líbano são *bem* divertidos de acompanhar. E o que ela fazia pra se divertir?”

“Eu acho que toda manhã ela tinha que decidir aonde ir com os cartões de crédito. Ela gostava de leilões e de mostras de mobiliário. Ela comprou uma roupa de pele de avestruz, completa, com botas e bolsa.”

“O que mais ela fazia pra se divertir?”

Ithiel estava calado e reservado, movendo migalhas para a frente e para trás com a lâmina da faca. Clara pensou: “Ela o traiu”. A preciosa Francine não fazia ideia do marido que tinha. E que importância tinha o que uma mulher como aquela fazia com os seus órgãos menos nobres? Clara não conseguiu provocar Ithiel, apesar de ter jogado verde. Daria na mesma se ela estivesse falando com um daqueles minoicos escavados por Evans ou Schliemann ou quem quer que fosse, personagens como aqueles dos filmes mudos, pintados com uma maquiagem que alongava os olhos. Se Clara era da Idade Média, Ithiel era da Antiguidade. Imagine só uma mulherzinha rasteira que achava que *ele* não dava valor a *ela*! Ora, Ithiel podia ser o Gibbon ou o Tácito do Império americano. *Ele* não pensaria nisso, mas ela se lembrava até hoje de como ele falava dos textos de Keynes sobre Clemenceau, Lloyd George e Woodrow Wilson. Se quisesse, ele podia fazer com Nixon, Johnson, Kennedy ou Kissinger, com o xá ou com de Gaulle, o que Keynes tinha feito com os aliados em Versalhes. Figuras de relevo mundial acharam seu tempo bem empregado com Ithiel. Às vezes, ele deixava escapar um comentário ou uma opinião: “Nem os russos nem os americanos podem dar conta do mundo. Incapazes de organizar o futuro”. Quando tivesse posses, Clara pensava, ela criaria um fundo para ele poder escrever as suas ideias.

Ela disse: “Se você quiser que eu durma aqui, o Wilder foi a Minnesota ver algum politicozinho insignificante que precisa de uns discursos. A Gina está recebendo uns amigos lá em casa”.

“Eu estou com cara de quem precisa de primeiros socorros de amigos?”

“Você está *mal*. O que há de tão terrível nisso?”

Ithiel a levou até o aeroporto. Por enquanto as vias expressas estavam vazias. Adiante, estavam as luzes do aeroporto e, nos aviões diagonais, viajantes acomodados aos milhares vinham, subiam.

Clara perguntou que trabalho ele estava fazendo. “Não pra quem você está fazendo, mas o Assunto.”

Ele disse que estava conduzindo uma pesquisa sobre as opiniões dos emigrantes do novo regime soviético — pareceu feliz de mudar de assunto, embora tenha sempre sido um pouco relutante em falar sobre política com ela. Política não era a dela, ele não gostava de gastar seu verbo com perguntadorezinhos que não entendiam nada, mas parecia ter as suas razões emocionais hoje à noite para dizer exatamente o que andava tramando. “Alguns dos emigrantes mais inteligentes estão dizendo que os russos só anunciaram a liberalização quando tinham acabado com os dissidentes. Aí eles cooptaram as ideias dos dissidentes. Depois de você ter se livrado dos seus inimigos, você está pronto pra abolir a pena de morte — essa é a visão de Alexander Zinóviev. E não foi só a KGB que destruiu o movimento dissidente mas toda a organização do partido, e o partido tinha o apoio do povo soviético. Eles estrangularam a oposição e agora estão fingindo *ser* a oposição. Os próprios líderes soviéticos estão criticando a sociedade soviética. Quando é necessário mudar, eles tomam o controle. E o Ocidente está emocionadíssimo com todas as reformas.”

“Então eles vão enrolar a gente de novo”, disse Clara.

Mas havia outras questões, mais prementes, a se discutir no caminho para o aeroporto. Tempo não faltaria. Ithiel dirigia muito devagar. O próximo voo da ponte aérea só saía às nove horas. Clara estava feliz por eles não terem que correr.

“Você não se importa de eu estar usando este anel hoje?”, perguntou Clara.

“Porque não é uma boa hora pra me lembrar de como tudo podia ter corrido entre nós? Não. Você veio ver como eu estava e o que você podia fazer por mim.”

“Na próxima vez, Ithiel, se houver uma próxima vez, você me deixa dar uma conferida na mulher antes. Você pode ser grandes coisas em análise política... Eu não preciso terminar *essa* frase. Além disso, o meu próprio juízo não foi exatamente cem por cento.”

“Se alguém viesse me perguntar, Clara, eu diria que você era um caso estranho — uma mulher que não foi corrompida, que desenvolveu uma lógica moral própria, trabalhou nela independentemente com a sua própria energia de fonte solar e as suas próprias premissas femininas. Você fica sabendo que eu sofri uma calamidade e vem pra cá no primeiro voo. E como são poucas as pessoas que entram nesse avião pra Washington com propósitos humanitários. Quase todo mundo vem a negócios. Alguns pra ver a cidade, uns poucos por causa das pinturas na National Gallery, um bom percentual em busca de sexo. Quantos vêm porque são profundos?”

Ele estacionou o carro para poder caminhar com ela até o portão.

“Você é um homem muito querido”, ela disse. “A gente tem que cuidar um do outro.”

No avião, ela apertou bem o cinto de segurança para controlar os sentimentos e abriu um número da *Vogue*, mas só para deixar o rosto ali dentro. Nenhuma revista tinha algo a lhe dizer agora.

Quando voltou à Park Avenue, a mulher do zelador, uma senhora latina, estava à sua espera. A sra. Peralta também estava ali. Clara tinha pedido para a faxineira ajudar Gina a receber os seus amigos (ficar de olho neles). O porteiro-ascensorista estava com as senhoras, um pequeno grupo sob a marquise. As calçadas da Park Avenue têm o dobro da largura de qualquer outra, e o jardim do meio das pistas estava plantado com belas flores da estação. Quando o porteiro ajudou Clara a descer do táxi amarelo, as mulheres imediatamente começaram a lhe contar sobre a festa de arromba que Gina tinha dado. “Uma gentarada mais misturada”, disse a sra. Peralta.

“E as meninas?”

“Ah, a gente cuidou delas. Elas ficaram bem longe daquelas figuras do East Harlem. A gente está aqui porque o sr. Regler ligou pra dizer em que voo a senhora ia chegar.”

“Eu pedi pra ele”, disse Clara.

“Eu não acho que a Gina estava pensando que vinha tanta gente. Amigos e amigos de amigos, do namorado dela, eu acho.”

“Namorado? Ora, e quem é o camarada? Essa é nova pra mim.”



“Eu pedi pra Marta Elvia vir ver com os próprios olhos”, disse Antonia Peralta. Marta Elvia, a mulher do zelador, tinha algum parentesco com Antonia.

Subiram de elevador. Marta Elvia, grávida de oito meses e ocupando boa parte do espaço, estava dizendo que uma turba ensebada tinha aparecido. Era um entre-quem-quiser.

“Mas me digam, rápido, quem é o namorado?”, disse Clara.

O homem foi descrito como alguém que vinha do Caribe; era francófono, moreno, muito atraente, “meio arrogante”, disse a sra. Peralta.

“E há quanto tempo ele tem visitado a casa?”

“Umas semanas, só.”

Quando entrou na sala de estar, a primeira impressão de Clara foi: Então isso é o que se pode fazer aqui. Não precisa ser o uso que eu dou a este lugar. Ela tinha limitado a sala de estar ao comportamento polido.

A festa estava basicamente encerrada; restavam apenas quatro ou cinco casais. Conforme a descrição de Clara, as moças pareciam espalhafatasas. “A sala parecia mais um vagão do metrô do West Side. Um monte de músculos naqueles rapazes, como se eles fizessem aeróbica. E eu antes sabia identificar o cheiro de maconha, mas não tenho ideia, nenhuma, dessas drogas novas. O crack está completamente além da minha compreensão; eu nem sei dizer o que é, muito menos descrever como funciona e se por acaso tem cheiro. A cena toda era como uma miragem pra mim, como eles estavam enfeitados. O amigo especial da Gina, Frederic, era um menino bonito, negro, e de fato tinha um sotaque francês bem atraente. A Gina estava tentando se comportar como se nada, absolutamente, estivesse errado, e não conseguia bancar isso muito bem. Só que eu não ia ralar com ela. Nos fundos do apartamento, eu tinha três meninas dormindo. Numa hora dessas os livros de história te voltam à cabeça — como uma pioneira lidou com um grupo indígena de guerra quando o marido dela não estava. Portanto, eu me preparei pra fazer passar o tempo de forma agradável, baixei a música, ventilei a fumaça, e logo a festa murchou.”

Enquanto a sra. Peralta estava limpando, Clara teve uma conversa com Gina Wegman. Ela disse que tinha imaginado um grupo menor — uns poucos conhecidos, e não uma amostra aleatória da população das ruas da cidade.

“O Frederic perguntou se podia trazer uns amigos.”

Bom, Clara estava disposta a acreditar que aquilo era simplesmente um equívoco europeu sobre o que era dar uma festa em Nova York — gente jovem, musical, descomprometida, racialmente misturada, dançando ao som do reggae. Em Viena, como por toda parte, esses retratos da vida americana estavam na tevê — a América é o lugar onde você se solta.

“Enfim, eu tenho que te dizer, Gina, que eu não posso permitir esse tipo de coisa — parece uma cena de algum filme lascivo de dança.”

“Eu sinto muito, sra. Velde.”

“Onde você conheceu o Frederic?”

“Através de uns amigos austríacos. Eles trabalham na ONU.”

“É lá que ele trabalha também?”

“Eu nunca perguntei.”

“E vocês têm se visto muito? Não precisa responder — dá pra ver que você está encantada com ele. Você nunca perguntou o que ele faz? Ele não é estudante?”

“A gente nunca levantou esse assunto.”

Clara achava, a julgar pela cara de Gina, que o que tinha sido levantado eram as saias da moça. A própria Clara sabia mais do que bem como era tudo isso. Nós já passamos por isso. O que pode ser mais natural num país estrangeiro do que aceitar experiências exóticas? Se não, por que sair de casa, para começo de conversa?

Clifford, um detento em Attica, ainda mandava um cartão de natal a Clara sem falta. Ela não o via havia vinte e cinco anos. Não tinham nenhuma outra ligação. Frederic, a se acreditar nas aparências, não mandaria nem um cartão. Diferenças geracionais. Clifford era um menino do interior.

Nós temos que assegurar que isso não termine mal, foi o que Clara disse a si mesma.

Mas então nós precisamos descobrir que tipo de pessoa Gina é, de verdade, ela pensou. O que acelera o coração dela e se isso é tudo o que ela quer. Eu não tinha a menina na conta de uma assanhada.

“Eu imagino que as coisas sejam feitas de outro jeito em Viena”, Clara disse. “No que se refere a trazer desconhecidos pra casa...”

“Não. Mas, também, a senhora pessoalmente é bem amiga da senhora de cor que trabalha aqui.”

“A sra. Peralta não é uma desconhecida.”

“Ela traz os filhos dela aqui no Dia de Ação de Graças e eles comem com as meninas, na mesma mesa.”

“E por que não? Mas sim”, disse Clara, “eu consigo ver que isso seja uma mistura que pode intrigar alguém que acaba de chegar da Europa pela primeira vez. Meu marido e eu não somos rachistas...” (era uma pronúncia que Clara não conseguia alterar.) “Só que a sra. Peralta é um membro de confiança desta casa.”

“Mas os amigos do Frederic podem roubar alguma coisa...?”

“Eu não acusei ninguém. Mas você não ia poder botar a mão no fogo por ninguém. Você mesma acabou de conhecer esses convidados. E você não percebeu as providências de segurança — as portas, o sistema de alarme, todo mundo sendo revistado?”

Gina disse, com uma voz calma e baixa: “Percebi. Eu não apliquei a mim mesma, só”.

Não a *si mesma*. Gina não tinha considerado Frederic sob essa luz. E não podia permitir que ele fosse visto como suspeito. Clara lhe deu uma boa nota em lealdade. Dez numa escala de zero a dez, ela pensou, e se tornou mais cálida com Gina. “Não é uma questão de cor. A empresa em que eu trabalho até se retirou da África do Sul.” Não era uma declaração de muito impacto. Para Clara, a África do Sul era mais ou menos tão perto quanto Xanadu. Mas ela disse a si mesma que elas estavam se deixando levar por pequenos absurdos, e que o que ela e Gina estavam dizendo uma para a

outra era só um monte de bobagens. A menina veio para Nova York para aprender sobre caras como Frederic, e não havia tanta coisa assim para aprender. Aquilo foi simplesmente um incidente, e nem mesmo um incidente bom. Só um grande problema empolgante. Então ela tomou nota mentalmente disso tudo para retomar com Ithiel e também para conseguir a opinião dele sobre a retirada comercial.

“Bom”, ela disse, “eu acho que vou ter que impor um limite ao tamanho do grupo que você pode receber.”

A menina aquiesceu. Fazia sentido. Ela não podia negar.

Chega de bronca. É um misto de firmeza e de preocupação com a menina. Se ela a mandasse embora, as crianças iam chorar. E eu mesma ia sentir saudade dela, Clara admitia. Assim, ela se levantou (patroa encerrando uma entrevista dolorosa: era assim que Clara percebia aquela situação; ela viu que realmente tinha passado a depender de certas posturas de senhora da casa). Quando Gina foi para o seu quarto, Clara fez uma vistoria: o cinzeiro Jensen, o abridor de cartas de prata, bibelôs da lareira; e pela enésima vez ela quis ter alguém com quem dividir as suas responsabilidades. Wilder não lhe servia de nada quanto a isso. Se conseguisse cinquenta encomendas de discursos ele não podia arranjar o dinheiro que tinha enfiado em ações de mineradoras — Homestake e Sunshine. Supostamente, metais preciosos eram uma salvaguarda, mas havia cada vez menos capital que a salvaguarda pudesse salvaguardar.

Finda a inspeção, Clara conversou com Antonia Peralta antes que Antonia ligasse o ruidoso aspirador. Com que frequência o rapazinho da Gina estivera no apartamento? Antonia batucou na bochecha com um dedo rijo, querendo dizer que uma vigilância atenta era necessária. Sua mensagem era: “Conte comigo, sra. Velde”. Bom, ela fazia parte de uma subcultura bem atilada. Juntas, ela e Marta Elvia policiariam aquela espelunca. Sobre a própria Gina Wegman, Antonia Peralta não fez comentários. Mas também ela não estava sempre por ali, tinha os seus dias de folga. E, lembre, Antonia não tinha limpado embaixo da cama. E se fosse criteriosa ela teria achado o anel perdido. Nesse caso, será que teria

devolvido? Era uma senhora honesta, segundo as suas luzes, mas provavelmente havia cantos a que essas luzes nunca se dirigiam. A companhia de seguro tinha pagado, e Clara não teria ideia caso Antonia silenciosamente tivesse embolsado um objeto perdido. Não, aquelas espanholas era bem honestas. Marta Elvia era garantida, triplamente referenciada, e Antonia Peralta nunca tinha levado nem um lenço.

“Dentro da minha própria casa”, Clara explicaria mais tarde, “eu tenho objeções quanto a trancafiar os bens de valor. Uma casa onde não existe um mínimo de confiança não é o que eu chamo de uma casa. Eu simplesmente não sei viver com um molho de chaves, como uma francesa ou italiana. Mulheres já me disseram que não iam poder dormir à noite se as suas joias não estivessem trancadas. *Eu* não poderia dormir se estivessem.”

Ela disse a Gina: “Eu estou confiando na sua palavra de que nada de ruim vai acontecer”. Ela era obrigada a deixar isso bem claro, ao mesmo tempo que reconhecia não haver meios de evitar ofender a moça.

Gina não tinha nariz empinado, nem modos bruscos. Ela simplesmente disse: “A senhora está me dizendo pra não trazer o Frederic aqui?”.

A reação de Clara foi: Melhor aqui do que *lá*. Ela tentou imaginar como seria o apê de Frederic. Não era tão difícil. Ela também, afinal de contas, já tinha sido uma jovem em Nova York. Gina estava lhe dando um aperitivo do que ela teria que encarar quando suas próprias meninas crescessem. A não ser que o céu viesse a decretar que Deusodiabolândia tinha ido longe demais, e interrompesse o declínio — hora de controlar o crescimento demográfico, mandem o Atlântico lavar tudo. Não era uma possibilidade muito confiável.

“De modo algum”, disse Clara. “Mas vou te pedir pra assumir total a responsabilidade quando a Antonia estiver de folga.”

“A senhora não quer o Frederic aqui quando as crianças estiverem comigo?”

“Exato.”

“Ele não faria mal a elas.”

Clara não julgou adequado dizer mais.

Ela falou com Ms. Wong sobre isso, ao dar uma passada na casa dela depois do trabalho para um drinque rápido, uma pausa para respirar antes de chegar em casa. Ms. Wong tinha um apartamento inadequadamente mobiliado na Madison Avenue, com design escandinavo e sem um só toque oriental, a não ser por algumas gravuras chinesas emolduradas em madeira clara. Segurando o seu scotch com gelo sobre um guardanapo de papel que se encharcava, Clara disse: “Eu odeio ser a pessoa que tem que impor regras àquela menina. Eu sinto muito mais por ela do que deveria”.

“Você se identifica tanto assim com ela?”

“Ela tem que aprender, é claro”, dizia Clara. “Exatamente como eu tive. E não penso grandes coisas das mulheres maduras que pularam essa parte. Mas algumas vezes a escola que a gente tem que frequentar é dura demais.”

“Isso você acha *agora...*”

“Não, o processo todo tira coisas demais de uma menina.”

“Você está pensando em três filhas”, disse Ms. Wong, com bastante precisão.

“Eu estou pensando como pode ser que a gente tenha que seguir vinte anos antes de entender (quem sabe, entender) o que é que devia preservar.”

Algo insatisfeita com a sua visita a Laura (ela era tão *Nova York!*), Clara foi a pé para casa, para ali ouvir a sra. Peralta dizer que tinha encontrado Gina e Frederic esticados no sofá da sala de estar. Fazendo o quê? Ah, só carinhos, mas o rapazinho estava com as almofadas de seda embaixo dos coturnos. Clara conseguia entender por que Antonia estava ofendida. O rapaz estava rebaixando os Velde e os seus belos estofamentos, ao se espalhar por aí sendo todo arrogante. E talvez nem mesmo fosse isso. Ele pode nem ter atingido *esse* nível de ofensividade intencional.

“A senhora fala com a moça?”

“Eu acho que não. Não”, disse Clara, e se arriscou a ser uma americana desprezível aos olhos da sra. Peralta, uma daquelas pessoas que deixam os outros passarem por cima dela dentro da própria casa. Em grande medida para si própria, Clara explicou: “Eu prefiro encarar ele aqui a aguentar a ideia da menina fazendo isso tudo no apê dele”. Assim que acabou de dizer

isso ela já tinha certeza absoluta de que nada impedia Gina de fazer o que quer que eles fizessem nos dois lugares. Ela teria dito a Gina: “Aproveitar o máximo de Nova York — esse comportamento, não vienense. Nada de menininhos deitando em cima de você na sala de estar da mamãe”. “Terra da oportunidade”, ela podia ter dito, mas disse isso tudo somente para si mesma depois de ter pensado bem no assunto, considerando em profundidade numa imobilidade particular, como que de um transe, e molhando o centro do lábio superior com a ponta da língua. Por que secava tanto bem ali no meio? Imaginar coisas sexuais às vezes fazia isso com ela. Ela não tinha inveja de Gina; a mulher que fizera aquelas revelações sexuais a Ms. Wong não tinha que invejar ninguém. Não, estava era curiosa a respeito dessa menina bonita e roliça. Pressentia que ela era dotada de profundidade. *Quanta* profundidade era o que Clara estava tentando adivinhar quando ficou tão imóvel.

E assim ela fechou brevemente os olhos, fazendo que sim com a cabeça, quando Marta Elvia, que por vezes esperava por ela no saguão, se aproximou com a sua barriga prenhe para dizer que Frederic tinha chegado à uma da tarde e saído logo antes da hora em que a sra. Velde deveria chegar.

(Havia anomalias no rosto de Clara quando você o via de frente. Visto de perfil, ele te levava a ficar tentando decidir qual dos mestres flamengos a teria pintado melhor.)

“Obrigada, Marta Elvia”, ela disse. “Estou com essa situação sob controle.”

Ela não devia estar tão segura disso, pois, naquela mesma noite, se vestindo para o jantar — um daqueles eventos formais anuais da empresa —, de pé diante do longo espelho do quarto, de repente se deu conta de que o anel tinha sido roubado. Ela o guardava na gaveta de cima da cômoda — destrancada, é claro. O lugarzinho dele era um pratinho que Jean-Claude lhe dera anos atrás. O jovem francês, o substituto temporário de Ithiel descuidadamente escolhido num momento de raiva, chamava o presente de um *vide-poches*. Na hora de dormir você esvaziava os bolsos nele. Era feito

para homens; as mulheres não usavam esse tipo de objeto; mas era uma das lembranças de que Clara não conseguia se desfazer — ela guardava bilhetinhos de dia dos namorados dos tempos da escola numa caixa, também. Olhou, é claro, no pratinho. O anel não estava lá. Não esperava que estivesse. Ela não esperava coisa alguma. Ela disse que a consciência repentina de que o anel tinha sido roubado tomou conta dela como se fosse a morte e que ela se sentiu como se um aspirador tivesse sugado toda a vida do seu corpo.

Wilder, já vestido para a festa, estava lendo um dos seus suspenses num canto onde a cauda do piano o escondia. Com o seu olhar rápido, seco e decidido, Clara foi até a cozinha, onde as crianças estavam jantando. Sob a influência de Gina, elas se comportavam tão bem à mesa. “Posso falar com você um minutinho?”, disse Clara, e Gina imediatamente se levantou e foi atrás dela até o quarto do casal. Ali, Clara fechou ambas as portas e, baixando a cabeça como examinasse os olhos de Gina: “Bom, Gina, alguma coisa aconteceu”, ela disse. “O meu anel sumiu.”

“A senhora quer dizer aquele de esmeralda que desapareceu e foi reencontrado? Ai, sra. Velde, sinto muito. Sumiu mesmo? Eu tenho certeza de que a senhora procurou. O sr. Velde ajudou?”

“Eu ainda não disse a ele.”

“Então vamos procurar juntas.”

“Vamos, sim. Mas fica sempre no mesmo lugar, neste quarto aqui. Naquela gaveta de cima embaixo das minhas meias-calças. Depois que eu achei de novo, tenho sido mais do que cuidadosa. E é claro que quero examinar o tapete felpudo. Eu quero rastejar e caçar esse anel. Mas eu ia ter que tirar esse vestido justo pra me ajoelhar. E o meu cabelo está arrumado pra sair.”

Gina, curvando-se, penteava o tapete perto da cômoda. Clara, calada, deixava que ela olhasse, encarando-a de cima, olhos superdilatados, boca severa. Ela disse, por fim: “Não adianta”. Tinha deixado Gina fazer de conta.

“Será que a senhora devia chamar a polícia pra prestar queixa?”



“Eu não vou fazer isso”, disse Clara. Ela não era boba de contar à moça sobre o seguro. “Quem sabe isso faz você se sentir melhor, sem a polícia por aqui.”

“Eu acho, sra. Velde, que a senhora devia ter trancado os seus bens de valor.”

“Na minha própria casa, eu não devia precisar.”

“Sim, mas também tem outras pessoas a se considerar.”

“Eu considero, Gina, que uma mulher tenha os seus direitos no próprio quarto... Cabe à *própria* mulher decidir quem entra. Eu deixei bem claro quais eram as regras da casa. Eu teria posto a mão no fogo por você, e você tem que pôr a mão no fogo pelo seu amigo.”

Gina estava abalada. As duas mulheres tremiam. Afinal de contas, pensou Clara, pode-se esboçar um ser humano com três ou quatro linhas, mas quando as órbitas estão vazias, quantidade nenhuma de engenhosidade pode preenchê-las. Nem as marrons dela, nem as minhas azuis.

“Eu entendo a senhora”, disse Gina com um ar de quem estava sendo humilhada pela mulher em cuja bondade confiava. “A senhora tem certeza de que o anel não está de novo simplesmente fora do lugar?”

“E você tem certeza?”, Clara respondeu. “E tente pensar no meu lado. Era um anel de noivado que eu ganhei de um homem que me amava. Não é só um objeto que vale x dólares. Também é um apoio pra minha vida, querida.” Ela estava a ponto de dizer que ele estava envolvido na própria compreensão que tivesse da existência, mas não queria que nenhum tipo de choro escapasse nem trair o medo do total descontrole. Ela disse, em vez disso: “O anel estava aqui ontem. E uma pessoa que eu não conheço andando pela casa e — por que não? — entrando no meu quarto...”.

“Por que a senhora não diz de uma vez?”, perguntou Gina.

“Eu teria que ser boba pra não dizer. Pra ser delicada demais pra uma coisa dessas, eu teria que ser uma imbecil. O Frederic esteve aqui a tarde toda. Ele tem um emprego em algum lugar?”

A menina não tinha resposta para isso.

“Você não sabe dizer. Mas não acredita que ele seja ladrão. Você não acha que ele fosse colocá-la nessa posição. E nem tente me dizer que ele está sendo acusado por causa da cor.”

“Eu não tentei. As pessoas *têm* má vontade com os haitianos.”

“É melhor você ir falar com ele. Se o anel está com ele, diga que tem que devolver. Eu quero que você me apareça com ele amanhã. A Marta Elvia pode ficar com as meninas se você tiver que sair à noite. Onde ele mora?”

“Na rua 128.”

“E um telefone? Você não pode ir até lá sozinha depois de escurecer. Nem à luz do dia. Não sozinha. E em que bares ele anda? Eu posso pedir pro marido da Antonia te levar de táxi... Agora o Wilder está descendo o corredor e eu tenho que ir.”

“Eu vou ficar aqui esperando o concierge.”

“Esperando a Marta Elvia. Eu vou falar com ela na saída. *Você* não roubaria, Gina. E a sra. Peralta está aqui há oito anos sem que uma colherinha de café tenha sumido.”

Mais tarde Clara descontou em si mesma: O que foi que eu fiz com aquela menina, como que lhe dando uma ordem de ir ao Harlem, onde ela pode ser estuprada ou assassinada, por causa da porra do meu anel, a parte mais podre da cidade no meio da noite podre, louca alucinada e (tudo se resume a isso) por causa do Ithiel, que torceu o nariz pra ideia de casar comigo vinte anos atrás! Uma pessoa de verdade entende como diminuir perdas, aprende a não deixar a sua vida inteira se enroscar até o fim num único desejo, porque por baixo de tudo isso está a escrotice desse único trauma. Quatro maridos e três filhas não me curaram do Ithiel. E finalmente essa esmeralda, esse mimo amoroso, sentimentalidade pessoal, me faz virar uma maníaca contra essa menina austríaca. Ela deve achar que eu estou rancorosa por causa da empolgação que é o romance dela com aquele papa-anjo nojento que a usou como disfarce para entrar na casa e agora vai deixar ela se virar com o roubo.

Apesar disso, Clara tinha convicções rígidas sobre responsabilidades domésticas e maternais. Ela já tinha ido longe demais ao permitir que Gina

trouxesse Frederic ao apartamento e infectasse tudo por ali, borrifando excitação sexual por toda parte. E, como agora se revelava, inclusive se envolvendo num crime. Um casinho nos EUA ficava muito bem para uma moça da Viena burguesa — como aquele coitado daquele hippie russo, aquele filho de um diplomata que se apaixonou pelo Mick Jagger. “Diga adeus ao Mick Jagger”, ele disse, embarcando no avião. Aquela cidade tinha virado o centro, o símbolo mundial da revolta adolescente.

No meio da noitada da empresa Clara foi atacada por uma das suas violentas enxaquecas, uma cabeça tão conspícua quanto a dela, que dominava toda uma mesa de jantar, afetava todo mundo quando começava a doer, de modo que todo o grupo se pôs de pé quando ela se levantou e saiu apressada. Os Velde foram direto para casa. Tomando um punhado de comprimidos da caixinha de remédios, Clara foi direto ao quarto de Gina. Para seu alívio, a menina estava lá, na cama. A luminária de leitura estava acesa, mas ela não estava lendo; estava apenas sentada, com as mãos pensativamente cruzadas.

“Que bom que você não foi até o Harlem!”

“Eu achei o Frederic pelo telefone. Ele estava com alguns dos nossos amigos da ONU.”

“E você vai encontrar com ele amanhã...?”

“Eu não mencionei o anel. Mas estou preparada pra me mudar. A senhora me disse que eu tinha que trazer o anel de volta ou ir embora.”

“Ir pra onde...!” Clara foi apanhada de surpresa. Em seguida tomou consciência do olhar castanho da menina, da sua excepcional fixidez. Lágrimas contidas estavam acabando com ela. “Mas se o Frederic devolver o anel você vai ficar.” Enquanto estava falando, Clara, com certa vergonha, reconheceu quanto soava estúpida. Era a camponesa hereditária que havia nela que estava dizendo essas coisas. O sujeito negaria o roubo, e, se no fim chegasse a admitir, ainda assim não ia devolver o anel. Nesse exato momento ele podia estar aceitando mil paus por ele. Essa gente vinha das favelas tropicais para ser mais esperta que Nova York e, com todas as regras

caindo por terra aqui como em toda parte, de modo que ninguém mais podia ter clareza mental sobre coisa alguma, eles podiam até conseguir.

De pé restavam apenas os direitos de propriedade. Com o assassinato em segundo lugar. Um anel roubado. Um corpo de que dar conta. Eram os únicos universais reconhecidos, e muito poucos outros podiam ser elencados. Então onde se encaixava o amor? O amor estava lá embaixo nas catacumbas, que eram as neuroses pessoais de mulheres como ela mesma.

Ela disse a Gina, como uma cripto apaixonada para outra: “O que você vai fazer?”.

Gina disse, mas sem ressentimento, nem uma insinuação de acusação na voz: “Isso eu não sei dizer. Eu só tive umas horas pra pensar. Tem uns lugares”.

Ela ia se mudar para a casa do seu haitiano, Clara adivinhou, de maneira bastante plausível. Mas isso não era dizível. Clara estava aprendendo a se furta. Você não podia *dizer* tudo. “Descubra o silêncio”, ela se instruía.

No dia seguinte ela correu para casa quando saiu do trabalho e encontrou Marta Elvia de babá. Clara já tinha entrado em contato com a agência, e uma moça nova vinha amanhã. O melhor que ela conseguiu fazer tão de repente. Lucy estava contrariada, como era de se prever, e Clara teve que levá-la de lado para explicações especiais. Ela disse: “A Gina teve que ir embora de repente. Era uma emergência. Ela não *quis* ir. Quando puder, ela vai voltar. Não é culpa *sua*”. Não havia como adivinhar quanto Lucy estava desnorteada. Ela era calada, estoica.

Clara tinha ensaiado aquilo ao telefone com o psiquiatra, o dr. Gladstone.

“Quando os pais trabalham”, ela disse para Lucy, “esses problemas às vezes aparecem.”

“Mas o papai não está trabalhando agora.”

Não me *diga*! Pensou Clara. Ele estava tentando sacar as próximas primárias em New Hampshire.

Assim que foi possível, ela foi ver o dr. Gladstone. Ele estava de saída para uma das suas férias e ia ficar três semanas fora. Eles tinham discutido essa ausência na consulta anterior. Na sala de espera, ela estudava as notas que tinha preparado: Onde está Gina? Como posso descobrir, rastrear? Proteger?

Ela admitiu para o dr. Gladstone que estava num estado de semi-histeria por causa do segundo desaparecimento, o roubo. Estava descobrindo que tinha chegado a embasar a sua estabilidade integralmente naquele anel. Uma tal dependência era amedrontadora. Ele perguntou como ela via isso, e como Ithiel figurava nisso tudo. Ela disse: “Os homens que eu encontro não parecem pessoas de verdade. Ninguém é ninguém de verdade. Pode ser que existam mais alguéms do que eu já pude ver. Eu não quero eliminar assim metade da espécie. E o desejo concentrado por tantos anos pode ter afetado o meu julgamento. Enfim, pra mim, o que é um homem parece ser algo definido pelo Ithiel. Além disso, eu sou a mais fiel amiga *dele*, e ele compreende isso e responde em termos emocionais”.

Involuntariamente Clara estava adotando o estilo do dr. Gladstone de dizer as coisas. Para si mesma, ela jamais diria “responde em termos emocionais”. Como as consultas eram curtas, ela falava esse jargão para poupar tempo, apesar do risco de declarações falsas. A esperança a levava até ali, ela não devia poupar esforços, mas, quando olhava, olhava com toda força para o dr. Gladstone, não conseguia justificar a confiança que lhe pediam que depositasse naquela barba de samurai, nos dentes expostos que ela emoldurava, nos grandes óculos da moda, na confiança frequentemente desprovida de bases que ele tinha na sua ciência. No entanto, seria necessário um ano quase inteiro para se familiarizar com um novo médico com as características fundamentais do caso dela. Estava presa a este aqui.

“E eu estou muito preocupada com a Gina. Como é que faço pra descobrir o que está acontecendo com ela? Será que eu contrato um detetive particular? Uma menina como aquela, sobreviver no Harlem hispânico? Nem pensar.”

“Uma proposição dispendiosa”, disse o dr. Gladstone. “Alguma alternativa em mente?”

“O Wilder não faz nada. *Ele* podia assumir o caso. Tipo seguir a menina, fazer um uso prático dos romances de suspense que ele já leu. Mas ele anda negociando com um bunda-mole inútil que quer concorrer à Casa Branca.”

“Vamos voltar ao roubo, se é que é um roubo.”

“*Tem* que ser. Eu não larguei no lugar errado de novo.”

“No entanto, isso te causou uma ansiedade diária. Por que ele ocupava um lugar tão grande dentro de você?”

“O que foi que eu lhe disse na última vez em que discutimos o assunto? Eu enganei a companhia de seguros e fiquei com o anel e o dinheiro. Dava pra chamar de crime de colarinho branco. Tudo se resumia à importância da minha esmeralda, mas eu jamais teria sido capaz de imaginar que ia ser tão traumático perder.”

“Eu posso sugerir uma coincidência”, disse o doutor. “Nesse momento ruim pra você, eu estou saindo de férias. O meu apoio vai ser removido. E o meu nome contém a palavra *pedra* em inglês. *Stone*. Será por isso que você está sentindo tanto essa perda?”

Atônita, ela o encarou mesmo, não de maneira adequada ou apropriada. Ela disse: “Você pode ser uma pedra, mas não preciosa”.

Quando voltou ao escritório ela telefonou para Ithiel, seu único conselheiro confiável, para discutir tudo aquilo.

“Eu queria que você estivesse pra vir a Nova York”, ela disse. “Antes eu ligava pro Steinsalz quando as coisas ficavam urgentes.”

“Ele foi uma grande perda pra mim também.”

“Ele se interessava tanto pelas pessoas. Desde que não pedissem dinheiro emprestado. Ele pagava um jantar, mas jamais emprestaria um centavo. Mas que sabia ouvir, isso ele sabia.”

“Pois, por acaso”, disse Ithiel (quando estava sendo metódico, um certo tom roufenho abemolado entrava na voz dele), “eu tenho um encontro pra um almoço na quinta-feira que vem em Nova York.”

“Digamos três e meia, então?”

O lugar normal pra eles se encontrarem era a catedral de São Patrício, perto do escritório de Clara, um lugar no centro e um abrigo quando o tempo estava ruim. “Como um esconderijo de agentes secretos”, Ithiel dizia. Eles saíram da catedral e foram direto ao Helmsley Palace. Um cantinho tranquilo do bar ainda estava disponível naquele horário. “Isto é por conta do meu Gold Card”, disse Clara. “Agora vejamos como está a sua aparência — algo entre um magnata espanhol e um menonita.”

Então, com executiva presteza, ela adiantou os fatos principais.

“Qual é a sua opinião a respeito desse Frederic: ladrão de ocasião ou profissional?”

“Acho que ele improvisa”, disse Clara. “Drogas? Provavelmente.”

“Você podia descobrir alguma coisa sobre a ficha policial dele, se é que ela existe. Aí perguntar sobre ela no Consulado austríaco. E não telefonar pros pais dela em Viena.”

“Eu sabia que ia ser um alívio conversar com você. Agora me diga... e sobre o anel?”

“Uma perda, eu diria. Apague da memória.”

“Acho que vou precisar mesmo. Eu me dei o direito de me mimar com ele, e olha só o problema que deu. Nada está certo. Por exemplo, esse bar luxuoso que não combina nem com você nem comigo. Nos meus verdadeiros sentimentos eu e você estamos tão nus quanto Adão e Eva. E eu também não estou sendo sugestiva. Não é uma sugestão erótica, só um símile.”

Uma conversa como essa, com uma insinuação de loucura, tinha o efeito de forçá-lo a ser franco. Ela podia vê-lo aplicando sua mente eficaz às dificuldades dela, como uma pessoa do lado de fora pressionando a testa contra a vidraça para ver o que está acontecendo.

Conforme ela via as coisas, ele estava contando que a Clara executiva vencesse a Clara subjetiva. Ela *de fato* tinha a habilidade de pôr a casa em ordem. Contudo a simpatia dele pela Clara subjetiva, pessoal, era muito forte. Considerando o tumulto dentro dela, maior, ela tinha se saído melhor que ele. Mesmo agora a vida dela era mais coerente que a dele.

“Por umas centenas de dólares, acho que você consegue descobrir onde a menina está. É fácil contratar um detetive.”

“Nem me diga! Eu consigo entender por que gente como o general Haig chama você pra analisar os iranianos ou os russos. Falando nisso, o Wilder achou que você estava ótimo na tevê com o Dobrynin, semana retrasada.”

Quando Ithiel sorria, seus dentes eram tão bons que você suspeitava da presença de um dentista de Hollywood, mas eram todos dele.

“O Dobrynin tem lá seu gênio, de um tipo vulgar. Ele convence os americanos de que os russos são exatamente como eles. Às vezes ele se comporta como se fosse o decano dos senadores de um quinquagésimo primeiro Estado, exclusivamente russo. Só um leve sotaque, mas os caras bem lá do sul também têm o deles. Ele convenceu o Gorbachóv completamente com isso, e o Gorbachóv está convencendo os EUA inteiros. Que imploram por ser convencidos. Enganados, se você preferir.”

“Como eu, de certa forma, quanto ao Par Humano.”

“Você se sente próxima daquela menina, pelo que eu estou vendo.”

“Muito próxima. Ia ser fácil pra você classificar a coitada como uma garotinha de boa família com uma atração por sexo vulgar. Parecida comigo. Você ia estar errado. Pena que você não pode ver a menina você mesmo. A sua opinião ia me interessar.”

“Então ela não é como você.”

“Eu certamente espero que não.” Clara fez um gesto, como quem diz, Apague este ambiente todo do Helmsley Palace e me escute. “Não esqueça as minhas duas tentativas de suicídio. Eu tenho uma colherada de alguma coisa louca na minha mistura, todo o meu sentido da...”

“Da vida...”

“Me escute. Você não tem ideia realmente de quanta loucura, nem do quanto está misturada com o resto nem de quanto território ela anexou. O território se estende até a morte. Quando eu estou bêbada de agitação — e isso é como estar bêbada —, tem uma pulsação em mim que pulsa no ritmo da morte, e ela me tenta a abraçar a morte. Ela me diz: Por que esperar! Quando eu sinto as coisas com essa intensidade, a existência não é capaz de



me deter. Esse é o lado de horror interno disso tudo. Eu estou aberta à sedução da morte. Agora você vai me lembrar que eu sou mãe de três filhas.

“Exatamente o que eu ia fazer.”

“Eu não diria isso pra mais ninguém no mundo. Você é o único ser humano em que confio plenamente. E você também não tem segredos pra mim. O que quer que você não tenha admitido eu vi por conta própria.”

“Certeza que viu, Clara.”

“Mas nós jamais vamos ser marido e mulher. Ah, você não precisa dizer nada. Você me ama, mas o resto é contraindicado. É um daqueles paradoxos desgraçados que a gente tem que esperar acabar. Pode até ser que exista um paralelo pra isso no seu campo, na política. A gente tem o poder de destruir um ao outro, e quem sabe a gente tenha até esse desejo, e a gente se mantém em permanente suspense... esperando. Isso não é louco, também? Você é que podia dizer para *mim*. Você que é o expert. Você vai escrever o livro dos livros sobre isso.”

“Agora você está me sacaneando.”

“Na verdade não, Ithiel. Se é o livro dos livros sobre o assunto, alguém tem que escrever. Você pode ser o cara certo, e eu não estou sacaneando. Pra *mim* é que ia ser engraçado. Pense numa grande odalisca, nua e bela. E agora pense nela de óculos escrevendo livros com uma prancheta no colo.”

Por sobre a mesa, eles riram brevemente um para o outro.

“Mas eu quero voltar à Gina”, disse Clara. “Você vai me achar um detetive confiável pra verificar esse Frederic, e todo o resto. E duvido que ela seja como eu, fora isso de correr riscos. Mas, quando eu disse pra ela que quem me deu o anel foi um homem que me amava, a ficha caiu completamente. O que não acrescentei foi que eu te apertei até você me dar o anel. Não negue. Eu te torci o braço. Depois sentimentalizei a história. Depois me dei conta de que você continuava a me amar *porque* nós não casamos. E agora o anel... A menina entende esse anel. A parte amorosa.”

Teddy estava inquieto, e olhava de lado. Ele não estava pronto, e talvez jamais estivesse pronto para ir além. Não, eles jamais seriam marido e mulher. Quando se levantaram para ir, eles se beijaram como amigos.

“Você vai me arranjar um detetive com um pouco de classe... o mínimo de pé-sujo?”

“Eu vou dizer pro sujeito passar no seu escritório, pra você poder dar uma olhada nele.”

“Você também precisa de umas providências”, disse Clara. “Aquele Francine te deixou num estado deplorável. Você está com aquela aparência pesada que tem quando está encarando problemas.”

“Era isso que queria dizer o menonita?”

“Tinha muito menonita em Indiana — Eu estou vendo que você não tinha encontrado nenhum em Nova York hoje, a não ser comigo.”

Em dez dias ela estava com o endereço de Gina — um quarto andar sem elevador na rua 128 Leste, aos cuidados de F. Vigneron. Tinha também um número de telefone. Ligar? Não, não queria falar com ela ainda. Aplicou o seu juízo executivo, e o conselho dessa fonte foi o de mandar um bilhete. No bilhete, ela escreveu que as crianças perguntavam o tempo todo por Gina. Lucy sentia falta dela. Mesmo assim, ela tinha feito bem à Lucy. Dava para ver a melhora. Havia muita mulher dentro daquela menininha, já visível. Então, falando por si mesma, ela disse que sentia muito ter sido tão dura sobre um assunto que não precisava vir à tona agora. Ela havia deixado poucas opções a Gina. Ela não teve escolha senão ir embora. O mistério era por que ela teria ido para “aquela região” da cidade quando outras escolhas eram possíveis. No entanto, Gina não lhe devia explicações. E Clara esperava que ela não sentisse que tinha que se afastar dela para sempre ou decidir que ela, Clara, era uma inimiga. Sendo tudo menos um juiz hostil, Clara respeitava o seu sentido de honra.

Se lhe pedissem referências no seu telefone mental cujo número não consta da lista, Clara, quando atendesse, teria dito sobre Gina: rosto suave, busto macio, olhar castanho de donzela burguesa, mas firme na hora da decisão. Absolutamente dez, de zero a dez.

Mas no bilhete que mandou a Gina ela prosseguiu, como uma senhora, uma matrona ajuizada, desejando-lhe tudo de bom, e concluiu: “Você devia

ter recebido algum aviso prévio e eu acho mais do que justo que o mês seja arredondado, assim, como não tenho toda a certeza de ter o endereço certo, vou deixar um envelope com Marta Elvia. Duzentos dólares em dinheiro”.

Frederic Vigneron a mandaria buscar o dinheiro, se ficasse sabendo.

Gottschalk, o detetive particular, fez o seu trabalho com responsabilidade; isso era como que o melhor que se podia dizer dele. Um espião que mal espiava com um olho só. E não usava muito os ouvidos também. Ainda assim, ele ao menos conseguiu as informações que ela solicitou. Ele disse, a respeito do prédio no East Harlem: “É claro que a prefeitura não pode sair por aí condenando todos os mocós que eles deviam condenar, ou ia ter muito mais gente na rua dormindo no terminal do West Side. Mas eu é que não ia querer nenhuma sobrinha minha morando lá”.

Tendo feito o que podia, você segue em frente com a vida: banho e talco de manhã, lingerie e meias-calças, escolher saia e blusa para o dia, maquiagem para o escritório, pegar o jornal e, se Wilder estivesse dormindo ainda (o que era normal), moer o café e, enquanto a água goteja, virar profissionalmente as páginas do *Times*. Para todo um elenco de revistas de propriedade de um grupo editorial, ela era a senhora que zelava pelos assuntos femininos. Quase influente demais para ter uma vida pessoal, como ela às vezes observava para Ms. Wong. Bem alto na estrutura do poder, você pode ser liberada de ter essa vida pessoal, “um direito que um monte de gente exerce feliz”.

Ninguém veio pegar o envelope de dinheiro. As instruções de Marta Elvia eram de dá-lo somente a Gina. Depois de um período de agudo interesse, Clara parou de perguntar por ele. Gottschalk, pouco ocupado, mandava um memorando de vez em quando: “Status quo inalterado”. Para combinar com o latim dele, Clara deduziu que Gina tinha encontrado um *modus vivendi* com o seu jovem haitiano. Três semanas, semana a semana, amansaram Clara. Você só pode dizer que está esperando se há algo definido por que esperar. Durante esse tempo muitas vezes pareceu que não havia nada. E, “Eu nunca me sinto tão mal como quando a vida que eu levo

deixa de ser singular... quando podia ser a vida de qualquer um”, ela disse a Laura Wong.

Mas, voltando pra casa uma tarde depois de uma consulta com o dr. Gladstone (as coisas andavam tão mal que ela estava indo regularmente de novo), ela entrou no seu quarto para descansar uma horinha antes de as meninas voltarem da aula de balé. Tinha derrubado os sapatos e estava se arrastando para os travesseiros, boca aberta na cegueira da fadiga, rendendo-se ao pior dos sentimentos, quando viu que o seu anel tinha sido colocado no criado-mudo. Estava instalado sobre um lenço, um objeto novo, de uma boa loja. Ela enfiou o anel e se atirou para o telefone do outro lado da cama, velozmente martelando o número de Marta Elvia.

“Marta Elvia”, ela disse, “esteve alguém aqui hoje? Alguém veio deixar uma coisa para mim?” Quinze anos nos EUA e a mulher ainda falava inglês pela metade. “Escute”, disse Clara. “Por acaso a Gina veio aqui hoje? Você ou qualquer outra pessoa deixou a Gina entrar no apartamento?... Não? Mas alguém entrou, e a Gina deixou as chaves da casa quando foi embora... É claro que ela pode ter feito uma cópia — ela ou o namorado... Claro que eu devia ter trocado a fechadura... Não, nada roubado. Pelo contrário, a pessoa devolveu uma coisa. Que bom que não troquei a fechadura.”

Agora Marta Elvia estava contrariada porque alguém de fora tinha conseguido entrar. A segurança naquele prédio era de cem por cento. Ela estava mandando o marido subir para se certificar de que a porta não tinha sido forçada.

“Não, não!”, disse Clara. “Não houve entrada ilegal. Que ideia maluca!”

As suas próprias ideias naquele momento não eram menos malucas. Ela ligou para o número de Gina no East Harlem. Quem atendeu foi uma secretária eletrônica, de onde saía a voz de Frederic, cujo charme francês era ofensivo. (Clara não gostava mesmo daqueles aparelhos e o seu preconceito se estendia ao som do sinal — nesse caso, um guincho suíno.) “Aqui é a sra. Wilder Velde, procurando pela srta. Wegman.” Na medida em que Gina houvesse prevalecido sobre ele por meios razoáveis, Clara estava

pronta a rever as suas opiniões sobre Frederic também. (Na sua escala de zero a dez, ela podia promovê-lo de menos de zero para um.)

A seguir Clara ligou para Gottschalk e deixou no gravador dele uma mensagem que pedia que retornasse a ligação. Ela então tentou Laura Wong, e finalmente Wilder em New Hampshire. Era época de primárias por lá; o candidato dele estava correndo como retardatário, e não se podia esperar que Wilder estivesse no quarto do hotel. Ithiel estava na América Central. Não havia com quem compartilhar a redescoberta do anel. As luzes mais fortes da casa eram as do banheiro, e ela foi acendê-las, apertando-se contra a pia para examinar a pedra e a incrustação, certificando-se de que os pequenos diamantes estavam todos lá. Como a sra. Peralta tinha vindo naquele dia, ela tentou o número dela — tinha uma necessidade desesperada de falar com alguém — E dessa vez acabou tendo sucesso. “Alguém entrou na casa hoje?”

“Só entregas, pelo elevador de serviço.”

Durante essa insatisfatória conversa Clara pôde ver-se no espelho do corredor — uma mulher ossuda, não jovem, loura mas não clara, emaciada, rosto comprido, bochecha escavada, sem comemorar, e apertando a mão com o anel sob o braço que segurava o telefone. Os olhos grandes doíam, e tinham uma aparência condizente. Sentindo-se tão bem, por que ela parecia tão mal? Mas e por acaso ela pensava que recuperar o anel a deixaria jovem?

O que ela acreditava — e era mais do que uma crença; havia triunfo nela — era que Gina Wegman tinha entrado no quarto e colocado o anel no criado-mudo.

E como Gina tinha conseguido o anel, o que ela teve que prometer, ou sacrificar, ou pagar? Talvez os pais dela tivessem mandado dinheiro de Viena. Suponhamos que o seu único propósito durante quatro meses tenha sido essa restituição, e que a menina tenha cumprido a sua pena no East Harlem só por esse motivo? Ocorreu a Clara que, se Gina tivesse roubado a

esmeralda de Frederic e fugido, deixar uma mensagem na secretária dele tinha sido um erro grave. Ele podia juntar todas as peças e ir armado atrás de Gina. Havia até um detetive particular nessa trama que fermentava rápido. A não ser pelo fato de que Gottschalk não era nenhum Philip Marlowe num conto de Raymond Chandler. Mesmo assim, era um detetive, pelo menos. Ele deve ter um porte de armas. E todo mundo se ligava nesses canais de melodramas psicopatas que jorravam sangue, ou tinta de dedos para crianças, ou sangue que gente ingênua tomava por tinta de crianças. Imaginar (ou esperar) que Gottschalk matasse Frederic num tiroteio era tão bizarro que ajudou Clara a se acalmar.

Quando recebeu Gottschalk no escritório no dia seguinte, ela estava usando o anel e mostrou-o a ele. Ele disse: “É um objeto de alto valor. Espero que a senhora não use transporte público para vir trabalhar”. Ela lhe lançou um olhar de desdém. Havia um serviço de valetes. Ele não parecia entender a altura da posição dela na estrutura executiva. Mas ele disse: “Tem gente nas mais altas posições que insiste em usar o metrô. Eu podia lhe dar o nome de uma senhora da Wall Street que vai trabalhar disfarçada de mendiga pra nem valer a pena assaltarem ela”.

“Eu acho que Gina Wegman entrou no meu apartamento ontem e deixou a esmeralda do lado da minha cama.”

“Deve de ter sido ela.”

A observação pessoal de Gottschalk era que a sra. Velde tinha passado a noite em claro.

“Não pode ter sido o *sujeito*”, ela disse. “Qual é a sua conclusão profissional sobre ele?”

“Criminoso casual. Sem muque pro crime de rua.”

“Ela não casou com ele, casou?”

“Eu posso verificar. Meu palpite é que não.”

“O que o senhor pode descobrir para mim é se ela ainda está na rua 128. Se ela passou a mão no anel e trouxe de volta, ele pode fazer mal a ela.”

“Bom, madame, ele andou em cana umas vezes por umas bobagens. Ele não ia fazer nada de grave.” Frederic tinha sido uma daquelas pessoas dos

barcos uns anos atrás, um dos que tiveram a sorte de conseguir chegar à Flórida. Isso, Clara já sabia.

“Depois de roubar o anel da senhora, ele nem sabia como passar pra frente.”

Clara disse: “Eu preciso descobrir onde ela está morando. Tenho que ver a menina. Pôr as mãos nela. Eu pago um extra — dentro dos limites da razão”.

“Mandar ela pra sua casa?”

“Isso podia ser constrangedor pra ela — as meninas, a sra. Peralta, o meu marido. Diga que quero almoçar com ela. Pergunte se ela recebeu o meu bilhete.”

“Deixa comigo.”

“Rápido. Eu não quero que isso fique se arrastando.”

“Prioridade máxima”, disse Gottschalk.

Ela contava que o escritório o impressionasse, e estava contente agora por ter pagado as contas dele sem pestanejar. Por se manter nas graças dele, cuidando, por todos os lados, de ser uma cliente desejável. Quanto a Gottschalk, ele era exatamente o que ela tinha encomendado a Ithiel: o mínimo de pé-sujo. Não muito mais.

“Eu gostaria de um relatório do progresso da operação até sexta-feira”, ela disse.

Naquela tarde Clara encontrou Ms. Wong. Disposta a falar. E, com o gesto de uma mulher que acaba de noivar, ela estendeu a mão, dizendo: “Eis o anel. Eu pensei que tinha ido pras cucuias pra sempre. Está começando a virar um objeto de conto de fadas. Comigo ele tem tido aquele efeito engraçado daqueles filmes trucados que eles passam pras crianças: primeiro um prédio implodido. Eles mostram caindo. Depois eles passam ao contrário em câmera lenta, e ele se remonta de novo”.

“Tudo isso graças a um anel mágico?”, disse Ms. Wong.

Ocorreu a Clara que Laura também era uma mulher misteriosa. Era exótica externamente, mas perfeitamente convencional no que dizia. Enquanto você falava com o coração comovido, ela continuaria

acompanhando com murmúrios. Se você viesse e lhe dissesse que ia se matar, o que ela faria? Provavelmente nada. Mas a gente precisa falar.

“Eu não posso dizer o estado em que estou”, disse Clara, “se eu sou pré-dinamite ou pós-dinamite. Não acho que eu esteja com cara de demolida...”

“Lógico que não.”

“E, no entanto, estou me sentindo como se alguma coisa tivesse desmoronado. As coisas mudaram. A Gina, por exemplo, era uma menina que eu recebi em casa pra ajudar com as crianças. Muito pouco foi dito. Eu não pensava grandes coisas do romance caribenho dela, ou experimento sexual caribenho. Só mais um caso de se estar à deriva entre culturas que se despedaçam — estou soando como o Ithiel agora, e eu realmente não boto tanta fé nessa coisa das culturas despedaçadas: estou começando a ver isso tudo pelo contrário como o trajeto da vida sem a influência da alma. Partes essenciais das pessoas sendo perdidas ou desaparecendo na multidão — não me peça pra ser específica; eu não posso. Os detalhes passam sempre voando por mim. Mas o que eu estava começando a dizer era como cheguei a amar aquela menina. Exatamente como ela de imediato entendeu a Lucy, o quanto a Lucy era carente, num minuto ela também compreendeu todo o significado desse anel. E com a decisão de me devolver o anel ela saiu de casa. Já se mudar pro East Harlem...”

“Se a família dela em Viena tivesse ideia...”

“Eu pretendo fazer alguma coisa por ela. Ela é uma moça especial. Certamente vou fazer alguma coisa. Eu tenho que pensar no que podia ser. Agora, não espero que ela me descreva tudo que passou, e eu não pretendo perguntar. Tem coisas que eu não ia querer que ninguém me perguntasse”, disse Clara. Clifford, em Attica, estava na sua cabeça. Em geral, ela mantinha esse assunto deliberadamente distante, mas quando pressionada podia recuperar bastante coisa da sua memória.

“Você tem alguma noção...?”, perguntou Laura Wong.

“Quanto a ela, ainda não, não até eu falar com ela. Quanto a mim, no entanto, de fato tenho umas opiniões diferentes por conta disso tudo. Perder e recuperar esse anel duas vezes é um sinal, uma mensagem. Eu me vejo



forçada a interpretar. Por exemplo, quando a Francine veio com um caminhão e esvaziou a casa do Ithiel —, aquela mulher é quase tão humana quanto um desentupidor de privadas! — o Ithiel não veio a mim. Ele não chegou e disse: ‘Você é infeliz com o Wilder. E, juntos, nós tivemos sete casamentos. Agora, será que você e eu não devíamos...?’.”

“Clara, você não teria feito uma coisa dessas?”, disse Laura. Ao menos uma vez, a voz dela era mais real. Clara ficou espantada com a diferença.

“Eu *podia* ter feito, sim. Até aqui só foi mudança e mudança e mudança. Existe a mudança que dá prazer, a que cresce, e existe a dinâmica da... ah, não sei. Talvez do poder. Não existe um ponto de repouso? Será que a dinâmica nunca libera a gente? Eu sentia que o Ithiel podia ser um ponto de repouso. Ou eu pra ele. Mas isso era simplesmente esdrúxulo. Eu tenho uma personalidade antirrepouso. Acho que existe um excesso de uma discórdia básica em mim.”

“Portanto, o anel representava uma esperança em Teddy Regler”, disse Laura Wong.

“A única exceção. O Teddy. Uma exceção repetidamente confirmada. Deve haver outras, mas eu nunca topei com elas.”

“E você acha...?”

“Que ele um dia vai atingir a meta dele? Não sei dizer. Ele não sabe, também. O que ele diz é que nenhum historiador treinado jamais vai conseguir, só uma pessoa singular com um olhar singular. Olhando o século com o seu olho singular nato, com um gênio pra observação política: é mais ou menos assim que ele coloca, e quem sabe ele tome as rédeas um dia e faça uma análise geral do século, a análise geral das análises gerais. Quanto a mim”, disse Clara, “eu tenho as meninas, talvez com o Wilder incluído como quarto filho. O último foi impossível. O que eu mais queria agora era uma vida tranquila.”

“O ponto de repouso?”

“Não, eu não espero tanto. Uma vida tranquila em vez do ponto de repouso. O ponto de repouso podia ter sido com o Ithiel. Eu tenho que me acomodar com o que posso ter — noites calmas. Que reine, então, uma

atmosfera de convento, quando as crianças já foram pra cama e eu posso tirar os telefones do gancho e me concentrar em Yeats ou alguém assim. Pra não ser ambiciosa demais; era só a gente conseguir se livrar dos nossos fantasmas — eles são como pacientes indo e voltando pra um hospital psiquiátrico. Pra resumir, era só eu me haver com a minha personalidade antirrepouso.”

“Portanto, durante todos estes anos você nunca desistiu de esperar que Teddy Regler e você...”

“Pudéssemos construir uma vida juntos, no fim...?”, completou Clara. Algo fez que ela hesitasse. Como sempre faziam em situações problemáticas, os olhos dela se desviaram para o lado, procurando uma saída, e a boca de menina caipira estava aberta, mas calada.

Na Madison Avenue, caminhando para o bairro, Clara estava pensando, dizendo a si mesma com os seus muxoxos de contralto: Isso é *totalmente* despropositado. Não há limite, então? Ela queria que eu dissesse que o Ithiel e eu estávamos acabados, pra ela poder investir os próprios esforços nele. Todo mundo se sente livre pra imaginar o que bem quer, e eu inflei o Ithiel até ele se tornar desejável demais pra ela poder resistir, e há quanto tempo aquela vaquinha anda sonhando em ficar com ele! Nem pensar! Clara estava brava, mas também estava rindo disso tudo. É assim que escolho amigas, é assim que escolho amantes, assim que escolho maridos e bancos e contadores e psiquiatras e pastores, e assim por diante até o fim. E bem agora eu perco a minha principal confidente. Mas tenho que largar dela bem devagar, porque se eu cortar relações ela está em posição de me atingir com o Wilder. Tem também a companhia de seguros, lembre, a verdadeira proprietária deste anel. Além disso, ela é tão competente em termos profissionais. A gente ainda precisa dos desenhos dela.

Enquanto isso, ela tinha em mente uma ação excepcional, generosa.

Do seu escritório, no dia seguinte, na sua linha particular, ela teve uma conversa preliminar com Ithiel, que acabava de voltar da América Central, a respeito do assunto. Claro que ela não podia lhe contar qual era o seu objetivo. Começou descrevendo a devolução do anel, com todas as

estranhas circunstâncias. “Agora mesmo estou olhando pra ele. Usando o anel, eu não me sinto especialmente mocinha. Eu estou mais como que contemplando.”

Ela podia ver Ithiel avaliando esse novo estágio, comparando a Clara contemplativa com a Clara que um dia lhe meteu as unhas compridas no antebraço e deixou cicatrizes que ele podia ter mostrado ao general Haig ou a Henry Kissinger se quisesse enfatizar alguma declaração a respeito de violência. Ele tinha um belo senso de humor, o Ithiel. Ele gostava de contar como, num banheiro masculino na Casa Branca, o sr. Armand Hammer estava urinando bem ao lado dele, e sobre a discussão que eles tiveram a respeito das intenções soviéticas entre abrirem e fecharem os zíperes.

Ou lembrando a Clara passional, ou a Clara que queria que eles fossem enterrados lado a lado ou até na mesma cova. Isso tinha recentemente começado a diverti-lo.

Do seu escritório de Nova York, ela continuava falando. Até aqui ele tivera pouco a dizer além de lhe dar parabéns pela recuperação desse grande símbolo, a esmeralda de Madison Hamilton. “Essa Gina é uma moça especial, Ithiel”, ela dizia. “Você podia esperar um comportamento como esse de uma siciliana ou de uma espanhola, e também não de uma contemporânea, mas de uma personagem romântica de Stendhal — alguém do tipo dos Poucos Escolhidos, ou uma moça da Renascença Italiana numa daquelas crônicas venezianas que os elisabetanos saquearam.”

“Não o que você podia esperar da Viena de Kurt Waldheim”, ele disse.

“Exato. E uma jovem dessa qualidade não devia cuidar de crianças em Nova York — Deuseodiabolândia. Agora, o que eu quero sugerir é que ela vá pra Washington.”

“E você quer que eu ache um emprego pra ela?”

“Isso não ia ser fácil. Ela tem visto de estudante, não de residência. Preciso tirar ela daqui.”

“Salvar do haitiano. Entendi. Mas talvez ela não queira ser salva.”

“Eu vou ter que descobrir o que ela acha. O meu palpite é que o episódio haitiano acabou e que ela está pronta pra uma educação mais elevada...”

“E é aí que eu entro, não é?”

“Não seja leviano sobre isso comigo. Eu estou te pedindo pra me levar a sério. Lembre o que você me disse há não muito tempo sobre a minha lógica moral, elaborada sob as minhas próprias premissas femininas e com a minha própria energia... Agora, eu nunca soube que você ficasse de gracinha sobre qualquer assunto sério.”

Ela tinha sido centrada, unificada, concentrada, revigorada, orientada pela descrição que ele tinha feito dela, e não podia deixar que ele retirasse qualquer parcela do que tinha dito.

“Eu só falei o que achei que era verdade. Anos de observação pra sustentar essa opinião. Por acaso ela quer vir pra Washington?”

“Bom, Ithiel, eu não tive uma oportunidade de perguntar. Mas... pra você poder me entender, eu desenvolvi uma adoração por essa menina. Eu examinei minuciosamente cada aspecto do que provavelmente ocorreu, e acho que o sujeito roubou o anel porque a relação deles estava chegando ao fim. O caso estava com as horas contadas. Então ele a tornou cúmplice do roubo e ela foi com ele só pra pegar a minha esmeralda de volta.”

Ithiel disse: “E por que é que você acredita nessa... nessa hipótese sua — que ela estava cheia dele, e ele era tão ardiloso assim, e ela tinha um sentido de honra tão grande, ou de responsabilidade? Isso tudo me soa mais parecido com *você* do que com qualquer amostra da população em geral”.

“Mas o que eu estou te dizendo”, ela disse com ênfase especial, “é que a Gina não é uma amostra da população em geral, e que eu adoro a menina.”

“E você quer que a gente se conheça. E ela vai ficar debaixo da minha asa. Ela vai se apaixonar por mim. Pra eu e você podermos nos multiplicar. Ela vai ser uma de nós. E ela e eu vamos estimar muito um ao outro e você vai ter o conforto de me ver em mãos seguras, e isso vai ser a sua bênção derramada sobre nós dois.”

“Teddy, você está me sacaneando”, ela disse, mas sabia perfeitamente bem que ele não estava, não era ali que caía o acento, e que a interpretação dele estava mais ou menos correta, até onde foi.

“Nós nunca vamos conseguir livrar um ao outro dos problemas”, disse Ithiel, “Não da quantidade de problemas que a gente arranhou. E nem isso é tão excepcional assim. E nós todos sabemos o que esperar. Só uns poucos rebeldes continuam lutando. E é de você que eu estou falando. Eu gosto de pensar que me sinto em casa com o que é real. A sua ideia do que seja real é diferente da minha. Talvez seja mais profunda que a minha. Agora, se a sua mocinha tem lá as suas próprias razões pra se mudar aqui pra Washington, vou ter prazer em me encontrar com ela, em nome da nossa relação, e conversar com ela. Mas o tipo de combinação que é ideal pras suas filhinhas — escola de teatro, festinhas e professores atenciosos — não pode se estender ao resto de nós.”

“Ah, Teddy, eu não sou tão boba quanto você acha”, Clara disse.

Depois dessa conversa, ela rabiscou um bloco de notas para tentar resumir o ponto de vista básico de Ithiel: O que nós supomos dos motivos dos outros é tão circunscrito, a nossa compreensão do universo e das suas forças é tão falsa que quanto mais nós, mais mágoas acabamos causando. Ela sabia perfeitamente bem que esse rascunho, como todos os outros, ia desaparecer. Ela ia se perguntar: “O que eu estava pensando depois da minha conversa com o Teddy?”, e nunca mais ia ver aquele papel.

Agora ela precisava marcar um encontro com Gina Wegman, e isso acabou se revelando uma coisa difícil. Ela jamais teria previsto que seria tão duro. Ela repetidamente ligava para Gottschalk, que dizia estar em contato com Gina. Ele na verdade ainda não tinha visto a moça. Ele agora tinha um número de telefone dela localizado mais no centro da cidade e às vezes conseguia falar com ela. “O senhor já falou que eu queria me encontrar com ela?”, disse Clara. Ela pensava, É vergonha. A coitadinha está com vergonha.

“Ela disse que estava extremamente ocupada, e eu acho que tem um plano de ela ir pra casa.”

“Pra Áustria?”

“Ela fala inglês direitinho, só que eu não tenho conseguido uma linha muito boa.”

Grosseiramente, Clara resmungou que se ele limpasse os óculos podia ver melhor. Além disso, para aumentar a sua importância e os seus preços, ele estava escondendo informação dela — ou fingindo ter mais informação do que de fato tinha. “Se o senhor me der o número, posso tentar ligar direto pra ela”, Clara disse. “Agora, o rapaz está com ela, aí no centro da cidade?”

“Eu não diria não. Acho que ela está com amigos, parentes, e eu acho que ela vai voltar para Viena logo, logo. Vou dar o número dela pra senhora, mas, antes de a senhora ligar, me dê umas horas a mais pra eu conseguir umas informações suplementares pra senhora.”

“Ótimo”, disse Clara, e, assim que Gottschalk liberou a linha, ela ligou para Gina. Ela atendeu na primeira tentativa. Mais simples impossível.

“Ah, sra. Velde. Eu estava querendo ligar pra senhora”, disse Gina. “Eu fiquei um pouco intimidada com aquele sr. Gottschalk. Ele é detetive, e eu fiquei preocupada com a sua atitude, que a senhora estivesse pensando que era caso de polícia.”

“Ele está longe de ser da polícia, é estritamente particular. Eu precisava descobrir. Eu jamais teria ameaçado. Queria saber onde você estava. O sujeito é um tapado. Nem ligue pra ele. É verdade, Gina, que você está indo pra Viena?”

A moça disse: “Hoje à noite, Lufthansa. Via Munique”.

“Sem me ver? Mas... isso não é possível. Eu devo ter deixado você brava. Mas não é raiva que eu sinto de você; muito pelo contrário. E a gente tem que se ver antes de você ir. Você deve estar correndo com aquelas coisas de última hora.” Horrorizada por estar perdendo a garota e dilatada pelo calor e pelo fôlego, com o coração inchando de repente, ela mal conseguia falar por causa do nó de emoções na garganta. “Você não consegue me arranjar um tempinho, Gina? Tem tanta coisa a se esclarecer, tanta coisa entre nós. Por que a pressa em voltar pra casa?”

“E eu gostaria muito de ver a senhora, sra. Velde. A pressa é o meu noivado e o meu casamento.”

Clara chutou: Está grávida. “Você vai se casar com o Frederic?”, ela perguntou. Era uma questão pesada, quase uma prece: Não deixeis ela ser tão louca assim. Gina não estava preparada para responder. Parecia estar considerando. Mas de imediato ela disse: “Nesse caso eu não teria que ir pra Viena. O meu noivo é um homem do banco do meu pai”.

Explicar-se ou não, essa deve ter sido a questão. Explicações, na opinião de Clara, eram devidas. Gina estivera vacilante, mas, agora concordava, decidiu ver Clara afinal. Sim, iria vê-la. “Uns amigos vão me oferecer um bota-fora. É na Madison, na altura das ruas Setenta. Quem sabe uma meia horinha antes disso?... Lá do seu jeito, a senhora *foi* muito boa”, Clara ouviu a menina dizer.

“Que seja no Westbury, então. Quando? Às quatro horas.”

Boa, do meu jeito... Como assim? Ela acha que eu fui grossa. Mas essas questões marginais podiam ser resolvidas depois. Nesse preciso momento era a consulta de Clara com o dr. Gladstone que devia ser cancelada. Já que ela teria que ser paga de um jeito ou de outro, ele teria uma hora para se dedicar a profundos pensamentos analíticos, ponderar problemas de identidade, Clara se disse com mais do que um pinga de ódio. Será que alguém era alguém? Como é que um sujeito como o Gladstone haveria de saber! Encanadores: era assim que Ithiel se referia a esses tipos como Gladstone. Ele gostava de lembrar a ela que tinha largado a análise porque ninguém era capaz de lhe dizer o que era necessário para ser Ithiel Regler. Isso soava altivo, mas na verdade era a única coisa razoável. Era a verdade e nada mais. Aplicava-se igualmente a ela.

Que ela estivesse tão firme e assertiva era estranho, já que estava num frenesi, tentando regular um vazamento de emoções misturadas e sujas. No táxi — um dos dez mil carros que rastejavam para os bairros residenciais — ela reclinou o pescoço comprido para liberá-lo do peso da cabeça e controlar a loucura das suas ideias, ameaçadas pelo pânico. Esses engarrafamentos na Madison Avenue, essas turbas absolutamente desnecessárias, os carros que não tinham que estar ali, levando compradores à toa ou velhos sem nenhum propósito urgente, a não ser romper o seu

confinamento ou sair para ralar com alguém. Clara estava sufocada por esse congestionamento e esse atraso. Ela mentalmente explodia motores, descia nas esquinas e arrancava semáforos com uma força pavorosa. Cinco dos trinta minutos que Gina podia lhe dar já tinham descido pelo ralo. A duas quadras do Westbury, ela não conseguiu mais suportar o trânsito, desceu e foi trotando o resto do caminho, com os joelhos roçando por dentro como faziam sempre que ela estava apressada.

Ela passou pela porta giratória de quatro folhas para o saguão e lá estava Gina Wegman, que acabava de levantar da cadeira alta, e como estava linda a menina com o seu brilhante chapéu redondo de palha preta com um meio véu derrubado sobre a linha do nariz. Ela certamente não estava arrumada para parecer contrita, com um vestido que lhe exibia o busto e as linhas cheias do quadril. Por outro lado, não estava desafiadora também. Vivaz, sim, e brilhante também. Ela se aproximou de Clara com um gesto afetoso de modo que, quando se beijaram no rosto, Clara compreendeu uma parte do que um homem passional podia sentir por uma menina como aquela.

Clara, enquanto culpava a hora do rush pelo atraso, ficou no mesmo instante insatisfeita com o vestido que tinha escolhido para aquele dia — aquelas florezonas eram um engano, um equívoco, e deviam ficar no seu armário das más ideias.

Elas se sentaram no salão de coquetel. Imediatamente um daqueles sufocantes garçons nova-iorquinos estava em cima delas. Clara não perdeu tempo com ele. Pediu um Campari e, enquanto ele anotava as bebidas, ela disse: “Traga e aí não incomode mais; a gente tem muito terreno a percorrer”. Então ela se inclinou na direção de Gina — duas cabeças de cabelo fino, cada uma com seu padrão distintivo. A garota ergueu o véu. “Agora, Gina.... diga”, disse Clara.

“O anel fica lindo na sua mão. Eu fico feliz de ver que ele está aí.”

Sem ser mais a *au pair* que esperava que lhe dirigissem a palavra, ela se portava como uma pessoa diferente — de igual para igual, nada mais e nada menos. Era uma grande coisa o que ela tinha feito na América.

“Como você entrou na casa?”



“Onde a senhora encontrou o anel?”, perguntou Gina.

“O que você quer *dizer* com isso?”, Clara queria saber. Na sua surpresa, ela teve uma recaída e adotou o tom brusco e simplório de menina caipira cheia de desafio e de suspeita. “Estava no meu criado-mudo.”

“Ah. Muito bem, então”, disse Gina.

“Uma coisa que faz eu me sentir terrível é a tarefa dura que eu te dei. Praticamente impossível”, disse Clara. “A alternativa seria entregar o caso à polícia. Eu imagino que a essa altura você já saiba que o Frederic tem ficha na polícia — nenhum crime sério, mas eles já puseram o rapaz na ilha Rikers e no presídio do Bronx. Isso teria criado problemas, um inquérito teria sido duro com você, e eu não faria uma coisa dessas.” Ela baixou as mãos para as pernas e sentiu a impressionante proeminência dos músculos nos joelhos.

Gina não parecia constrangida por essa menção à ilha Rikers. Ela certamente tinha tomado a decisão de não se constranger.

Clara jamais descobriria de que se tratava o seu caso com Frederic. Gina não foi além de reconhecer que o seu namorado tinha levado o anel. “Ele disse que estava andando à toa pelo apartamento...” Imagine só, um sujeito como aquele, tarado e cleptomaniaco, à solta na casa dela! “Ele viu o anel e aí enfiou no bolso, sem nem pensar. Eu disse que o anel tinha sido dado por alguém que a senhora amava, que amava a senhora”, então ela definitivamente entendia *mesmo* a parte do amor, “e eu me sentia responsável porque fui eu que levei o Frederic pra sua casa.”

“Isso derrubou o queixo dele, eu imagino.”

“Ele disse que as pessoas da Park Avenue não entendiam coisa nenhuma. Elas não gostavam de encrenca e confiavam na segurança pra se proteger. Depois que você passava pelo aparato de segurança no saguão, ora, elas eram indefesas que nem uns pintinhos. Sorte delas se não fossem assassinadas. Nenhuma ideia de como se defender.”

O olhar de Clara era límpido e sóbrio. O nariz erguido acrescentava secura à sua aparência. Ela disse: “Eu tenho que concordar. Na minha própria casa eu não achava que tivesse que trancar os bens de valor. Mas ele

pode estar certo sobre a Park Avenue. É uma classe de pessoas que não querem pensar e não conseguem admitir. Então foi sorte que não tenha sido alguém mais perverso que o Frederic que conseguiu entrar. Quem sabe os haitianos sejam mais tranquilos que alguns outros no Harlem ou no Bronx.”

“Que a sua classe de gente da Park Avenue?”

“Isso”, disse Clara. Ela parecia novamente olhuda, pensando sombriamente: Meu Deus, o que hão de enfrentar as minhas meninas! “Imagino que eu deva agradecer ao sujeito por só ter roubado.”

“A gente não tem tempo pra discutir esse lado da questão”, disse Gina.

Aqueles minutos no bar pareciam estar transcorrendo de acordo com o plano deliberado de Gina. Frederic não estava em discussão. Repentinamente o impulso de Clara foi cair com tudo sobre Gina. Ora, ela era como a mulher carnal no livro dos Provérbios que come e bebe e apaga todos os sinais de luxúria com o guardanapo. Mas ela não conseguia sustentar esse impulso crítico. Quem seria capaz de dizer como a garota tinha sido tragada e como tinha conseguido, ou o que ela teve que fazer para recuperar o anel de um cara desses. Eu lhe *devo* isso. Além disso, com as crianças ela era digna de confiança. Pois, então, o que estamos vendo aqui? Há certo orgulho nessa Gina. Ela enfrentou a cena nova-iorquina, uma jovem vienense da classe alta. Há *de fato* certa vanglória ressoando. É falso aplicar-lhe o figurino da mulher carnal. Não sejamos tão Velho Testamento. O meu cartão de natal regulamentar do presídio continua chegando. Antes de casar com esse homem do banco do papai, a menina devia a si mesma alguma diversão, e Deuseodiabolândia é o lugar ideal para isso. O dr. Gladstone podia ter feito notar que as ideias de Clara estavam assumindo tonalidades hostis — com inveja da juventude, talvez. Ela não achava. Ninguém, mas ninguém, é capaz de resistir às tentações modernas. (Tente imprimir as suas próprias cédulas e veja quanto oferecem por elas.) Ela ainda sentia que a sua afeição pela menina não era em vão. “Você tem certeza de que quer pegar esse avião... você não consideraria ficar?”

“E eu ia ficar pra quê?”

“Eu só estava imaginando. Se você quisesse uma experiência diferente na América, você podia encontrar em Washington, D.C.”

“E o que eu ia fazer lá?”

“Trabalho sério. E não se deixe intimidar pelo ‘sério’; não ia ser tedioso. Eu mesma trabalhei um pouco com isso em Cortina D’Ampezzo anos atrás e tive um dos melhores verões da minha vida. Esse meu amigo em Washington, pra quem eu fiz esse trabalho, pode, quem sabe, ser um azarão na história da mentalidade americana. Eu acho que ele talvez seja a pessoa com os dons certos pra colocar tudo em perspectiva. Tudo. Se você falasse com ele, ia concordar que ele é um homem fascinante...” Aqui Clara se deteve. Sem aviso, ela tinha entrado acelerada num cruzamento complicado, um entroncamento sem uma só placa. Uma pausa se impunha, e ela considerou, num silêncio com muitos níveis, aonde seu entusiasmo por essa menina austríaca — uma menina bonita e decente, basicamente (talvez) — a estava levando. Ela queria dar Ithiel para ela? Ela queria recompensar Gina. Muito bem. E queria encontrar uma mulher adequada para Ithiel. Eram um escândalo as mulheres que ele escolhia. (Ou os meus maridos; não muito melhores.) Mais uma vez, muito bem. Mas e o Frederic? O que ela tinha feito para ter que vetar toda e qualquer discussão da conexão haitiana? E por que essa conversa com Clara tinha sido espremida em vinte minutos? Por que ela não foi convidada para a festinha de despedida? Quem estaria lá?

Agora lhe vinha tudo quanto era hipótese cética: os pais de Gina vieram para a América para levá-la para casa. Eles tinham dado dinheiro para Frederic sumir, e um detalhe do acordo era que ele tinha que entregar o anel. Clara podia facilmente imaginar todo um quadro como esse. A garota tinha mais do que razão em manter Clara longe dos seus amigos — possivelmente dos seus pais. Clara, a grosseirona, com a sua ingenuidade de matuta, podia ter exposto o caso à queima-roupa para os pais ricos com toda a sua cultura da Mitteleuropa (cultura de porcaria, Ithiel podia dizer). Ah, que façam lá a festinha deles sem serem incomodados. Mas ela não estava disposta a mandar Gina para Washington toda embrulhadinha em papel de

presente — só que o presente com laços de fita seria Ithiel, entregue de bandeja a essa garotinha. Nem pensar!, Clara decidiu. Que eu seja então tão grossa quanto ela me acusou de ser. Eu certamente não vou arrumar um casamento que me estrague a vida. Ela interrompeu o acerto casamenteiro que tinha começado, com a sua bondade de miolo mole. Sim, Gina era uma menina incomum — essa convicção não tinha mudado —, mas, se Teddy Regler era o homem à vista, não.

“Eu nunca falei com ele, não é?”, Gina disse.

“Não.”

Nem jamais vai.

“A senhora gostaria de fazer alguma coisa por mim, não é verdade?”, Gina falou com sinceridade.

“Sim, se houvesse algo praticável”, disse Clara.

“A senhora é uma mulher generosa... excepcionalmente generosa. Eu não estou em posição de ir a Washington. Caso contrário, podia ficar feliz com isso. E eu tenho que sair em breve, sinto muito em dizer. Sinto muito mesmo. Não dá tempo de falar disso, mas a senhora representou muito pra mim.”

Está aí uma coisa, Clara estava pensando. As pessoas para quem você representa muito simplesmente não têm tempo de falar com você sobre isso. “Deixe eu te dizer bem rapidinho”, disse Clara, “já que tem de ser rápido, o que eu andei pensando sobre as fases que uma mulher como eu atravessou na vida. Fase um: todo mundo é atencioso, basicamente bom; se você os tratar direitinho eles vão te tratar direitinho também — é o momento bebê. Fase dois: todo mundo é um monstro, carniceiro, bárbaro, estuprador, canalha, mentiroso, assassino e animal. Fase três: o cinismo *também* é inaceitável, e você começa a montar uma capacidade de julgamento baseada em pistas mínimas ou em certos exemplos selecionados. Eu não sei o que, se é que, você consegue entender de tudo isso... Agora, antes de ir, você vai satisfazer a minha curiosidade pelo menos num ponto: como você conseguiu o anel de volta? Se te custou dinheiro, eu quero pagar cada

centavo. Eu insisto. Diga quanto, e a quem. E como você entrou no apartamento? Ninguém te viu. Não foi com uma chave?”

“Não fale de custos; não há dívida alguma”, disse Gina. “A única coisa que tenho que lhe dizer é como o anel foi parar na sua mesa de cabeceira. Eu fui até a escola da Lucy e dei pra ela.”

“Você deu uma esmeralda pra Lucy! Pra uma criancinha!”

“Eu fiz questão de chegar antes que a babá nova viesse buscá-la, e expliquei pra Lucy o que ela tinha que fazer: Aqui está o anel da sua mãe, você tem que colocar no criado-mudo dela, e aqui está um belo lenço português pra colocar embaixo.”

“O que mais você disse?”

“Não tinha muito mais que precisasse ser dito. Ela sabia que o anel estava perdido. Bom, tinha sido encontrado agora. Eu dobrei o lenço em volta do anel e enfiei na mochila dela.”

“E ela entendeu?”

“Ela é muito parecida com a senhora.”

“Como assim? *Diga!*”

“O mesmo tipo. A senhora mencionou isso pra mim diversas vezes. Eu achava que sim? E agora eu comecei a achar que sim.”

“Você pôde confiar nela pra levar o anel e não falar, não contar. Ora, eu fiquei fora de mim quando o anel apareceu naquele lenço. De onde ele tinha surgido? Quem podia ter feito aquilo! Eu até fiquei imaginando se um ladrão teria sido contratado pra entrar e colocar ali. E a menininha, nem um pio. Olhava direto em frente que nem uma sentinela romana. Você pediu pra não falar?”

“Bom, pedi. Era melhor assim. Nunca lhe ocorreu perguntar a ela sobre o anel?”

“Como é que isso podia sequer ter passado pela minha cabeça?”, disse Clara. Nem uma só vez. A minha própria filha, capaz de uma coisa dessas.

“Eu disse pra ela descer pra rua de novo e me contar depois”, disse Gina. “Eu fui atrás delas desde a escola — a Lucy e a menina nova, que não me conhece. E em cerca de quinze minutos a Lucy veio me encontrar na

esquina e disse que tinha posto bem onde eu disse... A senhora está contente, não está?”

“Estou perplexa. Estou comovida. Francamente, Gina, eu não acho que você e eu vamos voltar a nos ver na vida...” A menina não discordou, e Clara disse: “Portanto eu vou me abrir com você. Você não ia discutir ou descrever as suas experiências em Nova York — no Harlem: imagino que você estivesse sendo firme de acordo com o seu juízo privado. As suas intimidades são problema seu, mas a palavra que eu usei pra descrever a sua atitude foi ‘vanglória’ — o orgulho de uma menina europeia em Nova York, que se mete numa enrascada e se dá o crédito de ter saído dela. Mas vai muito além disso”. Lágrimas caíam dos olhos de Clara quando ela pegou a mão de Gina. “Eu estou vendo como você resolveu tudo através da minha própria filha. Você lhe deu uma coisa importante pra fazer e ela esteve à altura. O mais impressionante pra mim é o fato de ela não ter falado, ela só ficou olhando. O nível de observação e de controle numa menininha de dez anos... como você acha que é descobrir uma coisa dessas?”

Gina estava se preparando para se levantar, mas por um instante sentou-se novamente. Ela disse: “Eu acho que a senhora achou a palavra certa: certa pra nós duas. Quando eu cheguei pra entrevista, a vanglória estava por toda parte — a senhora estava acenando com ela na minha frente. Fiquei imaginando se a dona da casa era sempre daquele jeito na América. Mas a senhora não é uma dona de casa americana. A senhora tem um estilo, sra. Velde. Como se estivesse controlando o trânsito. ‘Vire à esquerda, vá pra direita — faça isso, faça aquilo.’ A senhora tem ideias bem definidas”.

“Cabotina, talvez?”, disse Clara. “Eu te magoei?”

“Se isso quer dizer mandona, não. Eu não fiquei magoada quando já conhecia a senhora melhor. A senhora era firme, de acordo com o *seu* juízo. Eu decidi que a senhora era uma pessoa completa, e que as ordens que dava, a senhora dava por essa razão.”

“Ah, espere um minuto, eu não estou vendo nenhuma pessoa completa. Em tempos mais felizes eu tenho certeza que pessoas completas realmente

existiram. Mas agora? Agora o problema é justamente esse. Você olha em volta em busca de algum ponto de apoio, e cadê?”

“Eu vejo na senhora”, disse Gina. Ela se pôs de pé e pegou a bolsa. “A senhora pode estar relutando em acreditar nisso por causa da decepção e da desorientação. Quais pessoas são as pessoas perdidas? Essa é a coisa mais difícil de todas pra se decidir, inclusive sobre nós mesmos. No dia do desfile de moda nós almoçamos juntas e a senhora fez um comentário sobre o fato de que ‘Ninguém é alguém’. A senhora estava só resmungando, falando sobre o seu psiquiatra. Mas, quando começou a falar sobre o homem de Washington agora há pouco, não havia nenhum problema de ninguéns e alguéns. E quando o anel foi roubado, não era a propriedade perdida que estava incomodando a senhora. Pessoas perdidas perdem ‘bens de valor’. A senhora só perdeu este anel em particular.” Ela engastou o dedo na pedra.

Coisa mais anormal. Duas pessoas, uma delas jovem, tendo uma conversa tão mental. Quem sabe a vida em Nova York tivesse forçado uma menina como Gina a ir para esse lado mental. Clara ficou pensando nisso. “Adeus, Gina.”

“Adeus, sra. Velde.” Clara estava se levantando, e Gina pôs o braço em volta dela. Elas se abraçaram. “Com toda a desordem, eu não consigo ver de onde vem a sua orientação. Mas ela está lá. Não vejo razões pra você duvidar da sua identidade.” Gina deixou rapidamente o saguão.

Minutos atrás (que podiam ser horas), Clara cultivava sentimentos ruins sobre a menina. Pretendia, inclusive, azucriná-la, caminhar com ela até onde estivesse indo, arrancar um convite para a festa de despedida, falar com os pais dela, constrangê-la diante dos amigos. Isso foi antes de ela entender o que Gina tinha feito, como o anel tinha sido devolvido. Mas agora, quando Clara saiu pela porta giratória, e assim que teve sob os pés a calçada, começou a chorar de forma desesperada. Ela correu, chorando, Madison Avenue abaixo, não como alguém cujo lugar fosse aquele, mas como um dos sem-teto, fazendo coisas grotescas em público, uma daquelas pessoas da rua, fugidas de alguma instituição. A fonte principal das

lágrimas se abriu. Ela achou um lenço e segurou-o contra o rosto com a mão anelada, marchando com uma pressa desajeitada. Ela bem podia estar caminhando sobre a água no porto de Nova York — a sensação era essa, mais de um mar do que de uma calçada, e, apesar de todo o esforço e dos movimentos que fazia, ela não estava chegando a parte alguma, estava ainda no mesmo lugar. Quando ele me descreveu para mim mesma em Washington, eu devia ter aceitado a palavra do Ithiel, ela estava pensando. Ele sabe qual é o contexto mais amplo: o contexto bem, *bem* mais amplo; ele não lisonjeia, ele é realista e verdadeiro. Eu realmente pareço ter uma ideia de quem é que está no meio de mim. Pode não haver mais do que uma pessoa em um zilhão, pior ainda, que tenha. E a minha própria filha é possivelmente uma delas.



# A CONEXÃO BELLAROSA

*Para o meu querido amigo John Auerbach*

Como fundador do instituto Mnemósine da Filadélfia, quarenta anos no ramo, eu treinei muitos executivos, políticos e membros dos quadros da defesa, e agora que estou aposentado, com o instituto nas competentes mãos do meu filho, gostaria de *esquecer* de lembrar. O que é uma proposição à Alice no País das Maravilhas. Nos seus anos de crepúsculo, depois de pendurar as chuteiras (ou embainhar a faca), você não quer continuar fazendo o que fez a vida toda: mudança, mudança — seu reino por uma mudança! Um advogado vai se afastar dos clientes, um médico, dos pacientes, um general vai pintar porcelana, um diplomata vai se dedicar à pesca com anzol. O meu caso é diferente na medida em que devo o meu sucesso no mundo ao dom inato da memória — uma palavrinha complicada, “inato”, que se refere às fontes ocultas de tudo o que realmente tem importância. Como eu costumava dizer aos clientes: “Memória é vida”. Era uma bela maneira de impressionar um membro do conselho de segurança que eu estava treinando, mas agora me põe numa posição desconfortável porque, se você trabalhou com memória, que é a própria vida, não existe aposentadoria, a não ser na morte.

Há outros desconfortos de que dar conta: este meu dom se tornou a base de um sucesso comercial — uma renda acima de X milhões solidamente investida numa casa pré-Guerra Civil na Filadélfia mobiliada pela minha falecida esposa, uma mulher que sabia tudo que se podia saber sobre

móveis do século XVIII. Já que não sou um desses racionalistas defensivos teimosos que negam empregar mal os seus talentos e insistem em poder encarar Deus com a consciência limpa, eu me forço a lembrar que não nasci numa casa na Filadélfia com um pé-direito de seis metros, mas comecei a vida como filho de judeus russos de Nova Jersey. Um arquivo de lembranças ambulante como eu não pode se livrar dos seus primeiros tempos ou distorcer a sua vida pregressa. Lógico, no processo universal de autorrevisão, qualquer um pode se deixar levar para longe dos fatos verídicos. Por exemplo, americanos europeizados, quando estão na Europa, vão assumir uma falsa correção inglesa ou francesa e trazer uma perturbadora aresta de autoconsciência às suas relações com os amigos. Isso eu já pude observar. Causa uma impressão desagradável. Assim, sempre que me sentia tentado a fingir, eu me perguntava: “E como é que andam as coisas em Nova Jersey?”.

Os assuntos que me ocupam agora têm o seu eixo central em Nova Jersey. Não são dados de um banco de memória de um computador. Eu estou preocupado com sentimentos e desejos, e a memória emocional não tem nada a ver com ciência aeronáutica ou produtos internos brutos. O que temos diante de nós é o falecido Harry Fonstein e a sua falecida esposa, Sorella. A imagem que tenho deles é provavelmente clara e agradável demais para ser verdadeira. Portanto, eles têm que ser representados pictoricamente primeiro e depois *apagados da lousa e reconstituídos*. Mas isso são considerações técnicas, que têm a ver com a diferença entre memória literal e afetiva.

Se você estivesse morando numa casa com essas dimensões, entre armários, tapeçarias, tapetes persas, aparadores, lareiras entalhadas, tetos ornamentados — com um jardim de inverno e uma banheira sobre um soclo de mármore equipada com uma torneira que não ficaria deslocada na Fontana di Trevi —, você ia entender melhor por que a recordação de um refugiado como Fonstein e da sua esposa de Newark pode se tornar significativa.

Não, ele, Fonstein, não era um coitado de um *schlepp*;1 ele se deu bem nos negócios e juntou uma bela pilha de dinheiro. Nada que se compare aos meus milhões da Filadélfia, mas nada mal para um sujeito que chegou depois da guerra, via Cuba, e começou como retardatário no ramo de aquecimento — e, além disso, um *Galitzianer*2 coxo. Fonstein usava um sapato ortopédico, e tinha outras peculiaridades: o cabelo dele parecia fino, mas não era fraco, era um forte tufo negro, e apesar de ralo era insanamente arrepiado. A própria cabeça era pesada o bastante para fazer desmoronar um homem menos determinado. Os olhos eram escuros e quentes, então talvez fosse a sua localização que os fizesse parecer sagazes também. Talvez fosse a expressão da sua boca — não severa, nem mesmo áspera — que trabalhasse em conjunto com os olhos negros. Você ficava com uma impressão de astúcia se inspecionasse aquele imigrante.

Nós não éramos parentes consanguíneos. Fonstein era sobrinho da minha madrastra, que eu chamava de tia Mildred (uma cortesia eufemística: eu estava muito além da idade de ser adotado quando o meu pai viúvo se casou com ela). Quase toda a família de Fonstein foi morta pelos alemães. Em Auschwitz ele teria sido enviado imediatamente às câmaras de gás, por causa da bota ortopédica. Algum dr. Mengele teria apontado o rebenque para a esquerda e a bota de Fonstein podia agora estar à mostra na sala de exposições do campo — eles têm uma montanha de botas de aleijados lá, e uma montanha de muletas e de coletes ortopédicos e uma de cabelo humano e uma só de óculos. Objetos que podiam ter sido úteis em hospitais ou asilos alemães.

Harry Fonstein e a mãe, a irmã da tia Mildred, tinham fugido da Polônia. De alguma maneira eles chegaram até a Itália. Em Ravena eles tinham parentes refugiados, que ajudaram tanto quanto lhes foi possível. Os judeus italianos também estavam sob pressão, já que Mussolini tinha adotado as leis raciais de Nuremberg. A mãe de Fonstein, que era diabética, morreu logo, e Fonstein seguiu para Milão, viajando com documentos forjados enquanto aprendia italiano a toque de caixa. O meu pai, que era um apaixonado por causos de refugiados, me contou tudo isso. Ele esperava

que isso me endireitasse, ouvir o que as pessoas sofreram na Europa, no mundo real.

“Eu quero que você conheça o sobrinho da Mildred”, o meu velho me disse em Lakewood, Nova Jersey, há cerca de quarenta anos. “Só um rapaz, quem sabe até mais novo que você. Escapou dos nazistas, puxando de um pé. Acabou de desembarcar de Cuba. Casou tem pouco tempo.”

Eu estava novamente no tribunal do juízo paterno, acusado de puerilidade norte-americana. Quando é que eu ia tomar jeito finalmente! Com trinta e dois anos de idade, eu ainda me comportava como um menino de doze, matando tempo no Greenwich Village, imaturo, à deriva, um encostado, me amasiando com universitárias de Bennington, um bobo fofoqueiro intelectualoide, só espuma na cabeça — o fundador, dizia meu pai com cômico pasmo, do Instituto Mnemósine, tão lucrativo quanto impronunciável.

Como os meus camaradas do Village costumavam dizer, não custa mais de mil e duzentos dólares por ano pra você viver pobre — ou brincar de pobreza, mais um joguinho norte-americano.

Fonstein, o sobrevivente, com todas as Fúrias da Europa no seu encalço, prejudicava a minha imagem. Mas a culpa não era dele, e a sua presença até deixou mais fáceis as minhas visitas. Era só num domingo ou outro que eu ia visitar o pessoal lá de casa na verde Lakewood, perto de Lakehurst, onde nos anos 30 o Graf Hindenburg se desfez em chamas ao se aproximar do poste de amarração fatal, e deu pra ouvir em terra os gritos dos agonizantes.

Fonstein e eu nos revezávamos no tabuleiro de xadrez com meu pai, que com facilidade batia os dois — competidores inanes que tínhamos todo o peso arquitetônico do domingo na nossa cabeça cariátide. Sorella Fonstein às vezes ficava sentada no sofá, que tinha uma capa de plástico transparente com zíper. Sorella era uma moça de Nova Jersey — correção: senhora. Era muito pesada e usava maquiagem. Suas bochechas eram penugentas. Seu cabelo ficava erguido em formato de colmeia. Um pincenê, bastante infrequente, um disfarce deliberado, dava-lhe um ar teatral. Era ainda uma noviça naqueles dias, experimentando essas peças de figurino. O objetivo

dela era atingir modos peremptórios, declarativos. Só que ela não tinha nada de boba.

A cidade natal de Fonstein era Lemberg, eu acho. Eu queria ter mais paciência com mapas. Consigo visualizar continentes e os contornos dos países, mas fico desorientado com localizações exatas. Lemberg hoje é Lviv, como Danzig é Gdansk. Geografia nunca foi meu forte. O meu investimento principal foi na memória. Na universidade, me exibindo em festas, eu arquivava e desfiava listas de palavras que me eram atiradas por um círculo de vinte pessoas. Sendo assim, eu posso lhe contar mais do que você pode querer saber sobre Fonstein. Em 1938, o pai dele, um joalheiro, não sobreviveu ao confisco alemão dos seus investimentos (bens valiosos) em Viena. Quando a guerra começou, com paramilitares nazistas vestidos de freiras derramando-se dos aviões, a irmã de Fonstein e o marido se esconderam no interior, e foram ambos capturados e terminaram nos campos. Fonstein e a mãe escaparam para Zagreb e acabaram por chegar a Ravena. Foi no norte da Itália que a sra. Fonstein morreu, e foi enterrada num cemitério judeu, talvez o de Veneza. Ali, naquele momento, a adolescência de Fonstein chegou ao fim. Sendo um refugiado com uma bota ortopédica, ele tinha que considerar cuidadosamente cada movimento seu. “Ele não podia sair pulando muralhas que nem o Douglas Fairbanks”, disse Sorella.

Eu conseguia entender por que meu pai tinha se afeiçoado a Fonstein. Fonstein tinha sobrevivido ao maior martírio da história judaica. Ele ainda tinha a aparência de alguém que o pior, mesmo agora, não o pegaria de surpresa. A impressão que ele causava era incomumente firme. Quando falava com você, ele te olhava nos olhos e não desviava o olhar. Isso não encorajava conversa fiada. Ainda assim, havia lampejos espirituosos nos cantos da boca e em torno dos olhos dele. Assim, você não tinha vontade de bancar o idiota com Fonstein. Eu o avaliava como um tipo modelo de judeu da Europa Central. Ele me via, provavelmente, como um instável judeu americano imaturo, humanamente ignorante e frouxamente bondoso: na

história da civilização, algo novo no catálogo dos tipos humanos, talvez não tão mau quanto parecia de início.

Para sobreviver em Milão ele teve que aprender italiano bem rapidinho. De modo a não perder tempo, ele tentava dar um jeito de falar a língua mesmo nos sonhos. Mais tarde, em Cuba, ele aprendeu espanhol também. Tinha esse dom. Em Nova Jersey logo estava fluente em inglês, ainda que para me divertir ele falasse iídiche de vez em quando; era a língua certa para as suas experiências europeias. Quanto a mim, minha guerra tinha sido mansa — arquivista de uma companhia nas Aleutas. E assim eu ouvia, curvado sobre ele (como o báculo de um bispo; eu era uns quinze ou vinte centímetros mais alto que ele), pois era ele quem tinha visto a ação de verdade.

Em Milão ele trabalhou em cozinhas, e em Turim foi porteiro de saguão e engraxou sapatos. Quando chegou a Roma ele era assistente de *concièrge*. Em pouco tempo estava trabalhando na Via Veneto. A cidade estava cheia de alemães, e, como o alemão de Fonstein era bom, ele era empregado como intérprete vez por outra. Chamou a atenção do conde Ciano, genro de Mussolini e ministro das Relações Exteriores.

“Então você conheceu Mussolini?”

“Conheci, mas ele não me conhecia, não de nome. Quando ele dava uma festa e precisava de mais tradutores, mandavam me buscar. Teve uma recepção para Hitler.”

“Quer dizer que você viu Hitler?”

“O meu menino diz isso assim também: ‘O papai viu Adolf Hitler’. Hitler estava lá do outro lado da *grande salle*.”

“E ele fez um discurso?”

“Graças a Deus eu não estava ali por perto. Talvez ele tenha feito uma declaração. Ele comeu uns doces. Estava fardado.”

“Sim, eu vi fotos dele com modos sociais, se fazendo de gentil.”

“Uma coisa”, disse Fonstein. “O rosto dele não tinha cor.”

“Não estava matando ninguém naquele dia.”

“Não tinha ninguém que ele não pudesse matar se quisesse, mas era uma recepção. Eu estava feliz por ele não me notar.”

“Acho que eu também ficaria grato”, eu disse. “Você pode até sentir amor por alguém que pode te matar mas não mata. Um amor horrendo, mas um tipo de amor.”

“Ele ia ter chegado a mim. O meu problema começou com essa recepção. Fizeram uma revista policial, os meus documentos eram vagabundos, e foi por isso que fui preso.”

O meu pai, ocupado com os seus cavalos e as suas torres, não ergueu os olhos, mas Sorella Fonstein, sentada com pompa e circunstância como as senhoras obesas parecem fazer, removeu o pincenê (ela estava copiando uma receita) e disse, provavelmente porque o marido precisava de ajuda nesse ponto da história: “Ele foi encarcerado”.

“Sim, eu entendi.”

“Você *não pode* entender”, disse a minha madrastra. “Ninguém ia imaginar por quem ele foi salvo.”

Sorella, que tinha sido professora no sistema educacional de Newark, fez um gesto didático. Ela ergueu o braço como que para fazer uma marca na lousa, ao lado da frase de um aluno. “Aqui é que entra o elemento estranho. É aqui que Billy Rose tem o seu papel.”

Eu disse: “Billy Rose, em Roma? E o que é que ele estaria fazendo lá? Nós estamos falando de Broadway Billy Rose? Você está se referindo ao amigo pessoal de Damon Runyon, o sujeito que se casou com Fanny Brice?”.

“Ele não consegue acreditar”, disse a minha madrastra.

Na Roma fascista, o filho da irmã dela, sangue do seu sangue, tinha visto Hitler numa recepção. Foi posto na prisão. Não havia esperanças para ele. Os judeus romanos estavam sendo levados de caminhão naqueles dias para cavernas fora da cidade, onde eram mortos. Mas ele foi salvo por uma celebridade de Nova York.

“Você está me dizendo”, eu comentei, “que Billy estava comandando uma operação clandestina em Roma?”



“Durante certo tempo, sim, ele teve uma organização italiana”, disse Sorella. E bem aí eu precisei de um intermediário americano. O escopo do inglês da tia Mildred era limitado. Além disso, ela era uma senhora tediosa, lenta em tudo que fazia, totalmente diferente do meu pai, vivaz e apressado. Mildred tinha uma aparência empoadada, como o seu próprio strudel. O strudel dela era o melhor. Mas quando falava com você ela baixava a cabeça. Ela também tinha uma cabeça pesada. Via-se mais o seu cabelo dividido do que o rosto.

“Billy Rose também fez coisas boas”, ela disse, afagando os dedinhos no colo. Aos domingos ela usava um vestido verde-escuro e bordado com contas.

“*Aquela* figura! Eu não consigo conceber. O homem do balé aquático? Ele te salvou dos esbirros romanos?”

“Dos nazistas.” A minha madrasta de novo baixou a cabeça quando falou. Era o seu cabelo tingido e dividido que eu tinha que interpretar.

“Como foi que você descobriu isso?”, perguntei a Fonstein.

“Eu estava sozinho numa cela. Naqueles anos, toda cela da Europa estava cheia, eu imagino. Aí, um dia um estranho apareceu e falou comigo pela grade. Sabe o quê? Eu achei que talvez o ciano tivesse mandado o sujeito. A ideia me veio porque esse ciano podia ter perguntado por mim no hotel. Tudo bem, ele se vestia com uniformes chiques e andava por aí com a mão numa faca comprida que carregava no cinto. Era um ator, mas eu achava que ele era civilizado. Era simpático. Então, quando o homem parou junto da grade e olhou pra mim, eu fui até ele e disse: ‘Ciano?’. Ele balançou um dedo pra lá e pra cá e disse: ‘Billy Rose’. Eu não fazia ideia do que ele queria dizer. Era uma palavra ou eram duas? Um homem ou uma mulher? A mensagem desse *italianer* era: ‘Amanhã à noite, mesmo horário, a sua porta vai estar aberta. Saia pro corredor. Vire sempre à esquerda. E ninguém vai deter você. Uma pessoa vai estar esperando num carro, e ele vai te levar até o trem pra Gênova’.”

“Ora, ora, figurinha ativa! O Billy tinha um mundo clandestino todo seu”, eu disse. “Ele deve ter visto Leslie Howard em *O pimpinela*

*escarlata.*”

“Na noite seguinte, o guarda não trancou a minha porta depois do jantar, e quando o corredor estava vazio eu saí. Parecia que eu tinha uísque nas pernas, mas me dei conta de que estavam me detendo pra deportação, a SS já estava operando, então abri cada porta, subi escadas, desci escadas, e quando cheguei à rua tinha um carro à espera e pessoas encostadas nele, falando com vozes normais. Quando entrei, o motorista me empurrou pro banco de trás e me levou à estação Trastevere. Ele me deu novos documentos de identidade. Disse que ninguém estaria procurando por mim, porque toda a minha ficha na polícia tinha sido roubada. Tinha um chapéu e um casaco pra mim no banco de trás e ele me deu o nome de um hotel em Gênova, à beira-mar. Foi aí que eu fui contatado. Eu tinha passe livre num navio sueco pra Lisboa.”

A Europa que fosse para o inferno sem Fonstein.

Meu pai olhou de canto para nós com aqueles seus olhos argutos. Ele tinha ouvido a história muitas vezes.

Eu acabei por conhecê-la também. Fui recebendo em episódios, como um seriado de Hollywood — o suspense de sábado, apresentando Harry Fonstein e Billy Rose, ou Bellarosa. Pois Fonstein, em Gênova, enquanto estava escondido e apavorado num hotel à beira-mar, não tinha outro nome para ele. Durante a viagem, ninguém no navio de refugiados jamais tinha ouvido falar de Bellarosa.

Quando as senhoras estavam na cozinha e o meu pai estava no seu canto, lendo o jornal de domingo, eu pedia a Fonstein mais detalhes das suas aventuras (seus tormentos). Ele não poderia saber em que arquivos mentais eles estavam entrando e nem que estavam sendo cruzados com referências a Billy Rose — uma daquelas personagens insignificantes-significantes cujos nomes serão reconhecidos somente por historiadores do *showbiz*. O falecido Billy, parceiro comercial dos valentões da época da Lei Seca, o comparsa de Arnold Rothstein; o multimilionário Billy, *protégé* de Bernard Baruch, o jovem prodígio da estenografia que Woodrow Wilson, louco por estenografia, convidou à Casa Branca para uma discussão dos sistemas

rivais de Pitman e Gregg; Billy, o produtor, o consorte de Eleanor Holm, rainha sereia da Feira Mundial de Nova York; Billy, o colecionador de Matisse, Seurat, e assim por diante... Billy, o colunista de fofocas republicado no país inteiro. Um camarada meu do Village era membro da sua equipe de ghost-writers.

Era esse o Billy a quem Fonstein devia a vida.

Eu mencionei esse ghost-writer — Wolfe, era o nome dele —, e a partir daí Fonstein pode ter me considerado um possível canal para o próprio Billy. Ele nunca tinha encontrado Billy, sabe? Aparentemente, Billy se recusava a receber os agradecimentos dos judeus que a sua Broadway clandestina tinha resgatado.

Os agentes italianos que levaram Fonstein de um lugar para o outro não falavam. O homem de Gênova se referiu a Bellarosa mas não respondeu nenhuma das perguntas de Fonstein. Eu suponho que gente da máfia do Brooklyn tenha organizado a operação italiana de Billy. Depois da guerra, gângsteres sicilianos foram condecorados pelos ingleses pelo seu trabalho na Resistência. Fonstein dizia que com os italianos, quando eles tinham segredos para guardar, minúsculos músculos lhes surgiam no rosto que ninguém via em outras situações. “O homem levantava as mãos como se fosse roubar uma sombra da parede e enfiar no bolso.” Ontem assassino de aluguel, hoje trabalhando contra os nazistas.

O tipo de Fonstein era *edel* — de boa criação —, mas ele também era um judeu durão. Por vezes a aparência dele era a de um homem que está liderando uma prova de cem metros nado peito. Ou você lhe metia um tiro, ou ele ia ganhar. Tinha algo em comum com os seus salvadores mafiosos, cujos segredos lhes convulsionavam o rosto.

Durante a travessia, ele pensou bastante sobre as pessoas que conseguiram tirá-lo clandestinamente da Itália, imaginando várias espécies de filantropos e de idealistas prontos a gastar o último tostão para salvar o seu povo de Treblinka.

“Como é que eu podia imaginar que tipo de homem — ou quem sabe de comitê, a sociedade Bellarosa — tinha feito tudo aquilo?”

Não, era Billy agindo sozinho movido por uma onda de sentimentos pelos outros judeus e se dobrando em dois para enganar Hitler e Himmler e roubar-lhes as vítimas. Num outro dia ele teria se concentrado numa batata assada, um cachorro-quente, um passeio em torno de Manhattan na Circle Line. Havia, no entanto, pontos de fundo sentimento no superficial Billy. O Deus de seus pais ainda tinha importância. Billy era tão respingado quanto um quadro de Jackson Pollock, e entre os riscos principais estava a sua condição de judeu, com outras manchas escorrendo na direção do segredo — manchas de fraqueza sexual, humilhação sexual. Ao mesmo tempo, ele tinha que ver o seu nome na imprensa. Como disse alguém, ele tinha um tropismo entomológico por publicidade. E, contudo, a sua operação de resgate na Europa permanecera secreta.

Fonstein, um na multidão de refugiados que vinha de barco para Nova York, imaginava quantos outros entre os passageiros podiam ter sido salvos por Billy. Ninguém falava muito. Gente experiente começa num dado momento a manter-se fechada e evita contar suas histórias. Fonstein estava sendo devorado vivo pelas suas fantasias a respeito das coisas que faria em Nova York. Ele dizia que à noite, quando o navio balançava, ele era como um fio de prumo, torcendo-se e se retorcendo. Ele esperava que Billy, já que havia salvado montes de pessoas, tivesse feito planos para o futuro delas também. Fonstein não previa que eles se reuniriam e chorariam juntos como José e seus irmãos. Nada assim. Não, eles seriam acomodados em hotéis ou quem sabe em algum antigo sanatório, ou alojados por famílias caridosas. Alguns prefeririam ir para a Palestina; a maioria ia optar pelos EUA e estudar inglês, talvez encontrando empregos na indústria ou indo para escolas técnicas.

Mas Fonstein ficou detido na ilha Ellis. Não estavam admitindo refugiados naquele momento. “Eles nos alimentaram bem”, ele me contou. “Eu dormia numa gaiola de arame, na parte de cima de um beliche. Dava pra ver Manhattan. Mas eles me disseram que eu tinha que ir pra Cuba. Eu ainda não sabia quem era Billy, mas esperava pela ajuda dele.”

“E poucas semanas depois a Produções Rose mandou uma mulher falar comigo. Ela se vestia como uma mocinha — batom, salto alto, brinco, chapéu. Tinha pernas iguais a postes e parecia uma atriz do teatro iídiche, quase pronta pra começar a fazer papéis mais velhos, desapontada e triste. Ela se dizia *dramatisten* e andava pelos cinquenta anos, se não mais. Ela disse que o meu caso estava sendo entregue à Sociedade Hebraica de Ajuda ao Imigrante. Eles iam tomar conta de mim. Chega de Billy Rose.”

“Você deve ter ficado abalado.”

“Claro. Mas eu ainda estava mais curioso que abatido. Eu lhe fiz perguntas sobre o homem que tinha me resgatado. Disse que gostaria de agradecer a Billy pessoalmente. Ela colocou de lado a sugestão. Irrelevante. Ela disse: ‘Depois de Cuba, quem sabe’. Eu vi que ela não acreditava que fosse possível. Eu perguntei se ele ajudava muita gente. Ela disse: ‘Claro que ajuda, mas é a si próprio que ele ajuda primeiro, e você tinha que ouvir ele fazer um escândalo por causa de uma moedinha’. Ele era muito famoso, era rico, era dono do Edifício Ziegfeld e estava o tempo todo na imprensa. Como ele era? Minúsculo, cúvido, esperto. Pagava mal aos empregados, e eles tinham medo do chefe. Ele se vestia muito bem, e era uma personagem da Broadway e passava noites inteiras nos cafés. ‘Ele pode ligar pro governador Dewey e falar com ele quando bem quiser.’

“Foi o que ela disse. Ela disse também: ‘Ele me paga vinte e duas pratas, e se eu sequer insinuar um aumento vou ser despedida. Então, fazer o quê? A Second Avenue está morta. Pra rádio iídiche tem um excesso de oferta de artistas. Não fosse o chefe, eu ia sumir no Bronx. Assim, pelo menos eu trabalho na Broadway. Mas você é um novato, e pra você é tudo uma folha em branco’.

“‘Se ele não tivesse me salvado da deportação, eu ia ter terminado como outros da minha família. Eu lhe devo a minha vida.’

“‘É provável, mesmo.’ Ela concordou.

“‘Não seria normal estar interessado no homem por quem você fez isso tudo? Ou ao menos dar uma olhada, um aperto de mão, dizer uma palavrinha?’

“‘Teria sido normal’, ela disse. ‘Antes.’

“Eu estava começando a perceber”, disse Fonstein, “que ela era doente. Acho que tinha T. B. Não era o pó de arroz que a deixava tão branca. O branco era pra ela o que o verde é pra um limão. O que eu estava vendo não era maquiagem — era o Anjo da Morte. Os tuberculosos normalmente são rápidos e nervosos. O nome dela era srta. Hamet — sendo que *khomet* é a palavra iídiche pra um arreio de cavalos. Ela era da Galícia, como eu. A gente tinha o mesmo sotaque.”

Um cantarolar chinês. A tia Mildred tinha também — cômico para os outros judeus, delirante num espetáculo iídiche de revista.

“‘A SHAI vai te arrumar trabalho em Cuba. Eles cuidam muitíssimo bem de vocês. O Billy acha que a guerra está num novo estágio. Roosevelt é pró-Rei Saud, e aqueles árabes odeiam judeus e mantêm a porta da Palestina fechada. É por isso que Rose mudou as operações. Ele e os amigos agora estão fretando navios pra refugiados. O governo romeno os vende pros judeus a cinquenta pratas por vaga, e são setenta mil pessoas. Isso é muita grana. Melhor correr antes de os nazistas invadirem a Romênia.’”

Fonstein disse, de maneira muito razoável: “Eu lhe disse o quanto eu podia ser útil. Eu falava quatro idiomas. Mas ela estava calejada de ouvir súplicas, gente buscando favores com aquela gratidão nojenta. Olha, é uma piada velha”, disse Fonstein, de pé sobre a sola de dez centímetros da sua bota de amarrar. Estava com as mãos nos bolsos e elas não participaram em nada da eloquência do seu dar de ombros. O rosto dele era, em resumo, como um rosto notável numa vitrine de museu, numa sala escura, com a palidez realçada de modo a dar-lhe à pele um efeito pontilhado, curioso, como carne com um arrepio pétreo. A não ser pelo fato de que ele não estava em exibição pelos feitos brilhantes que realizara. Entre os homens do mundo, ele era simples como água.

Billy não queria a gratidão dele. Primeiro o suplicante te pega pelos joelhos. Aí pede um pequeno empréstimo. Ele quer uma doação, umas calças, uma esteira para dormir, um vale-refeição, um pouco de capital para entrar no comércio. A gratidão de um homem é veneno para o seu benfeitor.

Além disso, Billy era exigente quanto às pessoas. A princípio elas podiam sempre contar com a sua boa vontade, mas elas o levavam à loucura quando lhe vinham com os seus truquezinhos.

“Por nunca ter posto os pés em Manhattan eu não fazia ideia”, disse Fonstein. “Em vez disso, eu tinha umas fantasias bizarras, mas de que é que elas me serviam? Nova York é uma fantasia coletiva de milhões de pessoas. É simplesmente demais pra uma só cabeça dar conta.”

A senhora “Arreio” (a família dela devia ser de trabalhadores braçais rurais no Velho País), avisou Fonstein. “Billy não quer que você mencione o nome dele pra SHAI.”

“Mas e como foi que eu cheguei à ilha Ellis?”

“Invente o que você quiser. Diga que uma italiana casada te amava e roubou dinheiro do marido pra comprar documentos pra você. Mas nada de deixar vaziar o nome do Billy.”

Aqui, o meu pai disse a Fonstein: “Eu posso te dar um mate em cinco lances”. O meu velho teria sido matemático se fosse mais retirado dos negócios humanos. Só que o seu motivo para o pensamento concentrado era vencer. O meu pai não seria capaz de se aplicar se não houvesse um oponente a ser vencido.

Eu tenho a minha própria maneira de testar os meus poderes. A memória é o meu campo. Mas também as minhas faculdades já não são o que um dia foram. Eu não tenho Alzheimer, *absit omen* ou *nicht da gedacht* — nada de matérias viscosas nas minhas células de recordação. Mas estou ficando mais lento. Pois quem era o homem que empregou Fonstein em Havana? Antes eu tinha acesso imediato a nomes assim. Não havia sistema eletrônico que estivesse à minha altura. Hoje estou escurecendo e tateio de vez em quando. Mas graças a Deus consigo o acesso ao dado — Fonstein trabalhou em Cuba para Salkind, e Fonstein era o mensageiro dele. Por toda a América do Sul havia jornais iídiches. No hemisfério ocidental, os judeus estavam procurando parentes sobreviventes e examinando as listas de nomes que iam sendo publicadas. Muitos refugiados foram largados no Caribe e no México. Fonstein rapidamente acrescentou o espanhol e o inglês ao seu

polonês, seu alemão, seu italiano e seu iídiche. Ele fez cursos de engenharia numa escola noturna em vez de ficar pelos bares ou nos cafés de refugiados. Para os turistas, Havana era uma cidade de férias, para jogo, bebida, e putas — um centro de abortos também. Meninas solteiras infelizes desciam dos Estados Unidos para encerrar uma gravidez inesperada. Outros, enxergando mais longe, voavam para lá à procura de maridos e esposas entre os refugiados. Para encontrar um cônjuge com uma estável origem europeia, uma pessoa escolada em sofrimento e resistência. Alguém que tivesse escapado da morte. Mulheres que não encontravam pretendentes em Baltimore, Kansas City ou Minneapolis, moças de valor cuja mão os homens nunca pediam, encontraram maridos no México, em Honduras, em Cuba.

Depois de cinco anos, o empregador de Fonstein estava disposto a pôr a mão no fogo por ele, e mandou buscar Sorella, sua sobrinha. Imaginar o que Fonstein e Sorella viram um no outro quando foram apresentados pela primeira vez estava além das minhas forças nos primeiros anos. Sempre que nos encontrávamos em Lakewood, Sorella estava usando um conjuntinho. Quando ela cruzava as pernas e ele notava o volume debaixo das suas coxas, um observador americano como eu podia (e de fato o faria) imaginar a mulher inteira nua e, dependendo da sua experiência de vida e da sua familiaridade com a pintura, podia atribuir o seu tipo a um pintor adequado. No meu retrato mental de Sorella eu escolhia a Saskia de Rembrandt e não os nus de Rubens. Mas também o Fonstein, quando tirava as botas cirúrgicas, era... Bem, ele tinha imperfeições. E assim marido e esposa podiam se perdoar mutuamente. Acho que o meu gosto seria mais como o de Billy Rose — ninfas aquáticas, loreleis, ou dançarinas. Homens do Leste Europeu tinham padrões mais sóbrios. No lugar do meu pai, eu me veria obrigado a fazer o sinal da cruz sobre o rosto da tia Mildred ao entrar na cama com ela — algo exorcizante (pouco provável) para expulsar a maldição. Mas, você entende, eu não era o meu pai, eu era o seu mimado filho americano. Os seus estoicos antepassados levavam os seus estrupícios para a cama. Quanto a Billy, com as suas calças e cuecas pelos tornozelos,



perseguido meninas que vieram para um teste, ele teria se dado melhor com a srta. Arreio. Se ele perdoasse os seus úberes de gaita de fole e as suas varizes de estuários, ela perdoaria os seus detalhes íntimos nada heroicos, e eles poderiam juntar suas miseráveis condições mortais e ficar um com o outro na riqueza e na pobreza.

A obesidade de Sorella, seu penteado de colmeia, o absurdo pincenê — um acessório “senhoril” — me faziam pensar: Qual é a dessas pessoas? Será que são imitadores de mulheres, travestis?

Era uma falsa conclusão a que chegava um menino de classe média que se considerava um boêmio esclarecido. Eu estava mergulhado na empolgante sofisticação do Village.

Eu estava completamente equivocado, equivocadíssimo sobre Sorella, mas na época a minha perversa teoria encontrou algum apoio na história que Fonstein ia contando das suas aventuras. Ele me contou como tinha saído de barco de Nova York e ido trabalhar para Salkind em Havana enquanto aprendia espanhol e inglês ao mesmo tempo e estudava refrigeração e aquecimento numa escola noturna. “Até que eu encontrei uma moça americana, que estava lá fazendo uma visita.”

“Você conheceu a Sorella. E se apaixonou por ela?”

Ele me lançou um cortante olhar judeu quando eu falei de amor. Como é que você distingue amor, necessidade e prudência?

Gente profundamente experiente — isso me impressiona sempre — mantém fechadas as suas coisas. O que fica muito bem para aqueles que não pretendem ir além da experiência. Mas Fonstein pertencia a um categoria ainda mais avançada, a dos que não se impõem tais restrições e sentem-se capazes de entrar no próximo estágio; nesse próximo estágio, o seu objetivo é converter fraquezas e segredos em energia combustível. Um homem de primeira qualidade vive da matéria que destrói, exatamente como as estrelas. Mas estou ultrapassando o Fonstein, divagando sem necessidade. Sorella queria um marido, enquanto Fonstein precisava de documentos de naturalização norte-americanos. *Mariage de convenance* era como eu via.

É sempre da formulação mais falsa que você mais se orgulha.

Fonstein achou um emprego numa loja de Nova Jersey que manufacturava peças para fábricas de equipamentos de aquecimento. Saiu-se bem ali, pau pra toda obra, e fez rápidos progressos na sua sexta língua. Não demorou muito para dirigir um Pontiac novo. A tia Mildred disse que foi um presente de casamento da família de Sorella. “Eles estão *tão* aliviados”, Mildred me contou. “Uns anos a mais e a Sorella estaria velha demais pra engravidar.” E um filho foi o que os Fonstein tiveram, um menino, Gilbert. Diziam que ele era um prodígio da matemática e da física. Passados alguns anos, Fonstein me consultou sobre a educação do rapaz. A essa altura ele já tinha dinheiro para mandá-lo para as melhores escolas. Fonstein tinha aprimorado e patenteado um termostato, e com o indispensável auxílio de Sorella ele virou um homem rico. Era uma tigresa como esposa. Sem ela, ele ainda me contaria, não existiria patente alguma. “A minha empresa teria me deixado de mãos abanando. Eu não seria o homem que você está vendo hoje.”

Então eu examinei o Fonstein que via à minha frente. Estava usando uma camisa italiana, uma gravata francesa, e a sua bota ortopédica era de fabricação britânica — feita sob medida na Jermyn Street. Com aquele taco ele podia dançar flamenco. Como era diferente do tosco artigo polonês, grotescamente malfeito, com o qual ele tinha manquejado através da Europa e fugido da prisão em Roma. *Aquela* bota, enquanto ele se esquivava dos nazistas, ele temia tirar, durante a noite, pois se tivesse sido roubada ele teria sido capturado e morto na sua nudez perna curta. A SS nem se daria ao trabalho de levá-lo a um carro de gado.

Como ficaria contente o Billy Rose, seu salvador, ao ver o Fonstein de hoje: a camisa italiana cor-de-rosa, de colarinho branco, a gravata da Rue de Rivoli, com o nó feito sob orientação de Sorella, o caimento leve do terno importado, a cor saudável do rosto, que, não mais pálido e pétreo, tinha os planos cheios e a cor de uma romã madura.

Mas Fonstein e Billy jamais se encontraram de fato. Fonstein tinha se dedicado a ver Billy, mas Billy jamais veria Fonstein. As cartas eram devolvidas. Por vezes havia bilhetes que as acompanhavam, nem uma só

vez escritos de próprio punho por Billy. O sr. Rose desejava o melhor ao sr. Fonstein mas no momento não podia conceder-lhe uma entrevista. Quando Fonstein mandou um cheque para Billy, acompanhado de uma nota de agradecimento e do pedido de que o dinheiro fosse usado para fins de caridade, ele foi devolvido sem comentários. Fonstein foi até o escritório dele e foi dispensado. Quando tentou um dia se aproximar de Billy no Sardi's, foi interceptado por um membro da equipe do restaurante. Você não podia molestar as celebridades por aqui.

Vendo o seu caminho bloqueado, Fonstein disse a Billy no seu cantarolar chinês-galiciano: “Eu vim lhe dizer que eu sou uma das pessoas que o senhor resgatou na Itália”. Billy virou-se para a parede da sua cabine, e Fonstein foi acompanhado até a calçada.

Ao longo dos anos, longas cartas foram enviadas. “Nada quero do senhor, nem mesmo um aperto de mão, apenas falar de homem para homem por um minuto.”

Foi a Sorella, lá em Lakewood, quem me contou tudo isso, enquanto Fonstein e o meu pai estavam afundados num transe sobre o tabuleiro de xadrez. “Rose, aquela pessoa tão especial, não quer ver o Harry”, disse Sorella.

O meu comentário foi: “Eu fico aqui quebrando a cabeça pra tentar entender por que é tão importante pro Fonstein. Ele foi recusado? Ora, então foi recusado”.

“Pra expressar gratidão”, disse Sorella. “Ele só quer é dizer ‘Obrigado’.”

“E esse pigmeu selvagem se recusa terminantemente.”

“Age como se o Fonstein nem existisse.”

“Por quê? Você é capaz de imaginar? Medo das emoções? Momento judeu demais pra ele? Diminui o seu estatuto como americano de plenos direitos? Qual é a opinião do seu marido?”

“O Harry acha que é algum tipo de mudança nos descendentes de imigrantes neste país”, disse Sorella.

E eu recorro hoje o impacto que essa resposta me causou. Eu mesmo já tinha parado várias vezes para pensar nada confortavelmente sobre a

americanização dos judeus. Dava para começar pelas diferenças físicas. O meu pai tinha um metro e sessenta e sete de altura, eu tinha um e oitenta e oito. Para o meu pai, isso parecia um desperdício tolo, de alguma maneira. Talvez a razão fosse bíblica, pois o rei Saul, um palmo e meio maior que os outros, era *verrucht* — demente e danado. O profeta Samuel tinha avisado a Israel que não aceitasse um rei, e Saul não encontrou apoio aos olhos de Deus. Portanto um judeu não devia ser desnecessariamente grande, mas de feitio fino, forte mas compacto. O principal era ser ágil e de mente rápida. Era assim que era meu pai e que ele teria preferido que eu fosse. O meu comprimento era supérfluo, eu tinha peito e ombros em excesso, mãos grandes, uma boca larga, uma tira de bigode preto, voz demais, cabelo excessivo; as camisas que cobriam o meu tronco tinham um excesso de listras vermelhas e cinza, imbecilmente chamativas. Os bobos deviam vir em tamanhos menores. Um filho grande era uma ameaça, um parricídio. Já Fonstein, apesar da perna curta, era um homem adequado, bem pronto, arrumado, sensato e esperto. O seu desenvolvimento foi acelerado pelo hitlerismo. Perder o pai aos catorze anos de idade acaba com a infância de uma pessoa. Enterrar a mãe num cemitério estrangeiro, sem tempo para o luto, apanhado com documentos falsos, cumprindo pena no xadrez (*sentar-se* é o termo judeu para isso: “*Er hat gesessen*”). Um homem familiarizado com a dor. Sem tempo para leviandades ou gargalhadas estúpidas, para vaidades e brincadeiras, para subir em muros, para efeminações ou lamúrias infantiloides.

Eu não concordava, claro, com meu pai. Nós éramos maiores na minha geração porque éramos mais bem nutridos. Éramos, além disso, menos restringidos, com mais amplas liberdades. Crescemos sob um espectro maior de influências e de pensamentos — éramos os filhos de uma grande democracia, criados para a igualdade, vivenciando-a sem tapumes que nos confinassem. Ora, até o fim do século passado, os judeus de Roma ainda eram trancafiados durante a noite; o papa cerimoniosamente adentrava o gueto uma vez por ano e cuspiam ritualmente nas vestes do rabino principal.

Nós éramos tontos aqui? Com certeza. Mas não havia vagões de gado esperando para nos levar para campos e câmaras de gás.

A gente pode pensar sobre essas coisas — e pensar e *pensar* — mas nada se resolve com essas meditações históricas. *Pensar* não dá jeito em nada. Ideia nenhuma é mais do que uma potencialidade imaginária, uma nuvem cogumelo de Los Alamos (destruindo nada, erguendo nada) que surge de uma consciência que nos cega.

E Billy Rose não era grande; ele era mais ou menos do tamanho de Peter Lorre. Mas, ah!, como era americano. Havia um tinir de máquinas de fliperama em Billy, o espocar das galerias de tiro, o chocalhar dos pinballs, o fraco grito humano das lagartixas da Times Square, o olhar sáurio das aberrações de circo. Para vê-lo como ele era, você tem que colocá-lo contra o clarão caiado da Broadway nas horas mortas. Mas mesmo lugares como esse têm seus nobres — pessoas cujos defeitos podem ser convertidos em capital de giro para as suas empreitadas. Não há nada neste país que não se possa vender, nada estranho demais para ser levado ao mercado e gerar uma fortuna. E quando você tinha tantos imóveis de qualidade quanto tinha Billy, aí não importava que você fosse um dos cervos humanos que vinham para a cidade grande, saindo do Lower East Side, para pastar em engordurados papéis de sanduíche. Billy? Bom, Billy tinha espantado do negócio gigantes loucos como Robert Moses. Ele comprou o Edifício Ziegfeld por uns trocados. Ele instalou Eleanor Holm numa mansão e cobriu as paredes de obras-primas. E foi além. Diziam na Irlanda feudal que um homem orgulhoso é um homem adorável (o Parnell de Yeats), mas na glamorosa Nova York ele podia ser adorável porque os colunistas diziam que era — George Sokolsky, Walter Winchell, Leonard Lyons, o “Duque da Meia-Noite” — e também os amiguinhos em Hollywood e os líderes da sociedade que frequentava os nightclubs. Billy estava por toda parte. Ora, ele era até colunista de jornal, e republicado. É verdade, ele tinha ghost-writers, mas era ele o cérebro por trás de todas as decisões básicas e quem tinha poder de veto sobre cada palavra que eles imprimiam.

Fonstein logo estava familiarizado com os feitos de Billy, mais do que eu jamais estive ou quis estar. Mas também Billy tinha salvado o sujeito: tirado da prisão, pagado a sua viagem até Gênova, instalado o refugiado num hotel, conseguido uma passagem para ele num navio neutro. Nada disso Fonstein podia ter feito por si próprio, e você jamais o ouviria, em hipótese alguma, negar esse fato.

“É claro”, dizia Sorella, com gestos que só uma mulher de quase cem quilos pode produzir, porque a sua delicadeza se apoia no louco transbordar dos seus quadris, “que, apesar do meu marido ter desistido de estabelecer contato, ele não deixou, e não pode deixar de sentir gratidão. Ele é um ser humano digno, mas também é um homem muito inteligente e deve ter consciência do tipo de pessoa que o salvou.”

“Isso o perturba? Ser arrancado das garras da morte por um palpiteiro qualquer podia deixar ele infeliz.”

“Isso às vezes incomoda, sim.”

Ela se provou uma bela conversa, essa Sorella. Eu comecei a esperar ansiosamente pelas nossas conversas, tanto pelo que saía dela quanto pelo intrínseco interesse no assunto. Também, eu tinha mencionado ser amigo de Wolfe, um dos escritores contratados de Billy, e quem sabe ela estivesse me sondando. Wolfe podia até mencionar o assunto com Billy. Eu informei a Sorella já de saída que Wolfe jamais o faria. “Esse Wolfe”, eu lhe disse, “é um sujeitinho engraçado, um homenzinho pequeno que seduz moças crescidas. Muito esperto. Fica lá pelo Birdland e tem grande apego pelas aberrações da Broadway. Além de tudo, é um peso-pesado intelectual treinado em Yale, ou gosta de se ver assim; ele acalenta as suas taras e adora ser profundo. Por exemplo, a mãe dele é também a sua empregada. Ele me contou recentemente enquanto eu olhava uma mulher de joelhos esfregando o apartamento dele, ‘a mocinha que o senhor está observando é a minha mãe’.”

“O próprio filhinho do coração dela?”, disse Sorella

“Filho único”, eu disse.

“Ela deve gostar dele mais do que de tudo.”

“Eu nem ousou duvidar disso. Pra ele, é isso que é profundo. Ainda que Wolfe seja decente, por baixo disso tudo. Ele tem que sustentar a mãe de um jeito ou de outro. Que mal há em poupar dez pratas por semana com a limpeza? Além de que ele amplia a sua reputação de esquisitão niilista. Ele quer se tornar o Thomas Mann da ficção científica. Essa é a sua verdadeira meta, ele diz, e ele só está brincando na Broadway. Ele se diverte escrevendo as colunas do Billy e chegando à letra impressa com expressões como: ‘Eu vou acertá-lo naquela cabeça pontuda. Vai ser uma *pancada e tanto!*’.”

Sorella ouvia e sorria, embora não quisesse parecer familiar com aquelas personagens do submundo e a sua linguagem ou os seus hábitos, com o sexo do Village ou a ralé da Broadway. Ela trouxe a conversa de volta ao resgate de Fonstein e à história dos judeus.

Ela e eu nos sintonizamos, e em pouco tempo eu estava falando com tanta franqueza com ela quanto usaria numa conversa no Village, digamos, com Paul Goodman no Casbah, e não como se ela fosse meramente uma senhora gorda quadrada das trevas da noite da Nova Jersey pequenoburguesa — nada além de um vaso de conteúdo genético envolvido na produção de um gênio da ciência da próxima geração. Ela tinha feito um casamento respeitável (“desprezível”). No entanto, era também uma tigresa como esposa, uma tigresa como mãe. Não era uma pessoa qualquer que tinha patenteado o termostato de Fonstein e juntado o dinheiro para sua pequena fábrica (no início *era* pequena) e nesse meio-tempo criado um menino que era um gênio matemático. Era uma mulher de espírito, que se sentia em casa entre ideias. Essa senhora pesada com as suas roupas de alfaiataria era extremamente bem informada. Eu não me sentia disposto a discutir história judaica com ela — a ideia me fazia rilhar os dentes de início —, mas ela venceu a minha resistência. Estava bem aprofundada no assunto e, além disso, dane-se, você não podia dizer não para a história judaica depois do que tinha acontecido na Alemanha nazista. Você tinha que ouvir. Revelou-se que, como esposa de um refugiado, ela tinha se aplicado, determinada a dominar o tema, e eu ouvi muita coisa dela sobre as técnicas

de extermínio, o aspecto de indústria de larga escala envolvido na coisa toda. O que ela ocasionalmente mencionava enquanto Fonstein e o meu pai encaravam o tabuleiro, selados no seu transe, era o humor negro, o lado de pastelão de certas operações dos campos. Como professora de francês, ela conhecia bem Jarry e o *Ubu rei*, a patafísica, o teatro do absurdo, Dada, o surrealismo. Alguns campos eram administrados de uma forma burlesca que te forçava a fazer essas ligações. Prisioneiros mandados nus para um pântano onde tinham que coaxar e pular como sapos. Crianças enforcadas quando quase mortas de fome, trabalhadores escravos congelando alinhados numa parada diante da força enquanto uma banda da prisão tocava valsas de operetas vienenses.

Eu não queria ouvir isso, e disse, impaciente: “Muito bem, Billy Rose não era o único no *showbiz*. Então os alemães também fizeram, e o que eles montaram em Nuremberg foi maior que o comício de Billy na Madison Square Garden — o espetáculo ‘Jamais morreremos’”.

Eu entendia Sorella: o objetivo das suas pesquisas era auxiliar o marido. Ele estava vivo hoje porque um pequeno produtor judeu meteu na sua cabeça esquisita a ideia de organizar um resgate hollywoodiano. Eu era convidado a meditar sobre temas como: A morte pode ser engraçada? Ou quem ri por último? Eu não estava disposto, no entanto. Primeiro essas pessoas assassinavam você, depois te forçavam a refletir sobre os seus crimes. Me sufocava fazer uma coisa dessas. Sair à caça de causas era uma horrível imposição acrescida à “seleção”, ao gás e à cremação originais. Eu não queria pensar na história e na psicologia dessas abominações, câmaras da morte e fornalhas. As estrelas são fornalhas nucleares também. Essas coisas estão definitivamente além de mim, um exercício inútil.

Até o meu conselho a Fonstein — dado mentalmente — era: esqueça. Vire americano. Trabalhe na sua empresa. Venda os seus termostatos. Deixe esse lado teórico para a sua mulher. Ela tem uma queda para isso, e é uma mulher esperta. Se ela gosta de reunir uma biblioteca sobre o Holocausto e quer ponderar sobre o assunto, por que não? Talvez ela própria escreva um



livro, sobre os nazistas e a indústria do entretenimento. Morte e fantasia de massa.

A minha própria suspeita era de que havia um grau de fantasia embutido na obesidade de Sorella. Ela estava biologicamente dramatizada em ondas e rolos de tecido. Ainda assim era, no fundo, uma mulher séria integralmente devotada ao marido e ao filho. Fonstein tinha seus talentos; Sorella, no entanto, tinha o tino comercial. E ninguém precisava dizer para o Fonstein virar americano. Junto, esse casal passou logo da decente prosperidade para o dinheiro de verdade. Compraram imóveis a leste de Princeton, já na direção do oceano, educaram o menino, e, quando o mandavam passar as férias de verão num acampamento, eles viajavam. Sorella, outrora professora de francês, tinha uma queda pela Europa. Ela tinha tido, além disso, a boa sorte de encontrar um marido europeu.

Perto do fim dos anos 50 eles foram a Israel e, curiosamente, os meus negócios tinham me levado a Jerusalém também. Os israelenses, que em termos de cultura tinham um exemplar de cada coisa no mundo, haviam me convidado para abrir um instituto da memória.

Assim, no saguão do Rei Davi, eu encontrei os Fonstein. “Faz anos que eu não te vejo!”, disse Fonstein.

É verdade, eu tinha me mudado para a Filadélfia e me casado com uma moça da região da Main Line. Nós morávamos numa mansão antiga, que tinha um jardim fechado e uma escadaria de 1817 fotografada pela revista *American Heritage*. O meu pai estava morto; a viúva tinha ido morar com uma sobrinha. Eu pouco via a velha e tive que perguntar aos Fonstein como ela estava. Ao longo da última década eu tinha tido só um contato com os Fonstein, uma conversa ao telefone sobre o seu filho superdotado.

Naquele ano, eles tinham enviado o rapaz para um acampamento de verão para pequenos prodígios científicos.

Sorella ficou particularmente feliz de me ver. Estava sentada — com o peso dela eu imagino que se esteja em geral mais confortável sentado — e estava autenticamente feliz de me encontrar em Jerusalém. A minha ideia a respeito daqueles dois era que devia ser bom para um refugiado ter amplo

lastro na patroa. Além disso, eu acredito que ele a amasse. A minha própria esposa era mais uma Twiggy. A gente nunca acerta em cheio. Sorella, me chamando de “primo”, disse em francês que ainda era uma *femme bien en chair*. Eu ficava imaginando como um homem consegue achar o caminho entre tantas dobras. Mas isso não tinha nada a ver comigo. Eles pareciam bem felizes.

Os Fonstein tinham alugado um carro. Harry tinha parentes em Haifa, e eles estavam saindo para um giro pelo norte do país. Não era um lugar extraordinário? Dizia Sorella, baixando a voz até um sussurro teatral. (O que é que havia ali para ser mantido em segredo?) Judeus que eram eletricitas e pedreiros, policiais judeus, engenheiros, e capitães de fragata. Fonstein era bom de caminhada. Na Europa ele tinha andado mais de mil e quinhentos quilômetros com as suas botas polonesas. Sorella, no entanto, não era feita para passear à cata de paisagens. “Eu devia ser carregada numa liteira”, ela dizia. “Mas será que isso é trabalho pra israelenses?” Ela me convidou para o chá enquanto Fonstein visitava pessoas da sua terra — vizinhos de Lemberg.

Antes do nosso chá, eu subi para o meu quarto para ler o *Herald Tribune* — um dos claros prazeres de se estar no estrangeiro — mas me acomodei com o jornal para pensar sobre os Fonstein (meu hábito dois-em-um — como usar música como pano de fundo para refletir). Os Fonstein não eram daqueles parentes distantes previsíveis e descartáveis que se rotulam pelas roupas, a conversa, os carros que dirigem, o pertencimento a um ou outro templo, a sua política partidária. Fonstein, com todas aquelas botas da Jermyn Street e os ternos italianados, era ainda o homem que enterrou a mãe em Veneza e esperou na sua cela que Ciano viesse resgatá-lo. Embora o rosto dele fosse silente e os seus modos, “socialmente avançados” — era o único termo que eu conseguia aplicar: longe do estilo judeu adquirido nas comunidades de Nova Jersey —, acredito que ele estivesse pensando intensamente sobre a sua origem europeia e a sua transformação americana: parte I e parte II. Sinais de uma memória tenaz nos outros raramente me passam despercebidos. Eu sempre pergunto, no entanto, o que as pessoas

estão fazendo com as suas reminiscências. Decoreba, armazenamento mecânico, uma capacidade incomum de reter fatos, tem interesse limitado para mim. Idiotas podem ter esse dom. Nem me interessa muito a nostalgia e os sentimentos que lhe são associados. Na maioria dos casos, isso me desagrada. Fonstein estava *fazendo* alguma coisa com o seu passado. Era o elemento vivo, ativo, na sua aparência plácida. Mas isso era tão possível de se discutir com um homem como era perguntar sobre a sua bota macia com a sola de dez centímetros.

E aí havia Sorella. Mulher nada comum, ela rompia cada sinal de uma ordem comum. A sua obesidade, supondo que ela tivesse alguma escolha psíquica nesse assunto, era um sinal disso. Ela podia ter se decidido a ser mais magra, pois tinha a força de caráter para fazê-lo. Mas em vez disso ela aceitou o desafio do tamanho como um Houdini podia ter pedido nós mais apertados, mais cadeados no baú, rios mais profundos de que escapar. Ela era, como as pessoas dizem hoje em dia, “fora de série” — os gráficos dela iam além da planilha e preenchiam toda a parede. Nas minhas reflexões no Rei Davi, eu incluí o fato de ela ter tido que esperar que um tio em Havana lhe encontrasse um marido — ela tinha sido uma defeituosa matrimonial, uma rejeitada. Sair dessa situação lhe deu um impulso revolucionário. Não restaria sinal da sua humilhação anterior, de forma *alguma*, nenhum resíduo de amargura. O que você não queria você trancava para fora decisivamente. Você não foi saudável, foi morosa. A sua gordura te deixou pálida e desajeitada. Ninguém, nem mesmo um cafajeste, veio cortejar você. O que é que você faz agora com esse doloroso histórico de desgraça? Você não enterra, nem transforma; você o *extermina* e depois usa o espaço para desenhar um projeto mais forte. Você desenha com liberdade porque pode bancar essa liberdade, e não porque não há o que esconder. O novo projeto, como eu o via, não era uma invenção. A Sorella que eu via não era construída, mas sim revelada.

Pus de lado o *Herald Tribune* e desci de elevador. Sorella estava ajeitada no terraço do Rei Davi. Estava usando um vestido de um bege esbranquiçado. O corpete era ornamentado por um grande quadrado de

material como que com escamas. Havia nele algo militar e místico, também. Me fazia pensar nos Cavaleiros de Malta — uma coisa curiosa de se associar a uma senhora judia de Nova Jersey. Mas também o muro medieval da cidade antiga estava logo ali do outro lado do vale. Em 1959 os israelenses ainda não tinham acesso a ele; era território indígena ainda. Naquele momento eu não estava pensando em judeus e jordanianos, no entanto. Estava tomando um civilizado chá com uma senhora imensa que era também distinta, peremptoriamente, coquete. A colmeia não estava mais lá. Usava o cabelo claro curto, chinelos turcos nos pés pequenos, que estavam inocentemente cruzados sob o latão martelado da bandeja de chá. O vale de Hinnom, antigo reservatório otomano, estava verde e em flor. O que tenho a dizer aqui é que eu estava ciente — eu as senti diretamente — das batidas do coração de Sorella ao enfrentar o desafio de suprir um organismo tão vasto. Essa para mim era uma operação ousada, maior que o aqueduto turco. Senti meu próprio coração manifestando admiração pelo dela — a extensão do projeto que ele tinha que enfrentar.

Sorella me tranquilizou.

“Longe de Lakewood.”

“É assim que se viaja hoje em dia”, eu disse. “Nós fizemos alguma coisa com a distância. Alguma transformação, alguma desorientação.”

“E você veio até aqui pra instalar uma filial do seu instituto — e essa gente precisa de uma?”

“Eles acham que sim”, eu disse. “Eles têm uma versão modificada da ideia da arca de Noé. Eles não querem perder nada dos países avançados. Eles têm que se manter à altura do resto do mundo e ser um microcosmo completo.”

“Você se incomoda se eu lhe fizer um testezinho leve?”

“Pode mandar.”

“Você consegue se lembrar do que eu estava usando quando nós nos conhecemos na casa do seu pai?”

“Você estava usando um conjunto cinza de alfaiataria, não muito escuro, com uma risca fina, e brincos de azeviche.”

“Você sabe me dizer quem construiu o Graf Hindenburg?”

“Sei... Dr. Hugo Eckener.”

“O nome da sua professora da segunda série, cinquenta anos atrás?”

“Srta. Emma Cox.”

Sorella suspirou, menos admirando que lamentando, apiedada diante do fardo de tanta informação inútil.

“É bem impressionante”, ela disse. “Pelo menos o seu sucesso com o Instituto Mnemósine tem uma base legítima... Eu fico aqui pensando, você lembra o nome da mulher que Billy Rose mandou à ilha Ellis para falar com o Harry?”

“Seria a sra. Hamet. Harry pensou que ela estivesse com T. B.”

“Sim, correto.”

“Por que você está perguntando?”

“Ao longo dos anos eu tive algum contato com ela. Primeiro, ela procurou por nós. Depois procurei por ela. Eu a cultivei. Eu gostava da velhinha, e ela também me achava simpática. Nós nos vimos muito.”

“Você está pondo tudo no pretérito.”

“E é o lugar certo. Pouco tempo atrás, ela faleceu num sanatório perto de White Plains. Eu ia visitar. Você pode dizer que se formou um laço entre nós. Ela não tinha grandes famílias...”

“Atriz iídiche, não era?”

“É verdade, e pessoalmente ela era teatral, mas não só por saudade de uma arte desaparecida — a Trupe Vilna, a Second Avenue.<sup>3</sup> Era também porque tinha uma personalidade combativa. Havia imensas quantidades de sofisticação naquela personagem, montes de objetividade. Paciência que bastasse. E mais uma cacetada de artilosidade.”

“E pra que ela precisava dos ardis?”

“Durante muitos anos ela ficou de olho nas ações de Billy. Ela punha tudo num diário. Tanto quanto podia, ela manteve um arquivo documentado — notas sobre idas e vindas, registros datados de conversas telefônicas, cópias carbono de cartas.”

“Pessoais ou de negócios?”

“Não daria pra dividir com clareza.”

“Pra que é que serve esse material todo?”

“Eu não sei dizer ao certo.”

“Ela odiava o homem? Estava tentando pegar o sujeito?”

“Na verdade, acho que não. Ela era muito tolerante — tanto quanto podia ser, levando uma vida de centavos e trocados e se sentindo desconsiderada. Mas eu não acho que ela quisesse jogar o camarada no xilindró pelas suas iniquidades. Ele era uma celebridade, pra ela — era assim que ela se referia a ele. Ela comia no Automat; ele era uma celebridade e, portanto, fazia as suas refeições no Sardi’s, no Dempsey’s ou na espelunca de Sherman Billingsley. Sem ressentimentos quanto a isso. O Automat oferecia bastante por uns tostões e ela costumava dizer que tinha uma dieta mais saudável.”

“Acho que eu lembro que ela era tratada mal.”

“Ela e todos os outros, e todos diziam que detestavam o chefe. O que o seu amigo Wolfe lhe disse?”

“Ele disse que o Billy tinha pavio curto. Que era como que uma pústula. Ainda assim, Wolfe ficava extático por ter uma ligação com a Broadway. Havia glamour no Village pra quem era um dos escritores de Billy. Wolfe ganhava uma cabeça de vantagem com as mulheres que vinham pro centro da cidade, de Vassar e de Smith. Ele não tinha credenciais intelectuais de primeira qualidade no Village, não era um dos maiores frasistas, mas tinha muita ambição de crescer, o que quer dizer que estava preparado pra aceitar grosserias — e eles tinham muita pra oferecer — dos reis teóricos da máfia, os sábios pesos-pesados, pra poder obter uma educação na vida moderna —, o que valia dizer que você conseguia combinar Kierkegaard e bebop de um só fôlego. Era um grande caçador. Mas não abusava ou parasitava as mulheres. Quando estava seduzindo, ele dava a partida na mocinha com uma caixa de bombons. A próxima fase, sempre a mesma, era uma blusa de caxemira — tanto o chocolate quanto a caxemira vindos de um sujeito que vendia mercadoria roubada. Quando o caso acabava, as meninas eram entregues a alguém mais cru e mais abaixo no totem...”

Aqui eu exerci os meus direitos de cidadão e me dei voz de prisão, mentalmente — eu me detive. Foi o totem. Um judeu em Jerusalém, e que era capaz de explicar onde estávamos — como Moisés entregara a lei a Josué, e Josué aos Juízes, os Juízes aos profetas, os profetas aos rabinos, de modo que, no fim da linha, um judeu da secular América (uma diáspora dentro de uma diáspora) pudesse tagarelar inconsequentemente sobre a quente cena do Village dos anos 50 e sobre totens, sobre o submundo da Broadway e as suas mesquinhas. Especialmente se você tiver em mente que esse judeu em particular não sabia dizer qual seria o seu lugar nessa grande procissão histórica. Eu tinha concluído muito antes que os Escolhidos foram escolhidos para ler os pensamentos de Deus. Ao longo dos milênios, isso se revelou um jogo de soma zero.

Eu não estava disposto a entrar nisso.

“Então a velha Hamet morreu”, eu disse, num tom triste. Eu me lembrava do rosto dela como Fonstein o havia descrito, mais branco que açúcar de confeitiro. Era quase como se eu a tivesse conhecido.

“Ela não era exatamente uma velhinha coitada”, disse Sorella. “Ninguém lhe pediu pra participar, mas ela era uma das jogadoras, mesmo assim.”

“Ela mantinha esse tal registro... Por quê?”

“A obsessão dela pelo Billy raiava o bizarro. Ela acreditava que eles eram feitos um para o outro porque eram semelhantes — gente defeituosa. Os inadequados, os rejeitados, se unindo pra aliviar o fardo um do outro.”

“Ela queria ser a sra. Rose?”

“Não, não — isso estava fora de cogitação. Ele só casava com celebridades. Ela não tinha valor de relações-públicas — ela era velha, figura de impacto nenhum, apagada, sem dinheiro, sem status. Tarde demais até pra penicilina salvar. Mas que ela se empenhou em saber tudo sobre ele, isso ela fez. Quando se soltava, ela era extremamente obscena. A obscenidade estava ligada a tudo. Ela certamente sabia todas as palavras. Conseguia soar como um homem.”

“E ela achou que devia te contar? Compartilhar a pesquisa?”

“Comigo, sim. Ela se aproximou de nós através do Harry, mas a amizade era comigo. Aqueles dois raramente se encontravam, quase nunca.”

“E ela deixou os arquivos pra você?”

“Um diário e as provas que o sustentavam.”

“Ui!”, eu disse. O chá tinha ficado de molho por muito tempo e estava escuro. O limão clareava a cor, e açúcar era exatamente o que eu precisava no fim da tarde para dar uma acordada. Eu disse a Sorella: “Esse jornal tem alguma utilidade pra você? Você não precisa de ajuda alguma do Billy”.

“Claro que não. A América, como eles dizem, foi boa conosco. No entanto, é uma bela documentação, o que ela deixou. Eu acho que você também ia achar.”

“Se eu me desse ao trabalho de ler.”

“Se começasse, você ia continuar, ah ia.”

Ela estava oferecendo. Ela tinha trazido o diário para Jerusalém! E por que tinha feito uma coisa dessas? Não para me mostrar, certamente. Ela não podia saber que ia me encontrar aqui. A gente estava sem contato havia anos. Eu não tinha muito boas relações com a família, você entende? Tinha me casado com uma senhora branca, anglo-saxã protestante — WASP, como dizem por aí — e o meu pai e eu tínhamos brigado. Eu era agora um habitante da Filadélfia, sem contatos em Nova Jersey. Nova Jersey, pra mim, era só uma parada a caminho de Nova York ou de Boston. Uma escuridão psíquica. Sempre que possível eu omitia Nova Jersey. Enfim, eu escolhi não ler o diário.

Sorella disse: “Você pode muito bem estar imaginando que uso eu posso dar a ele”.

Bom, eu estava imaginando, claro, por que ela não tinha deixado o diário da sra. Hamet em casa. Francamente, eu não me daria ao trabalho de especular sobre os motivos dela. O que eu entendia com clareza era que ela estava curiosamente ávida por que eu lesse. Talvez quisesse os meus conselhos. “O seu marido já examinou o material?”, perguntei.

“Ele não ia entender a língua.”

“E você ia ficar constrangida de traduzir.”



“É mais ou menos isso”, disse Sorella.

“Então é bem cabeludo em alguns lugares? Você disse que ela sabia as palavras. Vocabulário clínico não espantava a sra. Hamet, não é?”

“Nestes dias de estudos sexuais científicos, não há muito que seja novo e chocante”, disse Sorella.

“O choque provém da fonte. Quando é alguém na mira da imprensa.”

“É, eu imaginei isso.”

Sorella era uma pessoa de bem. Ela não estava sugerindo que eu partilhasse qualquer lascívia com ela. Nada estava mais distante dela do que más comunicações. Ela jamais havia seduzido alguém — eu apostaria a minha renda de um ano. Era tão estável no seu caráter quanto era imensa na sua pessoa. O quadrado no peito do seu vestido, com aquele padrão de escamas, era como um repúdio de toda má intenção trivial. As escamas, por si mesmas, pareciam ser um tipo de mensagem em caracteres cursivos, advertindo contra interpretações desviadas, atribuições perversas.

Ela estava calada. Parecia dizer: você está duvidando de mim?

Bom, nós estávamos em Jerusalém, e eu sou incomumente sensível a lugares. Num momento eu tinha travado contato com os Cruzados, com César e Cristo, os reis de Israel. Havia também as batidas do coração dentro dela (em mim também) com a persistência da fidelidade, uma fé na necessária continuidade de um mistério radical — não me peça para trocar em miúdos.

Eu não teria me sentido assim na Trenton operária.

Sorella era crescida demais para qualquer joguinho de criar problemas ou para inventar pequenas maldades. Seus olhos eram como túneis de um azul atmosférico, e o seu fundo (a *camera oscura*) remetia você ao negro do espaço universal, onde não há objetos para refletir o fluxo da luz invisível.

O esclarecimento veio em um ou dois dias, de algo publicado naquele pasquim que é o *Post*. Eram esperados para logo em Jerusalém Billy Rose e o designer, planejador artístico e escultor arquitetônico Isamu Noguchi. O munificente Rose, sempre um amigo de Israel, estava aqui para doar um jardim de esculturas, preenchendo-o com a sua coleção de obras-primas.

Ele tinha persuadido Noguchi a desenhá-lo para ele — ou, se isso não era chique o suficiente, para presidir sua criação, pois Billy, como disse o repórter, tinha os impulsos filantrópicos mas era um caso perdido no que se referia aos requisitos estéticos. Sabia o que queria; mais ainda, ele sabia o que *não* queria.

A qualquer dia estariam chegando. Teriam encontros com funcionários do urbanismo de Jerusalém, e o primeiro-ministro os convidaria para um jantar.

Eu não podia falar com Sorella sobre isso. Os Fonstein tinham ido a Haifa. O motorista deles os levaria até Nazaré e a Galileia, até a fronteira Síria. Genesaré, Cafarnaum, o Monte das Beatitudes estavam no itinerário. Não havia necessidade de perguntas; eu tinha entendido o que Sorella pretendia. Com a velha coitada da sra. Hamet, possivelmente (aquela sapeadora, aquela agente infiltrada, aquela dedicada pesquisadora), ela tivera notícia adiantada, e não teria sido difícil descobrir a data da chegada de Billy com o eminente Noguchi. Sorella, se lhe agradasse, podia passar uma imensa e pública reprimenda em Billy, usando o diário da sra. Hamet como seu ponto. Eu ficava imaginando exatamente como isso aconteceria. A intenção geral era tudo o que eu conseguia discernir. Se Billy era engenhoso em conseguir o máximo de atenção (metade munificência, metade lorota da mais descarada), se Noguchi era engenhoso no departamento de belos arranjos, ainda se veria o que Sorella podia produzir no quesito engenhosidade.

Tecnicamente, ela era uma dona de casa. Em qualquer questionário ou formulário de inscrição ela teria que marcar um xis em dona de casa. Nada do que acompanha esse estado — decoração de interiores, escolha de jogos americanos, da cutelaria, papéis de parede, utensílios de cozinha, controle do sal, colesterol, cancerígenos, preocupação com cabeleireiros e manicure, cosméticos, sapatos, comprimento de vestidos, o tempo devotado aos shopping centers, às lojas de departamentos, spas, ceias, coquetéis —, nenhuma dessas coisas, ou forças, ou poderes (pois eu as vejo também como poderes, ou mesmo espíritos), podia manter uma mulher como

Sorella sob sua sujeição. Ela era tão dona de casa quanto a sra. Hamet tinha sido secretária. A sra. Hamet era uma artista dramática desempregada, uma velha tuberculosa, moribunda e por fim demoníaca. Ao deixar o seu explosivo diário para Sorella, ela fez uma escolha calculada, estonteantemente adequada.

Já que Billy e Noguchi chegaram ao Rei Davi enquanto Sorella e Fonstein estavam de folga nas praias do mar da Galileia, e embora eu estivesse ocupado com assuntos do Mnemósine, eu mesmo assim fiquei de olho nos recém-chegados como se tivesse recebido de Sorella a missão de vigiar e relatar. Como se podia prever, Billy causou algum frisson entre os hóspedes do Rei Davi — principalmente judeus dos Estados Unidos. Para alguns, era um privilégio ver uma personalidade lendária no saguão e na sala de jantar, ou no terraço. Da parte dele, ele não encorajava contatos, não estava particularmente disposto a conhecer ninguém. Tinha o rosto corado das pessoas que estão sendo observadas — o rubor do zênite.

De imediato ele fez uma cena no acarpetado saguão de colunas. A El Altinha perdido a sua bagagem. Um mensageiro do escritório do primeiro-ministro veio lhe dizer que ela estava sendo rastreada. Podia ter seguido para Jacarta. Billy disse: “É melhor vocês acharem logo essa porra. E isso é uma *ordem!* Tudo o que eu tenho é esse terno com que viajei, e como é que vou fazer a barba, escovar os dentes, trocar de meia, de roupa de baixo, e dormir sem pijama?”. O governo tomaria conta disso tudo, mas o mensageiro foi forçado a ouvir que as camisas foram feitas na Sulka e os ternos, pelo alfaiate da Quinta Avenida que trabalhava para Winchell, ou Jack Dempsey, ou os executivos de primeiro escalão da RCA. O estilista devia ter escolhido um modelo da família das aves. O corte do paletó de Billy sugeria a elegância de melros e de rouxinóis, aves que caminhassem com uma velocidade espantosa, gordas no peito e com as asas dobradas para cima. Aqui a analogia parava. O resto era complexa vaidade, altivez mesquinha, frio acinte — uma performance de baixinho orgulhoso, cujas premissas eram ser ele uma figura considerável, uma personagem da Broadway que requeria consideração especial, e que ele mesmo devia à sua

elevada posição no *show biz* a obrigação de bater o pé e gritar e exigir e ameaçar. No entanto, o tempo todo, se você olhasse de perto para o rostinho rosado, histriônico e oriental, via um pequeno mas nítido setor particular. Ele continha dados bem diferentes. A aparência de Billy parecia dizer que ele, o Billy *peessoal*, tinha outras preocupações, que surgiam de secretas prestações de contas internas. Ele veio da sarjeta. O que estava muito bem, no entanto, na América, terra das oportunidades. Se ainda havia nele traços da sarjeta, ele não precisava esconder demais. Nos EUA você podia vir do nada e ainda assim manter a cabeça erguida, especialmente se tivesse grana. Se você empurrasse Billy ele retaliaria, e se você pode retaliar você tem respeito próprio. Ele até podia ser baixo e vulgar, não valia a pena tentar disfarçar. Ele nem se importava com que tipo de merda as pessoas pudessem pensar. Por outro lado, se ele queria um monumento em Jerusalém, uma marca de beleza cultural, esse nobre presente era concebido por Billy, e não me esqueça disso. Tais componentes faziam com que Billy valesse uma olhada. Ele penteava o cabelo para trás como George Raft, ou aquele outro queridinho das mulheres mais antigo, Rodolfo Valentino. (Nos dias de Valentino, Billy era compositor na Tin Pan Alley — escreveu um pouquinho, roubou um pouquinho, fez muitíssima promoção; ele ainda detinha valiosos direitos autorais.) Ele parecia simultaneamente fraco e forte. Não podia invocar nada clássico, como podia um WASP bem-educado — um homem, digamos, cujo avô tivesse ido a Groton, cujos remotos ancestrais houvessem tido o direito de usar uma couraça e carregar uma espada. Armas, nem sonhando, para os judeus naqueles tempos mais remotos, exatamente como cavalos puro-sangue. Ou as grandes guerras. Mas o melhor que você podia fazer nesta era se fosse de ascendência privilegiada era vestir-se com oficioso e caro bom gosto e se portar com o que restava do estilo brâmane ou knickerbocker. Hoje em dia, isso também estava exaurido e piegas. Para Billy, no entanto, o guarda-roupa de alfaiataria era indispensável — como ter um lavabo particular. Ele não podia se apresentar sem os seus ternos, e isso era o que alimentava a sua raiva da El Al e também o seu desespero. Isso, enquanto ele atirava para

todos os lados, era o que eu lia nele. Noguchi, no que eu imaginava ser um estado de calma zen, também observava silenciosamente enquanto Billy dava o seu showzinho.

Nos momentos mais calmos, quando estava no saguão bebendo suco de frutas e lendo mensagens de Nova York, Billy tinha a aparência de alguém que não podia cessar de lamentar os longos sofrimentos dos judeus e, além disso, as suas próprias derrotas nas mãos de outros judeus. O meu palpite era de que as suas derrotas para as judias eram as que feriam mais fundo dentre todas. Ele podia vencer contra os homens. As mulheres, se eu tinha informações corretas, eram demais para ele.

Se fosse um judeu dos velhos tempos, no leste da Europa, ele teria desprezado essas derrotas sexuais. Como sua ligação principal era com Deus, ele não teria concedido tamanho poder a uma mulher. A desgraça sexual que você lia na aparência de Billy era um tormento americano — puramente americano. Broadway Billy estava, além de tudo, no ramo dos prazeres. Tudo, nos seus estabelecimentos de Nova York, resolvia-se em brincadeira, piadas, jogos, risadas, sarro, provocações. E os seus esforços comerciais estavam coroados de dinheiro. Inquieta repousa cabeça privada de ouro e coroa. Billy não precisava se preocupar com *isso*.

Combine esses temas, e você pode entender a melancolia residual de Billy, a sua resignação diante de forças que não podia controlar. O que podia controlar ele controlava com grande eficácia. Mas era tanta coisa que tinha importância — e como tinha! E como ele sabia bem que não havia o que pudesse fazer a respeito.

Os Fonstein voltaram do mar da Galileia mais cedo do que se esperava. “Lindo, mas mais pros cristãos”, Sorella me disse. “Por exemplo, o Monte das Beatitudes.” Ela disse também: “Não tinha um só barco a remo grande o suficiente pra eu sentar. Quanto a nadar, o Harry entrou, mas eu não levei maiô”.

O seu comentário a respeito da bagagem perdida de Billy foi: “Deve ter sido um constrangimento dos diabos pro governo. Ele veio construir pra eles uma grande atração turística. Se ele tivesse continuado a berrar eu bem

podia ver o Ben-Gurion em pessoa sentado à máquina de costura pra lhe fazer um terno”.

As malas perdidas já haviam, então, sido reencontradas — belíssimos artigos, como estreitos baús de couro, com cantoneiras de latão, e monogramas. Não da Tiffany, mas do fabricante italiano que forneceria para a Tiffany se a Tiffany vendesse malas (obtidas através de contatos, como os bombons e as caxemiras de Wolfe, o ghost-writer: porque é que você teria que pagar o preço cheio do varejo só porque é milionário?). Billy deu uma entrevista para a imprensa e cumprimentou Israel por ser parte do mundo moderno. A sombra mesquinha deixou o seu rosto, e ele e Noguchi saíram todo dia para trocar ideias sobre a localização do jardim de esculturas. A atmosfera no Rei Davi ficou mais amistosa. Billy parou de atazanar os funcionários, e os funcionários, por sua parte, pararam de atormentá-lo. Billy, ao chegar, cometera o engano de perguntar a um deles quanto devia dar de gorjeta ao porteiro que levou sua valise para o quarto. Disse que não se sentia em casa ainda com a moeda israelense. O funcionário se inflamou. Ficava indignado com o fato de um homem de tanta riqueza poder ser miserável com trocados, e soltou o verbo em Billy. Billy se assegurou de que o funcionário fosse repreendido pela gerência. Quando ouviu falar disso, Fonstein disse que em Roma um funcionário da recepção de um hotel de classe jamais, de forma alguma, teria feito uma cena com um dos hóspedes.

“Prerrogativas judaicas”, ele disse. “Nada de funcionários e hóspedes, mas um judeu soltando o verbo em outro — de homem para homem.”

Eu tinha esperado que Harry Fonstein reagisse vigorosamente à presença de Billy — hospedado no mesmo hotel, com preços que somente as pessoas de posses podiam bancar. Fonstein, que Billy salvara da morte, era nada além de um judeu americano comum, a duas mesas de distância no restaurante. E Fonstein tinha força de vontade. De maneira alguma ele teria se aproximado de Billy para se apresentar ou confrontá-lo: “Eu sou o homem que a sua organização tirou clandestinamente de Roma. O senhor me trouxe até a ilha Ellis e aí lavou as mãos, nunca deu a mínima pro futuro

desse refugiado. Virou as costas para mim no Sardi's". Não, não Harry Fonstein. Ele compreendia existir algo como a possibilidade de se dar demasiada importância ao destino de um só indivíduo. Além disso, não está de fato em nós, nos dias de hoje, o hábito de nos estendermos, de nos envolvermos nos fados de alguém que por acaso se aproxima de nós.

"Sr. Rose, eu sou a pessoa que o senhor não quis ver; não conseguiu encaixar na sua agenda." Um olhar de escaldante ironia no rosto retribuidor de Fonstein. "Agora nós dois, aos olhos de Deus, de terrível julgamento, estamos aqui nesta cidade sagrada..."

Palavras impossíveis, uma situação impossível. Ninguém diz essas coisas, e ninguém ouviria a sério se elas fossem ditas.

Não, Fonstein se contentou com a observação. Via-se uma curiosa luz nos seus olhos quando Billy passava, falando com Noguchi. Eu não consigo recordar um momento em que Noguchi tenha respondido. Nem uma só vez Fonstein discutiu comigo a presença de Billy no hotel. Novamente eu ficava impressionado com a importância de se ficar de boca calada, o tipo de fertilidade que isso pode induzir, as vantagens ocultas de um bico fechado.

Eu perguntei de fato a Sorella como Fonstein se sentiu ao encontrar Billy aqui depois da viagem deles para o norte.

"Uma total surpresa."

"Mas para você não foi."

"Então você deduziu isso, não foi?"

"Bom, não foi especialmente difícil", eu disse. "Estou sentindo agora o que o dr. Watson devia sentir quando Sherlock Holmes o cumprimentava por uma dedução que o próprio Holmes tinha feito assim que o caso foi esboçado para ele. Por acaso o seu marido sabe do arquivo da sra. Hamet?"

"Eu contei, mas eu não tinha mencionado que trouxe o caderno pra Jerusalém. O Harry dorme muito bem, enquanto eu sofro de insônia, então fiquei de pé metade da noite lendo o registro da velha, que dana o sujeito na suíte ali de cima. Se eu não tivesse insônia, aquilo já ia ter me mantido acordada."

"Tudo sobre os contratos, os vícios dele? Coisa danosa, mesmo?"

Sorella primeiro deu de ombros e depois aquiesceu. Eu acredito que mesma ela estivesse perplexa, não pudesse se convencer exatamente.

“Se ele estivesse pensando em concorrer à presidência, não ia gostar que essa informação viesse a público.”

“Lógico. Mas ele não está concorrendo. Ele não é candidato. Ele é o Broadway Billy, e não o diretor de uma escola pra moças ou o pastor da igreja Riverside.”

“Isso é verdade. Ainda assim, ele é uma personalidade pública.”

Eu não continuei perseguindo o assunto. Certamente Billy era uma esquisitice. No que se referia ao lado físico (e no seu caráter também), Sorella era também genuinamente esquisita. Estava tão maior que a noiva que conheci em Lakewood que eu não podia evitar de ficar especulando sobre a sua expansão. Ela fazia você olhar duas vezes para uma porta. Quando chegava a ela, preenchia o espaço como um cargueiro numa eclusa de canal. Por si própria, a consciência — e aqui eu me refiro à minha própria mente consciente — era ainda outra esquisitice. Mas o que haja de estranho nas almas certamente não é novidade nos dias de hoje.

Fonstein a amava, isso era claríssimo. Ele respeitava a esposa, e eu também respeitava. Eu não estava me divertindo à custa de nenhum dos dois quando ficava pensando sobre o tamanho dela. Eu nunca perdi de vista a história de Fonstein, ou o significado de ser o sobrevivente de tamanha destruição. Talvez Sorella estivesse tentando incorporar em tecido adiposo alguma parcela do que ele tinha perdido — membros da família. Não há como se dizer o que ela podia estar armando. Tudo o que eu posso dizer é que era (o que quer que fosse, no fundo) realizado com certa classe e estilo. Cantoras preciosas podem fazer você esquecer os morros de sebo que são suas costas. Além disso, Sorella fazia sobrérrima o que sopranos delirantes nos impõem em um estado de falsa bebedeira wagneriana.

Seu enfoque com Billy, no entanto, foi tudo menos sóbrio, e eu duvido que qualquer estratégia sóbria pudesse ter produzido efeito em Billy. O que ela fez foi mandar-lhe diversas páginas, três ou quatro itens copiados do diário daquela pobre tuberculosa, a falecida srta. Hamet. Sorella se



assegurou de que o funcionário pusesse no escaninho de Billy, pois o material era explosivo, e nas mãos erradas podia ter sido fatal.

Quando aquilo já era fato consumado, ela me contou. Tarde demais agora para aconselhá-la negativamente. “Eu o convidei pra um drinque”, ela me disse.

“Não vocês três...?”

“Não. O Harry não esqueceu a cena com o leão de chácara no Sardi’s — você deve lembrar —, quando Billy virou o rosto pro fundo da cabine. Ele jamais se importaria novamente a Billy ou qualquer celebridade.”

“O Billy pode ainda assim te ignorar.”

“Bem, digamos que se trata de um experimento.”

Pus de lado por uma só vez a cara de aceitação social que tantos de nós dominaram perfeitamente e deixei que ela visse o que eu pensava do seu “experimento”. Ela podia vir com essa conversa de “ciência” para o filho adolescente, o futuro físico. Eu não era uma criança que se pudesse enrolar com uma palavra mágica de prestígio. Experimento? Ela era uma mulher engenhosa e poderosa que concebia esquemas luminosos, minuciosos, sinuosos, nodosos, dolosos. O que ela tinha em mente era o confronto, uma luta corpo a corpo. A palavra de laboratório era um disfarce. “Ousadia”, “Diplomacia de guerra”, “Paixão”, “Justiça” eram os termos reais. Ainda assim, pode ser que nem mesmo ela tivesse clara consciência disso. E, ainda, eu pensei mais tarde, o antagonista *era* Broadway Billy Rose. E ela não esperava que ele viesse encontrá-la no terreno da sua escolha, esperava? Que importância dava ele àquelas grandes abstrações? Ele tinha total liberdade para dizer: “Eu não sei de que porra a senhora está falando, e não dou a mínima, madame”.

Interessantíssimo — ao menos para uma mente americana.

Eu segui cuidando dos meus negócios do Mnemósine em Jerusalém numa mesa-redonda, expondo os meus métodos para os israelenses. No fim, o Mnemósine não vingou em Tel Aviv. (Mas andou às mil maravilhas em Taiwan e Tóquio.)

No terraço, no dia seguinte, Sorella, com aparência feliz e satisfeita por sobre seu chá, disse: “Nós vamos nos encontrar. Mas ele quer que eu vá à suíte dele às cinco horas”.

“Não quer ser visto em público, discutindo esse...?”

“Exatamente.”

Então ela tinha mesmo cartas boas na manga, afinal. Eu lamentava agora não ter aproveitado a oportunidade de ler o registro da sra. Hamet. (Tanto zelo, malícia, fúria e ternura eu deixei passar.) E eu nem mesmo sentia liberdade para perguntar a Sorella por que ela achava que Billy tinha concordado em encontrá-la. Eu tinha certeza de que ele não ia querer discutir teoria moral lá em cima. Não ia haver revelações, confissões, especulações. Gente como Billy não se preocupava com os seus atos; eles não estavam acostumados a prestar contas de si mesmos para si mesmos. Muito poucos de nós, a bem da verdade, nos incomodamos com contabilidades ou mantemos planilhas de consciência.

O que se segue baseia-se no relato de Sorella e foi suplementado pelas minhas observações. Eu não preciso dizer “se não me falha a memória”. No meu caso não falha, mesmo. Além disso, tomei pequenas notinhas, enquanto ela falava, no verso do meu caderno de notas (presente anual aos correntistas do meu banco na Filadélfia).

O comportamento de Billy ficou entre austero e hostil do começo ao fim. Acima de tudo, estava contrafeito. Sua conversa foi desde o início negativa. A suíte do Rei Davi não estava à altura dos seus padrões. Você tinha que viver meio à mingua aqui em Jerusalém, ele disse. Mas o país era jovem. Eles logo, logo iam acertar o passo. Esses comentários foram feitos quando ele abriu a porta. Ele não convidou Sorella a sentar-se, mas com o peso dela, sobre aqueles pés pequenos, ela não se permitiria ser deixada de pé, e acomodou o corpo numa cadeira de listras, justificando-se pelo som humano que fez quando se sentou — exalando como exalavam as almofadas.

Essa era a sua primeira oportunidade de examinar Billy, e ela teve umas poucas impressões imprevisíveis: então esse era Billy, do mundo dos astros.

Estava muito bem vestido, com as roupas pelas quais fez um escândalo tão grande. Em certos momentos você tinha a impressão de que as mangas dele estavam cheias do papel de seda usado pelas lavanderias de alto nível. Eu tinha mencionado que havia algo ornitológico no corte do seu casaco, e ela concordava comigo, mas onde eu via um rouxinol ou um melro, roliço por sob a camisa, ela disse (por ter instalado um comedouro para pássaros em Nova Jersey) que ele era mais como um pintassilgo; tinha até um pouco da cor. Um olho ficava um pouco mais próximo do nariz que o outro, dando um tom de páthos judaico à sua aparência. A bem da verdade, ela disse, ele era um pouco como a sra. Hamet, com aquele olho triste no rosto tísico, teatral, mortalmente pálido. E, embora o cabelo dele estivesse penteado, não estava absolutamente no lugar. Havia nele uma desordem de pintassilgo.

“De início ele pensou que eu estava aqui pra lhe pôr uma arma nas costas”, ela disse.

“Dinheiro?”

“Lógico — provavelmente dinheiro.”

Eu lhe dava corda, com acenos de cabeça e meias palavras, enquanto ela descrevia esse encontro. É claro: chantagem. Um homem profundo como Billy podia evocar anos de astúcia; tinha uma experiência infinita em manusear as pessoas que vinham tirar algo dele — vigaristas, trapaceiros, malucos.

Billy disse: “Eu dei uma olhada nas páginas. Quanto mais existe, e quanto eu tenho que ficar preocupado?”.

“Deborah Hamet me deu uma pilha de coisas antes de morrer.”

“Morreu, então?”

“O senhor sabe que sim.”

“Eu não sei de nada”, disse Billy, querendo dizer que era uma informação provinda de um setor ao qual ele não dava nenhuma importância.

“Sim, mas sabe”, Sorella insistiu. “Aquela mulher tinha loucura pelo senhor.”

“Isso não precisava ser assunto meu, a vida emocional dela. Ela era parte da força de trabalho do meu escritório e ganhava a sua paga. Mandavam flores a White Plains quando ela ficava doente. Se eu tivesse uma ideia de como ela estava espionando, não teria tido tanta consideração — a sujeirada que aquele trapo velho sujo estava acumulando contra mim.

Sorella me disse, e eu acreditei inteiramente nela, que estava ali não para ameaçar, mas para discutir, para explorar, para sondar. Ela se recusava a ser tragada para uma querela. Podia confiar em seu volume para dar uma impressão da mais completa calma. A cabeça de Billy funcionava quantitativamente — é assim que funciona a dos negociantes — e havia muita mulher ali. Ele não conseguia lidar nem com a mais exígua das meninhas. A menor delas tinha o poder de lhe impor uma uruca (um vodu indígena). A própria Sorella via isso. “Se ele pudesse trocar o meu gênero, aí ia poder lutar comigo.” Era uma dica da masculinidade possivelmente implícita no seu tamanho descomunal. Mas tinha pulsos roliços, pés pequenos, uma voz feminina, lírica. Estava usando perfume. Ela apresentou a ele a sua identidade de senhora, massiva... Que esposa formidável e inteligente tinha Fonstein. A proteção que lhe faltara quando estava fugindo de Hitler ele tinha encontrado do nosso lado do Atlântico.

“Sr. Rose, o senhor não me chamou pelo meu nome”, ela lhe disse. “O senhor leu a minha carta, não leu? Eu sou a sra. Fonstein. Isso lhe evoca alguma coisa?”

“E por que deveria...?”, ele disse, recusando o reconhecimento.

“Eu me casei com Fonstein.”

“E o meu colarinho é número um. E daí?”

“O homem que o senhor salvou em Roma, um deles. Ele escreveu tantas cartas. Eu não posso acreditar que o senhor não se lembre.”

“Lembrar, esquecer — que diferença me faz?”

“O senhor mandou Deborah Hamet à ilha Ellis pra falar com ele.”

“Minha senhora, esse é um entre um trilhão de outros incidentes numa vida como a minha. Por que eu devia lembrar?”

Ora, sim, isso eu entendo. Esses detalhes eram como as escamas de inumeráveis cardumes de peixes — os mares plenos de cavalas: como as partículas daquelas massas exterminadoras de luz, matéria densa dos buracos negros.

“Eu mandei a Deborah à ilha Ellis — muito bem, então...”

“Com ordens de dizer ao meu marido que jamais se aproximasse do senhor.”

“Continua dando em nada para mim. Mas e daí?”

“Nenhuma preocupação pessoal por um homem resgatado pelo senhor?”

“Eu fiz tudo o que podia”, disse Billy. “E pra aquele intervalo de tempo, isso é mais do que a maioria pode dizer. Vá estrilar com Stephen Wise. Faça um escândalo com San Rosenman. Tinha gente sentada bem quietinha. Eles ligavam pra Roosevelt e Cordell Hull, que não davam a mínima pros judeus, e ficavam todos orgulhosinhos e felizes de estar tão perto da Casa Branca, até o chá de cadeira era um privilégio tão delicioso. FDR gelou aqueles famosos rabinos quando foram visitar. Ele cegou os rabinos com o seu jogo de pernas, aquele aleijado genial. Churchill também estava nessa com ele. O maldito relatório oficial. Então? Havia refugiados que se contavam às centenas de milhares esperando serem embarcados pra Palestina. Ou não ia existir um estado hoje aqui. Foi por isso que eu abandonei a operação de resgate solitária e comecei a levantar dinheiro pra furar o bloqueio britânico naqueles navios de frete enferrujados dos gregos... Agora, o que é que a senhora quer de mim? Que eu não recebi o seu marido! E daí? Estou vendo que vocês se deram muito bem. Agora a senhora precisa de um reconhecimento especial?”

O nível, como Sorella me diria depois, sendo arrastado cada vez mais e mais e mais para baixo, estando a grandeza dos eventos além do alcance individual de qualquer pessoa... Por vezes ela fazia comentários como esse.

“Agora”, Billy perguntou-lhe, “o que é que a senhora quer com esse materialzinho escandaloso e nojento reunido por aquela vaca velha pirada? Me constranger em Jerusalém, quando eu vim iniciar este grande projeto?”

Sorella disse que ergueu as duas mãos para diminuir o passo dele. Ela lhe disse ter vindo para uma discussão razoável. Nada de ameaçador havia sido insinuado...

“Não! A não ser que aquela Hamet estava guardando veneno engarrafado, e você está com a coleção inteira. Só tente colocar esse material nos jornais — você teria que ser ensandecida. E, se tentasse, ia voltar tudo na sua cara mais pesado que bosta de elefante. Olhe essas acusações — que eu subornei o pessoal de Robert Moses pra realizar o meu balé aquático patriótico na Feira. Ou que eu contratei um piromaniaco pra incendiar uma loja por vingança. Ou que eu sabotei o *Baby Snooks* porque estava com ciúmes do grande sucesso da Fanny, que eu ainda tentei envenenar. Escute aqui, nós ainda temos leis de calúnia e difamação. Aquela Hamet era doente. E você... a senhora devia era parar pra pensar. Não fosse por mim, onde a senhora estaria, uma mulher como a senhora...?” O sentido era, uma mulher deformada pela obesidade.

“Ele disse mesmo *isso?*”, eu interrompi. Mas o que me empolgava não era o que *ele* tinha dito. Sorella cortou meu entusiasmo. Eu nunca conheci uma mulher que fosse tão direta sobre si própria. Que demonstração isso dava de objetividade pura e realismo sobre si mesma. Seu significado era que, num tempo em que o disfarce e o engano eram praticados de forma tão extensiva que chegavam a entorpecer os poderes da consciência, só uma força excepcional de personalidade podia produzir tais admissões. “Mas eu *tenho* a estrutura de um trator. As minhas carnes *são* ilimitadas. Um Everest de lipídios”, ela me disse. Junto com isso veio, tácita, uma admissão auxiliar: ela confessava ser culpada de se mimar. Essa deformidade, o meu tamanho despropositado, uma imposição para Fonstein, o homem de coragem que me ama. Quem mais iria me querer? Tudo isso estava integralmente implícito no estilo chão e espontâneo do seu comentário. Grandeza é a palavra para tal candura, para tal admissão, feita com tanta naturalidade. Neste mundo de mentirosos e covardes, *existe* gente como Sorella. Nós ficamos esperando por eles com a fé cega de que *de fato* eles existem.

“Ele estava me lembrando que salvou o Harry. Pra mim.”

Tradução: A SS teria liquidado com ele rapidinho. Assim, a não ser pela mágica intervenção desse rato do Lower East Side, a criança faminta que sobreviveu de aparas de pastrame e maçãs de carrinho de rua...

Sorella prosseguiu. “Eu expliquei ao Billy: eu precisei do diário da Deborah pra chegar até ele. Ele tinha virado as costas pra nós. A resposta dele foi: ‘Eu não preciso de embaraços — o que eu fiz, eu fiz. Eu tenho que manter limitado o número de relações e de contatos. O que eu fiz por vocês, recebam e fiquem gratos, mas me poupe o relacionamento e todo o resto’.”

“Isso eu consigo entender”, eu disse.

Eu não posso dizer como me deliciava o relato de Sorella desse encontro com Billy. Essas extraordinárias revelações e também os comentários sobre elas que iam sendo feitos. No que ele disse havia um eco do Discurso de Adeus de George Washington. Evitar embaraços. Billy tinha que se reservar para os seus contratos, dedicar-se de corpo e alma aos seus maus casamentos exageradamente cobertos pela mídia; além das casas ricas miseráveis que mobiliava; mais as suas colunas de fofocas, suas dançarinas, e a pavorosa busca por garotas provocativas, atrevidas, com as quais não podia fazer nada quando paravam, tiravam a roupa, ficavam esperando por ele. Ele tinha que ser livre para cumprir integralmente a sua maldição. E agora tinha chegado a Jerusalém para colocar uma cereja de grandiosidade judaica na sua carreira rastaquera, nesse seu pobre solo nova-iorquino. (Estou pensando na minúscula reclusão carcerária — umas poucas paliçadas negras — estreitas fatias de solo preservado no coração de Manhattan para as folhas e a grama.) Aqui, Noguchi criaria para ele um Jardim de Rosas de Esculturas, um recanto artístico a poucos quilômetros do deserto amortecido que desce até o Mar Morto.

“Me diga, Sorella, de que você estava atrás? O objetivo.”

“Billy se encontrar com Fonstein.”

“Mas Fonstein desistiu dele há muito tempo. Eles devem passar um pelo outro no Rei Davi dia sim, dia não. O que seria mais simples que parar e

dizer: ‘Sr. Rose? Eu sou Harry Fonstein. O senhor me tirou do Egito *b’yad hazzakah*’.”

“O que é isso?”

“Com uma mão poderosa. Assim o Senhor Deus descreveu o resgate de Israel — parte do meu treinamento básico na infância. Mas o Fonstein largou essa ideia. Já você...”

“Eu pus na cabeça que Billy o trataria direito.”

Sim, lógico, é claro; câmbio; estou ouvindo. Algo é devido por cada homem a cada homem. Mas Billy não tinha ouvido e não queria ouvir essas generalidades.

“Se você vivesse com os sentimentos de Fonstein como eu vivi”, disse Sorella, “você ia concordar que ele devia ter uma chance de completar esses sentimentos. De lhes dar acabamento.”

Num espírito de discussão de alto nível eu lhe disse: “Bom, é uma bela ideia, só que ninguém mais espera dar acabamento ao que sente. Eles têm que desistir da realização. Não está mais disponível no mercado”.

“Pra alguns está.”

Então eu fui obrigado a pensar de novo. Lógico — e o histórico dos sentimentos da própria Sorella? Ela tinha sido uma indesejada professora de francês até que o seu tio de Havana teve um palpite certo sobre Fonstein. Eles se casaram e, graças a ele, ela obteve a sua realização, tornou-se a esposa tigresa, a mãe tigresa, cresceu até virar um monumento biológico e uma personalidade vitoriosa... uma figura!

Mas a réplica de Billy foi: “E o que isso tem a ver comigo?”.

“Passe quinze minutos sozinho com o meu marido”, ela lhe disse.

Billy recusou. “Não é o tipo de coisa que eu faça.”

“Um aperto de mão, e ele vai dizer obrigado.”

“Em primeiro lugar, eu já a adverti quanto à calúnia e, quanto ao resto, o que a senhora pensa que tem contra mim, afinal de contas? Eu não faria isso. A senhora não me convenceu de que eu precise. Eu não gosto de coisas do passado atiradas na minha cara. Isso aconteceu uma vez, anos atrás. O que tem a ver hoje — 1959? Se o seu marido tem uma bela história,



sorte dele. Ele que conte às pessoas que gostam de histórias. Eu não dou bola. Eu não dou bola pra minha própria história. Se eu fosse obrigado a ouvir, ia começar a suar frio. E não ia sair por aí apertando a mão de todo mundo a não ser que eu estivesse concorrendo à prefeitura. E é bem por isso que eu nunca ia concorrer. Eu aperto mãos quando fecho um negócio. Caso contrário, as minhas mãos continuam no bolso.”

Sorella disse: “Já que a Deborah Hamet tinha me dado a mercadoria referente a ele e eu podia pensar o pior, ele se mostrou a mim nas piores bases possíveis, com todas as máculas na sua reputação, debaixo de cada maldição — maltrapilho, fraco, baixo, pervertido. Ele me fez tomá-lo pelo que de fato era — um tarado de um judeuzinho caloteiro cuja história pessoal era uma série de desgraças. Olhe bem este homem: ele nunca voou numa só missão na guerra, nunca caçou num safári, nunca jogou futebol nem caiu no Pacífico. Nem mesmo tentou suicídio. E esse rebotalho era uma celebridade!... Você sabe, a Deborah tinha cem modos de dizer celebridade. Quase sempre ela tinha desdém por ele, mas uma celebridade sempre é uma celebridade — isso você não pode tirar. Quando os judeus americanos decidiram fazer uma declaração sobre a Guerra contra os Judeus, eles tiveram que encher o Madison Square Garden de celebridades de primeira linha cantando em hebraico e cantando ‘America the Beautiful’. Astros de Hollywood soprando o chofar. O homem pra produzir esse espetáculo e providenciar a cobertura da imprensa era Billy. Eles foram até ele, e ele assumiu total responsabilidade... Quantas pessoas cabem no Garden? Bom, estava cheio, e estavam todos de luto. Eu acredito que o lugar estivesse todo às lágrimas. O *Times* cobriu, que é o jornal dos anais, portanto os anais registram que o estilo judeu americano foi reunir vinte e cinco mil pessoas, à moda de Hollywood, e chorar publicamente pelo que tinha acontecido.”

Continuando o seu relato da entrevista com Billy, Sorella disse que ele adotou o que os negociadores chamam de postura de barganha. Ele se comportava como se tivesse razões para se orgulhar do seu histórico, dos tratos que tinha feito, e imagino que ele estivesse marcando a sua posição

pos trás dessa fachada de orgulho. Sorella ainda não tinha formulado a sua ameaça. Ao lado dela, sobre uma cadeira que os decoradores teriam chamado de namoradeira, estava largado (e ele viu) um grande envelope de papel pardo. Continha os documentos de Deborah — que outra coisa ela teria trazido à suíte dele? Tentar agarrar esse envelope estava fora de cogitação. “Eu tinha mais envergadura e era maior e mais pesada que ele”, disse Sorella. “Eu podia arranhar também, e podia gritar. E a mera ideia de uma cena, de um escândalo, teria lhe dado engulhos. Na verdade, o sujeito já estava com cara de nauseado. Ele tinha calculado fazer um gesto grandioso em Jerusalém, entrar pra história judaica, atingindo um nível muito além do *show biz*. Ele só tinha visto uma amostra do arquivo Hamet/Arreio. Mas imagine o que os jornais, a imprensa marrom do mundo inteiro, iam poder fazer com aquele material.”

“Então ele estava esperando pra ouvir a minha proposta”, disse Sorella.

Eu disse: “Eu estou tentando descobrir exatamente o que você tinha em mente”.

“Concluir um capítulo da vida do Harry. Tinha que ser concluído”, disse Sorella. “Era parte da destruição dos judeus. No nosso lado do Atlântico, onde nós não fomos ameaçados, nós temos um dever especial de que dar conta...”

“Dar conta? Quem, Billy Rose?”

“Bom, ele se envolveu nele ativamente.”

Eu lembro de ter sacudido a cabeça e dito: “Você estava pedindo demais. Você não pode ter ido muito longe com ele”.

“Bom, ele de fato disse que Fonstein sofreu bem menos que outros. Ele não esteve em Auschwitz. Ele deu muita sorte. Não foi tatuado com um número. Eles não o puseram trabalhando na cremação das pessoas mortas nas câmaras de gás. Eu disse a Billy que a polícia italiana devia ter recebido ordens de entregar os judeus à SS e que tantos outros foram mortos em Roma, nas Fossas Ardeatinas.”

“E o que ele disse quanto a isso?”

“Ele disse: ‘Olha, minha senhora, por que é que *eu* tenho que pensar nessas coisas? Eu não sou o tipo de pessoa de quem se espera esse tipo de coisa. Isso é demais pra mim’. Eu disse: ‘Eu não estou lhe pedindo pra fazer um enorme esforço mental, só pra sentar com o meu marido por quinze minutos’. ‘E se eu fizer isso’, ele disse. ‘Qual é a sua oferta?’ ‘Eu vou entregar todo o arquivo da Deborah. Está bem aqui comigo.’ ‘E se eu não jogar com as suas regras?’ ‘Aí eu entrego tudo a algum outro interessado, ou interessados.’ Aí ele explodiu: ‘Você acha que me pegou pelos colhões, não é? Você está se aproveitando de mim de uma maneira injusta e terrível. Eu não quero usar uma linguagem suja com uma pessoa de respeito, mas eu chamo isso de cagar na cabeça de um homem. Neste exato momento estou numa posição excessivamente sensível, considerando qual é o meu propósito em Jerusalém. Eu quero contribuir com um monumento. Talvez fosse melhor não deixar qualquer traço da minha vida e talvez eu devesse ser esquecido de todo. Então, neste momento a senhora me surge pra se vingar em nome de uma invejosa que está na cova. Eu posso imaginar o registro que essa doida reuniu, sobre os tratos que eu fazia — eu sei que a parte comercial ela entendia toda errada, e o suborno e o incêndio não iam convencer ninguém. Então isso deixa as coisas como aquele material clínico particular coletado entre umas dançarinas que me destratarem por aí. Mas me deixe dizer uma coisa, dona: até um monstro tem os seus direitos humanos. E, em último lugar, não me restam mais tantos segredos. Foi tudo contado’. ‘Quase tudo’, eu disse.”

Eu observei: “Você não estava dando folga mesmo”.

“Não, não estava”, ela admitiu. “Mas ele contra-atacou. Os processos por calúnia com que ele me ameaçou eram um blefe, e eu lhe disse isso. Eu lembrei como eu estava pedindo pouco. Nem mesmo um bilhete pro Harry, só uma mensagem ao telefone bastaria, e depois quinze minutos de conversa. Remoendo tudo isso, com os olhos postos no chão e as mãozinhas passivas no encosto do sofá — ele estava de pé, não queria sentar, ia parecer uma concessão —, ele recusou mais uma vez. De uma vez por todas ele disse que não ia se encontrar com o Harry. ‘Eu já fiz por ele tudo o que

sou capaz de fazer.’ ‘Então o senhor não me deixa outra alternativa’, eu disse.”

Na cadeira listrada da suíte de Billy, Sorella abriu a bolsa para procurar um lenço. Ela tocou-se nas têmporas e nas dobras dos braços, na junta do cotovelo. O lenço branco não parecia maior que uma mariposa. Ela se secava por baixo do queixo.

“Ele deve ter gritado com você.”

“Ele começou a berrar comigo. Era o que eu esperava, um ataque histérico. Ele disse que, não importava o que você fizesse, tinha sempre alguém à espera, com uma navalha pra te cortar, ou ácido pra jogar na sua cara, ou garras pra te esfarrapar as roupas e te deixar nu. Aquela bostinha daquela Hamet, que ele mantinha por caridade — como se os olhos dela já não fossem insanos o suficiente, ela ainda metia aqueles óculos redondos gigantes todos tortos. Ela caçava aquelas garotas que juravam que ele tinha o desenvolvimento sexual de um menininho de dez anos. Não importava porra nenhuma, porque ele foi humilhado a vida toda e não se podia fazer mais do que o que já estava feito. Havia algum alívio em não ter mais o que disfarçar. Ele não se importava com o que a Hamet pudesse ter anotado, aquela múmia com olho de cadela, cuspiendo sangue e guardando a última gota pro homem que mais odiava. Quanto a mim, eu era uma pilha gorda de imundície.”

“Você não precisa repetir tudo, Sorella.”

“Então eu não repito. Mas que eu perdi a calma, isso perdi. A minha dignidade desmoronou.”

“Você está querendo me dizer que teve vontade de bater nele?”

“Eu joguei o documento nele. Eu disse: ‘Eu não *quero* meu marido falando com gente como você. Você não está à altura...’. Eu mirei o pacote da Deborah nele. Mas eu não sou muito boa de arremessos, e saiu pela janela aberta.”

“Que momento! E o que o Billy fez?”

“Toda a raiva se apagou no mesmo instante. Ele pegou o telefone e ligou pra recepção. Ele disse: ‘Um documento muito importante caiu da minha

janela. Eu quero que ele seja trazido pra cá imediatamente. Você entendeu? Já. Agora'. Eu fui até a porta. Eu não acho que queria fazer um gesto desses, mas sou uma moça de Newark no fundo. Eu disse: 'Você que é imundo. Eu não quero nada com você'. E eu fiz o gesto italiano que as pessoas faziam numa briga de rua, com a beira da palma da mão no meio do braço."

Discretissimamente, e rindo enquanto o fazia, ela fez uma pequena figa e levou a borda da mão através do bíceps.

"Uma conclusão muito americana."

"Ah", ela disse, "do começo ao fim foi um evento cem por cento americano, da nossa geração. Vai ser diferente pros nossos filhos. Um menino como o nosso Gilbert, naquele acampamento matemático de verão? Ele que pelo resto da vida cuide só de matemática. Nada podia ser mais diferente tanto dos cortiços de East Side quanto das vielas de Newark.

Tudo isso tinha acontecido já perto do fim da visita dos Fonstein, e eu lamento agora não ter cancelado alguns compromissos em Jerusalém por causa deles — levar os dois para jantar no Dagim Benny, um bom restaurante de frutos do mar. Teria sido muito fácil para mim conseguir qualquer mesa. Como? Passar mais tempo em Jerusalém com um casal de Nova Jersey chamado Fonstein? A resposta é sim. Hoje é motivo de arrependimento. Quanto mais eu penso em Sorella, mais ela tem encantos para mim.

Eu me lembro de dizer a ela: "Eu lamento você não ter acertado o Billy com aquele pacote".

A minha ideia, naquele momento e depois, era de que os movimentos dela tinham sido prejudicados demais pela gordura sob os braços para ela poder fazer um arremesso preciso.

Ela disse: "Assim que o envelope saiu das minhas mãos eu percebi que queria me livrar dele, e de tudo ligado a ele. A coitada da Deborah — sra. Arreio, como você gosta de dizer. Eu percebo que estava errada em

identificar a minha vida com a causa que a movia, com aquela vida trágica. Você fica pensando sobre o que há de elevado e de baixo nas pessoas. O amor é supostamente algo elevado, mas imagine se apaixonar por uma criatura igual ao Billy. Eu não queria uma só coisa que aquele homem pudesse dar ao Harry e a mim. A Deborah me recrutou, portanto eu ia continuar a campanha dela contra ele, mantendo a chama acesa de além-túmulo. Ele estava certo quanto a isso”.

Essa foi, de fato, a nossa última conversa. Junto à saída de carros do Rei Davi, ela e eu esperávamos que Fonstein descesse. A bagagem já estava arrumada no Mercedes — naquela época, metade dos táxis de Jerusalém era Mercedes-Benz. Sorella me disse: “Como você vê essa história toda com o Billy?”.

Naqueles dias eu ainda tinha a fraqueza do Village pela teorização — o joguinho de profundidade tão popular com os meninos e meninas da classe média na sua juventude boêmia. Toque a campainha de fulano e ele abre a janela e esvazia uma bacia cheia de ideias na sua cabeça.

“O Billy vê tudo como *show biz*”, eu disse. “Nada é real se não for um espetáculo. E ele não ia participar do seu espetáculo porque ele é um produtor, e os produtores não participam.”

Para Sorella, não foi uma declaração significativa, então eu tentei com mais afinco. “Talvez a coisa mais interessante no Billy seja ele não querer se encontrar com o Harry”, eu disse. “Ele não era capaz de ser o contraexemplo num caso como o do Harry. Não podia nem se imaginar à altura.”

Sorella disse: “Isso pode estar um pouco mais perto. Mas, se você quer a minha opinião básica, lá vai: os judeus puderam sobreviver a tudo que a Europa jogou em cima deles. Eu me refiro aos felizardos que sobraram. Mas aí vem o próximo teste — a América. Será que eles conseguem se manter de pé, ou será que os Estados Unidos vão ser demais pra eles?”.

Foi nosso encontro final. Eu nunca mais voltei a ver Harry e Sorella. Nos anos 60, Harry me ligou uma vez para discutir a Cal Tech comigo. Sorella não queria que Gilbert fosse estudar tão longe de casa. Filho único, e tudo o mais. Harry só falava das notas perfeitas do menino nos testes. O meu coração não bate forte pelos pais dos prodígios. Eu reajo mal. Eles estão indo rumo a um abismo. Não gosto dessa gabolice paterna. Assim, eu não fui capaz de ser cordial com Fonstein. O meu tempo bem naquela época era incomumente valioso. Horrendamente valioso, como eu o julgo hoje. Não era um dos períodos mais atraentes no desenvolvimento (gestação) de um sucesso.

Não posso dizer que a comunicação com os Fonstein tenha cessado. Exceto em Jerusalém, nós não tínhamos tido qualquer outra. Eu *torci*, durante trinta anos, por vê-los novamente. Eram pessoas excelentes. Eu admirava o Harry. Um homem sólido, aquele Harry, e muito corajoso. Quanto a Sorella, era uma mulher com grandes poderes de inteligência, e nesses tempos democráticos, esteja você consciente disso ou não, você está sempre à procura de tipos mais elevados. Eu não preciso desenhar mapas e figuras pra vocês. Todo mundo sabe o que produtos-padrão e peças substituíveis significam, todo mundo entende a ação dos glaciares sobre a paisagem social, arrasando colinas, limando as irregularidades. Não vou ser entediante quanto a isso. Sorella era incrível (ou, como um do meus netos diz, “em crível”). Então é claro que eu queria vê-la mais. Mas não vi. Ela estava no depósito de intenções. Eu pretendia falar com os Fonstein — escrever, telefonar, chamá-los para o Dia de Ação de Graças, para o Natal. Quem sabe para o Pessach. Mas este é o fenômeno contemporâneo do Dia da Passagem — ele nunca chega.

Talvez a culpa fosse do poder da memória. Já que eu me lembrava tão bem deles, será que de fato precisava vê-los? Mantê-los num estado de suspensão mental bastava. Eles eram parte permanente do elenco, permanentemente *in absentia*. Não havia o que fizessem.

O próximo evento dessa série aconteceu em março passado, quando o inverno, com um resmungo, soltou a Filadélfia das suas garras e começou a

desaparecer em poças de neve enlameada. Aí foi a vez de a primavera se refestelar no pó da cidade. A estação pelo menos produzia açafrões, galantos e novos botões no meu jardim de fundo particular de milionário. Eu empurrei a escada da minha biblioteca de um lado para o outro, e desci os poemas de George Herbert, procurando aquele que diz “... tão limpos, tão puros, teus retornos,” ou coisa que o valha; e na minha mesa, como se podia esperar de um WASP de grande riqueza, o telefone começou a tocar quando eu estava descendo. A seguinte conversa judia teve início:

“Aqui é o rabino X [ou Y]. O meu ministério” — que termo mais protestante: ele deve ser Reformado, ou Conservador na melhor das hipóteses: nenhum rabino ortodoxo diria “ministério” — “é em Jerusalém. Eu fui procurado por uma pessoa de nome Fonstein...”

“Não o Harry”, eu disse.

“Não. Eu liguei pra falar com o *senhor* sobre como localizar Harry. O Fonstein de Jerusalém diz ser tio de Harry. Esse homem é polonês de nascimento, e está numa casa para doentes mentais. Trata-se de um excêntrico muito difícil que vive num mundo de fantasia. Na maior parte do tempo ele sofre de alucinações. Ele tem hábitos sujos — imundos, até. É totalmente desprovido de recursos e muito bem conhecido como mendigo e personagem local que faz discursos proféticos na calçada.”

“Consigo imaginar. Como um dos nossos sem-teto”, eu disse.

“Exatamente”, disse o rabino X ou Y, naquele tom de voz misericordioso que a gente tem que suportar.

“O senhor pode dizer o que quer?”, eu perguntei.

“O nosso Fonstein de Jerusalém jura ser parente de Harry, que é muito rico...”

“Eu nunca vi a declaração de bens de Harry.”

“Mas em posição de ajudar.”

Eu prossegui: “Isso é só uma opinião. Um palpite...”. Você acaba ficando esnobe. Solitário, ocupando uma mansão, vivendo à altura daquele ambiente. Mudei de linha; abandonei o “palpite” e disse: “Já há anos que eu e o Harry não temos contato. O senhor não consegue localizá-lo?”.



“Eu tentei. Estou numa visita de duas semanas. Neste exato momento estou em Nova York. Mas Los Angeles é o meu destino. Eu vou falar na...” (ele soltou uma sigla estranha.) E aí continuou, para dizer que o Fonstein de Jerusalém precisava de ajuda. Coitado, completamente pirado mas, por baixo de todos aqueles frangalhos, físicos e mentais (eu estou parafraseando), de tanto valor humano... Expulso da sua sanidade mental pela perseguição, a perda, a morte e uma história brutal; fora de si, gritando por socorro — humano e sobrenatural, não importa em que mistura. Pode ser que houvesse algo de falso no rabino, mas o caso, o homem que ele estava descrevendo, era um tipo familiar, era bastante real.

“E o senhor também é parente?”, ele perguntou.

“Indiretamente. A segunda esposa do meu pai era tia de Harry.”

Eu nunca amei a tia Mildred, nem mesmo a estimava. Mas, você entende, ela tinha o seu lugar na minha memória, e devia haver uma boa razão para isso.

“Eu posso lhe pedir pra achá-lo pra mim e lhe dar o meu número em Los Angeles? Estou com uma lista de nomes da família e Harry Fonstein será capaz de reconhecê-lo, de identificá-lo. Ou não, se o homem *não* for tio dele. Ia ser uma *mitzvah*.<sup>4</sup>

Jesus Cristo, poupe-me dessas *mitzvahs*.

Eu disse: “O.k., rabino, eu vou localizar o Harry, em nome desse lunático lastimável”.

O Fonstein de Jerusalém me deu um pretexto para entrar em contato com os Fonstein. (Ou ao menos um incentivo.) Anotei o número do rabino na minha agenda, junto com o último endereço que eu tinha de Fonstein. Naquele momento, outras necessidades e deveres requeriam a minha atenção; além disso, eu ainda não estava pronto para falar com Sorella e Harry. Havia preparações a fazer. Isso, enquanto vai surgindo sob a minha esferográfica, me lembra o título do famoso livro de Stanislavski, *A preparação do ator* — novamente, um dado relativo à minha memória, um recurso, uma vocação, à qual foi devotada toda uma vida de cultivo, e que na velhice me oprime também.

Pois naquela época, precisamente (querendo dizer: “Agora, agora, muito agora”) eu estava, estou, tendo dificuldades com ela. Eu tinha sofrido uma falha de memória na manhã anterior, e isso tinha me levado quase à loucura (para não me omitir quanto a uma ocorrência de tamanha importância). Eu tinha uma consulta no dentista, no centro da cidade. Fui de carro, porque já estava atrasado e não podia confiar que o rádio-táxi chegasse a tempo. Deixei o carro num estacionamento a quadras de distância, o melhor que pude fazer numa manhã movimentada, quando os estacionamentos mais próximos estavam cheios. Aí, voltando do consultório do dentista, descobri (sob a influência do ritmo dos meus passos, eu suponho) que estava com uma melodia na cabeça. A letra me veio:

*Way down upon the...*  
*Way down upon the...*  
*... upon the — River...<sup>5</sup>*

Mas como é que era o nome do rio! Uma música que eu cantava desde a infância, já lá se vão setenta anos, parte das fundações de uma mente. Um clássico, conhecida por todos os americanos. Da minha geração, pelo menos.

Parei diante da vitrine de uma loja de artigos esportivos, especializada, por acaso, em botas de equitação, botas brilhantes, tanto de homens quanto de mulheres, cobertores de sela xadrez escocês, casacos carmesins, material para a caça à raposa — até cornetas de latão. Todos os objetos à mostra eram ultrassignificativamente distintos. As cores do xadrez eram especialmente fortes e organizadas — invejavelmente organizadas para um homem cuja mente estava naquele instante abalada.

Como era o nome daquele rio!

Eu conseguia lembrar com facilidade o resto da letra:

*That's where my heart is yearning ever,*  
*That's where the old folks stay.*

*All the world is [am?] sad and dreary  
Everywhere I roam.  
O darkies, how my heart grows weary...<sup>6</sup>*

E o resto.

O mundo todo *estava* escuro e lúgubre. Pra caralho! Um chip, um plugue tinha falhado no aparato mental. Um prenúncio, um augúrio? Começo do fim? Há causas psíquicas para essas falhas, é claro. Eu mesmo já dei palestras sobre isso. Um lapso como esse, isso vai sem dizer, não seria levado tão a sério por todo mundo. Uma ponte se partiu: eu não podia atravessar o — rio. Tive um impulso de martelar a vitrine da loja de equitação com o cabo do meu guarda-chuva e, quando as pessoas saíssem correndo, gritar: “Santo Deus, vocês precisam me dizer a letra. Eu não consigo ir além de ‘Lá no... Lá no!’”. Eles certamente — eu pude ver — jogariam aquele pelego vermelho, um vermelho forte, fios de fogo, nas minhas costas e me levariam para a loja para esperar a ambulância.

No estacionamento, eu quis perguntar à caixa — por desespero. Quando ela dissesse “Sete dólares”, eu ia começar a cantar a música pelo buraco redondo no vidro. Mas, como a mulher era negra, ela podia ficar ofendida com “pretinhos”. E será que eu podia supor que ela, como eu, tinha sido criada à base de Stephen Foster? A suposição não tinha fundamentos. Pela mesma razão também não podia perguntar ao valete.

Mas, ao volante do carro, a conexão defeituosa se corrigiu e eu comecei a gritar, “Swanee — Swanee — Swanee”, socando a direção. Por trás das janelas do carro, o que você faz não importa. Um dos privilégios de liberdade que a posse de um carro propicia.

Lógico! O Swanee. Ou Suwanee (grafia preferida no Sul). Mas isso era uma crise na minha vida mental. Eu tive um duplo objetivo ao procurar Gerge Herbert — não somente a adequação da estação mas também como um teste para a minha memória. Da mesma maneira, a minha lembrança do caso *Fonstein versus Rose* é em parte um teste de memória, e ainda uma investigação mais geral, pois, se você se reporta à afirmação de que

memória é vida e esquecimento, morte (“piedoso esquecimento”, o mais comum dos adjetivos ligados pelos escritores ao substantivo, refletindo a preponderância da opinião de que uma parte tão grande da vida é desespero), eu deixei claro, no mínimo, que ainda sou capaz de me manter na batalha pela existência.

Esperando uma vitória? Bom, e o que seria uma vitória?

Pelo que o rabino X/Y tinha dito, eu supus que os Fonstein tinham se mudado e estavam ilocalizáveis. Provavelmente estavam, como eu, aposentados. Mas enquanto eu estou na Filadélfia, me segurando, como diz a expressão, eles tinham muito possivelmente abandonado aquele terreno de luta que era o norte sombrio e ido para Sarasota ou para Palm Springs. Tinham dinheiro para isso. A América foi boa com Harry Fonstein, afinal de contas, e cumpriu as suas esplêndidas promessas. Ele tinha sido poupado do pior que temos aqui — empregos rotineiros na indústria ou no comércio e serviço burocrático. Como eu queria bem aos Fonstein, estava feliz por eles. Os meus mui-estimados-amigos-in-absentia, tão lindamente instalados na minha consciência.

Sem ter ouvido notícias minhas, eu supus, eles tinham desistido de mim, depois de três décadas. Freud expôs o princípio de que o *inconsciente* não reconhece a morte. Mas, como se vê, a consciência tem lá suas perversões também.

Sendo assim, fui escarafunchar a minha mente colcha de retalhos atrás de nomes de parentes — Rosenberg, Rosenthal, Sorkin, Swerdlow, Bleistiff, Fradkin. Os sobrenomes judeus são outro assunto curioso, já que tantos foram impostos pelo oficialato alemão, polonês ou russo (esperando propinas dos que se inscreviam), e outros eram invenção da fantasia judia. Com que frequência invocava-se o nome da rosa, como no caso do próprio Billy. Havia poucos outros nomes de flores nessa área. *Margaritka*, pelo menos. A margarida. Um nome não muito adequado para família alguma.

A tia Mildred, minha madrasta, tinha ficado sob os cuidados, nos seus últimos anos, de parentes em Elisabeth, os Rosensaft, e as minhas investigações começaram por eles. Não foram cordiais ou amistosos ao

telefone, porque eu pouco visitara Mildred nos seus últimos tempos. Acho que ela começou a dizer que tinha me criado e até me posto na universidade. (A verba vinha de um Fundo de Previdência que a minha própria mãe pagou.) Era uma ofensa venial, que me dava as razões que eu tanto queria para me manter afastado. Eu também não gostava particularmente dos Rosensaft. Tinham ficado com o relógio e a corrente do meu pai quando ele morreu. Mas, também, pode-se viver sem esses objetos de valor sentimental. A velha sra. Rosensaft disse que tinha perdido contato com os Fonstein. Ela achava que os Swerdlow em Morristown podiam saber por onde andavam Harry e Sorella.

Informações me deu o número de Swerdlow. Discando, dei com uma secretária eletrônica. A voz da sra. Swerdlow, afetando um sotaque mais adequado à refinada Morristown do que à sua Newark nativa, pediu que eu deixasse o meu nome, meu número e a data da ligação. Eu odeio secretárias eletrônicas, portanto desliguei. Além disso, evito dar o meu número, que nem consta da lista.

Enquanto subia para o meu escritório no segundo andar naquela noite, segurando a clássica balaustrada da Filadélfia, refletindo que eu estava bem enjoado da grandiosidade incompartilhada daquela mansão, eu mais uma vez considerei a possibilidade de Sarasota ou das sociáveis Flórida Keys. Elefantes e acrobatas, circos e residências de inverno seriam mais divertidos. Uma mudança para Palm Springs estava fora de cogitação. E se a Keys tinha uma grande população homossexual, eu ficava mais à vontade entre os gays, graças aos meus anos no Village, que entre negociantes californianos. De qualquer maneira, eu não aguentava mais esse pé-direito de nove metros e toda aquela solidão de mogno. A mansão exigia demais de mim, e eu estava definitivamente sentindo essa tensão. Havia muito tempo eu já tinha dito a que vinha: eu podia chegar a uma residência como essa, possuí-la com estilo. Agora pode levar, eu pensei, numa paráfrase da velha música “Estou tão cansado das rosas, leve todas embora”. Decidi discutir o assunto mais uma vez com o meu filho, Henry. A esposa dele não gostava da mansão; tinha um gosto moderno, e era satírica, também, quanto à

rivalidade transatlântica dos novos-ricos americanos com a riqueza aristocrática da Londres vitoriana. Ela tinha recusado terminantemente quando eu tentei lhes dar a casa.

O que eu estava pensando era que se conseguisse encontrar Harry e Sorella, eu me juntaria a eles na aposentadoria, se eles aceitassem a minha companhia (perdoando o insulto da negligência). Para mim era natural imaginar se eu tinha ou não exagerado (incitado por um desejo por uma mulher com uma natureza mais profunda) as qualidades de Sorella nas minhas reminiscências, e pensei ainda mais sobre essa curiosa personalidade. Eu nunca esqueci o que ela disse sobre o teste à judaicidade que a experiência americana representava. A conversa dela com Billy Rose já tinha sido algo tão americano. De novo Billy: Fraco? Fraco! Fútil? Ah, muito! E trivial é lógico. Billy medonho. Ainda assim, de uma maneira infantil, cabeça aberta — ampla; e ampla não era só um adjetivo vão para “América, a bela” (os amplos céus) mas o despejo de entre quinze e vinte milhões, de verdade, num jardim de plantio alternado em Jerusalém, o núcleo da história judaica, o umbigo do mundo. Esse gesto de munificência amalucada era americano. Americano e oriental.

E mesmo, se no fim eu não me instalasse próximo aos Fonstein, podia lhes fazer uma visita. Eu não podia evitar me perguntar por que eu tinha me afastado de um par tão excelente — Sorella, tão misteriosamente obesa; Fonstein com a sua pele avermelhada (um dia branca de pedra), aquele rosto de romã. Posso muito bem me incluir também, como um terceiro — um velho alto com uma espiral estrutural no topo como o ornato da mão de um violino ou o báculo de um bispo.

Portanto, comecei a procurar por Harry e Sorella não meramente porque tinha prometido ao rabino X/Y, nem por causa do velho louco em Jerusalém que estava abandonado. Era somente dinheiro o que lhe faltava, eu podia facilmente assinar um cheque ou pedir que o meu banco lhe mandasse um. O banco cobra oito paus por esse serviço, e um telefonema resolveria tudo. Mas eu preferi tratar das coisas à minha maneira, do escritório da minha

mansão, discando eu mesmo os números, sem me servir do Instituto Mnemósine e das suas secretárias.

Usando agendas velhas, eu liguei para toda parte. (Ah, se os cemitérios tivessem ramais. “Alô, telefonista, estou ligando do código de área 000.”) Eu não queria envolver as meninas do instituto em parte alguma disso, muito menos nas minhas investigações. Quando conseguisse ligar para um número, a conversa estava destinada à estranheza, e a um esforço da memória do fundador. “Ora, como vai?”, perguntava alguém que eu não via havia três décadas. “Você se lembra do meu marido, o Max? A minha filha Zoe”: Será que eu saberia o que dizer?

Sim, saberia. Mas e daí, por que eu deveria? Como pode ser agradável o oblívio em casos assim, e eu poderia dizer: “Max? Zoe? Não, infelizmente não”. Nessas franjas da família, ou em círculos sociais remotos, que o tempo opacificou, lembranças aleatórias podem ser um sofrimento. O que você vê primeiro, olhando para trás, são os psicopatas, os feios, os vulgares, os muquiranas, os hipocondríacos, os chatos da família, humanoides e tiranos. Esses têm um poder dramático de permanência. Mais difíceis de se recuperar são os olhos gentis, rostos doces, dos comediantes que queriam te divertir, de graça, te desviar dos problemas. Uma parte importante do meu método é que as cadeias da memória são construídas tematicamente. Onde não há temas pode haver pouca lembrança, ou nenhuma. Assim, por exemplo, Billy, o nosso amigo Bellarosa, não conseguia contextualizar Fonstein com facilidade em função de uma infeliz exiguidade de temas puramente humanos — em contraste com temas de negócios, publicidade ou sexo. Para dar um exemplo intensamente negativo, há assassinos que não conseguem se lembrar dos seus crimes porque não têm interesse na existência ou na inexistência das suas vítimas. Assim, alunos, só temas pertinentes garantem lembrança total.

Alguns dos velhos que contatei se livravam de mim espirituosamente: “Se você lembra tanta coisa a meu respeito, como é que pode eu não ter te visto desde a guerra da Coreia!...”. “Não, eu não sei lhe dizer nada sobre Sorella, sobrinha do Salkind. O Salkind voltou a Nova Jersey depois que o

Castro assumiu. Ele morreu numa clínica de repouso vagabunda lá no fim dos anos 60.”

Um homem comentou: “As páginas dos calendários caem uma a uma. São como as caspas do tempo. O que é que você quer de mim?”.

Ligando de uma mansão na Filadélfia, eu estava em desvantagem. Uma pessoa na minha posição acaba descobrindo, em contato com gente de Passaic, Elizabeth ou Patterson, quantas defesas já ergueu contra a vulgaridade ou os níveis mais baixos de pensamento. Eu não queria falar de planos de saúde ou cheques da Previdência Social ou aparelhos de surdez ou marca-passos ou pontes de safena.

De umas poucas fontes ouvi críticas a Sorella. “Salkind era um solteirão, não tinha filhos, e aquela mulher podia ter feito alguma coisa pelo velhinho.”

“Ele nunca se casou?”

“Nunca”, disse a senhora amarga que eu tinha do outro lado da linha. “Mas arranjou um casamento pra *ela*, em respeito ao próprio irmão. Enfim, eles todos já bateram as botas, então que diferença faz.”

“E a senhora não sabe me dizer onde eu posso encontrar a Sorella?”

“Dou a mínima.”

“Não”, eu disse. “A senhora não dá a mínima.”

Então o casamenteiro em pessoa foi um solteirão a vida toda. Ele tinha desinteressadamente encontrado um marido para a filha do irmão, juntando duas pessoas em desvantagem.

Uma outra senhora disse, sobre Sorella: “Ela era distante. Torcia o nariz pro meu tipo de conversa. Eu acho que ela era uma esnobe. Tentei incluir ela uma vez numa excursão em grupo pra Europa. A minha irmandade, na sinagoga, arrumou um belíssimo pacote de voos fretados. Aí a Sorella me disse que francês era a segunda língua dela e que ela não precisava de ninguém pra ser intérprete dela em Paris. Eu devia ter dito: ‘Eu te conheci quando homem nenhum te olhava duas vezes e se pudesse retirava o primeiro olhar’. Então, era isso. A Sorella era boa demais pra todo mundo...”.



Eu entendia o que essas senhoras queriam dizer (era uma constante entre os meus informantes). Elas acusavam a sra. Fonstein de ser metida, pomposa demais. Quase todas estavam ofendidas. Ela preferia a companhia da sra. Hamet, a velha atriz com o rosto tuberculoso branco de parafina. Sorella era esnobe demais para Billy também; arremessar contra ele o dossiê fatal da sra. Hamet foi o gesto de uma pessoa superior, uma pessoa de inteligência e bom gosto. Majestosa, imperial e inevitavelmente isolada. Esse era o consenso de todos os fofoqueiros, os velhinhos para quem eu telefonava do triplo isolamento de minha residência na Filadélfia.

Os Fonstein e eu estávamos destinados a nos fazer companhia. Mas eles não iam me impor a sua presença. Supunham que eu estava acima deles, socialmente, na Filadélfia classe alta, e que não queria a sua amizade. Eu não imagino que a minha falecida esposa, Deirdre, tivesse dado qualquer importância a Sorella, com o seu pincenê e os seus modos refinados, o trabalho do seu intelecto e os problemas do seu corpo avolumado — tentar se encaixar numa cadeira Hepplewhite da nossa sala de jantar. Fonstein teria sido uma companhia comparativamente fácil para Deirdre. Ainda assim, se eu não era um assimilacionista, era pelo menos alguém que evitava misturas desconfortáveis, e no fim estou atolado nesses vinte cômodos vazios.

Eu me lembro de andar de carro com meu falecido pai pelo oeste da Pensilvânia. Ele ficou chocado com a quantidade de terra sem uma só figura humana. Tanto espaço! Depois de longo silêncio, num transe de viajante que se assemelhava ao transe de enxadrista, ele disse: “Ah, quantos judeus podiam se assentar aqui! Espaço pra todo mundo”.

Por vezes eu me sinto como um vão que lembra do dente que um dia esteve ali.

Fazendo um telefonema depois do outro, eu imaginava o meu reencontro com os Fonstein. Eu os pus mentalmente em Sarasota, na Flórida, e imaginava os passeios ensolarados que nós íamos poder fazer nas residências de inverno de Ringing ou Hagenbeck, falando de eventos do passado distante no hotel Rei Davi — as malas perdidas de Billy Rose, a

reserva oriental de Noguchi. Em velhos envelopes de papel pardo eu encontrei instantâneos coloridos de Jerusalém, entre eles uma fotografia de Fonstein e Sorella contra o fundo do deserto da Judeia, as pedras ardentes de Ezequiel, que ainda não tinham esfriado (nem hoje) inteiramente, as pedras de fogo por entre as quais caminhara o querubim. Naquele lugar extremo, duas pessoas modernas, o homem com um terno de empresário e a mulher de branco esvoaçante, um par casado de mãos dadas — a palma gorda dela nos seus dedos de inventor. Eu não conseguia evitar a ideia de que Sorella não tinha uma biografia de fato até Harry entrar na vida dela. E ele, Harry, que Hitler pretendia matar, tinha uma biografia na medida em que Hitler o havia marcado para a chacina, na medida em que tinha fugido, sido salvo por Billy, chegado à América, inventado um termostato melhor. E aqui estavam eles em cores, com o deserto da Judeia por trás, como marido e esposa, em uma Coney Island de faz de conta podiam ter posado contra um pano de fundo pintado, ou sentados numa fatia da lua. Enquanto turistas na Terra Santa, onde estavam eles, eu me perguntava, biograficamente falando? Quanto aquela viagem tinha sido memorável para eles? A questão me remeteu de volta a mim mesmo e, à moda judia, respondeu-se com outra pergunta: O que havia lá que valesse uma lembrança?

Quando cheguei ao alto da escadaria — isso foi anteontem à noite — eu ainda não podia me convencer de ir deitar. Cansa, isso de tomar conta de um boneco de tamanho humano, um aposentado idoso, dar-lhe os seus comprimidos, erguer-lhe as meias, dar de colher o seu cereal matinal, barbear o rosto dele, garantir que ele consiga dormir o suficiente. Em vez de abrir a porta do quarto, eu fui para a minha sala de estar do segundo andar.

Para me poupar das distrações ao concentrar todo tipo de negócios num só escritório, eu trato de contas, documentos bancários, correspondência legal no piso térreo, e das minhas atividades mais elevadas eu me desincumbo no andar de cima. Deirdre tinha aprovado essa solução. Era um desafio para ela, decorar cada ambiente de maneira adequada. Uma das minhas distrações é fazer a ronda dos antiquários e olhar preços

comparáveis, examinando e avaliando, percebendo a compradora arguta que Deirdre sempre foi. Ao fazer isso, eu acumulava argumentos contra a minha permanência na Filadélfia, uma cidade onde um homem encontra pouco mais o que fazer de si mesmo em uma tarde chata.

Até o telefone da minha sala do segundo piso é um aparelho francês com um bocal de porcelana — faiança de Quimper, azul e branca. Deirdre comprou no bulevar Haussman, e o Barão de Charlus podia ter seduzido os seus amantes com ele, falando baixo e traçando ardis intrincados neste mesmo telefone. Teria sido divertido para ele, se ele assombrasse objetos de uso comum, me ver discando novamente o número dos Swerdlow, perseguindo as minhas investigações Fonstein.

Nesse artigo *art nouveau* — para aqueles que escapam da ignorância científica (como, de fato, funcionam os telefones?) com a ajuda de brinquedinhos da alta cultura — eu tentei Morristown mais uma vez, e dessa vez o próprio Hyman Swerdlow atendeu. Assim que ouvi a sua voz ele surgiu diante de mim, e imediatamente a esposa também renasceu na minha memória e ficou ali ao lado dele. Swerdlow, que tinha um parentesco direto com Fonstein, foi conselheiro financeiro. Treinado em Wall Street, ele se acomodou na elegante Nova Jersey. Era respeitável, delicado, de modos muito calmos, “sóbrio”, para emprestar um termo dos decoradores de interiores. Sua aparência era simultaneamente saturnina e livre de culpa. Provavelmente não gostava do que tinha feito da vida, mas não havia como revisá-la agora. Ele se contentava com a boa educação — era muito polido, usava ternos Brooks Brothers cinzentos e marrons. O seu tom de voz era informal. Agora era possível se assimilar *sem* se converter. Você não precisava escolher entre Jeová e Jesus. Eu conheci o velho Swerdlow. O filho tinha herdado dele um antigo rosto judeu, escuro e sulcado. Hyman tinha descoberto uma maneira de drenar daquele rosto a carga judaica. O que a substituía era uma aparência de perfeita confiabilidade. Falavam bem dele. Seus fundos de pensão estariam em boas mãos com ele. Ele nem sonharia em fazer um investimento de risco. Seus filhos eram um

bioquímico e um biólogo molecular, respectivamente. Sua esposa podia agora se dedicar à sua caixa de aquarelas.

Eu acho que os Swerdlow eram muito inteligentes. Podem até ter sido profundamente inteligentes. O que tinha acontecido com eles não podia ter sido evitado.

“Eu não posso te dizer nada sobre os Fonstein”, Swerdlow disse. “Eu perdi um pouco o contato...”

Eu percebi que, como os Fonstein, Swerdlow e a esposa tinham se isolado. Nenhuma escolha deliberada estava envolvida. Você seguia o seu próprio caminho, e acabava se vendo na Grande Nova York, mas longe das comunidades de albergues, decentemente instalado. Até a sua história se tornava uma das suas opções. Se ter uma história era, ou não, uma “consideração”, dependia só de você.

O inabalável Swerdlow, que obviamente lembrava de mim (eu era rico; eu podia me tornar um cliente importante; não havia, no entanto, reprovação alguma detectável no tom da voz dele), agora me perguntava o que eu queria com Harry Fonstein. Eu disse que um velho louco em Jerusalém precisava da ajuda de Fonstein. Swerdlow abandonou a investigação ali mesmo, naquele instante. “Nós nunca chegamos a desenvolver um relacionamento”, ele disse. “O Harry era muito decente. Só que a mulher dele era meio opressiva.”

Decodificado, isso queria dizer que Edna Swerdlow não gostava de Sorella. Você aprende bem cedo a preencher os buracos das simples declarações a que se limitam homens como Swerdlow. Eles evitam se expor e evitam (talvez até odeiem) as elaborações psicológicas.

“Quando foi que você viu os Fonstein pela última vez?”

“Na época de Lakewood”, disse, com tato, Swerdlow — ele evitou tocar na morte do meu pai, possivelmente um tema doloroso. “Eu acho que foi quando a Sorella ficou falando tanto de Billy Rose.”

“Eles estiveram envolvidos com ele. *Ele* se recusou a ser incluído... Então você ouviu os dois falando disso?”

“Até gente sensata perde a cabeça com as celebridades. Que prerrogativas o Harry tinha sobre Billy Rose, e por que Billy *devia* ter feito mais do que fez? Um homem como o Rose tem que racionar o número de pessoas que pode encarar.”

“Como uma plaquinha num elevador — ‘Carga máxima mil e trezentos quilos’?”

“Se você prefere assim.”

“Quando eu penso no assunto Fonstein-Billy”, eu disse, “corro sempre o risco de ver também a judaicidade europeia. De que se tratava *aquilo* tudo? Pra mim, o termo central é Justiça. De uma vez por todas nós vimos que essa expectativa, ou confiança, não tinha fundamentos. Você tinha que esquecer da Justiça... se é que, levada a sério por tanto tempo, ela ainda podia ser levada a sério.”

Swerdlow não podia permitir que eu prosseguisse. Não era o seu tipo de conversa. “Considere como quiser — como isso se aplica ao Billy? O que é que *ele* tinha que fazer a respeito?”

Bom, eu não esperava que Billy carregasse isso, ou qualquer outra coisa, nas costas. Com Hyman Swerdlow eu percebi que falar de Justiça era não apenas deslocado, mas também disparatado. E se o Barão de Charlus estivesse ouvindo, assombrando o seu telefone com o bocal de Quimper, ele teria virado com desprezo o rosto para essa conversa. Eu não me culpava enormemente, e sem dúvida não me sentia imbecil. Na pior das hipóteses tinha sido inadequado ligar para Swerdlow atrás de informação e depois, sem preparar o terreno, encetar loucamente por um assunto como esse, tentando levá-lo comigo. Eram questões em que eu pensava em particular, as preocupações subjetivas de uma pessoa que vivia sozinha numa grande casa na Filadélfia onde se sentia deslocada, e que tinha perdido de vista a diferença entre cismas privadas e conversas permitidas. Eu não tinha nada que tirar da cartola, conversando com Swerdlow, coisas sobre justiça ou honra ou as ideias platônicas ou as esperanças dos judeus. Enfim, o seu tom de voz agora deixava claro que ele queria se livrar de mim, então eu disse: “Esse tal rabino X/Y de Jerusalém, que fala um inglês acima da média, me

fez prometer que eu ia localizar o Fonstein. Ele disse que não tinha conseguido”.

“Você tem certeza que o Fonstein não está na lista telefônica?”

Não, eu não tinha certeza, tinha? Eu não tinha olhado. Isso era a minha cara, não era? “Eu imaginei que o rabino *tinha* olhado”, eu disse. “Estou me sentindo imbecilizado. Eu não devia ter confiado cegamente nisso. *Ele* devia ter olhado. Eu dei de barato. Você provavelmente tem razão.”

“Se eu puder ser de mais serventia...?”

Mostrando como ele teria procedido para encontrar Fonstein, Swerdlow me mostrou como eu era torto. Lógico que era uma coisa idiota eu não ter olhado na lista. Inteligente, inteligente, mas burro, como se dizia antigamente. Porque os Fonstein *estavam* na lista. Informações me deu o número. Lá estavam eles, tão acessíveis quanto milhões de outros, em letras miúdas, colunas e colunas e colunas, as infindas listagens.

Disquei o número dos Fonstein, preparado para uma conversa — as palavras de abertura ensaiadas, as desculpas por negligenciá-los sendo pedidas com tanto ímpeto, exatamente o ímpeto que eu sentia de fato. Se eles estivessem inclinados a me culpar... bom, eu merecia.

Mas eles não estavam em casa, ou tinham desligado o telefone da parede. Gente de idade, eles provavelmente dormiam cedo. Depois de uma dúzia de toques, eu desisti e também fui para a cama. E quando entrei na cama — sem muito medo de ficar sozinho nesse lugar imenso, não que a cidade não esteja cheia de assaltantes assassinos —, peguei um livro, pronto para encarar uma longa leitura.

Os livros de cabeceira de Deirdre eram agora meus. Eu tinha curiosidade por saber o que lhe dava sono à noite. O que tinha estado na cabeça dela ganhou importância para mim. Nos seus últimos anos ela tinha passado para livros como *Koré Kosmou*, a *Hermetica* publicada pela Oxford, e também seleções do *Zohar*. Como a heroína daquele conto de Poe, “Morella”. Estranho Deirdre ter dito tão pouco sobre isso. Ela não era uma mulher de segredos, mas como tantos outros ela se mantinha reservada sobre questões de pensamento e de religião. Eu adorava vê-la absorta num livro,

mumificada no seu lado da cama de antiquário, perfeitamente imóvel sob as cobertas. Um par de abajures de cada lado como espinheiros de bronze. Eu estava sempre tentando fazer com que Deirdre comprasse luzes de leitura decentes. Nada podia persuadi-la — era obstinada quando se desafiava o seu gosto — e três anos depois de ela ter falecido eu ainda estava procurando: aquelas esculturas de sarças jamais serão substituídas.

Alguns homens caem no sono no sofá, depois do jantar. Isso muitas vezes resulta em insônia, e como eu odeio ficar acordado no meio da noite, a minha rotina é ler na cama até a meia-noite, me concentrando em passagens marcadas pela Deirdre e nas suas notas no verso do livro. Tornou-se um dos meus rituais sentimentais.

Mas nessa noite eu apaguei depois de algumas frases, e imediatamente comecei a sonhar.

Há grande variedade nos meus sonhos. As minhas noites são com frequência muito ativas. Eu tenho sonhos angustiados, sonhos divertidos, sonhos de desejo, sonhos simbólicos. Há, no entanto, sonhos que absolutamente vieram a negócios e vão direto ao ponto. Acho que nós temos os sonhos que merecemos, e eles podem até ser preparados em segredo.

Sem preliminares, eu me vi num buraco. Noite, uma planície escura, um poço, e desde o começo eu já estava tentando escalar as paredes para sair. Na verdade, eu já estava tentando havia algum tempo. Era um buraco cavado, não um túmulo mas uma armadilha preparada para mim por alguém que me conhecia o suficiente para saber que eu cairia. Eu conseguia ver por sobre a borda, mas não podia sair rastejando porque estava com as pernas emaranhadas e presas em cordas ou raízes. Eu metia os dedos na terra em busca de algo que pudesse agarrar. Tinha que confiar nos meus braços. Se eu conseguisse me alçar até a borda, ia conseguir livrar a parte de baixo do meu corpo. Só que eu já estava exausto, pregado, e, se desse um jeito de me arrancar dali, estaria prostrado demais para lutar. Os meus esforços eram observados pela pessoa que tinha planejado aquilo tudo para mim. Eu podia ver as suas botas. Mais adiante, numa fossa similar, outro homem estava

também se esfalfando. Ele também não ia conseguir. Desespero não era o que eu sentia principalmente, nem medo da morte. O que deixava o sonho terrível era a minha absoluta convicção de um erro, o meu equívoco quanto ao meu vigor, e o reconhecimento de que as minhas forças estavam se secando até o fim. Toda a estrutura estava desmantelada. Não havia um só músculo em mim que eu não tivesse convocado em meu auxílio, e pela primeira vez eu estava consciente deles todos, até o mais minúsculo, e o melhor que eles podiam fazer não bastava. Não podia contar comigo, não podia encarar a situação, não podia dar mais de mim. Não há razão alguma que me autorize a pedir que você sinta isso junto comigo, e não vou culpar você por evitar; eu mesmo já fiz isso. Eu sempre evito extremos, mesmo durante o sono. Além disso, nós todos reconhecemos a carga do meu sonho: vida tão vária, o Grande Baile de Máscaras da Mortalidade reduzindo-se a um buraco no chão. Ainda assim, isso não exauria o sentido do sonho, e o que resta é essencial para a interpretação do que cheguei a concluir sobre Fonstein, Sorella ou mesmo Billy. Eu teria sido incapaz, não fosse por isso, de descrevê-lo. Não é tanto um sonho quanto uma comunicação. Estavam me mostrando — e eu tinha consciência disso mesmo dormindo — que eu tinha cometido um erro, um erro de toda uma vida: algo errado, falso, agora plenamente manifesto.

Revelações na velhice podem abalar tudo o que você acomodou desde o início — toda a astúcia de uma vida de especialização e de esforços, interpretando e reinterpretando ao coser os retalhos das suas ilusões fortificadas, obra de um enxame das suas tropas de choque defensivas, que continuarão a erguer mais perversas (ou insanas) barricadas. Tudo isso é contornado num sonho como este. Quando você tem um assim, só pode se curvar diante das inevitáveis conclusões.

A sua imaginação de um vigor está ligada à sua assimilação da brutalidade, onde essa brutalidade se manifesta integralmente ou é absoluta. A minha é uma versão Novo Mundo da realidade — o que me concede a suposição de haver nela qualquer coisa real. No Novo Mundo, nosso vigor *não* se exaure. Essa é a razão de os seus parentes europeus, o seu velho



povo, ter alimentado você tão bem nessa terra de juventude. Eles foram treinados para a submissão, mas você era livre e criado na liberdade. Você era igual, era forte, e aqui você não podia ser morto, como os judeus lá *tinham* sido mortos.

Mas a sua alma lhe trazia a verdade tão inescapavelmente que você acordava na sua cama meio a meio — metade judia, metade WASP — já que, graças aos poderes da memória, você era proprietário de uma mansão na Filadélfia (uma recompensa desproporcionada demais), e ali o sonho simplesmente se deteve. Um velho retomando a consciência cotidiana abriu os olhos ainda aterrorizados e viu o abajur abrolho de bronze com lâmpadas brilhando. O pescoço dele sobre dois travesseiros, empilhados para ler, estava curvado como o cajado de um pastor.

Não era o sonho, sozinho, que era tão assustador, ainda que já fosse ruim o suficiente; era a revelação que o acompanhava que era tão difícil de suportar. Não era a morte que tinha me assustado, era o que se desvelava: eu não era o que achava que era. Eu não entendia de fato a brutalidade impiedosa. E com quem eu dividiria isso agora? Deirdre estava morta; eu não posso discutir essas coisas com o meu filho — ele todo administrador e executivo. Isso me deixava Fonstein e Sorella. Quem sabe.

Sorella tinha dito, eu lembro, que o Fonstein, com a sua bota ortopédica, não podia saltar muralhas e fugir como Douglas Fairbanks. Nos filmes, Douglas Fairbanks era sempre demais para os inimigos. Eles não conseguiam detê-lo. Em *O corsário negro* ele inutilizou um navio à vela sozinho. Segurando uma faca ele escorregou pela vela principal, fatiando-a ao meio. Não dava para trancar um homem assim num carro de gado; ele teria escapado. Sorella não estava falando de Douglas Fairbanks, nem se referia apenas a Fonstein. A observação dela, no fim de contas, se dirigia a mim. Sim, ela estava falando de mim e também de Billy Rose. Pois Fonstein era Fonstein — ele era Mitteleuropa. Eu, por outro lado, vinha da Costa Leste — nascido em Nova Jersey, educado no Washington Square College, grande sucesso mnemônico na Filadélfia. Eu era um judeu de uma raça completamente diferente. E portanto (isso, vá em frente, você não pode

evitar) mais próximo de Billy Rose e da sua operação de resgate, do submundo pessoal inspirado por *O pimpinela escarlata* — a Hollywood de Leslie Howard, que representou o pimpinela, substituindo a Hollywood de Douglas Fairbanks. Não havia maneira, portanto, de eu poder compreender os verdadeiros fatos no caso de Fonstein. Eu não tinha entendido *Fonstein versus Rose*, e queria muito dizer isso a Harry e Sorella. Paga-se um preço por ser um filho do Novo Mundo.

Decidi apagar o abajur, que, num relance, associou-se ao arbusto em que Abraão-avinu encontrou um carneiro preso pelos cornos — como você pode ver, eu estava sendo bombardeado por todos os lados. Agora partículas iluminadas da história judaica estavam caindo em cima de mim.

Um velho teve já toda uma vida para aprender a controlar os seus achaques noturnos. O que quer que eu fosse (e isso, nesse estágio tardio, ainda estava por ver), eu ia precisar de forças de manhã para continuar com a minha investigação. Portanto, eu tinha que tomar providências para evitar uma noite sobressaltada. Grandes almas podem agradecer pela insônia e ficam felizes em pensar em Deus ou na Ciência nas horas mortas da noite, mas eu estava incomodado demais para pensar direito. Um importante ensinamento do instituto Mnemósine, no entanto, é aprender a fazer da sua mente um quadro em branco. Você se força a pensar em nada. Você expulsa todas as distrações. As distrações de hoje à noite acabaram sendo muito sérias. Eu tinha descoberto por quanto tempo tinha me escudado de imaginar coisas insuportáveis — não, não imaginar, mas reconhecer — sobre assassinio, deleite na tortura, o baixo contínuo da brutalidade, sem o qual nenhuma música humana pode ser executada.

Assim, apliquei o meu famoso método. E me forcei a pensar em nada. Eliminei todos os pensamentos. Quando você pensa em nada, a consciência é levada à porta de saída. Quando a consciência se vai, você está dormindo.

Eu apaguei. Foi uma misericórdia.

De manhã, eu me vi sendo extranormal. Na pia do banheiro enxaguei a boca, pois estava seca (os idosos frequentemente sofrem com essa secura). Eu me barbeei e me pentei, fiz exercício na minha máquina de esqui (não

posso deixar os músculos afrouxarem) e aí me vesti e, já vestido, meti os sapatos debaixo da escova giratória. Uma vez mais o proprietário de direito de uma bela casa, onde Francis X. Biddle foi um dia o vizinho e Emily Dickinson vinha para o chá (havia outras personagens por listar), eu desci para o café. A minha zeladora veio da cozinha com granola, morangos e café preto. Primeiro o café, mais do que a dose matinal de sempre.

“Dormiu bem?”, perguntou Sarah, a minha antiquada empregada. Tanta discrição, tanto discernimento, tanta sabedoria de vida se acumulavam nessa ativa senhora negra. Nós não nos comunicávamos com palavras, mas tacitamente trocávamos informações num nível bastante avançado. Pela quantidade de café que engoli ela sabia dizer que eu estava fingindo aquela extranormalidade. Quanto a mim, eu estava ciente de possivelmente estar creditando extensos poderes a Sarah porque tinha saudade da minha mulher, saudade do contato com a inteligência feminina. Reconheci também que tinha começado a localizar as minhas esperanças e necessidades em Sorella Fonstein, que agora eu ansiava ver. A minha cabeça insistia em ver os Fonstein em Sarasota, em residências de inverno com os descendentes dos elefantes de Aníbal, entre palmeiras e hibiscos. Uma Sarasota idealizada, onde o meu coração aparentemente deseja se ver.

Sarah pôs mais café diante de mim no meu escritório. Provavelmente rugas novas tinham surgido no meu rosto da noite para o dia — sinais que indicavam a demolição de uma estrutura de pé havia muito. (Como eu *pude* ser uma aberração tão grande!)

Finalmente, a minha ligação para os Fonstein foi atendida — eu estava ligando de meia em meia hora.

Um jovem falou. “Alô, quem fala?”

Como foi inteligente o Swerdlow, sugerindo tentar o antigo número listado.

“É da residência dos Fonstein?”

“Exatamente.”

“E você por acaso seria Gilbert Fonstein, o filho?”

“Não, não seria”, o jovem disse, leviano mas amável. Ele era, como se diz por aí, tranquilão. Nenhuma sugestão de que eu estivesse perturbando (Sorella entrou aqui — ela gostava de fazer trocadilhos bilíngues). “Eu sou amigo do Gilbert, estou cuidando da casa aqui. Eu levo o cachorro passear, rego as plantas, regulo o timer das luzes. E o senhor quem é?”

“Um velho parente — amigo da família. Estou vendo que vou ter que deixar um recado. Diga pra eles que se trata de outro Fonstein que mora em Jerusalém e diz ser tio ou primo de Harry. Eu recebi um telefonema de um rabino — X/Y — que sente que algo precisa ser feito, já que o velhinho está com um parafuso a menos.”

“Como assim?”

“Ele é excêntrico, deteriorado, profético, psicopático. Um velho decadente, mas ainda fervilhante e cheio de protestos...”

Eu me detive brevemente. Você nunca pode dizer com quem está falando, com ou sem vê-lo. E, além disso, eu sou uma daquelas figuras sugestionáveis, prontas a pegar a deixa com o outro sujeito e cair no seu estilo de fala. Detectei certo charme despreocupado no menino do outro lado da linha, e houve uma troca de charme por charme. Evidentemente, eu queria provocar o interesse daquele rapaz. Trocando em miúdos, imitar, agradar e conseguir informações com ele.

“Esse velhote de Jerusalém diz que é um Fonstein e quer dinheiro?”, ele disse. “O senhor não me parece alguém que não esteja em condição de ajudar. Por que não mandar o dinheiro?”

“Verdade. No entanto, o Harry podia identificar o velho, verificar as credenciais dele, e naturalmente ia gostar de ouvir que ele apareceu vivo. Pode ser que ele tenha estado nas listas de mortos. Você está só cuidando da casa? Você me parece um amigo da família.”

“Estou vendo que a gente vai conversar. Espera um minuto enquanto eu encontro a minha bandana. Já está chegando a época das alergias, e a minha cabeça está inteira em carne viva... Que parente é o senhor?”

“Eu tenho um instituto na Filadélfia.”

“Ah, o cara da memória. Eu já ouvi falar do senhor. O senhor vem lá dos tempos de Billy Rose — *aquela* figuraça. O Harry não gostava de falar disso, mas a Sorella e o Gilbert falavam sempre... O senhor pode aguardar enquanto eu localizo o lenço? Limpar a barba com lenço de papel deixa uns pedacinhos.”

Quando ele largou o telefone, usei a pausa para contextualizá-lo plausivelmente. Formei uma imagem de um rapaz pesado — uma espessa cabeleira, pança de cerveja, camiseta com uma marca ou um slogan. *Faça a diferença* era agora bem popular. Eu imaginei um membro representativo da população jovem que se via em cada esquina em toda parte do país e mesmo nas menores cidades. Botas rústicas, jeans com aparência de usados, rosto com pelos apontando — algo como os mineiros de Leadville ou Silverado no século passado, a não ser pelo fato de que esses rapazes não estavam trabalhando, nem jamais trabalhariam com picaretas. Deve ter sido uma diversão jogar conversa fora comigo. Um velho burguês da Filadélfia, moderadamente famoso e que valia pilhas de dinheiro. Ele não podia ter imaginado a mansão, a esplêndida sala em que eu estava sentado segurando o telefone francês, recabeado a um custo elevado, um instrumento que um dia pertenceu a um descendente da nobreza merovíngia. (Eu não ia desistir do Barão de Charlus.)

O rapaz não era um bicho-grilo, um ajudante hippie intocado pela inteligência, fosse ele o que fosse. Disso eu tinha certeza. Ele tinha muito a me dizer. Se era mal-intencionado eu não tinha como saber. Era manipulador, no entanto, e já tinha conseguido estabelecer o tom do nosso diálogo. No fim, ele detinha informações sobre os Fonstein, e era isso que eu queria.

“Eu realmente conheço os dois há muito tempo”, eu disse. “Eu perdi contato com os Fonstein há anos. Como foi que eles prepararam a aposentadoria? Eles dividem o ano entre Nova Jersey e um clima mais quente? De alguma maneira eu imagino os dois em Sarasota.”

“O senhor precisa de outro astrólogo.”

Ele não estava sendo satírico — mais protetor, na verdade. Estava me tratando agora como um cidadão de idade. Com carinho.

“Eu fiquei surpreso recentemente quando me dei conta das datas e percebi que os Fonstein e eu nos encontramos pela última vez há trinta anos, em Jerusalém. Mas emocionalmente eu estava em contato — isso acontece.” Eu tentava persuadir o rapaz, e de fato sentia que era verdade.

Curiosamente, ele concordou. “Isso daria um tema de tese”, ele disse. “O que os olhos não veem nem sempre o coração não sente. As pessoas se recolhem em si mesmas, e depois inventam afetos imaginários. É uma situação comum na América.”

“Por causa das dimensões continentais dos Estados Unidos...? Das distâncias tremendas?”

“Pensilvânia e Nova Jersey são estados vizinhos.”

“Eu realmente pareço ter bloqueado mentalmente Nova Jersey”, eu admiti. “Você soa como alguém que estudou...?”

“O Gilbert e eu fomos colegas de escola. “

“Ele não cursava física na Cal Tech?”

“Ele mudou pra matemática. Teoria das probabilidades.”

“Nisso eu sou um completo ignorante.”

“Então somos dois”, ele disse, acrescentando: “eu estou achando o senhor um papo bem interessante.”

“A gente está sempre à procura de alguém com quem travar uma conversa de verdade.”

Ele parecia concordar. Disse: “Eu estou inclinado a arranjar tempo pra isso, assim que for possível”.

Ele se descreveu como alguém que cuidava da casa, sem mencionar outras ocupações. Num certo sentido eu mesmo cuidava de uma casa, esquecendo-se o fato de eu ser o dono do imóvel. O meu filho e a esposa dele podem muito bem ter me visto com esses olhos. Um belo corolário era que a minha alma representava o papel de zeladora no meu corpo.

Realmente me passou pela cabeça que o jovem não estava de todo desinteressado. Que eu estava passando por um exame ou uma avaliação.

Até ali, ele não tinha me dito nada sobre os Fonstein a não ser que eles não passavam o inverno em Sarasota e que Gilbert tinha estudado matemática. Ele não disse que ele também tinha frequentado a Cal Tech. E quando disse que o que os olhos não veem nem sempre o coração não sente, eu pensei que a sua dissertação, se é que tinha escrito uma, podia ter sido na área de psicologia ou sociologia.

Reconheci que receava um pouco fazer perguntas diretas sobre os Fonstein. Ao negligenciá-los, eu tinha comprometido o meu direito de inquirir com liberdade. Havia coisas que eu queria e que não queria ouvir. O “zelador” sentia isso, isso o divertia, e ele me dava corda. Era leve e falava como quem brinca, mas eu comecei a sentir que havia nele um lado lúgubre.

Decidi que era hora de abrir a boca, e disse: “Onde é que eu posso encontrar o Harry e a Sorella, ou há algum motivo pra você não poder me dar o número deles?”.

“Eu não tenho.”

“Por favor, sem duplos sentidos.”

“Não dá pra falar com eles.”

“O que é que você está me dizendo! Eu adiei demais esta ligação?”

“Eu receio que sim.”

“Então eles morreram.”

Eu estava chocado. Algo de essencial em mim desmoronou, rompeu-se. Na minha idade, um homem está bem preparado para ouvir notícias de morte. O que eu senti mais aguda e imediatamente foi que tinha abandonado duas pessoas extraordinárias que eu sempre disse que prezava e estimava. Eu me vi fazendo uma lista de nomes: Billy está morto; a sra. Hamet, morta; Sorella, morta; Harry, morto. Todos os principais, mortos.

“Eles estavam doentes? A Sorella teve câncer?”

“Eles morreram há cerca de seis meses, no pedágio de Jersey. Conforme o que se disse, uma caminhonete com um trailer perdeu o controle. Mas eu gostaria de não ter que contar isso pro senhor. Como parente, isso vai doer. Eles morreram imediatamente. E graças a Deus, porque o carro se dobrou

por cima deles e precisaram de maçaricos pra liberar os corpos — isso deve ser duro pra alguém que conhecia eles bem.”

Ele estava, diga-se, me passando uma descompostura. Em alguma medida, eu tinha feito por merecer. Mas a qualquer momento durante esses trinta anos, qualquer um de nós podia ter morrido num instante. Eu também podia. E ele estava errado ao supor que eu fosse um judeu do tipo antigo, que certamente reagiria de maneira sentimental a uma notícia como essa.

“Afinal, o senhor é um homem idoso, o senhor mesmo disse. E só podia ser, em vista das datas.”

Minha voz estava baixa. Eu disse que era. “Aonde os Fonstein estavam indo?”

“Estavam indo de Nova York pra Atlantic City.”

Eu vi os corpos manchados de sangue retirados do carro e esticados na grama inclinada — as luzes da polícia, o caos do tráfego desviado e a oscilante atmosfera escura, ébria de gasolina, os guinchos miúdos da ambulância, os paramédicos e os seus sacos para os cadáveres. O calor do verão passado tinha sido um tormento. Dava para dizer que os mortos suavam sangue.

Se você estiver tentando decidir qual é a via expressa mais lúgubre do país, a rodovia de Jersey está certamente entre os finalistas. Não era um lugar em que Sorella, que amava a Europa, devesse morrer. Os quarenta anos americanos da compensação de Harry pela destruição da sua família na Polônia estavam subitamente acabados.

“Por que eles estavam indo a Atlantic City?”

“O filho deles estava lá, com problemas.”

“Ele estava jogando?”

“Era um fato bem conhecido, por isso eu posso falar. Afinal, ele escreveu um estudo matemático sobre como vencer no blackjack. Os geniozinhos da matemática dizem que é um belo trabalho. No que se refere à vida real, ele se encrencou por causa disso.”

Eles estavam correndo para socorrer o filho americano quando foram mortos.



“Deve ser muito mortificante ouvir isso”, o rapaz disse.

“Eu tinha muita vontade de vê-los de novo. Eu ficava me prometendo retomar contato.”

“Eu não acho que a morte seja o pior...”, ele disse.

Eu não estava disposto a tratar de escatologias com esse menino ao telefone, nem a começar a delinear os vários níveis do mal. Muito embora, Deus bem sabe, o telefone possa encorajar muitas formas de revelações, e você possa ouvir tanto, ou até mais, de alguém a longa distância do que face a face.

“Qual deles estava dirigindo?”

“A sra. Fonstein, e talvez sendo imprudente.”

“Eu entendo — uma emergência, e uma mãe terrivelmente apressada. Ela ainda estava imensa?”

“A mesma ano a ano, e bem apertadinha contra o volante. Mas não existia muita gente como Sorella Fonstein. É melhor a gente não criticar.”

“Eu não estou criticando”, eu disse. “Eu teria ido ao funeral prestar a minha homenagem.”

“Que pena que o senhor não veio falar. Não foi lá um enterro dos melhores.”

“Eu podia ter contado a história do Billy Rose pra um grupo de amigos na capela.”

“Não houve grupo algum”, o rapaz disse. “E o senhor soube que, quando o Billy morreu, dizem que ele não pôde ser enterrado por um tempão. Ele tinha que esperar até o tribunal decidir o que fazer com a provisão de um milhão de dólares para o túmulo que ele deixou em testamento. Teve uma batalha jurídica por causa disso.”

“Nunca ouvi uma coisa dessas.”

“Porque o senhor não lê o *News*, ou a *Newsday*. Nem mesmo o *Post*.”

“Foi isso mesmo o que aconteceu!?”

“Ele ficou guardado no gelo. Isso vivia sendo um assunto dos Fonstein. Eles ficavam pensando sobre as regras judaicas de enterro.”

“E o Gilbert, ele manifesta algum interesse pela sua origem judia — por exemplo, pela história do pai?”

O amigo de Gilbert hesitou quase imperceptivelmente — apenas o que bastou para me fazer supor que ele também fosse judeu. Não estou dizendo que ele não reconhecesse ser judeu. Evidentemente não queria confrontar o fato. A única vida que lhe importava viver era a de um americano. Tão imensamente absorvente, isso. Tão absorvente que uma só existência era muito pouco. Podia tragar uma centena de existências, se você tivesse para oferecer, e pedir mais.

“O que o senhor acaba de perguntar é — eu estou traduzindo — se o Gilbert é ou não é um desses monstrinhos científicos com mínimas motivações humanas”, ele disse. “O senhor precisa ter em mente a dimensão que tem o jogo pra ele. Aquilo nunca seria pra *mim*. Nem pago que eu ia a Atlantic City, especialmente depois do desastre do ônibus de dois andares. Eles meteram um desses na estrada, cheio de passageiros rumando pro cassino. Era alto demais pra passar por um dos viadutos, e o topo foi arrancado.”

“Morreu muita gente? Cabeças cortadas?”

“O senhor ia ter que verificar no *Times* pra descobrir.”

“Eu não me daria ao trabalho. Mas e agora, onde está o Gilbert? Ele herdou tudo, eu imagino.”

“Bom, é claro que herdou, e neste exato momento ele está em Las Vegas. Levou uma mocinha com ele. Ela foi treinada no método dele, que envolve memorizar o baralho em cada rodada. Você mantém listas mentais das cartas que já foram jogadas e aplica vários fatores de probabilidade. Dizem que a matemática envolvida é coisa de gênio.”

“O sistema depende de memorização?”

“É. É a sua área. Será Gilbert o amante da moça? É a nossa próxima consideração. Bom, a coisa não ia funcionar sem interesse sexual. Só o jogo não ia segurar uma mulher jovem por tanto tempo. E ela gosta de Las Vegas? E como não podia não gostar? É a maior arena de espetáculos do mundo — o coração da indústria americana do entretenimento. Que cidade,

hoje, está mais próxima de uma cidade sagrada — como Lhasa, ou Calcutá, ou Chartres, ou Jerusalém? Aqui, podia ser Nova York pelo dinheiro, Washington pelo poder, ou Las Vegas por atrair gente aos milhões. Nada que se compare a isso em toda a história do mundo.”

“Ah”, eu disse. “Isso está mais pro espírito de Billy Rose que do Fonstein. Mas como é que o Gilbert está se saindo?”

“Eu ainda não acabei de falar sobre a parte do sexo”, disse a verve azeda do rapaz. “Será o jogo um aperitivo para o sexo, ou será o sexo que alimenta o jogo? Representando a coisa, como uma sublimação. Vamos supor que pro Gilbert a abstração é dominante. Mas, passando de determinado ponto de abstração, dizem que as pessoas ficam definitivamente loucas.”

“Coitada da Sorella — coitado do Harry! Talvez tenha sido a morte deles que atingiu o menino.”

“Eu não posso me responsabilizar por um diagnóstico. O meu próprio problema de narcisismo já é bem grave. Eu confesso que esperava um legado simbólico, porque eu estava bem perto de ser um membro da família e tomava conta do Gilbert.”

“Entendi.”

“Não, o senhor não entendeu. Isso leva a minha fé nos sentimentos a se ver face a face com as condições reais da existência.”

“O seu afeto pelo Fonstein e pela Sorella?”

“O afeto que a Sorella me fez acreditar que ela tinha por mim.”

“Contando com você pra cuidar do Gilbert.”

“Bom... foi uma conversa agradável. Bom falar com alguém do passado que gostava tanto dos Fonstein. Vamos todos sentir saudade deles. O Harry tinha a dignidade, mas era Sorella quem tinha o dinamismo. Eu consigo entender por que o senhor deve estar contrariado — a sua noção de tempo lhe falhou. Mas não lamente demais.”

Ao ouvir tanta comiseração, eu pus o telefone no gancho, e lá estava ele, no seu alto monte, um artefato de comunicação vindo de outra era sentado diante de um homem com uma aguda necessidade de comunicação.

Aguilhado pelas palavras do zelador. Eu considerei também que, devido a Gilbert, os Fonstein por sua parte tinham me evitado — ele era tão promissor, o prodígio que eles tinham tido a assombrosa sorte de produzir e que por razões misteriosas (Fonstein teria achado que eram misteriosas razões americanas) tinha se desviado. Eles não teriam tido desejo algum de me pôr a par disso.

Quanto a lamentar — bom, aquele rapaz estava se divertindo à minha custa. Ele era um desses diabos menores que saem de tudo quanto é poro da sociedade. Você só precisa comprimir o solo social. Ele estava me ridicularizando — pelos meus sentimentos judaicos. Puxa vida. Mais dois velhos amigos mortos, bem quando eu estava pronto depois de trinta anos de silêncio para abrir os braços para eles: vamos sentar juntos e relembrar o passado e falar de novo de Billy Rose — “histórias tristes de reis falecidos”. E o “zelador” ficou me expondo isso tudo, à moda existencialista. Como: Qual falecimento vai reduzi-lo ao desespero, senhor? Sem quem o senhor não pode viver? Por quem o senhor dolorosamente anseia? Qual dos seus mortos pende sobre a sua cabeça diariamente? Mostre-me onde e como a morte o mutilou. Onde estão os seus ferimentos? Quem o senhor perseguiria além dos portões da morte?

Que menino estúpido! Por acaso ele acha que eu não sei de tudo isso?

Eu estava bem-disposto a ligar de volta para o menino e jogar-lhe na cara aquele niilismo baixo nível barato. Mas seria uma coisa absurda de se fazer se a melhoria da compreensão (da compreensão que ele tinha) era o meu objetivo. Você nunca consegue dismantelar todas essas modernas estruturas mentais. Elas são tão numerosas que te encaram como uma vasta cidade interminável.

Vamos supor que falasse para ele das raízes da memória no sentimento — sobre os temas que coligem e contêm lembranças; se eu fosse contar a ele o que reter o passado representa de fato. Coisas como: “Se sono é esquecimento, o esquecimento é também um sono, e o sono é para a consciência o que a morte é para a vida. De modo que os judeus pedem mesmo a Deus que recorde, ‘*Yizkor Elohim*’.”

Deus não esquece, mas a nossa oração lhe pede particularmente para lembrar dos nossos mortos. Mas como é que eu deixaria alguma impressão num garoto como aquele? Escolhi, em vez disso, registrar tudo que conseguisse lembrar da conexão Bellarosa, e expor tudo com um floreio de Mnemósine.

---

1 Ídiche para pé-rapado. (N. E.)

2 Judeu proveniente da Galícia, região do Leste Europeu que compreendia partes da Ucrânia e da Polônia. (N. E.)

3 Respectivamente uma companhia ídiche de teatro na Europa e o local em Nova York onde se concentrava a cena do teatro judaico no Novo Mundo. (N. E.)

4 Termo em hebraico para qualquer ato de bondade humana. (N. E.)

5 Lá no.../ Lá no.../ no — Rio... (N. T.)

6 É onde o meu coração sente saudade,/ É onde estão os meus velhos./ O mundo todo está [estou?] triste e lúgubre/ Aonde quer que eu vá./ Ah, pretinhos, como o meu coração está triste... (N. T.)

# UMA AFINIDADE VERDADEIRA

**É** bem fácil ver o que as pessoas *acham* que estão fazendo. Também não é difícil para o senso comum descobrir o que elas realmente estão tramando. Mal vale a pena examinar o repertório usual de estratégias, fraudes, falsas identidades e variações da esperteza criminal. Já se passaram anos desde a última vez que me interessei pela *Psicopatologia da vida cotidiana* e pela história-por-trás-da-história que ela conta e que um dia foi novidade. Não é mais preciso provar que um ato falho te leva de volta ao malicioso id. Admito que Freud foi um dos homens mais engenhosos que já viveram, mas não tenho mais utilidade para o sistema dele do que para o relógio de Paley — uma metáfora do universo, algo a que se deu corda no início, depois funcionando por bilhões de anos. Sempre que for possível supor algo, alguém (nesse caso, um clérigo inglês do século XVIII) certamente vai fazer essa suposição.

Nunca tive um desejo especial de me tornar conhecido. E não acho que para um bom observador seria difícil me entender. Quando perguntam, digo que moro em Chicago e estou semiaposentado, mas nunca faço questão de especificar no que trabalho. Não que haja muita coisa para esconder. Mas tem algo em mim que faz as pessoas pensarem que há. Pareço chinês. Depois da Guerra da Coreia, me mandaram estudar chinês em uma escola

especial. Talvez minhas habilidades esotéricas, por um processo secreto de sugestão, tenham posto uma expressão do Leste Asiático no meu rosto. Os garotos na escola nunca me chamaram de “China” — e podiam ter feito isso já que eu pertencia a uma categoria ambígua, um forasteiro, um órfão. Mas isso também era enganoso. Meus pais eram ambos vivos. Fui colocado em um orfanato porque minha mãe tinha uma doença nas articulações que a fazia ir de sanatório em sanatório, a maior parte fora do país. Meu pai era um simples carpinteiro. As contas eram pagas pela família da minha mãe, os irmãos dela eram bem-sucedidos fabricantes de linguça e capazes de bancar os tratamentos que ela fazia em Bad Nauheim ou Hot Springs, no Arkansas.

Na escola presumiam que eu fosse uma das crianças do orfanato. Não tive chance de explicar minhas circunstâncias especiais, e todas as peculiaridades dessas circunstâncias se afundavam na estrutura do meu rosto — uma cabeça redonda, o cabelo tão longo quanto o orfanato permitia, um par de olhos negros inchados, uma boca larga com lábios bem grandes. Materiais maravilhosos para o insidioso visual de Fu Manchu.

O caminho de um homem para voltar a si mesmo é um retorno de seu exílio espiritual, porque é isso que uma história pessoal significa — exílio. Eu não me permitia dar muita bola para o lábio chinês. Parece que eu tinha decidido que se ocupar com a imagem pessoal, se adaptar, corrigir, interferir naquilo, era uma perda de tempo.

Na época em que estava analisando minhas opções, achei que eu podia — só podia — me transferir para outra civilização. Os chineses jamais teriam me percebido na China, enquanto no meu próprio país ter um visual vagamente chinês não seria suficiente para impedir que me descobrissem... Provavelmente quero dizer para impedir que eu fosse exposto.

Mas só durei cinco anos no Extremo Oriente; os últimos dois passei em Mianmar, onde fiz importantes ligações comerciais, descobrindo enquanto estava imerso em outra civilização que eu tinha uma espécie de dom para organizar acordos comerciais. Tendo garantido uma renda vitalícia por meio



dessa operação em Mianmar, que tinha um ramo guatemalteco, voltei para Chicago, onde estavam minhas raízes emocionais.

Desisti de ser um chinês. Alguns ocidentais, é claro, preferiam ser orientais. Havia o famoso ermitão britânico de Pequim tão belamente descrito por Trevor-Roper; também havia Two-Gun Cohen, o gângster de Montreal contratado por Sun Yat-Sen para ser seu guarda-costas, e que nunca quis voltar para o Canadá, ao que parece.

Você vai ver muito em breve que eu tinha razões substantivas para voltar a me estabelecer em Chicago. Eu podia ter ido para outro lugar — para Baltimore ou Boston — mas a diferença entre cidades é mais do mesmo, com um disfarce superficial. Em Chicago eu tinha negócios emocionais em aberto. Em Boston ou Baltimore eu continuaria pensando, diária e regularmente, na mesma mulher — no que podia ter dito a ela, no que ela podia ter respondido. “Objetos de amor”, na denominação da psiquiatria, não são frequentemente superados ou facilmente deixados de lado. “Distância” na verdade é uma formalidade. O cérebro não leva a distância em conta.

Voltei para Chicago e abri um negócio na rua Van Buren. Treinei meus funcionários para tocar o negócio por mim e fiquei livre para ocupar minha vida com atividades mais interessantes. Para minha surpresa, de certo modo, me tornei parte de um grupo de pessoas curiosas. A maior ameaça em um lugar como Chicago é o vazio — lacunas e pausas humanas, uma espécie de ozônio espiritual com cheiro de alvejante. Antigamente, os bondes de Chicago exalavam esse cheiro. O ozônio é composto de uma combinação de oxigênio e raios ultravioleta nas camadas superiores da atmosfera.

Encontrei meios de me proteger dessa ameaça liminar (a ameaça de ser sugado para o espaço sideral). Estranhamente, comecei a ser convidado como um homem que sabia muito sobre o Oriente. Pelo menos, as anfitriãs achavam que eu sabia — *eu não dizia isso*. Não era preciso dizer muita coisa.

Me estabeleci em um apartamento à beira do Lincoln Park. E logo tive uma boa dose de sorte. Encontrei o velho Sigmund Adletsky e a sra. Adletsky em um jantar. Adletsky é um nome que se reconhece imediatamente em qualquer lugar, como príncipe Charles ou Donald Trump — ou, antigamente, o xá do Irã ou Basil Zaharoff. Sim, Adletsky, o próprio chefe, o pioneiro colossal, o homem sob o qual se construiu o incomparável complexo de hotéis de luxo na costa caribenha do México — uma das muitas redomas de prazer nas praias subtropicais de vários continentes. O velho Adletsky tinha deixado seu império para seus filhos e netos. Ele nunca teria se importado com alguém como eu se ainda estivesse tocando os hotéis, as linhas aéreas, as minas, os laboratórios de eletrônica.

O jantar em que nos encontramos foi oferecido por Frances Jellicoe. Um Jellicoe comandou a Grande Frota Britânica na Batalha da Jutlândia (1916). A família tinha um ramo americano (era o que diziam os Jellicoe americanos), muito rico. Frances, que recebeu uma fortuna, também herdou uma coleção de pinturas que incluía um Bosch, um Botticelli, e vários retratos de Goya, assim como alguns Picassos do meu tipo preferido — múltiplos narizes e olhos. Eu admirava (estimava) Frances imensamente. Fritz Rourke, seu marido e pai dos seus dois filhos, tinha se divorciado dela, mas ela continuava a amá-lo, e não de maneira abstrata. Ele estava lá naquela noite, bêbado e barulhento, e a coisa que mais chamava a atenção no sujeito era a qualidade ou o grau do amor que se podia ver na ex-mulher enquanto ela o apoiava. Entroncada, ela nunca tinha sido bonita. Naquela noite na sala de jantar dela na Costa Dourada, seu rosto estava em chamas, e o lábio inferior ficava afastado dos dentes. Rourke logo ficou bêbado; rapidamente ficou fora de controle, quebrando copos. Ela assumiu seu posto atrás da cadeira do incontrolável ex-marido, fazendo uma silenciosa declaração de desespero, militância, lealdade. Bem, para mim ela era um ativo humano valioso. Não os milhões na conta dela, mas seu caráter — um caráter de grande valor.

O velho Adletsky estava sentado à minha mesa, e também estava registrando tudo aquilo. Meu palpite é de que poucas coisas desse gênero

ocorriam na presença de um homem rico como ele. Para ele, o que aconteceu no jantar pode ter sido uma espécie de retorno a uma época passada, aos dias de imigrante. Ser um trilionário é como viver em um ambiente controlado, imagino. Ele era um sujeito pequeno, encolhido pela idade avançada. Nunca tinha sido muito grande. No Novo Mundo, o caldeirão formado pela geração dele de pequeninos imigrantes desnutridos produziu filhos de um metro e oitenta e filhas grandes e exuberantes. Eu mesmo era maior e mais pesado que meus pais, embora internamente mais frágil, talvez.

Não esperava que Adletsky percebesse minha presença, e fui surpreendido poucos dias depois do jantar com um bilhete da secretária do velho. Pedia que eu ligasse para o escritório dele para marcar uma reunião. No pé do bilhete havia três palavras escritas pelo próprio Adletsky: “Por favor, ligue”. Quase um século atrás, ele tinha sido ensinado a escrever em cirílico ou, mais provável, em caracteres hebraicos, a julgar pelo arabesco do P maiúsculo.

Treinada rigorosamente no sistema Adletsky, a secretária encarregada de marcar as reuniões não foi capaz de me dizer, pelo telefone, por que fui solicitado a comparecer. Assim, fiz uma visita a ele em seu covil envidraçado, seu escritório de cobertura. Fui até o centro da cidade e fui conduzido a um elevador expresso, ativado por uma chave especial. Essa viagem rápida me causou a mesma sensação que os tubos pneumáticos que antigamente ligavam os vendedores de lojas de departamentos aos caixas. A venda escorrega e as notas de dólar eram sugadas pelo cano, e — *snick-snick* — aqui estão suas meias novas e aqui está seu troco.

Você não olha mais para um executivo do outro lado da mesa. Você senta com ele em um divã. Ao seu lado está uma mesa de centro com uma pequena xícara, um prato com torrões de açúcar.

Senti que estava turvando meu rosto de maneira defensiva sob o escrutínio de Adletsky. O velho não precisava fazer perguntas pessoais. Minha vida e meus atos tinham sido esquadrinhados por pessoas da equipe dele. Era evidente que eu tinha sobrevivido à varredura preliminar. Ele tinha

sido tão completamente informado que não haveria conversas sobre minhas origens, minha educação, minhas realizações — graças a Deus.

Ele disse: “No jantar de Frances Jellicoe, mencionaram o nome de Jim Thorpe, e só você foi capaz de identificar a faculdade de onde saiu aquele maravilhoso atleta...”

“Carlisle”, eu disse. “Na Pensilvânia. Uma escola indígena.”

“Você não tem interesse especial nisso; simplesmente sabia. Você tem muita informação geral na cabeça? Desculpe perguntar, sr. Trellman, mas quando o Banco Central americano foi criado?”

“Em 1913?... Me chame de ‘Harry’.”

Vi que ele tinha gostado, embora com o fascínio da cobertura eu sentisse que todas as minhas “preparações” estavam se desintegrando. Preparações? Bem, o título do famoso livro de Stanislavski é *A preparação do ator*. Todo mundo se prepara, e imputa aos outros o poder de julgar, confere a eles a posse de padrões que podem ser inexistentes.

Me desloquei em direção ao lado menos iluminado do sofá.

O que Adletsky tinha conseguido sobre mim até agora eram informações aleatórias do tipo útil para resolver palavras cruzadas. Claro, tudo isso era preliminar. Ele se comportava como um técnico inspecionando o modelo de um equipamento avançado. O que um médico teria dito sobre uma criatura tão pequena e velha e enrugada quando Adletsky? E tão rica. Super-rica. Rica além da compreensão da maioria das pessoas. Da minha compreensão também. Com tanta grana, eu estava pensando, você passava por cima da democracia. Você dava sinais de que era grato pelas oportunidades que o capitalismo dos Estados Unidos tinha oferecido e ao mesmo tempo, lá no fundo, você tinha conseguido aquilo sozinho, você se via como um faraó, o representante do sol.

“Eu queria falar sobre Frances Jellicoe”, ele disse.

“Perdão?”

“O jantar dela. Sempre gostei de Frances. Você vai lá sempre?”

“Não. Ela comprou umas peças chinesas de mim.”

“Você trabalha com essas coisas.”

“Antiguidades...”

“Ah, claro. Você importa objetos danificados da China e conserta na Cidade da Guatemala com mão de obra barata.

“Você pesquisou sobre mim”, eu disse. Não que isso tivesse importância; minha operação, meu negócio, eram suficientemente legal.

“Nenhum mal nisso”, disse Adletsky. “Vi você observando tudo, na casa de Frances.”

“Foi um mau momento”, eu disse.

“Sim, o marido — o ex — é um fracassado, obviamente não presta. A mãe de Frances era o que o *Tribune* antigamente chamava de ‘uma líder social’. Os Potter Palmer, os McCormick, e outras irlandesas casadas com presidentes de empresas e mães de meninas que davam festas de debutante — Frances era uma delas.”

“Sim, conheci mulheres que estudaram com ela na escola preparatória. Um dia ela *já foi* uma criatura elegante e delicada...”

Ele me olhou de um jeito curioso quando eu disse “criatura elegante”, como se estivesse surpreso por alguém com minha aparência falar desse jeito. “Mas o que você quer dizer é que agora ela é forte como um touro”, Adletsky disse.

“E, por outro lado, a saúde dela é péssima — ela é frágil, a vida dela corre risco. Ela tem aquele inchaço terrível de cortisona, e aquilo faz ela ficar parecendo o Babe Ruth.”

“Claro, essa é a descrição certa”, disse Adletsky.

“O senhor não precisa de mim, sr. Adletsky”, eu disse. “Não com o serviço de coleta de informações que lhe disse tudo que há para se saber sobre a parte de meus negócios na Guatemala”.

“Sim”, ele disse. “Mas você não tem uma unidade de pesquisa como essa. Você precisa pensar, precisa perceber os fatos e reuni-los por conta própria. Aquele Rourke, o ex-marido, chamou a atenção. Um executivo — ele engravidou uma estudante da Groenlândia, uma esquimó. E ela entrou na Justiça. Certo? Isso é notícia. Saiu nos jornais.”

“Frances e Rourke se divorciaram há anos. Mas ele continuou no conselho de várias empresas.”

“Continue”, disse Adletsky. “Nós dois gostamos dela. E não vamos causar nenhum mal a ela falando dos fatos.”

“O pai dela era sócio da Insull”, eu disse. “E o avô foi fundador da Commonwealth Edison. Ela o colocou de diretor corporativo em meia dúzia de outras empresas.”

“Ele é um carona. Parte da carga que muitas empresas carregam.”

“Eles se livraram de Rourke quando a garota esquimó disse que ia ter um filho dele”, eu disse. “O objetivo do jantar era reabilitá-lo socialmente.”

“Por causa dos filhos dele?”

“Em parte”, eu disse. “Também para fazer a vontade dela. Para as coisas serem do jeito dela.”

“Ela não tem muito tempo de vida”, disse Adletsky. “E casou por amor.”

“Eis o poderoso sistema feminino que chamamos de Frances, e o principal investimento dela é nesse palhaço.”

“Nada mais pode explicar o que aconteceu naquela noite. Você poderia, por favor, contar os fatos do seu ponto de vista?”

“Certo”, eu disse, mais disposto que o normal a dizer o que achava. Como regra, reluto em dizer as coisas oficialmente. Nunca trabalhei desse jeito — de maneira franca, direta. Mas percebi que o velho Adletsky tinha aberto uma porta para mim, por razões que não compreendi imediatamente, e que não seria inteligente me recusar a entrar. Não seria ofensivo, mas, de certa maneira, antissocial. “Ela convidou pessoas importantes do mundo dos negócios. Eu estava sentado perto do velho Ike Cressy do Continental Bank. O senhor estava lá pelo mesmo objetivo geral.”

“Nunca encostaríamos em sujeitos como aquele marido dela.”

“Isso só o senhor pode dizer, mas o senhor estava lá para aumentar a pompa da ocasião.”

“E você?”

“Eu estava representando as artes. Ela é dona de pinturas mundialmente famosas. Tinha aquele sujeito da Sears, Roebuck. Também tinha um juiz

federal e como-é-o-nome-dele da bolsa de valores. E as esposas, é claro.”

E Rourke, bebendo e se comportando mal. Ele foi rude e raivoso — agressivo. Tomou umas duas garrafas de vinho e fez um discurso falando mal de imigrantes mexicanos e asiáticos. Ele disse que já tinha pessoas inaceitáveis demais no país. Então, com um movimento circular dos braços, virou as taças de vinho do lado dele da mesa, quebrando algumas. Era preciso lembrar que o pequeno terrier branco de Frances só estava parcialmente domesticado. Numa visita anterior eu o tinha visto levantando a perna perto de saias de cadeiras e de sofás.

“Sobre Cressy: ele começou uma conversa sobre Shakespeare na ponta da mesa em que estava. Disse que as escolas secundárias tinham ido para o inferno, e uma das razões era que os alunos não decoravam mais poesia. Deu o exemplo de um empresário de Nova York que foi sequestrado. Dois empregados dele cavaram um buraco — bem, uma cova. Agarraram o sujeito e o colocaram debaixo de uma placa de ferro. O sujeito, claro, achou que era o fim dele — nunca mais ia ver a luz do dia.”

“Um verdadeiro exemplo de maldade sem fim”, disse Adletsky. “Você acha que pessoas que cometem um crime desses têm ideia do que aquilo era — um túmulo para alguém vivo?”

“Talvez não tivessem essa capacidade. Mas o que Cressy disse foi que a poesia que o empresário, um sujeito mais velho, tinha aprendido na escola o manteve vivo.” Banqueiros realmente gostam de citar o *Hamlet*:

*Não peças emprestado e também não emprestes,  
Pois quem empresta perde o amigo e o dinheiro,  
E quem pede emprestado embota o seu erário.*

Não discuti isso com o velho Adletsky. Ele não ia ter uso para esses adendos. O que ele queria era meu comentário sobre o que aconteceu quando Frances pegou a câmera no aparador.

“Você estava observando. Você viu. Ela pôs todos os convidados em posição para uma foto”, Adletsky disse.

“Cressy não queria aparecer na foto. Não com Rourke”, eu disse.

“Então você percebeu isso”, disse Adletsky.

Ele estava contente comigo. “Quem, além de você e de mim, percebeu que havia uma batalha em andamento, Cressy virando a cabeça justo quando ela apertava o botão da câmera? Três vezes ela fotografou a nuca dele.”

“Aquele era o único, o verdadeiro objetivo do jantar. Ela foi até Cressy e o pegou pelo pulso — forçou-o a olhar para o rosto dela.”

“Não tem muitas pessoas observadoras por aí, tem?”, disse Adletsky. “Embora todo mundo soubesse do Rourke e da menina que estava estudando para ser parteira. Estava no *Sun-Times*. Frances estava furiosa com a cobertura. Ela despreza tipos como o Cressy. Achei que ela ia dar uma surra nele. Ela quase tem tamanho suficiente para isso. Bom, ele não é muito grande, não é?”, Adletsky prosseguiu. “Ele tem um preservativo no coração. Esses banqueiros não têm nada de humano.”

“É isso”, eu disse. “O único objetivo dela era reabilitar o pai dos seus filhos.”

“Não. Ela ama aquele canalha tosco do Rourke. Qualquer sujeito que valesse algo ficaria orgulhoso de encontrar a lealdade de uma mulher boa como Frances. E tinha que ser Cressy, com Rourke, sorrindo para a câmera. Que credenciais sociais tenho *eu*, um velho judeu... ou mesmo o sujeito da Sears? Eu podia fazer um homem melhor que ele usando um pedaço de madeira... Que tipo de nome é Cressy?

“Pode ser que venha de Crécy, um campo de batalha na França.”

Adletsky não tinha uso para notas de rodapé.

“Ela não conseguiu o que queria, pobre menina”, ele disse.

Tudo indicava que Frances estava na descendente. A comida era de baixa qualidade; a toalha da mesa não era de primeira, nem a “equipe”; o cachorro ficava molhando as saias dos sofás. Quando sentiu raiva de Cressy ela ficou de uma cor que era algo como um tipo sombrio de ferrugem.

“Fiquei de olho em você enquanto você observava a cena”, disse Adletsky. “Não tive muito tempo para vida social ou para artigos de



psicologia. Mas agora deixei de fazer planejamento, aquisições — estou fora dos negócios. Vou por aí com minha mulher no circuito *dela*. De todo modo, pensei que ia gostar de conhecer alguém como você — um observador de primeira classe, obviamente.”

Não tinha nada que eu pudesse dizer como resposta a isso. Será que eu devia dizer que lamentava que sua vida ativa tivesse acabado — que estava em circunstâncias humanas reduzidas?

“Gosto do jeito como você analisa as coisas”, Adletsky disse depois de uma pausa. “Na minha vida nos negócios, tentei imitar Franklin D. Roosevelt em um aspecto. Percebi que era uma boa ideia ter um conselho consultivo. Em 1933, ele reuniu os professores dele e os manteve por perto. O país precisava inovar, ou iria para o brejo...”

O inglês dele tinha avançado junto com suas perspectivas como um empresário em escala planetária. Ele e os filhos treinados em administração e as filhas que estudaram direito em Yale tinham subido degrau a degrau, de uma esfera para a outra, sem limite para sua capacidade de adaptação.

“Então o senhor tinha um conselho consultivo ao estilo de Roosevelt?”

“Não. Eu tinha pessoas que me ajudavam quando eu me consultava com elas, e gostaria de ter encontros ocasionais com você, para receber informações sobre alguns assuntos. Eu não teria acreditado que, de todas as pessoas presentes, só você e eu entendemos o embate em que Frances se meteu com Cressy.”

Ele tinha razão. Poucas pessoas conseguem ver esse tipo de coisa.

“Não sou tão bom nos negócios”, eu disse.

“Para os negócios não preciso de você. Nem tente me dar conselhos. Só de vez em quando vou chamar você. Nos meus anos de atividade eu tinha pouca vida social. Agora tenho que fazer isso. E deve ter um jeito de tornar isso mais agradável.”

Eu disse, com minhas reservas de sempre, que ficaria muito feliz de ser parte do conselho consultivo dele.

“Você pode satisfazer sua curiosidade sobre mim, até certo ponto”, ele disse. “Claro, você vai ter que ser discreto. Mas acho que você já mantém

milhares e milhares de coisas para si mesmo. É o que diz a sua aparência. Alguém já disse que você tem um rosto japonês?”

“Chinês, eu sempre pensei.”

“Japonês”, ele insistiu.

Quando cheguei em casa, tirei a roupa e me examinei no grande espelho do banheiro. O velho tinha razão, sabe. Tenho pernas de japonês, saídas direto de uma cena de banho de Hokusai. As coxas são cheias de músculos, e as canelas são côncavas. Eu teria uma aparência ainda mais japonesa se cortasse meu cabelo curto e deixasse uma franja. Comecei a rever minha aparência pensando nisso.

Durante anos, desde então, encontrei Sigmund Adletsky e outros membros da família para quem ele me recomendou e que queriam meu conselho, normalmente em questões de gosto.

Uma coisa que aprendi em meus contatos com o velho: uma riqueza tão profunda pode não ter equivalente humano. Ele hoje é muito velho e pequeno — leve o bastante para entrar voando na eternidade. Os filhos e netos, no entanto, continuam prestando contas para ele. O julgamento dele em questões de negócios, ao velho estilo, continua sólido como sempre. A nova economia mundial é estranha ao fundador. Sobre seus descendentes, ele uma vez me disse: “Agora eu estou no conselho consultivo *deles*”.

Vindo de uma direção completamente diferente daquela de Frances Jellicoe ou de Sigmund Adletsky há uma pessoa, uma mulher cujo nome é Amy Wustrin. Fui namorado dela por um breve período no ensino médio. Não sei se Amy sabe a extensão dos sentimentos que se desenvolveram como resultado das mãos dadas, dos carinhos e das carícias — os efeitos dessa inebriante intimidade sobre mim. É evidente que é impossível adivinhar o que as pessoas sabem umas sobre as outras.

Quando ela tinha uns doze anos mais ou menos, eu a observava andando de patins — deslizando em direção à puberdade. E no ensino médio, aos quinze anos, no Dia da Fantasia que acontecia anualmente, quando ela

vestiu calças justas e salto alto, vi as coxas dela completamente femininas, o brilho e a suavidade da maturidade sexual no rosto e no olhar castanho: ela transmitia mensagens das quais podia nem estar consciente.

Objeto de amor seria a expressão mais comum conveniente para indicar o que Amy se tornou para mim. Mas o que isso significava? Imagine que, em vez de “objeto de amor”, você dissesse “porta” — que tipo de porta? Tem maçaneta; é velha ou nova, lisa ou cheia de marcas; leva a algum lugar? Meio século de sentimentos investidos nela, de fantasia, especulação e absorção, de conversas imaginárias. Depois de quarenta anos de imaginação concentrada, me sinto capaz de visualizar o rosto dela a qualquer momento de qualquer dia. Quando ela abre a bolsa para achar as chaves de casa, estou consciente da fragrância de chiclete de menta que sai de lá. Quando está no chuveiro, posso dizer como ela ergue o perfil em direção ao jato d’água. Agora ela é uma mulher mais velha. Passaram-se trinta anos desde que vi a nudez do corpo dela, sujeito às mudanças de sempre, como meu próprio corpo — mais japonês do que eu teria pensado, se Adletsky não tivesse falado.

Mas uma vez, cerca de uma década atrás, dei de cara com Amy e não a reconheci — a mulher com quem eu estava virtualmente em contato mental diário. Dei de cara com ela perto do centro financeiro de Chicago, debaixo dos trilhos do trem elevado na Walbash Avenue. Quando eu estava passando ela me parou; deu um passo para a frente e disse: “Você não sabe quem eu sou?”.

Embora eu não costume ficar envergonhado com constrangimentos sociais comuns, percebi que nesse caso tinha cometido um erro grosseiro.

Para ela foi um choque terrível. Ela disse: “Seu filho da puta!”, querendo dizer que, se *eu* não a reconhecia mais, ela já não era a mesma. Ela também, ainda se apresentando ou, como dizemos, “vendendo” a si mesma-como-ela-tinha-sido, foi pega em uma mentira.

“Quem eu sou!”, ela disse.

Balancei a cabeça. Eu *devia* saber quem ela era. Mas não sabia — não conseguia identificar essa mulher furiosa.

“Amy!”, ela disse em uma voz furiosa.

Agora eu conseguia ver. Era assim que as coisas eram. Ela estava no mundo real. Eu não estava. “Ei, calma, Amy!”, eu disse. “Em todo esse tempo que a gente se conhece, nunca dei de cara com você no centro da cidade. E debaixo do trilho do trem com o tempo nublado, tudo fica pálido.”

Porque ela estava com o rosto pálido como alguém que estivesse cheio de trabalho — uma mãe sobrecarregada. Ela tinha saído para fazer uma coisa rápida, devolver um par de sapatos de que a filha mais velha tinha desistido. O barro grosso e seco da escura rua Lake dava uma aparência ruim a tudo. Sim, ela estava inidentificável debaixo das vigas negras. Além disso, os problemas dela com o marido, Jay, estavam em uma fase aguda, e ela tinha medo de não estar em um estado adequado para que a vissem. A aparência dela era mais madura. Ou subjugada. Estou procurando um jeito de dizer isso com tato. Ninguém fala de mudanças na minha aparência. Meus olhos grandes e os lábios chineses são os mesmos. Desde o início, não havia nada que se pudesse conseguir de mim.

Mas ela sabia o papel que tinha tido na minha vida e que eu estava em contínuo contato mental com ela. Eu a mantinha preservada como ela tinha sido aos quinze anos. Portanto, não ser identificada quando ficamos face a face deve ter significado que ela estava uma completa ruína. Também fiquei chocado.

Disse para mim mesmo: “Edgewater, 5340”. Esse, na época antes dos prefixos numéricos, tinha sido o telefone dela. Ela foi, acho, a única garota para quem eu telefonei. Eu não era um grande sedutor. Quando toquei a campainha na porta da frente da casa dela, a mãe pareceu desconcertada. Eu devia ser o entregador da lavanderia, para pegar umas blusas.

Mas Amy tinha pegado o casaco de pele de guaxinim do cabide no hall e colocado o chapéu que combinava. Ela tinha um estilo próprio com chapéus — usava para trás da testa. Há testas que não podem suportar a pressão de uma fita de chapéu.

A casa não era do tipo comum de tijolos. Era de calcário de Indiana. A varanda era uma laje grossa do mesmo material. Quando Amy saiu da varanda de pedra acinzentada, inalei o odor pessoal dela. Parte era pó facial Coty. Fico imaginando se a Coty ainda usa o perfume que usava nos anos 50. Quando nos abraçamos e beijamos no parque, o cheiro da umidade era bem mais forte do que o do pó.

A aplicação imperfeita do batom era outro ponto de identificação. Ali estava toda a força da coisa — a beleza dessa mortalidade de carne e osso. Igualmente mortal era o formato da bunda dela quando ela andava, uma mulher madura balançando uma mochila escolar. Ela não andava como uma estudante. Também tinha o fato de ela se atrapalhar com os sapatos sociais. Eles batiam o chão no contratempo. A síncope era a idiossincrasia mais reveladora dela. Era o que dava unidade às outras características. Você tomava consciência da deselegante sexualidade dos movimentos e da postura dela. Os anos que se passaram, com as crises e guerras e campanhas presidenciais, todas as transformações da nossa época, não tiveram o poder de mudar a aparência dela, o tamanho dos olhos, ou a pequenez dos dentes. Eis o poder de Eros.

É uma manhã de março, então, na falha geológica entre o frio e o agradável. Tinha irrompido uma nevasca, num modo peculiar de Chicago. A neve dá voltas e voltas, pesadamente, e Amy está no chuveiro cercado de azulejos, se ensaboando. As nádegas ainda são bem moldadas, e ela lava com as mãos experientes da mãe que deu banho em filhos pequenos. Uma vida inteira de cuidado com o corpo fica evidente quando ela ensaboia os seios. Trinta anos atrás, tive o privilégio extático de levantá-los para beijar a parte de baixo deles — e também as coxas entreabertas.

Amy não tem a aparência de uma mulher que cria fantasias como essa. Há algo reservado nela que não incentiva uma abordagem diretamente erótica. Ela parece muito estável. Sempre pareceu. Na escola tinha uma aparência mediana. Exceto pelo Dia da Fantasia, com calças justas e batom

como uma dançarina de casa noturna. Jovens como Jay, especialistas em ler sinais sexuais, diziam que ela era excitável. “Tem potencial, tem ação naquela menina”, ele disse. Eu estava “saindo” com ela, em nosso primeiro ano de ensino médio, até que Jay me eliminou. Eles se casaram muito depois — depois da crise dos mísseis cubanos. Para ambos era um segundo casamento.

Eu tinha uma aparência esquisita. Não desagradável, mas também não para todo gosto. Jay agradava todos os gostos; era um sujeito atraente com um visual de ênfase deliberadamente erótica.

Mas preciso me concentrar nela. Neste momento ela está desligando o chuveiro, pensando em quanta neve vai cair. Hoje à tarde ela tem que ir ao cemitério, e uma nevasca vai deixar a via expressa perigosa. E se as ruas laterais estiverem, como sempre, engasgadas de neve, ela não vai conseguir atravessar os infinitos bairros — o cinturão de bangalôs. Ela tem de ir aos limites da cidade até — Deus nos proteja! — o campo-santo.

Era preciso encarar aquilo, no entanto. Jay Wustrin, que tinha morrido no ano anterior, foi enterrado no túmulo da família de Amy. Por trás disso estava uma confusão bizarra, exatamente o tipo de piada absurda de que o falecido Jay gostava. Ele era advogado por profissão, mas também era um comediante. Nesse caso, o comediante tinha prevalecido, de modo que ele agora estava deitado ao lado da mãe de Amy, que desprezava — não, odiava — o marido da filha. Por vários motivos, ele precisava ser removido. Havia obstáculos para essas mudanças, problemas burocráticos com a prefeitura, com a Saúde Pública. Mas finalmente o complicado trabalho legal estava encerrado. A remoção de Jay Wustrin para outra parte do cemitério Waldheim estava programada para hoje à tarde. Depois de uma papelada infinita, nós estávamos prontos para começar. Ela não tinha pedido minha ajuda. Digo “nós” porque de algum modo eu estava envolvido, presente ou não presente, em uma via mental paralela. Amy evitou ressentimentos e perplexidades. Saindo do chuveiro, enrugando de leve a testa, ela contornou os problemas da exumação e do novo sepultamento. Enquanto se enrolava na toalha, rezou para que uma

tempestade de março fechasse o cemitério. O dia já estava mais cheio do que ela gostaria.

Jay teria se divertido por causar tanto problema. Você podia confiar que Amy faria a coisa respeitável. A família dela era respeitável, judeus falantes de alemão vindos de Odessa, educados em um *gymnasium*. Eles a tinham feito Amy *parecer* virtuosa, e imagino que seja verdade que ela tinha a aparência de uma matrona de classe média. Jay, por outro lado, gostava de pensar em si mesmo e de se ver como um sujeito livre e divertido. Ele corria atrás de mulheres; ele se dava muito bem fazendo isso, e também era bonito, se você gostasse de tipos convencionais de beleza — mais para gordinho à medida que ficava mais velho. Ele e eu nos conhecemos como calouros da Escola Secundária Senn quando eu era um órfão — ou um não órfão. Na época éramos amigos íntimos. O pai dele tinha tido uma lavanderia. A mãe não confiava em mim, por algum motivo que nunca me preocupei em imaginar qual fosse. Jay e eu líamos poesia juntos — T.S. Eliot, que ele chamava de “*El-yat*”, e Ezra Pound, que ele chamava de “*Pond*”. Na adolescência, ele também admirava Marie Stopes. Por meio dele me familiarizei com *Married Love*. Ele foi vegetariano por um breve período e também um “socialista de correio”, defendendo que todo empreendimento devia ser gerido pelo governo, assim como acontecia com o correio. Mais tarde, por pouco tempo, ele foi anarquista. Em todas essas fases ele era um *homme à femmes*. As mulheres eram o interesse principal dele. Amy Wustrin foi a segunda mulher dele. Imagino que ele ocasionalmente lembrasse que eu tinha sido apaixonado por ela na Senn, mas o passado distante não importava para ele. Jay devia ter se esquecido completamente, porque, quando ele estava saindo com Amy, me convidou para ir tomar banho com eles no Palmer House.

Perguntei: “Ela concorda com isso, ou você está preparando uma surpresa?”.

“Não estou armando nenhuma surpresa. Perguntei a ela”, ele disse. “Ela só deu de ombros. ‘Por que não?’”

Então aceitei, e passamos vinte minutos debaixo do chuveiro, nós três. No começo da tarde, ele tinha que ir ao tribunal e nos deixou sozinhos. Foi então que a beijei debaixo dos seios e na parte interna da coxa. Depois, era terrivelmente desconfortável pensar no nosso comportamento no chuveiro — um desconforto radical que a cada ano ficou mais agudo.

Por que Jay armou aquilo? Por que ela consentiu? Por que eu participei? Lembro que, quando ficamos sozinhos, ela abriu a boca em minha direção, cheia de desejo. Mas ela não falou. Nem eu.

“Imagino que Jay tenha lido sobre sexo a três em algum livro. Havelock Ellis, talvez”, eu disse uma vez para ela.

Nos anos que se seguiram ao casamento deles, eu frequentemente era convidado para jantar. Amigo da família.

Depois do jantar ele geralmente tocava discos clássicos na vitrola. E comandava o concerto. Ele fazia você acompanhar a música por meio do rosto extremamente significativo. Principalmente as sobrancelhas. Se era *Don Giovanni*, cantava tanto Leporello quanto o Don. Ele tinha ouvido zero, mas ficava mais emocionado do que qualquer um. Jay de fato era um tipo estranho.

Depois, uns cinco anos antes de morrer, Jay se divorciou de Amy. O processo que ele moveu contra ela foi bastante desagradável. “Uma acusação irrefutável de adultério, e ele acabou com você”, o advogado dela disse. “Ele não precisa te dar um centavo.”

Na época Amy não tinha dinheiro dela mesma. Totalmente quebrada. Mais parecida do que nunca com uma matrona de classe média em um tailleur feito sob medida. Ela confessou, falando daquela época. “Tive que morar no quarto de empregada da minha tia Dora. Graças a Deus as duas filhas estavam longe, na escola. Dora não ficou muito feliz de eu estar lá. Ela não tinha como me dar dinheiro. Quando eu punha a chave de casa na fechadura, dava para ouvir que ela corria para o quarto dela. Eu estava procurando trocados no forro de bolsas velhas, e enfiei a mão no estofamento do sofá para procurar moedas. Devo a Jay o fato de ter aprendido o que significa perder tudo. Tive que aprender a batalhar pela



sobrevivência — precisei passar por uma desonra para virar uma batalhadora.”

O encontro de Amy na manhã de hoje era com os velhos Adletsky. Ela tinha se tornado uma decoradora de interiores.

Adletsky, nunca sem seu telefone celular, ligou para Amy para dizer que iria pegá-la às dez da manhã. Quando ele tocou a campainha, pontualmente, ela desceu. A marquise do lado de fora do apartamento dela na Sheridan Road era aquecida por bastões incandescentes. Um imenso bolsão de neve continental tinha explodido sobre Chicago. Os flocos eram muito grandes. A limusine de Adletsky estava subindo lentamente em meio à neve, demorando-se ao longo do meio-fio. O porteiro deu um passo adiante para abrir a porta e ajudar Amy a entrar. Ela se sentou no seu banco, de frente para os dois velhinhos.

A velha sra. Adletsky gostava de Amy. A matriarca também estava na casa dos noventa anos, pequena e leve — algo como uma pupa envolta em cetim. Mas nem um pouco inativa. Ela era cheia de vitalidade. E claro que ela sabia — tinha que saber — da história de Amy. Amy, pensando nos valores antiquados da senhora, datou-os como sendo do começo do século. A sra. Adletsky julgava o comportamento de uma mulher segundo padrões dos tempos de Francisco José e que ainda eram mais ou menos observados por nonagenários. Amy tinha razão ao pensar que a ideia da sra. Siggy sobre o que era ser uma dama era a visão tradicional. Mas até esses anciãos trilionários tinham de se adaptar às coisas-como-elas-são.

Eu não tenho grana, portanto não importa quanto minha vida privada é suja, Amy pensou.

Ela era dura consigo mesma. A política dela era se condicionar, se treinar para não ceder mesmo diante das piores coisas que podiam ser ditas sobre ela. A velha sra. Adletsky tinha passado a gostar dela. Ela recomendava Amy para as amigas. Dizia: “Você pode confiar no gosto dessa mulher, e ela não vai te passar a perna”.

Na limusine quente, Adletsky estava assistindo ao noticiário e à previsão do tempo em três tevês diferentes. Mme. Siggy, como alguns integrantes do pessoal da equipe dos Adletsky a chamavam, dava boas-vindas a Amy com aquilo que Amy chamava de doçura “do outro mundo”. As pernas de pássaro, oblíquas, ficavam paradas juntas ou postas de lado até que precisassem ser postas em ação. O curto casaco de pele ficava jogado sobre os ombros. Ela bebericava o café como se não houvesse tráfego matutino na Outer Drive.

“Bom dia, sra. Adletsky. Bom dia, Sigmund.”

“Talvez hoje finalmente seja possível encerrar essas negociações com Heisinger.”

Os Adletsky estavam comprando um grande apartamento duplex de Heisinger na East Lake Shore Drive. A disputa sobre o preço tinha durado duas semanas inteiras. Heisinger e a esposa tinham insistido que os Adletsky comprassem a mobília deles. O papel de Amy era avaliar as cadeiras, os sofás, os tapetes, as camas, os guarda-roupas — até as cortinas. “É claro, não temos uso para as coisas deles”, Mme. Siggy disse. “Vai tudo para o brechó do Hospital Michael Reese, e nós ficamos com a dedução do imposto de renda.”

O velho Bodo Heisinger, nem de perto tão velho quanto Adletsky — Amy estimava que ele estivesse com sessenta e poucos anos —, obviamente se sentia desafiado a se dar bem numa negociação com Siggy Adletsky. Heisinger, um bem-sucedido fabricante de brinquedos, tinha tornado as coisas bastante difíceis para os compradores.

“Queria que minha mulher não tivesse se apaixonado por esse lugar”, disse o velho Adletsky. “Somos o quê, jovens donos de casa, começando a vida? Mas Florence simplesmente precisa comprar o apartamento — redecorar e assim por diante. Tem uma bela vista do lago, certamente. Mas esse Bodo Heisinger se leva muito a sério na hora de barganhar. Até demais...”

“Ele precisa provar para a mulher *dele*...”

“Ah, a mulher *dele*. É claro que precisa. Mas ele nunca vai conseguir. Ele tem um medo danado dela.”

“Ela foi cliente do Jay, anos atrás”, disse Amy.

“Não me surpreende”, disse Adletsky. Era raro que ele ficasse genuinamente surpreso. Ele nunca tinha conhecido Jay Wustrin. Mas, ao investigar Amy, como um homem do gênero dele é obrigado a fazer, ficou sabendo tudo que precisava saber sobre o ex-marido dela. Jay não tinha se destacado como advogado — não tinha influência política, uma séria deficiência nesta cidade. Ele fazia jogadas de negócios complicadas mas tolas. Os processos dele eram sobrecarregados de documentos. Ele via como um desafio manter registros perfeitos dos casos, mas não havia muita coisa para ser registrada. Os clientes que o mantinham no negócio eram velhos vizinhos de Northside, camaradas do pai dele. Ele escrevia os testamentos deles, e quando eles vendiam suas casas, ele tratava do fechamento do negócio. Eu mesmo o procurei quando voltei de Mianmar e da Guatemala. Se você tinha um objetivo claro e limitava a tendência de Jay de elaborar, duplicar e triplicar, ele era tão capaz quanto qualquer outro advogado de cuidar da sua papelada.

“Qual era o caso?”, perguntou Adletsky.

“Um ex-marido dela”, disse Amy.

“Questão de propriedade?”

“Deve ter sido. O senhor *certamente* lembra” — ela mudou de assunto — “que eu tenho uma tarefa especial hoje à tarde no cemitério. A não ser que isso possa ser cancelado por causa da tempestade de neve.”

“Não dá para contar com isso. Não é uma nevasca de verdade. É uma neve molhada que não vai durar. Segundo as últimas notícias na tevê, esse sistema climático está indo para Michigan e Indiana.”

“Vamos ter céu azul e sol brilhando a tarde inteira”, disse Mme. Siggy. “Ponha botas; você vai precisar delas lá.”

“Não queria nem um pouco ter que ir lá.”

“Você me disse do que se trata, e Quigley conseguiu a autorização para você exumar o corpo.” Quigley era um dos advogados da equipe dos

Adletsky. “Mas ainda não está claro por que o homem precisa ser removido.”

Ocorreu a Amy que Adletsky queria que Mme. Siggy ouvisse os detalhes. E por que não? A velha senhora — incomumente velha — baixou o rosto, ouvindo, assimilando tudo.

“O caixão de seu marido tem que ser desenterrado?”

“Meus pais compraram túmulos em Waldheim faz muitos anos, e, depois que minha mãe morreu, meu pai subitamente disse que não precisava daquele lugar — do lugar dele. Ele começou a dizer: ‘Para que eu preciso desse túmulo? Vou vender isso’.”

“Que idade tem seu pai?”

“Está com oitenta e um.”

“E estava lúcido?”

“Não dá para dizer que estava... ou que está.”

“Gagá? Mas não Alzheimer...?”

“Não precisava ser Alzheimer. Ele tinha uma ideia fixa de vender o túmulo, voltava ao assunto todo dia, e por alguma razão insistia que Jay devia comprar. Jay é meu falecido marido, sra. Adletsky.”

“Eu tinha entendido.”

“Jay gostava desse tipo de piada. Ficava provocando meu pai e dizendo: ‘Você não quer ser enterrado ao lado da sua esposa — os dois juntos para todo o sempre?’. E meu pai respondia: ‘Não, prefiro ficar com o dinheiro. É bobagem. Para mim não faz sentido ficar com isso. Para que eu preciso disso! Você vai comprar isso de mim’. Jay perguntou: ‘Você não vai ficar com ciúmes se eu ficar do lado dela?’. E ele dizia: ‘Não sou do tipo que tem ciúme. Não está na minha natureza ser ciumento’.”

“E seu pai ainda é vivo?”

“Ah, sim, em uma casa de repouso.”

“Mas ele conseguiu o que queria?”

“Sim. Era uma história ótima para Jay contar. Eu não queria nada com aquilo. Jay dizia: ‘Vou fazer isso só para o velho parar de me atazanar’. Eu fui contra, mas minha opinião não mudou nada, e no fim Jay deu um

cheque para o meu pai e fizeram uma transferência legal da propriedade. Jay não tinha ideia de que meu pai ia sobreviver a ele. Uns anos depois nos separamos, e depois nos divorcamos.”

“E seu marido foi ladeira abaixo...”, disse Adletsky.

“Largou o escritório de advocacia, ficou mal de saúde. Tornou-se dependente de uma herança pequena que recebera da mãe que já não era grande coisa. Quando estava no hospital, ele pediu para me ver, e fui lá. Passei um tempo com ele... Qual era o problema dele?”, ela disse, respondendo à pergunta que estava no rosto anguloso que Mme. Siggy erguia para ela. “Tinha uma insuficiência cardíaca. Os pulmões ficaram cheios de água.”

“Então quando ele morreu...?” Adletsky levou Amy a uma conclusão.

A grande e brilhante limusine piano de cauda tinha saído da avenida. Pelas janelas escuras não era possível identificar nada.

“Os filhos dele encontraram o documento de posse do túmulo no cofre de Jay no banco, e então o enterraram ao lado da mãe.”

“Mas você vai precisar do lugar...?”

“Em breve, acho.”

“Não dá para deixar para depois que aconteça”, disse a sra. Adletsky.

“Os filhos do Wustrin são contra a remoção?”

“Não se não tiver custo para eles”, disse Amy. “Eles aceitaram a remoção com essa condição.”

“O seu pai reconhece você quando vai visitá-lo?”

“É raro. As imagens mentais dele vivem mudando.”

Rabiscos geométricos de luz, como numa tela de tevê.

Mme. Siggy não queria se alongar sobre o pai. Ela estava prestes a comprar um apartamento novo e a mobiliar e a redecorar. Como se fosse uma noiva. “Que senso de humor seu falecido marido tinha”, ela disse.

Jay realmente gostava de ser visto representando em público, entretendo, inovando. Um sujeito corpulento, dançando, ele balançava o traseiro largo, mas os pés eram muito ágeis. Elegante o suficiente para ser chamado de habilidoso. Na escola ele costumava fazer Dr. Jekyll se transformando em

Mr. Hyde, jogando a luz de uma lanterna no rosto. Bem como nos filmes. John Barrymore, será, ou o irmão dele, Lionel? Ou Lon Chaney, o grande contorcionista que interpretou Quasímodo em *O corcunda de Notre Dame*.

“Transferir um caixão para outro túmulo sozinha?”, disse Mme. Siggy. “Não tem ninguém para ir com você — um amigo, ou um dos seus filhos?”

“Uma das minhas filhas é casada, em Nova York. A mais nova estuda em Seattle, na universidade.”

Adletsky concordou com a esposa. “Você devia ter alguém que a ajudasse.”

A marquise do apartamento dos Heisinger ficava protegida dos jatos de vento por paredes de lona. Eles entraram no magnífico elevador. O teto dourado sugeria uma capela bizantina; as paredes eram de couro acolchoado. Os Adletsky sentaram juntos em um assento estofado. Um silencioso ascensorista os levou ao décimo sexto andar, e a porta de ferro, filis de formas de diamante, abriu barulhentemente. Ali Bodo Heisinger, compacto e sério, estava de pé esperando. Estava de terno. Quando se mexeu, foi uma surpresa ver que estava de pantufas. Ele apertou a mão dos velhos e acenou para Amy. Existem trilionários, e existem supranumerários, Amy observou em silêncio.

“A sra. Wustrin está aqui para fazer anotações para uma avaliação”, Adletsky disse.

Ele falava com um resquício de sotaque, mas o inglês dele para negócios era muito bom.

“Se você acha que precisa ter sua própria avaliadora”, disse Heisinger. Ele os tinha conduzido a uma sala com vista para o lago — centenas de quilômetros de água se abrindo para além da nuvem cinza de neve. Havia uma mesa redonda para jogos: irlandesa, do século XVIII — Amy havia checado —, couro verde com um acabamento dourado. Essa era uma das poucas peças genuinamente boas. Por razões táticas Heisinger tinha escolhido tentar encaminhar o fechamento da compra nessa sala. O resto do

inventário — Amy tinha examinado tudo com ajuda dos peritos da Merchandise Mart — valia muito pouco.

“Minha esposa vai se juntar a nós em breve”, disse Bodo Heisinger. Ele conversava fiado, ocupando o tempo.

O velho Adletsky ouviu impassível. Quando Bodo anunciou que sua mulher estava chegando, foram as mulheres que ficaram mais interessadas — principalmente Amy. Mme. Siggy já tinha encontrado a problemática sra. Heisinger. E ela *era* problemática. Mais do que isso, Madge Heisinger era uma mulher famosa. O marido tinha se divorciado dela e depois se casado com ela de novo. Jay Wustrin, quando representou a sra. Heisinger anteriormente, em um assunto legal não relacionado, disse a Amy que ela de fato o tinha impressionado. Ele chegou em casa vindo do escritório sorrindo e disse, descrevendo ou tentando descrevê-la: “Ela não faz rodeios — é uma verdadeira niilista. Ela mesma diz isso para você”.

Mme. Siggy tinha dito a Amy que a sra. Heisinger usava tailleurs Escada e vestidos Nina Ricci. “Ela age de maneira muito provocante”, a velha senhora acrescentou.

Bem, se a sra. Heisinger era provocante, ela teria provocado Jay. Isso teria caído como uma luva para ele. Ela pode ter pagado uma conta menor do que outra cliente menos empolgante pagaria. (Ela não era casada com Bodo Heisinger na época, e o dinheiro pode ter sido um problema.) Os clientes de Jay frequentemente eram mulheres problema — niilistas, se você preferir, a palavra favorita dele. A agitação que essas mulheres levavam para o escritório dele significava muito mais do que o que elas pagavam. Se ser sexual era como ficar embriagado, Jay era algo parecido com um motorista que dirige bêbado.

Então deixei de ter qualquer real interesse para ele, Amy estava pensando, puxando a saia do tailleur de tricô azul para os joelhos. Ela tinha percebido isso no começo da vida de casada. Nesta manhã Amy estava com uma boa quantidade de maquiagem, especialmente em torno dos olhos, onde precisava mais. O rosto redondo estava calmo, embora as máquinas de cálculo internas operassem em alta velocidade. A idade às vezes faz

mulheres de compleição mais sólida parecerem desmazeladas. Mas era evidente que ela continuava no controle da sua aparência; os atributos e as aptidões dela eram arredondados para cima — estavam à vista no curral. Ela era bonita, a pele ainda suave; ela até respirava como uma mulher bonita.

Se ela tivesse sido minha esposa — não a sra. Jay Wustrin, mas a sra. Harry Trellman —, o próprio corpo dela, no início da casa dos cinquenta anos, podia parecer... não, teria *sido* diferente. Eu podia ter oferecido a ela acomodações de um tipo mental, imaginativo.

No momento, sentada na cobertura aquecida, a última neve sendo espalhada enquanto o sistema climático cruzava o lago, fortes correntes de ar vindas do oeste limpando os dois vastos azuis do ar e da água, Amy e os Adletsky estavam esperando que a sra. Heisinger aparecesse. O que Bodo Heisinger estava dizendo era que Madge estava preocupada com a avaliação da mobília. Simplesmente não ia dar certo. Ela tinha comprado os sofás, as cadeiras, os armários, os tapetes, os enfeites, espelhos, pinturas nas melhores lojas, principalmente na Merchandise Mart e sem decoradores para ajudá-la. Tinha guardado todas as notas.

O sr. Adletsky, com uma voz bastante tranquila, disse: “Dez anos atrás, ou talvez até quinze?”.

Certamente, disse Bodo Heisinger, mas o valor das antiguidades, como essa bela mesa de jogos irlandesa, tinha dobrado.

“Temos a sua avaliação. A sra. Wustrin está preparando a dela.”

No guia de grandes fortunas publicado em Austin, no Texas, Adletsky estava ranqueado bem acima de Malcolm Forbes e de Turner da CNN, enquanto Bodo Heisinger nem aparecia. Antigamente ele fabricava armas de esguichar água, armas que atiravam uvas, macaquinhas de corda que penteavam o cabelo de macaco enquanto agitavam um espelho de mão — hoje em dia, claro, as crianças queriam odiosos alienígenas, monstruosamente fortes e deformados. Ele tinha antecipado isso e a empresa dele estava se saindo muito bem. Era tolerante da parte de Adletsky deixar Bodo fazer o papel do grande capitalista. As somas que



estavam em jogo eram tão triviais para os Adletsky quanto trocados que caem do bolso da sua calça entre as almofadas do sofá e que entram no estofamento.

Mme. Siggy andava preocupada em não deixar Heisinger levar as coisas longe demais. Ela tinha se apaixonado pelo apartamento e não havia motivo para que não ficasse com ele, uma mulher tão rica quanto ela. Mas Bodo estava começando a chatear Adletsky. A irritação seria o próximo passo. Ele era bem capaz de levantar e pedir friamente o chapéu e o casaco.

Bem, talvez quando ele era mais novo, na época em que estava construindo sua fortuna, Adletsky tenha sido um rabugento arrogante, raivoso, impaciente, intolerante. Eu tinha a impressão de que agora ele era muito mais moderado. Havia motivos para a “postura de negociação” de Heisinger, dos quais Adletsky estava consciente. Mesmo um alienado titã dos negócios, simplesmente por viver aqui, não tinha como não saber. Tudo tinha sido relatado pelos jornais e na tevê. Madge Heisinger era a esposa criminosa, condenada por tentar matar o idoso fabricante de brinquedos.

Algumas semanas antes disso, Adletsky tinha discutido a história do processo comigo. Eu já não estava no conselho consultivo dele nem na folha de pagamentos. Agora eu administrava um negócio muito lucrativo. Tinha parado de aceitar o pagamento dele. Mas estava bem por dentro dos assuntos que tinham começado a interessá-lo — assuntos humanos. E para ele era bastante evidente que a mulher a quem ele se referia como “sua boa amiga sra. Wustrin”, ou “sua protegida”, tinha um lugar especial nos meus sentimentos. Pode ter parecido curioso para ele que um homem como eu *tivesse* sentimentos como esse por alguém. Ele tinha me dito uma ou duas vezes: “Não o vejo como um peso-pesado das emoções. Mas isso só significa que deixei de perceber algo quando avaliei você. Somos dois judeus excêntricos, Harry. Mas eu construí esta fortuna significativa, o que vem a ser uma coisa bem judia”.

Concordei, com um movimento de ombros significativo, e ele não levou o assunto adiante.

“Mas sobre os Heisinger... Eu estava fora durante o julgamento”, disse Adletsky.

“Cinco ou seis anos atrás, ela contratou um sujeito para matar o marido; o assassino era alguém que ela conhecia de muito antes — um sujeito com quem ela saía muito tempo atrás”, expliquei para ele.

“Ele chegou a machucar o homem?”

“Acho que não. Bodo derrubou a arma da mão dele. O sujeito correu. Tinha digitais na pistola. A polícia identificou essa pessoa, e ele incriminou Madge Heisinger.”

“E ela foi condenada?”

“Os dois foram, e ficaram presos três anos...”

“Saíram de condicional?”

“Sim. Heisinger retirou a queixa. Ele queria Madge de volta...”

“Ele deve ser um desses sujeitos que adoram mulheres problemáticas”, disse Adletsky.

“Ele se casou pela segunda vez com ela. Uma das condições que ela impôs foi que o assassino também fosse solto. Ela não ia conseguir ser feliz enquanto ele estivesse preso. Ela prometeu não voltar a se relacionar com ele.”

“Então eles se casaram pela segunda vez e começaram tudo de novo, como se nada tivesse acontecido.”

“Para Heisinger deve ter parecido algo corajoso — algo inovador”, eu disse. “Como um visível ponto de inflexão em um relacionamento. Um homem liberto da opinião dos outros.”

“Sobre o quê?”

“Ah, sobre ingenuidade, idade, ou potência. Ele abre os braços novamente para a mulher que mandou matá-lo. Se apresenta publicamente para afirmar que não tem medo de casar de novo com ela, e deixa de lado a velha moralidade e as velhas expectativas e as velhas regras.”

Amy achava que Bodo de algum modo lembrava Jay, o ex dela, o marido falecido dela. Ambos achavam que o niilismo era sexy e pareciam acreditar que não havia erotismo verdadeiro que não desafiasse os tabus. Nem Jay

nem o velho Heisinger eram profundamente inteligentes. Homens muito sexy frequentemente eram estúpidos, e estupidez compartilhada é uma força importante quando se apresenta na linguagem da independência ou da emancipação. O apelo de homens desse gênero se volta diretamente para as camadas dos sentimentos das mulheres que ficam abaixo da inteligência. A força de um Heisinger estava em sua masculinidade bruta. Ele era direto e forte, idoso mas ainda no jogo — sem medo de ser testado. Ele mostrava, ou tentava mostrar, que não estava preocupado com o namorado prisioneiro. O namorado tinha sido punido, Madge tinha sido punida. Todos tinham sido torturados. Amy, tentando ver as coisas do ponto de vista de Bodo, achava que ele estava pensando no tempo que restava, mais ou menos uma década: “os últimos anos”, como os biógrafos dizem — um período de aceitação “madura”, de reconciliação, de liberalidade, de anistia geral. Ela suspeitava de que Heisinger era um sujeito limitado demais para entender o quanto podia estar errado. Jay também tinha elaborado projetos glamorosos que ninguém mais conseguia aceitar — roteiros histriônicos demais para serem traduzidos em termos reais.

Disse o melhor que pude para Adletsky. Ele não teve dificuldades com isso. Era exatamente o que ele queria ouvir de Trelman, seu conselheiro consultivo. Ele era um atento ouvinte crítico.

Se havia paralelos entre Bodo Heisinger e Jay Wustrin, haveria também semelhanças entre as esposas? Amy admitia a possibilidade de que pudesse haver *alguma* semelhança. Claro, Heisinger era um multimilionário. O pai de Jay Wustrin tinha deixado algum dinheiro, mas Jay administrou mal. Ele se atrapalhava com bancos, taxas de juro, investimentos. A mãe dele viveu vinte e cinco anos depois da morte do marido, e embora contivesse as despesas para ajudar Jay, vivendo como uma indigente, no final Jay tinha precisado sustentá-la.

Eu conhecia bem a mãe; ela não gostava de mim; achava que eu era um amigo indesejável para Jay, interesseiro — o órfão com quem Jay gastava a mesada. Quando éramos adolescentes e lutávamos boxe no beco (as luvas eram dele), a sra. Wustrin me acusava de bater no rosto de Jay.

“Mas eu bato igual no Harry...”

Ela sacudia a grande e tola cabeça para ele. Jay ficava constrangido com a mãe. Com os luminosos e bovinos olhos negros, parecidos com os do filho, ela era, no entanto, uma mulher bonita. A família a tinha vendido, de certo modo, para o velho Wustrin, muitos anos mais velho que ela. Ele a pôs para trabalhar na lavanderia dele. Ela era passiva, bronca, dedicada a Jay, seu único filho. Talvez não fosse estupidez o que os olhos negros revelavam, mas sexualidade reprimida. Mulher da aldeia no país natal, ela mapeava carreiras para o filho. Ele seria um advogado famoso, ganhando milhões e fazendo discursos que seriam relatados nos jornais. Como Clarence Darrow. Mas Jay era um mulherengo. Talvez até a estúpida mãe dele soubesse.

Eu me pego me divertindo com essas várias pessoas, com os motivos delas, seu comportamento. Só me interesso genuinamente por uma delas. Venho tendo encontros e conversas imaginárias com Amy várias vezes por semana durante muitos anos. Nessas discussões mentais repassamos os erros que cometi — dezenas deles —, sendo que o pior deles é o fato de não ter ido atrás dela, não ter competido por ela.

Ela podia ter dito: “Onde diabos você esteve a nossa vida toda?”.

Uma boa pergunta!

Mas não é exatamente isso o que tenho em mente agora. É nos outros que estou pensando: Bodo Heisinger, Madge Heisinger, e, apesar da imensa fortuna deles, nos Adletsky. E no pai senil de Amy, um sujeito cheio de fantasias que jogou o próprio túmulo nas costas do genro.

Jay tinha comprado o túmulo do sogro por diversão. Era uma história engraçada para contar quando ele almoçava no Standard Club.

Todas essas pessoas eram lugares-comuns. Eu nunca teria deixado que elas pensassem assim, mas é hora de admitir que eu tinha certo desdém por elas. Elas não tinham motivações mais elevadas. Eram produtos comuns da nossa democracia de massas, sem contribuição distintiva a fazer para a história da espécie, satisfeitos em acumular dinheiro ou seduzir mulheres, em copular, em se dar bem na cama como filhos degenerados de Eros,

machos mas não viris, e vivendo, tanto homens quanto mulheres, de ideias gastas, sem beleza, sem virtude, sem a menor independência de espírito — privilegiados no que diz respeito a dinheiro e bens, os beneficiários da conquista da natureza pelo homem como o Iluminismo havia previsto e dos avanços da alta tecnologia que tinham transformado o mundo material. Individual e pessoalmente, somos desiguais no que se refere ao escopo dessas conquistas coletivas.

Mas, embora eu tivesse esses sentimentos e fizesse esses julgamentos, não podia me livrar do hábito de procurar lampejos de capacidades mais elevadas e de forças poderosas incipientes, digamos, nos olhos luminosos, negros e bovinos da mãe de Jay Wustrin, ou na segunda tentativa de Bodo Heisinger — o casamento dele com a mulher presa por ter planejado para que ele fosse aniquilado, apagado, morto a tiros.

Eu mesmo pareço estar fazendo algo idiota ao procurar sinais de habilidades mais elevadas em tipos humanos evidentemente dedicados a serem estéreis.

Às vezes me pergunto se minha mãe, que há muito tempo suspeito ser uma hipocondríaca, fez isso comigo ao me colocar em um orfanato judeu onde me ensinaram (mas na época eu não concordava) que os judeus eram um povo escolhido. Isso pode ser o núcleo de minha crença de que os poderes de nosso gênio humano estão presentes onde menos esperamos. Sim, até mesmo naquilo que um amigo meu certa vez descreveu como “o inferno da tolice”.

Não me arrego coisa alguma em função desse hábito (pessoal) de examinar características e comportamentos. É tudo intuído. Nada pode ser provado. E muito possivelmente é uma consequência de algum vestígio de impulso judaico, que em algumas circunstâncias continua fortemente ativo.

Com minha aparência de china ou de japa, raramente pensam que sou judeu. Suponho que haja alguma vantagem nisso. Ao ser identificado como judeu, você é um alvo fácil. As regras de comportamento mudam, e em certo sentido você se torna dispensável. Agora, Adletsky, como um dos homens mais ricos do mundo, não precisava se importar se você o estimava

ou não. Ele era abertamente judeu, porque era tudo evidente demais. Além disso, a sua opinião não importava bulhufas para ele. Mas o caso de Bodo Heisinger era diferente. Não dava para dizer se Bodo era ou não judeu. Será que um judeu se divorciaria e depois se casaria de novo com uma mulher condenada por tramar seu assassinato? Fazer isso o colocava bem além de qualquer concepção judaica das relações entre homens e mulheres.

O velho fabricante de brinquedos precisava estar onde a ação estava, todas as excentricidades e os escândalos. Ele ainda pilotava sua motocicleta mental e pilotava, por assim dizer, em alta velocidade na beira do Grand Canyon. Ele tinha derrubado a arma da mão do assassino. Tinha feito com que o prendessem. E então tinha feito com que o soltassem. Quando as crianças começaram a exigir bonecos alienígenas cada vez mais repulsivos e ameaçadores, ele antecipou a tendência e se tornou líder de vendas no setor.

E, agora, entra Madge. Amy se lembrava de ter se encontrado com ela uma ou duas vezes quando ela foi cliente de Jay, quinze anos atrás. Ela parecia diferente — muito atraente, Amy concedeu. Ela era esguia, com os quadris não muito largos. A cadeia deve ter feito com que ela continuasse em forma. Ela tinha um bom busto, rosto oval, cabeça bem moldada. Era muito bonita, uma beldade loura com o cabelo preso bem apertado, quase a ponto de explodir, e trançado atrás. Amy tinha visto o tailleur de seda dela em uma vitrine da Escada — ela vestia cinco mil dólares, além de safiras combinando nos dedos e penduradas nas orelhas. Os poucos fios dourados que se soltavam e saíam do controle pareciam independentemente fortes. Na floresta (Amy se permitiu uma imagem engraçada) seria possível fazer uma isca de truta com esses cabelos e colocar num grampo dobrado. Presa durante quarenta meses, ela provavelmente tinha usado macacões ou aventais. Mas agora não havia qualquer sombra de prisão nela. Meramente uma mudança de cenário e de figurino. Ela era muito bonita, Amy achava. Só o nariz da mulher era errado — muito robusto na ponta para ser inteiramente feminino. Uma razão a mais, portanto, para apresentar o busto voluptuoso em uma moldura Escada. Ela usava uma blusa de seda com

punhos ondulados. Essa Madge Heisinger era realmente excitante. Imagine o efeito que ela causaria deitada nua, usando nada mais do que safiras, atraindo um homem com sua conversa sedutora apimentada. Além (não vamos omitir) do sabor extra de um assassinato planejado.

Bodo, o homem cujo assassinato se planejou, era tremendamente orgulhoso dela. E de si mesmo, um fabricante idoso e distribuidor mundial de alienígenas musculosos, horrendos com armas a laser para meninos e meninas. Ele estava agora afirmando para a imprensa e para a televisão quanto seu amor era forte. E declarando de maneira oficial que ele, também, era um subversivo, não um burguês mas um niilista, parte da “contracultura”, envolvido (ou quase envolvido) com os criminosos. Novamente eu percebia paralelos entre Bodo e Jay Wustrin, meu amigo de infância. Para eles sempre foi importante serem venerados pelas mulheres.

Suponho que tenha ocorrido a Madge — na cadeia, onde ela teve bastante tempo para pensar — que Bodo não tinha muitos anos pela frente e que não teria sido preciso mandar matá-lo. Então ele escreveu para dizer que podia arranjar que ela fosse solta — ele a queria de volta.

Bem, aqui estava ela, sendo agradável com os Adletsky e ao mesmo tempo estudando Amy com olhadelas.

Aquilo era uma nevasca? Não, não era. Só uma rajada de neve. A água brilhava à medida que o céu se abria.

Amy tinha olhos redondos, um rosto macio, com um nariz um pouco chamativo. Aqueles olhos num rosto um tanto achatado às vezes davam a ela uma aparência tola. Esse certamente seria o resumo de Madge.

“Então você é a sra. Wustrin. Seu falecido marido — perdão, ex-marido — cuidou de um assunto jurídico para mim há muito tempo.”

“Acho que jantamos juntas no Les Nomades”, disse Amy.

“Sim, veja só. E agora você construiu uma reputação como decoradora...”

“Sim, o sr. e a sra. Adletsky me contrataram para fazer uma estimativa de preço de suas coisas.”

“Todas estas coisas são de alta qualidade. As peças chinesas são genuínas, autenticadas pela Gump’s de San Francisco. Nosso conselheiro em algumas compras foi Dick Erdman”.

Adletsky disse: “Não vou me envolver com os honorários inflacionados pagos para decoradores profissionais como Erdman. Se suas peças são tão maravilhosas, você devia ficar com elas. Minha esposa irá comprar mobília nova de acordo com o gosto dela”.

Madge mexeu seus dedos pintados, como se estivesse tentando livrá-los de algum fio invisível ou de algo pegajoso. “Em um caso como o seu, sr. Adletsky...”

“Eu sou um possível comprador e a senhora é a vendedora. Não se importe com o meu caso. É só isso que conta para o negócio.”

“Sim, mas nós não começamos do zero”, disse Madge. “Não somos exatamente desconhecidos.”

“O que a senhora quer dizer — que todos nós estamos nos jornais? Que a sua mobília vai ser assunto nas rodas de conversa? Como o leilão de Kennedy? Não estamos interessados em comprar coisas para serem algo sobre o que conversar.”

Madge cruzou os braços e andou para lá e para cá. Ela estava absolutamente inquieta. Passou pelas portas de vidro, entrando na longa sala de estar como se estivesse inspecionando os sofás, os divãs e os tapetes persas, transferindo algo dela novamente para esses objetos. Algo sexual? Algo criminoso? Ela reafirmava sua importância. Não estava disposta a deixar que você se esquecesse disso. Ela espalhava essa importância, disseminava, borrifava. Ela não tinha cumprido pena à toa. Quando a conheci, ela me fez lembrar de um curso sobre teoria de campo, e estou falando de teoria de campo no sentido psicológico — em que me matriculei nos meus tempos de estudante — e que tinha a ver com as propriedades mentais de uma região do cérebro sob influências que se assemelhavam a campos gravitacionais. Mas Adletsky não estava disposto a ceder campo para ela. Havia muitos executivos, um alto funcionário do Tesouro, e mais



de um primeiro-ministro estrangeiro com anedotas relacionadas à recusa total de Adletsky em aceitar os pressupostos de barganha da outra parte.

“Você precisa levar em conta as perdas que vamos ter”, disse Bodo. Ele estava segurando uma pasta cheia de documentos.

“Exceto por alguns poucos itens que reservamos para nós”, disse Madge. “Nós avaliamos nossas coisas em um milhão e meio. Já estou abaixando, porque eram dois milhões.” Ela apertou os braços com mais força ainda. Na altura do ombro, segurava um cigarro.

Adletsky disse que o vendedor, Heisinger, estava se concedendo um bônus, pegando de volta o que tinha cedido na barganha. “Como a sra. Heisinger falou de considerações pessoais como se elas acrescentassem valor a essas cadeiras e a esses sofás, eu também posso dizer de minha parte, estando com noventa anos, que, se eu não fechar essa compra, vou fechar outra. Não estou em idade de criar laços afetivos com determinada compra. Mme. Siggy e eu estamos bem, perfeitamente confortáveis com o lugar onde estamos.”

A postura de Madge estava se tornando um tanto rígida nos ombros. Ela recostou a cabeça fazendo com que você imaginasse que ela estava respondendo a uma queda na temperatura da sala. “A sra. Adletsky vai ser feliz aqui”, ela disse. “O senhor provavelmente poderia fazê-la desistir deste lugar, mas ela já está se adaptando a estas salas maravilhosas.”

Um casal mexicano entrou agora para servir chá e café, índios silenciosos. A mulher estava usando uma trança pendurada. O rosto do homem era amplo e marrom, cor de cobre, achatado no topo, cabelos negros curtos cintilando. Ele colocou sobre a mesa a grande bandeja de prata, e a esposa dele organizou as xícaras e os pratos. Madge dispensou os empregados e começou a servir.

A sra. Adletsky preferiu chá.

“O mesmo para mim, por favor”, disse Amy quando Madge se voltou para ela. Ela segurou a xícara. Madge desviou o bule e derramou chá quente no colo de Amy.

“Me queimei”, disse Amy alto. Ela se levantou.

“Ah, que idiota desastrada eu sou”, disse Madge. Dura consigo mesma, ela falou pelo nariz como se não houvesse mais ninguém na sala.

Adletsky ofereceu seu guardanapo.

“Você se queimou?”, perguntou Madge.

“Estava melhor antes”, disse Amy. “Por sorte estou usando este casaco de tecido grosso.”

“Que tolice a minha. Devia ter posto minhas lentes de contato.”

“Lentes!”, disse Amy mais tarde, descrevendo o momento. “Eu podia ter arrancado os dois olhos dela ali mesmo.”

“Se houver na casa uma pomada para queimadura, você devia passar”, disse a velha Mme. Siggy.

“Ou babosa — até melhor”, disse Bodo. “Temos um vaso de babosa na cozinha.”

“Se você puder me mostrar onde fica o banheiro”, disse Amy.

“Eu mesma vou levar você lá”, disse Madge. “É o mínimo que posso fazer.”

Enquanto elas se apressavam, Bodo, o feliz narcisista, observava com expressão benevolente no rosto oco. “Dizem que a babosa tem que ter três anos de idade para aliviar uma queimadura. Uma planta jovem não resolve”, ele explicou.

Madge se movia com rapidez, Amy mais devagar, lutando com a raiva e preparando o que diria... Não foi acidente. Nem uma gota de chá caiu na xícara. Certamente você aprendeu algo na cadeia. Mas agora voltou à vida civil, já devia ter percebido. Não estamos atrás das grades.

Amy, com um rosto furioso, condenou as salas espalhafatosas. Elas eram revoltantes, decoradas com mão pesada por Dick Sei-lá-seu-nome e os homens de sua equipe, todos com ternos Armani. Adoradores de modinhas.

Madge se virou para Amy com um sorriso bastante agradável, até amistoso. E agora Amy viu que Bodo Heisinger estava vindo do outro extremo do corredor; ele tinha um pedaço de babosa na mão. Se não estivesse tão brava, ela teria achado engraçado. Madge pegou a haste verde e mandou Bodo voltar aos Adletsky. As luzes do banheiro se acenderam.

“Você não vai entrar comigo”, disse Amy, e a empurrou para o lado. Ela observou que Madge estava sorrindo para ela e que parecia mais satisfeita do que incomodada com a demonstração de fúria de Amy.

Enquanto fechava a porta na cara de Madge e virava a chave na fechadura, Amy foi obrigada a admitir que não tinha se queimado muito. Mesmo assim o fato de terem deliberadamente jogado chá no colo dela era ultrajante. E depois a mulher tentar forçar a barra para entrar no banheiro, de um jeito que nem mesmo irmãs fazem depois de certa idade. Isso fez Amy pensar: normal ou maluca? Era preciso haver um certo grau de privacidade mesmo em uma penitenciária feminina. Se a mulher *era* normal, estava se deixando influenciar mais do que devia pelo tempo que passou presa. Madge aproveitava todos os pretextos para deixar de lado as convenções femininas. E não havia razão para presumir que ela estivesse clinicamente tantã. Déspota, tirânica, e talvez quando foi condenada tenha assumido uns modos masculinos. Mas isso não queria dizer insanidade.

O banheiro dos Heisinger também era decorado demais — muitas toalhas, muitos utensílios. Amy não conseguia imaginar a frágil e idosa sra. Adletsky na banheira de hidromassagem carmesim — ela seria levada embora. Depois da banheira havia um vaso com uma cobertura acolchoada, e Amy baixou sua roupa íntima e tinha sentado, quando Madge entrou. Ela entrou vindo do quarto de casal. O vaso ficava num recuo entre a banheira de hidromassagem e um chuveiro. Amy não tinha percebido o verdadeiro tamanho do cômodo azulejado. Mais para lá, havia pias e paredes com espelhos, e também havia um closet.

“Não acho que eu tenha sido especialmente bem-educada”, disse Amy, “mas me ensinaram que este é um lugar em que a privacidade é respeitada.”

“Bom, dei tempo para que você examinasse o local queimado. O chá estava morno, não estava fervendo. Os mexicanos fazem bom café, mas não entendem como fazer chá. Quando servi a xícara para a velha senhora percebi que estava morno. Queria uma conversa particular, ter você para mim por um momento. Essa era a ideia. Não foi gentil de Bodo trazer babosa? É um dos remédios especiais dele. Mas posso ver que o vermelhão

não foi tão grave assim. Você se molhou, lamento, e vou pagar a conta da lavanderia, mas chá não mancha — quando eu era mais nova nós costumávamos usar chá para remover manchas.”

“Bom, deixe eu pôr as roupas no lugar.”

“Sim, se ajeite um pouco, e finja que não estou aqui.”

“Você realmente se comportou como uma maluca”, disse Amy. “Você sempre faz qualquer coisa que passa pela cabeça?”

“Bom, pelo menos não mandei matar você.”

“Ela fez piada sobre mandar matar Heisinger”, Amy me disse mais tarde.

“Entendo que você tenha ficado chateada. Mas acredito que você é o tipo de mulher que consegue ver o lado divertido disso.”

“De jogarem chá no meu colo?”

“Já expliquei o porquê. Aconteceu meio rápido, admito, e agi assim que me ocorreu. Foi de improviso, como você disse. Mas também foi uma espécie de comentário. Você estava com a aparência de uma matrona.”

“Como ficaria a sua aparência com arranhões na cara?”

“Você não está falando sério. Você iria se arruinar com os Adletsky. Para você vale a pena manter o bom comportamento. Aquela Mme. Siggy pode fazer você ficar popular no grupo de bilionários dela. O que iam pensar se eu voltasse com papel higiênico no arranhão?... Só um instante, para eu pegar o banquinho debaixo do chuveiro.”

Ela cobriu o pequeno assento de plástico com uma toalha e se encostou na parede. Os azulejos estavam brilhando infernalmente.

“Por que precisamos conversar no banheiro? Por que não no seu quarto?”

“Aqui é mais básico. Você vai se secar mais rápido se eu ligar o aquecedor e o ventilador. Talvez seja bom você tirar suas coisas e pendurar em frente ao respiradouro.”

“Vou ficar como estou.”

“Fique à vontade... Qual é a estimativa que você vai dar para a mobília?”

“Você não vai achar alta o suficiente.”

“Não tem uma única coisa barata na casa inteira.”

“Você está propondo que eu devia jogar a avaliação para cima? Eu teria uma excelente chance de enganar uma pessoa inteligente como o sr. Adletsky.”

“Claro, um grande, superpoderoso bilionário. Além disso, você nunca faria nada desonesto”, disse Madge. “Você é uma dessas senhoras que mantêm uma imagem sólida de honestidade.”

“Isso soa como algo que você ouviria uma prisioneira falando das pessoas aqui fora. Hoje em dia tem algo que é opinião geral, dentro ou fora da cadeia, e que é o seguinte: ‘Se você conhecesse todos os fatos, as pessoas atrás das grades não seriam mais culpadas do que as pessoas fora da cadeia, porque ninguém é totalmente inocente, e só as pessoas presas sabem o que é real e o que é falso’. Suponho que você tenha que tirar o maior proveito, ou conseguir as vantagens que for possível, do tempo que ficou presa.”

Madge Heisinger não respondeu. Ela podia estar ponderando suas opiniões, e no fim decidiu não continuar conversando com Amy sobre isso. Ela disse: “Eu gostava de Jay Wustrin... ele não era um advogado inteligente. Ele tinha pegada — posso imaginar o que você está pensando — mas só o que tínhamos era uma relação comercial, unicamente. Eu criei a estratégia para o meu caso, e ele trabalhou com a papelada. Bom, ele morreu. Faz quanto tempo?”.

“Uns oito meses.”

“Fui ao velório dele. Não me lembro de você estar lá”, disse Madge.

“Não consegui ir.”

“Uns poucos meses antes de ele morrer, almocei com ele. Ele já não era o sujeito bonito que tinha sido. Não era só pelo problema de saúde. Tudo nele parecia mal. As roupas cheiravam mal, os dentes estavam sujos, e, quando ele tentou dar o sorriso charmoso de antes, aquele jeito de levantar de propósito o lábio superior, foi um fracasso. Ele disse que tinha parado de trabalhar como advogado fazia um ano.”

“Mais para uns três anos”, disse Amy. “Ele passava o tempo passeando pelas livrarias da avenida Michigan. Ele tinha contas penduradas lá e não

era bem-vindo. E os clientes não queriam ouvi-lo citando seus poetas favoritos. Isso vinha dos tempos de escola. Ele decorava pedaços para recitar quando estava dando em cima das mulheres. Depois que casamos, procurei todos os livros que ele citava. As passagens estavam sublinhadas, e só no Capítulo 1. Ele nunca leu um livro inteiro na vida. Um exemplo: ‘O rosto do homem é a coisa mais impressionante na vida do mundo. Outro mundo brilha nele. É a entrada da personalidade no processo do mundo, com sua singularidade, sua irrepetibilidade. Pelo rosto apreendemos não a vida corporal de um homem mas a vida de sua alma’. Um dos russos favoritos dele disse isso. Quando estávamos namorando, ele repetiu isso como se fosse dele.”

“Ele sabia que não devia usar essa bobajada comigo”, disse Madge. “Quem escreveu isso?”

“Sublinhado com uma régua, em vermelho. Apenas o Capítulo 1. O resto ele nunca olhou.”

“Muito esperto.”

“Pretender ser um intelectual, para fins de sedução. Como uma reportagem da *Playboy*. Ensinando meninos a tecer a teia.”

“Mas você também decorou o trecho.”

“Decorei, não foi?”

“Bem, a última vez que eu o vi, era evidente que ele estava acabado”, disse Madge. “Ele só tinha um interesse na vida, e teve que desistir daquilo. Portanto, era hora de ir embora. Foi aí que ele passou a ser fraco e gentil. Não gostei de vê-lo na pior. Contando intimidades...”

Assim que ela falou “intimidades”, Amy não tinha nenhuma dúvida sobre aonde Madge queria chegar: Jay tinha falado a ela sobre as fitas.

“As provas contra mim, bom, ele me pegou no ato”, disse Amy. “Então não se sinta muito privilegiada. Ele tocou aquelas fitas para todo mundo que topou ouvir. O que ele fez foi contratar uma agência. Deu uma chave do apartamento. Foi assim que armaram tudo. Os especialistas grampearam meu telefone por meses. Até na cama tinha escutas. Microfones no colchão.

Todas essas provas foram exibidas na sala reservada do juiz. Jay construiu a acusação perfeita de adultério contra mim...”

Amy estava familiarizada até demais com as expressões que viu no rosto de Madge. Ela já tinha visto o mesmo antes em outras pessoas — um olhar de relance, oblíquo de diversão, que dava para ver por cima da bochecha meio virada.

“Sim, ele me falou disso”, disse Madge. “E será que eu queria ouvir as provas?”

“E você queria ouvir?”

“Bom, eu tinha acabado de sair de uma instituição penitenciária. Você não lê jornais lá dentro. Televisão, sim, mas não o *Tribune*. Você percebe quanto está por fora, quanta coisa perdeu.”

“Nosso divórcio não foi exatamente assunto para os jornais”, disse Amy. “Era por isso que Jay aproveitava a oportunidade para tocar as fitas para qualquer um que estivesse disposto a ouvir. Eu não diria que era só vingança...”

“Dá para entender quanto aquilo o machucou”, Madge disse. Foi só traição, nada parecido com mandar matar Bodo na garagem do subsolo.

Madge acrescentou: “Suponho que, no seu círculo social, isso não tenha feito bem à sua imagem — aqueles gritos e sussurros e a conversa picante”.

Amy conseguia ouvir o sangue invadindo seu crânio. Quando chegou ao rosto, ela percebeu a violência daquilo. A boca ficou seca. “Então ele ficou olhando suas reações enquanto você escutava no fone de ouvido?”

“Por uns dez minutos, só”, disse Madge.

Amy pensou: ela agora nos coloca na mesma categoria. Somos iguais, ela e eu, e ambas expostas publicamente. Meu escândalo; o julgamento dela se arrastando por semanas. Juntas, somos uma sessão dupla de cinema.

Amy me contou isso, até onde era possível — todas as circunstâncias imediatas, incluindo a tampa acolchoada do vaso sanitário, o colo da saia encharcado, e a inundação de calor tropical espalhada pelo ventilador dentro do longo banheiro.

“Pelo acordo que fiz com Bodo, eu fico com o dinheiro da mobília — independente de quanto os velinhos pagarem por ela... Não consigo mais olhar para estes armários, e as namoradeiras. Esse foi meu ambiente por dez anos horrorosos. Talvez tenha sido isso que me levou àquele esquema estúpido. Só de olhar um dia depois do outro pra merda daquelas coisas me deixou não só triste e enjoada, mas no fim me deixou maluca.”

“Adletsky nunca vai pagar um milhão a mais pelo seu apartamento”, disse Amy. “Não é tão fácil pressionar um bilionário. Não espere que ele saia distribuindo dinheiro. É mais fácil ele desistir da compra de uma vez.”

“Se ela quer brincar de ser jovem e de começar a vida, ele devia deixar. Dinheiro não é nada para ele. E a grana não é para mim. É para Tommy Bales”, Madge disse.

“Quem?”, perguntou Amy. Mas ela logo reconheceu o nome. Tommy Bales era o maluco incompetente que concordou em matar Bodo Heisinger... “O que é que tem Tommy Bales?”

“Preciso fazer algo prático como compensação pelos três anos que ele passou na cadeia, além de um ano esperando pelo julgamento. E ele não estava fazendo nenhum progresso antes disso. Por isso agora meu plano é que ele entre para o mundo dos negócios. Essa é outra coisa em que eu quero a sua opinião — a sua ajuda, para ser honesta.”

Esse apelo em favor da honestidade vai precisar ficar de lado por enquanto.

O que significava o fato de Adletsky e de Mme. Siggy terem chegado a uma idade avançada, serem respeitados como judeus multimilionários, e serem aquilo que os habitantes de Chicago chamam de “pessoas notáveis”? Ou então, na linguagem do mito, “judeus endinheirados”, representantes dos poderes das trevas e governantes secretos do mundo?

Muito mais tarde naquele dia, falando com Amy sobre o sr. e a sra. Adletsky, eu disse: “O.k., eles estão aposentados. Eles não têm nenhuma obrigação no dia deles, e para eles é um passatempo barganhar, regatear e



pechinchar com Bodo Heisinger. Naquela manhã, cedinho, eles tinham saído de casa e ido ao centro em meio à nevasca na limusine deles. Eles se sentaram no luxuoso salão interno. E durante duas horas esgrimiram com Madge e Bodo... Não tiveram ocasião de olhar para fora — de ver as pessoas cujos atos malucos estavam sendo relatados pelos jornais...”

“O que você está tentando provar, Harry, com uma introdução dessas?”, Amy disse.

“Não existe lazer para ninguém”, eu disse. “A aposentadoria é uma ilusão. Não é uma recompensa, é uma armadilha. O lado falido do sucesso. Um atalho para a morte. Campos de golfe se parecem demais com cemitérios. Adletsky nunca ia se rebaixar a jogar golfe. Ele tinha razão em ficar negociando como fez desde os dois até os noventa e dois anos.”

Esse tipo de especulação sempre deixava Amy desconfortável. Eu já falava assim no ensino médio. Ela nem ouvia, na verdade. Via isso como um dos meus vícios, e talvez tivesse razão. Desde o começo meu hábito de teorizar tinha nos afastado. “Você não é de verdade do jeito que soa”, ela me dizia às vezes. “Você leu tantos livros, mas, surpreendentemente, conversando você não parece um sujeito estudioso — você é mediano.”

Berner, o primeiro marido dela, com quem ela teve duas filhas, não tinha feito afirmações teóricas. Ele era um jogador. Quando era uma jovem esposa, ela ia com ele a jogos de futebol no Soldier Field, ao hockey no ginásio. “Eu gostava”, ela disse. “Não é a sua praia, Harry. Você é um tipo universitário — você é estudioso, você não parece um sujeito de alta cultura, mas é.” Ela não gostava que eu tentasse parecer superior. Por outro lado, ela dizia, eu era um tipo excêntrico. Eu parecia ser curiosamente contido. “Você nunca deixa transparecer mais do que dez por cento do que realmente pensa ou sabe. Você já foi um marxista. Não foi, por um tempo? O que aconteceu com o livro que você escreveu sobre Como-é-o-nome-dele...?”

“Sobre Walter Lippmann. Ninguém aceitou. Nunca foi publicado.”

Berner, com quem ela casou quando terminou a graduação, herdou uma pequena fábrica de capas de chuva. Perdeu tudo no jogo. Pegou um

empréstimo no banco dando a casa de Oak Park como garantia, e logo Amy e as meninas estavam sem teto. Berner desapareceu por um bom tempo. Ela conseguiu o divórcio. As filhas ainda eram bem novas quando ela casou com Jay Wustrin.

“Berner nem chegou a nos abandonar”, ela disse. “Ele mal percebia que nós estávamos lá.”

“Ele não precisava ter uma família. Só precisava abandonar uma família. Não consigo ver como era possível deixar você, Amy. Você era linda.”

“Para você, talvez. Mas nem para você. Você não veio tentar me conquistar.”

“Na época eu estava casado.”

“Talvez. Mas isso não impediu a *sua* mulher de andar por aí.”

“Não. E eu fui um marido totalmente fiel por doze anos... Eu te amava, Amy”, eu disse. Isso soava grave. Eu me sentia, falando desse jeito, como uma peça de cerâmica — um grande pote de barro. Falar de amor me deixava desajeitado. Fazia meus pensamentos se voltarem para minha mãe, de quem eu não gostava. Eu não podia perdoá-la por me colocar em um orfanato enquanto ela viajava de spa em spa. Ela mancava, é verdade. A deficiência era suficientemente real. Ela andava com uma bengala. Mas as dificuldades não eram inteiramente físicas. Nos trens, os irmãos dela, meus tios fabricantes de salsicha, sempre reservavam uma cabine para ela. O problema é que ela ficava entediada de ser a esposa de um simples empregado. Para piorar, sou parecido com ela, exceto pela cor da pele. Tenho uma compleição meio mongólica e amarelada. Ela sempre foi muito pálida. Enrolava o cabelo e usava preso no alto da cabeça. As bochechas eram grandes e macias. O nariz se curvava para dentro. Herdei os lábios grandes dela. Vistas isoladamente, as características dela não eram atraentes, e, no entanto, ela tinha um rosto atraente e até distinto — como uma mulher tártara muito bela com uma compleição incomumente branca. Na geração dela, mulheres com interesses intelectuais usavam pincenê. Havia um pendurado do pescoço perfumado dela.

Outra característica em comum: minha mãe não revelava em que estava pensando. Eu tinha uma satisfação incompreensível em negar a quase todo mundo acesso a meus pensamentos e opiniões. As pessoas sempre se dispunham a se abrir comigo, embora eu nunca incentivasse confidências. Eu dizia muito poucas coisas de natureza pessoal. Exceto para Amy Wustrin.

Tínhamos, digamos, uns vinte anos pela frente. Provavelmente é melhor eliminar os últimos cinco — deixar um tempo razoável para doenças. Sobravam quinze anos que valia a pena viver.

Eu estava preparado a essa altura para fazer minhas pazes com minha espécie. Para a maior parte deles, vejo hoje em retrospecto, em geral eu mantinha uma faca ao alcance da mão.

Na última fase da maturidade, era possível, era desejável, ser honesto consigo mesmo.

“Se você foi fiel a uma mulher distante, fria”, disse Amy, “Jay não foi nem um pouco fiel a mim, enquanto eu estava fazendo meu melhor.”

Eu costumava pensar sobre isso. Jay e eu fomos amigos desde os doze anos, e ele nunca deixou de me contar com a esposa de quem estava dormindo. Na noite de Ano-Novo, ele convidava todas essas mulheres infiéis, do passado e do presente, para a festa anual que os Wustrin davam. Enquanto eu conversava com um marido-vítima, Jay passava por trás do sujeito, fazendo sinais com as sobancelhas. Era essencial que os fatos fossem conhecidos. E em especial eles precisavam ser registrados por mim. Minha opinião importava para ele, e ele até fazia discursos para mim, tentava me ensinar o ponto de vista dele — o ponto de vista certo — sobre ele. Ele dizia que eu estava atrasado em questões sexuais. “Se você não acompanha a história, você não começa a existir”, era o que ele me dizia. Ele precisava ser admirado, e de alguma maneira me tornei o refletor ideal dos feitos sexuais dele. Ele era “a vida real”. Eu era o historiador que a escrevia. Ele dizia: “Por que você escolheu Walter Lippmann como assunto de um livro? Você devia ter me escolhido — representando a sexualidade livre.”

“Para escrever um livro?”

“Sério, Harry! Como um exemplo. Uma figura de vanguarda da atual era de emancipação.”

Não era segredo que eu tinha amado Amy, mas isso era algo juvenil, uma paixão de tempo de escola. Ninguém, claro, tinha direito de amar ninguém.

“Por que você acha que eu te convidei para tomar banho com a gente na Palmer House?”, ele disse.

A resposta correta seria: para me curar dos meus sentimentos. Isso era típico dos arranjos dele — a versão dele da cura ou da correção de acordo com princípios realistas.

Vou dizer isso por meu velho amigo Jay Wustrin: ele era estúpido sobre as questões mais importantes. Ele tratava de todas as questões certas por todos os motivos errados, para emprestar uma frase de T.S. Elyat, o ídolo dele.

Amy, mais tarde naquele dia, quando a nevasca atravessou a cidade e caiu na margem leste do lago, respondeu uma das perguntas que fiquei muito tempo sem fazer. O que acontecia nas festas de Ano-Novo nunca foi segredo para ela. “Ele trazia todas as amigas para casa, junto com os bananas dos maridos”, ela disse. “Era a grande produção anual dele — ele adorava aquilo. Eu até aceitava encontros falsos com essas mulheres para tomar coquetéis. Eu as encontrava em algum bar Perto de Northside e sentava a uma mesa. As vozes delas tremiam de culpa e conciliação. A maior parte a essa altura ele já tinha dispensado... Ele dizia que costumava contar a você sobre as festas que dava de tarde.”

“Algumas. Ele me mantinha mais ou menos informado. Eu não queria ouvir os relatos detalhados”, eu disse.

Não era verdade. Eu desprezava as atividades dele, mas nunca me cansei de ouvir (traduzindo para meus termos) sobre essas seduções. Sobre ele seduzindo mulheres. Sobre elas o seduzindo. Mais de quarenta anos disso, começando com as mulheres que trabalhavam na lavanderia do pai dele. Em cima de sacos de toalhas e lençóis sujos, depois das cinco da tarde, quando o pai o deixava encarregado de fechar a loja à noite.

Eu me lembrava das anedotas dele quando ele já tinha se esquecido faz tempo.

“Eu estava a caminho da gráfica”, ele disse (um dos bicos que ele fazia na faculdade de direito). “No carro na esquina da Washington com a Michigan, quando ia virar para o sul, vi uma garota com o polegar estendido pedindo carona. Abri a porta e ela entrou. Ela estava indo para South Shore, e eu disse que podia dar carona até a rua 57. Mas ela sugeriu: ‘Que tal se formos até o fim?’. Aproveitei o gancho e disse: ‘Se você está falando de ir até o fim, então eu te levo lá. Você mora sozinha?’. ‘Sozinha.’ Então subi com ela.”

“Você podia ter sido roubado e acabar vítima de um golpe.”

“Tenho um instinto pra essas coisas”, ele disse. “Quando tiramos a roupa, ela pôs meu pau na mão e disse: ‘Olha, isso que é um pau *de verdade*. Vamos colocar ele lá dentro, e, quando estiver lá dentro, faz ele atirar no meu coração.”

“A mulher era bonita?”

“O corpo dela era incrivelmente sexy. Ela realmente me atacou.”

O que adiantaria dizer: “Ela era uma ninfomaníaca. Você não merece crédito por isso”. Não. Com paciência oriental, eu ficava impassível enquanto ele me sobrecarregava como uma besta de carga com as anedotas dele. De modo que muito depois de ele ter esquecido, eu ainda lembrava as tardes e noites sexuais dele. Mesmo as manhãs, quando, esperando numa soleira, ele via um marido saindo para o trabalho.

“Você dava tempo para que ela trocasse a roupa de cama?”

“Trocar! De onde você tira uma ideia dessas! Essa é a aventura.”

Os olhos grandes dele, dilatados ao máximo, exigiam sua admiração. Calor, multidão, membros e troncos, luxúria, obscenidade e histrionismo. As câmeras sempre estavam nele. Na minha geração, esses olhares rápidos para a câmera eram comuns. Como o filme feito a partir de *No turbilhão da metrópole*, de Elmore Rice — a câmera se movendo melodramaticamente da rua cheia de gente no East Side, subindo pela escada de incêndio até a

janela da adúltera, enquanto uma música sugestiva deixava a plateia enlouquecida sem saber o que se passava.

Para Jay parecia que eu afogava minhas emoções no meu rosto, ao estilo chinês.

Amy tinha acertado. Ela tinha entendido que ele me mantinha informado da sua atividade sexual. Jay achava que aquilo era memorável. Ele precisava contar.

Ela me perguntou mais de uma vez se Jay tinha tocado as fitas incriminadoras para mim.

“Não”, eu sempre disse.

“Elas foram ouvidas na sala reservada do juiz. Depois de alguns minutos, pedi ao juiz que me deixasse sair. Admiti que era minha voz, e ele disse que eu podia ir.”

“Você nunca imaginou que Jay tinha te grampeado?”

“Nunca. E ele sempre foi um sujeito previsível. Ele não conseguia esperar para contar o que estava aprontando. Não é do tipo que tem planos inteligentes e silenciosos de longo prazo.”

“Como advogado especializado em divórcios, ele deve ter recomendado armadilhas secretas para clientes, para maridos ou esposas.”

“É claro. Ele me contava isso. Ele trabalhava com várias agências de detetives”, disse Amy.

“Ele perdeu todo o interesse em mim, desse modo. Uns dez anos atrás, passamos pelos últimos estágios de roupa de baixo preta e de transar na frente do espelho. Eu tinha que me inclinar por cima do encosto de uma cadeira.”

Preferia que Amy não me contasse coisas desse tipo.

Quando voltei de Mianmar e da Guatemala, contei a ela o papel que tinha tido na minha vida. Claro, ela não sabia de toda a extensão disso. Nem perguntou sobre detalhes. Se perguntasse, ela ficaria exposta às minhas perguntas, e isso inevitavelmente iria levar às minúcias. Em assuntos como esse as generalidades são melhores do que os detalhes.

Pessoas como Jay Wustrin se apresentam de modo a dramatizar ou a fazer propaganda — projetam uma imagem. A ideia que essas pessoas têm de si mesmas é uma ideia pública. Assim Amy, de roupa de baixo preta sendo comida por trás pelo marido roliço, pode se tornar uma imagem digna de mandar emoldurar. Pendurar na sala de visitas... A sua intimidade deve ser — merece ser — um segredo sobre o qual ninguém precisa se excitar. Como a velha piada... P: “Qual a diferença entre ignorância e indiferença?”. R: “Não sei, e não ligo”.

Ninguém se importa muito com seus segredos mais profundos. Eles podem importar na política. Vale a pena saber qual a participação de John Kennedy no assassinato de Diem. O fato de ele ter mulheres entrando e saindo rapidamente do Salão Oval não o torna diferente de outros chefes do Executivo, situados em Caracas ou em Macau. Ressalto isso porque tem sido um princípio meu ao longo de toda a minha vida não revelar nada para aqueles que são “próximos” a mim. Além disso, em qualquer nível mais profundo, aquilo que é conhecido é tão inexato e impreciso quanto as novas informações que você irá acrescentar às antigas.

Quando questionado, eu me fechava. Ninguém sabia o que eu fiz na Indochina ou em Mianmar. Se havia mulheres na minha vida. Ou filhos. Ou ditadores militares. Ou negócios com a máfia. Ou missões secretas de inteligência. Ou contas bancárias na Suíça. Pode ser que eu afogasse meus atos, minha natureza, no meu rosto. E nunca fiz grandes esforços para me comunicar com Amy. Calor humano? Sim. Afeição? Também. Mas, depois que nós três saímos do chuveiro no Palmer House e que Jay subitamente se lembrou de seu compromisso no tribunal e saiu correndo e beijei Amy debaixo do seio e na parte interna da coxa, nenhuma palavra foi dita sobre meus sentimentos. A única menção de Amy ao *ménage* no chuveiro foi que Jay tinha me tocado mais do que tinha tocado nela.

Eu disse que isso não significava muito.

“Eu estava lá por causa de você”, eu disse para ela.

“Se você se importasse comigo, podia ter mandado uma mensagem mais clara”, ela disse. Com os olhos, conduziu meu olhar para baixo para mostrar

o que ela havia se tornado. Então acrescentou: “Ninguém parecia capaz de se comunicar com você. Por que você sempre foi tão reservado?”

“Bom, eu fui um garoto desonesto, mentia para todo mundo. Escondia coisas dos meus amigos. Mentia, roubava e enganava.”

“Talvez seja por isso que desde o princípio você já tivesse uma aparência não infantil.”

“Será que eu parecia tão especial? Eu não tinha problema em ser desonesto. Parecia que para sobreviver eu precisava enganar todo mundo.”

“Será que foi por você ser um pequeno trapaceiro que eu me apaixonei por você?”, disse Amy. “Mas depois, no Palmer House, quando teve a oportunidade, você não aproveitou.”

Eu tinha minha resposta pronta, tendo pensado e repensado na cena centenas ou talvez milhares de vezes. “Só porque você estava disponível para mim. Como tinha estado disponível para Jay...”

Ela disse: “Teria sido o produto genérico, como dizem os farmacêuticos, não o original. Não você e eu, mas qualquer macho e qualquer fêmea. Olhando hoje, eu podia ter me sentido meio vagabunda.”

“Algo assim...”

“Mas mesmo assim teria sido algo específico. Ia ter nos unido.”

“Eu já estava unido a você”, eu disse.

Essa era uma conversa desconfortável, honesta de ambas as partes e portanto necessária. De minha parte, contudo, era algo extremamente doloroso. O motivo é que eu tinha me apaixonado por ela quando era um estudante adolescente. Esse sentimento assombroso veio, como dizem, “não sabemos de onde”. Tudo — mas *tudo!* — era como antes. Ainda havia cozinhas com cebolas e cascas de batata na pia, e bondes rangendo nos trilhos. Então esse amor, franco e simples, como música involuntária, era um constrangimento para um pequeno trapaceiro como eu. Até no que diz respeito aos segredos mesquinhos (que mais tarde fizeram de mim um “homem misterioso”), esse amor, direto, vindo da natureza, me dominou. Eu não conseguia evitar de ficar constrangido pelo aspecto de classe média dessa minha ligação com Amy. Ela era uma menina de classe média. Eu era



uma espécie de revolucionário. “Seu bandidinho”, era como minha impaciente mãe me chamava. Isso não queria dizer que eu fosse literalmente um trapaceiro; queria dizer que eu tinha um caráter dissimulado. Eu não estava disposto a pertencer à classe média por Amy e me tornar um pequeno-burguês. Não queria fazer o papel de hipócrita. Na época, tornar mais espessa minha máscara foi suficiente.

Vou dizer uma coisa em minha defesa: eu não tinha ciúmes de Jay Wustrin agarrar Amy na frente do espelho, ou do sujeito de Nova York cujas conversas sexuais detalhadas com ela estavam nas fitas exibidas para o juiz em seu gabinete. Causar dor, ou até cometer assassinato, eram atos justificados pelo Marquês de Sade desde que produzissem intenso prazer sexual. Amy, na fita, não passava nem perto — um mero bip na balbúrdia sexual do planeta.

Eu não podia esperar que Amy ficasse esperando enquanto eu avançava lentamente na direção dela. Para mim, era um longo trabalho de inteligência, decifrar um código depois do outro. Empacado uma semana aqui, depois uma década lá, eu sempre soube onde ela estava e o que estava fazendo, mais ou menos.

Claro, ela não era mais a garota bonita que tinha sido. O rosto tinha começado a perder o vigor alguns anos antes. Você só conseguia compreender o queixo dela completamente se o ligasse à sua forma anterior. Eu não tinha ninguém para culpar pelo que eu tinha perdido, a não ser eu mesmo. Além disso, eu não tinha perdido absolutamente nada.

Agora ficava claro, como um vago slide colorido repentinamente posto em foco, que eu tinha estado em contato diário com Amy, ano após ano, tendo apoio dela em consultas imaginárias até mesmo sobre empreendimentos subterrâneos ou acordos comerciais. Por muitos anos, vi meus sentimentos por ela como algo totalmente cafona. E cafonice não combinava bem com o tipo de desenvolvimento pessoal avançado que eu buscava.

Às vezes me parecia que Amy entendia tudo isso muito bem. Com alguma sorte, você descobre que as pessoas que estão permanentemente na

sua vida são capazes de seguir seus motivos íntimos, escondidos nas profundezas. Mas meu falecido amigo Jay Wustrin tinha sido extrovertido, teatral. Eu era reservado, cruel, disposto a acertar um soco no olho do meu vizinho. Jay *achava* que era extrovertido; eu *achava* que era reservado, e que guardava minhas opiniões para mim.

Mas Amy sabia bem que eu a consultava continuamente e que meus esforços para me desligar dela tinham fracassado completamente. Ela entendia o que um primeiro amor era capaz de fazer. Ele atinge você aos dezessete anos e, como a paralisia infantil, embora comece no coração, não na espinha dorsal, ele, igualmente, pode te aleijar.

Bem, então, o velho Adletsky estava enganado quando me recrutou para seu conselho consultivo? No lugar dele, eu o teria recrutado? Ele tinha passado do dinheiro (o fundador de um império) para a observação pessoal, e não tinha feito um mau trabalho com Frances Jellicoe e seu marido bêbado e barulhento.

Ele sempre falava de Frances com respeito e dizia que naquela ocasião eu tinha despertado o observador que existia nele.

“Não é tanto uma habilidade, não é, sr. Trellman. É um modo de vida.”

“Desde que você tenha o dom, como o senhor sempre teve”, eu disse.

As observações pessoais que Adletsky tinha feito enquanto construía seu império eram de um tipo diferente, inevitavelmente. Em uma aquisição ou em uma fusão, você era em parte guiado por seus especialistas em financiamento e em concorrência, mas mesmo assim você tinha certeza de que sairia com suas próprias impressões, sua própria visão, no sentido cinematográfico, sobre os participantes ou protagonistas. Eu só tinha uma vaga ideia do que ele pode ter visto em sete ou oito décadas de registros e observações desse tipo. Mas a ênfase deve ter mudado com frequência. Necessariamente, uma hora as fases da vida não davam mais conta de descrever os fatos — depois da infância, vida adulta, maturidade. Para um homem da idade de Adletsky, o que palavras como “antes” ou “depois” significavam? Tendo isso em mente, uma vez eu disse para ele que

Churchill em seus últimos anos ficava entediado a ponto de ficar maluco e rezava para morrer.

Adletsky não ficou surpreso. “Na época dele, ele fez tudo. Pense o que deve ter significado para ele quando não havia nada para fazer e ele não tinha mais poder. Num dia é Hitler, Roosevelt, *A articulação do destino*, e depois não há absolutamente nada. Só um monte de sofás puídos.”

Enquanto ele falava, o rosto fino e aquilino e as finas têmporas cheias de veias me incentivaram a fazer o que eu quisesse com as palavras dele.

Ele me disse em uma de minhas visitas: “Nunca me preocupo com a ideia de você anotar ou relatar nossas conversas. Você é tão reservado e orgulhoso de ser assim que nem pensaria nisso. Está incorporado em você, Harry”.

Você nunca podia aparecer de surpresa para visitar o sr. Adletsky. Era sempre preciso marcar antes. Mas o motivo dele para convidar você era frequentemente obscuro. Ele se perguntou, ele disse recentemente, se eu daria uma olhada nos aparadores e armários chineses de Bodo Heisinger.

“Para isso, o senhor devia procurar alguém da Gump’s em San Francisco.”

“Bem, se as peças forem falsificadas, tenho certeza de que você descobriria. Não?”

“Talvez eu conseguisse.”

Ele encheu meu copo de conhaque com a própria mão de bilionário. Era como ser servido por Napoleão Bonaparte — Napoleão, o prisioneiro em Santa Helena. Não havia muita coisa para o prisioneiro fazer no exílio. Agora a velhice era o exílio de Adletsky. Para preencher o tempo, o banido Napoleão lia centenas de biografias, jogava xadrez mal, era um cavaleiro pouco competente. Ele nunca gostou de cavalgar. Havia uma grandeza abstrata nele, disse um de seus companheiros de exílio. No caso de Adletsky não havia nada de abstrato. De vez em quando ele era tomado por algo como um estado de sonho, mas nada de grandiosidade. Quando ele me pediu para ser um de seus conselheiros consultivos, ele estava brincando, claro. Primeiro, porque ele nunca teria se arrogado qualquer semelhança

com Franklin D. Roosevelt. Quanto a Napoleão, este não teria figurado em seus pensamentos.

Nessa ocasião eu percebi que havia algo pesado ou desajeitado na minha postura. Sentado em uma namoradeira brocada, me senti pesado, fisicamente mal-ajambrado. Essas entrevistas frequentemente me deixavam desconfortável em relação a meus supostos poderes.

“Acho que você seria capaz de identificar as falsificações de Bodo. Embora Madge provavelmente tenha comprado aquelas coisas”, Adletsky continuou. Então enveredou por um tema diferente. “Fico pensando sobre você. Você se estabeleceu em Mianmar e depois na Guatemala. Conseguiu o que queria. Então por que voltou para *esta* cidade? É uma grande base para empreendedores. Mas você não é um empreendedor. Então o que há aqui para você? A ópera? O Instituto de Arte? Sua família? Você podia estar morando em Nova York. Ou em Paris.”

“Paris é só Nova York em francês.”

Para um homem com tanto dinheiro, Adletsky tinha bem poucos gestos. Ele agora voltou a palma da mão para cima, talvez para dizer que nunca havia lhe ocorrido dar notas para as cidades do mundo. Mas, ao abrir a mão, ele podia estar me convidando a falar. Ele estava dizendo: Por que não ser franco?

Essa também era uma possibilidade. Bem, talvez eu pudesse tentar. Então eu simplesmente disse a Adletsky: “Eu tenho uma ligação aqui”.

“Entendo. Entendo. Essa é uma resposta direta. Você não podia ser mais direto. Isso elimina Rangum, a Cidade da Guatemala, Paris, Nova York e vários outros lugares. Além disso, dois dos lugares dessa lista são ditaduras militares.”

“Não fico confortável nos trópicos”, eu me ouvi dizendo.

Eu podia ter acrescentado que gostava do inverno, da neve no chão e de casacos antiquados de pele de guaxinim que garotas do ensino médio usavam — casacos com grandes botões de couro trançado — e que dava grande valor ao cheiro de almíscar animal exalado pela pele em função do calor do corpo de Amy quando ela abria esses botões. O pesado chapéu

redondo de guaxinim deslizou ainda mais para trás da testa dela quando ela me puxou para perto. Sim, ela estendeu os braços e me puxou para perto.

E no dia da nevasca que passou por Chicago e caiu na margem leste do lago Michigan, Adletsky me telefonou em meu esconderijo na rua Van Buren. Ele disse: “Nossa amiga sra. Wustrin vai ter um dia ruim no cemitério. Nenhuma mulher devia ter que fazer uma tarefa como essa sozinha. Talvez devêssemos dar uma mão”.

Dei alguma resposta seca. Não havia motivo para que eu me entregasse para ele. Adletsky *tinha* adivinhado algo sobre meus sentimentos. Talvez ele tivesse, no final das contas, aprendido algo com seu antigo conselheiro consultivo. Confidências, no entanto, não combinavam com o personagem. Você não discute os contornos de sua vida emocional com um dos homens mais ricos do mundo — nem se ele quiser fazer algo bom por você. Talvez ele tenha visto que meu mistério, afinal, era simples sofrimento.

“Vou dizer no que estou pensando”, disse Adletsky. “Mme. Siggie e eu logo vamos nos deitar para nossa sesta. Vou mandar a limusine para você — se você aceitar — com um segundo motorista. O motorista número dois traz o carro de Amy de volta para a garagem. O motorista número um vai aonde você disser. Você está disponível hoje?”

Gentil do velho perguntar. Fiquei bastante surpreso com isso. Era como se o presidente do Banco Central norte-americano ligasse para fazer uma pergunta ou um pedido. Será que eu podia ir à exumação e ao novo sepultamento de meu velho amigo Wustrin? Podia ajudar a sra. Wustrin? Ela não era viúva dele, estritamente falando. Isso era algo como uma intervenção institucional na esfera privada.

Minha resposta foi mínima. “O.k.”, eu disse. “Vou fazer o que puder.”

“Para se somar aos problemas orçamentários dela”, disse Adletsky, soando mais estrangeiro quando agia de maneira vigorosa ou inventiva (o que *era* um “problema orçamentário?”), “a sra. Bodo Heisinger jogou chá quente no colo dela hoje de manhã. Ela certamente vai contar isso pessoalmente.” Ela foi para casa pôr roupas secas. Até passou babosa no

local. Ajudou. “Foi a única coisa útil e verdadeira que já ouvi de Heisinger, aquele cabeça de vento”, disse Amy.

Da limusine liguei para a administração do cemitério. Sim, a sra. Wustrin tinha chegado havia pouco, trazendo todos os documentos necessários. Agora ela estava do lado de fora. Eu precisava falar com ela?

“Não”, eu disse. “Meu nome é Harry Trellman. Só diga a ela que estou a caminho. Estou em um telefone celular.” Como se isso fosse uma novidade. Há dezenas de milhões de telefones celulares. *Eu* não tinha um, no entanto. Sou menos comunicativo do que a maioria das pessoas. Não era típico que eu alardeasse estar usando um instrumento avançado.

Claro, eu sabia o caminho para o cemitério — eu o conhecia bem demais. Você ia rumo oeste na via expressa do Congresso e saía na avenida Harlem, o limite da cidade de Chicago. Quando eu era menino, havia terrenos vazios aqui. Agora há pequenas indústrias, tabernas, pizzarias, estufas comerciais, e, é claro, o cinturão dos bangalôs — dezenas de milhares, centenas de milhares, de bangalôs de alvenaria.

Nunca tinha andado sozinho nessa limusine transatlântica. Todo esse luxo à prova de som e os estofados de pelica, o bar com seu vidro ornamentado, as garrafas decoradas de uísque.

A compostura é um dos meus dons especiais. Não parecer impressionado. Uma impenetrável aparência pré-colombiana. Talvez esteja no ar deste continente. Os índios peles-vermelhas eram famosos por isso, e hoje os filhos e as filhas de imigrantes também podem assumir uma aparência de dignidade solitária. E há algo nessas grandes limusines que faz você pensar em pianos de cauda e, nesse caso, mais apropriado, em funerais. Nesse instrumento de rolagem cruzei os portões de ferro forjado do cemitério.

Mme. Siggy tinha razão quando previu que o solo estaria úmido. Há muito solo arenoso em Chicago. O gelo derretido da última era glacial formou um imenso lago aqui, e grande parte da cidade fica sobre uma série de antigas praias. Mais longe do centro estão as pradarias — terras planas como você encontra na Sibéria central. Portanto, os túmulos ficam no fundo

daquilo que vinte ou trinta mil anos atrás era o fundo do lago. Grandes árvores não se criam nesse terreno arenoso. Tudo poderia ter sido diferente para nós se árvores desse tipo tivessem crescido no Meio-Oeste como acontece no Leste — faias de tronco liso com origem no século XVIII. Em densos cemitérios urbanos, no entanto, não há muito espaço para árvores grandes. Aqui é possível ver algodoeiros e catalpas. Os coveiros precisam cortar as raízes enquanto cavam. Nas paredes de uma cova aberta sempre é possível ver os cotos brancos de raízes mutiladas.

O motorista foi orientado por um guia que o esperava do lado de dentro do portão. Para os ricos, arranjos desse tipo são feitos com antecedência. Não era um cemitério grande. Nele, os grupos relativamente pequenos de judeus estavam representados, de modo que até eu, cujo contato com a comunidade judaica era mínimo, era capaz de reconhecer muitos dos nomes.

Amy seguiu o conselho da sra. Adletsky e calçou botas. Eu a vi assim que baixei os vidros sépia. Ela estava com as costas voltadas para a estrada. Os coveiros já estavam trabalhando, e havia um guincho se aproximando — um equipamento que parecia uma retroescavadeira, pensei, com o motorista em um assento no alto. Havia uma van esperando para levar o caixão de Jay para seu túmulo permanente. Ele seria sepultado novamente, entre seus pais.

Nevasca, neve derretendo, um curto período de sol e de novo a escuridão. Uma nuvem alta como a Inglaterra tinha acabado de passar em frente ao sol. Debaixo de galhos nus e em meio aos punhais de arbustos podados, a terra estava sendo empilhada. Amy não reconheceu a limusine que tinha ido pegá-la naquela mesma manhã; e também não estava esperando que eu sáísse quando o motorista abriu a porta. Em minha voz baixa mas coerente (uma vida de treinamento em falar de maneira articulada mas respeitosa: eu mesmo relutaria em confiar em alguém que falasse como eu), expliquei o que Sigmund Adletsky tinha organizado. “Foi ideia dele”, disse. O olhar dela era silencioso e reservado, até um pouco frio. Olhando para além de mim, ela voltou os olhos para lá e para cá, tentando entender aquilo.

Levando as circunstâncias em conta, eu não podia culpá-la. Ela não tinha como adivinhar quanto eu tinha contado a Adletsky sobre ela. E eu conseguia imaginar facilmente o que ela estava vendo — meu cabelo ainda grosso, liso, preto, e minha testa estreita, curvada como um barranco baixo, e os olhos negros de chinês, pequenos demais, naquilo que provavelmente é a parte mais densa do meu rosto. E, por fim, os lábios grossos da minha mãe — até mais grossos que os dela. Minhas mãos estavam nos bolsos do casaco, com os polegares para fora.

“Este motorista está aqui para levar seu carro de volta”, eu disse. “Eu vou fazer companhia para você na limusine...”

“Gentileza do sr. Adletsky”, ela disse.

Eu estava prestes a dizer que, com noventa e dois anos, Adletsky estava estreando sua compaixão, uma área nova para ele. Mas me contive.

“Vamos dizer para o motorista estacionar essa máquina glamorosa. Depois podemos sentar, sair do ar gelado. Ainda está cortante, apesar de ser fim de março. Se eu baixar o vidro um pouquinho, podemos ficar de olho em tudo.”

Então ela e eu sentamos nas luxuosas poltronas giratórias — primeiro em silêncio, mas agora com uma conversa e tanto se desenvolvendo.

“Qual o problema com seu velho pai?”, eu disse.

“O Alzheimer praticamente engoliu a mente dele. Nestes últimos anos, ele só me reconhece de vez em quando.”

A consequência é que ela esperava que ele morresse em breve. Se ela precisasse colocá-lo em algum lugar ou enterrá-lo temporariamente enquanto Jay era removido, haveria complicações desagradáveis.

“Minha mãe queria que o pai ficasse do lado dela.”

“Ela não gostava do Jay, não é?”

“Ela dizia que os Wustrin eram vulgares e que Jay fazia piadas grosseiras. Ela quase não suportava ele.”

“Bom, era bem a ideia dele de piada comprar um túmulo do seu pai — como se estivesse deitando em uma cama de casal com a sogra. Era óbvio que o pobre Jay estava morrendo. Se era evidente para você e para mim, era



mais evidente para ele. Eu o encontrava pela cidade e ele sorria, mas não impunha sua companhia. Virou um sujeito modesto. Era um homem gordo e virou um menino magro. E quando largou o escritório, o trabalho, deixou de se cuidar.”

“Quando estava paquerando, ele ainda se arrumava”, disse Amy. “Mas o tempo todo ele estava planejando me criar problema.”

“Para que ele não fosse esquecido. Você ia sobreviver, e ele não via motivo para não lhe criar um pouco de problema.”

“Você está rindo disso.”

“Quem pode dizer as coisas curiosas que as pessoas pensam ao imaginar como a morte vai ser? Quero dizer, como a morte deles vai afetar os vivos. ‘Como vai ser o mundo sem mim?’.”

“Uma ideia infantil.”

“Ele não gostava de ficar sozinho. Quando éramos garotos, ele tinha o costume de me forçar a ir ao banheiro com ele. Você não ia se livrar dele tão fácil.”

“E agora estamos passando uma tarde no cemitério com ele”, disse Amy.

“Aqui é melhor do que a maioria dos lugares para fazer avaliações, se você for fazer avaliações.”

Amy tinha jogado o casaco nos ombros; dentro da grande limusine preta estava quente — o motor estava ligado. Portanto, quando ela encolheu os ombros, os seios macios sob a blusa deram mais peso ao movimento. “O que há para avaliar? Por que você ia querer se aporrinhar até aqui? Você tem um jeito e uns hábitos confusos, Harry. Anos atrás, quando precisei pensar a sério sobre você, levei em conta as excentricidades. Pensando nas esquisitices da elevada vida mental que você leva, não tinha a mínima chance de você pensar bem de mim. E eu pensei muito a sério em você. Eu estava apaixonada por você. Mas o ponto de vista dos outros nunca era bom o suficiente para você. Você desprezava os pontos de vista dos outros. E pensei: Talvez ele me ame, mas eu nunca vou saber o que ele está pensando. No fundo, ele me despreza... A classificação que você fazia de mim era de ‘uma mulher pequeno-burguesa’.”

“Você nunca me disse isso antes”, eu disse, e depois não sabia como continuar. Nós tínhamos vivido por décadas um sem o outro. Fizemos arranjos separados. Durante esse tempo todo, eu tinha concluído que era estranho demais para ela. Ou que por vários motivos ela presumia que eu jamais poderia ser domesticado. Assim, minhas emoções ficaram guardadas, de maneira mais ou menos permanente. Mas aos poucos comecei a ver que tipo de força ela exercia sobre mim. Outras mulheres eram aparições. Ela, e só ela, não era aparição.

“Sim, mas meus sentimentos por você eram maiores do que você imagina. O que eu sentia era muito simples. Você era um alívio para a contabilidade dupla que eu mantinha na cabeça”, eu disse. “Eu ficava pensando que, se houvesse um quarto vazio na sua casa, sem nada nele, nem mesmo um tapete, ia me fazer bem entrar nele e ficar deitado com o rosto virado para baixo no chão de madeira...”

Os coveiros, que víamos às vezes quando nos curvávamos, dando uma olhada através da fresta aberta de luz, pareciam estar trabalhando devagar. Eu não teria mais como fazer um trabalho como esse. Cavar os deixava em forma. Não precisavam andar em esteiras. Esse tipo de escavação era um trabalho à moda antiga, quando prisioneiros trabalhavam na moenda e escravos iam para o campo com picaretas e pás.

Amy parecia estar pensando no que eu disse. Poucas vezes tínhamos estado juntos desse jeito. De tempos em tempos nos encontrávamos para tomar coquetéis ou para jantar, e em geral falávamos sobre o Merchandise Mart, sobre o trabalho de decoradora, sobre mobília de Mianmar, e peças de cobre. Eu me tornei útil para Amy. Dei meu aval sobre ela para os Adletsky, e eles a recomendaram para outros clientes ricos. Ela era grata a mim. Os possíveis clientes eram nosso assunto principal no restaurante Szechuan ou no Coco Pazzo ou no Les Nomades. Duas pessoas lentas que se amaram por quarenta anos, discutindo divãs e poltronas. Eu nunca disse nada sobre me deitar no chão de madeira dela.

E agora, também, não fosse pelo fato de o caixão de Jay estar sendo exumado, podíamos estar conversando em um pequeno salão luxuoso com

as telas de tevê cinzentas brilhando, iridescentes, e um pequeno bar, e telefones celulares.

“Madge Heisinger realmente derramou chá no teu colo? Você se queimou?”

“Não, não. Fiquei chocada mas na verdade não me queimei. É assim que ela faz as coisas. Ela queria falar privadamente. Tinha uma proposta para mim, e pensou que devíamos nos reunir no banheiro, onde ninguém ia poder atrapalhar.”

A proposta que Amy ouviu foi a seguinte — o dinheiro que os Adletsky pagassem pela mobília no apartamento iria para Madge. Bodo concordou que ela devia ficar com esse dinheiro e começar um negócio. Ela iria abrir uma empresa que fazia listas de presentes para divórcios. O contrário de listas de presentes de casamento. Quando um casamento acaba, é comum que uma das partes fique com tudo. O marido despojado de tudo ou a mulher que ficou sem nada precisa se equipar com todo o básico de uma casa — uma cama, duas cadeiras, um tapete, um cobertor, lençóis, cafeteira, frigideira, copo para escova de dentes, xícaras, colheres, toalhas, até o rádio-relógio e a tevê. Como funcionários de empresas que acabam de se divorciar normalmente ficam agitados, passando por semanas ou meses de estresse, acabam trabalhando mal, e diretores de recursos humanos de corporações gigantes podem achar um serviço como esse uma boa notícia. Não custaria dinheiro para a empresa, porque os colegas ou sócios contribuiriam para um fundo de divórcio para reduzir o impacto do incômodo, da rejeição, das dores da perda. Por um lado seria excelente para o moral e por outro seria lucrativo para os fornecedores do kit de sobrevivência. Amy, com os contatos no Merchandise Mart, podia facilmente, de maneira confiável — de maneira uniforme —, comprar esses itens. Isso poria os que estão se divorciando em situação de igualdade com os noivos. Enfatizaria a igualdade. Teria um sabor democrático. As despesas para montar um pequeno mostruário seriam mínimas.

Ri quando ouvi isso. “Sei, consigo imaginar como seria”, eu disse. “Mas quem ia falar com os diretores de recursos humanos? Quem iria convencê-

los?”

“De acordo com Madge, essa ia ser a parte do Tom”, Amy disse.

“Tom é o camarada que devia ter mandado Bodo pro espaço — é isso?”

“Sim. Madge se sente responsável. Ela colocou o sujeito nessa história. Foram três anos na cadeia, além de meses antes do julgamento, o julgamento e o recurso. Madge diz que ela devia levar a culpa. Insiste que a responsabilidade é dela, que ela *está em dívida* com ele.”

“Você já viu esse Tom?”

“Como ia ter visto? Não me misturo com pessoas que ficam em bares. Ficar à toa em botecos e me agarrando com homens não é minha praia. Entendo que isso acontece bastante na fila para comprar ingresso para o cinema. Dá para julgar a pessoa na fila pelo tipo de filme. Ou no museu, onde ficam os caras que estão caçando — mulherengos que fingem gostar de quadros.”

Ela se ressentia profundamente com qualquer coisa que insinuasse que ela se parecia com a mulher cujos gritos foram gravados pelos detetives contratados por Jay durante o divórcio e exibidas no gabinete do juiz. O juiz estava entalado na garganta dela. Juízes, sem exceção, estavam sempre querendo achacar, ela dizia, e não seria possível construir uma prisão grande o suficiente para todos os juízes que mereciam estar nela.

“Fico pensando, se Madge estava preparando uma relação comercial, se ela ia sugerir uma reunião. Como será que é esse Tom?”

“Você pode ter visto na tevê durante o julgamento... Como ideia de negócio, é criativa”, disse Amy.

Continuei rindo do absurdo do plano. “A sra. Heisinger tem ideias intrincadas”, eu disse. “Se foi assim que o assassinato foi planejado, não é de estranhar que Bodo tenha tomado a arma do Tom. Madge pertence à escola de Jay Wustrin de fantasia na vida real.”

“Você quer dizer de bolar esses roteiros confusos e elaborados. Ele realmente gostava disso, não é? Então me diz, Harry, o que você achou da coisa toda?”

Os coveiros logo estariam na altura da cintura. Se Adletsky não tivesse me mandado aqui hoje, Amy estaria andando sozinha entre os túmulos, estudando os nomes, fazendo aritmética de cemitério. Subtraia 1912 de 1987. O ar, embora ligeiramente ensolarado, era cortante.

Sob toda a influência do dia e do lugar, fiz novas observações sobre Amy, revisando aquelas a que tinha me acostumado durante toda uma vida. Por exemplo, os olhos eram redondos como sempre, mas agora havia uma sobriedade infantil neles. Estranho essa aparência infantil aparecer na meia-idade, especialmente quando as bochechas já não eram mais perfeitamente macias e quando boa parte da cor havia se perdido. Mas ela ainda era essencialmente Amy. Se você girasse a manivelinha com som de carrilhão e dissesse “Alô, central”, Amy responderia da central.

Ela estava esperando meus comentários. Quando eu me mexia, via minha silhueta na tela cinza da tevê da limusine — o fino cabelo negro e o familiar e desesperadamente indesejado perfil de chinês. Refletido na tela, eu ficava volumoso. Eu era algo entre uma sombra e um vestígio de um dos falecidos. Tendo sido durante anos deliberadamente um mistério para os outros, agora descubro que sou incapaz de dizer qual era o mistério ou por que em algum momento essa mistificação foi necessária.

Uma quantidade considerável de terra tinha saído — terra marrom-escura misturada com atributos humanos.

“O que eu acho é o seguinte...”, eu disse.

“Fale com clareza. Preciso de conselhos inteligentes, definitivos.”

“O.k., vou começar dizendo que adoro dar conselhos. Só recentemente percebi que costumava ter reservas quanto a isso. Mas adoro aconselhar. Um bom conselho pode me fazer lacrimejar. Vou tentar não murmurar. Quem fala muito sozinho acaba fazendo isso.”

“Quando descobri que Adletsky escolheu você para o conselho consultivo dele, percebi que tinha deixado de ver algo”, disse Amy.

“É? Subi no seu conceito? E no entanto a gente se conhece a vida toda, praticamente.”

“O velho Adletsky deve achar que você pode me ajudar — que você quer fazer isso.”

“E que eu seria uma companhia ideal para uma exumação.”

“Realmente não suporto essa palavra. Ela apareceu várias vezes enquanto eu preenchia a papelada. Vamos falar ressepultamento... Acho que ninguém conhecia Jay há mais tempo do que você.”

“Você está pensando em aceitar a proposta de Madge?”

“Você acha que o velho percebeu que Madge derramou chá em mim porque queria ficar sozinha comigo por um instante?”

“Ele é bem rápido para ligar as coisas. De todo modo, ele intui o que sinto por você. Ele pegou várias dicas subliminares...”

“Por favor, Harry — mais alto. A maior parte da sua comunicação deve ser interna, e mesmo quando você está com outra pessoa você fala sozinho mais da metade do tempo.”

Penso muito rápido, depois edito meus pensamentos igualmente rápido. Mas é difícil que a fala acompanhe isso. Pode ser que os lábios grossos dificultem a articulação.

“Para encerrar sobre Adletsky. Tenho um sentimento muito básico por você e que dura a vida inteira, Amy. É uma coisa que não dá para esconder de um observador talentoso. Nos meus sentimentos, sempre tive uma linha aberta direta com você. É algo da minha natureza, não do meu caráter. Meu caráter é comprometido. Mas nem um caráter comprometido — o.k., mutilado, pode mudar minha natureza.”

“Não estou entendendo exatamente isso, mas o velho Adletsky conseguiu captar uma coisa enterrada tão lá no fundo?”

Eu disse: “Você deve saber que lidando com alguém como Madge Heisinger você deve se preparar para todo tipo de perversidade. Não dá para confiar no lado comercial da relação — da relação que ela propôs. Você precisa pensar na proposição separadamente.”

“Separada do quê?”

“Ora, ela é uma empresária? Ou é uma psicopata, uma louca, uma sociopata, uma criminosa?”

“Entendo totalmente o que você quer dizer”, disse Amy. “Na sua opinião, só por curiosidade, onde é que isso vai dar?”

“Entendo a lógica que ela está seguindo”, eu disse.

“Não vejo lógica nenhuma.”

“A gente precisa ver a ideia como ela vê: por quê e por quê e por quê. Sendo assim... quando você está presa, entre mulheres que descrevem a vida uma para a outra, pode ser que se desenvolva algo como um motivo para chegar a algo bom, para extrair algo bom de tanta coisa ruim, e no nosso país algo bom quase sempre é uma ideia para um negócio — imaginar um empreendimento lucrativo. Em outras palavras, Como seria se...? Ou, eis uma ideia de um milhão de dólares! E assim as suas aberrações levam a uma conclusão que recruta você para seu país e fazem você voltar à sua civilização.”

Não tenho como jurar que Amy estava entendendo isso. Depois de muito tempo, ela provavelmente tinha aprendido a descartar sessenta por cento do que eu dizia. Como amigo da família, era comum que eu falasse na mesa de jantar dos Wustrin.

“Ela ia convencer Bodo a tirá-la da cadeia. Eles teriam um novo acordo”, eu disse. “Bodo poderia dizer aos quatro ventos o quanto ele foi decente em deixá-la sair — o quanto ele tinha sido magnânimo. Também o quanto era corajoso aceitar Madge de volta. Além disso, era um crédito para o amor. Ele era um sujeito leal com amor no coração. Confiava na sua masculinidade e mostrava isso ao casar de novo com Madge. Também era algo que valia noticiar — milhões de dólares em publicidade gratuita. E ele não é burro. Fora pelo fato de se achar mais importante do que as outras pessoas jamais teriam imaginado.”

“Mas e o serviço de lista de presentes de divórcio da Madge?”, Amy me lembrou.

“Quantas prisioneiras na ala feminina casaram mais de uma vez?”

“Alguma mulher na prisão imaginou o negócio? Não é possível também que tenha sido Tom, o parceiro de Madge, que tenha tido a ideia de que

casais se divorciando, assim como noivas e noivos, deviam fazer listas de presentes? E que eles podiam transformar isso em um negócio?”

“É possível, não é?”, eu disse. “Isso também explicaria por que ele precisa ser incluído.”

“E ela acha que pode confiar em mim quanto ao namorado. Sou velha demais para ele”, disse Amy.

“Tem várias possibilidades aí. Pode ser uma ideia de negócio inteligente. Digo, moderna. Vai chamar a atenção porque é engenhosa, porque tem um viés cômico por ser baseada no costume das listas de noivos. Os jornais vão falar disso. E a tevê. Se amigos podem dar presentes de casamento, também podem se dispor a colaborar quando o casamento vai por água abaixo.”

“Você consegue imaginar como Madge me encaixa nisso tudo?”

“Acho que consigo...”, eu disse, tentativamente.

“Então diga.”

“Ela fez parte de uma trama de assassinato. Você fez parte de um divórcio famoso. O Jay te deixou sem nada...”

“Claro. Eu não fiquei nem com uma xícara de café. Me coloque junto com os dois que saíram da cadeia e formaríamos um verdadeiro trio de aberrações em um pequeno showroom no Merchandise Mart, com mesas, luzes brilhantes e telefones. Quando Madge descreveu, eu ri. Ela falou de programas de tevê. Talvez a Oprah Winfrey. Ela é tão completamente autoritária e maluca que eu pensei que só por isso podia dar dinheiro.”

“Empregados de baixo escalão podem achar o máximo. Sugere um estilo de vida de contracultura bem avançado.”

“Você tem toda a razão, Harry.”

“E você seria inestimável para Madge. Atrairia colunistas e repórteres. Os programas de *talk show* com certeza iam se matar para agendar entrevistas com você. A *Vanity Fair* e revistas como a *Hustler* iam caçar você.”

“Eu não ia aguentar isso”, disse Amy.

“Bom, no século XVIII alguém bem sério escreveu sobre ‘a alegria arbitrária e desordenada’ e sobre ‘os vícios da frivolidade’. Pode ter sido



Adam Smith. Ficaria surpreso se Madge não estivesse indo por esse caminho.”

Com os olhos redondos, Amy me encarou e depois olhou para a distância. Agora ela disse: “Eu não teria como... Naturalmente, eu seria o terceiro membro de uma equipe de escândalos. Madge ia me transformar exatamente nisso. Vi que era verdade assim que você disse.”

“Você teria descoberto sozinha, rapidamente.”

“Sim, mas talvez não a tempo.”

“Bom, fico feliz de ter conseguido colocar em perspectiva essa glamorosa proposta. Um comentário, se você me permite, é que os produtos vão estar sempre disponíveis — todos os utensílios de cozinha, rádios-relógios, lençóis, aparelhos de tevê, cafeteiras... Mercadoria que não acaba mais. Tem o suficiente de tudo para todo mundo. Eis o quanto a nossa ordem social é produtiva e rica. O processo todo começou com a proposta de que a conquista da natureza seria o emprego mais alto da era moderna...”

Ouvindo, Amy gradualmente baixou a cabeça, como se quisesse estar especialmente atenta — ou talvez para me deixar fazer as coisas do meu jeito, para esperar que eu terminasse. Eu sempre tinha dito coisas assim. Quando éramos mais novos, Amy costumava dizer: “Lá vamos nós de novo”. Acho que ela não gostava — às vezes realmente tinha ódio — dessas observações sobre a ordem social e a era moderna. Elas faziam com que ela fosse rebaixada a uma categoria mental inferior. Quando expunha minhas visões mais profundas, ela esperava que eu acabasse. Ela permitia esse pequeno vício. Parecia que valia a pena fazer essas observações, e contrariando meu bom senso eu as fazia. Ocasionalmente eu não conseguia resistir a ver como elas se saíam em uma mesa de jantar.

“Jay pegou esse hábito de você, Harry”, uma vez ela reclamou. “Na época de Northside, quando tínhamos acabado de casar. E especialmente quando estava tocando LPs de Bartók, ele se encostava na parede e punha os cotovelos em cima da lareira e começava a recitar seu T.S. Eliot para mim. E, como você sabe, não sou uma daquelas mulheres que nasceram para ser

profundas. Nunca houve nada metafísico em mim. Tenho um QI acima da média, só isso.”

Mas agora os coveiros estavam fazendo sinais para o sujeito que operava o guincho, e o equipamento se aproximou mais da beira do túmulo.

“Acho que eles vão começar”, eu disse.

“Estava esperando que demorasse bem mais.”

“Jay não ficou aqui muito tempo. Não em termos de cemitério. O terreno ainda não teve tempo de endurecer.”

Os pneus do trator estavam imprimindo suas marcas na terra marrom fresca. Um padrão parecido com uma folha de louro. A pequena e suave máquina parou em um monte de terra marrom-escura de túmulo, e o motorista desceu e calçou as rodas. Tiras de lona foram presas no caixão, e depois no guincho. O homem que se curvou para fazer isso tinha as costas incomumente longas. Ele também revelou ter penas curtas. Quando se afastou e ficou em pé, não era tão alto assim. O motor começou a funcionar, e o caixão azul-cinza foi elevado, inclinado acima do cascalho. Os trabalhadores o deixaram reto à medida que ele subia, pingando terra. Imagens indesejadas do que estava dentro passaram pela minha cabeça: o corpo vestido em seu terno, o rosto bonito simétrico — cianótico, clorótico, lívido. Talvez um lápis esquecido em um bolso. Talvez os sapatos estivessem amarrados, talvez até com laço. Talvez o morto tivesse uma ereção.

O chofer veio até a porta da limusine para ajudar Amy a sair. Fiquei atrás dela, meus dedos entrelaçados atrás das costas.

Era o desejo teatral de Jay Wustrin sair do túmulo. Foi por isso que ele fez o trato com o pai de Amy. Quando éramos crianças cinquenta anos atrás, ele e eu tínhamos ido ver tantos filmes de túmulo com Boris Karloff ou Bela Lugosi. Terrenos ermos de igrejas nos Cárpatos, castelos sombrios ao fundo. Quando o conde de Monte Cristo escapou do Château d’If, Jay, que estava tremendamente empolgado, disse que eu tinha sangue de barata. Minha resposta foi: “Não vou deixar eles me imporem todo tipo de sentimento”.

“Sou *eu* que tenho coração!”, Jay declarou. “Você é distante demais.”

Em uma limusine, um mundo em si mesmo, tanto no cemitério quanto no Michigan Boulevard, seguimos a van lentamente. “Isso tudo é ideia do Jay. *Ele* nos colocou aqui, neste dia de inverno”, disse Amy. “Mesmo tendo estado tão magro, fraco, no último ano, ou nos últimos dois anos. Ele ficava procurando rostos conhecidos, e as pessoas o evitavam, o que normalmente teria deixado ele furioso...”

“Admito que também o evitei.”

“Por quê?”

“Uma questão de negócios. Dinheiro de Mianmar que supostamente ele estava guardando para mim. *Eu* não devia ficar com aquele dinheiro, e mandei para ele por um mensageiro. Ele assinou recibos quando pegou. Depois, quando perguntei do dinheiro, ele disse que ia precisar devolver parcelado.”

“É a primeira vez que ouço falar disso.”

“Não havia motivo para você ter ouvido. E na verdade Jay era um amigo generoso. Nunca esqueceu meu aniversário. Ele me dava presentes bons — uma bela edição do Platão de Jowett, e *O declínio e a queda* em uma velha edição. Ainda tenho os dois, ainda leio. De vez em quando tento falar para as pessoas sobre o que está nesses livros.”

“Me fale do dinheiro de Mianmar...”

“Isso era falcatrua. Não vamos falar disso.”

“Você manda”, disse Amy. “Mas o corpo dele precisava ser removido. Eu não podia deixar meus pais separados. Minha mãe nunca me perdoaria. E se meu pai ficasse maluco? Depois de cinquenta anos dividindo a mesma cama, ela queria que isso fosse eterno.”

Assim como Amy e Jay tinham dormido juntos, nus, por décadas, inalando os odores um do outro, as mãos dela familiarizadas com os pelos do corpo do homem. Até os cremes faciais dela e os roncos noturnos dele faziam parte disso. E compartilharam restos de sabonete amalgamados e closets e jantares — todo um complexo de intimidades.

Pode-se exagerar no valor desses detalhes. Hábitos burgueses não pretendem ser santificados ou eternizados. Tudo isso são coisas convencionais, e eu nunca fui um sujeito convencional. Sempre fui duro ao julgar as pessoas. Especialmente se elas pensassem bem demais de si mesmas — se fossem orgulhosas de sua inteligência ou se acreditassem que sabiam tudo sobre o Império Britânico ou sobre a Constituição dos Estados Unidos — eu as criticava, sem dó, sem margem para piedade. Então por que eu deveria pegar leve com Jay Wustrin! Ele casou com a única mulher que eu amei, e transformou a vida deles juntos numa bagunça completa.

Assim...

Estamos, hoje, os vivos, mutilados e incompletos. E, hoje, em circunstâncias estranhas — andando na limusine de um multibilionário, do tipo com janelas âmbar e uma antena de tevê em formato de bumerangue montada no porta-malas. E seguindo os restos de um velho amigo, que, durante um intervalo (duas horas), deu um jeito de escapar do túmulo.

Uma das lápides pelas quais passamos, mas que não conseguimos ver pelas janelas imunizadoras, fumês, da limusine, pode ter sido a do meu pai (minha mãe estava enterrada no Arizona). Você não esperaria que alguém com minha personalidade mostrasse devoção pela família. Eu não tinha ido ao cemitério por muitos anos.

Nas redondezas nossos vizinhos e alguns dos colegas de escola estão enterrados.

Se vou fazer alguma coisa antes que minha vez chegue, pensei, é melhor começar a me mexer.

“Foi tudo providenciado? Para Jay, digo. Se chegássemos e não tivesse uma cova esperando...”

“Ah, já foi cavada. Cuidei disso... O que realmente me deixou preocupada era que o caixão podia abrir quando estivesse sendo erguido. Pensei que o corpo podia cair.”

“Também pensei nisso”, eu disse. “Mas não tinha como acontecer. Esses caras sabem o que fazem. É rotina, e o equipamento é completo. Eles põem o caixão naquelas tiras de lona, e então o pequeno motor começa a

funcionar, e em um suave minuto o caixão está no fundo... Você parece estar pensando em algo especial, Amy.”

“Alguma coisa tipo a dança das cadeiras, como brincavam no jardim de infância”, ela disse. “Quando o piano parava, você se jogava numa cadeira vazia. Ser enterrado no túmulo do meu pai era a ideia que Jay fazia de uma coisa espirituosa.”

E como *eu* me encaixava nesse quadro? Meu cabelo preto, eriçado, raramente cortado, os lábios grossos. Sim, e essas panturrilhas côncavas que você viu tantas vezes, folheando Hokusai. Eu tinha um livro grosso com desenhos dele no meu escritório na rua Van Buren. E, mesmo assim, Amy e eu, no segundo ano do ensino médio, fizemos vários festivais de carícias, como diziam na época. Ela gostava bastante de mim na época. Nos beijávamos loucamente e nos agarrávamos. Eu afundava meu rosto na umidade almiscarada da pele de guaxinim.

“Tem uma coisa que preciso te perguntar, Harry”, disse Amy. “Vim tentando evitar, mas não posso deixar de perguntar outra vez. Nunca tive uma resposta satisfatória. Você me ouviu ou não me ouviu nas fitas?”

Segurei a respiração por alguns batimentos; depois, como o mentiroso experiente que sou, neguei novamente. Mas às vezes a verdade pega carona nas nossas melhores mentiras. Vi que ela não acreditou em mim, então passei ao que era mais importante. Disse: “Ouvir não teria mudado um sentimento que dura a vida inteira. Primeiro você casou com Berner e teve filhos com ele. Tomamos banho juntos”.

“Sim.”

“Na época Jay era casado. Você ainda era casada com Berner. Fazia só um ano que eu tinha fugido com Mary. Quando percebi, você já estava casada com Jay. Meu sentimento por você continuou o mesmo.”

“Embora também tenha havido outros homens, você quer dizer”, Amy disse.

Não. Só o homem em Nova York que a fez gritar na fita. Dos outros homens, nada foi registrado.

“Bem, a jovem no chuveiro já era uma jovem experiente.” Não quis discutir isso. Meu objetivo era deixar tudo isso para trás.

“Não teria como negar isso... Mas você me amava.”

“Depois de quarenta anos pensando nisso, a melhor descrição que pude imaginar era a de uma ‘afinidade verdadeira’.”

“Você nunca achou útil o modo como as outras pessoas falavam ou falam. Tudo tem que ser traduzido no seu próprio idioma. Mas o que torna essa afinidade ‘verdadeira’?”

“Outras mulheres podiam me fazer lembrar de você, mas só havia uma Amy verdadeira.”

“Mas o que você ouviu na fita e que me condenou era minha voz verdadeira. A sua afinidade estava gritando.”

Fiz um esforço especial para falar com suavidade, dizendo: “Bom, nós todos entendemos qual é a nossa condição. É uma era de liberação. É como um grande navio, e os passageiros estão sempre andando rapidamente para bombordo, ou fugindo apressados para estibordo, e prestes a naufragar. Nunca distribuídos de maneira igual. Neste exato momento estamos concentrados na esquerda, a bombordo. Jay foi um pioneiro na corrida da liberação. Portanto, devia ter esperado que você retaliasse.”

“É disso que falam quando comentam sobre revolução sexual? Mas e onde isso deixa você e a sua verdadeira afinidade?”

“Não sei dizer onde me deixa, mas é só isso que me importa.”

Os pensamentos dela se voltaram novamente para o túmulo comprado meio século atrás e mantido vago, reservado para Jay. Ele ficaria ao lado do pai. “Fico pensando exatamente por que ele ficava tão constrangido com a mãe.”

Eu disse: “Ele se convenceu de que as limitações dele foram herdadas dela. Ele sempre dizia: ‘Também devia ser possível se divorciar das mães’. O pai era um velho espirituoso e engraçado. O velho Wustrin tinha uma mente inquieta. Mas morreu com sessenta anos. Ela era mais resistente e morreu com oitenta. Ela era um obstáculo para Jay. Entregava o jogo dele”.

Dava para imaginar Jay Wustrin, deitado no caixão na van logo à frente, confirmando essa opinião. Ele ia ficar muito feliz de falarem dele. Ao se fazer enterrar ao lado da sogra, ele estava fazendo um gracejo. Isso fazia você pensar se ele realmente entendia o que era a morte, já que mesmo depois de morto ele tentou fazer com que se importassem com ele. Falando por mim, minha opinião era de que a eternidade jogaria no lixo todos os impulsos humanos. A eternidade faria você enjoar da existência.

“Me sinto desconfortável nesta limusine”, disse Amy. “Andar nela é parecido demais com um cortejo fúnebre. Foi a mesma coisa hoje de manhã, a caminho dos Heisinger.”

“Podemos nos livrar dela e pegar um táxi.”

Claro, a pista de pedregulhos com seus buracos não era nada para esse monstro de suavidade que passava por cima de tudo e que nos levava adiante. Você nem ouvia os pneus. Eu desejava que de algum modo minha compostura fosse tão boa quanto os amortecedores e o motor computadorizado. Todos os recursos habituais tinham me abandonado, e eu estava sentado exposto, com meu cabelo negro eriçado, bochechas grandes, e lábios grossos silenciosos. Eu tinha me treinado para não entregar nada. Nesse momento, eu estava vulneravelmente visível. Mas Amy não estava me olhando.

“Não me sinto culpada com Jay”, ela disse. “De algum modo, não sinto.”

“Acho que ele tocava as fitas para qualquer um que pudesse convencer, para mostrar que ele era homem demais para ser ferido. Mas ele estava ferido do mesmo modo.”

“Estamos parando”, disse Amy.

Agora que tínhamos chegado ao local, ela precisava sair urgentemente. Ela não esperou o chofer. Abriu rápido a porta e saiu andando pela turfa pálida de março. O casaco de pano dela estava totalmente abotoado. Fiquei pensando se ela usaria um casaco de guaxinim caso eu comprasse para ela.

Eu a segui até o novo túmulo. Tinha sido habilmente preparado. Aqui estavam novamente as tiras de lona, prontas para o caixão. Olhei para as fotos ovais colocadas nas lápides. O velho Wustrin tinha o bigode aparado

que eu lembrava, e uma gola alta fora de moda. Segurava a cabeça em um ângulo inteligente. A mãe de Jay foi fotografada em um vestido de seda, com franjas cortadas retas no rosto de boas-vindas. Venha, venham todos. Mas ela era indiferente a todo mundo. Continuava sem se importar com ninguém exceto o filho.

Ofereci a Amy meu lenço de bolso. Ela não enxugou as lágrimas mas cobriu a boca com ele.

A parte traseira da van se abriu, e o caixão foi trazido gentilmente para a frente. Para minha surpresa, o chofer se voluntariou para ajudar a carregar o caixão. Não houve orações; nenhuma cerimônia tinha sido preparada. O caixão foi posto no lugar. Um botão foi apertado, e o pequeno motor rápido, suave, sem ruídos, entrou em ação. Quando o caixão chegou ao fundo, os coveiros soltaram as tiras debaixo e pegaram as pás que estavam cravadas no solo.

Me afastei e olhei para o rosto de Amy. Ninguém mais no planeta tinha esses traços. Essa *era* a coisa mais fantástica da vida no mundo.

O caixão estava esperando para ser coberto. E a retroescavadeira rangeu e depois rugiu e se moveu rapidamente sobre a terra, imprimindo mais rastros em forma de folhas de louro atrás de si. Pegando Amy pela mão, eu disse: “Não é o melhor momento para um pedido de casamento. Mas, se é um erro, não vai ser o primeiro que cometo com você. Este é o momento para fazer o que estou fazendo, e espero que você me aceite”.



RAVELSTEIN

A la bella donna della mia mente.

*Para Janis,*

*A estrela sem a qual eu não poderia navegar.*

*E para a verdadeira Rosie.*

É estranho que os benfeitores da humanidade devam ser pessoas divertidas. Pelo menos nos Estados Unidos isso frequentemente é assim. Quem quer que deseje governar o país precisa entretê-lo. Durante a Guerra Civil as pessoas reclamavam das histórias engraçadas de Lincoln. Talvez ele percebesse que a seriedade absoluta era bem mais perigosa do que qualquer piada. Mas os críticos diziam que ele era frívolo e o próprio ministro da Guerra referiu-se a ele como um macaco.

Entre os cétricos e satiristas que moldaram os gostos e a mente da minha geração quem mais se destacou foi H. L. Mencken. Meus colegas de ensino médio, leitores da *American Mercury*, acompanhavam o julgamento de Scopes pelo relato de Mencken. Mencken era muito duro com William Jennings Bryan e o Cinturão Bíblico e o Boobus Americanus. Clarence Darrow, que defendia Scopes, representava a ciência, a modernidade e o progresso. Para Darrow e Mencken, Bryan, o homem do Criacionismo Especial, era um absurdo do Cinturão Agrícola condenado ao fracasso. Na linguagem da teoria evolucionária, Bryan era um ramo morto da árvore da vida. O padrão monetário da Prata Livre que ele defendia era uma piada. O mesmo valia para seu velho estilo de retórica congressional. O mesmo valia para os gigantescos jantares coloniais de Nebraska que ele devorava. Suas refeições, dizia Mencken, eram a sua morte. O modo como ele via a

Criação Especial foi submetido a uma extrema ridicularização no julgamento, e Bryan seguiu o caminho do pterodátilo — a desajeitada versão de uma ideia que mais tarde obteve sucesso —, os deslizantes répteis se tornaram pássaros de sangue quente que voavam e cantavam.

Enchi um caderno com citações de Mencken e depois acrescentei notas de pessoas que faziam sátira dos outros e de si mesmos como W. C. Fields ou Charlie Chaplin, Mae West, Huey Long e o senador Dirksen. Tinha até uma página sobre o senso de humor de Maquiavel. Mas não vou envolver você nas minhas especulações sobre a inteligência e a autoironia nas sociedades democráticas. Não se preocupe. Estou feliz que meu velho caderno tenha desaparecido. Não desejo vê-lo de novo. Ele vem à tona brevemente como uma espécie de nota de rodapé estendida.

Sempre tive um fraco por notas de rodapé. Para mim uma nota de rodapé inteligente ou cruel redimiu muitos textos. E percebo que agora estou usando uma longa nota de rodapé para começar a falar de um assunto sério — passando em um lance rápido para Paris, para uma cobertura no Hotel Crillon. Início de junho. Hora do café da manhã. O anfitrião é meu bom amigo professor Ravelstein, Abe Ravelstein. Minha mulher e eu, também hospedados no Crillon, temos um quarto mais abaixo, no sexto andar. Ela ainda está dormindo. Todo o andar abaixo do nosso (isso não é absolutamente relevante mas de algum modo não consigo evitar de mencionar) está sendo ocupado neste momento por Michael Jackson e sua entourage. Ele se apresenta toda noite em algum vasto auditório parisiense. Daqui a pouco os fãs franceses chegarão e uma multidão de rostos estará voltada para cima, gritando em uníssono, *Miekell Jack-sown*. Uma barreira policial mantém os fãs afastados. Dentro do sexto andar, quando você olha para baixo pela escadaria de mármore, vê os guarda-costas de Michael. Um deles está fazendo as palavras cruzadas do *Paris Herald*.

“Maravilhoso, não é, ter esse circo pop?”, disse Ravelstein. O professor estava muito feliz nesta manhã. Ele havia convencido a administração a instalá-lo nesta cobiçada suíte. Estar em Paris — no Crillon. Estar aqui finalmente com muito dinheiro. Chega dos quartos fedorentos no Dragon

Volant, ou seja lá como chamam aquilo, na Rue du Dragon; ou do Hotel de l'Academie na rue des Saints Pères de frente para a faculdade de medicina. Não há como um hotel ser mais imponente ou mais luxuoso do que o Crillon, onde as mais altas patentes norte-americanas ficaram aquarteladas durante as negociações de paz após a Primeira Guerra Mundial.

“Ótimo, não é?”, disse Ravelstein, com um de seus gestos rápidos.

Confirmei que era. Tínhamos o centro de Paris bem abaixo de nós — a place de la Concorde com o obelisco, a Orangerie, a Câmara dos Deputados, o Sena com suas pontes pomposas, palácios e jardins. É evidente que essas eram coisas ótimas de se ver, mas elas eram ainda melhores hoje pois eram mostradas da cobertura por Ravelstein, que ainda no ano passado tinha dívidas de cem mil dólares. Talvez mais. Ele costumava brincar comigo falando em seu “fundo de depreciação”.

Ele dizia: “Estou me depreciando com ele — você sabe o que o termo significa nos círculos financeiros, Chick?”.

“Fundo de depreciação? Tenho uma vaga noção.”

Antes de ele ficar rico jamais alguém havia questionado a necessidade de Ravelstein de ter ternos Armani ou malas Vuitton, charutos cubanos, impossíveis de se obter nos Estados Unidos, acessórios Dunhill, canetas Mont Blanc de ouro maciço ou cristais Baccarat ou Lalique para servir vinho — ou para que o servissem neles. Ravelstein era um desses homens grandes — grandes, não fortes — cujas mãos tremem quando há pequenas tarefas a realizar. A causa não era fraqueza mas uma imensa energia impaciente que o fazia tremer quando era descarregada.

Bem, seus amigos, colegas, pupilos e admiradores não precisavam mais colaborar para sustentar os hábitos luxuosos dele. Graças a Deus ele agora podia passar sem fazer os escambos com seus colegas de universidade envolvendo prataria Jensen, ou Spode ou Quimper. Tudo isso era coisa do passado. Agora ele era muito rico. Ele tinha levado as suas ideias a público. Ele tinha escrito um livro — difícil mas popular —, um livro espirituoso, inteligente, bélico, e tinha vendido e ainda estava vendendo em ambos os hemisférios e em ambos os lados do equador. A coisa tinha sido feita

rapidamente mas de maneira de fato honesta: sem concessões baratas, sem popularização, sem enganações, sem *apologética*, sem ares patricios. Ele tinha todo o direito de estar com a aparência que tinha agora, enquanto o garçom servia nosso café da manhã. Seu intelecto havia feito dele um milionário. Não é pouca coisa ficar rico e famoso dizendo exatamente o que você pensa — dizê-lo em suas próprias palavras, sem concessões.

Nesta manhã Ravelstein usava um quimono azul e branco. Era um presente que ele tinha ganhado no Japão, quando fez uma palestra lá no ano passado. Tinham perguntado a ele o que o agradaria especialmente e ele disse que gostaria de um quimono. Esse, apropriado para um xogum, deve ter sido feito sob encomenda. Ele era muito alto. Não era especialmente gracioso. A grande peça de roupa estava frouxamente presa pelo cinto e aberta até mais da metade. As pernas dele eram incomumente longas, e não muito bem talhadas. Sua roupa de baixo não estava firmemente segura no lugar.

“O garçom me contou que Michael Jackson não come a comida do Crillon”, ele disse. “O cozinheiro viaja para todo lugar com ele em um avião particular. O fato é que o chef do Crillon está furioso. A comida dele era boa o suficiente para Richard Nixon e Henry Kissinger, ele diz, e também para uma quantidade imensa de xás, reis, generais e primeiros-ministros. Mas esse pequeno macaco glamoroso se recusa a comer. Não tem alguma coisa na Bíblia sobre reis aleijados vivendo debaixo das mesas dos conquistadores — comendo o que cai no chão?”

“Acho que tem. Lembro que os polegares deles tinham sido cortados. Mas o que isso tem a ver com o Crillon ou com Michael Jackson?”

Abe riu e disse que não tinha certeza. Era só uma coisa que tinha passado pela cabeça dele. Aqui em cima, as vozes agudas dos fãs, adolescentes parisienses — meninos e meninas gritando em uníssono — se somavam aos barulhos dos ônibus, caminhões e táxis.

Esse show histórico era nosso pano de fundo. Nós estávamos tendo bons momentos tomando café. Ravelstein estava de bom humor. No entanto, nós falávamos baixo porque Nikki, o acompanhante de Abe, ainda estava

dormindo. Era hábito de Nikki, nos Estados Unidos, ver filmes de kung fu feitos na sua Cingapura natal até quatro da manhã. Aqui também ele ficava acordado a maior parte da noite. O garçom tinha fechado as portas de correr para que o sono tranquilo de Nikki não fosse perturbado. Eu olhava de relance pela janela de vez em quando e via seus braços roliços e as longas camadas móveis de cabelos negros que chegavam até os ombros lustrosos. Com pouco mais de trinta anos, o belo Nikki ainda parecia um menino.

O garçom tinha entrado com morangos silvestres, brioches, potes de geleia, e pequenos potes daquilo que eu vim a chamar de prataria de hotel. Ravelstein rabiscou seu nome de qualquer jeito na conta enquanto punha um pedaço de pão na boca. Eu era o sujeito que comia dentro da etiqueta. Ravelstein quando estava comendo e falando fazia você perceber que tinha uma coisa biológica acontecendo, que ele estava abastecendo seu sistema e nutrindo suas ideias.

Nessa manhã ele estava de novo insistindo que eu fizesse mais coisas públicas, que abandonasse a vida privada e me interessasse pela “vida pública, pela política”, para usar as palavras dele. Ele queria que eu visse como me saía em uma biografia, e eu tinha concordado em tentar. A pedido dele, eu tinha escrito um breve relato sobre a descrição que J. M. Keynes havia feito das discussões relativas às reparações alemãs e sobre a suspensão do bloqueio dos Aliados em 1919. Ravelstein tinha gostado do que eu tinha feito mas ainda não estava totalmente satisfeito. Ele achava que eu tinha um problema retórico. Eu dizia que colocar ênfase demais nos fatos literais reduzia o interesse mais amplo do projeto.

Eu talvez também tenha dito o seguinte: tive um professor de inglês no ensino médio chamado Morford (“Morford Maluco”, como a gente dizia) que nos fazia ler o ensaio de Macaulay sobre o *Johnson* de Boswell. Se tinha sido ideia do próprio Morford ou se era parte do currículo estabelecido pela Secretaria de Educação, não sei dizer. O ensaio de Macaulay, encomendado no século XIX pela *Encyclopedia Britannica*, tinha sido publicado em um livro didático norte-americano numa edição da Riverside Press. Ler esse ensaio me deixou apaixonado pelo estilo

exagerado dele. Macaulay me empolgava com a versão *dele* da *Vida*, com o caráter tortuoso da mente de Johnson. Desde então li muitas críticas sóbrias aos excessos vitorianos de Macaulay. Mas nunca me curei — nunca quis ser curado de minha fraqueza por Macaulay. Graças a ele ainda vejo o pobre Johnson convulsivo tocando cada poste de iluminação pública na rua e comendo carne estragada e pudins azedados.

Qual estilo adotar ao escrever uma biografia se tornou um problema. Havia o exemplo do próprio Johnson na biografia de seu amigo Richard Savage. Havia Plutarco, é claro. Quando mencionei Plutarco para um estudioso de grego, ele o desprezou como sendo “um mero *litterateur*”. Mas sem Plutarco *Antônio e Cleópatra* teria sido escrita?

A seguir pensei nas *Vidas breves* de Aubrey.

Mas não vou repassar a lista inteira.

Tentei descrever o sr. Morford para Ravelstein: Morford Maluco nunca estava totalmente bêbado em sala de aula, mas era evidente que ele bebia — ele tinha o rosto vermelho de um beberrão. Usava o mesmo terno de liquidação todos os dias. Ele não queria conhecer você, não queria que você o conhecesse. O olhar azul alcoólico abstrato dele nunca se dirigia a ninguém. Debaixo da sobrancelha desordenada ele fixava o olhar só nas paredes, para fora das janelas, no livro que estava lendo. O *Johnson* de Macaulay e o *Hamlet* de Shakespeare foram os dois livros que estudamos com ele naquele ano. Johnson, apesar da escrúfula, de seu jeito grosseiro, da hidropsia, tinha amizades, escrevia seus livros do mesmo jeito que Morford dava suas aulas, nos ouvia recitar de memória os versos “Como me parecem fúteis, fastidiosos, banais e vãos os costumes deste mundo”. A cabeça austera dele, com os cabelos curtos, o rosto ardente, a mão cerrada atrás das costas. Inteiramente banal e vão.

Ravelstein não estava muito interessado na descrição que eu fiz dele. Por que eu o havia convidado para ver o Morford que eu recordava? Mas Abe tinha razão em me pedir para escrever o ensaio sobre Keynes. Keynes, o poderoso economista-estadista que todos conhecem por *As consequências econômicas da paz*, enviou cartas e memorandos para seus amigos de



Bloomsbury contando suas experiências do pós-guerra, especialmente os debates sobre as reparações entre os alemães vencidos e os líderes dos Aliados — Clemenceau, Lloyd George e os americanos. Ravelstein, que não era de muitos elogios, disse que dessa vez eu tinha escrito um relato de primeira sobre as notas que Keynes escreveu para os amigos. Ravelstein achava que Hayek era melhor economista do que Keynes. E Keynes, dizia ele, tinha exagerado o rigor dos Aliados e dado vantagens para os generais alemães e, no fim das contas, para os nazistas. A Paz de Versalhes era bem menos punitiva do que devia ter sido. Os objetivos de guerra de Hitler em 1939 não eram diferentes dos objetivos do Kaiser em 1914. Mas, deixando de lado esse grave erro, Keynes tinha muitos atrativos pessoais. Educado em Eton e Cambridge, ele foi polido social e culturalmente pelo grupo de Bloomsbury. A Grande Política do seu tempo tinha feito com que ele se desenvolvesse e se aperfeiçoasse. Imagino que em sua vida pessoal ele se considerasse um uraniano — um eufemismo britânico para homossexual. Ravelstein mencionou que Keynes casou com uma bailarina russa. Também me explicou que Urano gerou Afrodite mas que ela não tinha mãe. Foi concebida pela espuma do mar. Ele dizia essas coisas não por imaginar que eu não soubesse mas porque acreditava que eu devia direcionar meus pensamentos a elas em determinado momento. Então ele me lembrava que quando Urano foi assassinado pelo titã Cronos, a semente dele se espalhou pelo mar. E isso de alguma forma tinha a ver com as reparações, ou com o fato de que os alemães que continuavam sendo alvo de bloqueio estavam passando fome naquela época.

Ravelstein, que por seus próprios motivos me levou ao ensaio sobre Keynes, lembrava melhor as passagens que descreviam a incapacidade de os banqueiros alemães de satisfazer as demandas da França e da Inglaterra. A França desejava as reservas de ouro do Kaiser; eles diziam que o ouro deveria ser entregue imediatamente. Os ingleses diziam que aceitariam receber em moedas fortes. Um dos negociadores alemães era um judeu. Lloyd George, perdendo a calma, se virou para esse homem: ele fez uma espantosa caricatura de judeu, agachado, costas arqueadas, mancando,

cuspiendo, sibilando os esses, empinando a bunda, fazendo uma paródia de um judeu andando com os pés para fora. Tudo isso foi descrito por Keynes para seus amigos intelectuais de Bloomsbury. Ravelstein não tinha os intelectuais de Bloomsbury em alta conta. Ele não gostava do estilo afetado deles, reprovava seu humor bizarro e aquilo que ele chamava de “comportamento de bichas”. Ele não podia criticá-los por fazerem fofoca, nem fazia essa crítica. Ele próprio gostava demais de fofocar para criticá-los. Mas ele dizia que eles não eram pensadores, e sim gente esnobe, e que a influência deles era pernicioso. Os espiões recrutados mais tarde na Inglaterra, durante os anos 30, pelo GPU ou pelo NKVD, tinham sido criados pelo grupo de Bloomsbury.

“Mas você se saiu bem, Chick, quanto à paródia repulsiva de um *youpin* feita por Lloyd George.”

*Youpin* é a palavra francesa para judeu.

“Obrigado”, eu disse.

“Eu não ousaria me intrometer”, disse Ravelstein. “Mas acho que você concorda que estou tentando fazer uma coisa boa para você.”

É claro que eu entendia os motivos dele. Ele queria que eu escrevesse uma biografia e ao mesmo tempo queria me resgatar dos meus hábitos perniciosos. Ele achava que eu estava preso à privacidade e que devia ser devolvido à comunidade. “Muitos anos de introspecção!”, ele costumava dizer. Eu precisava muito estar em contato com a política — não com a política local ou com a máquina política, nem mesmo com a política nacional, mas com a política como Aristóteles ou Platão entendiam o termo, enraizada em nossa natureza. Você não pode virar as costas para a sua natureza. Eu admiti para Ravelstein que ler aqueles documentos de Keynes e escrever o artigo havia sido algo como um período de férias. Voltar a me reunir com a humanidade, tomar um banho de humanidade. Há épocas em que eu preciso entrar no metrô na hora do rush ou sentar em um cinema lotado — é isso que eu quero dizer com um banho de humanidade. Assim como o gado precisa ter sal para lambar, eu às vezes preciso muito de contato físico.

“Eu tenho algumas noções nada exclusivas sobre Keynes e o Banco Mundial, sobre os acordos de Bretton Woods, e também sobre a crítica dele ao Tratado de Versalhes. Eu sei de Keynes apenas o suficiente para colocar o nome dele em palavras cruzadas”, eu disse. “Estou feliz por você ter me feito prestar atenção nesses memorandos privados. Os amigos dele de Bloomsbury devem ter ficado morrendo de curiosidade para saber o que ele estava achando da Conferência de Paz. Graças a ele, eles tinham assentos bem na beira do campo para ver aquele evento histórico. E imagino que Lytton Strachey e Virginia Woolf consideravam absolutamente imperativo ter informações privilegiadas. Eles representavam os mais altos interesses da sociedade britânica. Eles tinham o dever de saber — o dever de um artista.”

“E sobre o aspecto judaico da coisa?”, disse Ravelstein.

“Keynes não gostou muito. Você deve lembrar que o único amigo que ele fez durante a Conferência de Paz foi um membro judeu da delegação alemã.”

“Não, eles não podiam gostar muito de um homem tão comum quanto Lloyd George, aquele pessoal de Bloomsbury.”

Mas Ravelstein sabia o valor de um grupo. Ele tinha o próprio grupo. Os membros eram alunos que ele havia treinado em filosofia política e amigos de longa data. A maior parte havia sido treinada do mesmo modo como Ravelstein havia sido treinado, com o professor Davarr, e usava o vocabulário esotérico dele. Alguns dos pupilos mais velhos de Ravelstein hoje tinham cargos importantes em jornais de circulação nacional. Vários trabalhavam no Departamento de Estado. Alguns davam aulas na Escola de Guerra ou trabalhavam na equipe do Conselheiro Nacional para Assuntos de Segurança. Um deles era um protegido de Paul Nitze. Outro, um rebelde, escrevia uma coluna no *Washington Times*. Alguns eram influentes, todos eram bem informados; eles eram um grupo próximo, uma comunidade. Com eles, Ravelstein conseguia relatórios frequentes, e quando ele estava em casa passava horas ao telefone com seus discípulos. Por hábito, mantinha os segredos deles. Pelo menos não os citava por nome. Mesmo na

cobertura do Crillon hoje o telefone celular ficava preso entre os joelhos nus. O quimono japonês caía para longe das pernas, mais pálidas do que o leite. Ele tinha panturrilhas de sedentário — o osso da canela longo e o músculo da panturrilha abrupto, nada roliço. Alguns anos atrás, depois que ele teve o infarto, os médicos disseram que ele precisava fazer exercícios, por isso comprou uma roupa de ginástica cara e tênis elegantes para exercícios. Deu umas voltas na pista por uns dias e desistiu. Exercício não era a praia dele. Ele tratava o corpo como um veículo — uma moto que ele dirigia na velocidade máxima à beira do precipício do Grand Canyon.

“Não fico muito surpreso com Lloyd George”, Ravelstein disse. “Ele era um merdinha de um briguento. Ele visitou Hitler nos anos 30 e saiu de lá com uma boa impressão. Hitler era um sonho dos líderes políticos. Tudo o que ele queria que fosse feito era feito, e rápido. Sem confusão, sem agitação. Muito diferente do governo parlamentar.” Era agradável ouvir Ravelstein falar daquilo que ele chamava de Grande Política. Ele especulava frequentemente sobre Roosevelt e Churchill. Tinha um grande respeito por De Gaulle. De vez em quando se deixava empolgar. Hoje, por exemplo, ele falava da “acrimônia” de Lloyd George.

“Acrimônia é bom”, eu disse.

“Em matéria de linguagem os britânicos são muito superiores a nós. Especialmente depois que a força deles começou a se esvaír e a linguagem se tornou um dos recursos importantes deles.”

“Como a prostituta no *Hamlet* que precisa esvaziar o coração com palavras.”

Ravelstein, com sua poderosa cabeça calva, ficava confortável com afirmações grandiosas, com grandes questões, e com homens famosos, com décadas, eras, séculos. Ele estava, no entanto, familiarizado com gente do mundo do entretenimento como Mel Brooks, assim como estava familiarizado com os clássicos e podia passar da imensa tragédia de Tucídides para o Moisés interpretado por Brooks. “Ele desce do Monte Sinai com os mandamentos. Deus havia entregado vinte mas dez caem dos braços de Mel Brooks quando ele vê os filhos de Israel se rebelando em

torno do Bezerro de Ouro.” Ravelstein adorava esse tipo de entretenimento de Catskill; ele tinha um dom natural para isso.

Ele tinha gostado muito de meu texto sobre Keynes. Ele lembrou que Churchill havia chamado Keynes de um homem de inteligência clarividente — Abe adorava Churchill. Como economista, Milton Friedman era muito melhor do que os outros, mas Friedman era um fanático do livre mercado e não tinha uso para a cultura, enquanto Keynes era um homem culto e inteligente. Ele, no entanto, estava errado sobre o Tratado de Versalhes e tinha deficiências na área da política, um tema sobre o qual Ravelstein tinha uma compreensão muito especial.

O “pessoal” de Abe em Washington mantinha a linha telefônica dele tão ocupada que eu dizia que ele devia estar planejando um governo paralelo. Ele aceitava a crítica. Sorrindo como se a esquisitice fosse minha e não dele. Ele dizia: “Todos esses alunos que treinei nos últimos trinta anos ainda me procuram, e de certa forma o telefone torna possível um seminário permanente em que as questões políticas com que eles lidam no dia a dia de Washington sejam alinhadas com o Platão que eles estudaram duas ou três décadas atrás, ou com Locke, ou Rousseau, ou até com Nietzsche”.

Era muito agradável ter a aprovação de Ravelstein, e os alunos continuavam voltando a ele — homens que hoje estavam na casa dos quarenta anos, alguns dos quais tinham tido papéis significativos no comando da Guerra do Golfo, falavam com ele a toda hora. “Esses relacionamentos especiais são importantes para mim — alta prioridade.” Era tão natural que Ravelstein precisasse saber o que ocorria em Downing Street ou no Kremlim quanto tinha sido natural para Virginia Woolf querer ler o relatório privado de Keynes sobre as reparações alemãs. É possível que o ponto de vista de Ravelstein ou suas opiniões de algum modo acabassem influenciando decisões políticas, mas não era isso que importava. O que importava era que ele devia de certa maneira continuar encarregado da educação política permanente de seus antigos alunos. Ele também tinha seguidores em Paris. Pessoas que tinham feito os cursos dele

na École des Hautes Études, ao voltar de uma missão em Moscou, também ligavam para ele.

Também havia amizades sexuais e confidências íntimas. Ao lado do grande sofá de couro negro de casa onde ele recebia as chamadas havia um painel eletrônico em cujo uso ele se tornara um expert. Eu não teria conseguido operar aquilo. Eu não tinha habilidade com coisas de alta tecnologia. Mas Ravelstein, apesar das mãos trêmulas, controlava seus instrumentos como um Próspero.

Em todo caso ele não precisava mais se preocupar com as contas telefônicas.

Mas ainda estamos no alto do Hotel Crillon.

“Você tem bons instintos, Chick”, ele disse. “Uma pena você não ter tido uma dose maior de niilismo na sua formação. Você devia ter sido mais parecido com Céline com sua comédia niilista, ou farsa. A mulher desprezada dizendo para o namorado, Robinson, ‘Por que você não pode dizer “Eu te amo”? O que é que *você* tem de tão especial? Você fica de pau duro como todo mundo. *Quoi! Tu ne bondes pas?*’. Para ela, ficar de pau duro é o mesmo que amor. Mas Robinson, o niilista, leva muito a sério apenas uma única coisa, não mentir sobre as poucas, as pouquíssimas coisas que realmente importam. Ele pode tentar qualquer tipo de obscenidade mas impõe um limite no fim das contas, e essa pedinte, profundamente insultada, atira nele e o mata porque ele se nega a dizer ‘eu te amo’.”

“Será que Céline quer dizer que isso o torna autêntico?”

“Isso quer dizer que os escritores devem fazer você rir e chorar. É isso que a humanidade procura. O caso desse Robinson é uma reprise do drama medieval em que os piores e mais depravados criminosos voltam-se para a Virgem Bendita. Mas não estamos discordando. Quero que você faça comigo o que fez com Keynes, mas em escala maior. E, outra coisa, você foi gentil demais com ele. Eu não quero isso. Seja duro comigo o quanto quiser. Você não é o fofinho querido que parece ser, e ao me descrever talvez você se emancipe.”

“De quê, exatamente?”

“Do que quer que esteja controlando você — alguma espada de Dâmocles pendendo sobre você.”

“Não”, eu disse. “É a espada de *Damedíocres*.”

A conversa, se tivesse ocorrido em um restaurante, teria feito os outros frequentadores pensarem que estávamos contando piadas sexuais, fazendo brincadeiras tolas. “*Damedíocres*” era o tipo da brincadeira de que Ravelstein gostava, e ele riu como o cavalo ferido na *Guernica* de Picasso, se inclinando para trás.

O legado que Ravelstein deixava para mim era um tema — ele imaginava que estava me dando um tema, talvez o melhor que eu já tinha tido, talvez o único realmente importante para mim. Mas o que esse legado significava era que ele iria morrer antes de mim. Se fosse eu que o precedesse, ele certamente não escreveria minha biografia. Qualquer coisa maior do que uma única página a ser lida em uma cerimônia de homenagem seria impensável. E, no entanto, éramos amigos íntimos, bastante íntimos. Nós estávamos rindo da morte, e óbvio que a morte aguça o senso cômico. Mas nós rirmos juntos não significava que estávamos rindo pelas mesmas razões. O fato de que as ideias mais sérias de Ravelstein, postas em um livro, tivessem feito dele um milionário certamente era algo divertido. Foi necessário o gênio do capitalismo para transformar em mercadorias valiosas os pensamentos, as opiniões, os *ensinamentos*. Lembre-se de que Ravelstein era um professor. Ele não era um daqueles conservadores que idolatram o livre mercado. Ele tinha visões próprias sobre temas políticos e morais. Mas não estou interessado em apresentar as ideias dele. Mais do que tudo, neste momento, quero evitá-las. Quero ser breve, nesse ponto. Ele era um educador. Reunir suas ideias em um livro o tornou absurdamente rico. Ele estava gastando os dólares quase tão rápido quanto eles chegavam. Neste exato instante ele estava avaliando um contrato de cinco milhões de dólares para um novo livro. Ele também podia cobrar caro no circuito de palestras. E ele era um homem erudito afinal de contas. Isso ninguém contestava. Só um erudito podia capturar a modernidade em toda a sua complexidade e avaliar seu custo humano. Em ocasiões sociais ele podia ser esquisito, mas

quando estava sobre o tablado você via o quanto os argumentos dele eram bem fundamentados. Ficava claro demais qual era o assunto de que ele estava tratando. As pessoas entendiam que ter acesso ao ensino superior era um direito. A Casa Branca afirmava isso. Os alunos eram como os “mares lotados de cavalas”.\* A anuidade média de uma faculdade era de trinta mil dólares. Mas o que os alunos estavam aprendendo? As universidades eram permissivas, frouxas. O puritanismo de tempos anteriores tinha sido deixado para trás. O relativismo afirmava que aquilo que era certo em San Domingo era errado em Pago Pago e que os padrões morais, portanto, não eram em nada absolutos.

Ravelstein não era inimigo do prazer nem se opunha ao amor. Pelo contrário, ele entendia o amor como possivelmente a mais alta bênção da humanidade. Uma alma humana vazia de desejo era uma alma deformada, privada de seu bem maior, ferida de morte. Foi-nos oferecido um modelo biológico que dispensava a alma e ressaltava a importância do alívio orgiástico da tensão (bioestática e biodinâmica). Não pretendo explicar aqui os ensinamentos eróticos de Aristófanos e Sócrates ou da Bíblia. Para isso você deve ir ao próprio Ravelstein. Para ele Jerusalém e Atenas eram as fontes gêmeas da civilização. Jerusalém e Atenas não são a minha praia. Desejo sorte a você com elas. Mas eu era velho demais para me tornar discípulo de Ravelstein. Tudo o que preciso dizer por ora é que ele era levado muito a sério até mesmo na Casa Branca e em Downing Street. Ele foi convidado pela sra. Thatcher para fins de semana em Chequers. E o presidente também não o negligenciava. Reagan o convidou para jantar, e Ravelstein gastou uma fortuna em um traje formal, com faixa na cintura, abotoaduras de diamantes, sapatos de couro envernizado. Um colunista do *Daily News* disse que para Ravelstein dinheiro era algo que você jogava da plataforma traseira de trens em alta velocidade. Ravelstein me mostrou o recorte com gargalhadas. Ele se divertia com tudo isso. E obviamente eu não tinha os mesmos motivos para me divertir. As vastas forças hidráulicas do país não me haviam carregado como haviam feito com ele.



Embora eu fosse vários anos mais velho do que Ravelstein, nós éramos amigos íntimos. Havia algo de imaturo no meu caráter assim como havia no dele, e isso eliminava as diferenças e nos colocava num mesmo patamar. Um homem que me conhecia bem disse que eu era mais inocente do que um adulto tinha direito de ser. Como se eu tivesse escolhido ser ingênuo. Além disso, o fato é que até mesmo pessoas extremamente ingênuas sabem quais são seus próprios interesses. Mulheres muito simples compreendem quando chega a hora de estabelecer limites para um marido difícil — quando tirar o dinheiro da conta conjunta no banco. Eu não dava nenhuma atenção especial à autopreservação. Mas por sorte — ou talvez isso não seja uma sorte tão grande — esses são tempos de fartura, uma era de abundância em todas as nações civilizadas. Nunca, do ponto de vista material, populações tão grandes estiveram mais bem protegidas contra a fome e a doença. E essa liberação parcial da luta pela sobrevivência torna as pessoas ingênuas. Com isso eu quero dizer que as fantasias que elas querem ver realizadas não são contestadas. Você começa, de acordo com um pacto tácito, a aceitar os termos, invariavelmente enganosos, com que as outras pessoas se apresentam. Você abrande seu poder de crítica. Sufoca sua sagacidade. Antes que você perceba você está pagando um acordo de divórcio gigantesco para uma mulher que mais de uma vez declarou ser uma inocente que não entendia de assuntos financeiros.

Ao abordar um homem como Ravelstein, um método gradual talvez seja melhor.

Eu tinha subido até a cobertura de luxo dele nessa manhã de junho em Paris menos para discutir o ensaio biográfico que estava por fazer e mais para coletar alguns fatos sobre os pais dele e o início de sua vida. Eu não queria obter mais detalhes do que ia ser capaz de usar, e àquela altura já estava familiarizado com os pontos mais básicos da história de vida dele. Os Ravelstein eram uma família de Dayton, Ohio. A mãe, um dínamo, tinha chegado por conta própria a Johns Hopkins. O pai, que não era bem-

sucedido, era o representante local de uma organização nacional, banido em Dayton. Um pequeno homem gordo e neurótico, um pai histérico, disciplinador. O pequeno Abe, quando era punido, recebia ordens de tirar toda a roupa e apanhava com a tira que segurava as calças do pai. Abe admirava a mãe, odiava o pai, desprezava a irmã. Mas Keynes, para voltar nossos olhos a ele mais uma vez, tinha pouco a dizer sobre a história da família de Clemenceau. Clemenceau era um cínico empedernido; odiava os alemães e não confiava neles; usava luvas cinza de pelica na mesa de negociações. Mas vamos ignorar as luvas — o que eu quero dizer é que não vamos fazer psicobiografia aqui.

Nesta manhã, além do mais, Ravelstein não estava com disposição para falar dos fatos do início de sua vida.

A place de la Concorde estava perdendo o frescor matinal. O tráfego lá embaixo ainda não era grande mas o calor de junho estava se encorpando, aumentando. Sob o sol, nossas pulsações eram um pouco mais lentas. Depois de um surto inicial de sentimentos, a forte comichão no coração de uma vida justificada por uma vitória incompleta sobre muitos absurdos, tudo havia colaborado para colocar Abe Ravelstein, um acadêmico, um reles professor de filosofia política, no exato ápice de Paris entre os xeques do petróleo no Crillon, ou entre os CEOs no Ritz, ou entre os playboys no Hotel Meurice. Sob o sol, com nossa conversa fazendo pausas, ele parava ou diminuía a velocidade por alguns momentos; as sobrelhas hemisféricas se erguiam. Os lábios, prontos para falar mais, não diziam nada por um momento. Na cabeça calva você sentia que aquilo que via eram as marcas dos dedos de quem o havia moldado. Ele próprio estava momentaneamente em outro lugar; ele estava sujeito a essas intermitências. Apesar de os olhos estarem abertos, era possível que ele não visse você. Como dificilmente ele tinha uma noite ininterrupta de sono, não era incomum, em especial no calor, que ele parasse por um instante, dormitasse, apagasse, dois longos braços pendendo dos lados da cadeira e sobre as estranhas formas de seus pés desiguais. Um era três vezes maior do que o

outro. E não era apenas o sono interrompido, era a empolgação, os esforços, a tensão dos prazeres dele, da sua vida mental.

A fadiga dele nesta manhã devia-se, provavelmente, ao grandioso jantar que ele nos havia oferecido na noite anterior, uma festa extraordinária na place de la Madeleine chez Lucas-Carton. Digerir todos os pratos era algo exaustivo. O prato principal foi frango temperado com mel e assado em forno de argila. A antiga receita grega tinha sido descoberta havia pouco em um sítio arqueológico no Egeu. Jantamos esse prato delicioso sendo servidos por nada menos que quatro garçons. O *sommelier*, com o distintivo profissional em uma corrente de chaveiro, supervisionava o preenchimento das taças. Para cada prato havia um vinho adequado, enquanto outros garçons trabalhavam como acrobatas para trocar os pratos e a prataria. Ravelstein parecia tremendamente feliz, rindo e gaguejando, como fazia sempre que estava empolgado — começando cada oração de suas longas frases com “É-ah, é-ah, é-ah, essa é a melhor cozinha da Europa. É-ah, é-ah Chick é muito cético quando se trata dos franceses. Ele, é-ah, pensa que a culinária é tudo o que eles têm para mostrar desde a desonra de é-ah é-ah 1940 quando Hitler fez sua dança da vitória. Chick vê *la France pourrie* em Sartre, no ódio aos Estados Unidos, é-ah e na adoração do stalinismo e na filosofia e na teoria linguística. É-ah hermenêutica — ele diz que a *harmonêutica* são pequenos sanduíches comidos por músicos durante o intervalo. Mas você tem que admitir que não se arranja uma refeição como essa em nenhum outro lugar. Veja como Rosamund está brilhando. Eis uma mulher que sabe apreciar comida excelente e é-ah é-ah é-ah apresentação do *restaurateur*. Nikki também, ele também é um bom juiz de culinária — você não pode negar isso, Chick”.

Não, eu não negaria. Nikki estava treinando em uma escola suíça de hotelaria. Não posso dizer mais do que isso por não ser a pessoa ideal para me lembrar dos detalhes, mas Nikki era reconhecido como maître. Ele ficou prestes a gargalhar quando desfilou para Ravelstein e para mim o fraque do seu posto e encarnou a dignidade da profissão.

O jantar de hoje era em minha homenagem. Era a maneira de Ravelstein de agradecer seu amigo Chick pelo apoio dado para que ele escrevesse seu best-seller. A ideia do projeto como um todo, ele dizia, tinha sido minha desde o princípio. O livro nunca teria sido escrito se eu não o tivesse incitado a fazê-lo. Abe sempre reconhecia isso com generosidade — “Foi Chick quem insistiu que eu fizesse isso”.

Existe um paralelo entre o fenômeno da pobreza no coração das metrópoles e a desordem mental dos Estados Unidos, o vencedor da Guerra Fria, a única superpotência remanescente. Essa é uma maneira de reduzir tudo à essência. Era isso que os livros e os artigos de Ravelstein tinham para nos dizer. Ele levava você da antiguidade ao Iluminismo, e depois — por meio de Locke, Montesquieu, e Rousseau passando por Nietzsche, Heidegger — até o presente, os Estados Unidos corporativos, de alta tecnologia, sua cultura e seus entretenimentos, sua imprensa, seu sistema educacional, seus *think tanks*, sua política. Ele oferecia a você um retrato dessa democracia de massas e de seu — lamentável — produto humano característico. Em sala, e as aulas estavam sempre lotadas, ele tossia, gaguejava, fumava, berrava, ria, era aplaudido de pé pelos alunos e debatia com eles, provocava-os para combates individuais, examinava-os, derrotava-os. Ele não perguntava: “Onde você vai passar a eternidade?” como fazem os religiosos com placas de o-fim-está-próximo mas sim: “Com o que, nesta democracia moderna, você satisfará as demandas da sua alma?”.

Esse dândi alto em ternos de risca de giz com sua cabeça calva (você sempre achava que havia algo de perigoso na sua brancura, na sua força branca, em seu relevo) não subia ao tablado para entediar você com tolices sobre a ordem correta das épocas (a Era da Fé, a Era da Razão, a Revolução Romântica), nem se apresentava como um acadêmico, ou como um rebelde do campus que incentivava comportamento revolucionário. As greves e as ocupações de campi dos anos 70 haviam feito o país retroceder de maneira significativa, ele dizia. Ele não tentava conquistar os alunos criando um clima de conversa informal ou tentando escandalizá-los — entretê-los, na

verdade, como palestrantes histriônicos fazem — gritando “Merda” ou “Foda!” Ele não tinha absolutamente nada do gênero selvagem do campus. As fragilidades dele eram visíveis. Ele sabia de maneira obsessiva o que era naufragar por causa dos próprios erros e falhas. Mas antes de ele naufragar ele iria descrever a Caverna de Platão para você. Ele falaria sobre a sua alma, já minguada, e encolhendo rapidamente — cada vez mais rapidamente.

Ele atraía alunos talentosos. As aulas sempre estavam cheias. E isso me fez pensar que ele só tinha que pôr no papel o que estava fazendo *viva voce*. Seria a coisa mais fácil do mundo para Ravelstein escrever um livro popular.

Além disso, para ser totalmente sincero, eu estava cansado de ouvi-lo falando sobre seu salário insatisfatório, do hábito bizantino de tomar empréstimos, e dos acordos e arranjos que ele fazia penhorando seus tesouros, seu bule Jensen ou os pratos antigos Quimper. Depois de acompanhar, mais com exasperação do que com interesse, a história do belo bule Jensen por cinco anos nas mãos de Cecil Moers, um dos orientandos de doutorado dele, dado como garantia por um empréstimo de cinco mil dólares (e finalmente vendido por esse doutor por 10 mil dólares para algum comerciante), eu disse: “Por quanto tempo você espera que eu aguente essa disputa chata, esse bule chato, e todos os seus outros artigos chatos de luxo? Olha, Abe, se você está vivendo acima de suas possibilidades, um aristocrata em dificuldades vitimizado pela própria necessidade de possuir objetos bonitos, por que você não aumenta a sua receita?”.

Ao ouvir isso, eu me lembro, Ravelstein pôs ambas as mãos em ambas as orelhas. As mãos eram belas, as orelhas eram brutas. “O quê — será que devo me inscrever em um serviço de acompanhantes?”

“Bem, você não é exatamente um dançarino. Você poderia ser contratado como alguém para conversar à mesa durante o jantar. Mais ou menos mil dólares por noite... Não, o que eu imaginei para você é um livro. Você poderia basear um livro popular em suas anotações de aula.”

“Sei”, ele disse. “Como o pobre Vigário Adams de Fielding que vai para Londres para fazer com que seus sermões sejam impressos. O vigário precisava de dinheiro, e não tinha nada para vender exceto os seus sermões. Ele tinha os sermões por escrito. Eu nem tenho anotações. O conselho que você está me dando, Chick, é o conselho de um autor bastante publicado. Você me lembra Dwight Macdonald. Ele disse para Venetsky, um de seus amigos, que estava quebrado — absolutamente desesperado por dinheiro — ‘Se você está nesse aperto, Venetsky, por que você não vende um de seus títulos. Sempre dá para fazer isso.’ Nunca passou pela cabeça dele que Venetsky não *tinha* títulos. Quem tinha eram os Macdonald. Os Venetsky não tinham.”

“Isso é Macdonald sendo Marie Antoinette.”

“Sim!”, Ravelstein gritou, rindo. “É a velha piada da depressão sobre o vagabundo que encontra uma velha senhora rica e diz: ‘Madame, eu não comi nada nos últimos três dias’. ‘Ó pobre homem, você precisa se forçar a comer’, ela diz.”

“Não vejo como você poderia se dar mal”, eu disse a Ravelstein. “Só o que tem de fazer é preparar uma proposta. No mínimo você pode receber um pequeno adiantamento. Não tem como ser menos de dois mil e quinhentos dólares. Eu arrisco que seria algo mais perto de cinco mil. Mesmo se você nunca escreva uma palavra do livro que propuser, vai pagar uma parte das dívidas e retomar sua capacidade de empréstimo. Tem como você sair perdendo?”

Ele agarrou a oportunidade. Dar um calote de alguns milhares de dólares em um editor e ao mesmo tempo ficar liberado para fazer negócios era algo tremendamente atraente. O esboço que ele fez era absolutamente trivial. Mas ele não esperava que minha ideia utópica desse em nada. Ele tinha se acostumado ao teatro de pequenas intrigas em que podia de maneira irônica e satírica exagerar e reafirmar sua excepcional estatura e o seu excepcional alcance. Assim, o esboço foi preparado e enviado, um contrato foi assinado, o adiantamento foi pago. O inestimável bule de prata Jensen tinha sido perdido para sempre, mas a linha de crédito de Ravelstein foi reaberta. Ele

enviou dinheiro para Nikki em Genebra, e Nikki comprou um novo terno Gianfranco Ferre. Nikki tinha os instintos de um príncipe, e se vestia como um — em Nikki, Ravelstein via um jovem brilhante que tinha todo o direito de se afirmar. Não era uma questão de estilo ou de autoapresentação. Estamos falando da natureza de um jovem e não de suas estratégias.

Para surpresa dele mesmo, Abe Ravelstein se viu escrevendo o livro que tinha sido contratado para escrever. A surpresa foi geral entre os amigos dele e as três ou quatro gerações de alunos que ele havia treinado. Alguns não aprovaram a ideia. Eles se opunham àquilo que viam como a popularização, ou a banalização, das ideias dele. Mas ensinar, mesmo se você está ensinando Platão ou Lucrécio ou Maquiavel ou Bacon ou Hobbes, é um tipo de popularização. Os produtos de suas grandes mentes têm sido impressos há séculos e estão acessíveis a um grande público que não enxerga seus significados esotéricos. Porque todos os grandes textos têm significados esotéricos, segundo ele acreditava e ensinava. Isso, penso eu, tem de ser mencionado, mas não mais que mencionado. O mais simples dos seres humanos é, nesse sentido, esotérico e radicalmente misterioso.

Mais um detalhe estranho daquela noite no Lucas-Carton. A noite se encerrou com um vinho após o jantar. Nós tínhamos chegado ao estuário do banquete e mais uma vez encarávamos o golfo de uma refeição comum. Ravelstein sacou seu talão de cheques francês. Nunca antes ele tinha tido uma conta bancária em Paris. Por muitos anos ele tinha sido um turista ou um adorador de nível mediano da civilização francesa — mas debaixo de uma nuvem orçamentária — desejando viver a boa vida, mas quebrado. Do nosso lado do Atlântico havia uma sombra paralela a essa. Como judeu você é também um americano, mas de algum modo você também não é. Imagine, no entanto, pôr a mão no bolso para deixar uma grande gorjeta senhorial e encontrar pouco mais do que pedaços de tecido ao longo da costura. Mas Ravelstein, com sua mão trêmula, preencheu o cheque desta noite em êxtase. O garçom havia trazido um prato de trufas de chocolate com a conta e Ravelstein achou hilário ver Rosamund abrir a bolsa e embrulhar os pequenos e pontiagudos pedaços de chocolate cobertos com

pó de cacau. “Peguem! Peguem todos eles!”, disse Ravelstein, o comediante judeu. “São suvenires comestíveis. Cada um que você comer vai levar você de volta a este banquete. Você pode escrever no seu diário e lembrar como foi corajosa e avançada, jogando essas trufas na sua bolsa.”

Ravelstein admirava as pessoas quando elas ultrapassavam os limites. Mais tarde, ocasionalmente ele dizia para Rosamund: “Não me venha com essa pose de moça bem-criada, de guardanapo de rendinha. Eu vi você metendo a mão naqueles chocolates no Lucas-Carton”. O fato é que ele gostava de pequenos delitos e de maus comportamentos. Logo abaixo da superfície de suas preferências sempre havia ideias para se descobrir. Nesse exemplo a ideia era de que uma conduta constantemente boa era um péssimo sinal. O próprio Ravelstein, além disso, tinha um fraco por guloseimas — que ele chamava de *friandise*. No caminho do trabalho para casa era comum ele parar na panificadora para comprar um saco de doces. Ele se empanturrava com gelatinas de frutas cheias de açúcar, de preferência biscoitinhos em formato de meia-lua com sabor de limão.

O fato de Rosamund ter pegado as trufas tinha um apelo especial por ela ser uma mulher muito bonita, bem-criada, educada e inteligente. Ele gostava do fato de que ela tivesse se apaixonado por um velho como eu. “Há um tipo de mulher que naturalmente gosta de homens velhos”, ele dizia. Como eu já disse, ele era atraído por comportamento irregular. Especialmente quando o motivo era o amor. Ele tinha o desejo em alta consideração. Ao procurar o amor, ao se apaixonar, você estava em busca da outra metade que havia perdido, como disse Aristófanes. Só que não foi Aristófanes, mas Platão em um discurso atribuído a Aristófanes. No princípio os homens e as mulheres eram redondos como o Sol e a Lua, eram tanto machos como fêmeas e tinham dois conjuntos de órgãos sexuais. Em alguns casos ambos os órgãos eram masculinos. Isso era o que dizia o mito. Eles eram seres orgulhosos e autossuficientes. Desafiaram os deuses olímpicos que os puniram dividindo-os em duas metades. Essa foi a mutilação sofrida pela humanidade. Por isso geração após geração



buscamos a metade que nos falta, desejando nos tornarmos novamente inteiros.

Eu não era nenhum acadêmico. Como todos os alunos da minha geração, ou a maior parte deles, tinha lido *O banquete* de Platão. Entretenimento delicioso, eu achava. Mas Ravelstein me fez voltar a ele. Não exatamente *me fez* voltar. Mas se você estava sempre na companhia dele, você precisava voltar ao *Banquete* repetidas vezes. Ser humano era ser decepado, mutilado. O homem era incompleto. Zeus é um tirano. O Monte Olimpo é uma tirania. O trabalho da humanidade em seu estado de mutilação é buscar a metade que falta. E depois de tantas gerações você simplesmente não tinha como encontrar a sua metade exata. Eros é uma compensação oferecida por Zeus — possivelmente por razões políticas que diziam respeito a ele próprio. E a busca por sua metade perdida é algo insolúvel. O enlace sexual oferece um autoesquecimento momentâneo mas a dolorosa consciência da mutilação é permanente.

De todo modo, tinha acabado de passar de meia-noite quando ele se levantou para ir embora. Do outro lado da rua havia uma vitrine brilhante com orquídeas. Fomos atraídos pelas luzes e pelas cores da floricultura e atravessamos a rua vazia. Havia uma abertura vertical na placa de vidro — duas linhas com acabamento em metal — para deixar que o odor das flores chegasse ao monóxido de carbono da place de la Madeleine. Mais sedução francesa. As prostitutas tinham o costume de se reunir em frente à grande igreja, onde todos os funerais de autoridades são realizados. Ravelstein me lembrou desse fato.

Eis o que era Ravelstein. Se você não soubesse isso sobre ele, não tinha como você saber nada sobre ele. Sem seus desejos a sua alma era uma boia usada que talvez servisse para passar um verão na praia, nada mais. Homens e mulheres corajosos, sobretudo os jovens, dedicavam-se à busca do amor. Por outro lado, o burguês era dominado pelo medo de uma morte violenta. Da forma mais breve possível, esse é um esboço das preocupações mais importantes de Ravelstein.

Sinto que sou injusto com ele falando de maneira tão simplista. Ele era muito complexo. Será que ele realmente compartilhava da visão (atribuída por Sócrates a Aristófanes) de que estamos procurando nossa outra metade? Nada o tocava mais do que um exemplo genuíno dessa busca. Além disso, ele sempre estava em busca de sinais dessa busca em todos os que conhecia. Naturalmente os alunos estavam incluídos nisso. Esquisito que um professor pense nos garotos que assistem a suas aulas como atores desse atordoante e eterno drama. A primeira coisa que ele fazia quando eles chegavam era ordenar que esquecessem suas famílias. Os pais eram comerciantes em Crawfordsville, Indiana, ou em Pontiac, Illinois. Os filhos tinham longas e difíceis lições sobre *A história da Guerra do Peloponeso*, sobre *O banquete*, e o *Fedro*, e não achavam nem um pouco estranho que logo estivessem mais familiarizados com Nícias e Alcibíades do que com a carroça de leite ou com a loja de dez centavos. Pouco a pouco, Ravelstein também fazia os alunos confiarem nele. Eles contavam suas histórias para ele. Não escondiam nada. Era impressionante o quanto Ravelstein sabia deles. Em parte era a paixão dele pela fofoca que o levava a coletar a informação que desejava ter. Ele não apenas treinava seus alunos, ele os formava, ele os distribuía em grupos e subgrupos e os dividia em categorias sexuais, como considerava adequado. Alguns se tornariam maridos e pais, alguns escapariam ao padrão — os regulares, os irregulares, os profundos, os divertidos, os jogadores, os especuladores; os acadêmicos inatos, os que tinham um dom para a filosofia; amantes, impassíveis, burocratas, narcisistas, mulherengos. Ele pensava bastante em tudo isso. Ele havia odiado a própria família e a deixou para trás. Ele dizia aos alunos que eles precisavam ir à universidade para aprender algo, e que isso significava que precisavam se libertar das opiniões de seus pais. Ele iria levá-los a uma vida superior, cheia de variedade e diversidade, governada pela racionalidade — algo bem distante de uma vida árida. Se tivessem sorte, se fossem brilhantes e estivessem dispostos, Ravelstein daria a eles o maior presente que podiam esperar receber e os guiaria no estudo de Platão, iria apresentá-los aos segredos esotéricos de Maimônides, ensinaria a eles a interpretação correta

de Maquiavel, faria com que conhecessem a humanidade superior de Shakespeare — chegando a Nietzsche e indo além dele. Não era um programa acadêmico o que ele oferecia — era algo mais livre do que isso. E no geral o programa era eficaz. Nenhum dos alunos se tornou alguém do escopo de Ravelstein. Mas a maior parte deles era altamente inteligente e singular de uma maneira bastante satisfatória. Ele queria que eles fossem singulares. Ele adorava os alunos mais excêntricos — eles nunca eram excêntricos o suficiente para Ravelstein. Mas, evidentemente, eles precisavam conhecer aquilo que era fundamental, e conhecer diabolicamente bem. “*Esse aí não é esquisito?*”, ele dizia sobre um ou outro dos alunos. “Você recebeu uma cópia do artigo mais recente dele — ‘Historicismo e Filosofia’? Eu disse a ele para colocar no seu escaninho.”

Eu tinha dado uma olhada. Tinha me deixado com a sensação de uma formiga que se prepara para cruzar os Andes.

Ravelstein incitava os garotos a se livrar dos pais. Mas na comunidade que eles formavam, o papel dele se tornava, pouco a pouco, o de um pai. É claro, se eles não se mostrassem capazes ele não hesitava em pô-los para fora. Mas quando eles se tornavam íntimos ele planejava o futuro deles. Ele me dizia: “Ali é dos mais espertos. Você aprova a menina irlandesa com quem ele está morando?”

“Bom, eu não a conheci muito. Ela parece brilhante.”

“Brilhante é só o começo. Ela desistiu de fazer carreira no Direito para estudar comigo. Ela também tem um par de peitos incrível. Ela e Ali moram juntos faz uns cinco anos.”

“Então ela fez um investimento legítimo nele.”

“Entendo o que você quer dizer. Embora você faça ele parecer um pedaço de terra. E lembre que ele é muçulmano. A família egípcia dele é uma verdadeira pirâmide humana... Sabe?” Ele ficava pensando se era incomum que muçulmanos se apaixonassem. Amor passional era o interesse permanente dele. Mas, no Oriente Médio, o costume ainda era o de casamentos arranjados. “Mesmo assim, Edna, sozinha, ganha de qualquer pirâmide.” Ele também tinha estudado Edna. Ele pensava bastante

nos casais formados pelos alunos. “Ela é profunda, evidentemente, e também muito bonita.”

Como eu disse, ele tinha planejado discutir hoje a biografia que eu ia escrever, mas não era um dia apropriado para detalhes biográficos. “Acaba de me ocorrer”, disse Abe, “que não quero falar de novo dos primeiros tempos — da minha mãe eficiente que estudou na Johns Hopkins, primeira da classe. E meu pai estúpido me desprezando porque não entrei na Phi Beta Kappa. Nas disciplinas importantes eu tinha as notas mais altas. Nas disciplinas obrigatórias tirar Bs e Cs estava de bom tamanho. Mesmo assim, não importava o quanto eu me saísse bem — que tivesse sido convidado para fazer palestras em Yale ou em Harvard —, meu pai até o fim me jogou na cara que eu não tinha entrado na Phi Beta K. A cabeça dele era como um pântano da Geórgia — um Okefenokee com lâmpadas neuróticas piscando sobre ele. É claro que ele era um fracasso, mas com algum mérito oculto — tão bem enterrado que nunca mais foi possível encontrar.”

Então Ravelstein parou e disse: “Acho que hoje prefiro aproveitar a manhã para passear pela Rue St. Honoré...”

“Ou o que restou da manhã.”

“Rosamund vai continuar dormindo. Nós a deixamos exausta com o glamour da noite passada — uma bela dama em um jantar com três homens desejáveis. Antes da uma da tarde você só ia ser um incômodo para a sua mulher. Quero o seu conselho sobre um blazer na Lanvin. Eu disse para o vendedor que daria uma passada pela manhã. Estou meio sedado hoje — agora mesmo estava cabeceando. Ficar neste torpor é algo que realmente me desagrada...”

Saímos da cobertura. O momento foi bem escolhido porque vários andares abaixo o elevador parou e Michael Jackson e seu pessoal entraram. Lá estava ele em um de seus trajes com lantejoulas, dourado sobre negro — uma roupa justa. Os cachos estavam bem cuidados e o leve sorriso parecia puro. Mesmo tentando se controlar, você estudava o rosto dele em busca de sinais de cirurgia plástica. Me pareceu que ele tinha um aspecto

melancólico de transição. Meninos prodígio se tornando pó, como limpadores de chaminés.

Ravelstein, que era tão alto quanto qualquer um dos guarda-costas — até mesmo mais alto mas certamente não tão forte — adorou esse breve momento de contato. Ele era assim — o prazer de um momento o consumia.

No térreo, os guardas abriram caminho para Jackson como se estivessem nadando, fazendo braçadas de peito. Havia muitas pessoas no saguão. A multidão estava do lado de fora, na rua atrás da barreira policial. Mas fomos prensados uns contra os outros e mantidos atrás de cordas trançadas douradas. O astro saiu delicadamente acenando para as centenas de groupies que gritavam. Abe Ravelstein não se importou nem um pouco de ficar atrás das cordas. Paris era hoje o que Paris deveria ser. Os reis que haviam erguido Versalhes instruíram os arquitetos a construir os magníficos espaços públicos da capital. Hoje, eles eram o cenário para Ravelstein. Ele era o aristocrata dentro da nova ordem das coisas, carregando seu cartão de crédito e seus cheques, disposto a gastar seus dólares — se houvesse um hotel melhor do que o Crillon, Abe teria ido para lá. Nessa época, Ravelstein era um homem magnânimo. As contas eram pagas com cartão de crédito e cobradas de sua conta no Merrill Lynch. Ravelstein raramente conferia os extratos. De tempos em tempos, Nikki, que nem deveria fazer isso, dava uma olhada. O único objetivo dele era proteger Abe. Foi graças a Nikki que um grande vigarista de Cingapura acabou sendo pego. Alguém lá havia usado o cartão Visa de Abe para pagar uma conta de trinta mil dólares. “A assinatura era uma falsificação grosseira”, disse Abe, que não ficou muito chateado. “A Visa deu um jeito na situação. Trapaceiros eletrônicos internacionais estão em alta. Os vigaristas descobrem jeitos de estar um passo à frente da tecnologia como se fossem bactérias inventivas que derrotam produtos farmacêuticos, enquanto os sagazes pesquisadores no laboratório pensam em como podem ficar um passo à frente. Pequenos gênios de campi levando a melhor sobre o Pentágono.”

Na Rue St. Honoré, Ravelstein estava perfeitamente feliz. Íamos de vitrine em vitrine.

A palavra francesa para ficar vendo vitrines é *lèche-vitrines* — lambe o vidro. Para isso é preciso ter todo o tempo à disposição, e o nosso desjejum tinha gastado a maior parte da manhã. Mesmo assim nos demoramos nas vitrines de meias e gravatas e de camisas feitas sob encomenda. Depois andamos um pouco mais rápido. Eu disse a Abe que essas vitrines de luxo me deixavam tenso. Atrações demais. Eu me incomodava em ficar sendo puxado para todo lado.

“Eu percebi”, disse Ravelstein, “que desde que você casou o seu padrão para roupas caiu. Você já foi quase um dândi.”

Ele disse isso como quem está desapontado. De tempos em tempos ele me comprava uma gravata — nunca uma que eu mesmo iria escolher para mim. Essas gravatas-presente eram meio como uma crítica, para me lembrar de que eu estava deixando de ser elegante. Mas não era só isso. Ravelstein era um homem maior do que eu. Ele era capaz de fazer afirmações bombásticas. Por causa de seu tamanho, ele podia usar roupas com efeito dramático maior. Eu jamais sonharia em negar isso. Para ser realmente bonito um homem tem que ser alto. Um herói trágico tem de ser mais alto do que a média. Eu não lia Aristóteles havia muito tempo mas isso eu me lembrava da *Poética*.

Na Rue St. Honoré, cheia do glamour da história e da política francesa — com todas as pretensões da civilização francesa —, o que me veio à cabeça foi aquele velho número de teatro de revista chamado *O homem que quebrou a banca em Monte Carlo*. Vê-se um flâneur que passeia pelo Bois de Boulogne com um ar independente. E ele é afável. E é claro que as pessoas olham.

As coisas não chegam a acontecer se não acontecem em Paris, ou se Paris não fica sabendo. Aquela velha fornalha em erupção, Balzac, estabeleceu que isso era um princípio. O que Paris não havia examinado nem mesmo existia.

É claro que Ravelstein conhecia demais o mundo moderno para concordar com isso. Ravelstein, lembre-se, era o homem no posto de comando privado de telefones com teclados complexos e luzes piscando e um som de última geração tocando Palestrina com instrumentos originais. A França, que pena, não era mais o centro do julgamento, das luzes. A França não era o lar do ciberespaço. Não atraía mais os grandes intelectos do mundo e todo o resto do *schtuss* cultural. A França tinha *tido* sua época. De Gaulle, a girafa humana bufando. Churchill dizendo sobre ele que a ofensa da Inglaterra tinha sido ajudar *la France*. A imponente criatura militar observando a copa das árvores do mundo moderno não podia aceitar a ideia de que seu país precisava de ajuda.

A mente de Abe nunca ficava sem citações para preencher as lacunas ou para documentar a época. “‘A França sem um exército não é a França’ — Churchill de novo.” O meu gosto para conversas era parecido. Eu não conseguia fazer o mesmo, mas adorava ouvir quem conseguia. Ravelstein era infinitamente melhor nisso. Ele tinha um interesse especial pela Grande Política. Nesse sentido, é claro, a França hoje estava falida. Só restava o hábito, e eles faziam o máximo que podiam com isso mas estavam blefando, e sabiam que estavam falando bobagem. O que eles ainda sabiam fazer bem eram as artes da intimidade. A comida ainda era ótima — por exemplo, o banquete da noite passada no Lucas-Carton. Em cada *quartier*, os mercados de produtos frescos, as boas padarias, a *charcuterie* com seus frios. E as grandes vitrines de roupas íntimas. O amor sem culpa pela boa cama. “*Viens, viens dans mes bras, je te donne du chocolate.*” Era maravilhoso ser tão público sobre as coisas privadas, sobre as criaturas vivas e suas necessidades. Revistas luxuosas em Nova York imitavam isso, mas nunca conseguiam fazer igual... Sim, e havia a vida nas ruas da França. “Noventa por cento das ruas residenciais americanas são humanamente vazias. Aqui a humanidade continua agindo”, dizia Ravelstein.

Ravelstein, o pecador, tinha um gosto por transgressões sexuais. Ele gostava de encontros *louche*, do duvidoso e do ambíguo. Para certos tipos de conduta, ou de má conduta, Paris ainda era o melhor lugar. Se

Ravelstein, andando, sorrindo, explicando, gaguejava, não era por fraqueza, mas por superabundância. A famosa luz de Paris se concentrava em sua cabeça calva.

“Esse lugar aonde estamos indo é muito longe?”

“Não seja impaciente, Chick. Você me faz achar que sempre tem algo mais importante para fazer do que o que você está fazendo agora.”

Não me defendi — nem tentei. Nosso destino, Lanvin, ficava perto mas nos detínhamos *en route* por várias lojas. Óticas sempre faziam Ravelstein parar. Ele conhecia todo tipo de armação. Nisso ele não estava sozinho. De acordo com uma pesquisa, a mulher americana média tem três pares de óculos de sol. “Ah, a razão e não a necessidade” — o argumento do pobre Lear contra o supérfluo. Abe adorava óculos; ele também comprava para dar de presente. Ele me deu um do tipo que dobra e que cabe num pequeno estojo feito para pôr num bolso externo. Ele jurou nunca mais usar lentes depois de ter perdido uma num molho de espaguete enquanto cozinhava. Rosamund e eu tínhamos sido convidados por ele para o jantar naquela noite, e surgiram piadas sobre um novo tipo de visão retrospectiva. — Ou será que lentes de contato podiam ser digeridas por humanos? Assim como diziam que avestruzes digeriam ferro.

“O que esse blazer da Lanvin tem que os seus vinte outros blazers não têm?”, eu queria dizer. Mas eu sabia perfeitamente que na cabeça de Abe havia todo tipo de distinção que tinha a ver com prodigalidade e falta de liberalidade, magnanimidade e significado. Os atributos do homem de grande alma. Eu não queria que ele comesse a falar disso. Nem ele queria começar a falar sobre isso, nesta manhã.

No Meio-Oeste, não tanto tempo atrás, quando ele ainda não tinha grana e reclamava de seu guarda-roupa, eu o levei a Gesualdo, meu alfaiate, para que tirasse medidas para um terno. No loft de Gesualdo ele escolheu uma flanela com um visual ousado vinda de um bom fabricante escocês. Fizemos três ou quatro provas e na minha opinião o produto final ficou muito bonito. Gastei uns bons trocados naquilo. Naquela época eu estava com um livro na parte final da lista dos mais vendidos; ele nunca passou da



metade da lista mas eu estava mais do que satisfeito. Filho da Grande Depressão, eu ficava feliz com uma renda mediana. Meu padrão tinha sido estabelecido nos magros anos 30. Mil e quinhentos dólares deveriam ter nos comprado um terno excelente. Mesmo nos meus dias de dândi (passei muito rapidamente por uma fase de seguir a moda) nunca gastei mais do que quinhentos dólares em um terno. Isso, na época, era o que gastavam os estudantes que tinham acabado de passar no exame de Ordem. Depois, quando se tornavam sócios, eles deixavam de ir ao Gesualdo. Descobriam alfaiates mais chiques, do tipo que cirurgiões, atletas profissionais e gângsteres frequentavam.

Ravelstein e eu discutimos por causa do terno de Gesualdo. “Veja, Chick”, Ravelstein disse. “O real valor daquele terno não estava no corte — nem no trabalho manual...”

“Você e Nikki tiraram sarro do terno quando você se vestiu em casa. Você nunca usou, a não ser uma vez, para me agradar...”

“Não vou negar que acho que ele não servia para ser usado.”

“*Usar* não é a palavra. Vocês dois não teriam vestido aquele terno nem num manequim.”

Ravelstein, que fumava um cigarro atrás do outro e que já estava acendendo outro, inclinou o tronco para trás, talvez para evitar a chama do isqueiro, talvez por estar rindo tanto. Quando conseguiu falar, ele disse: “Bem, não era um Lanvin. Você quis fazer algo por mim. Foi generoso, Chick, e Nikki foi o primeiro a dizer isso. Mas Gesualdo ficou para trás. Ele faz roupas no estilo dos mafiosos, não para os chefões, mas para os soldados, para os gângsteres de baixa patente”.

“Isso vale para o jeito que *eu* me visto.”

“Você não se interessa por moda. Você não liga para nomes de marcas. Você devia ter me dado o dinheiro que pagou ao Gesualdo e eu teria levantado o resto para pagar um terno que fosse decentemente cortado.”

Nós éramos totalmente francos um com o outro. Dava para falar o que você estivesse pensando sem ofender. De ambos os lados não havia nada que fosse pessoal demais ou vergonhoso demais para ser dito, nada que

fosse muito sórdido ou criminoso. Às vezes eu achava que ele estava me poupando dos julgamentos mais severos caso eu não estivesse em condições de aguentar. Eu também costumava poupá-lo. Mas me dava um tremendo alívio ser franco e claro com ele como eu seria comigo mesmo em relação a fraquezas ou coisas más. No que diz respeito à autocompreensão, ele estava bem à minha frente. Mas, no fim, todas as discussões pessoais acabavam levando a uma boa e honesta diversão nihilista.

“Talvez uma vida sem questionamento não valha a pena ser vivida. Mas uma vida com questionamento pode fazer com que a pessoa deseje estar morta”, foi o que eu disse para ele.

Ravelstein ficou radiante. Ele riu tanto que seus olhos viraram para o céu.

Mas eu ainda não acabei de falar sobre Paris na primavera.

O bonito blazer da Lanvin era feito de uma bela flanela, sedosa e ao mesmo tempo substanciosa. Era de uma cor que eu associava aos labradores retrievers — dourado, com belos brilhos entre os vincos. “Você vê esses blazers em propagandas na *Vanity Fair* e outras revistas de moda, e normalmente eles são desfilados por sujeitos durões sem se barbear com cara de michês ou de alguém que definitivamente é um estuprador e que não tem nada — mas nada — a fazer exceto ser visto em toda a glória de seu obsceno narcisismo.” Você nem imagina uma roupa dessas em um homem inteligente e desajeitado. Com um pouco de gordura no peito, talvez, ou com excesso de volume na cintura. Na verdade é algo agradável de se ver.

Aconselhei Ravelstein a comprar o blazer da Lanvin.

O preço era de quatro mil e quinhentos dólares e ele pagou no cartão Visa Gold por não ter certeza de cabeça sobre como estava sua conta no Crédit Lyonnais. O Visa te protege contra os cálculos; ele garante que você vai pagar a taxa de câmbio oficial do dia da compra.

Na rua ele perguntou como ficava a cor ao ser exposta à luz do dia. Ficou profundamente satisfeito quando eu disse que estava lindo.

Nossa próxima parada foi na Sulka, onde ele deu uma olhada nas camisas que tinha mandado fazer por encomenda. Elas seriam entregues no Crillon, cada uma em uma caixa resistente de plástico. Depois fomos ao showroom da Lalique, onde ele queria ver luminárias para as paredes e para o teto de casa.

“Vamos reservar uma meia hora para Gelot, o chapeleiro.”

No Gelot eu não resisti e comprei para mim um fedora verde de veludo. Abe disse que eu precisava daquele chapéu. “Gosto do jeito como ele fica em você. Se você se impuser um pouco, você leva jeito. Você podia fazer mais por você mesmo”, ele disse. “Você é modesto demais, Chick. Não fica bem isso porque qualquer um que veja os seus olhos percebe que você é um presunçoso megalomaniaco. Se você for mão de vaca demais para comprar, eu ponho na minha conta...”

“Meus pais tinham sofás verdes em casa”, eu disse. “De segunda mão, mas de veludo. Eu mesmo vou pagar... Vou comprar em nome dos velhos tempos.”

“Pode ser quente demais para junho.”

“Bom, espero ainda estar vivo em outubro.”

Ele estava vestindo o blazer novo da Lanvin na Rue de Rivoli. O grande Louvre e os parques estavam à nossa esquerda. As arcadas estavam cheias de turistas.

“O Palais Royal” — Ravelstein fez um gesto vago na direção dele — “era onde Diderot andava no fim de tarde e onde ele teve as famosas conversas com o sobrinho de Rameau.” Mas Ravelstein não tinha absolutamente nada do sobrinho — aquele professor de música e parasita. Ele também estava acima de Diderot. Alguém muito maior e muito mais sério com um treinamento extensivo em história, especialmente na história da teoria da moral e da política. Sempre fui atraído por pessoas que num sentido amplo eram metódicas e que haviam mapeado o mundo e o tornado coerente. Ravelstein só parecia incoerente com seus “é-ah, é-ah”. Nós tínhamos um amigo nos Estados Unidos que gostava de dizer: “A ordem

tem um carisma próprio”. O que é outro jeito de dizer “A música tem encantos” etc.

E calhou que estávamos falando bem na hora sobre esse homem carismático cujo nome é, ou era, Rakhmiel Kogon. Rakhmiel era um sócia do ator Edmund Glenn, que interpretou um Papai Noel da Macy’s em *De ilusão também se vive*. Mas Rakhmiel era um Papai Noel nada benevolente, uma pessoa perigosa, corado, com uma carranca de olhos vermelhos e um rosto em que os músculos da raiva eram altamente desenvolvidos. Ele descia pela chaminé como o Papai Noel, mas o objetivo dele era causar confusão.

Ravelstein e eu não precisávamos almoçar — o banquete de dez pratos do Lucas-Carton tirou nosso apetite até a hora do jantar do dia seguinte — mas nos sentamos para tomar um café. Ravelstein estava na segunda carteira de cigarros Marlboro, e no Café de Flore, que ele frequentava regularmente, ele pediu “*un espresso très serré*”. No Flore eles o serviam com todo cuidado para não derramar. Mas se os grandes dedos dele tremiam ao pegar a xícara não era por ele ter um problema nervoso. O que ele tinha era um excesso de excitação. A cafeína era o menor dos problemas.

Ele disse: “Rakhmiel foi meu professor, bem cedo. Depois lecionou na London School of Economics. Depois em Oxford, onde virou britânico. Sempre dividiu o tempo entre os EUA e a Inglaterra. Ele é uma pessoa séria, desconfortável consigo mesmo. Mas devo muito a ele — como meu cargo atual. Eu estava no exílio no Minnesota e ele conseguiu a nomeação que eu queria...”.

“Quase a que você queria...”

“É verdade. Sou o único titular que não tem uma cátedra com nome. Depois de tudo que fiz pela universidade... E a única cadeira que a administração me oferece é a cadeira elétrica.”

Mas Ravelstein estava incomumente livre desse tipo de preocupações e chateações. E aqui não é lugar para falar delas. Talvez eu volte a esse tema mais tarde. Provavelmente não. De todo modo, não é isso que eu devia estar

apresentando aqui. Eu *disse* que ia fazer uma abordagem gradual de Ravelstein.

Ele era um sujeito curioso de se ver à mesa. Você precisava se acostumar aos hábitos alimentares dele. A sra. Glyph, esposa do fundador do departamento dele, disse certa vez que ele nunca devia esperar que ela o convidasse para jantar de novo. Ela era uma mulher muito rica que apreciava a alta cultura e entretinha as celebridades que estavam visitando a cidade. Ela tinha tido R. H. Tawney à mesa, e Bertrand Russell, e um figurão tomista francês cujo nome me escapa (Maritain?), e vários literatos, especialmente franceses. Abe Ravelstein, na época um novato no corpo docente da universidade, foi convidado para um banquete em homenagem a T.S. Eliot. Marla Glyph disse para Abe Ravelstein quando ele estava saindo: “Você tomou a sua coca-cola no gargalo, e T.S. Eliot estava olhando — horrorizado”.

O próprio Ravelstein contava isso. E sobre a falecida sra. Glyph. Ela nasceu em uma família tremendamente rica, o marido era um grande orientalista. “Pessoas que se autoglamorizam inventam sua importância peculiar à medida que seguem em frente”, Ravelstein dizia. “Até que tecem uma fascinante fantasia. Elas se transformam em algo como gloriosas libélulas e voam zumbindo numa atmosfera de perfeita irrealdade. Então escrevem ensaios, poemas, livros inteiros uns sobre os outros...”

“Comportamento judaico rude em um almoço para um grã-fino — um visitante superimportante...”, eu disse.

“E o que T.S. vai pensar de nós!”

Mas de algum modo eu não consigo acreditar que tudo o que ele fez foi beber coca-cola no gargalo. (E, para começar, o que uma garrafa de coca-cola estava fazendo na mesa!) As esposas dos professores sabiam que quando Ravelstein vinha para o jantar elas teriam um belo trabalho de limpeza pela frente mais tarde — coisas derramadas, espirradas, esmigalhadas, o horror do guardanapo depois que ele o usava, os pedaços de carne cozida espalhados embaixo da mesa, o vinho que escorria quando ele dava uma gargalhada; pratos deixados de lado depois de uma única

garfada e pisados no chão. Uma anfitriã experiente teria espalhado jornais debaixo da cadeira dele. Ele não teria se incomodado. Ele não prestava muita atenção nessas coisas. É claro que cada um de nós tem seu modo de saber o que está acontecendo. Abe *sabia* — ele sabia no que devia conscientemente prestar atenção e o que deixar de lado. Reclamar dos modos de Abe à mesa seria uma confissão de mesquinaria.

Ravelstein se divertia ao dizer: “Ela não ia deixar que um judeu se comportasse tão mal à mesa *dela*”.

O professor Glyph, marido dela, não tinha esses preconceitos. Ele era um homem alto e sério. Tinha um jeito decoroso mas o verdadeiro olhar dele parecia estar focado em algum outro lugar, em objetos mais distantes e mais interessantes — mais interessantes do que Ravelstein, digo. Os olhos pequenos e muito separados eram agradáveis e tolerantes; os cabelos, partidos ao meio, eram os cabelos de um cavalheiro erudito, famoso por seu trabalho acadêmico. Os amigos dele eram na maioria franceses, e reconhecidos, com nomes como Bourbon-Sixte — membros da Academia ou indicados para receber a nomeação. Glyph era mimado pela mulher e pelos empregados — uma lavadeira, um cozinheiro e uma copeira. Os Glyph não eram um casal acadêmico comum — eles se sentiam em casa tanto em Londres quanto em Paris. Em Saint-Tropez, ou em algum lugar do gênero, os Scott Fitzgerald tinham sido vizinhos próximos deles. Glyph e a mulher não eram aquelas pessoas que você conhece que ficam contando vantagem sobre amigos famosos: eles tinham sido um casal de americanos ricos na era do jazz. Eles tinham conhecido Picasso e Gertrude Stein.

Por algum motivo Ravelstein e eu estávamos falando deles no Café de Flore. Em dias especialmente agradáveis eu fico desanimado no início da tarde — o tempo bom só piora isso. O brilho que o sol dá ao entorno — o triunfo da vida, por assim dizer, o florescer de todas as coisas me faz entrar em desespero. Eu nunca seria capaz de aguentar toda a imensa quantidade de horas de triunfo vital. Nunca tinha falado disso com Ravelstein, mas provavelmente ele percebia. Às vezes ele parecia intervir em minha defesa.

“Glyph adorava o Pont Royal — era o hotel favorito dele. Bem pertinho”, Ravelstein disse. “E vou te dizer — quando a sra. Glyph morreu, Glyph veio para Paris de luto por ela. Trouxe os escritos dela. A ideia dele era publicar uma coletânea dos ensaios dela. E ele pediu que Rakhmiel Kogon viesse para ajudá-lo — Rakhmiel estava em Oxford.”

“Por que Rakhmiel veio?”

“Ele estava em dívida com o velho. Fazia muito tempo. Glyph impediu que Rakhmiel perdesse o emprego. Deu proteção a ele — deu guarida. Isso foi antes de Rakhmiel se tornar aquilo que os imbecis da academia chamam de ‘uma figura de proa’. Ele veio a Paris, de todo modo, e também ficou no Pont Royal, mas não em uma suíte. E toda manhã ele aparecia para trabalhar nos escritos de Marla Glyph. Toda manhã Glyph dizia: ‘Estou resfriado, e Marla não ia querer que eu trabalhasse hoje’. Ou, ‘Preciso cortar o cabelo. Marla ia dizer que já passou da hora’. Ou ele marcava um encontro com um Rochefoucauld ou com um Bourbon-Sixte, enquanto Rakhmiel organizava as anotações dela e lia os ensaios malucos. Mas o tempo todo ele era atraído de volta para o diário dela. Porque frequentemente ele era mencionado lá: *‘De novo aquele pequeno judeu assustador, R. Kogon’*. Ou *‘Faço o meu melhor para tolerar Kogon, o repulsivo protégé de Herbert, que a cada dia se torna mais judeu e mais vil e mais insuportável — com aquela cara judia de gato bronzeado...’*”

“O próprio Kogon contou isso para você?”, eu perguntei.

“Pode apostar. Ele não conseguia evitar de achar aquilo divertido. Ele dizia que ela era uma verdadeira Verdurin — uma implacável alpinista social. Quando se tornam refinadas, essas pessoas têm chances de excluir os judeus de mais coisas.”

“Mas nenhuma pessoa séria levaria a sra. Glyph a sério”, eu disse.

“Você a conheceu, Chick?”

“Eu cheguei logo depois de ela ter morrido. Glyph, um sujeito bom, incomumente generoso, dizia ‘minha esposa, que não está mais aqui’ e então, para fazer os outros rirem, acrescentava que ela nunca estava onde ele imaginava. A segunda era encantadora — algumas pessoas fazem

melhores escolhas à medida que o tempo passa. Ela era forte, generosa e inteligente. Uma vez ele me convidou para jantar e perguntou pelo telefone no estilo formal francês dele se eu tinha alguma objeção a ‘*gens de couleur*’. A convidada era uma bela mulher da Martinica — a esposa de algum famoso historiador da arte. Será que era o Rewald que escreveu o livro sobre Cézanne?”

“Você sempre teve sorte. Você quase nunca tira partido da sorte que tem”, disse Ravelstein.

Eu estava acostumado com isso. Ravelstein acreditava que eu era talentoso e inteligente mas pouco instruído, ingênuo e passivo — introspectivo. Ele dizia que quando eu estava na companhia certa, eu tinha uma conversa inspirada e dizia aos alunos que não havia assunto importante sobre o qual eu não tivesse pensado. — Sim, mas o que eu tinha feito sobre todos esses grandes temas?

Ao seguir minha sugestão Ravelstein tinha se tornado muito rico. E Rosamund depois da celebração da noite anterior tinha me dito: “Era para ser uma grande ocasião. Toda a gratidão e todas as paixões de Abe estavam no banquete do Lucas-Carton — comida, bebida e conversa ao estilo ateniense”. Ela tinha sido uma das groupies instruídas por Ravelstein. Era boa em grego. Para estudar com Ravelstein você tinha de ler seu Xenofonte, seu Tucídides e seu Platão em grego.

Embora eu tenha rido do modo como ela descreveu o seu professor, eu concordava. Ela era diferente de outras pessoas observadoras pelo fato de que também pensava com clareza. Esse era um dos talentos de Rosamund. Mas ela também adorava Ravelstein. Era uma das grandes admiradoras dele.

Abe foi pegar o terceiro *espresso serré* quando o garçom o serviu; a grande e inabilidosa mão de Ravelstein apertou a pequena xícara enquanto ele a levava à boca. Se tivessem me oferecido uma aposta eu teria tido grandes chances de acertar o resultado. Manchas marrons apareceram na lapela do blazer novo. Era algo que não se podia prevenir — uma fatalidade. Ele ainda estava tomando o espresso; a cabeça estava bem para



trás. Fiquei quieto, desviando o olhar do grande borrão marrom no blazer Lanvin. Outro tipo de homem teria percebido imediatamente que algo tinha acontecido — talvez uma pessoa que levasse o dinheiro mais a sério e que de algum modo sentisse a responsabilidade envolvida em vestir uma roupa de quatro mil e quinhentos dólares. As gravatas de Ravelstein da Hermès ou de Ermenegildo Zegna eram marcadas por queimaduras de cigarro. Eu tentei fazer com que ele se interessasse por gravatas-borboleta. Disse que elas ficariam protegidas embaixo do queixo. Ele entendeu, mas não ia comprar gravatas prontas: ele nunca aprendeu a dar nó em uma “papillon” (como ele as chamava). “Meus dedos são trêmulos demais”, ele observou.

“Ah, bem”, ele disse, quando finalmente viu que havia estragado a lapela de seu Lanvin. “Fodi tudo de novo.”

Eu não ri do comentário.

Naquele momento era preciso tomar uma decisão. A mancha de café era engraçada, era puro Ravelstein. Ele mesmo tinha acabado de dizer isso. Mas não tratei o caso como um incidente cômico. Sugeri de uma maneira meio tímida que era possível remover as manchas. “O serviço de valet do Crillon provavelmente consegue fazer isso.”

“Você acha?”

“Se eles não conseguirem, ninguém consegue.”

Você tinha que ser meio especialista para seguir os movimentos do pensamento dele. Você tinha que distinguir entre aquilo que haviam ensinado às pessoas que elas deviam fazer e aquilo que elas desejam profundamente fazer. De acordo com certos pensadores, todos os homens eram inimigos; eles temiam e odiavam uns aos outros. Havia uma guerra de todos contra todos, no estado de natureza. Sartre nos disse em uma de suas peças que o inferno são “os outros” — Abe detestava Sartre, a propósito, e desprezava suas ideias. Filosofia não é a minha área. Verdade, estudei Maquiavel e Hobbes na escola, e suponho que poderia enganar em um quiz show. No entanto, eu aprendia rápido, e aprendi bastante com Ravelstein por ser tão dedicado a ele. Eu o “estimava”, como um de meus conhecidos havia me ensinado a dizer.

Obviamente, meu objetivo ao mencionar o serviço de valet do Crillon era consolar Abe por ter derramado o café mais forte do Flore em seu blazer novinho. Mas Abe não queria que eu o consolasse por ser o que ele era. Ele teria achado melhor se eu risse de sua babação desajeitada e barulhenta, de seus desastrados tremores de ansiedade. Ele gostava de humor pastelão, de velhos números de vaudeville, de comentários ferinos, humor negro e diversão pesada. Portanto, ele não gostou da minha frase fraca, liberal, do tipo vamos-fazer-tudo-ficar-bem — minha tola gentileza.

Abe não era dado a gentilezas. Quando os alunos não atendiam aos padrões, ele dizia: “Eu me enganei com você. Isto aqui não é lugar para você. Não quero você por perto”. Ele não se preocupava com os sentimentos dos rejeitados. “Melhor para eles se eles me odiarem. Isso vai aguçar a mente deles. Tem muita bobagem terapêutica por aí.”

Ele dizia que todos os tipos de criatura se impunham a mim e consumiam meu tempo. “Leia qualquer bom livro sobre Abe Lincoln”, ele me aconselhou, “e veja como as pessoas o incomodavam durante a Guerra Civil pedindo empregos, falando de contratos de guerra, de imunidades, de cargos consulares, e de ideias militares malucas. Como presidente de todas as pessoas ele achava que era obrigado a falar com todos esses parasitas, chatos e defensores de causas. Tudo isso enquanto ele estava de pé em cima de um rio de sangue. As medidas de guerra fizeram dele um tirano — ele teve de cancelar o direito ao habeas corpus, você sabe. Havia uma é-ah é-ah necessidade maior. Ele precisava impedir que Maryland se unisse aos Confederados.”

É claro que minhas necessidades eram diferentes das de Ravelstein. Na minha profissão você precisa fazer mais concessões, levar em conta todo tipo de ambiguidade — evitar julgamentos duros. Todo esse comedimento pode parecer ingenuidade. Mas não é bem isso. Na arte você se familiariza com o devido processo. Você não pode simplesmente descartar as pessoas ou mandá-las para o inferno.

Por outro lado, como Ravelstein percebeu, eu estava disposto a assumir riscos — anormalmente disposto. “Riscos enormes”, era como ele dizia. “É

difícil, levando tudo em conta, achar alguma pessoa menos prudente do que você, Chick. Quando penso na sua vida, começo a ficar tentado a acreditar em um *fatum*. Você tem um *fatum*. Você realmente gosta de pôr o pescoço em risco. E talvez o é-ah pescoço não seja tudo que você arrisca. Mas o que eu quero dizer é que o seu sistema de orientação é extremamente defeituoso.”

Mas era exatamente desse absurdo que Ravelstein gostava. “Você nunca faz aquilo que seria seguro se houver uma alternativa arriscada. Você é aquilo que as pessoas chamariam de inexpedito, quando ainda se usavam essas palavras. É claro que já estamos cheios de testes de personalidade, ou de defeitos. Um dos motivos para a violência ser tão popular hoje em dia pode ser o fato de que os insights psiquiátricos nos cansaram e ficamos satisfeitos de ver alguém sendo arrebetado por armas automáticas, ou explodindo dentro de um carro, ou sendo garroteado ou empalhado por taxidermistas. Estamos de saco tão cheio de ter que pensar nos problemas de todo mundo — destruição de mentira de Grand Guignol não é bom o suficiente para os filhos da puta.”

Ele gostava de erguer os longos braços acima da luz que se acumulava em sua cabeça calva e dar um grito cômico.

Me ocorre que esse meu relato vai fazer com que surjam acusações de misantropia. Você podia acusar Ravelstein de qualquer coisa, menos de misantropo ou de cínico. Ele era tão generoso quanto alguém pode ser — um reservatório, uma fonte de energia para os alunos que aceitava. Muitos defendiam a premissa democrática de que ele deveria atender a todos e compartilhar suas ideias com eles. É evidente que ele se recusava a se deixar ser usado, aproveitado — que os preguiçosos tirassem vantagem dele. “Eu não sou aquele cano de Saratoga Springs aonde os judeus do Bronx iam no verão com copos para beber água medicinal de graça — um remédio para constipação ou para enrijecer as artérias. Eu não sou uma mercadoria gratuita ou algo que se distribui para todo mundo, *sou*? Aliás, descobriram que a água maravilhosa era carcinogênica. Fazia mal para o fígado. Mais mal para o pâncreas.” Ele riu disso — não com prazer.

Se esses tipos não tivessem ido de ônibus e trem para beber a água de Saratoga, teriam comido ou bebido algo igualmente mortal em Flatbush ou Brownsville. Como você pode catalogar os infinitos perigos do tabaco, dos conservantes de alimentos, do amianto, das coisas que borrifam nas colheitas — do *E. coli* do frango cru nas mãos dos funcionários da cozinha. “Nada é mais burguês do que o medo da morte”, Ravelstein dizia. Ele dava esses pequenos antissermões em um estilo amalucado. Ele me lembrava aqueles dançarinos que imitavam bonecas, palhaços dos anos 20 que balançavam seus braços, maltrapilhos longos e descarnados e que pintavam imensos sorrisos em seus rostos empoados. De modo que as preocupações sérias de Ravelstein “coexistiam”, para emprestar uma palavra da política do século XX, com seu estilo bufão. Só os amigos viam esse lado dele. Ele podia ser bastante correto em ocasiões sérias, não como uma concessão para olhares mesquinhos da academia mas porque havia coisas importantes a serem tratadas — assuntos relacionados ao propósito da nossa existência: digamos, o correto ordenamento da alma humana — e lá estava ele tão estável e sério quanto qualquer outro dos mais profundos e importantes professores. Ravelstein era vigoroso e duro. Embora mesmo enquanto estivesse dando aula sobre um dos seus diálogos platônicos ele pudesse fazer uma piadinha.

Às vezes ele dizia: “Sim eu faço o papel do *pitre*”.

“O homem justo.”

“O bufão.”

Nós dois tínhamos morado na França. Os franceses são genuinamente educados — ou pelo menos foram. Eles tinham levado uma baita surra nesse século. No entanto, ainda tinham uma verdadeira sensibilidade para belos objetos, para o lazer, para a leitura e para a conversa; não desprezavam as necessidades naturais — o básico do ser humano. Eu continuo fazendo essa defesa dos franceses.

Em qualquer rua você comprava uma baguete, uma roupa íntima *taille grand patron*, ou cerveja ou conhaque ou café ou *charcuterie*. Ravelstein era ateu, mas não havia razão para que um ateu não fosse influenciado pela

Sainte-Chapelle, não devesse ler Pascal. Para um homem civilizado não havia um cenário, uma atmosfera como a de Paris. De minha parte eu tinha muitas vezes sido agredido e desprezado pelos parisienses. Eu não via Vichy só como um produto da ocupação nazista. Eu tinha minhas próprias ideias sobre a colaboração e o fascismo.

“Não sei se é a sua irritabilidade judaica ou a sua necessidade acima do normal de se sentir bem-vindo”, disse Ravelstein. “Ou talvez você ache que os franceses são ingratos. Eu não acho que seja difícil provar que Paris é um lugar melhor do que Detroit ou Newark ou Hartford.”

Era uma pequena discordância que não envolvia grandes princípios. Abe tinha excelentes amigos em Paris. Ele era bem recebido pelas écoles e institutos onde dava palestras sobre temas franceses em seu próprio tipo de francês. Ele próprio tinha estudado em Paris anos atrás com o famoso hegeliano e alto funcionário Alexander Kojève, que havia educado toda uma geração de influentes pensadores e escritores. Dentre esses, Abe tinha alguns amigos, admiradores, leitores. Nos Estados Unidos ele era controverso. Ele tinha mais inimigos em casa do que qualquer pessoa normal gostaria de ter, especialmente entre cientistas sociais e filósofos.

Mas eu tenho apenas um conhecimento limitado dessas coisas que um não especialista pode ter. Abe Ravelstein e eu éramos amigos íntimos. Morávamos na mesma rua e estávamos em contato quase diariamente. Com frequência eu era convidado para assistir às aulas dele e para discutir literatura com seus alunos de graduação. Antigamente ainda havia uma comunidade literária significativa em nosso país, e a medicina e o direito ainda eram “as profissões cultas”, mas em uma cidade americana de hoje você não pode contar com médicos, advogados, homens de negócios, jornalistas, políticos, personalidades de tevê, arquitetos, ou vendedores de mercadorias para discutir os romances de Stendhal ou os poemas de Thomas Hardy. Ocasionalmente você esbarra em um leitor de Proust ou em um doente que decorou páginas inteiras do *Finnegans Wake*. Eu gosto de dizer, quando me perguntam sobre o *Finnegan*, que estou deixando para ler

quando estiver no asilo. Melhor entrar na eternidade com Anna Livia Plurabelle do que com os Simpsons saltitando na tela da tevê.

Fico pensando quais as palavras que devo usar para o grande e belo apartamento de Ravelstein — sua base no Meio-Oeste. Não seria certo descrevê-lo como um refúgio: Abe não era de modo algum um fugitivo. Nem um solitário. Ele, na verdade, estava em paz com o seu entorno nos Estados Unidos. As janelas davam a ele uma ampla visão da cidade. Ele raramente tinha de usar transporte público depois de velho, mas sabia se virar, falava a linguagem da cidade. Jovens negros o paravam na rua para perguntar sobre o terno dele, ou o sobretudo, o chapéu fedora. Eles entendiam de moda. Eles falavam com ele sobre Ferre, Lanvin, sobre o camiseiro dele na Jermyn Street. “Esses jovens dândis”, ele explicava, “adoram a moda. Ternos zoot e essas coisas baratas do mesmo gênero ficaram para trás. Eles são experts em automóveis, também.”

“E talvez em relógios de pulso de vinte mil dólares. E quem sabe em armas?”

Ravelstein riu. “Até mulheres negras me param na rua para comentar o corte dos meus ternos”, ele diz. “É uma resposta intuitiva.”

Ele tinha carinho por esses connoisseurs — amantes da elegância.

A admiração dos adolescentes negros ajudou Ravelstein a compensar o ódio de seus colegas, os professores. O sucesso popular de seu livro deixou os acadêmicos malucos. Ele expôs as falhas do sistema em que eles eram educados, o vazio do historicismo deles, a suscetibilidade deles ao niilismo europeu. Um resumo da tese dele era que, embora você pudesse ter um excelente treinamento técnico nos Estados Unidos, a educação liberal tinha encolhido a ponto de desaparecer. Éramos escravos da alta tecnologia, que havia transformado o mundo moderno. A geração anterior economizava para pagar pela educação dos filhos. O custo de um curso de graduação tinha chegado a cento e cinquenta mil dólares. Os pais podiam jogar esse dinheiro no vaso sanitário e o resultado seria o mesmo, Ravelstein achava.

Não havia educação possível nas universidades americanas exceto para engenheiros aeronáuticos, cientistas da computação e coisas do gênero. As universidades eram excelentes em biologia e nas ciências físicas, mas as artes liberais eram um fracasso. O filósofo Sidney Hook tinha dito a Ravelstein que a filosofia havia acabado. “Temos que encontrar empregos para nossos formandos como consultores de ética médica em hospitais”, Hook admitiu.

O livro de Ravelstein não era nem um pouco improvisado. Se ele fosse um falastrão barulhento teria sido fácil descartá-lo. Não, ele era sensato e bem informado, os argumentos eram bem documentados. Todos os tolos se uniram contra ele (como Swift ou talvez Pope disse muito tempo atrás). Se tivessem o poder do FBI, os professores teriam colocado Ravelstein nos cartazes de “mais procurados” como os que se vê nos prédios públicos.

Ele tinha passado por cima dos professores e das associações de eruditos e falado diretamente com o grande público. Afinal de contas, há milhões de pessoas esperando que lhes deem um sinal. Muitas delas são formadas nas universidades.

Quando os furiosos colegas de Ravelstein o atacaram, ele disse que se sentiu como o general americano sitiado pelos nazistas — foi em Remagen? Quando exigiram que ele se rendesse, a resposta dele foi “Nem a pau!”. Ravelstein estava chateado, claro; quem não ficaria? E ele não podia esperar ser resgatado por algum Patton acadêmico. Ele podia confiar nos amigos, e óbvio que ele tinha gerações de alunos de graduação do lado dele, assim como o apoio da verdade e dos princípios. O livro dele foi bem recebido na Europa. Os britânicos tinham a tendência de olhar para ele de cima para baixo. As universidades encontraram erros, algumas delas, no grego dele. Mas, quando Margaret Thatcher o convidou para Chequers para passar um fim de semana, ele ficou “*aus anges*”. (Chequers era divina: Abe sempre preferiu expressões francesas às americanas; ele não dizia “um sujeito que corria atrás de mulheres”, ou “um mulherengo”, ou “garanhão” — ele dizia “*un homme à femmes*”.) Até mesmo brilhantes jovens de esquerda o defenderam vigorosamente.

Em Chequers, a sra. Thatcher chamou a atenção dele para uma pintura de Ticiano: um leão em pé preso em uma rede. Um camundongo estava roendo as cordas para libertar o leão. (Isso é uma das fábulas de Esopo?) Esse detalhe tinha sido perdido nas sombras por séculos. Um dos grandes homens do século, o estadista Winston Churchill, com seus próprios pincéis, restaurou o mítico camundongo.

Quando voltou da Inglaterra, Abe me contou tudo em seu próprio salão (aquilo não era uma sala de estar). Ele tinha os seus próprios quadros, pintados por artistas franceses menores mas bons. Alguns eram bem bonitos. O maior era uma Judite com a cabeça de Holofernes, um quadro muito sangrento. Ela segura Holofernes pelos cabelos. Os olhos dele estão voltados para cima, semicerrados, o olhar dela é calmo, puro e santo. Às vezes eu penso que ele nem viu a morte chegando. Há jeitos piores de partir. De vez em quando eu perguntava a Ravelstein por que ele tinha escolhido *essa* tela para dominar o salão.

“Não foi para afirmar nada”, ele dizia.

“Tudo que vemos nós traduzimos na linguagem de Freud. Agora, o que está sendo trivializado, o vocabulário dele ou as nossas observações?”

“Você sempre tem a opção de se recusar a ser cooptado”, disse Ravelstein.

Ele não era um grande entusiasta do que os americanos chamam de “as artes visuais”. As telas estavam lá porque paredes são feitas para telas e telas são feitas para paredes. O apartamento dele era mobiliado de maneira luxuosa, e era preciso ter as telas certas expostas. Quando o dinheiro começou a chegar, ele substituiu as coisas “velhas”. Elas não eram nem de longe velhas. Eram mais antigas, compras mais baratas. Mesmo quando ele não tinha nada mais do que o salário da universidade com que viver, ele comprou sofás caros, boa mobília italiana de couro com dinheiro emprestado dos amigos. Quando chegou ao topo da lista dos mais vendidos, ele doou as coisas velhas para Ruby Tyson, a mulher negra que vinha duas vezes por semana para lavar a louça e tirar o pó. Ele providenciou a entrega



para ela, é claro, pagou o frete. Ele precisava com urgência do espaço e as coisas não podiam ser removidas rápido o suficiente para agradá-lo.

Eu diria que as tarefas de Ruby eram bem leves. Ela polia a prataria de Ravelstein, lavava o serviço de jantar Quimper branco e azul e os cristais Lalique prato por prato, copo por copo. Ela não passava roupa — as camisas dele eram lavadas pelo serviço de entrega a domicílio da American Trustworthy. Eles limpavam os ternos também. Ele usava vários serviços da Trustworthy. Tudo, exceto pelas gravatas. Essas eram enviadas por correio aéreo para um especialista em seda em Paris.

Novos tapetes e mobiliário chegavam continuamente — todos os móveis da sala de jantar, as cristaleiras, as camas provavelmente foram passadas por Ruby para as filhas e netos dela. Ela era uma velha senhora muito religiosa, com um estilo sulista muito formal ao atender o telefone. Ela era uma presença leal na casa. Ele sabia muito bem o que esperar dela e não tinha ilusões de que ela iria lhe dar intimidade, de que ele seria recebido na alma de uma respeitável senhora negra. Além disso, ela tinha trabalhado na região da universidade por mais de meio século e tinha muita coisa para lhe contar sobre os closets das casas de acadêmicos. Ela saciava o apetite de Ravelstein por fofocas. Ele odiava a própria família e nunca se cansava de desmamar os alunos talentosos de suas famílias. Os alunos dele, como eu disse, tinham de ser curados dos desastrosos erros de compreensão, das “irrealidades padronizadas” impostas a eles por pais pouco inteligentes.

Aqui surgem certas dificuldades de apresentação. Não se deve confundir Ravelstein com os “espíritos livres” do campus, suficientemente comuns nos meus dias de estudante. A função desse pessoal era fazer com que você se conscientizasse do caráter burguês de sua criação, do qual a educação supostamente iria libertá-lo. Esses professores liberais ofereciam-se como exemplos, às vezes se vendo como revolucionários. Eles falavam baboseiras na linguagem dos jovens. Usavam rabo de cavalo, deixavam a barba crescer. Eles eram hippies e moderninhos com um ph.D.

Ravelstein não fazia essa encenação — nada que fosse possível imitar com facilidade. Você não tinha nem como começar a ser como ele sem

estudar, sem aprender, sem desempenhar os esotéricos trabalhos de interpretação pelos quais ele tinha passado sob o mestre *dele*, o famoso, o controvertido Felix Davarr.

Às vezes eu tento me pôr no lugar de um jovem talentoso de Oklahoma ou de Utah ou de Manitoba convidado a participar de um grupo de estudos privado no apartamento de Ravelstein, subindo pelo elevador, chegando e encontrando a porta escancarada e tendo suas primeiras impressões do habitat de Ravelstein — os grandes tapetes orientais antigos (às vezes puídos), os enfeites nas paredes, as estatuetas clássicas, os espelhos, os armários envidraçados, os guarda-louças franceses antigos, os candelabros e as arandelas Lalique nas paredes. O sofá da sala de estar de couro preto era profundo, amplo, baixo. A cobertura de vidro da mesa de centro em frente a ele tinha uns dez centímetros de espessura. Sobre ela, Ravelstein às vezes espalhava seus pertences — a caneta-tinteiro Mont Blanc de ouro maciço, o relógio de pulso de vinte mil dólares, a engenhoca dourada que cortava os Havanas contrabandeados, a cigarreira extragrande cheia de Marlboros, os isqueiros Dunhill, os pesados cinzeiros quadrados de vidro — as longas bitucas neuroticamente tragadas uma ou duas vezes e depois apagadas. Uma imensa quantidade de cinzas. Perto da parede em uma estante, inclinado, um sofisticado aparato telefônico de muitos botões — o posto de comando de Abe, operado com perícia por ele próprio. Ele era muito usado. Paris e Londres ligavam quase tanto quanto Washington. Alguns de seus amigos muito próximos em Paris ligavam para falar de assuntos íntimos — escândalos sexuais. Os alunos que o conheciam melhor se retiravam discretamente quando ele fazia um sinal com os dedos por baixo do cigarro. Ele fazia perguntas sagazes, em voz grave, e, enquanto ouvia, a sua cabeça calva frequentemente estava afundada nas almofadas de couro, às vezes com os olhos voltados para cima, vítreos pela absorção, a boca entreaberta — os pés em sapatos sociais se encontrando sola contra sola. A todo momento ele estava tocando CDs de Rossini no volume máximo. Ele gostava imensamente de Rossini e de ópera do século XVIII. A música barroca italiana tinha de ser executada em instrumentos originais antigos.

Ele pagou caro pelo equipamento de alta definição. Ele não achava que dez mil dólares por uma caixa de som era demais.

Acima e abaixo dele, três andares do prédio, gostassem ou não, tinham de ouvir Frescobaldi, Corelli, Pergolesi, *A italiana em Argel*. Quando os vizinhos batiam à porta para reclamar, ele sorria e dizia que sem música você não tinha como engolir o que a vida tinha a oferecer, e que faria bem a eles se submeter e ouvir. Mas ele prometeu colocar mais isolamento entre os andares, e ele realmente chamou um engenheiro especializado em isolamento acústico. “Gastei dez mil dólares em isolamento de paina e os cômodos ainda não estão *insonoriseés*.” Mas quando se dizia os nomes dos vizinhos um a um não havia um único morador com o qual ele conseguisse se importar. Ele anotava os argumentos e estava preparado para fazer sua defesa. Ele tinha uma linha de defesa para cada vizinho — tipos pequenoburgueses dominados por horrores secretos, cada um deles um templo de *amour propre*, bolando planos para convencer todos os demais a endossar a imagem que tinha de si próprio; personalidades rasas, calculistas (personalidades é uma palavra melhor do que “almas” — você podia lidar com as personalidades desses indivíduos, mas olhar para a alma deles era um horror que você ia querer evitar). Nada pelo que viver, apenas tolices, vanglória — nenhuma lealdade à sua comunidade, nenhum amor pela *polis*, vazio de gratidão, sem ter qualquer coisa pela qual você daria a sua vida. Porque, lembre-se, as grande paixões são antinômicas. E as grandes figuras do heroísmo humano que ficam bem acima de nós são muito diferentes do homem das ruas, do nosso contemporâneo “normal” em geral. A avaliação que Ravelstein fazia das pessoas com as quais ele lidava no dia a dia tinha esse pano de fundo do amor grandioso ou da fúria ilimitada. Ele me lembrava que “fúria” estava no primeiro verso da *Ilíada* — *menin Achileos*. Aqui você vê os pilares principais daquilo em que Ravelstein honestamente acreditava. Os maiores de todos os heróis, os filósofos, tinham sido e sempre vão ser ateus. Depois dos filósofos, na procissão de Ravelstein, vinham os poetas e os estadistas. Os grandes historiadores como Tucídides. Os gênios militares como César — “o maior homem que já viveu em

qualquer época” — e, depois de César, Marco Antônio, que por breve período foi seu sucessor, “o triplo pilar da Terra”, que dava mais valor ao amor do que à política imperial. Ravelstein gostava da Antiguidade Clássica. Ele preferia Atenas mas respeitava Jerusalém imensamente.

Essas eram algumas das premissas fundamentais dele, e os fundamentos de sua vocação de professor. Se isso ficasse de fora do meu relato sobre a vida dele nós só veríamos suas excentricidades e os pontos fracos, as compras pródigas e disparatadas, seu mobiliário, as vaidades, as piadas, os paroxismos hilários, a *marche militaire* que ele fazia quando atravessava o pátio em seu enorme casaco de couro com acabamento de peles — eu só conheci mais um casaco como aquele. Gus Alex, um assassino de aluguel, um brigão, usava um longo casaco de mink muito bem cortado na Lake Shore Drive onde ele morava e onde passeava com seu cãozinho.

Dizia-se de vez em quando que os alunos favoritos se “divertiam” com Ravelstein — que ele era engraçado, uma figura. O que eles recebiam, no entanto, era apenas superficialmente engraçado ou algo com que se entreter — uma força vital era transmitida. Independente das esquisitices, eles se alimentavam da energia dele, e essa energia era espalhada, disseminada, confiada a eles.

Estou fazendo o que posso com os fatos. Ele vivia de acordo com suas ideias. O conhecimento dele era real, e ele tinha como documentar isso, dizendo capítulo e versículo. Ele estava lá para ajudar, para esclarecer e para *mexer* com as pessoas, e para garantir, se ele pudesse, que a grandeza da humanidade não iria evaporar totalmente no bem-estar burguês et cetera. Não havia nada na vida de Ravelstein que seguisse a média. Ele não aceitava o tédio e a chatice. Também não tolerava depressão. Ele não aturava baixo-astral. Quando tinha problemas, eram físicos. Uma vez ele teve sérios problemas dentários. Na clínica da universidade eles o convenceram a colocar implantes; eles atravessavam as gengivas e chegavam aos encaixes, colocados no osso da mandíbula. A operação deu errado e ele sofreu horrores nas mãos do cirurgião. Ele andava de um lado

para o outro a noite inteira. Depois tentou retirar os implantes e isso doeu ainda mais do que a colocação.

“É isso que dá usar a abordagem de um marceneiro numa cabeça humana”, ele me disse.

“Você devia ter ido para Boston para fazer isso. Os cirurgiões-dentistas de lá supostamente são os melhores.”

“Nunca se entregue nas mãos de qualquer especialista de merda. Você acaba sacrificado no altar da é-ah *técnica* deles.”

Ele era impaciente com higiene. Não tinha como contar quantos cigarros ele acendia diariamente. A maioria ele esquecia, ou apagava. Eles ficavam como pedaços de giz no cinzeiro de vidro de CEO dele. Mas o organismo era imperfeito. Os problemas biológicos eram inegáveis — corações e pulmões escurecidos, defeituosos. Mas prolongar a vida não era um dos objetivos de Ravelstein. O risco, o limite, a escuridão da morte estavam presentes em todos os momentos da vida. Quando ele tossia, você ouvia o reservatório no fundo de um poço de uma mina ecoando.

Eu parei de perguntar a Abe sobre os implantes no osso da mandíbula. Presumia que ele sentia dores de vez em quando, e pensava nelas como parte do pano de fundo psicofísico.

Irregular nos hábitos e nos horários, ele raramente tinha uma noite inteira de sono. A preparação das aulas com frequência o mantinha acordado. Para guiar seus alunos do Oklahoma, do Texas ou do Oregon através de um diálogo platônico, eram necessárias habilidades excepcionais e um conhecimento esotérico. Abe não era de levantar tarde. Nikki, por outro lado, via suspenses chineses de kung fu a noite inteira e era comum que dormisse até as duas da tarde. Tanto Abe quanto Nikki eram fãs de basquete. Era difícil eles perderem os Chicago Bulls na NBC.

Quando havia um jogo importante, Ravelstein convidava seus alunos de graduação para irem ao apartamento dele. Ele pedia pizza. Dois entregadores, carregando pilhas de caixas, batiam à porta. O hall de entrada ficava tomado pelos cheiros do orégano, dos tomates, do queijo tostado, do pepperoni e das anchovas. Nikki comandava o corte, usando uma lâmina

afiada que rolava. Fatias eram passadas adiante em pratos de papel. Rosamund e eu comíamos sanduíches feitos por Ravelstein com mãos trêmulas, inseguras e com gritos de alegria. O momento de servir as bebidas tinha um quê de demonstração de extraordinária habilidade, como se ele tivesse parado em cima de uma corda bamba com uma bandeja superlotada de copos. Nessa hora você não ia querer brincar com ele.

O telefone portátil normalmente ficava com parte aparecendo para fora do bolso de Abe. Não consigo lembrar qual telefonema ele estava esperando naquela hora. Talvez uma das fontes dele tivesse informações privilegiadas sobre a decisão final do presidente Bush de acabar com a guerra no Iraque. De algum modo me vem à mente o presidente — com seu rosto longo, magro e alto — interrompendo de maneira intermitente a movimentação do pré-jogo na quadra de basquete. Vastas arquibancadas de espectadores, cheias de luz, todas coloridas de maneira brilhante, Michael Jordan, Scottie Pippen, Horace Grant acertando arremessos nas cestas para se aquecer. O sr. Bush igualmente alto mas sem beleza em seus movimentos. Pode nem ter sido o Iraque, pode ter sido alguma outra crise. Você sabe como é a televisão: não há como diferenciar as guerras dos eventos da NBA — esportes, glamour de superpotências, operações militares de alta tecnologia; Ravelstein percebia isso com perspicácia. Se ele falava de Maquiavel e do melhor meio de lidar com um inimigo derrotado era porque ele definitivamente era um professor. Também havia flashes do general Colin Powell e de Baker, o secretário de Estado. E então no ginásio uma breve diminuição na vasta iluminação — e depois disso o dramático retorno da iluminação completa.

Tudo isso fazia você pensar nas grandes demonstrações de massas organizadas e encenadas pelo empresário de Hitler, Albert Speer: eventos esportivos e manifestações fascistas tomavam elementos emprestados um do outro. Os jovens de Ravelstein estavam por dentro do basquete. Michael Jordan, claro, era um gênio que eles podiam ver. Ravelstein se sentia profunda e vitalmente conectado a Jordan, o artista. Ele costumava dizer que o basquete, junto com o jazz, era uma das contribuições significativas

dos negros para a boa vida do país — seu caráter especificamente americano. Os alas e pivôs dos Estados Unidos não ficavam atrás dos toureiros na Espanha ou dos tenores na Irlanda ou dos Nijinskys na Rússia. Naquela noite, em todo caso, o presidente Bush havia obtido um triunfo militar para os EUA; e Ravelstein, comentando sobre os militares negros americanos, falou sobre o quanto eles representavam um crédito para o país e para as forças armadas americanas — sobre o quanto eles falavam bem na tevê e sobre o quanto eles eram peritos na parte técnica, sobre o quão bem eles conheciam o seu trabalho. Nesse ponto ele dava uma alta nota para o Pentágono.

Por motivos de toda ordem, Ravelstein gostava de soldados. Ele falava com grande sentimento sobre o piloto americano abatido sobre o Vietnã do Norte que se agrediu e feriu a própria face, que deliberadamente quebrou o nariz na parede de sua cela na prisão. Ele o fez quando disseram que ele apareceria na tevê de Ho Chi Minh com outros prisioneiros para denunciar o imperialismo norte-americano.

Nas festas de basquete que dava, Ravelstein passava fatias de pizza para seus alunos de graduação que eram convidados, a cabeça calva girando em direção à tela de tevê ativa e colorida atrás dele. O seu grupo, sua turma, seus discípulos, seus clones que se vestiam como ele, fumavam os mesmos Marlboros, e viam nesse tipo de entretenimento um ponto de contato entre os fã-clubes da infância e a Terra Prometida do intelecto para a qual Ravelstein, que para eles era Moisés e Sócrates, os estava levando. Michael Jordan era agora uma figura cult americana — meninos pequenos guardavam o resto das maçãs dele como relíquias. Uma cruzada de crianças poderia ser possível mesmo hoje em dia. Jordan, diziam os jornais, tinha poderes “biônicos”. Ele podia se manter no ar fora do alcance dos defensores, e era possível ver as deliberações dele em suas ações, com tempo suficiente para trocar de mão enquanto planava — um homem que ganhava oitenta milhões de dólares por ano, não uma figura cult mas um herói que mexia com os corações das massas.

Inevitavelmente, Ravelstein era visto pelos jovens que ele estava treinando como o equivalente intelectual de Jordan. O homem que os apresentou aos poderes e às sutilezas de Tucídides e analisou o papel de Alcibíades na campanha siciliana como mais ninguém podia fazer — um homem que explicava o *Górgias* em sua aula, literalmente tendo à vista os moinhos de aço e os montes de cinzas e a sujeira da rua de Gary, seus barcos com minérios indo e vindo pela água — também podia se sustentar no ar, levitando como Jordan. Um homem de idiossincrasias e excentricidades, de ganância gulosa por doces baratos e por charutos Havana ilegais, era ele próprio um prodígio homérico.

Ravelstein, o anfitrião, vindo agora com um prato de queijo, dizendo: “Que tal um pouco deste cheddar de Vermont...?”, trouxe ineptamente a faca de queijo, com incontrolláveis descargas nervosas em seus dedos, sobre o pedaço de dois quilos e meio de Cabot superforte.

Quando o telefone celular no bolso de sua calça tocou, ele se afastou para trocar uma ou duas palavras com alguém em Hong Kong ou no Havaí. Um de seus informantes estava ligando com um boletim. Não havia violações às regras de segurança. Ele não ouvia nada altamente confidencial nem pedia para ouvir. O que ele adorava era ter os homens que havia treinado indicados para cargos importantes; a vida real confirmando seus julgamentos. Ele se afastava com seu telefone portátil e depois voltava para nos dizer: “Colin Powell e Baker aconselharam o presidente a não enviar os soldados a Badgá. Bush vai anunciar isso amanhã. Eles têm medo de ter algumas baixas. Eles enviam um formidável exército e dão uma demonstração de tecnologia de ponta em armamentos que a carne e o osso não têm como igualar. Mas daí eles deixam o ditador no posto e vão embora...”.

Ter informação privilegiada dava a maior satisfação a Ravelstein. Como a criança no poema de Lawrence sentada debaixo de um “grande piano negro apaixonado”, “no ressoar das cordas pinçadas”, enquanto a mãe da criança toca.

“Bom, essas são as últimas do Ministério da Defesa...”



A maior parte de nós sabia que a principal fonte dele era Philip Gorman. O acadêmico pai de Gorman tinha objetado fortemente às aulas de Ravelstein nas quais Philip havia se matriculado. Professores respeitáveis de teoria política tinham dito ao velho Gorman que Ravelstein era bizarro, que ele seduzia e corrompia seus alunos. “O *patriarca* foi alertado sobre o *pederarca*”, disse Ravelstein.

É claro que o velho Gorman era muito rígido para ser grato por seu filho não ter rumado para a administração de empresas, disse Abe. “Bem, Philip agora é um dos conselheiros mais próximos do ministro. Ele tem uma mente poderosa e uma compreensão real da grande política, esse garoto, enquanto estatísticos são tão comuns quanto peixinhos.”

O jovem Philip era um dos garotos que Ravelstein havia educado ao longo de um período de trinta anos. Os pupilos dele tinham se tornado historiadores, professores, jornalistas, experts, funcionários públicos, integrantes de *think tanks*. Ravelstein tinha produzido (doutrinado) três ou quatro gerações de formandos. Mais importante, os alunos eram loucos por ele. Eles não se limitavam às doutrinas dele, às interpretações, mas imitavam o jeito dele e tentavam andar e falar como ele fazia — livre, selvagem, pungentemente, com o brilho mais próximo do dele quanto lhes fosse possível. Os muito novos — aqueles que tinham como pagar por isso — também compravam roupas na Lanvin ou na Hermès, mandavam fazer camisas na Turnbull & Asser na Jermyn Street (“Kisser & Asser”, na minha versão corrigida\*\*). Eles fumavam com os gestos erráticos de Ravelstein. Eles tocavam os mesmos CDs. Ele os curava do gosto por rock e agora eles ouviam Mozart, Rossini, ou, voltando ainda mais, Albinoni e Frescobaldi (“nos instrumentos originais”). Eles vendiam as coleções dos Beatles e do Grateful Dead e, em vez disso, passavam a ouvir Maria Callas cantando *La Traviata*.

“É só uma questão de tempo antes de Phil Gorman ter status de ministro, e isso é excelente para o país.” Ravelstein tinha dado a seus meninos uma boa educação, nesses tempos de degradação — “a quarta onda da modernidade”. Era possível confiar neles com relação a informações

confidenciais, eles naturalmente *não* repassariam segredos de Estado ao professor que tinha aberto os olhos deles para a “Grande Política”. Dava para ver as mudanças que as responsabilidades causavam neles. As cabeças pareciam mais firmes e maduras. Eles estavam absolutamente certos em não repassar informações. Eles sabiam o quanto ele era fofoqueiro. Mas ele próprio tinha segredos muito importantes para guardar, informações de natureza privada e perigosa que só podiam ser confiadas a umas poucas pessoas. Ensinar, da maneira como Ravelstein entendia o ensino, era algo cheio de truques. Você não tinha como deixar que todos os fatos fossem conhecidos por todos. Mas, a não ser que os fatos *fossem* conhecidos, não era possível qualquer vida real. Então você fazia suas escolhas com a delicadeza de um joalheiro. Havia duas pessoas em Paris que o conheciam intimamente e três deste lado do Atlântico. Eu era uma delas. E quando ele pediu a mim que escrevesse uma “Vida de Ravelstein”, cabia a mim interpretar os desejos dele e decidir até que ponto a sua morte me liberava para respeitar o essencial — ou o viés dado a esse essencial por meu temperamento e por minhas emoções, a minha confusa versão de tudo isso. Suponho que ele achasse que isso não teria realmente importância já que ele não estaria mais aqui e já que a sua reputação póstuma não tinha qualquer relevância.

O jovem Gorman, pode estar certo, editava a informação que repassava a Ravelstein. Ele não iria além dos fatos que seriam informados à imprensa no dia seguinte. Mas ele sabia o prazer que o velho professor sentia ao receber informação privilegiada, e assim ele o fazia em nome do respeito e da afeição. Ele também sabia que Ravelstein tinha uma quantidade imensa de informações históricas e políticas para atualizar e manter. Isso voltava até os tempos de Platão e Tucídides — talvez até os tempos de Moisés. Todos aqueles grandes projetos de estadistas — voltando no tempo por meio de Maquiavel via Severo ou Caracala. E era essencial encaixar decisões daquele instante sobre a Guerra do Golfo — tomadas por políticos obviamente limitados como Bush e Baker em um retrato o mais fiel possível das forças operantes — na história política dessa civilização.

Quando Ravelstein disse que o jovem Gorman tinha uma compreensão da Grande Política, era algo assim que ele tinha em mente.

A cada oportunidade, a todo pretexto razoável, Ravelstein corria para o outro lado do Atlântico para Paris. Mas isso não significava que ele não gostasse do Meio-Oeste urbano. Ele era ligado à universidade, onde tinha se graduado sob o grande Davarr. Ele era um rematado americano.

Eu tinha me criado na cidade, mas a família de Ravelstein só saiu de Ohio no fim dos anos 30. Nunca conheci o pai dele, que Ravelstein me descrevia como um ogro de brinquedo, um homenzinho zangado, e um disciplinador neurótico. Um desses pequenos tiranos que controlam os filhos com gritos dementes, em uma incessante ópera familiar.

A universidade aceitava alunos de ensino médio que conseguissem passar no exame de admissão. Ravelstein foi aceito aos quinze anos e assim se livrou do pai e de uma irmã de quem ele gostava quase tão pouco quanto do pai. Como eu disse, ele tinha carinho pela mãe. Mas na universidade ele estava livre de todos os Ravelstein. “Minha verdadeira vida mental começou aqui. Para mim não havia nada melhor do que as pensões com beliches para estudantes em que eu dormia. Nunca entendi qual era a desgraça de ‘cair duro em uma casa alugada’, como Eliot escreveu. Você morre melhor na sua propriedade?”

Mesmo assim, sem ser invejoso (nunca soube que Ravelstein tenha invejado alguém), ele tinha um tremendo fraco por ambientes agradáveis e gostava de pensar em morar em um dos elegantes prédios de apartamentos que eram antes ocupados exclusivamente pelos professores WASP da universidade. Quando ele voltou para a universidade como professor efetivo depois de duas décadas em campi menos importantes, deu um jeito de conseguir um apartamento de quatro quartos no mais desejável de todos os prédios. A maior parte das janelas dava vista para o pátio escuro, mas, mais adiante, ele podia ver o campus a oeste com seus pináculos góticos de calcário de Indiana, os laboratórios, os dormitórios, os escritórios. Ele podia

observar a torre da capela — uma espécie de Colosso de Bismarck mutilado com sinos que ressoavam bem além do complexo da universidade. Quando Ravelstein se tornou uma figura nacional (e também internacional — sozinho, os direitos autorais dele no Japão eram, ele dizia com um prazer selvagem e sem modéstia, “ferozes”), ele se mudou para um dos melhores apartamentos do local. Agora ele tinha vista para todas as direções. A falecida Mme. Glyph, que o havia criticado por ter bebido do gargalo de uma garrafa de coca-cola, não tinha estado mais bem situada.

Curiosamente, havia algo de retiro monástico no apartamento. Você entrava sob tetos com pé-direito baixo. O lobby tinha painéis de mogno. Os elevadores eram como confessionários. Cada apartamento tinha um pequeno hall de entrada com piso de pedras cortadas, e uma arandela gótica acima do nível da cabeça. Ao chegar no andar de Ravelstein, frequentemente havia um móvel na porta de saída, que havia sido substituído por uma nova aquisição — uma arca com gavetas, um pequeno armário, um suporte para guarda-chuvas, uma tela de Paris sobre a qual ele tinha passado a ter dúvidas. Ravelstein não tinha como competir com a coleção dos Glyph de Matisses e Chagalls, iniciada nos anos 20. Mas na cozinha ele ia muito além deles. Ele tinha comprado uma máquina de espresso de uma fornecedora de equipamentos para restaurantes. Instalada na cozinha, a máquina dominava a pia, e fumaceava e zumbia de maneira explosiva. Eu me recusava a tomar o café dele porque era feito com água clorada da torneira. A imensa máquina comercial inutilizava a pia. Mas Ravelstein não tinha uso para pias — só o café importava.

Ele e Nikki dormiam sobre lençóis de linho Pratesi e debaixo de peles de angorá belamente curadas. Ele tinha plena consciência de que todo esse luxo era engraçado. As acusações de que aquilo era absurdo o deixavam perfeitamente indiferente. Ele não ia ter uma vida longa. Eu me inclino a pensar que ele tinha ideias homéricas sobre ser ceifado cedo. Ele não precisava aceitar o confinamento em umas poucas décadas que seriam como becos sem saída, não com o apetite que ele tinha pela existência e com o dom excepcional que ele tinha para visões panorâmicas. Não era só o

dinheiro — a fortuna trazida por seu best-seller — que tornava isso possível; era a capacidade que ele havia demonstrado ter nas guerras mentais — os cargos que ele ocupou, as batalhas que ele provocou, as disputas com os sabichões classicistas e historiadores de Oxford. Ele estava seguro de si, como De Gaulle havia dito sobre os judeus. Ele adorava polêmicas.

Rosamund e eu morávamos na mesma rua em um prédio que fazia você lembrar a Linha Maginot. Nossos cômodos não eram esplêndidos como os do apartamento monástico luxuoso de Ravelstein. Eles eram simples, mas na época eu estava apenas procurando abrigo. Eu tinha sido rejeitado — despejado depois de doze anos de casamento daquela que tinha sido minha casa distante da região central, e tive sorte de encontrar refúgio em uma das caixas de comprimidos perto de Ravelstein, a cerca de cinquenta metros do portão gótico de ferro forjado típico do Meio-Oeste da casa dele e de seu porteiro uniformizado. — Nós não tínhamos porteiro.

O que eu tinha eram uns cinquenta anos andando por essas calçadas em que o sol aparecia em faixas, passando por prédios anteriormente ocupados por amigos. Aqui, onde um teólogo japonês mora hoje, uma srta. Abercrombie vivia quarenta anos atrás. Ela era uma pintora que havia se casado com um agradável ladrão hippie cuja especialidade era fazer sala às pessoas enquanto reencenava assaltos a sobrelojas. Em cada uma das ruas ao redor havia janelas frontais de salas em que amigos haviam morado — e, nas laterais, as janelas dos quartos em que eles haviam morrido. Esses lugares eram mais comuns do que eu gostava de pensar.

Na minha idade, não é bom ser muito emotivo. É diferente se você tem uma vida ativa. E em geral eu sou ativo. Mas há lacunas, e a tendência é preencher essas lacunas com os seus mortos.

Ravelstein acreditava que eu tinha uma espécie de seriedade simplista sobre a verdade. Ele dizia: “Você não mente para si mesmo, Chick. Você pode evitar tomar conhecimento das coisas por muito tempo mas no fim você admite. Não é uma virtude comum”.

Eu não sou um professor em nenhum sentido, embora tenha estado próximo da comunidade universitária por tantas décadas a ponto de alguns professores me verem como um colega de muitos anos. E quando saí para andar em um desses dias impressos pelo sol logo depois de eu ter voltado para as proximidades da universidade, com o tempo seco, frio, claro e intenso, encontrei um conhecido chamado Battle. Ele era um professor, um inglês que caminhava pelas ruas congelantes com um velho sobretudo fino. Um homem na faixa dos sessenta anos, ele era grande, corado, encorpado, o imenso rosto gelado grosso como pimenta doce. O cabelo era denso e longo, e às vezes me fazia lembrar do quacre na caixa de aveia. Ele tinha energia suficiente para manter dois homens aquecidos. Só os ombros erguidos confirmavam que a temperatura estava mais do que congelante — os ombros levantados, e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco —, exceto pelos polegares. Os pés ficavam muito perto um do outro. Ele não era exatamente aquilo que chamamos de extravagante, mas sempre usava sapatos elegantes.

Diziam que Battle era um sujeito de conhecimento imenso. (Eu era obrigado a acreditar nos outros — como eu ia saber se ele dominava sânscrito e árabe?) Ele não era um tipo de Oxbridge. Era fruto de uma dessas universidades inglesas mais modernas.

Num caso como o dele você não tinha como simplesmente mencionar que encontrou por acaso um professor chamado Battle cujos cabelos compridos tornavam supérfluo o uso de chapéus. Na Segunda Guerra Mundial, Battle tinha sido paraquedista e piloto. Certa vez ele transportou De Gaulle de um lado para o outro do Mediterrâneo. Além disso, ele tinha sido um jogador de tênis notável na vida civil. Ele também tinha sido professor de dança de salão na Indochina. Ele era muito rápido, um corredor impressionante que tinha perseguido e alcançado um assaltante. Ele deu um soco tão forte no estômago do ladrão que os policiais precisaram chamar uma ambulância.

Battle, um dos favoritos de Ravelstein, gostava muito do velho Abe. Mas dizer como ele, Battle, via Ravelstein era praticamente impossível. Não

havia pistas sobre o que se passava por trás daquela testa poderosa. Cheia de força ela descia até a saliência eriçada de uma cordilheira supraorbital que fazia interseção com a fina linha do nariz e que fazia par com as estreitas linhas paralelas de seus lábios — a boca de um rei celta. Ele poderia ter sido treinado para ser um halterofilista de nível olímpico. Esse era um homem realmente forte — mas ele era forte para quê? Battle deixou de lado seus dons naturais. O objetivo dele era a sutileza — movimentos maquiavélicos ocultos, complexos, corajosos, secretos. O objetivo dele podia ser frustrar um chefe de departamento ao influenciar um gestor indiferente para que ele desse uma palavra com o reitor et cetera. Ninguém jamais suspeitaria de que essas conspirações existiam, muito menos se importaria de descobrir quem estava por trás delas. Ravelstein, que me explicou isso, incoerente com risadas e falando alto “é-ah, é-ah”, disse: “Ele vem discutir todo tipo de assuntos pessoais, altamente pessoais é-ah comigo, mas nunca menciona essas outras operações”.

Com um pequeno incentivo Ravelstein revelaria as confidências de Battle — ou de qualquer outra pessoa. Ele dizia, citando um falecido amigo nosso: “Quando eu faço, não é fofoca, é história social”.

O que ele realmente queria dizer era que as idiosincrasias estavam no domínio público para serem apreciadas como o ar e outras mercadorias gratuitas. Ele não perdia tempo com especulações psicanalíticas ou com a análise da vida cotidiana. Não tinha paciência com “essa baboseira de insights” e preferia a inteligência ou mesmo a pura crueldade a interpretações amistosas, feitas com boas intenções, do tipo convencional liberal.

Na rua fria e ensolarada — o rosto todo em dobras no frio cortante — Battle disse: “Abe está aceitando visitas?”.

“Por que não? Ele sempre fica feliz de ver você.”

“Não me expressei bem... Ele sempre é educado com a Mary e comigo.”

Mary era uma mulher roliça, espirituosa, pequena, sorridente. Ravelstein e eu tínhamos um carinho especial por Mary.

“Bom, se você é bem-vindo e se ele é gentil com você, qual é a dúvida?”

“Ele não está bem de saúde, está?”

“Ele é um desses sujeitos altos, fortes e que sempre estão indispostos.”

“Mas ele não está mais indisposto do que o normal?”

Battle estava me testando, querendo dicas sobre o estado de Ravelstein. Eu não ia lhe dizer nada, embora soubesse que ele gostava de Ravelstein — de algum modo o admirava. Com pessoas estranhas eu só vou até esse ponto. Cada respiração gelada que passava pelas dramáticas narinas de Battle aumentava o vermelho do rosto dele. A cor se espalhava para baixo até as dobras de sanfona embaixo do queixo. Ele raramente usava chapéu. O cabelo preto parecia manter a nuca suficientemente quente. Ele usava sapatos de dançarino de tango. Eu simpatizava com as excentricidades dele. Parecia que era uma mistura de delicadeza contida e de brutalidade indomada.

Os Battle, marido e mulher, tinham Ravelstein em alta conta. Preocupavam-se com ele. Pode ter certeza de que falavam frequentemente sobre ele.

“Bem”, eu disse, “ele teve uma série de infecções. O cobreiro pegou pesado com ele.”

“Herpes-zóster. Claro”, disse Battle. “Inflamação dos nervos. Faz um estrago horrível e dá muita dor. É comum que atinja os nervos espinhais e cranianos. Já vi casos desse tipo.”

As palavras dele me fizeram ver Ravelstein. Eu o vi deitado quieto debaixo da colcha. Os olhos escurecidos estavam parados. A cabeça estava apoiada sobre os travesseiros. A postura dele sugeria descanso. Mas ele não estava descansando.

“Ele passou por essa, não?”, disse Battle. “Mas depois ele não teve outra doença? Uma coisa nova?”

Tinha uma coisa nova. A infecção que se seguiu foi chamada de Guillain-Barré pelos neurologistas quando eles finalmente conseguiram identificá-la. Na época ela ainda não tinha sido diagnosticada. Abe tinha voltado de Paris para um jantar em sua homenagem oferecido pelo prefeito. Black tie e discursos de celebridades — exatamente o tipo de ocasião para o qual



Ravelstein, que havia muito tempo ansiava por reconhecimento, não podia dizer não. Em Paris, onde ele pretendia passar seu ano sabático, ele tinha alugado um apartamento em uma avenida de embaixadas e de residências oficiais bem perto do Elysée Palace. A polícia sempre estava por perto, e chegar em casa à noite podia ser um problema, já que Abe não tinha tempo para perder pedindo uma *carte de séjour* no burocrático Hotel de Ville, de modo que quando os policiais o paravam para pedir identificação ele não tinha nada para mostrar e havia longas discussões no meio da noite. Ele mandava os policiais procurarem o Marquês de Não Sei Quê, seu senhorio. Sempre havia algo positivo em tudo que acontecia naquelas ruas. Até mesmo as inconveniências de Paris eram de alto nível. Comparados aos problemas reais dele, esses cursos (Ravelstein achava que todos os *flics* — policiais franceses — vinham da Córsega, e que não importava o quanto eles se barbeassem, os queixos deles continuavam com pelos) eram em todos os sentidos uma diversão.

O resumo é que Ravelstein voltou rapidamente para casa para ir ao banquete do prefeito em sua homenagem e voltou com uma doença (descoberta por um francês) que o mandou para um hospital. Os médicos o colocaram em terapia intensiva. Estavam administrando oxigênio para ele. Só deixavam entrar um ou dois visitantes por vez. Ele quase não dizia nada. De vez em quando me olhava e me reconhecia. Os grandes olhos estavam concentrados naquela torre de vigilância craniana calva dele. Os braços, que nunca se desenvolveram muito, logo perderam o músculo que tinham. Nos primeiros dias do vírus Barré ele não conseguia usar as mãos. Mesmo assim conseguia dizer que precisava fumar.

“Você não vai fumar, não com uma máscara de oxigênio. Você iria explodir esse lugar todo.”

De alguma maneira eu me vi sempre preso ao papel do cauteloso, falando em nome do mais comum dos sentidos comuns para pessoas que se orgulhavam em deixar a prudência de lado. Será que eram os outros que me punham sempre nessa situação, ou será que no fundo eu era exatamente

desse jeito? Em momentos de hiperautocrítica, eu me via como o *port parole* burguês. Ravelstein estava ciente desse meu defeito.

Nikki e eu não éramos diferentes, nesse ponto. Nikki era muito mais duro e crítico. Quando Ravelstein comprou um tapete caro de Sukkumian na zona norte, Nikki berrou: “Você pagou dez mil por esse troço cheio de buracos e todo puído... porque os buracos provam que é um antiguidade genuína? O que foi que ele te disse, que foi nesse tapete que Cleópatra se enrolou nua? Você realmente é um desses caras, como diz o Chick, que pensa que dinheiro é para ser jogado da plataforma traseira de um trem expresso. Você está na plataforma de observação do Twentieth Century\*\*\* jogando notas de cem dólares”.

Tinham ligado para Nikki e dito que Ravelstein estava doente de novo. Ele ainda estava na escola de hotelaria em Genebra, e soubemos que ele estava voltando imediatamente. Ninguém duvidava de quanto eram fortes os laços entre Nikki e Abe. Nikki era totalmente franco — franco, por natureza, um sujeito bonito, de pele sedosa, cabelos negros, oriental, gracioso, juvenil. Ele tinha uma concepção exótica sobre si mesmo. Não quero dizer que fosse pretensioso. Ele sempre era natural. Esse *protégé* de Ravelstein, eu achava — ou costumava achar — era um pouco mimado. Mas nisso também eu estava enganado. Criado como um príncipe, sim. Mesmo antes de o famoso livro que vendeu um milhão de cópias ter sido escrito, Nikki se vestia melhor do que o Príncipe de Gales. Ele era mais inteligente e tinha mais discernimento do que muitas pessoas mais bem-educadas. Ele tinha, e isso é mais importante, a coragem de defender seu direito de ser exatamente aquilo que ele parecia ser.

Isso, como Ravelstein disse, não era uma postura. Não havia absolutamente nada na aparência de Nikki que fosse decorativo ou teatral. Ele não procura problemas, veja bem, mas “ele está sempre pronto para uma briga. E a percepção que ele tem de si mesmo é tal que... ele vai brigar. Eu já tive que segurá-lo várias vezes”.

Às vezes ele baixava a voz ao falar de Nikki, para dizer que não havia intimidades entre eles. “Mais pai e filho.”

Em questão de sexo, às vezes eu achava que Ravelstein me via como um retrocesso, um anacronismo. Eu era amigo íntimo dele. Mas eu era filho de uma família judia europeia tradicional, com um vocabulário para falar de homossexualidade que vinha de mais de dois milênios. Os termos ancestrais judaicos para isso eram, primeiro, *Tum-tum*, que talvez datasse do cativeiro na Babilônia. Às vezes a palavra era *andreygenes*, obviamente de origem alexandrina, helenística — os dois sexos se fundindo em uma escuridão erótica e perversa. Misturas de arcaísmo e modernidade eram especialmente atraentes para Ravelstein, que não podia ser contido na modernidade e que extravasava todas as eras. Estranhamente, ele era exatamente assim.

Ele saiu da UTI sem conseguir andar. Mas em pouco tempo recuperou parcialmente o uso das mãos. Ele precisava das mãos porque precisava fumar. Assim que foi instalado no quarto do hospital ele mandou Rosamund sair e comprar uma carteira de Marlboro. Ela tinha sido aluna dele, e ele lhe havia ensinado tudo o que exigia que seus alunos entendessem — as fundações e as premissas do seu esotérico sistema. Ela compreendia, claro, que ele tinha acabado de voltar a respirar por conta própria e que fumar era prejudicial, perigoso — quase certamente era proibido.

“Nem precisa me dizer que é uma má ideia fumar agora. Mas não fumar é pior ainda”, ele disse a Rosie, quando a viu hesitar.

É claro que ela compreendia, tendo assistido a todos os cursos que ele ofereceu.

“Portanto, eu desci até a máquina de venda e subi com seis carteiras de Marlboro”, ela me contou.

“Se você não tivesse feito, dez outros mensageiros fariam isso”, eu disse.

“Claro que fariam.”

No hospital os melhores alunos dele — os mais próximos — iam e vinham, se reuniam, conversavam na sala de espera.

No segundo dia depois de ter alta da UTI, Ravelstein, que não tinha recuperado o uso das pernas, estava de volta no telefone com amigos em Paris, explicando por que ainda não estava voltando. Ele teve que desistir

do apartamento. Seria preciso abordar com tato os aristocráticos senhorios para providenciar a devolução do *dépôt de garantie*. Dez mil dólares. Talvez eles entregassem a grana. Talvez não. Ele entendia o que eles sentiam, ele disse. Aqueles eram os cômodos mais bonitos, mais distintos onde já tinha morado, ele disse.

Ravelstein não contava com a devolução do depósito, embora tivesse bons contatos nos círculos acadêmicos franceses. Ele tinha muitos contatos importantes na França — e também na Itália. Ele sabia perfeitamente bem que não havia meio legal de recuperar o dinheiro que tinha adiantado. “Especialmente nesse caso, em que o inquilino é um judeu, e há um Gobineau na árvore genealógica do proprietário. Esses Gobineau eram célebres por odiar os judeus. E eu não sou um judeu qualquer, pior, sou um judeu americano — ainda mais perigoso para a civilização do ponto de vista deles. Eles até podem deixar um judeu morar na rua deles, mas ele *precisa* pagar por isso.”

Em um momento de fraqueza, debilitado pela doença, olhos semicerrados e com uma voz em que as palavras não eram claras e em que o tom ficava responsável por transmitir a maior parte do sentido — vários dias em que o jeito dele falar se assemelhava ao seu olhar fixo e limitado —, ele tentou por várias vezes me dizer algo. Até que ficou claro o que ele estava tentando me contar — que ele estava providenciando para que mandassem uma BMW.

“Da Alemanha?”

Parecia que sim, apesar de ele não ter realmente dito que o carro estava sendo transportado. Fiquei com a impressão de que ele já estava num cargueiro no meio do Atlântico. Talvez já tivesse até sido descarregado e estivesse em um caminhão rumo ao Meio-Oeste.

“É para o Nikki”, Ravelstein disse. “Ele acha que deveria ter algo extraordinário e que fosse só dele. Você entende, não, Chick? Além disso, ele pode ter de abandonar a escola na Suíça.”

Isso não foi uma pergunta. Eu conseguia entender muito bem. Pra começar, se você se vestia — como Nikki — com Versace, Ultimo e Gucci,

você não ia querer usar transporte coletivo. Mas, tendo satisfeito a peculiar necessidade que tenho de humor, agora eu podia falar sério. A realidade era que Ravelstein tinha escapado por pouco, e que ele ainda estava naquela situação que os médicos chamavam de “ligado a aparelhos”, que a parte inferior do corpo ainda estava paralisada, as pernas não funcionavam, e que, se e quando a paralisia fosse superada, ainda havia outras infecções esperando para que ele lidasse com elas.

“Agora me diga, é-ah, Chick, como é que eu estou?”

“O rosto?”

“Rosto, cabeça. Você tem um olho especial, Chick. E não me esconda nada.”

“Você parece um melão maduro, em cima do travesseiro.”

Ele riu. Os olhos dele se apertaram e cintilaram; o meu modo de pensar dava a ele uma satisfação especial. Ele entendia esse tipo de observação como um sinal de que as faculdades superiores estavam em operação. Sobre o carro ele disse: “A agência estava tentando me vender um BMW cor de vinho. Eu prefiro o castanho. Ali tem uma cartela de cores” — Ele apontou, e, quando eu lhe passei, ele a abriu. Um pedaço de esmalte depois do outro. Estudando as cores sobriamente, eu disse que o vinho não funcionava.

“Você nunca erra quando se trata de bom gosto. Nikki também acha isso.”

“Simpático, mas nunca imaginei que ele estava me observando.”

“As roupas que você usa podem não ser as mais novas, mas você realmente leva jeito para ser um dândi, Chick — numa fase anterior, e com restrições. Eu me lembro do seu alfaiate em Chicago, aquele que me fez um terno.”

“Você mal usou aquele terno.”

“Eu usava em casa.”

“E depois ele desapareceu.”

“Nikki e eu ríamos como uns bobos olhando aquele corte. Perfeito para Las Vegas ou para um político na reunião anual interna do Partido Democrata no Hotel Bismarck — não fique chateado, Chick.”

“Não fico. Não faço um grande investimento emocional nos meus ternos.”

“Nikki sempre diz que o seu gosto para camisas e gravatas é perfeito. Kisser & Asser.”

“Claro, Kisser & Asser.”

“Sim!”, disse Ravelstein, e fechou os olhos satisfeito.

“Não quero cansar você.”

“Não, não.” Os olhos de Abe continuavam fechados. “Ainda não morri para essas piadas que fazemos um com o outro. Você me faz mais bem do que uma dúzia de remédios pingando na veia.”

Sim, e ele podia confiar em mim. Eu estava presente, também, na janela do hospital. *Ad sum*, como você responderia na chamada da escola — ou *ab est*, como dizíamos em uníssono quando uma cadeira estava vazia.

A cidade exibia quilômetros e quilômetros de vazio outonal — o chão frio endurecendo, os bulevares de galhos, o visual de deserto pintado dos apartamentos, o verde dos parques empalidecendo —, a zona temperada e suas estações, em seu movimento. Inverno chegando.

Quando o telefone tocou novamente eu atendi; eu fazia uma triagem das ligações. Mas a mulher da BMW estava na linha e ele queria falar com ela. “Vamos revisar essa lista de itens”, ele disse. “Tem certeza de que vai vir com câmbio...? Nada de transmissão automática.”

Com os opcionais, o carro custava oitenta mil dólares.

“Evidente que vai ter air bag no banco do passageiro, não só no do motorista?”

“... Agora vamos ver a cor do interior — o acabamento em pelica. O toca-discos no porta-malas tem que tocar seis CDs! Oito! Dez!

“E o fechamento e a abertura da porta com a chave eletrônica? Não queremos perder tempo com chaves. Não posso te dar um cheque visado, estou no hospital. Não estou nem aí se é política da empresa. Preciso da entrega no máximo na quinta. Nikki — o sr. Tay Ling está chegando de Genebra na quarta à noite. Portanto, toda a papelada tem que estar pronta. Não, como achei que já tinha te dito, estou no meu quarto no hospital. É-ah

é-ah! Uma coisa que eu posso te garantir é que não é um hospital para doentes mentais. Você tem a minha conta no Merrill Lynch. Quê? Você certamente checkou meu crédito, srta. Sorabh — escreve com *bh* ou *hb*?”

O número de consultas pode ter chegado a uma dúzia por dia. “Nikki é rigoroso”, ele dizia. “E por que tudo não devia ser perfeito? Quero que ele fique cem por cento satisfeito — motor, carroceria, toda a parte eletrônica. Tudo certinho. Estabilizadores equilibrados. Antes era o Ferreiro Harmonioso — agora são os computadores harmoniosos. Não vai haver óperas barrocas no carro novo. Só jazz chinês, ou algo assim.”

Nikki, como eu bem sabia, era exigente. Isso ficava evidente até nas relações casuais com as outras pessoas. E devia ser assim também com objetos.

“Não quero que pareça que fui enganado pela BMW por causa dessa doença. Preciso tentar antecipar como Nikki vai reagir. Do jeito quieto dele, ele é todo agitado”, disse Ravelstein. “É natural. Ele compartilha da minha prosperidade, claro. Mas não faz muito tempo ele me disse o quanto gostaria que eu desse um sinal para ele — algum grande gesto. Não é só a minha prosperidade, é a *nossa* prosperidade.”

Não o convidei a falar de detalhes. Como ele e eu éramos amigos íntimos, cabia a mim pensar sobre o papel de Nikki na vida dele. Eu achava que estava alerta o suficiente para entender. Mas talvez não estivesse. Ravelstein frequentemente me fazia duvidar das minhas habilidades.

Eu disse: “Todas essas garantias que você está pedindo, vai levar um mês para eles lerem isso”.

“Você faz isso parecer as Estações da Cruz”, Ravelstein disse, sorrindo.

“Você e Nikki estão seguros com essa corporação gigante alemã. É como uma realza da burguesia. Fico pensando, será que eles usaram trabalho escravo durante a guerra?”

Como os braços dele estavam definhados, as mãos de Ravelstein pareciam anormalmente grandes enquanto ele acendia um dos cigarros que Rosamund havia lhe trazido. E quando colocou o cigarro no cinzeiro e abanou a fumaça, entendi que alguém tinha entrado no quarto.

Era o dr. Schley — o cardiologista de Ravelstein. Ele era meu cardiologista também. Dr. Schley era baixo e magro. Mas a magreza dele não era sinal de fraqueza. Ele era firme. E o fato de ele estar havia muito tempo no hospital aumentava essa firmeza — ele era o chefe da parte cardíaca. Ele não falou muito. Não precisou.

“O senhor compreende, sr. Ravelstein, que o senhor acaba de sair da UTI? Poucas horas atrás o senhor não conseguia nem respirar. E agora o senhor está jogando fumaça nos seus pulmões frágeis. Isso é bem sério”, disse Schley, com um frio olhar de relance para mim. Eu não devia ter permitido que Ravelstein acendesse o cigarro.

Dr. Schley, também, era inteiramente calvo, com jaleco, e a mão raivosa dele pegou o seu estetoscópio, que estava saindo do bolso, como se fosse um estilingue.

Ravelstein não respondeu. Ele se recusava a ser intimidado — mas ainda não estava suficientemente forte para revidar. Em geral, ele não se importava muito com médicos. Médicos eram os aliados dos burgueses temerosos da morte. Ele não iria mudar de hábitos por médico nenhum, nem mesmo por Schley, que ele respeitava. Como Rosamund havia compreendido quando foi comprar cigarros, Abe ia fazer o que sempre tinha feito. Ele jamais iria bancar o convalescente.

“Vou pedir ao senhor, sr. Ravelstein, para abrir mão de seus cigarros até que seus pulmões estejam mais fortes.”

Ravelstein não respondeu nada, apenas acenou com a cabeça. Mas não para mostrar concordância. Ele nem estava olhando para o dr. Schley — estava olhando além dele. Schley não era o médico principal dele. O principal era o dr. Abern. Mas claro que Schley era parte da equipe; mais do que isso, era um dos líderes. Quanto a mim, Schley gostava o suficiente de mim — no meu lugar. Você nunca ouviria o dr. Schley dizer isso, mas se você fosse bom em ondas mentais sônicas você logo captava a mensagem. Ravelstein era uma figura importante nos mais altos círculos intelectuais. Não seria exagerado dizer que Ravelstein era genuinamente importante. Em



comparação, eu era bom o suficiente, para o meu tipo. Mas meu tipo estava longe de ser importante.

Em geral Schley falava comigo sobre manter o nível de quinino no meu sistema para controlar as batidas cardíacas. Eu estava sujeito a fibrilações e às vezes tinha falta de ar. As grandes doses de Quinaglute que ele receitava deixavam você surdo, como eu descobriria mais tarde. De todo modo meu pequeno problema cardíaco era a única coisa que me ligava a Schley. Ravelstein, por outro lado, o deixava fascinado. Ele via Ravelstein como um grande combatente nas guerras culturais e ideológicas. Depois de Abe ter feito seu sensacional discurso em Harvard, dizendo à plateia que eles eram elitistas disfarçados de igualitaristas — “Bem!”, dr. Schley me disse. “Quem mais teria a erudição, a confiança, a autoridade para fazer isso! E de um modo tão fácil, tão natural!”

Quanto a Ravelstein, ele nunca iria simplesmente *ter* um médico. Ele precisava saber o que pensar sobre cada pessoa com quem ele lidava. Ele tinha uma curiosidade insaciável sobre os alunos que atraía mas também sobre os comerciantes ou os engenheiros de som ou dentistas ou conselheiros de investimentos, barbeiros e, claro, médicos.

“Schley é o médico-chefe aqui”, ele disse. “O mais influente. É ele quem define as regras. Ele é responsável por todos os departamentos e direciona os pacientes para a equipe dele — assim como fez comigo. Mas daí tem a vida doméstica...”

“Nunca pensei sobre a vida doméstica dele.”

“Você conhece a mulher dele?”

“Nunca encontrei.”

“Bom, por tudo que se ouve dizer aquilo é um reinado feminino. A mulher e as filhas têm controle absoluto. A verdadeira vida dele está aqui na clínica e nos laboratórios.”

“Verdade? É comum que seja assim com pessoas rigorosas....”

“Como você mesmo, Chick. Você deve saber, você tem muita experiência nisso.”

Eu disse: “Mais um caso em que o filho do homem não tem onde repousar a cabeça”.

“Bom, não sinta pena. Foi você que fez as coisas assim. Nada para reclamar”, disse Ravelstein.

Eu não podia contestar isso. Tudo que eu podia dizer era que o médico não tinha um amigo, um Ravelstein, para corrigi-lo.

“Pobre Schley, fica cada mais correto na parte da medicina”, Ravelstein prosseguiu. “A mulher dele era durona, e tem as duas filhas solteiras. Ativistas, todas elas, ocupadas com causas tipo feminismo, meio ambiente. Então o médico é um tirano na clínica e é minoria em casa.”

“Eu também deixei ele furioso”, eu disse. “Um amigo de verdade teria tirado o cigarro de você!”

Eu não estava dizendo nada que Ravelstein não soubesse. Era difícil ele deixar de perceber algo.

O BMW 740 estava pronto — entregue uma hora antes de Nikki chegar. Ele foi imediatamente ao hospital. Ravelstein ainda não conseguia andar e tinha apenas uso parcial dos braços e das mãos. Ele conseguia fumar, conseguia discar números no telefone — fora isso ele estava, na expressão francesa que ele preferia, *hors d’usage*. Assim que Nikki chegou, Rosamund e eu saímos e esperamos do lado de fora.

Depois de um tempo Nikki saiu com lágrimas nos olhos. Ele muito raramente falava sobre Ravelstein comigo ou com outros amigos. Ele nos aceitava porque tínhamos sido examinados por Abe. Éramos as pessoas com quem Abe falava sobre os assuntos pelos quais ele, Nikki, não se interessava. Claro, Nikki tinha seus próprios pontos de vista sobre cada um de nós. E Abe tinha aprendido a levar o julgamento dele a sério.

“Você precisa descer neste exato instante e tomar posse de seu carro novo”, Rosamund disse.

Nós descemos com ele e vimos Nikki se sentar atrás do volante. O motorista da empresa tinha esperado e dado uma pequena demonstração,

Nikki explicou mais tarde, sobre todas as características especiais do glamoroso 740. Eu olhava os comandos e as luzes do painel de controle — parecia a cabine de um avião de combate. A coisa toda estava muito além do que eu podia entender — eu não conseguiria nem ligar o botão de degelo ou abrir o capô.

Ravelstein evidentemente queria tirar a atenção de Nikki dos fatos médicos com esse enorme brinquedo. Ele só obteve êxito parcial. Havia certo prazer em deslizar para o banco do motorista, mas Nikki me disse que ele não ia voltar para a Suíça. Tudo isso estava agora em compasso de espera. Ele teria de abandonar o curso de treinamento para hotelaria.

Quando chegou a hora de ir para casa, Abe disse que não queria entrar numa ambulância. Ele disse que Nikki iria levá-lo no novo 740. A orientação do dr. Schley era de que, como Ravelstein não conseguia andar, não conseguia sentar, ele tinha de ser removido numa maca. Abe disse que não havia necessidade de macas ou carregadores ou ambulâncias. Os alunos e os amigos iriam transferi-lo da cadeira de rodas para o 740.

Schley fincou pé. Ele disse que não assinaria a alta de Abe. Abe acabou se submetendo e o levantaram, com roupa de cama e tudo, para a maca. Ele ficou quieto o tempo todo, mas não com raiva nem rancoroso. Ele não tinha a raiva ou o rancor dos doentes.

O 740 já estava estacionado. Com um telefonema seria trazido até a porta em poucos minutos.

Eu estava relendo as memórias de Keynes que Ravelstein me havia recomendado como modelo a seguir. Sempre havia um livro para preencher as horas no saguão ou na unidade de terapia intensiva, ou quando o paciente estava dormindo ou refletindo em silêncio — parecendo dormir. Enquanto estava esperando pela ambulância sentei no jardim do prédio de Ravelstein com Rosamund, lendo J. M. Keynes.

O que estava sendo discutido nas memórias de Keynes era a liberação de ouro pelos alemães em 1919 para financiar a compra de comida para as cidades bloqueadas, onde havia fome. A comissão encarregada da execução da convenção do Armistício tinha sede em Spa, as elegantes termas na

fronteira belga, que tinham sido quartel-general do exército alemão. A villa de Ludendorff ficava lá, e a villa do kaiser e a de Hindenburg — você logo percebia que Keynes estava escrevendo de modo esotérico para seus amigos íntimos de Bloomsbury, não para as massas leitoras de jornal.

O território belga era assombrado, ele disse. “O ar ainda estava carregado com as emoções daquele imenso colapso. O lugar era melancólico com a melancolia teatral da floresta negra teutônica.” Fiquei imensamente interessado em saber que Keynes culpava Richard Wagner diretamente pela Primeira Guerra Mundial. “Evidentemente, a concepção que o kaiser tem de si mesmo foi moldada desse modo. E o que era Hindenburg senão o baixo, e Ludendorff, o tenor gordo dessa ópera wagneriana de terceira classe?”

Havia, porém, um perigo de que a Alemanha derivasse para o bolchevismo. Com a fome e a doença grassando, os índices de mortalidade estavam sendo prejudiciais para os Aliados, disse Lloyd George à Conferência. Clemenceau ao responder “percebeu que tinha o múnus de fazer concessões importantes”. “Múnus” era uma palavra que havia desaparecido, eu disse a Rosamund.

Mas os franceses continuavam objetando à proposta dos alemães de pagar pela comida com ouro. Clemenceau queria o ouro alemão para as reparações. Um dos ministros franceses, um judeu chamado Klotz, afirmou que os alemães famintos deviam obter permissão para pagar pelo alimento de qualquer outra forma, exceto usando ouro. Ele considerava impossível ir mais longe sem comprometer os interesses de seu país, “dos quais (inflando o peito e se esforçando para ter uma aparência digna) ele havia sido encarregado”.

Lloyd George — por que eu volto sempre a isso? Não consigo explicar por que sou tão afetado por isso — agora se voltou para M. Klotz com ódio, Keynes escreve. “Você já viu Klotz? — um judeu baixo, roliço, com um grande bigode, mas com olhos instáveis e inquietos, e com os ombros um pouco curvados em uma súplica instintiva. Lloyd George o havia odiado e desprezado desde sempre. E agora percebeu em um instante que poderia matá-lo. Mulheres e crianças estavam passando fome, ele gritou, e aqui

estava M. Klotz tagarelado e tagarelado sobre seu ‘oooouro’. Ele se inclinou e com um gesto das mãos indicou a todos a imagem de um odioso judeu agarrando um saco de dinheiro. Os olhos brilharam e as palavras saíram com um desprezo tão violento que ele quase parecia estar cuspidando no outro. O antissemitismo, não muito abaixo da superfície em uma assembleia como aquela, estava no coração de todos. Todos olharam para Klotz com um desprezo e um ódio momentâneos; o pobre homem estava curvado sobre sua cadeira, visivelmente encolhido [...] Depois, virando, ele [Lloyd George] pediu a Clemenceau que pusessem fim a essas táticas obstrutivas; caso contrário, ele gritou, M. Klotz iria se juntar a Lênin e a Trótski como um dos que ajudaram a espalhar o bolchevismo pela Europa. O primeiro-ministro parou. Por toda a sala era possível ver cada um sorrindo e sussurrando para o vizinho ‘Klotsky’.”

Outro judeu, esse a serviço do governo alemão, era o dr. Melchior. Ele não era tão influente na sua delegação quanto Keynes; Keynes estava do lado de Lloyd George e contra Herbert Hoover sempre que se debatia algo sobre panificações, produtos suínos, ou arranjos financeiros. Melchior parecia sentir o mesmo que Keynes. No relato de Keynes, Melchior tem “um olhar fixo, com pálpebras pesadas, desamparado [...] como um venerável animal que sentisse dores. Será que conseguiríamos romper com as formalidades vazias dessa conferência, com o portão de triplas barricadas de triplas interpretações, e falar sobre a verdade e a realidade como pessoas sãs e sensatas?”.

A Alemanha passava fome, a França tinha sangrado quase até a morte. Os ingleses e os americanos realmente tinham a intenção de fornecer comida. Havia toneladas de carne de porco esperando que Herbert Hoover desse a ordem para que as entregas fossem iniciadas. “Admiti que nossas recentes ações não fossem tais que o levassem a confiar em nossa sinceridade; mas implorei a ele [Melchior] para acreditar que eu, pelo menos naquele momento, estava sendo sincero e verdadeiro. Ele estava tão comovido quanto eu, e acho que acreditava em mim. Nós dois permanecemos de pé durante toda a conversa. De certa maneira eu estava

apaixonado por ele [...]. Ele falava com Weimar pelo telefone e insistia para que lhe dessem alguma liberdade de decisão [...]. Ele falava com o pessimismo apaixonado de um judeu.”

O lugar em que eu estava sentado lendo, onde Rosamund e eu esperávamos pela ambulância que estava trazendo Ravelstein para casa, era um pequeno jardim dentro dos portões de ferro forjado. Um tanque de pedras, arbustos, grama — havia até flores que cresciam à sombra. Sapos e rãs se dariam bem aqui, mas seria preciso importá-los. De onde eles viriam? Não havia rãs nos quilômetros de construção que cercavam esse refúgio. O jardim era uma espécie de câmara de descompressão. Para alguns dos professores que moravam ali pode ter lembrado as grutas-retiro que tinham sido construídas por cavalheiros ingleses no século XVIII. Você desejava ter certa proteção contra os fatos brutos. Para estar plenamente consciente tanto do refúgio quanto da favela, você precisava ser um Ravelstein. “*Lá fora*”, ele dizia, rindo, “os policiais vão dizer para você não parar no sinal vermelho. Na terra de ninguém, pode ser seu fim se você parar.” Você não deve ser engolido pela história de seu próprio tempo, Ravelstein dizia com frequência. Ele citava Schiller para dizer o mesmo: “Viva com seu século, mas não seja criatura dele”.

O arquiteto que pôs uma pequena arcada da Alhambra aqui, com seus aquedutos e plantas de sombra, teve basicamente a mesma ideia: “Viva nesta cidade mas não pertença a ela”.

Rosamund, que estava sentada a meu lado à beira de um tanque de pedras, não se sentiu excluída enquanto eu estava lendo.

Ravelstein tinha levado algum tempo para ver Rosamund e eu como um casal. Havia algo estranho nisso porque ele tinha um interesse incomum nos alunos, e Rosamund era uma de suas alunas. Se questionado sobre isso, ele diria que, dado o tipo de educação que estávamos recebendo, com sua ênfase incomum “sobre os afetos” — sobre o amor, sobre não ficar de rodeios —, teria sido irresponsável fingir que o ato de ensinar podia estar separado do ato de unir almas. Esse era o modo antiquado de ele colocar as coisas. Naturalmente havia uma palavra grega para isso, e não se pode

esperar que eu me lembre de cada palavra grega que ouvi dele. Eros era um *daimon*, o gênio ou demônio dado por Zeus a cada pessoa como compensação pela cruel separação do todo andrógino original humano. Tenho certeza de que entendi corretamente essa parte do mito sexual aristofânico. Com a ajuda de Eros nós vamos em frente, cada um de nós, procurando a metade que nos falta. Ravelstein levava a sério essa busca, orientada pelo desejo. Nem todos sentem esse desejo, ou o reconhece caso o sinta. Na literatura Antônio e Cleópatra sentiram isso, Romeu e Julieta também. Mais perto da nossa época Anna Kariênina e Emma Bovary sentiram isso, a Mme. de Rênal de Stendhal em sua simplicidade o sentia. E é claro que outros, sem ser ensinados, sem serem tocados pelo claro reconhecimento o sentem de uma forma obscura. Era isso que Ravelstein continuamente observava, e com essa preocupação ele estava a apenas um passo de formar casais. Fazendo o melhor que podia ser feito com essas necessidades poderosas porém incompletas. Um bom paliativo para a dor nem-sempre-consciente do desejo tinha em si uma importância significativa. Temos que manter o fluxo da vida, de um jeito ou de outro. É preciso que haja casamentos. No adultério homens e mulheres têm a esperança de adiar por um momento a dor de uma vida inteira de privação. O que tornava o adultério um pecado venial na opinião de Ravelstein era o fato de que a dor de nossos desejos nos impele de uma maneira tão impiedosa. “Almas sem desejos” havia sido o título provisório de seu famoso livro. Mas, para a maior parte da humanidade, os desejos foram, de um ou de outro modo, eliminados.

“Como eu cheguei tão longe?”

Como um observador honesto sou obrigado a deixar claro o modo como Ravelstein agia. Se ele se importava com você era dessa perspectiva que ele iria te ver. Você não iria acreditar na quantidade de pensamentos que ele dedicava a cada caso, na atenção com que observava os alunos que aceitava para receber o treinamento superior ou esotérico, aqueles que estavam dispostos a romper com a maioria ortodoxa da ciência social que dominava a profissão. Se os alunos seguissem Ravelstein, teriam problemas em

encontrar empregos. Portanto, você precisava pensar em como prover para os jovens que eram escolhidos. Profissionalmente falando, eles tinham feito uma escolha errática. Ravelstein frequentemente pedia minha opinião: “E se Smith formasse um casal com Sarah? Ele tem umas tendências homossexuais, mas jamais vai ser um homossexual. E Sarah é uma menina muito séria — disciplinada, trabalha duro, ama os livros. Não é um gênio mas tem muita coisa a favor dela. Ela pode ter exatamente o toque de masculinidade que deixaria o jovem Smith feliz”.

Ele estava tão acostumado a bolar arranjos desse tipo que aparentemente tinha pensado em algo para mim depois que Vela pediu o divórcio. Meus erros foram tão evidentes que não se podia confiar que eu faria qualquer coisa certa. Ele tinha profetizado com precisão sete ou oito anos atrás: “Vela logo vai superar você. Ela viaja para conferências no mundo todo. Nunca fica em casa mais que uma semana. Enquanto você tem a tendência a ser submisso, Chick. E você hoje só mora com as roupas dela penduradas no closet. Ela só precisa de um marido para ser respeitável. Eu não acho que os homens sejam a preferência principal dela. Mas ela é um caso estranho; ela tem tudo para ser uma beldade, mas não é uma beldade, não importa o quanto se empenhe com as roupas e a maquiagem. E você como um artista, Chick, viu nela algo que tinha a ver com beleza. É fato que ela tem belos olhos mas, olhando de perto, tem algo de uma exatidão militar europeia nela. E, quando ela o inspeciona, você simplesmente não tira nota suficiente para passar com ela. Mentalmente falando, ela vem na sua direção mas depois se afasta com a maior velocidade que o salto alto permite. Ela é esquisita, Chick. Mas você também é bem esquisito. Artistas se apaixonam, é claro, mas o amor não é o dom principal deles. Eles amam os seus altos propósitos, o uso de seu gênio, não mulheres de verdade. Eles têm seu próprio tipo de força motora. Goethe, é claro, tinha o *daimon* dele, ele falava disso com Eckerman o tempo todo. E na velhice ele se apaixonou por uma coisinha jovem muito bonita. Mas é claro que essa paixão era *dérisoire* — um total absurdo...”.



Esse era o jeito dele de expor um tema — não totalmente lisonjeiro, mas ele nunca lisonjeava ninguém, nem se colocava no seu nível para rebaixar você. Ele simplesmente acreditava que ter disposição para deixar que a estrutura de autoestima fosse atacada e totalmente devastada era uma medida de sua seriedade. Um homem devia ser capaz de ouvir, e de tolerar, as piores coisas que podiam ser ditas dele.

Mas algum tempo antes, do seu modo maravilhosamente educado mas também atrapalhado de-fora-deste-mundo, Vela já tinha dado início aos procedimentos do divórcio. Parecia que ela tinha contratado uma advogada um ano antes. Essa advogada, uma mulher que trabalhava para um imenso escritório de advocacia no centro da cidade, conhecia meu patrimônio até o último centavo, e o que Vela pediu foram vinte e cinco por cento de minha conta bancária, livre de impostos. Ela ia ao centro regularmente para cortar os cabelos e fazer as sobrancelhas e para comprar vestidos e sapatos. Frequentemente almoçava com uma amiga — ou com a advogada.

Nós não tínhamos qualquer rotina doméstica. O que tínhamos era um esquema nada rígido — uma residência, não a sede de um amor casado nem mesmo de afeição. Quando os suprimentos estavam por acabar, Vela ia ao supermercado e comprava uma tempestade de coisas — maçãs, toranjas, carnes para o freezer, bolos, pudins de tapioca para a sobremesa, atum em lata e arenques com tomate, cebolas, arroz, cereais para o café da manhã, bananas, folhas verdes para saladas, melões. Eu tentei várias vezes ensinar a ela como escolher um melão pelo cheiro, mas ela evidentemente não queria ser vista fazendo qualquer coisa que não combinasse com uma pessoa bela e delicada. Ela comprava pão e baguetes, sabão em pó para a máquina de lavar louça, palha de aço para as panelas. Mercadorias que somavam várias centenas de dólares eram então entregues em caixas de papelão. Depois das compras, ela não voltava ao apartamento, ia dirigindo até a universidade. Eu recebia a entrega em casa e punha tudo na geladeira e nas prateleiras da cozinha. Desmontava as caixas de papelão e descia com elas pelo elevador. Eu me dava bem com o zelador e não queria incomodar o sujeito com o lixo.

Kerrigan, o poeta e tradutor que morava com a sogra um andar acima de nós, me perguntou um dia por que eu precisava levar meu próprio lixo e quando expliquei, ele disse: “Todo mundo é respeitado, menos você”. Minha resposta foi que isso podia ser verdade mas que o zelador precisava ser poupado e que o sujeito tinha tacitamente indicado que precisava que reconhecessem a dignidade dele. E que eu preferia levar as caixas desmontadas para baixo a ter de pensar na necessidade dele por consideração.

Até o fim, sem perceber o quanto estava perto de tudo acabar, continuei tentando desvendar Vela, descobrir quais eram os seus motivos. Ela preferia ações a palavras, reconhecendo que não tinha como competir verbalmente comigo, e certo dia enquanto eu estava lendo um livro (minha dieta regular de palavras) ela passeou pelo quarto totalmente nua, andou até o meu lado da cama e esfregou os pelos púbicos na minha bochecha. Quando reagi do jeito que ela provavelmente sabia que eu iria reagir, ela se virou e me deixou com um jeito de quem acaba de deixar algo claro. Ela tinha vencido com facilidade sem ter de falar uma palavra sequer. O corpo dela falou por ela, e de uma maneira bastante eficiente inclusive, afirmando que o fim estava próximo.

Não havia nada no livro que eu estava lendo na cama que tivesse a menor utilidade para mim. E eu também não podia ir atrás de Vela para perguntar: “O que o seu comportamento quer dizer?”. O grande apartamento era dividido em áreas — ela tinha a área dela, eu tinha a minha. Eu teria tido de ir procurá-la — e de qualquer maneira ela iria se recusar a discutir a mensagem que havia acabado de transmitir.

Por isso recorri a Ravelstein. Liguei para dizer que precisava falar imediatamente com ele e atravessei a cidade dirigindo, uma distância de vinte quilômetros. Eu tinha calculado — cinco quadras por quilômetro como queriam os fundadores ou os primeiros planejadores.

Ao chegar, aceitei a oferta de Ravelstein de uma xícara de seu café, o que normalmente eu não fazia. Eu precisava beber algo forte. É claro que sabia da paixão dele pelo tipo de incidente que eu estava prestes a descrever. As

estranhas improvisações das criaturas quando sob estresse — quanto mais pretensiosas, mais ele gostava.

“Nua, hein? Ela estava fazendo uma declaração, como eles dizem. E qual foi a sua impressão? O que ela estava te dizendo do jeito ignorante dela?”

“A minha impressão é de que ela estava dizendo que não está mais disponível.”

“O beijo de despedida, hã? E você não estava esperando — ou você, lá dentro, sabia que isso estava por acontecer?”

“Com certeza eu vi que isso ia acontecer. Ela e eu nunca conseguimos fazer as coisas funcionarem.”

“Mas eu me pergunto se existem fatos de que você possa não ter se dado conta, Chick. Não culpo você por querer que ela se comportasse como uma esposa devia fazer, de acordo com a educação que você recebeu. Mas elas também são educadas, as mulheres. Ela tem uma reputação considerável na área dela. É uma cientista de ponta, pelo que ouço, e ela pode não ter vontade de fazer janta para você — bater cartão às cinco da tarde para descascar as batatas.”

“Ela foi criada num país em que as pessoas passavam fome...”

“Aos olhos do mundo é uma grande coisa ser uma física especializada na teoria do caos — eu não sei do que se trata mas é uma coisa muito prestigiada. Só *você* não dá crédito a ela.”

“Ela veio me dizer que o corpo dela não vai mais estar disponível. Para comunicar qualquer coisa importante ela prefere ações a palavras. Quando anunciou para a mãe que nós íamos nos casar, ela esperou até a hora do embarque no aeroporto no dia do voo de volta da mãe para a Europa e no último momento possível disse: ‘Decidi me casar com o Chick’. A velha me odiava. Vela deixa que pensem que ela ama a mãe, mas na verdade ela a contrariava de todos os modos possíveis.”

“Mas o contrário é verdade?”, Ravelstein perguntou.

“Não sei a verdadeira resposta, nem ninguém sabe. As pessoas têm todo um trabalho organizando uma visão de si mesmas e essa visão dá a elas a

coerência ou a aparência de coerência que a sociedade parece exigir. Mas Vela na verdade não tem uma visão organizada...”

“O.k., o.k.”, disse Ravelstein. “Mas você achava que ela um dia iria te amar. Ela iria te amar porque você é amável. Mas essa sua Vela guarda a inteligência dela para a física. A ideia de levar uma vida calorosa em família é a premissa negativa número um dela. E disso nós passamos ao supermercado, onde Vela compra centenas de dólares em comida e faz com que pequenos criminosos que estão com oficiais de justiça vigiando a condicional deles entreguem tudo em caixas. Pode cozinhar essa merda você mesmo e comer sozinho, e depois esfregar as panelas. Assim como a sua mãe fazia depois de servir uma refeição de verdade para a família, preparada com amor. Você achou que se conseguisse fazer com que ela preparasse o jantar com amor para você ela iria te amar. E o comentário dela sobre isso foi satírico; ela manda as compras para você. Assim como ela pertence a um universo totalmente diferente. E você pertence a um terceiro universo, o dos judeus à moda antiga, que está desaparecendo. A alma dos outros é uma floresta escura, como dizem os russos... você que gosta de ditados russos.”

“Neste exato instante, não, não gosto.”

“Bom, garanto para você que os russos não são tão humanos quanto eles querem que a gente pense. Aqueles impérios orientais todos têm controle policial.”

“E a floresta escura é a alma, mas você não pode ter esperança de se refugiar da GPU lá. Mas não estou no clima para piadinhas inteligentes.”

“Eu sei”, disse Ravelstein. “Ela lhe entregou a notificação de que você não tem mais acesso ao corpo dela. Seu período de aluguel acabou. Mas não era mesmo para ser algo permanente. Não se pode esperar que as pessoas vivam sem amor ou sem um simulacro de amor. Uma boa ligação sexual amistosa é o que a maioria das pessoas tem de aceitar.”

Eu não esperava que Vela aparecesse no tribunal quando as formalidades se encerraram, mas ela apareceu com um casaco de abotoar, que mais parecia uma peça de heráldica do que uma roupa feminina, com botões de

metal que iam do pescoço até os joelhos, com a maquiagem e o cabelo preso de uma dançarina de salão. Provavelmente é impossível transmitir as mensagens que ela estava emitindo. Eu tinha tido a minha chance, concedida com extraordinária e majestosa generosidade, e era evidente que eu não cumpria os requisitos exigidos.

Ela tinha construído uma racionalidade esotérica que era absolutamente desconhecida mas que se baseava em princípios de dezoito quilates. No entanto, havia uma imperfeição na majestade dela. Se você achava que podia dizer de onde ela vinha, você estava enganado. “Pode ter ficado a impressão de que esse homem (Chick) poderia ser meu marido, mas isso foi um erro — C.Q.D.” Ela se afastou com seu jeito curioso de andar, cada passo para a frente era uma escavação — só os dedos estavam envolvidos. Os calcanhares estavam por conta própria. Isso não era nem um pouco grotesco. Era curiosamente expressivo, mas ninguém jamais seria capaz de dizer o que aquilo significava.

Rosamund não tinha sido uma das estrelas de Ravelstein mas era muito boa do jeito dela. “Ela faz o que tem de ser feito tão bem quanto qualquer outra pessoa. O grego dela é mais do que razoável, e ela não deixa nada passar, entende o texto perfeitamente bem. Muito nervosa e insegura sobre si mesma. E ela é muito atraente, não é? Não do tipo voluptuoso mas genuinamente bonita.”

Ele não sabia, mas pelo menos uma vez eu estava à frente dele. Eu não iria fazer Ravelstein me dar seu aval para Rosamund. Não ia deixar ele arranjar meu casamento como ele fazia com os alunos. Se ele não sentisse algo por você, não se importava com o que você fazia. Mas, se você era um dos amigos dele, era uma má ideia, ele achava, resolver as coisas sozinho. Ele se incomodava muito quando os amigos deixavam de contar alguma coisa para ele — especialmente os amigos que via diariamente.

A ambulância trazendo Ravelstein do hospital para casa chegou lentamente ao meio-fio, e Rosamund e eu nos levantamos. Fechei o livro

que estava lendo na parte da carta que Keynes escreveu para a mãe sobre as obrigações dele como representante do chanceler do Tesouro no Supremo Conselho Econômico. Em silêncio a maca com rodas passou rapidamente e vi a cabeça calva de Ravelstein lisa como um melão chegando antes de nós aos arcos de Alhambra da arcada e além das plantas de sombra e da água que caía no tanque cheio de musgos. Nikki passou correndo depois do maqueiro pelas portas de vidro e metal.

Rosamund e eu pegamos o elevador de passageiros até o topo do edifício. Uns moleques brincalhões tinham apertado todos os botões e por isso o elevador parava o tempo todo em cada andar. O contínuo abrir e fechar de portas fez a viagem durar quinze minutos, e quando chegamos ao último andar Ravelstein já estava na cama — mas não no seu dossel. Uma cama de hospital havia sido encomendada, e acima dela um mecânico estava instalando um grande triângulo, equilátero, de tubos de aço inoxidável. Ravelstein podia usá-lo para transferir seu peso de um lado para o outro. Quando ele precisava passar para uma cadeira para fazer fisioterapia, a base do triângulo era deslizada por baixo das coxas dele. Quando ele agarrava com as mãos frágeis o tubo de aço, o cordame do contramestre era elevado muito lentamente pela pequena máquina que zumbia no pé da cama. De repente, você via as pernas definhadas sendo erguidas, fora dos lençóis. E, como ele não conseguia abrir totalmente as pálpebras, o olhar de alarme não chegava a se formar por completo.

Ele podia estar pensando sobre o assunto, sobre a gestão física da vida, as inumeráveis formas que havia de se machucar, se ferir, até mesmo de morrer — uma linha de raciocínio incomum para ele. Uma enfermeira tinha aparecido subitamente e o mecânico (um técnico do hospital) ficou por perto caso ela precisasse. Ravelstein foi levado para o lado da cama e baixado, muito lentamente, na cadeira de rodas. O objetivo do dr. Schley era fazer com que Abe ficasse em pé para reconstruir os músculos. As longas, longas pernas não tinham panturrilhas e na parte interna dos braços era possível ver as veias. Não tinha como evitar pensar no sangue contaminado dentro delas. Enquanto a enfermeira tentava cobrir os genitais

dele, ele parecia estar pensando em algum assunto urgente — talvez se fazia sentido lutar tanto pela existência. Não fazia, mas ele lutava mesmo assim. Ele segurava o aço, que provavelmente era muito frio, os dois pulsos ficavam perto das grandes orelhas, perto do cabelo occipital que tinha ficado ali, abaixo da linha da calvície. Há cabeças calvas que proclamam sua força. A cabeça de Ravelstein tinha sido assim. Mas agora ela havia se transformado no tipo vulnerável. Acho que ele sabia a figura que ele fazia, “içado a bordo” em uma espécie de cordame naval, totalmente exposto ao terror — à ridícula histeria. Agora, porém, ele estava livre do triângulo e já sentado na cadeira de rodas; o triângulo deslizou por debaixo dele, e Nikki o levou para dar uma volta pelo apartamento. Rosamund e eu o seguíamos de quarto em quarto.

Nada havia sido mudado. Duas senhoras eram responsáveis por manter o apartamento — a polonesa Wadja, que fazia a verdadeira limpeza às terças, e a negra sra. Ruby Tyson (velha demais para trabalhar de verdade), que entrava no apartamento por conta própria às sextas. A função da sra. Tyson era manter a dignidade das casas em que trabalhava. Para Wadja, Ravelstein era só mais um judeu barulhento — a imaginação feroz dela tinha construído uma imagem do dinheiro que ele controlava, e ele era desordeiro, incompreensível. Ruby o compreendia melhor: ele era um professor, um misterioso personagem branco. Na medida em que isso era possível para um branquelo, ele levava em conta os problemas dela com a filha prostituta, o filho criminoso preso e com o outro filho cujos problemas com o HIV e com esposas e filhos que se misturavam eram complicados demais para descrever. Em tardes tranquilas ele, Ravelstein, às vezes ouvia, empaticamente, com o pensamento meio longe, as histórias de Ruby Tyson. A velhinha era quieta, digna e reservada de um modo triste. Você pode imaginar como Ravelstein ouvia; o caos que a vida dessas pessoas deve ser. Essa boa senhora tinha aprendido o jogo dos brancos com gestores, reitores e outros burocratas da academia cujas camas arrumava, e cujas salas de estar limpava. E, é claro, os problemas familiares deles, os segredos esotéricos, psiquiátricos das esposas, ela contava a Ravelstein o tempo todo.

No apartamento dele ela não fazia nada; a maior parte do tempo pelo qual ele pagava ela passava num banco alto na cozinha. De vez em quando descia do banco e assava uma torta. A robusta, forte e agressiva Wadja fazia a parte de esfregar e limpar. Era Wadja que arrastava os móveis, limpava os banheiros, passava aspirador, areava panelas, lavava os cristais. Encalorada, ela tirava o vestido e a combinação. Trabalhava usando um sutiã gigante e calças largas de zuavos.

Ao vê-lo na cadeira de rodas o rosto dela se dividiu entre a compaixão e a ironia — uma sobrelha arqueada. Uma quantidade imensa de comentários suspensos deslizou pelo declive do nariz de pug no rosto dela. Bom, aquilo era muito ruim! Mas, também, ele era um judeu. Às vezes você ouvia ela murmurando “Moishala” enquanto limpava ou polia objetos. Fraco nos primeiros dias, Ravelstein a cumprimentou erguendo o dedo indicador, dizendo a Nikki: “Pelo amor de Deus, mantenha ela longe dos Lalique”.

“Ela maltrata as taças debaixo da torneira”, Ravelstein me disse. “Tira lascas do cristal na pia. Mostrei o estrago para ela. Ela disse que ia comprar taças novas para mim na Woolworth. Eu disse: ‘Você sabe quanto custam essas taças Lalique?’”. Quando eu disse o preço, ela sorriu ironicamente. ‘O sior tá brincando’.”

“Você falou o preço?”

“Não tem como evitar pensar se essas mulheres são ríspidas assim com os pênis dos homens”, ele disse. “Imagine só... se fossem de vidro”.

---

\* Citação ao poema “Navegando para Bizâncio”, de William Butler Yeats. (N. T.)

\*\* Trocadilho intraduzível que faz o nome da loja soar como “puxa-saco”. (N. T.)

\*\*\* Linha de trem que ligava Nova York a Chicago. (N. T.)



A essa altura é possível oferecer alguma documentação para mostrar o que eu significava para Ravelstein e o que Ravelstein significava para mim. Isso nunca ficou claro para nenhum de nós — os protagonistas. Ravelstein não teria visto sentido em falar disso. Ele dizia ficar mais do que satisfeito com o fato de eu seguir perfeitamente bem tudo o que ele dizia. Quando ele ficou doente, nós nos víamos todos os dias e também tínhamos longas conversas pelo telefone como deve ser com amigos íntimos. Nós éramos amigos íntimos — o que mais precisa ser dito? Nas minhas gavetas encontro pastas contendo páginas e mais páginas sobre Ravelstein. Mas esses dados só *parecem* abordar o tema. Não há palavras modernas aceitáveis para discutir a amizade e outras formas superiores de interdependência. O homem é uma criatura que tem algo a dizer sobre tudo que há debaixo do sol.

Ravelstein estava disposto a me contar tudo. Mas por que ele se incomodaria de me contar essas coisas, esse imenso judeu de Dayton, Ohio? Porque aquilo precisava ser dito com urgência. Ele era HIV positivo, estava morrendo de complicações desse fato. Fragilizado, ele se tornou o anfitrião de uma lista sem fim de infecções. Mesmo assim insistia em me contar inúmeras vezes o que era o amor — a carência, a consciência da

incompletude, o desejo de ser inteiro, e como as dores de Eros se uniam aos mais extasiantes prazeres.

Este é um momento tão bom quanto qualquer outro para lembrar que, da minha parte, eu tinha liberdade para confessar a Ravelstein aquilo que eu não contaria a mais ninguém, de descrever minhas fraquezas, meus vergonhosos segredos impuros, e as mentiras que drenam a sua força. Era comum que ele achasse minhas confissões tremendamente engraçadas. As mais engraçadas eram os assassinatos imaginários. Talvez eu pusesse um toque cômico neles, inconscientemente. De todo modo, ele achava que tudo era muito confuso e dizia: “Você já leu o dr. Theodore Reik, aquele famoso psicanalista alemão? Ele dizia que um assassinato imaginário por dia evita que você precise de um psiquiatra”.

O fato de eu ser duro comigo mesmo era, para Ravelstein, um ponto a meu favor. Autoconhecimento exigia rigor, e eu sempre estava disposto a enfrentar aquele monstro multiforme, o ego, e portanto havia esperança para mim. Mas eu queria ter ido mais longe. Achava que você não tinha como se conhecer completamente sem encontrar um modo de comunicar certos “incomunicáveis” — a sua metafísica particular. Meu modo de abordar isso era que antes de nascer você nunca tinha visto a vida neste planeta. Compreender esse mistério, o mundo, era o desafio secreto. Você saiu do nada, do não ser do oblívio primitivo, e chegou a uma realidade plenamente desenvolvida e articulada. Você nunca tinha visto a vida antes. No intervalo de luz entre a escuridão em que você primeiro esperou pelo nascimento e a escuridão posterior da morte que irá receber você, você precisa fazer o que for possível com a realidade, que estava em um estágio altamente avançado de desenvolvimento. Eu tinha esperado por milênios para ver isso. E quando aprendi a andar — na cozinha — me mandaram para a rua para olhar mais de perto. Uma de minhas primeiras impressões foram os imensos postes de madeira da companhia elétrica que se alinhavam com a rua. Eles tinham a cor dos castores, eram macios e apodrecidos. Nas travessas ou nos múltiplos braços eles tinham muitos fios ou cabos em um caminho infinito que caía, subia, caía de novo e subia. Na

parte baixa dos cabos os pardais sentavam, voavam, voltavam para descansar. Nas calçadas, os tijolos desbotados revelavam seu vermelho original ao pôr do sol. Raramente você via um carro nessa época. O que você via eram cabriolés, carroças de gelo, carrinhos de cerveja e os imensos cavalos que os puxavam. Eu conhecia as pessoas pelo rosto — vermelho, branco, enrugado, manchado ou liso; sorridente ou violento ou furioso — os olhos, boca, nariz, voz, pés e gestos deles. Como eles se abaixavam para divertir um menino ou para provocar ou atormentar de um jeito afetuosos.

Deus apareceu cedo para mim. O cabelo dele era partido ao meio. Eu entendia que nós éramos parentes porque ele tinha feito Adão à sua imagem, e exalado a vida para dentro dele. Meu irmão mais velho também penteava os cabelos no mesmo estilo. Entre o irmão mais velho e eu ainda tinha outro irmão. Mais velha do que todos nós era a minha irmã. De todo modo... esse era o mundo. Eu nunca tinha visto antes. A primeira dádiva dele foi a dádiva dele mesmo. Os objetos atraíam você e te seguravam por um imperativo magnético que simplesmente estava lá. Era um privilégio ter permissão para ver — para ver, tocar, ouvir. Não seria impossível descrever isso para Ravelstein. Mas ele teria respondido com desdém que Rousseau já tinha dito a mesma coisa nas suas *Confissões* ou nos *Devaneios do caminhante solitário*. Eu não gostava da ideia de ter essas primeiras impressões epistemológicas antecipadas ou rejeitadas. Por setenta e tantos anos eu tinha visto a realidade sob esses mesmos signos. Eu também tinha a impressão de ter tido de esperar por milhares de anos para ver, ouvir, cheirar e tocar esses fenômenos misteriosos — para ter a minha vez na vida antes de desaparecer de novo quando meu tempo acabasse. Eu poderia ter dito a Ravelstein: “Era a minha única vez de viver”. Mas ele estava perto demais da morte para que se falasse com ele nesses termos, e eu precisava abrir mão do meu desejo de ser plenamente conhecido por ele descrevendo a minha metafísica íntima. Apenas um pequeno número de almas especiais encontrou alguma vez uma maneira de receber essas revelações.

Mais incursões infantis ao mundo exterior: na Roy Street em Montreal um cavalo que puxava uma carroça caído na calçada fria. O ar está escuro

como o forro de um casaco cinza. Um animal menor podia ter conseguido se levantar, mas esse bicho com suas patas imensas só conseguia balançar os cascos no ar. O percheron com sua longa crina e olhos assustados e veias pulsantes vai precisar de um gigante para salvá-lo, mas na esquina uma multidão de pequenos homens só pode gritar sugestões. Eles dizem ao policial que ele teve sorte de o cavalo ter caído na Roy Street, mais fácil de escrever no relatório do que Lagauchettierre. E então há uma estranha e infinita procissão de meninas em idade escolar marchando em pares em vestidos negros de uniforme. Os rostos brancos o suficiente para ser tuberculosos. As freiras que cuidam delas mantêm as mãos quentes dentro das mangas. As poças nessa rua suja são fundas e têm uma crosta de gelo.

Em crianças essa impressão — realidade real — é tolerada por adultos. Até certa idade não há nada o que fazer. Em famílias prósperas isso dura mais tempo, talvez. Mas Ravelstein poderia ter argumentado que havia um risco de autoindulgência nisso. Ou você continua a viver em epifanias ou as deixa de lado e assume responsabilidades e tarefas, adota princípios racionais e se preocupa com a sociedade, ou com a política. E a sensação de ter vindo de “outro lugar” desaparece. Na teoria platônica tudo o que você sabe é relembrado de uma existência anterior em outro lugar. No meu caso, a opinião de Ravelstein era de que a capacidade de observação tinha ido muito mais longe e que estava sendo cultivada por um estranho amor a ela mesma. A humanidade tinha prioridade no que diz respeito à nossa atenção, e eu era muito indulgente com a minha “metafísica pessoal”, ele achava. O rigor dele me fazia bem. Não era provável a essa altura da vida que eu mudasse, mas era algo excelente, eu achava, ter meus defeitos e problemas apontados por alguém que se importava comigo. Eu não tinha qualquer intenção, porém, de remover, por meio de cirurgia crítica, as lentes metafísicas com que nasci.

Essa é uma das armadilhas que uma sociedade liberal arma para nós — ela nos mantém infantis. Abe provavelmente teria dito: “Você escolhe. Você pode continuar vendo como uma criança, ou não”.

Então mais uma vez Ravelstein estava se recuperando de mais uma doença e aprendendo pelo que parecia ser a décima vez a se sentar. Nikki aprendeu a operar o elevador-triângulo, e, quando Ravelstein começou a melhorar, Rosamund e eu seguíamos Nikki enquanto ele dirigia a cadeira de rodas. Ravelstein com os olhos semicerrados deixava a cabeça cair para um lado. Com Nikki empurrando ele rodava pelo enorme apartamento — feito para almas mais felizes, mais normais. Mas esse era o reino dele, com todas as suas posses.

Rosamund, com lágrimas nos olhos, me perguntou se ele voltaria a ser ele mesmo.

“Ele pode vencer o Guillain-Barré? Eu diria que a probabilidade maior é que sim”, eu disse. “No ano passado, ele teve cobreiro — herpes sei lá o quê. Ele venceu isso. Aquela, ele ganhou.”

“Mas quantas vezes dá para fazer isso?”

“Tudo está exatamente como quando você saiu”, Nikki estava dizendo a Ravelstein.

Os tapetes e enfeites de parede, as arandelas Lalique, os quadros, os livros e os CDs. Ele tinha vendido a coleção de antigos vinis, uma grande e seleta coleção, para se manter a par do ritmo das inovações tecnológicas. Catálogos de CD chegavam de Londres, Paris, Praga e Moscou oferecendo as mais novas gravações de barroco. Os telefones do que Nikki e eu chamávamos de “posto de comando” estavam desligados. Só o aparelho no quarto de Nikki estava, como ele dizia, “operacional”. Nessa cidade de milhões de pessoas não tinha como haver outro apartamento como esse — com tapetes antigos inestimáveis em toda parte e, na pia da cozinha, uma sibilante máquina de espresso de tamanho comercial. Mas Ravelstein já não conseguia operá-la. Sobre a lareira Judith continuava segurando a cabeça de Holofernes pelos cabelos. A boca dele aberta. Os olhos dela voltados para o céu. O pintor queria que você pensasse em Judith como uma simples filha de Sião, uma beleza natural e casta, embora ela tivesse acabado de cortar a cabeça do indivíduo. Qual era a visão que Ravelstein tinha disso? Havia muito poucas indicações das preferências sexuais de Ravelstein no

ambiente privado dele. Ninguém teria motivo, por qualquer pretexto, para vê-lo como suspeito de irregularidades mundanas — os estranhos modos sedutores de gays antiquados. Ele não tolerava as afetações de homens efeminados.

Nesses passeios de cadeira de roda pelo apartamento era dolorosamente visível o que ele sentia: O que vai ser disso tudo quando eu me for? Não há nada que eu possa levar para o túmulo comigo. Esses belos objetos que eu comprei no Japão, na Europa, em Nova York, em toda parte, com tantas conversas e discussões com experts e amigos... Sim, Ravelstein estava indo embora. Você talvez não tivesse adivinhado, vendo-o nessa cadeira rolante, vestido de xadrez com as costas largas encurvadas e a cabeça de melão bem inclinada para o lado, o quão impressionante fisicamente ele era, e quão pouco contavam as peculiaridades, os tiques, as idiossincrasias e as recentes infecções dele. Anos atrás, visitando minha casa de campo em New Hampshire, Ravelstein perguntou se eu tinha qualquer sentimento de posse em relação à casa de pedra, aos velhos bordos e às nogueiras, aos jardins. A resposta verdadeira era que, embora eu gostasse bastante deles, não me via como dono desses acres e desses objetos. Então, se o pior acontecesse e uma milícia armada local me pegasse e me expulsasse como um forasteiro judeu, a ofensa maior seria contra o judeu, não contra o proprietário da terra. E nesse caso minha preocupação seria com a Constituição dos Estados Unidos, não com meu investimento. Os cômodos, as pedras, a vegetação não afetavam meus órgãos vitais. Se os perdesse, eu moraria em outro lugar. Mas se a Constituição, o fundamento legal de tudo isso, fosse destruída, nós retornaríamos ao caos primitivo, ele costumava me dizer. Naquela visita, Ravelstein havia vindo de Hanover pela Interestadual 91, arriscando a vida em um carro alugado. Ele era descoordenado demais para estar seguro em estradas — ele tremia ao volante. Ele não tinha ligação com veículos exceto como passageiro, e era nervoso demais. E ele não gostava do campo.

Ele dizia, repetindo a opinião de Sócrates no *Fedro*, que uma árvore, tão bonita de se ver, nunca falou uma palavra e que uma conversa só era

possível na cidade, entre homens. Como ele adorava falar, pensar enquanto falava, se recostar enquanto o banho de ideias transbordava — ele instruía, examinava, debatia, rebatia erros, celebrava primeiros princípios, misturando seu grego com uma tradução apressada e gaguejando loucamente, rindo enquanto pontuava suas falas com piadas de judeus.

Na área rural, ele nunca atravessava sozinho um campo. Ele *olhava* as florestas e as pradarias mas não queria nada com elas. De certo modo Abe pensava em Rousseau, que gostava tanto de campos e de florestas. Rousseau gostava de botânica. Plantas, porém, não eram a praia de Ravelstein. Ele comia salada mas não via qual era o objetivo de meditar sobre ela.

Ele tinha ido ao campo para me ver, e a visita era uma concessão ao meu incompreensível gosto por lugares remotos e pela solidão. Por que eu queria me enterrar nas florestas? Era seguro presumir que ele tinha examinado minhas razões de mais ângulos do que eu jamais poderia pensar, mesmo se fizesse isso durante uma eternidade. Também é possível que ele estivesse curioso sobre a minha então esposa Vela — aqueles eram os tempos antes de Rosamund — ainda tentando compreender por que eu tinha me casado com uma mulher como aquela. Agora *essa* sim é uma questão para você. Ele tinha uma verdadeira inteligência, perceba, um cérebro operante, persistente, enquanto eu era apenas ocasional, irregularmente inteligente. O que ele pensava, o que ponderava, estava assentado em uma base de princípios testados. — Como devo dizer isso?... Se pensarmos em termos de aves ele era uma águia, enquanto eu era algo como um pequeno pássaro que se alimenta de moscas.

Ele sabia, no entanto, que eu conseguia entender os princípios dele — ele não precisava nem explicar. Se tinha uma única ilusão era a de que, de algum modo, eu era capaz de aceitar correções, e ele era um professor, veja bem. Essa era a vocação dele — ele ensinava. Nós somos um povo de professores. Por milênios, os judeus ensinaram e foram ensinados. Sem ensino, o judaísmo era uma impossibilidade. Ravelstein tinha sido pupilo, ou discípulo, se você preferir, de Davarr. Você pode não ter ouvido falar

desse filósofo formidável. Os admiradores dele diziam que ele é um filósofo no sentido clássico do termo. Eu não tenho como julgar isso. Filosofia é um trabalho difícil. Meus interesses vão em uma direção bem diferente. Dentro dos meus limites mentais eu penso com respeito no falecido Davarr. Ravelstein falava tanto dele que acabei sendo obrigado a ler alguns de seus livros. Era preciso fazer isso para compreender Abe. Eu costumava encontrar Davarr na rua, e era difícil imaginar que esse sujeito frágil, triplamente abstrato, óculos suaves cobrindo seus ferozes julgamentos, era o demônio herético odiado por acadêmicos em toda parte dos Estados Unidos e até mesmo no exterior. Como um dos principais intérpretes de Davarr, Ravelstein também era odiado. Mas ele não se importava nem um pouco em ser o inimigo. Você podia achar qualquer coisa dele, menos que ele era covarde. Eu não me importava muito com os professores em geral. Eles não tinham tido muito a oferecer nesse século intolerável que estava acabando. Era o que eu achava, ou costumava achar.

É agradável pensar na semana da visita de Ravelstein no campo. A tranquila Nova Inglaterra em longos e minuciosos retratos — luz do sol, plantas, o canteiro de crisântemos vermelho-alaranjados perto das peônias vermelhas e brancas.

Olhando de relance por entre as venezianas (ele separava e afastava bem as lâminas com dedos trêmulos) ele via a florada — bem naquela época as azáleias estavam florescendo —, e achava tudo muito bem, mas o drama das estações não tinha interesse verdadeiro. Não dava para comparar ao drama humano.

Ele perguntava: “A tua mulher é sempre assim?”.

“Assim como?”

“‘Como’, diz o homem. Catorze horas por dia direto com os livros e os papéis dela, Vela fechada na sala da cristaleira da sua casa de campo.”

“Entendo o que você quer dizer. Sim. É assim que ela é com a física do caos dela.”

“Sentar sem se mexer — sem nem respirar. Você nunca vê ela respirar. Como é que ela consegue não sufocar?”



“Ela está preparando o artigo dela. Ela vai participar de uma conferência para comentar a pesquisa de alguém.”

“Ela precisa pôr essa respiração em dia — aos pouquinhos. Eu olhei”, disse Ravelstein, “e não acho que ela inspire a não ser que esteja fazendo isso escondido.”

Claro que ele estava exagerando. Mas havia fatos que davam sustentação ao que ele estava dizendo. Além disso, ele tinha me levado a aceitar o modo como ele falava dela. Antes de eu poder pensar se concordava ou não, ele já tinha me convencido. O que ele estava sugerindo era que eu não precisava aceitar o comportamento de Vela. Quando íamos para o campo ela se trancava no quarto. Duas solidões eram criadas. Era isso que eram nossos verões na Nova Inglaterra: sob um sol, no mesmo planeta, havia essas duas existências separadas. Vela era especialmente bela em silêncio. Quieta, ela parecia estar orando pela própria beleza. Ravelstein pode ter percebido isso.

Ele foi a New Hampshire para ficar comigo por um breve período, e imediatamente compreendeu aquilo em que eu havia me metido. Ele detestava o cenário rural, mas por mim ele colocou a sua vida em compasso de espera. Ele não gostava de sair do painel de seu posto de comando na cidade. Ficava tremendamente incomodado de não estar em contato com seus informantes em Washington e Paris, com seus alunos, as pessoas que ele havia treinado, a irmandade, os iniciados, os felizardos.

“Então é assim que você passa o verão?”

Sempre que possível ele ia para Paris passar uma semana, ou, melhor ainda, um mês. Paris, ele admitia, não era mais o que tinha sido. No entanto, ele frequentemente citava a afirmação de Balzac de que nenhum evento em nenhum lugar no mundo *era* um evento até que fosse observado, julgado e certificado por Paris. Mesmo assim, os bons tempos tinham ido embora. Czarinas e reis já não importavam poetas e filósofos de Paris. Quando estrangeiros como Ravelstein falavam a uma plateia francesa sobre Rousseau, a sala ficava lotada. Era possível dizer que o gênio ainda era bem-vindo na França. Mas muito poucos intelectuais franceses eram bem avaliados por Abe Ravelstein. Ele não dava bola para antiamericanismo

tolo. Ele não precisava ser amado ou mimado pelos parisienses. Em geral, ele gostava mais da imoralidade do que da civilidade deles.

Paris (este é um parêntese importante) foi onde Abe Ravelstein e Vela tiveram a primeira briga. Ele estava lá quando ela e eu chegamos para aceitar um prêmio concedido a escritores estrangeiros. Estávamos no Hotel Pont Royal. Impaciente, de bom humor, querendo me ver, Ravelstein chamou da antessala e sem esperar resposta foi entrando. Ele pretendia dar um abraço em mim — ou em Vela, se ela aparecesse primeiro na frente dele. Mas ela estava de combinação e se virou e saiu correndo, batendo a porta do banheiro. Mas Abe e eu, felizes por nos vermos depois de tantos meses, mal pensamos em Vela, ou na inconveniência de Ravelstein de ir entrando de qualquer jeito no quarto. Ele devia no mínimo ter batido na porta. Era o quarto *dela*, como ela me lembraria.

Eu devia ter percebido, pela fúria engraçada da corrida dela, que Ravelstein tinha cometido uma ofensa. Eu não estava disposto a levar em consideração as noções dela de boa conduta. Ela disse mais tarde que nunca iria perdoá-lo por ir se enfiando daquele jeito no quarto. Por que ele entrou correndo sem esperar, antes de ela se vestir?

“Bom, ele é impetuoso”, eu disse. “Com um sujeito como Ravelstein é... um dos charmes dele é agir por impulso...”

Isso não amoleceu Vela. Cada palavra que eu falava para explicar Ravelstein ou defendê-lo caía direto na pilha de retaliações que ela guardava para usar mais tarde contra mim. “Eu não vim a Paris para ver os seus amigos”, ela disse. “Nem para eles irem entrando no quarto quando estou seminua.”

“Você mostra mais do que isso na praia”, eu disse. “Naquilo que os minimalistas da moda chamam de traje de banho.”

Vela também não levou isso em consideração. “É um contexto diferente e você tem o direito de se preparar. Você fala comigo de um jeito todo superior, me tratando como se eu fosse uma ignorante. Você podia, por favor, lembrar que eu sou tão boa na minha área quanto você é na sua.”

“É claro que sim. E até mais”, eu disse.

Estou acostumado a ser rebaixado por gente de negócios, advogados, engenheiros, figurões de Washington, vários cientistas. Até as secretárias deles, que deixam a televisão dizer a elas o que é importante, escondem o sorriso atrás das mãos e fazem uns gestinhos quando eu chego — um tolo incompreensível.

Assim eu permitia que Vela fosse superior o quanto ela quisesse, embora Ravelstein dissesse que eu devia ter mais orgulho próprio e que era falsidade da minha parte ser tão dócil. Mas eu não tinha vontade de ficar me esforçando para me submeter a tantos críticos. Eu tinha uma boa compreensão da realidade e dos meus defeitos. Tinha em mente o tempo todo a aproximação da Morte, que pode aparecer a qualquer momento diante de você.

De todo modo, eu devia ter previsto que Vela ia transformar a “inconveniência” de Ravelstein em algo importante. Ela estava se preparando para discutir comigo por causa de Abe, e essa entrada no quarto no hotel deu o pretexto que ela estava esperando.

“Não quero ver ele aqui de novo”, ela disse. “E também peço para você lembrar que você prometeu me levar a Chartres.”

“Eu disse que ia. E é claro que vou levar — quero dizer, nós vamos juntos lá.”

“E vamos convidar os Grielescu. Eles são velhos amigos. O professor Grielescu vai com a gente. Nanette não vai — ela deixou de fazer viagens desse tipo há muito tempo. Ela não gosta de ser vista à luz do dia.”

Eu tinha notado isso. Mme. Grielescu tinha sido uma dama glamorosa em sua época, uma dessas *jeune filles en fleur* sobre as quais você leu há muito tempo. Grielescu era um acadêmico famoso, não exatamente um seguidor de Jung — mas não exatamente um *não* junguiano. Ele era difícil de classificar.

Ravelstein, que não costumava fazer acusações infundadas contra ninguém, dizia que Grielescu era mencionado, por estudiosos especializados nessas coisas, como membro da Guarda de Ferro ligado ao governo fascista da Romênia antes da guerra. Ele tinha sido adido cultural

no regime nazista em Bucareste. “Você não gosta de pensar nessas coisas, Chick”, disse Ravelstein. “E você é casado com uma mulher que te amedronta. Claro que você vai dizer que ela é uma ignorante política.”

“Ela entende muito pouco de política...”

“Naturalmente, ela acredita que um cientista deve estar acima dessas coisas. Mas esses são os amigos dela. Nós podemos ver os fatos como eles são.”

Eu disse: “Admito que Radu Griesescu estabelece o padrão de conduta masculina nesses círculos do Leste Europeu.”

“Você diz a baboseira polida cavalheiresca.”

“Sim, mais ou menos isso. O homem atencioso, o único tipo certo, lembra os aniversários de nascimento, de lua de mel e outras datas ternas. Obrigação de beijar as mãos das senhoras, mandar flores; a adulação, puxar a cadeira, correr para abrir portas e combinar coisas com o maitre. Nessa configuração, as mulheres esperam ser bem tratadas, idolatradas, que você se submeta a elas, ou que as corteje.”

“Esse babacas brincando de *Chevalier à votre service*? — Claro que é só um jogo. Mas as mulheres adoram.”

A viagem da Estação Montparnasse até Chartres foi bem curta. Se fosse para levar Vela à catedral, eu preferia fazer isso num dia de feira durante a temporada de morangos. Mas Vela não tinha qualquer interesse em Chartres exceto pelo fato de querer ser levada até lá. Ela não dava a mínima para arquitetura gótica ou para vitrais. Ela só queria que fizessem a vontade dela.

“Vela cria todo tipo de regras que você tem de cumprir, não é?”, Ravelstein disse. “Ela não fez você trazer toda a bagagem dela?”

“Verdade. Eu vim por Londres.”

“E ela não tinha como cancelar um compromisso nos EUA, por isso vocês viajaram separados. E trouxe os vestidos de festa...”

Ele não me admirava por fazer todas essas coisas. Ele deixava isso muito claro. O retrato que ele pintava do meu casamento não era nada lisonjeiro. Escritores não são bons maridos. Eles guardam seu Eros para sua arte. Ou talvez simplesmente não tenham foco. Quanto a Vela, o julgamento dele era

ainda mais rigoroso. “Talvez eu não devesse ter entrado tão rápido no quarto.” Ele admitia isso, mas acrescentava: “Não tinha tanta coisa para ver. E também, eu não estava interessado. Ela estava longe de estar exposta. Ela estava com aquela combinação, e todo tipo de coisa por baixo daquilo. Então, por que todo o escândalo?”.

“Protocolo”, expliquei.

Ravelstein discordou. “Não, não. Nada de protocolo. Nem se parece com protocolo.”

Não é comum que eu tenha problema com palavras. O que eu quis dizer era que ela simplesmente não estava pronta para ser vista. A não ser que você tivesse vivido com ela, você não tinha como saber o que ela fazia de manhã com os cabelos, as bochechas, os lábios (principalmente o lábio superior) — as fases da preparação dela. Ela tinha de ser vista como uma mulher bonita. Mas era bonita do tipo bonita-de-desfile, e exigia uma preparação comparável à de West Point ou à dos hussardos dos Habsburgos. Vão suspeitar de que estou sendo preconceituoso. Mas garanto que vejo coisas realmente esquisitas — eu sou marido serial e nesse caso tive um problema de autopreservação.

Ravelstein disse: “Vela não vem da região do Mar Negro?”.

“E se vier?”

“O Danúbio oriental? Os Cárpatos?”

“Não sei exatamente de onde.”

“Não é muito importante”, Abe disse. “Uma grande dama no modelo da Europa oriental. Nenhuma francesa moderna iria fazer uma cena dessas. É comum que as pessoas da Europa oriental se apeguem à França, eles não têm vida em casa, o país deles é nojento, e eles precisam se ver unicamente sob uma luz francesa. Isso se aplica a alguém como Cioran ou mesmo a nosso amigo — seu amigo — Griescu. Eles têm esperança de se tornarem franceses. Mas a sua mulher é ainda mais peculiar...”

Pedi que ele parasse. Eu ficaria exposto a acusações de deslealdade se admitisse que ela era realmente o estranho fenômeno que ele estava descrevendo. Eu a via com os olhos de um apaixonado. Mas não

inteiramente. Eu também a via como um naturalista. Ela era uma mulher muito bonita. E eu admitia também que certos aspectos do rosto dela me faziam lembrar de Giorgione. Em um mapa pequeno você podia identificar as raízes de Vela na Grécia ou mesmo no Egito. Claro que um grande intelecto é um fenômeno universal, e Vela tinha um cérebro de primeira divisão. A parte científica dele merecia respeito especial. Ravelstein, no entanto, dizia que eram raros os exemplos de grandes personalidades entre os cientistas. Grandes filósofos, pintores, estadistas, advogados, sim. Mas homens ou mulheres magnânimos nas ciências são extremamente raros. “É a ciência deles que é grande, não as pessoas.”

Agora preciso deixar Paris de lado e voltar a New Hampshire.

Uns poucos dias no campo me levaram a concluir que a visita de Ravelstein era uma prova do afeto dele. Ele não gostava do campo, das árvores, dos lagos, das flores, dos pássaros: essas coisas eram um desperdício de tempo para um homem superior. Por que ele abriu mão daquele monte de telefones, dos restaurantes, e de todas as conveniências e das atrações eróticas de Nova York ou de Chicago? Porque ele queria ver com os próprios olhos o que estava se passando entre Vela e mim em New Hampshire.

Um dia foi suficiente. “Estive observando”, ele disse, “e percebi que ela pôs você num formigueiro para ficar olhando. Vocês nunca fazem nada juntos? Caminhar?”

“Pensando bem, não.”

“Nadar?”

“De vez em quando ela mergulha no lago do vizinho.”

“Churrascos, piqueniques, visitas, festas?”

“Não é a praia dela.”

“Ela não pode falar com você sobre os principais interesses dela...” O grande rosto de Ravelstein estava bem perto agora. Prendendo a respiração, ele silenciosamente me levou a pensar em tudo do ponto de vista dele: por

que eu me submetia a uma provação diária de tensões que nunca iam acabar?

Tudo de que Vela precisava, como ela frequentemente dizia, era sentar em um canto tranquilo com um bloco e desenhar seus diagramas, joelhos para cima, prendendo a respiração, e imóvel. Mas o tempo todo ela também estava dirigindo correntes de energia negativa para mim. A beleza desse recanto de New Hampshire com grandes bordos e nogueiras seculares — os caramujos e musgos nos cantos escuros significavam... bem, para Vela significavam muito pouco. Ela se concentrava nas suas grandes abstrações.

“Como você se encaixa nisso?”, perguntou Ravelstein. “Talvez você represente tudo o que qualquer homem jamais vai conseguir dela... Portanto, a questão fascinante é se ela se concentra na ciência dela ou nas bruxarias dela porque na sua ignorância é assim que deve parecer.”

Para mim isso parecia um jeito bem razoável de ver a situação.

“O padrão regular de Vela”, eu disse, “é empacotar as coisas dela sempre que se passam umas semanas, incluindo as roupas de festa, porque tem reuniões sociais e não só ciência pura. Ela sai dirigindo o Jaguar branco e participa de conferências científicas para cima e para baixo na costa nordeste.”

“Você diria que, deixando de lado a dica da rejeição, também tem uma parte de alívio quando ela vai embora?”

Ravelstein podia mostrar empatia. Mas o mais frequente era que ele especulasse sobre minhas esquisitices paradoxais.

“O que é que você ganha neste lugar?”, ele questionou. “Supostamente este deveria ser o retiro onde você pensa e trabalha. Ou pelo menos faz os seus projetos avançarem...”

Em geral eu era aberto com ele, e estava disposto a aceitar críticas. Ele tinha um interesse genuíno na vida dos amigos, no caráter deles, nas intimidades mais profundas deles — nas necessidades sexuais ou nas perversões: frequentemente ele me surpreendia pelo altruísmo das observações. Ele não tentava ficar por cima de você ao perceber seus

defeitos. De certo modo, eu era grato por ser observado por ele, e me via falando com ele abertamente sobre minhas peculiaridades.

Posso oferecer uma conversa como exemplo.

“Admito que este é um lugar bonito e tranquilo”, disse Ravelstein. “Mas você consegue explicar o que a natureza faz por você — um tipo judeu urbano? Você não é um transcendentalista moderno.”

“Não. Não faz meu gênero.”

“E para os seus vizinhos aqui no campo você é um dos animais que devia ter se afogado no Dilúvio.”

“Ah, certamente. Mas não me preocupo em me encaixar ou em fazer parte da comunidade. É a tranquilidade do lugar que me atraiu...”

“Já tivemos esta conversa antes.”

“Porque é importante.”

“A vida passando a toda velocidade. Os seus dias passam mais rápido do que a lançadeira do tecelão. Ou do que uma pedra arremessada no ar”, ele disse como um pai indulgente, “e acelerando na descida à proporção de dez metros por segundo ao quadrado — uma metáfora para a horrível velocidade da aproximação da morte. Você gostaria que o tempo fosse tão lento quanto era quando você era criança — cada dia uma vida.”

“Sim, e para isso você precisa de algumas reservas de tranquilidade na alma.”

“Como algum russo falou”, disse Ravelstein. “Eu não sei qual, mas você sempre tende aos russos, Chick, quando você tenta explicar o que realmente quer. Mas além disso você vem trabalhando há anos nesse problema de ajeitar a sua vida — a sua vida privada, digo. E é por isso que você veio a ser o proprietário desta casa e destes bordos de trezentos anos, sem falar nestes tapetes verdes de pradaria e das paredes de pedra. A política liberal do nosso país torna possível ter vida privada e ser livre, não ser molestado na sua vida pessoal. Mas os seus dias velozes voam a toda — enquanto a sua mulher está determinada a fazer com que o seu plano de pacífica autorrealização não funcione. Deve haver uma expressão especial russa para essa é-ah é-ah constelação. Eu entendo como ela te seduziu. Ela tem



um visual realmente elegante, quando se arruma, e ela tem um corpo bem sexy...”

De início Ravelstein tinha sido extremamente cuidadoso para não ofender Vela. Ele queria, em nome da nossa amizade, que nos déssemos bem, e ele era receptivo, perceptivelmente atencioso quando ela falava. Ele se submetia a ela. E fazia tudo isso com um ar de virtuoso — como um Itzhak Perlman tocando canções infantis para uma menina pequena. Mas o julgamento mais severo dele precisava ser deixado de lado. Quando entrou apressadamente no quarto de hotel em Paris, ele ainda estava coberto pela *entente cordiale* que tinha com Vela. Ele nunca mentia para si mesmo sobre as observações que fazia. Ele mantinha notas mentais precisas.

Mas ele e eu tínhamos nos tornado amigos — profundamente ligados —, e a amizade não teria sido possível se nós não tivéssemos compreendido um ao outro espontaneamente. Nessa ocasião ele reclinou a cabeça calva no encosto da cadeira. O tamanho do rosto grande, simpático, pálido, enrugado dele me fez pensar sobre o poder dos músculos que sustentavam o pescoço e os ombros dele, já que as pernas tinham uma quantidade mínima de músculos. Só o suficiente para servir ao propósito delas, ou para obedecer à vontade dele.

“Teria sido tão fácil estabelecer uma ligação saudável. Mas você precisa de um desafio extremo. Então você se vê tentando agradar a uma mulher. Mas ela se recusa a ser agradada — pelo menos por você.

“Sorte sua”, ele prosseguiu, “você tem uma vocação. Portanto, essa é uma história de um lado só. Não é uma história genuína de escravidão sexual ou de psicopatologia. De servidão humana, sim. Mas para você isso é apenas marginal. Você pode estar só se divertindo e se distraindo com essa pura inocência verde das Montanhas Brancas com esses pequenos vícios — torturas sexuais.”

“Desde que você irrompeu naquele quarto em Paris ela começou a dizer que você e eu estávamos juntos.”

Ouvir isso fez ele parar, gelado. No silêncio eu podia ver essa “informação” inesperada sendo processada por um aparato — e digo isso a

sério — poderoso. Ninguém contestaria a afirmação de que Ravelstein era tremendamente inteligente. Ele encabeçava uma escola. Para centenas de pessoas aqui e na Inglaterra, França e Itália ele era exatamente isso. Ele interpretava Rousseau para os franceses, Maquiavel para os italianos et cetera.

Depois de uma pausa, ele disse: “Há! E por estar juntos ela quis dizer o que eu acho que ela quis? Depois de anos de casamento?... Há quanto tempo você está casado?”.

“Doze anos completos”, eu disse.

“Doze! Que patético”, Ravelstein disse. Como uma pena de reclusão a que você mesmo se condenou. E você além de tudo é um marido fiel. Você cumpriu a pena dia após dia sem redução por bom comportamento e sem pedir condicional.”

“Eu estava fazendo trabalhos que me mantinham ocupado”, eu disse. “De manhã ela punha as roupas e a maquiagem e checava os cabelos, o rosto, e o corpo em três espelhos com iluminações diferentes — no closet, no banheiro e no banheiro social. Depois saía e batia a porta da frente. Eu tinha uma parte de dor de cabeça e uma parte de dor no coração. Isso mantinha minha mente ocupada.”

“Ela não sabe se vestir”, disse Ravelstein. “Todos aqueles materiais esquisitos — o que ela estava usando ano passado? Couro de avestruz?... E por fim ela te acusa de ter um relacionamento sexual sujo comigo. O que você disse?”

“Ri muito. Disse que nem sabia como se fazia isso, e que não estava disposto a aprender, na minha idade. Parecia piada. Mesmo assim ela não acreditou em mim...”

“Ela não acreditou em você”, disse Ravelstein. “Já foi difícil para ela inventar essa acusação ridícula. Essa parte da capacidade mental dela é bem limitada — embora tenham me dito que ela é muito boa em física do caos.”

Essa informação deve ter chegado pela rede de telefones de Abe. A velha expressão “Ele tem mais ligações que uma mesa de telefonia” agora estava

soterrada pelas massas de dados deixada pela incrível expansão da tecnologia da informação.

Ravelstein tinha perguntado a amigos de toda parte sobre detalhes de Vela, e estava preparado para me contar muito mais do que eu queria ouvir. De modo que eu punha as mãos sobre os ouvidos e apertava bem as pálpebras sobre os olhos. Mas nessa idade você não consegue se manter na inocência. Noventa por cento da inocência moderna é pouco mais que indiferença ao vício, uma decisão de não ser afetado por tudo que você pode ler, ouvir, ou ver. O gosto pelo escândalo torna as pessoas engenhosas. Vela era engenhosa na ciência dela e inocente na sua conduta.

Era impossível, como íntimo e amigo de Ravelstein, que você evitasse saber muito mais do que seu apetite pedia. Mas lá dentro havia lugares na sua psique que ainda pertenciam à Idade Média. Ou mesmo à era das pirâmides ou a Ur dos caldeus. Ravelstein me contou sobre relacionamentos de Vela com pessoas de que eu nunca tinha ouvido falar. Ele disse que estava preparado para dizer os nomes de meus rivais mas eu não quis ouvir. Como ela não me amava, eu tinha, com recursos biológicos inatos, me entocado atrás da minha mesa e completado uns projetos que estavam sendo adiados havia muito tempo — citando Robert Frost para mim mesmo:

*Pois há promessas a cumprir  
E muito chão até eu dormir*

Às vezes mudando para:

*Pois há receitas a provar  
E muito chão até acordar*

O alvo da brincadeira era eu, não Frost — um sujeito cheio de adágios cuja conversa era basicamente sobre as coisas que ele mesmo tinha feito, sobre as conquistas e os triunfos dele. Não dá para negar que ele se

promovia. Ele era um gênio das relações públicas. No entanto, era um escritor com raros dons.

Ouvir sobre os supostos desvios de conduta de Vela era algo destabilizador. Eu perco o chão, tropeço quando me lembro do que Ravelstein me contou dos vários casos dela. Por que havia tantas conferências no verão? Por que ela não me dava números de telefone para eu poder falar com ela? Claro, ele não ia ter interesse nesses fatos se não fossem fatos singulares. Como eu disse, Ravelstein era louco por fofoca e os amigos dele eram premiados pelos detalhes picantes que contavam. E não era uma boa ideia presumir que ele ia guardar segredo das suas confidências. Eu não ficava particularmente chateado com isso. As pessoas são infinitamente mais espertas do que eram antes quando se trata de descobrir os seus segredos. Se elas descobrem os seus segredos, elas aumentam o poder que têm sobre você. Não tem essa de parar e checar o que se ouve. Construa quantos labirintos quiser, certamente você será encontrado. E claro que eu tinha consciência de que Ravelstein não dava a mínima para “segredos”.

Mas, como Ravelstein tinha uma vida mental de grande porte — e digo isso sem ironia, os interesses dele eram realmente grandes —, ele precisava saber tudo que havia para se saber sobre os amigos e os alunos, assim como um médico em busca de diagnóstico precisa ver você nu. A comparação para de funcionar quando você lembra que o médico é obrigado por normas éticas a não fazer fofoca sobre você. Ravelstein não tinha a mesma obrigação. Quando eu era garoto nos anos 30 estava no ar a ideia de “verdade nua”. “A verdade nua e crua.” Uma inglesa chamada Claire Sheridan escreveu um livro de memórias intitulado *A verdade nua*. Fazia sentido que ela tivesse visitado a Rússia revolucionária, onde parece que tinha ficado íntima de Lênin e Trótski e de vários outros destacados bolcheviques.

Mas tudo isso é mero pano de fundo.

Vamos em frente.

Ravelstein, ainda falando de Vela, disse: “Você oferece algo a ela — belos verões no campo — mas ela não liga para esse lugar, Chick, ou ia passar mais tempo aqui. E acho curioso que você se esforce tanto. No entanto”, ele continuou, “deixe-me dizer o que eu vejo nisso tudo. Eu vejo o judeu, o filho de imigrantes, levando as premissas dos Estados Unidos a sério. Você é livre para fazer o que quiser, e pode satisfazer plenamente os seus desejos. É privilégio seu como americano comprar terras e construir uma casa onde você mora em pleno gozo de seus direitos. É verdade que não tem ninguém aqui além de você. Então você construiu esse refúgio em New Hampshire onde está cercado de memórias da sua família. O samovar russo da sua mãe é um belo objeto. É é-ah é-ah terrivelmente bonito. Mas está longe, longe, longe da cidade de Tula — Tula estava para os samovares assim como o carvão está para Newcastle. É-ah é-ah um samovar de Tula nunca esteve num lugar estrangeiro de maior desenraizamento. Quanto a você, Chick, você está fazendo a sua completa declaração de direitos americana. É muito corajoso da sua parte fazer isso mas também meio doido... Em uma área de quilômetros ao redor, você é o único judeu. Os seus vizinhos podem confiar uns nos outros. Em quem você pode confiar — numa esposa gentia? Você tem uma teoria — igualdade diante da lei. É um grande conforto ter garantias constitucionais do seu lado, e isso certamente é apreciado por outros devotos da Constituição em si...”

Ele estava se divertindo. Eu não me importava muito. Alguém me mostrar um padrão nas minhas atividades me divertia.

“Tenho de presumir que você paga bastante em impostos...”

“Com certeza. E todo ano tem novos tributos para a educação.”

Ele disse: “Posso imaginar que tipo de educação eles recebem aqui. Você já foi a algum encontro na prefeitura?”

“Uma vez.”

“E sua elegante esposa?”

“Estava lá também.”

Antes do ciclo de doenças obscuras ou novas começar, Ravelstein e eu tínhamos muitas conversas divertidas como esta. Ele parecia pensar que eu

ia dar valor às opiniões dele sobre minhas atividades. Até certo ponto eu realmente achava aquilo útil. Ele dizia, por exemplo, que eu realmente não tinha medo de me arriscar. E ele perguntou: “Eu me fascino com os seus casamentos — você se lembra do Steve Brody, não?”.

“O cara que pulou da ponte do Brooklin por causa de uma aposta.”

“Esse mesmo — um desses sujeitos entusiasmados.”

Ver a *República*, de Platão, especialmente o Livro IV. Não estudei esses grandes textos com atenção, mas não havia a menor esperança de seguir os pensamentos de Ravelstein se você fosse completamente ignorante em relação a eles. Na verdade, eles não me intimidavam. Hoje em dia me sinto tão em casa com Platão quanto com Elmore Leonard.

“Não tem nada que eu fale e que você não entenda imediatamente”, Ravelstein dizia às vezes, mas é possível que ele tivesse cultivado a arte da conversação com o bom e velho Chick e que tivesse um cuidado especial em pegar leve com ele. E também é possível que como um gênio da educação ele soubesse quanta informação meu cérebro aguentaria.

Em New Hampshire ele insistia para eu repetir sempre e sempre as mesmas velhas piadas, as mesmas velhas brincadeiras e os números de vaudeville. “Cante aquela música do Jimmy Savvo.” Ou então “Como é mesmo aquela do marido furioso? O sujeito decepcionado que diz pro amigo ‘Minha mulher está me traindo’”.

“Ah, é. E o amigo diz: ‘Faça amor com ela todo dia. No mínimo uma vez por dia. E em um ano isso vai matá-la’.”

“‘Não!’ O sujeito fica surpreso. ‘Será que essa é a solução?’”

“‘Uma vez por dia. Com uma frequência dessas, ela não tem como sobreviver...’”

“Daí entra uma placa no palco. Acho que você lembra como faziam isso. Um lanterninha com um quepe e casaco com duas fileiras de botões carregava um tripé com um cartaz. Em letras grandes estava escrito: ‘Cinquenta e uma semanas depois’. E daí o marido entra no palco empurrado pela mulher em uma cadeira de rodas. Ele parece bem fraco. Coberto com mantas como se faz com um inválido. A mulher está ótima.

Está vestida para jogar tênis e tem uma raquete debaixo do braço. Ela faz festinha na cabeça dele, ajeita a manta, dá um beijo. Ele está de olhos fechados. Parece morto. Ela diz: ‘Descanse, querido. Volto depois do jogo — já já’. Enquanto ela vai andando rápido para sair o marido leva a mão ao rosto e escondido atrás da mão em um maravilhoso sussurro de vaudeville diz em segredo para a plateia: ‘Ela não sabe, mas só tem uma semana de vida’.”

Ravelstein jogava a cabeça para trás ao ouvir isso. Fechando os olhos ele se atirava para trás gargalhando. Ao meu modo eu fazia o mesmo. Como eu disse antes, era a nossa percepção do que era engraçado que nos unia, mas esse seria um jeito pequeno, anêmico de ver as coisas. Um alegre alvoroço — *immense giubilo* — uma concordância fora do normal nos unia, e por mais que você tentasse formular isso nunca chegaria a lugar nenhum.

Naquela época, Rosamund fazia um longo percurso usando o trem elevado. Ela cruzava a imensa extensão da cidade, e o rosto dos outros passageiros era o que guiava os pensamentos e os sentimentos dela. Ela me trazia as cartas da semana e as mensagens telefônicas. Por dois anos ela trabalhou como minha assistente, digitando e passando faxes para mim. Vela era condescendente com ela e nem mesmo a convidava para sentar. Eu oferecia uma xícara de chá para Rosamund e tentava deixá-la confortável. Embora usasse roupas meio velhas, Rosamund era superarrumadinha, mas Vela achava que ela era uma coisinha deselegante. Vela tinha ares de grande aristocrata. Ela comprava roupas muito caras em materiais estranhos como couro de avestruz. Teve uma estação em que ela só comprou coisas de avestruz — um grande chapéu de avestruz num estilo selvagem, com os folículos de onde as penas haviam sido tiradas. Ela tinha uma bolsa de couro de avestruz pendurada no ombro e botas e luvas de avestruz. Com o salário de professora efetiva, ela tinha bastante dinheiro para gastar. A beleza bem construída dela era a única beleza que importava.

Vela dizia: “A sua pequena Rosamund morre de vontade de cuidar de você”.

“Acho que ela pensa que estou feliz no meu casamento.”

“Nesse caso por que ela sempre traz uma roupa de banho?”

“Porque é uma longa viagem no elevador e ela gosta de nadar no lago.”

“Não, é porque você pode ver o belo corpo dela. Se não fosse por isso ela iria nadar lá do lado da cidade em que ela mora.”

“Ela se sente mais segura aqui.”

“Vocês não passam todo o tempo ditando cartas.”

“Não o tempo todo.” Eu admitia isso.

“Bom, e do que vocês falam — Hitler e Stálin?”

Esses, para Vela, eram assuntos desprezíveis. Comparados com a física do caos eles nem mesmo existiam. E ela nasceu, veja bem, há uma hora de voo de Stalingrado, mas os pais dela conspiraram para mantê-la impecavelmente ignorante em relação à Wehrmacht e aos gulags. Só o que importava eram os estudos esotéricos dela. Ainda assim, ela tinha certo talento para a política. Ela se certificava de que as pessoas iam pensar bem dela. Ela queria ser vista como uma pessoa carinhosa, amistosa, generosa. Até Ravelstein dizia: “As pessoas ficam lisonjeadas com a atenção que ela dá. Ela compra os presentes de aniversário mais caros”.

“Sim, é uma coisa estranha como ela atrai os conhecidos e os afasta de mim. Eu não tenho a menor vontade de entrar num concurso de quem gasta mais.”

“O que você está tentando me dizer, Chick, é que ela é um tipo de alienígena vindo do espaço?”

A essa altura eu já estava familiarizado com as ideias de Ravelstein sobre o casamento. Uma hora as pessoas finalmente eram vencidas por seus desejos solitários e pelo intolerável isolamento. Elas precisavam achar a parte certa, a parte que faltava para completá-las, e como não podiam de maneira realista ter esperanças de encontrar isso precisavam aceitar um substituto que pudesse fazer companhia. Ao reconhecer que não tinham como vencer, elas se acomodavam. O casamento de mentes verdadeiras\*



raramente ocorre. O amor que se sustenta até mesmo à beira do abismo não é um projeto moderno. Mas, para Ravelstein, não havia nada que pudesse ser comparado com essa conquista da alma. Especialistas negam que o Soneto 116 seja sobre o amor entre homens e mulheres e insistem que Shakesperare está escrevendo sobre a amizade. O melhor que podemos esperar na modernidade não é encontrar o amor, mas uma ligação sexual — uma solução burguesa, com roupas boêmias. Eu falo de boêmia porque todos precisamos nos sentir liberados. Ravelstein ensinava que nas condições da modernidade estamos em uma situação frágil. A situação sadia — e era isso que ele tinha aprendido com Sócrates — nos chega via natureza. E o centro da alma é Eros. Eros é irresistivelmente atraído pelo sol. Provavelmente já falei disso antes. Se falo de novo é porque nunca me canso de Ravelstein e ele nunca se cansava de Sócrates, para quem Eros era o centro da alma, por onde o sol a nutre e a expande.

Mas em alguns pontos Vela causava melhor impressão em mim do que em Ravelstein. Ele não era vulnerável ao tipo de charme dela. Eu, por outro lado, continuava a ver o que os outros viam nela — atravessando um salão, vestida com roupas muito caras, pisando tão rápido com os dedos que o calcanhar mal tocava no chão. Ela tinha ideias originais sobre andar, falar, encolher os ombros, sorrir. Nossos conhecidos americanos achavam que ela era a alma da graça e da elegância europeia. A própria Rosamund achava isso. Eu explicava que debaixo de tudo aquilo havia um tipo especial e atraente de falta de jeito. Mas todo o prestígio, a reputação dela no ramo da física em que trabalhava, o bom salário que recebia, o inimitável glamour vencedor, era difícil para outra mulher competir com tudo aquilo. Rosamund dizia: “Que beleza incomum ela tem — cintura, pernas e tudo mais”.

“Verdade. Mas tem algo de artificialidade nisso. Como um estratagema. Como uma falta de afeto.”

“Mesmo depois de um casamento tão longo?”

Eu tinha tido esperança de fazer as coisas funcionarem com Vela porque tinha passado por casamentos anteriores. Mas eu tinha mais ou menos

desistido da luta e por uma dúzia de anos mais ou menos deixei de pedir a atenção de Vela. De manhã ela batia a porta e saía de casa e eu ia fazer minhas coisas e passar meus dias com as minhas tarefas. Ravelstein, do outro lado da cidade, falava comigo pelo telefone por uma ou duas horas. Pelo menos uma vez por semana Rosamund usava o transporte público e vinha do lado da cidade em que Ravelstein morava. Eu frequentemente sugeria que ela viesse de táxi, mas ela dizia que preferia o elevador. Rosamund dizia que George, o noivo dela, achava que o elevador era perfeitamente seguro. A autoridade de trânsito daqui fazia um policiamento mais eficaz que o de Nova York.

Usando o hábito de Ravelstein, ensinei a ela a palavra *louche* — incerto. Nada como uma palavra francesa para neutralizar um risco americano.

Naquela época tudo estava indo de mal a pior. Eu tinha voltado depois do enterro do meu irmão em Tallahassee a tempo de ver o meu irmão que havia sobrevivido, Shimon, naquilo que seria o último dia de vida dele. Ele me disse: “Você está usando uma bela camisa, Chick — tem classe, essas listas vermelhas e cinza”.

Estávamos sentados juntos no sofá de vime. O rosto dele devastado pelo câncer tinha a petulante expressão habitual de bom humor.

“Mas ouvi dizer que você quer comprar um Mercedes a diesel. Eu te aconselho a não fazer isso”, ele disse. “Só vai dar dor de cabeça.” Ele estava tremendo com a urgência, a inquietação final. Estava tudo acabado já, e prometi não comprar o carro a diesel. Depois ele disse, após uma longa troca de olhares silenciosos, que queria voltar para a cama. Ele não tinha mais a menor condição de fazer isso. Ele já tinha jogado bola com pernas fortes, mas os músculos agora tinham ido embora. Eu olhei de trás, tentando decidir se intervinha. Ele não tinha nada para colocar no testamento. E então a cabeça dele se virou para mim e os olhos se voltaram para cima — nada além do branco cego dos olhos. A enfermeira gritou: “Ele está indo embora”.

Shimon ergueu a voz e disse: “Não se agite”.

Era isso que ele dizia para a mulher e para os filhos quando eles discutiam ou começavam a brigar. Não deixar as coisas saírem de controle era a função dele na família. Ele não tinha consciência de que os olhos dele tinham se virado para dentro. Mas eu tinha visto isso em pessoas que estavam morrendo e sabia que ele estava indo embora — a enfermeira tinha razão.

Depois do enterro dele naquela mesma semana, uns dias antes do meu aniversário, eu estava furioso, chutando a porta do banheiro de Vela quando me lembrei do meu irmão pedindo calma, quase a última coisa que ele tinha dito. E saí da casa. Quando voltei naquela noite achei um bilhete de Vela; ela estava dormindo na casa de Yelena, outra francesa dos Bálcãs.

Voltando para casa na noite seguinte encontrei a casa cheia de grandes adesivos de círculos coloridos — os verdes identificavam minhas coisas, os cor de salmão estavam colados nas coisas dela. O apartamento rodopiava com esses grandes pontos. As cores eram anormais, tinha algo de gasoso ou de bÍlis neles; na caixa em que vieram eles eram identificados como “tons pastel”. Eles causavam o efeito de uma tempestade de neve — “uma nevasca meum-tuum”, como eu disse para Ravelstein.

Uma equipe de alunos dele me ajudou a desempacotar as coisas no novo apartamento depois de eu ter me mudado. Rosamund estava entre eles. Ela estava naturalmente interessada nos livros que eu tinha levado. Nas caixas de mudança estavam meu Wordsworth da faculdade e meu Shakespeare e o *Ulysses* da Company com os curiosos erros cometidos pelos tipógrafos parisienses de Joyce — não “vamos brincar um pouquinho, Poldy. Meu Deus, eu estou morrendo de vontade”,\*\* mas “vamos brincar um porquinho”, diz Molly. Tudo porque dois cachorros estão copulando na rua abaixo. “Como começa a vida”, pensa Leopold Bloom. Nesse dia ele e Molly concebem o filho deles, uma criança que não sobrevive por muito tempo. Em todos os sentidos, as paredes da vida estão azulejadas com fatos de modo que você nunca consegue se dar conta de todos eles, apenas perceber alguns dos mais conspÍcuos. Por exemplo, qual deve ter sido a

aparência de Vela enquanto ela enfeitava todos aqueles objetos com adesivos circulares verde-claros e laranja. Olhar para eles faria você sair correndo e gritando. Então, por que alguém se casa com uma mulher cujo último ato como esposa é colar centenas, se não milhares, de etiquetas? Pensando nisso, por que Molly se casou com Leopold Bloom? A resposta dela era “Ora, tanto faz ele quanto outro”.

Eu achava impossível que alguém rivalizasse com a beleza de Vela. Ela usava saias bem justas na bunda. Tinha ancas de cavalaria, além de um busto muito bonito, e as batidas dos calcanhares dela quando entrava numa sala pareciam tambores militares mas não te davam nenhuma pista sobre como ela estava se sentindo ou sobre o que estava pensando.

Vela tinha o lábio superior rijo. Eu sempre tive a tendência a dar uma importância especial ao lábio superior em um diagnóstico. Se existe uma tendência ao despotismo, ela se revela ali. Quando examino uma fotografia tenho o hábito de isolar as características. O que essa testa revela, ou a disposição desses olhos? Ou aquele bigode? Hitler e Stálin, os ditadores clássicos do nosso século, usavam bigodes muito diferentes. O lábio de Hitler, acaba de me ocorrer, era extremamente conspícuo. Um fato curioso: o lábio de Vela picava os seus quando você a beijava.

Ela tinha um jeito de conduzir você, de te mostrar como ser um homem. Essa tendência é mais comum entre as mulheres do que você possa imaginar. Ou ela tinha em mente homens de que tinha gostado no passado, ou tinha um princípio masculino próprio a ser seguido, uma contraparte masculina junguiana, um animus específico ou uma visão inata de um homem — inconsciente, é claro.

Ravelstein não tinha paciência para essas coisas. Ele dizia: “Essa bobagem junguiana vem direto de Radu Griescu. Vela é uma grande amiga do casal Griescu. Vocês costumavam jantar com eles semana sim, semana não. Claro que você é um escritor, precisa encontrar todo tipo de gente”, disse Ravelstein. “É totalmente natural para um sujeito na sua posição. Pessoas do mundo do esporte, do cinema, músicos, corretores, criminosos, também. Eles pagam as suas contas, põem o pão na sua mesa.”

“Então, por que eu não devia jantar com Grielescu e a mulher dele?”

“Nenhuma objeção, absolutamente, desde que você esteja ciente dos fatos.”

“E quais são os fatos, no caso deles?”

“Grielescu está usando você. No país deles ele era um fascista. Ele precisa deixar essa vergonha para trás. O cara era um hitlerista.”

“Olha, sério...”

“Alguma vez ele negou ter pertencido à Guarda de Ferro?”

“O assunto nunca veio à tona.”

“Você não trouxe o assunto à tona. Você tem alguma memória do massacre em Bucareste quando eles penduraram pessoas vivas em ganchos de carne no matadouro e as assassinaram — tiraram a pele delas vivas?”

Era raro ouvir Ravelstein falando de coisas como essa. Ele de vez em quando fazia referências à “História” em grandes termos hegelianos, e recomendava certos capítulos da Filosofia da História como sendo muito divertidos. Conversas sombrias com ele sobre os “detalhes completos” eram extremamente raras. “Você sabe que Grielescu era um seguidor de Nae Ionesco, que fundou a Guarda de Ferro. Ele nunca menciona isso?”

“De vez em quando ele fala de Ionesco, mas na maior parte das vezes ele fala sobre o tempo que passou na Índia e sobre como estudou com um mestre iogue.”

“Essa é a farsa glamorosa ocidental dele. Você é mole demais com essa gente, Chick, e você nem é tão inocente assim. Você sabe que ele está fingindo. Tem um acordo tácito entre vocês... Será que eu preciso falar disso?”

Como regra, Ravelstein e eu falávamos francamente um com o outro. *Verbum sat sapienti est*. Os Grielescu eram socialmente importantes para Vela. Eu tinha um dom considerável para perceber os fenômenos e tinha consciência de que Vela gostava que eu fosse tão educado com Radu e que sempre me comportasse bem com Mme. Grielescu. Minha conversa fiada em francês com madame dava grande satisfação a Vela. Mas Ravelstein estava oferecendo uma versão bastante séria das minhas relações com essa

gente. Quando ele estava morrendo parecia que ele achava necessário falar mais abertamente sobre assuntos que nunca tínhamos tido necessidade de discutir.

“Eles usam você como fachada”, disse Ravelstein. “Você não ia ter ficado íntimo com esses odiadores de judeus. Mas eles eram amigos de Vela, e você se exhibe para eles, e dá a Grielescu exatamente o que ele estava querendo. Como um nacionalista romeno nos anos 30 ele era violento com os judeus. Ele não era ariano — não, ele era um daciano.”

Eu sabia tudo isso, sabia tudo muito bem. Sabia que Grielescu tinha tido uma ligação próxima com C. G. Jung, que se via como uma espécie de Cristo ariano. Mas o que é que se deve fazer com as pessoas cultas dos Bálcãs que têm uma tal infinita diversidade de interesses e talentos — que são cientistas e filósofos e também historiadores e poetas, que estudaram sânscrito e tâmil e deram aula na Sorbonne sobre mitologia; que, se questionados a sério, podiam também falar sobre pessoas que eles tinham “conhecido superficialmente” na tropa antisemita paramilitar da Guarda de Ferro?

O fato é que eu gostava de observar Grielescu. Ele tinha tantos tiques. Ele era um fumante agitado, que ficava cavando e enchendo o cachimbo, empurrando limpadores pela haste do cachimbo ou desbastando o bolo de carbono que se formava no bojo. Ele era baixo e calvo, mas deixava a parte de trás do cabelo crescer; o cabelo transbordava por cima do colarinho. O escalpo, totalmente aberto como um estuário, era cheio de veias; parecia congestionado. Bem diferente da calvície de melão-oval-verde de Ravelstein. Enquanto ficava fuçando com as taturaninhas de limpar cachimbo, Grielescu continuava falando sobre algum assunto esotérico. As sobrancelhas eram cerradas e o rosto amplo estava preparado para uma troca de ideias. Mas não havia troca, porque ele estava falando intimamente de algum assunto que ia do mito à história e sobre o qual você não tinha nada a dizer para ele. Eu não me incomodava. Eu não gostava da responsabilidade que existia quando você precisava puxar assunto. Mas todo mundo tem algo como um quintal de conhecimentos aleatórios, e é

agradável ter alguém que o mantenha irrigado e verdinho para você. Às vezes Radu falava sobre xamanismo na Sibéria; ou podia ser sobre os costumes de casamento na Austrália primitiva. Presumia-se que você tinha vindo para ouvir ou para aprender com Radu. Mme. Grielescu tinha até mesmo planejado a disposição da sala de estar pensando nisso. “É assim que ele desvia a conversa do histórico dele como fascista”, disse Ravelstein. “Mas o histórico mostra o que ele escreveu sobre a sífilis judaica que infectou a alta civilização dos Bálcãs.”

Ele tinha razão. Grielescu tinha se ligado aos nazistas, não à forma mais suave, italiana de fascismo. É difícil dizer quanto Mme. Grielescu tinha sido política. Meu palpite é de que antes da guerra ela era uma beleza cheia de estilo, uma melindrosa de alta classe. Era fácil imaginá-la com um chapéu cloche saindo de uma limusine. Mulheres que usavam roupas boas e batons vívidos em geral não faziam política. Essas senhoras europeias monitoravam o comportamento social dos maridos — os machos do grupo. Os homens existiam para abrir portas e afastar cadeiras em salas de jantar.

Mme. Grielescu nunca estava completamente bem. A julgar pelas rugas, tinha passado dos sessenta, infeliz com isso mas também muito exigente com os homens — um manual ambulante de etiqueta. Era impossível adivinhar o que ela sabia sobre o passado do marido na Guarda de Ferro. No final dos anos 30, quando os alemães conquistaram a França, a Polônia, a Áustria e a Tchecoslováquia, Grielescu se tornou uma espécie de figurão cultural em Londres e mais tarde causou impressão em Lisboa durante a ditadura de Salazar.

Mas hoje a política dele de meados do século estava morta e enterrada. Quando Vela e eu jantávamos fora com os Grielescu a conversa não era sobre guerra e política mas sobre história arcaica ou mitologia. O professor com uma blusa de gola alta branca de seda por baixo do paletó afastava as cadeiras para as senhoras e prendia com alfinete os enfeites de flores delas. As mãos dele tremiam. Ele se importava muito com o champanhe. “Ele pagou a conta em dinheiro com uma pilha de notas de cinquenta. Nada de cartão de crédito.”

“Não consigo imaginá-lo no banco sacando dinheiro”, disse Ravelstein.

“Provavelmente ele manda a secretária sacar um cheque. De todo modo, ele paga com cédulas novas, sem vincos. Nem conta, deixa um punhado de notas verdes e faz um gesto de ‘fique com isso tudo’. E então vai rapidamente até o outro lado da mesa para acender o cigarro da mulher. Tem toda essa galanteria, as *hommages*, as compras permanentes de rosas no florista, e o beija-mão e as reverências.”

“Tudo feito em francês. E tem um padrão diferente para os americanos. E você é um judeu, além disso. É melhor que os judeus entendam o status deles diante do mito. Por que eles iam querer algo com o mito? Foi o mito que os demonizou. O mito do judeu está ligado à teoria da conspiração. Os Protocolos de Sião por exemplo. E o seu Radu escreveu livros, incontáveis livros, sobre mito. Então o que você quer com a mitologia, de todo modo, Chick? Você espera que um dia desses alguém te dê uns tapinhas nas costas e diga que você se tornou um dos anciãos de Sião? Só pense um pouco de vez em quando nessas pessoas nos ganchos de carne.”

Ravelstein e eu discutíamos infinitamente o dilema balcânico em que eu me encontrava, mas, para continuar esta narrativa, vejo que preciso começar pondo um ponto final em Vela. Ela precisa ir embora de uma vez por todas. Isso não é tão simples quanto você possa imaginar. Ela era linda e belamente vestida e memoravelmente maquiada. Ao telefone ela gorjeava como Papagena. Ravelstein era praticamente o único a descrevê-la como alguém que não tinha bom gosto para se vestir. Ele achava que ela era uma grande administradora das externalidades. Em termos políticos dava para dizer que ela iria ser eleita com facilidade. Mas Ravelstein não concordava. “Depois que você começa a suspeitar dela, a produção toda desmorona”, ele disse. “Planejamento racional demais.” Mas depois ele acrescentou: “Ela tinha razão em dispensar você”.

“Por que você diz isso?”



“Porque uma hora ou outra você ia acabar matando-a.” Ele não disse isso de um jeito sombrio. Para ele a ideia de um assassinato como esse era algo bom. Fazia ele pensar bem de mim. “Ela tinha um encantamento sexual sobre você, e, portanto, você necessariamente tinha de estar bolando uma morte violenta para ela. Ela escolheu o pior momento possível, logo depois das mortes dos seus dois irmãos, para dizer que estava entrando com o divórcio.”

Ravelstein frequentemente me dizia: “Tem alguma coisa no jeito como você conta anedotas que eu gosto muito, Chick. Mas você precisa de um bom tema. Eu queria que você escrevesse sobre mim, depois que eu já não estiver aqui...”.

“Isso não depende de quem vai antes pro buraco?”

“Não vamos ficar nos enganando com isso. Você sabe perfeitamente que eu estou para morrer...”

Claro que eu sabia. Na verdade eu sabia.

“Você realmente podia escrever uma boa biografia. Não é simplesmente um pedido”, ele acrescentou. “Estou determinando que essa é uma obrigação sua. Escreva nesse seu jeito de recordações-depois-do-jantar, quando você já bebeu umas taças e está relaxado fazendo observações. Adoro ouvir quando você está divagando sobre Edmund Wilson ou John Berryman ou Whittaker Chambers, quando você foi contratado pela *Time* de manhã e demitido por ela antes do almoço. Já pensei muitas vezes em como você lida bem com uma história quando está relaxado.”

Não tinha jeito de eu recusar isso. Ele evidentemente não queria que eu escrevesse sobre as suas ideias. Ele já tinha exposto essas ideias plenamente por conta própria e elas estavam disponíveis nos livros teóricos dele. Portanto, assumo a responsabilidade pela pessoa, e, como não tenho como retratá-lo sem certa quantidade de autoenvolvimento, minha presença nas margens terá de ser tolerada.

A morte estava se aproximando dele e estava enviando os avisos de costume, me dizendo antes de mais nada que como preparação para o fim dele não devia me esquecer de que eu era alguns anos mais velho do que ele. Em minha idade avançada, um em cada três pensamentos *obrigatoriamente* era sobre a morte. Mas a coisa estranha era que agora eu era o marido de Rosamund, uma das alunas de Ravelstein. E Ravelstein era um tipo tão paradoxal que, veja, um dos efeitos da amizade dele era me tornar consciente da estranheza da minha situação — aos setenta e poucos eu estava casado com uma jovem. “Só é estranho se você enxergar a coisa pelo lado de fora”, disse Ravelstein. “Ela se apaixonou por você e era por isso que não tinha como impedi-la de ir adiante.”

Ao me escolher ou ao armar para mim para que escrevesse a biografia dele, ele me obrigou a pensar na minha morte, assim como na dele. E não apenas na morte dele como decorrência de cobreiro, Guillain-Barré etc. Era hora do acerto de contas para toda uma geração. Por exemplo: no exato dia dessa conversa eu estava sentado com Ravelstein no extravagante e pródigo quarto dele. A cortina estava aberta na janela leste e nós víamos o imenso azul do lago sem praia.

“O que você pensa quando olhamos nessa direção?”, perguntou Ravelstein.

“Penso no bom e velho — ou mau e velho — Rakhmiel Kogon”, eu disse.

“Você pensa mais nele do que eu”, disse Ravelstein.

Talvez. Mesmo assim, eu não conseguia olhar naquela direção — leste — sem ver o prédio de apartamentos em que Kogon morava, e então você contava para cima ou para baixo tentando localizar o décimo andar, mas você nunca tinha como ter certeza de que estava olhando para a janela certa. Rakhmiel, que estava na minha vida desde os anos 40 e desde os anos 50 na vida de Ravelstein, seria um dos vários que, a intervalos, logo partiriam. Nunca dava para saber quem seria o próximo. Ele tinha passado por vários tipos de cirurgias grandes: a próstata tinha sido removida ano passado — Rakhmiel disse que nunca tinha tido muito uso para ela de qualquer

maneira. Eu não me encontrava na categoria dos ameaçados porque tinha me apaixonado por uma mulher jovem e me casado com ela. Portanto, eu não estava muito preparado para lidar com o grupo dos que estavam por partir. Esse foi um daqueles curiosos momentos de iluminação que acho que não posso omitir. Rakhmiel era altamente educado, mas para quê? Cada canto do apartamento dele estava lotado de livros. Toda manhã, Rakhmiel se sentava e escrevia com tinta verde.

Rakhmiel não era um sujeito grande nem saudável, mas mesmo assim o porte dele chamava a atenção — compacto e denso, despótico, tiranicamente obcecado, teimoso. Ele tinha opiniões definitivas sobre centenas de assuntos e isso talvez fosse um sinal de que ele tivesse encerrado a sua trajetória. Eu tinha a impressão de que estava tentando resumi-lo para um obituário. É possível que eu estivesse tentando substituir Ravelstein por Rakhmiel para não ter de pensar na morte de Ravelstein. Eu preferia pensar na morte de Rakhmiel. Então eu repassava a vida e a sua obra para escrever um perfil dele enquanto Ravelstein ficava deitado nos travesseiros com os olhos fechados, pensando pensamentos próprios dele.

Rakhmiel era, ou um dia tinha sido, ruivo, mas o cabelo ruivo tinha ido embora e o que permanecia era uma aparência avermelhada — na fisiologia medieval, sanguínea: quente e seca. Ou, melhor ainda, colérica. O rosto dele tinha uma expressão policial e frequentemente parecia, enquanto andava rápido, que ele estava trabalhando num caso — a caminho de conseguir um mandado ou de fazer uma prisão. A conversa dele, eu achava, tinha um tom de interrogatório. Muito articulado, ele falava em sentenças completas, em alta velocidade e muito impaciente. Quando você o conhecia melhor entendia que havia dois elementos estrangeiros distintos nele — um germânico e o outro britânico. A parte alemã era a rigidez no estilo Weimar. Acho que eu conhecia Weimar pela versão de cabaré. A imagem que se vendia da Europa do pós-guerra dos anos 20 era de rigidez. Os veteranos de guerra eram rígidos, os líderes políticos eram rígidos. Mais rígido do que todos era Lênin, ordenando enforcamentos e fuzilamentos. Hitler entrou na competição ao assumir o poder nos anos 30. Imediatamente ele mandou

fuzilar o capitão Roehm e outros colegas nazistas. Rakhmiel e eu em certa época discutíamos esse tipo de coisa bem frequentemente.

Muitos fatos dolorosos, horríveis demais para serem contemplados por contemporâneos. Nós, na verdade, não temos como nos obrigar a aceitar esses fatos. Nossas almas não são fortes o suficiente para isso. E, no entanto, não dá para abrir exceção para ninguém. Um homem como Rakhmiel se sentia obrigado a encarar o fato de que essa depravação era universal. Ele acreditava que todo mundo tinha uma parcela disso. Era possível encontrar esses impulsos assassinos em qualquer pessoa de idade madura. Em certos casos, como no do próprio Rakhmiel, era possível identificá-los na sua estrutura física como equivalentes não necessariamente da guerra mas das vergonhosas enormidades espalhadas pela Rússia, Alemanha, França, Polônia, Lituânia, Ucrânia e pelos Bálcãs.

Bem, havia o lado germânico dele. E também havia o componente britânico. Rakhmiel, cujo nome pode ser traduzido como “Salve-me, Deus” ou “Sê misericordioso, Deus, para comigo”, também havia tido como modelos acadêmicos britânicos e com o tempo havia se transformado ele próprio num acadêmico. Ele tinha estado na Inglaterra durante a guerra. Tinha sofrido a blitz em Londres, onde estava colhendo e interpretando informações para a área de inteligência. Depois lecionou na London School of Economics. Mais tarde foi professor em Oxford e dividia o tempo entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Ele era autor de muitos livros eruditos. Escrevia diariamente, copiosamente, infinitamente, e sem hesitação, com sua tinta verde. “Os Intelectuais” eram o tema principal dele, e o estilo era johnsoniano. Às vezes ele lembrava Edmund Burke, mas era principalmente o tom de Samuel Johnson que você ouvia. Eu não via nada de errado nisso. O desafio da liberdade moderna, ou da combinação de isolamento e liberdade com que você se confronta, é construir a si mesmo. O risco é que você emerja do processo como uma criatura não inteiramente humana.

A arte do disfarce está tão desenvolvida que certamente você subestima a quantidade de filhos da mãe que conhece. Nem mesmo um gênio como Rakhmiel era capaz de esconder o caráter tempestuoso ou, se você preferir,

a perversidade de sua natureza. Ele tinha ideias de decência que vinham dos romances de Dickens, mas tinha REMs cruéis — empresto a palavra de especialistas em sono —, movimentos rápidos de olhos bem acordados. Ele parecia um inglês frequentador de clubes muito irritável e altamente volátil, com o rosto muito vermelho. Nos Estados Unidos, onde as pessoas não são familiarizadas com tipos como esse, a tendência era de que as idiossincrasias dele fossem mal entendidas. As pessoas viam um sujeito atarracado, ligeiramente pançudo mas forte, baixinho em roupas de tweed muito velhas. Se vestir mal é uma tradição acadêmica que vem desde a Idade Média, e em Oxford e Cambridge você ainda via os buracos nas becas remendados com fita adesiva. O azedume que vinha das roupas de Rakhmiel Kogon era perceptível. Ele parecia um tirano, com a tirania estampada no rosto. Isso não era bem dissimulado pela mansidão ou pela paciência cristã, ou pela civilidade. Ele usava um chapéu fedora quando saía e levava uma bengala pesada — “para bater nos camponeses”, costumava brincar. E era uma piada, porque o tema principal dele era civilidade. Com a civilidade ele tinha inaugurado um novo filão e todo mundo no universo acadêmico estava explorando isso.

Rakhmiel era tudo, menos simplório. Minha crença é que, ao mesmo tempo, ele cultivou um pequeno jardim de ervas de sentimentos bons e generosos. Ele tinha esperança, especialmente quando estava cortejando um novo amigo, de passar por um sujeito muito decente. Ele também era muito culto. Quando você ia pela primeira vez ao apartamento dele, o respeito que você sentia por ele aumentava. Nas prateleiras havia obras completas de Max Weber e todos os Gumplowitches e Ratzenhofer. Ele tinha as obras completas de Henry James e de Dickens e as histórias de Roma de Gibbon e da Inglaterra de Hume além de enciclopédias de religião e de uma imensidão de livros de sociologia. Útil para escorar as janelas quando a corda arrebentava, eu costumava dizer. Também havia a tinta verde. Nenhuma outra cor era usada. O verde era a marca registrada exclusiva dele.

Ravelstein ria barulhentemente quando falávamos disso. Ele dizia: “É assim que eu também quero ser tratado. Bem assim. Quero que você me mostre como você me vê, sem amenizar nem adocicar”.

Ravelstein, depois de ter lido meu esboço sobre Kogon, disse que eu devia ter comentado sobre a vida sexual dele — uma grande omissão, ele achava. Ele me disse com autoridade — “Você não percebeu — Kogon gosta de homens”. Quando pedi provas ele disse isso e aquilo, um estudante de graduação, jurou de pés juntos que uma noite quando eles tinham bebido bastante, Rakhmiel tentou beijá-lo. Era difícil pensar em Kogon como um beijoqueiro e eu disse que nem em mil anos conseguiria imaginar Kogon forçando alguém a fazer algo. “Então você passou por uma lavagem cerebral”, disse Ravelstein. Nada desse gênero era improvável demais para ele, mas eu fracasei em todas as tentativas de visualizar Rakhmiel beijando alguém. Eu não conseguia imaginar nem que ele estava beijando a mãe velhinha. Ele gritava com ela sem piedade e depois dizia: “Ela é surda...”. Mas acho que ela não era surda, a aturdida mãe dele.

De volta do hospital, Ravelstein estava razoavelmente bem. Claro que ele não tinha como vencer a infecção, mas ele disse: “Não estou com pressa de morrer”. A vida social dele florescia. Nos bons tempos ele voava como um falcão, como ele mesmo dizia. “Mas agora rodopio como um daqueles perus da sua casa em New Hampshire.”

Ele conseguia andar bastante bem, embora o senso de equilíbrio não funcionasse.

Ele também conseguia se vestir e se alimentar, fazer a barba, escovar os dentes (ele usava prótese na parte de cima), amarrar os sapatos, e usar a sibilante-fumegante máquina de espresso — grande demais para o esmalte sulcado da pia da cozinha. As mãos tremiam mais quando havia alguma operação extradelicada a ser feita, como encontrar o laço com a ponta do cadarço. Ele mal estava forte o suficiente para usar o casaco de general de exército de camurça com acabamento de peles que arrastava no chão

quando eu o ajudava a vesti-lo. Ele não conseguia arrumar as horas no relógio e precisava pedir que Nikki ou eu fizéssemos isso.

No entanto, ele continuava dando festas nas noites em que o time dele, os Bulls, passava na tevê. E de vez em quando levava os alunos favoritos para jantar no Acropolis na Halstred Street. Os garçons de lá davam apertos de mão fortes nele e falavam: “Ei, olha só, o professor!”. Insistiam que ele tomasse azeite de oliva puro, direto da garrafa. “Tarde demais para salvar os cabelos, professor, mas ainda é o melhor remédio.”

Também íamos jantar em um clube no centro da cidade: Les Atouts — os Trunfos. Lá Abe tinha uma longa história de convívio cavalheiresco com M. Kurbanski — acento no *ban*. M. Kurbanski, o proprietário-gerente sérvio, viajava para fora do país várias vezes por ano. Estava se preparando para se aposentar em uma villa na costa da Dalmácia.

Ele tinha uma bela fachada — cabelo e barriga combinando com um rosto muito impressionante, largo, com nariz pequeno, pálido como se estivesse prendendo a respiração. Penteava todo o cabelo para trás. Usava fraque. No geral dava a Ravelstein o prazer de ter a sensação de que estava lidando com um homem civilizado.

Ravelstein me dizia: “O que você acha de Kurbanski?”.

“Bem, ele é um cavalheiro franco-sérvio que convida as pessoas que moram na cidade para serem sócias no clube dele a leste do Michigan Boulevard.”

“Que tipo de histórico de guerra ele tem?”

“Ele diz que lutou contra os alemães. Pertencia aos Maquis.”

“Todos eles vão dizer isso. Mas eu não acho que ele fosse comunista”, disse Ravelstein. “Se você os ouve descrevendo, todo mundo estava lutando pela liberdade no alto das montanhas. No caso do Kurbanski, o que você aposta?”

“Se estivesse com dificuldades sérias ele seria capaz de meter uma bala na própria cabeça”, eu disse.

“É mais provável. Concordo com você. Mas tirando isso ele é um grande maître”, disse Ravelstein.

“Quem vai contestar se ele diz que nos seus dias de glória foi um guerrilheiro e lutou contra os alemães?”

“É por isso que ele tem aquele olhar triste e distante. Então o que sobra?”, Ravelstein perguntou. “A questão judaica.”

“Não ser um judeu era muito desejável naquela época, um patrimônio valioso. Nunca se sabe. Mas para Kurbanski o que conta é ser francês.”

“Sim. Nós vamos ao estabelecimento dele e ele conversa em francês. E a cortesia dele é possível, apesar de sermos judeus, porque podemos responder em um francês aceitável...”

“Eu gosto de ouvir você falar quando está bêbado, Chick, falando e tendo ideias livremente. Você tem razão em insistir que Kurbanski tem um olhar triste...”

Ravelstein tinha passado a concordar que era importante perceber a aparência das pessoas. As ideias delas não são o suficiente — as convicções teóricas e os pontos de vista políticos. Se você não leva em consideração o corte de cabelo, o caimento das calças, o gosto por camisas e blusas, o jeito de dirigir ou de comer em um jantar, você não conhece a pessoa completamente.

“Um dos seus melhores textos, Chick, é aquele sobre Khruschóv na ONU tirando o sapato e batendo com ele na mesa. É quase tão bom quanto o perfil de Bobby Kennedy, quando ele era senador por Nova York. Ele levou você junto nas andanças dele por Washington, não foi?”

“Sim, por uma semana inteira...”

“Aquele foi um dos seus perfis que prendeu a minha atenção”, disse Ravelstein. “Que o gabinete dele no Senado era como um templo para o irmão — um retrato imenso de Jack na parede. E tinha algo de selvagem no luto dele...”

“Vingativo, foi o que eu disse.”

“Lyndon Johnson era o inimigo, não era? Eles tinham se livrado dele tornando-o o vice-presidente — um tipo de garoto de recados. Mas daí ele foi o sucessor de Jack. E Bobby precisava de armas para retomar a Casa Branca. Cheio de ódio. Eles eram sujeitos muito bonitos, os dois irmãos.



Bob tinha metade do tamanho de Jack”, Ravelstein disse, “mas era do tipo que brigava na rua. O mais divertido eram aquelas caminhadas do prédio de gabinetes do Senado para o Capitólio. Aquelas perguntas que ele te fez eram excelentes — como, ‘Me fale sobre Henry Adams’. ‘Me conte sobre H. L. Mencken.’ Se ia ser presidente, ele achava que devia saber sobre Mencken.”

Ravelstein adorava falar de celebridades. No Idlewild, uma vez, ele viu Elizabeth Taylor e ficou quase uma hora inteira seguindo-a com os olhos no meio da multidão. Ele ficou particularmente feliz por tê-la reconhecido. Como ela já não tinha o mesmo brilho, era preciso se esforçar um pouco. Ela parecia saber que não tinha mais o glamour de antes.

“Você não tentou falar com ela?”

“Uh-uhn.”

“Como autor de um best-seller você estava no mesmo patamar de outras celebridades.”

Mas não.

Ele e eu estávamos sentados, como tínhamos feito durante anos, em sua sala de estar, e ele estava com o roupão japonês dele. Aquilo caía de seu corpo por todos os lados. As pernas nuas eram como vegetais gigantes dignos de prêmios por causa dos tornozelos muito inchados — “Essa bosta de edema!”, ele dizia. A metade de cima de Ravelstein estava ativa como sempre. Mas a doença estava ganhando terreno, e ele sabia disso tão bem quanto o médico. Não só estava falando mais sobre a biografia que eu tinha sido designado para escrever como tinha coisas curiosas para me dizer. Sobre os impulsos sexuais continuarem lá, por exemplo. “Nunca tive tanto tesão”, ele disse. “E é tarde demais para ter parceiros. Tenho que me aliviar sozinho...”

“O que você faz?”

“Punheta. O que mais podia ser? Neste estágio, estou humanamente fora da competição.”

Pensar nisso me deixou hesitante.

“Estou fatalmente contaminado. Penso muito sobre aqueles garotos bonitos em Paris. Se eles pegam a doença é comum que voltem para a casa da mãe, que cuida deles. A minha velhinha é uma pobre mulher, hoje em dia. Da última vez que nós nos vimos eu perguntei: ‘Você sabe quem eu sou?’, e ela disse: ‘Claro. Você é o sujeito que escreveu aquele best-seller famoso que todo mundo está comentando’.”

“Você me contou.”

“Bem, vale repetir. O segundo marido dela também está numa escola preparatória para nonagenários. Mas eu vou morrer antes dos dois. Nesse ritmo, vou cruzar a linha de chegada antes da minha mãe. Talvez eu esteja lá esperando por ela.”

“Isso foi comigo, não?”

“Bom, Chick, você várias vezes falou da vida após a morte.”

“E você se descreve como ateu, já que nenhum filósofo pode acreditar em Deus. Mas essa não é uma crença minha. É só que minhas pesquisas como leigo mostram que nove em cada dez pessoas esperam ver os pais na vida após a morte. Mas será que eu estou preparado para passar a eternidade com eles? Suspeito que não. Preferia ser aceito para estudar o universo, orientado por Deus. Nada de original nisso, a não ser pelo fato de ser algo tremendo compreender o desejo coletivo de bilhões de pessoas.”

“Bom, logo você vai descobrir, você e eu, Chick.”

“Por quê, você vê sinais disso em mim?”

“Vejo, sim, para ser franco.”

Como se ele não fosse franco sempre.

Estranhamente, eu não me incomodava de ouvir isso vindo dele. Ele podia, no entanto, ter pensado um pouco em Rosamund. Ele às vezes não era muito claro sobre minha ligação com ela — naturalmente desorientado por sua doença. Ele tinha assumido o papel de um intercessor benevolente, de um conselheiro, um conciliador. Isso, em parte, se devia à influência de Jean-Jacques Rousseau, o teórico político e reformador. Mas ele tinha sido atraído inicialmente por Jean-Jacques pela forte crença no amor que une as pessoas e as sociedades. Às vezes ele admitia que Rousseau, o gênio e o

inovador cujas ideias — sua grande mente — tinham dominado a sociedade europeia por mais de um século, era (quase necessariamente) ele mesmo um maluco. Para chegar um pouco mais perto do nosso assunto principal aqui, ele tinha se surpreendido quando soube que antes de casar com Rosamund eu não tinha me importado em consultá-lo. Eu estava disposto a admitir que ele podia saber mais sobre mim do que eu mesmo sabia, mas não ia me colocar sob a custódia dele e confiar nele para administrar a minha vida. Isso também seria injusto com Rosamund. Não vou ficar aqui fazendo discursos sobre dignidade, autonomia, e todo o resto. Ela e eu estávamos juntos já fazia mais ou menos um ano antes de Ravelstein saber que nós éramos aquilo que os jornalistas de tabloides chamavam de “casal”. Mas preciso dizer que quando nos casamos ele foi bastante amável, não mostrou ressentimento. As pessoas estavam naturalmente fazendo aquilo que sempre tinham feito. Os velhos continuavam a ter uma crise de tolice após a outra, até que o organismo não resistisse mais. Eu estava perfeitamente disposto a diverti-lo sendo típico, previsível. Nos últimos meses ele reviu as opiniões sobre os amigos íntimos e sobre os alunos favoritos e descobriu que tinha tido razão sobre eles o tempo todo. Eu nunca disse para ele que tinha me apaixonado por Rosamund porque ele teria rido, e me dito que eu estava sendo um idiota. É muito importante, contudo, compreender que ele não era uma dessas pessoas para quem o amor tinha sido desmascarado e destruído — para quem o amor era um mito histórico, Romântico, que demorou a morrer mas que estava finalmente morto. Ele achava — não, ele *via* — que todas as almas estavam procurando a sua outra metade, desejando estar completas. Não vou descrever Eros et cetera, como ele entendia. Já fiz isso vezes demais: mas há certo esplendor irreduzível nisso sem o que nós não seríamos exatamente humanos. O amor é a finalidade mais alta da nossa espécie — a nossa vocação. Isso simplesmente não pode ser deixado de lado ao pensar sobre Ravelstein. Ele nunca se esquecia dessa convicção. Ela está presente em todos os julgamentos dele.

Ele frequentemente falava bem de Rosamund. Ele dizia que ela era séria, trabalhava duro, tinha uma boa cabeça. Era uma mulher jovem bonita e

ativa. Mulheres jovens, ele dizia, carregavam o peso daquilo que ele chamava de “manutenção do glamour”. A natureza, além disso, dava a elas o desejo de ter filhos, e, portanto, de casar, de ter a estabilidade necessária para a vida em família. E isso, junto com todas as outras coisas, incapacitava-as para a filosofia.

“Há mulheres jovens que pensam que têm como manter um marido vivo para sempre”, ele disse.

“Você acha que isso também serve para Rosamund? Eu quase nunca penso nos meus anos-calendário. Estou sempre andando na mesma planície sem nenhum final à vista.”

“Há fatos importantes com que nós precisamos conviver, mas você não precisa deixar que eles o absorvam.”

Quando ele falava de sua doença era quase sempre de um jeito oblíquo. Ravelstein estava fazendo seus últimos arranjos. Ninguém se oferecia para falar com ele sobre isso. A única exceção era Nikki. Mas Nikki era, em um sentido especial, da família. Se Ravelstein tivesse uma família, ela seria exótica, porque ele não tinha utilidade para famílias. Nikki, o belo príncipe chinês, seria o herdeiro. O resto de nós em um ou outro grau não éramos herdeiros, mas amigos.

Nos últimos meses de vida Ravelstein fez o que sempre tinha feito. Dava aulas, organizava conferências. Quando não tinha mais forças para dar aulas, convidava amigos para fazer isso no seu lugar: sempre havia dinheiro disponível na Fundação. A cabeça calva no centro da primeira fila dominava esses eventos. Quando acabava uma palestra, ele invariavelmente era o primeiro a fazer uma pergunta.

Isso se tornou protocolo. Todo mundo esperava ele começar a discussão. No início do semestre de outono ele ainda estava bastante ativo, apesar de que, quando eu o acompanhei do apartamento até o campus, ele precisou parar a cada esquina para recuperar o fôlego.

Eu me lembro daquela revoada de papagaios que tinha pousado em umas árvores que davam umas frutinhas vermelhas comestíveis. Esses papagaios, que imaginávamos ser descendentes de um casal de pássaros criados em

gaiolas que tinha escapado, tinham construído seus grandes ninhos em forma de saco em frente ao lago e depois fizeram colônias nas alamedas. Nesses condomínios de pássaros que ficavam pendurados nos postes de energia elétrica, moravam centenas de papagaios.

“O que é isso que estamos vendo?”, perguntou Ravelstein, voltando para mim seus imensos olhos redondos.

“Papagaios.”

“Claro, mas nunca pensei que ia ver papagaios desse tipo. Que barulho eles fazem.”

“Bom, antes só tinha ratos, camundongos e esquilos — agora tem guaxinins nas alamedas e até gambás — uma nova ecologia baseada no lixo das grandes cidades...”

“Você quer dizer que a selva urbana não é mais uma metáfora”, ele disse. “Fico realmente irritado de ouvir esses pássaros verdes barulhentos dos trópicos. A neve não faz eles irem embora?”

“Não parece.”

Nada fazia eles irem embora. Os barulhentos pássaros verdes comendo e bicando as folhas, espalhando a neve, se empanturrando de frutinhas prenderam a atenção de Ravelstein por mais tempo do que eu esperava. Ele tinha pouco interesse pela vida natural. Os seres humanos o absorviam por completo. Se interessar pela grama, pelas folhas, pelo vento, pelos pássaros ou pelos animais era uma fuga dos deveres mais importantes. E acho que os pássaros prenderam a atenção dele por um tempo incomum porque não estavam simplesmente se alimentando, mas se empanturrando, e ele próprio tinha um apetite voraz. Ou havia tido. As refeições dele agora eram principalmente sociais, ocasiões para conversar. Ele jantava fora toda noite. Nikki não tinha como cozinhar para todas as pessoas que estavam chegando para ver Ravelstein.

Abe estava tomando o remédio comum receitado para a doença dele mas não queria que os outros ficassem sabendo. Lembro como ele ficou chocado quando a enfermeira entrou — a sala estava cheia de amigos. Ela disse: “É hora do seu AZT”.

No outro dia ele me disse: “Eu podia ter matado aquela mulher”. Ele ainda estava furioso. “Eles não treinam essas pessoas?”

“Elas são do gueto”, disse Nikki.

“Gueto nada!”, Ravelstein disse. “Os judeus do gueto tinham sensibilidade altamente desenvolvida, eram emocionalmente civilizados — milhares de anos de treinamento. Eles tinham comunidades e leis. ‘Gueto’ é uma palavra usada por jornais ignorantes. Não é do gueto que elas vêm, é de uma tempestade barulhenta, sem sentido, niilista.”

Uma vez ele me disse: “Chick, preciso de um cheque. Não é muito. Quinhentas pratas”.

“Por que você mesmo não faz o cheque?”

“Quero evitar problemas com Nikki. Ele ia ver no canhoto.”

“Tudo bem. Como eu preencho?”

“Faça ao portador.”

Não havia necessidade de pedir que Ravelstein elaborasse. “Eu escrevi o endereço”, ele disse, e me passou um pedaço de papel.

“Considere resolvido.”

“Eu vou te dar um cheque.”

“Nem venha”, eu disse.

Fiquei imaginando se algum visitante tinha afanado um isqueiro ou algum outro *bibelot*, e Ravelstein estava pagando resgate. Mas decidi que não valia a pena ir atrás da história. Ele já tinha me falado do aumento da libido. Ele dizia: “Eu tenho tesão, e o que é que eu devo fazer com isso? E tem uns garotos que sentem pena de você. Eles entendem a coisa toda. Nunca imaginei que a morte ia ser um afrodisíaco tão esquisito. Não sei por que estou te falando isso. Talvez ache que você deva ter essa informação”.

A minha vida toda eu tive o costume de adiar as coisas. É claro que eu sabia que Ravelstein estava perto do fim, que ele não viveria por muito mais tempo. Mas, quando Nikki me disse que Morris Herbst estava vindo para a cidade, percebi que era um aviso para eu me recompor.

Ravelstein e Morris Herbst falavam pelo telefone todo dia. Com a ajuda de Ravelstein, Morris, um viúvo, tinha conseguido criar dois filhos.

Ravelstein era, de algum modo, apaixonado pela falecida mãe deles, e falava dela com um respeito e uma admiração únicos. Ele me descreveu o “dramático rosto brando, os olhos negros, uma natureza bela e sexualmente aberta mas não promíscua”. Nada sobre sexo é proibido hoje, mas o desafio é se controlar no meio da anarquia sexual generalizada. Ravelstein admirava a falecida mulher de Herbst, a amava. Ela era a única mulher cuja fotografia ele carregava na carteira. Por isso era totalmente natural que ele fosse um segundo pai para as crianças. Ele arranhou bolsas e empregos no campus para eles, avaliava os amigos deles, e se certificava de que eles lessem os clássicos essenciais.

Foi Nikki que me contou da foto de Nehamah. “Está lá junto com o cartão de crédito e a carteirinha do plano de saúde”, ele disse. “Você sabe que ele gosta de pessoas que têm paixões básicas — que fazem sair lágrimas dos olhos dele. Com Abe isso conta mais que qualquer outra coisa.”

Se Ravelstein não falava muito sobre Nehamah Herbst era porque nos últimos meses da vida dela, ele e Morris tinham construído uma espécie de culto em torno dela. Abe tinha passado muito tempo com Nehamah nas últimas semanas, e ela tinha falado livremente sobre assuntos secretos e íntimos. Embora não se pudesse confiar nele para guardar segredos, Abe nunca disse sobre o que os dois falaram.

A mãe de Nehamah veio de Mea Sha’arim e implorou para que a filha tivesse uma cerimônia ortodoxa.

“O quê, no meu leito de morte?”

“Sim. Você precisa, pelos seus filhos. Eu estou aqui para salvá-los.”

Mas quase nunca se entende a verdade, Ravelstein costumava dizer. O que realmente importa precisa ser revelado, nunca executado. Mas apenas um punhado de seres humanos têm a imaginação e as qualidades de caráter necessárias para viver de acordo com o verdadeiro Eros. Nehamah não apenas se recusou a receber o rabino ortodoxo que a mãe tinha trazido ao seu leito de morte, mas nunca mais falou com ela, e sem o adeus da filha a

velha senhora viajou de volta para Mea Sha'arim. “Nehamah era pura e inamovível”, Ravelstein disse em uma voz grave de infinito respeito.

Estou tentando transmitir o melhor que posso da ligação singular entre Ravelstein e Morris Herbst. Durante trinta ou quarenta anos eles estiveram em contato diário. “Agora que tem cascalho para tudo, tenho a satisfação de manter contato, de falar com Morris sem pensar nas despesas”, Ravelstein me disse. De todo modo, ele nunca abria as contas de telefone, Nikki dizia. Elas eram pagas pela Legg Mason, a enorme empresa de investimentos financeiros na Costa Leste que administrava o dinheiro dele. Abe disse a Nikki, que abria a correspondência: “Não gosto desses papéis impressos, certamente não vou ficar examinando isso. Não me fale de nada disso, não me entregue nenhum extrato a não ser que a conta esteja abaixo de dez milhões”. Aqui, a reserva oriental de Nikki explodiu. Ele não conseguia parar de rir. “Nenhum centavo menos do que dez milhões”, ele disse. Ele era franco comigo porque eu nunca o pressionava — nós nunca falamos de dinheiro. Ele teria ficado — vejamos, agora, o que ele teria ficado? — “afrontado” é a palavra adequada. Ele tinha suas maneiras suaves de príncipe asiático, mas se você ofendesse Nikki ele arrancaria a sua cabeça.

Morris Herbst, para voltar a ele, estava no topo da lista de convidados de qualquer conferência que Ravelstein organizasse. Era o primeiro a ser convidado e o primeiro a aceitar. Ele sempre lia um artigo em cada um dos eventos de Ravelstein. Ele tinha um ar reflexivo, decidido, estável e falava deliberadamente, sem pressa ou nervosismo. Com a sua barba branca quadrada — sem bigode —, tinha a aparência de um fazendeiro do Michigan que eu conheci cinquenta anos atrás. Herbst também tinha estudado com o professor Davarr, mas sem o grego ele nunca poderia se dizer um verdadeiro fruto de Davarr. Ele ensinava Goethe, e tinha escrito um livro sobre *As afinidades eletivas*, mas o fato curioso era — e sempre há fatos curiosos — que ele também tinha um fraco por cartas e dados e frequentemente ia a Las Vegas. Ravelstein tinha uma consideração excepcional por jogadores imprudentes. E eu também tinha uma boa opinião sobre Herbst. Não sabia dizer por quê. Ele jogava, perdia a cabeça



quando jogava vinte e um, e embora sentisse a perda da mulher, também era um mulherengo, mas nunca fez falsas alegações sobre si mesmo.

Sim, ele tinha mantido a família, como havia prometido a Nehamah, mas as crianças sabiam de todos os detalhes do lado mulherengo dele, de seus romances. Sempre havia uma ou outra mulher acampando em casa depois da morte de Nehamah, e mulheres ligavam de todo canto do país. Ele tinha um jeito calmo — um modo firme de se sentar reto. O cabelo branco era crespo e cacheado e a cor dele era intensa. Ele parecia bem mas devia a vida à cirurgia cardíaca. E quando você fazia uma pergunta a ele, precisava esperar enquanto ele organizava a resposta. Ele podia ficar sentado parado, pensando na resposta (várias vezes cronometrei o tempo dele) por até cinco minutos. Ele era um conversador sóbrio e circunspecto. Nascido na Alemanha, especializou-se em pensadores alemães. Ele nunca se empolgava tanto com eles quanto se empolgava com mulheres, mas, desde a morte da esposa, ele só teve um caso duradouro com uma mulher cujo marido nada paciente tinha de tolerar os longos telefonemas noturnos deles. Sem o telefone, o que teria sido da vida espiritual de Morris? Ravelstein preferia a expressão francesa. Ele dizia: “Eu não chamaria Morris de mulherengo. Ele é um verdadeiro *homme à femmes*. Se isso não é uma vocação, não sei o que é”.

Cinco anos atrás, os cirurgiões disseram a Herbst que o coração dele estava condenado. Ele entrou numa lista de espera de transplante com uma prioridade muito alta. Ele não tinha mais do que uma semana de vida quando um motoqueiro do Missouri morreu num acidente. Os órgãos do garoto foram retirados. Tecnicamente esses transplantes são uma conquista imensa. O lado humano da coisa é que Morris carrega no peito o coração de outro homem. É possível aceitar um enxerto de pele de um estranho compatível. Mas o coração, acho que concordaríamos, é um assunto diferente. O coração é um mistério. Se você viu o seu próprio coração em uma tela de vídeo, como milhões de pessoas já fizeram hoje, se comprimindo e se abrindo ritmicamente, pode ter se perguntado por que esse músculo persistente é tão constante no seu funcionamento desde o

útero até o último suspiro. Essa contração e relaxamento segue em frente cegamente. Por quê? Como? E quem foi que prolongou a vida de Morris Herbst — um adolescente irresponsável rápido como o demônio de Cape Girardeau, no Missouri, sobre o qual Herbst não sabia nada. Nada se encaixa aqui a não ser o velho slogan industrial: “As peças são intercambiáveis”. Isso explica bem a realidade moderna.

Durante a guerra, com frequência me ocorreu que os soldados russos que estavam expulsando o exército de Hitler de volta, passando pela Polônia, fizeram tudo isso comendo porco enlatado de Chicago.

Por que carne de porco? Bem, é apropriado nesse caso. Morris era um judeu crente — não totalmente ortodoxo mas mais ou menos praticante. E esse judeu de vida livre deve a sua existência ao coração do peito de um jovem que perdeu o controle da moto — não conheço as reais circunstâncias da morte dele. Só o que sei é que os técnicos cirurgiões tiraram o coração do garoto e o colocaram no lugar do coração hesitante que estava no peito de Herbst. Ele me disse que isso trouxe impulsos e sensações desconhecidos na vida dele.

Perguntei o que isso significava.

Sentado e circunspecto, com as mãos sobre os joelhos, o olhar pálido tendo ido embora junto com o coração doente que lhe estava causando a morte, o cabelo branco enrolado em torno do rosto agora corado, ele disse sobre si mesmo que se sentia como Papai Noel na loja de departamentos perguntando o que a meninada queria ganhar de Natal. Como no centro da “fábrica física” (a expressão que ele usava para isso), o coração que ele havia emprestado tinha assumido o comando, ele percebia que com ele havia vindo um temperamento diferente — juvenil, descuidado, não só disposto a correr riscos como querendo fazer isso. “Me sinto um pouco como aquele cara que se chama Evel Knievel e que pula com a moto Honda dele por cima de dezesseis barris de cerveja.”

Eu entendia isso estranhamente, porque na época eu estava sendo tratado por uma fisioterapeuta que me disse que os principais órgãos do corpo estavam cercados por cargas de energia e que ela, a fisioterapeuta, estava

naquele momento em contato com a minha vesícula. “Mas eu não tenho mais a vesícula. Eu retirei.”

“Claro, mas as energias continuam lá — e vão continuar enquanto você viver”, ela me disse.

Estou falando disso, com um toque de agnosticismo, porque me pediram para acreditar que não era só o coração de um homem jovem que mudava corpos. Os órgãos são também repositórios das sobras ou dos impulsos assertivos — ansiosos ou felizes conforme o caso, e isso tinha entrado no corpo de Herbst junto com o coração novo. Eles agora precisavam entrar num acordo com as forças do novo ambiente.

Se fosse um transplante de rim ou de pâncreas seria diferente. Mas o coração traz tantas conotações; é o centro das emoções do homem — a vida superior dele.

Em todo caso, Morris, um judeu alemão, foi salvo por esse garoto do Missouri. E eu tinha de me conter para não fazer perguntas a ele sobre um coração originalmente cristão ou gentio, com suas sombras de energia e seus ritmos — como ele se adaptava às necessidades ou peculiaridades, às dores e às ideias de um judeu? A essa altura eu não podia discutir o assunto com Ravelstein. Ele não estava em condição de dirigir os pensamentos para isso.

O máximo que ousei fazer foi perguntar a Morris de uma maneira muito tentativa sobre o transplante. Ele disse que em todos os estados quando você tirava a carteira de motorista pediam que você marcasse um quadradinho concordando ou não em ser um doador de órgãos. “Em meio segundo o garoto fez um X — que diabo, por que não? Então o coração foi mandado para a Costa Leste e a cirurgia foi feita no Mass General.”

“E você não sabe mais nada sobre o garoto?”

“Muito pouco. Escrevi uma carta de agradecimento para os pais dele.”

“O que você disse, se você não se importa de contar?”

“Eu disse a eles, honestamente, o quanto era grato, e passei a imagem de um perfeito americano para que eles não tivessem de se preocupar

imaginando que o coração do menino deles está mantendo vivo algum estrangeiro repulsivo...”

“Isso deve fazer você pensar duas vezes, na estrada, quando de repente se vê cercado por um grupo de jovens de motos, com cachecóis, bonés e óculos de proteção.”

“Estou sempre preparado para isso.”

“A família do garoto respondeu?”

“Nem um cartão-postal. Mas eles devem estar felizes porque o coração dele continua vivo.” Ele virou o rosto para baixo com um olhar tentativo. Os dedos colocados nas têmporas apoiavam a cabeça — como se ele estivesse procurando resposta no desenho do tapete persa de Ravelstein, ou decifrando uma mensagem singular sobre a miraculosa prorrogação que recebeu. Eu não punha muita esperança no tapete. Recorri à linguagem da política da cidade grande — um remendo estranho tinha sido feito. E assim a vida — ou seja, aquilo que a pessoa vê incessantemente, as imagens produzidas pela vida — continuava. Isso se relacionava com algo que eu tinha dito a Ravelstein.

Quando ele perguntou qual era minha visão da morte, como eu a imaginava, eu disse que as imagens iriam parar. Evidente que eu via como sendo imagens aquilo a que os americanos se referem como sendo a Experiência. Eu não estava pensando naquele momento nas imagens que acabam de se tornar disponíveis, recém-oferecidas pela tecnologia — o tipo de viagem que hoje é possível fazer pelo sistema digestivo ou pelo coração de alguém. O coração — apenas um grupo de músculos no fim das contas. Mas como eles são obstinados, começando a bater no ventre, e continuando no ritmo por até um século. No caso de Herbst, ele tinha se esgotado aos cinquenta, e o transplante o manteria vivo até os oitenta. Ele ia ao hospital uma vez por ano para fazer exames. Mas em grande medida a vida dele prosseguia do mesmo modo. Ele parecia gentil, tolerante, de mente aberta. O rosto benevolente, parecido com um relógio, com sua borda branca limpa e encaracolada, era calmo e saudável. Ele observava as mulheres com atenção, checava o corpo, os seios, as pernas, o penteado. Ele era um desses

homens que sabem apreciar, que fazem justiça às qualidades das mulheres. As avaliações dele não pareciam deixar ninguém desconfortável. Ele tinha um prazer desinteressado em avaliar mulheres. Mas o jeito dele era tranquilo, ele não fazia as coisas parecerem mais complicadas do que eram, e quase ninguém se incomodava com o interesse dele.

Quando Herbst chegou eu passei a me ausentar mais. Amigos havia quase meio século, Abe e Morris tinham um mundo de coisas para dizer um ao outro. Ravelstein estava chamando de sua cama: “Tragam ele aqui”. Os lençóis Pratesi tinham sido tirados das pontas da cama e a colcha de mink, bem curada e macia, tinha caído no chão. Nas paredes, os quadros de algum modo nunca estavam pendurados reto. Todas as boas peças de antiguidade no quarto estavam empilhadas com roupas e manuscritos e cartas. As cartas sempre me faziam pensar nas controvérsias em que ele estava envolvido — os poderosos inimigos que tinha feito no mundo acadêmico e que não o perdoavam. Ele não dava a mínima para eles.

Herbst se abaixou ao lado da cama e abraçou Ravelstein.

“Chick, puxe uma cadeira para o Morris, por favor.”

Eu trouxe a cadeira italiana de couro com encosto. Você tendia a esquecer que Herbst continuava vivo graças ao transplante. Ele parecia bem o suficiente para satisfazer as necessidades normais. Eu meio que suspeitei por um momento de que Ravelstein preferia que ele, seu amigo mais antigo, fosse o inválido. Mas esse pensamento foi muito breve. Não era muito o jeito de Ravelstein ficar brincando com isso. Ele estava morrendo, claro, mas aquilo não ia ser um típico quarto de doente. Ele precisava — queria — falar.

Eu saí, deixando os amigos juntos naquele que Ravelstein tinha mobiliado como uma espécie de quarto apropriado para um homem da estatura dele. Quase imediatamente ouvi os dois rindo alto — eles estavam contando as melhores (as mais pesadas, mais baixas) piadas que tinham ouvido nos últimos tempos. A atmosfera solene dos “últimos dias de Sócrates” não era o estilo de Ravelstein. Não era hora de ser outra pessoa

— nem mesmo Sócrates. Você queria mais do que nunca ser o que sempre tinha sido. Ele não ia desperdiçar as últimas horas sendo outra pessoa.

Quando eles se acomodaram para a conversa particular deles, fui para casa e contei os eventos do dia para Rosamund. Ela tinha estado ao telefone com a mulher que estava digitando a dissertação dela. Ela ia defender o doutorado em poucas semanas. Ela tinha estudado por cinco anos com Ravelstein, portanto se eu precisasse saber o que Maquiavel devia a Tito Lívio só precisava perguntar a essa esguia e bela jovem com grandes olhos azuis. A essa altura eu pouco me importava com as dívidas de Maquiavel. O que era mais importante e tremendamente reconfortante para mim era que não havia nada que eu dissesse a essa mulher que ela não compreendesse.

“Herbst chegou? Eles devem ter tanta coisa para dizer um para o outro.”

“Não duvido que tenham, mas primeiro eles precisavam contar umas piadas sujas. É uma situação estranha não importa de onde você veja. Lá está Herbst com o coração de outro homem batendo no peito e Ravelstein já disse adeus para ele. De certo modo piadas combinam mais do que uma conversa sobre a alma e a imortalidade. Para descobrir o que acontece depois que você para de respirar só comprando um ingresso.”

“Morrendo?”

“Bem, tem algum outro jeito de conseguir essa informação?”

“Nikki te contou que o dr. Schley vai mandar Ravelstein de volta para o hospital?”

“Estou surpreso”, eu disse. “Ele acaba de aprender a andar de volta. Imaginei que ele teria pelo menos mais um ano.”

“Não é?”, disse Rosamund.

“Claro, mas ele não ia querer ficar só se arrastando. No hospital ele vai ter mais proteção contra amigos e simpatizantes.”

“Ele é bem mais sociável que você, Chick. Ele gosta de companhia.”

Não era só uma questão de companhia. As pessoas iam falar com ele sobre problemas, também, como se em seu leito de morte pudessem esperar

algo que se aproximasse de informação divina.

A porta do quarto de Ravelstein ficava aberta e eu conseguia ver o longo cabelo negro de nosso amigo Battle repousado sobre os ombros montanhosos, e as botas que iam até o tornozelo. Eu não conseguia ver completamente seu rosto mas era evidente que a mulher dele estava chorando. Ela estava inclinada para a frente. Aquilo só podiam ser lágrimas. Eu tinha imenso respeito pela sra. Battle e gostava muito do marido dela.

Os Battle eram fãs de Ravelstein. Eles nunca iam às palestras dele e duvido que lessem os livros que ele escreveu, mas o levavam muito a sério. Quando Battle se aposentou faz alguns anos, ele e a mulher atravessaram a divisa do estado e foram para as florestas de Wisconsin, vivendo de maneira muito simples, à la Thoreau. Quando estavam na cidade Ravelstein gostava de jantar com eles em nosso clube sérvio-francês.

Eu tinha descoberto que, se você olhar as pessoas de um ângulo cômico, elas se tornam mais agradáveis — se você descrevesse alguém como um peixe lúcio humano grotesco que ficava arrotando, você se dava muito melhor com ele, em parte porque você estava consciente de que tinha sido o sádico que havia extirpado os atributos humanos dele. Além disso, tendo praticado um tipo de violência metafórica contra a pessoa, você passava a dever uma consideração especial a ela.

Depois de eles terem saído, Ravelstein me disse (ele estava envolto em uma espécie de diversão interna) que o objetivo da visita deles foi pedir conselhos.

“Sobre o quê?”

“Eles vieram me falar de planos de suicídio. Pediram desculpas por me incomodar. Uma hora dessas...”

“Imagino que sim”, eu disse.

“Não seja duro demais com eles, Chick. É bem comum que pessoas mais velhas tenham fantasias sobre suicídio. Acho que eles estavam falando sério.”

“*Eles* achavam que estavam falando sério.”

“Como estou morrendo, pensei na mesma coisa, naturalmente. Essa é uma péssima hora para as pessoas me trazerem os seus problemas. Elas falaram algo do tipo ‘só suponha que’. Será que eu achava que em abstrato, a essa altura da vida deles, e com tudo o mais, seria razoável que eles...?”

“Um pacto de suicídio?”

“Battle apresentou os argumentos e ela acrescentou alguma coisa e ficou responsável pelo comentário sensato. Eles disseram que eu era a única pessoa em quem confiavam suficientemente e que não ia tirar sarro deles.”

“Então você vai falar com um sujeito que preferia não morrer e apresenta a ele suas razões a favor do suicídio.”

“Battle estava insinuando algo sobre isso faz semanas. Ele é uma pessoa muito inteligente, mas tem caráter demais atrapalhado. O caráter dele faz com que ele se torne inarticulado. Ela é a mais sensata, e veio vestida com um tailleur azul simples com fileiras de botões na frente. Ela é pequenininha. Ou será que é o marido grande demais que a faz parecer minúscula? De qualquer jeito, ela tem um rostinho britânico bonito que fica olhando para cima. Acho que quando uma criança olha para ela deve ver um rosto adorável, simpático...”

“Mas e qual é a queixa deles?”

“A queixa é que eles estão envelhecendo. Todas as pessoas educadas cometem o mesmo erro — elas acham que a natureza e a solidão são boas para elas. Natureza e solidão são veneno”, disse Ravelstein. “O pobre Battle e a mulher estão deprimidos por causa da floresta. Essa é a primeira observação que deve ser feita.”

“O que você disse?”

“Eu disse que eles fizeram a coisa certa de vir falar comigo. Mais pessoas deviam se aconselhar quando pensam em cometer suicídio. Eles se sentem assim porque não têm uma comunidade, ninguém para conversar.”

“Talvez seja a ideia deles de uma homenagem — como se estivessem dizendo que a vida sem o amigo Ravelstein perdesse o valor”, eu disse.

“Bom, eles são pessoas muito queridas”, disse Ravelstein. “Bolaram esse jeito oculto de fazer com que eu soubesse que não precisava ir sozinho.”



“Obviamente eles falam sobre você o tempo todo, e você pode ter se tornado um árbitro ausente para eles.”

“E se eu morresse tanto fazia se eles também morressem”, disse Ravelstein, mas esse era o jeito dele de tentar esclarecer o assunto. Ele adorava fofoca mas era difícil descrever o interesse que tinha pelas pessoas. Ele tinha uma curiosa habilidade intuitiva mas, quando falava sobre personalidades ou arriscava palpites sobre elas, o que você parecia estar ouvindo era mais adivinhação do que análise.

“O que eu disse é que era um erro transformar o suicídio em assunto de discussão ou de debate. Argumentar a favor da vida ou contra ela é coisa de meninos.”

“Você tem grande autoridade sobre os dois Battle, e, se você dissesse não façam isso, eles não fariam.”

“Esse não é meu estilo, Chick, estabelecer normas.”

Isso certamente não era verdade.

“Eles queriam ser levados a sério”, ele disse. “Mas é claro que eles não estavam falando a sério. Eles queriam me entreter com o número deles de duplo suicídio.”

Isso parecia mais provável.

“Eu disse que eles tinham vivido um grande caso de amor. Um clássico.”

“E que eles não deveriam estragar a reputação do amor”, eu disse.

“Algo do gênero”, disse Ravelstein. “Você ouviu a história. Depois de uma dança com Battle, que ela nunca tinha visto antes, ela largou o marido. Caiu nos braços de Battle e foi isso. No mesmo instante, ambos os lados reconheceram que os respectivos casamentos tinham acabado... Ele era bom na quadra de tênis e na pista de dança mas não era um sedutor, e ela não era uma esposa infiel. Ele disse que a estaria esperando no aeroporto...”

“Onde era isso?”

“No Brasil. E eles tiveram uma vida feliz.”

“Agora eu lembro. O avião foi atingido por um relâmpago. Eles tiveram de aterrissar no Uruguai. Tantos anos juntos — quarenta anos sem uma desilusão. Os Battle queriam que eu resumisse as coisas, e eu obedeci e

contei a história deles para eles mesmos. Dentre milhões ou centenas de milhões de pessoas só eles deram sorte. Eles viveram um grande caso de amor e tiveram décadas de felicidade sem fazer esforço. Cada um divertiu o outro com suas excentricidades. Como é que eles poderiam estragar isso com um suicídio...? Deu para ver que a sra. Battle estava ouvindo o que queria ouvir. Ela queria que eu argumentasse em favor da continuidade da vida.”

“Mas Battle não estava totalmente satisfeito — é isso?”

“Isso mesmo, Chick. Ele queria uma discussão sobre suicídio e niilismo. Já pensei muitas vezes que fantasias de suicídio e fantasias de assassinato compensam umas às outras na economia mental das pessoas civilizadas. Battle não é exatamente um professor, mas ele sente uma responsabilidade de se adaptar ao niilismo. Ele não sabe muita coisa sobre o niilismo mas está no ar. Ele disse algo sobre pessoas bem-sucedidas terem tendência ao suicídio — elas enxergam além da ilusão do sucesso e dão um fim nelas mesmas...”

“Se você não gosta da existência então a morte é uma libertação. Você pode chamar de niilismo, se quiser.”

“Sim. Ao estilo americano — sem o abismo”, disse Ravelstein. “Mas os judeus acham que o mundo foi criado para cada um de nós e que quando você destrói uma vida humana você destrói o mundo todo — o mundo conforme ele existia para aquela pessoa.”

De repente Ravelstein estava irritado comigo. Pelo menos ele estava falando com uma ênfase raivosa. Talvez eu ainda estivesse sorrindo dos Battle e pode ter parecido para ele que eu estava me dissociando daquela visão de que você destruía um mundo inteiro ao destruir a si mesmo. Como se eu ameaçasse destruir um mundo — eu que vivia para ver os fenômenos, que acreditava que o coração das coisas transparece na superfície dessas coisas. Eu sempre disse — ao responder à pergunta de Ravelstein “Como você imagina que vai ser a morte?” — “As imagens vão parar”. Significando, novamente, que na superfície das coisas você enxergava o coração das coisas.

Até o fim, Ravelstein atraiu muitos visitantes. Poucos chegavam ao quarto dele — Nikki cuidava disso. Mas entre os que importavam estava Sam Pargiter, cuja presença era estranhamente significativa. Ele era um de meus amigos íntimos. Por meu intermédio ele tinha lido o famoso livro de Abe e foi às aulas públicas dele e também a alguns dos nossos seminários conjuntos. Ele tinha em alta conta as opiniões e as piadas de Ravelstein. Com um imenso cartaz de *Não Fumar* atrás dele, Ravelstein acendia cigarros com sua chama Dunhill enquanto fazia sua palestra, dizendo: “Se você sair porque odeia tabaco mais do que você gosta de ideias, sua ausência não será sentida”. Ele disse isso com uma mordacidade cômica e com um bom humor que Pargiter se apaixonou por ele ali mesmo e pediu que eu o apresentasse a esse homem espirituoso. Eu disse a Ravelstein que meu amigo Sam Pargiter queria conhecê-lo.

“Bem, vamos formar para você uma dupla de amigos totalmente carecas”, disse Ravelstein. Ravelstein não me repreendeu por isso, mas ficou claro pelo modo como falou que, como agora restava muito pouco tempo, eu não devia trazer mais pessoas para conhecê-lo.

“Você disse que ele era padre católico?”

“Ele foi, uma época”, eu disse. “Ele pediu para ser liberado. Ele ainda é católico... Você mesmo tem um amigo jesuíta — Trimble.”

“Trimble e eu dividimos um apartamento em Paris e saíamos juntos com frequência. Mas ele era um aluno de Davarr como eu e nós falávamos a mesma língua.”

“Bom, eu não falei disso com Sam Pargiter mas pode ter certeza de que ele vem aqui porque leu o que você escreveu e pode ter certeza também de que ele jamais tentaria conseguir uma conversão de última hora.”

Olhando em retrospectiva eu descubro que estava curiosamente preocupado com as pessoas que iam visitar Ravelstein nos últimos dias dele e que, ao longo das paredes do quarto, formavam o quase silencioso grupo de testemunhas. Ele já não tinha forças para aceitar ou rejeitar visitantes. De alguns deles eu posso dizer que ele certamente não queria que estivessem lá. Um dos antigos rivais dele, Smith, apareceu com uma nova esposa que

instruía o professor ao lado da cama, “Diz que você ama ele. Vai — diz”. E ele disse todo sem jeito, “Te amo”, quando era perfeitamente visível que ele o desprezava. Eles se desprezavam mutuamente. Ravelstein passou por esse momento impossível com um sorriso amarelo, mas ele já não era capaz de intervir. Era evidente que Smith estava furioso com a sua mais nova esposa. Ninguém tinha autoridade para dar ordem aos Smith para que saíssem do lado da cama. Sendo assim tanto fazia que Pargiter, cuja presença, se eu estivesse morrendo, eu agradeceria, estivesse sentado perto da porta. Pargiter veio consolar ou testemunhar — de um modo muito simples, sentar perto da parede e desempenhar a função, em grande medida tácita, de estar ali.

Aqueles de quem nós genuinamente precisávamos vinham regularmente. Os Flood, por exemplo, marido e mulher, um casal a quem Ravelstein e Nikki eram muito ligados. Flood era membro da administração da universidade — a principal responsabilidade dele eram as relações com a comunidade. Ele representava a universidade na prefeitura e supervisionava o sistema de segurança do campus — a polícia universitária prestava contas a ele. Uma das tarefas dele era lidar com escândalos. Ele era um sujeito complexo, sensível, honesto e de bom coração. Deus sabe quantos assuntos desagradáveis tinha resolvido para a comunidade universitária. Não era preciso pertencer àquela comunidade para que ele cuidasse de você. Havia o proprietário de um restaurante grego cuja filha ele havia salvado ao conseguir uma cirurgia no último e perigoso momento. Na cidade inteira ele tinha uma reputação silenciosa de “alguém que você pode procurar quando estiver num aperto”. Ele tinha feito favores para Ravelstein e para mim. Em casa, as portas dos Flood, como as do próprio Ravelstein, ficavam abertas. As pessoas iam e vinham sem qualquer contestação ou formalidade. Gilda Flood e o marido simplesmente adoravam um ao outro. Mais do que qualquer outro contato humano, essa ligação ingênua (mas indispensável) era apreciada por Ravelstein. Não é preciso explicar isso. Estou simplesmente percebendo a variedade de visitantes que iam ver Ravelstein de modo que, quando ele despertava e olhava ao longo das paredes, se

consolava em ver pessoas com quem estava familiarizado, com quem tinha afinidades — alguns deles como se fossem parentes — o mais perto de uma família que estava disponível.

Perto do fim Ravelstein ficava frequentemente impaciente comigo. Ele tinha aprendido com o professor Davarr que as pessoas modernas — e, em alguns aspectos, eu era uma pessoa moderna — tornavam as coisas fáceis demais para si mesmas. E não havia mal em ser chamado a responder pelos seus atos — em desbastar o crescimento exagerado e persistente da ilusão. E assim ele podia ser direto sem ofender.

É comum que as pessoas se tornem extremamente severas quando estão morrendo. Nós vamos continuar aqui quando elas já tiverem partido e não é fácil para elas nos perdoar. Se eu não merecia uma reguada pela opinião X, era óbvio que merecia uma dupla paulada nas juntas por causa de Y. Quanto mais velho você fica, piores as coisas que você descobre sobre si. Ele usaria melhor os anos que *eu* teria. Reconhecer os fatos como eles são é o mínimo que se pode fazer. Ele achava que eu estava sendo irreverente em relação ao pecado do suicídio quando falei que ele tinha dado uma resposta muito judia aos Battle. Mas depois ele abrandou, dizendo: “De todo modo, você pode me dar o crédito por ter salvado duas vidas”.

---

\* O “casamento de mentes verdadeiras” é o tema do Soneto 116 de Shakespeare, citado logo depois. O poema também trata do “amor que se sustenta até a beira do abismo”. (N. T.)

\*\* Os trechos de *Ulysses* são da tradução de Caetano W. Galindo, Companhia das Letras, 2012. (N. T.)

**D**e todo modo, com a ajuda de Rosamund, eu cumpri a promessa que fiz a Ravelstein. Ele morreu há seis anos, bem quando estava começando o período das festas judaicas. Quando rezei o Kaddish pelos meus pais, também estava pensando nele. E durante o serviço memorial — Yizkor — até comecei a pensar na biografia que tinha prometido escrever e me perguntei como faria aquilo — como lidar com as esquisitices dele, com as excentricidades, as estranhezas, o modo dele de comer, de beber, de se barbear, de se vestir e de confrontar de maneira divertida os alunos. Mas isso não era muito mais do que a história natural dele. Outros o viam como alguém bizarro, perverso — rindo, fumando, dando aulas, subjugando, impaciente, mas para mim ele era brilhante e charmoso. Estava lá para minar as ciências sociais e as outras especializações da universidade. Ele estava fadado a morrer em função de seus modos sexuais irregulares. Sobre isso ele era totalmente franco comigo, com todos os amigos íntimos. Ele era considerado, para usar uma palavra do passado, um invertido. Não um “gay”. Ele desprezava a homossexualidade afetada e desprezava o “orgulho gay”. Tinha horas em que eu simplesmente não sabia o que fazer com as

confidências dele. Mas ele tinha me escolhido para fazer o seu retrato, e, quando falava comigo, falava de maneira íntima mas também de maneira oficial. Perder a cabeça era a coisa a fazer para as pessoas magnânimas. Imagino que mesmo hoje em dia as pessoas entenderão a palavra “magnânimo”, embora ela não seja mais o desafio permanente que costumava ser. Ravelstein em todo caso confiava na minha habilidade de descrevê-lo. “Você faz isso fácil”, ele me dizia. Eu concordava — mais ou menos.

A regra para os mortos é de que eles devem ser esquecidos. Depois do sepultamento há um progresso gradual universal em direção ao oblívio. Mas com Ravelstein isso não funcionava bem assim. Ele exigia e ocupava um espaço maior na vida de Rosamund e na minha. Ela lembrava um texto dos tempos de escola que dizia: “Associe-se às mais nobres pessoas que você encontrar; leia os melhores livros; viva com os poderosos; mas aprenda a ser feliz sozinho”.

Para Ravelstein isso era a típica bobagem motivacional do ensino médio.

Mesmo assim, no seu estilo bronco, Ravelstein foi sem dúvida uma dessas “pessoas mais nobres”. Mas para mim o desafio de retratá-lo (que palavra antiga se tornou “retratar”) aos poucos se tornou um peso. Rosamund, no entanto, acreditava que eu era a pessoa exata para o trabalho. E na verdade eu mesmo passei por um ensaio com a morte. Mas na época estávamos pensando apenas na morte de Ravelstein.

“É só uma questão de começar”, ela disse. “Como ele dizia, é o *premier pas qui coûte*.”

“Sim. Uma espécie de equivalente francês de Ravelstein para ‘dentro das regras’ ou *sur papier timbre*, em perfeitas condições legais, oficializado pelo Estado.”

“Isso mesmo — exatamente o tom engraçado que ele queria que você usasse. Você pode deixar para outras pessoas a tarefa de comentar as ideias dele.”

“Ah, é a minha intenção. Vou deixar os assuntos intelectuais para os experts.”

“Você só precisa ter a atitude certa.”

Mas, à medida que os meses — anos — passavam, eu não conseguia encontrar, por mais que tentasse, esse ponto de partida. “Devia ser fácil. ‘Ou sai fácil, ou não sai’, ou como disse como-é-o-nome-dele, ‘se não é como o canto dos pássaros, não está certo’.”

Rosamund às vezes respondia: “Será que Ravelstein combina com canto de pássaros? De certo modo, não”.

Com conversas como essa, os anos passaram, e ficou visível que eu não conseguia começar, que eu tinha um obstáculo gigante pela frente. Rosamund já não me incentivava nem aconselhava. Era sábio da parte dela me deixar no meu canto.

Nós continuamos, porém, a falar quase diariamente de Ravelstein. Era eu que lembrava as festas de basquete que ele dava à noite, os jantares com alunos em Greektown, as expedições de compra, e os seminários agradáveis e ao mesmo tempo sérios que ele ministrava. Talvez outra mulher me pressionasse de maneira desagradável. “Afinal ele era um amigo querido e você prometeu que ia fazer isso”, ou “Onde ele estiver está decepcionado”. Mas Rosamund entendia bem demais que eu mesmo pensava assim, e muitas vezes de maneira opressiva. Às vezes eu o imaginava na mortalha, deitado ao lado do pai que ele odiava. Ravelstein costumava dizer: “Aquele homem histérico que batia na minha bunda sem roupa e gritava aquelas coisas sem sentido — e depois, não importava o quanto eu tivesse me saído bem, ele me acusava de não ter entrado na Phi Beta Kappa. ‘E daí que você publicou um livro e ele foi bem recebido — mas nada de Phi Beta Kappa?’”

Rosamund só dizia: “Se você escrevesse só essa cena do Phi Beta Kappa, isso já ia deixar Ravelstein feliz na outra vida”.

E minha resposta para isso era: “Ravelstein não acreditava na vida após a morte. E se ele existe em algum lugar, que possível prazer ele poderia ter em se lembrar do pai estúpido ou de qualquer parte do que nós chamamos de nossa vida mortal? Sou eu que imagino encontrar os pais que já morreram lá do outro lado. E irmãos, amigos, primos, tias e tios...”.



Era comum que Rosamund concordasse com a cabeça. Ela admitia ter uma tendência parecida. Às vezes ela acrescentava: “Me pergunto o que eles estão fazendo na próxima vida”.

“Se você conseguisse fazer uma pesquisa de opinião sobre o assunto ia descobrir que a maioria de nós espera ver seus mortos, aqueles que amaram e que continuam amando — as mesmas pessoas que eles, de vez em quando, traíram e às vezes desprezaram ou que odiaram ou para quem mentiram. Não você, Rosamund, você é excepcionalmente honesta. Mas mesmo Ravelstein, um homem que era *rigoroso* demais para ter essas ilusões, disse... Ele se entregou quando me disse que de todas as pessoas próximas dele eu era o que tinha mais chances de logo ir atrás dele — ir atrás dele *aonde*? Será que eu iria alcançá-lo e íamos nos encontrar?”

“Não dá para tirar muita coisa com observações como essa”, disse Rosamund.

“É muito fácil dizer que a origem dessas ilusões é um amor infantil. Esse é meu modo de admitir que meio século depois eu tenho a impressão de que ainda não vi minha mãe pela última vez. Freud teria desprezado isso como algo sentimental e fútil. Mas Freud era um médico, e os médicos do século XIX não davam muita bola para sentimentos. Eles diziam que cerca de sessenta e dois por cento do ser humano é formado por componentes químicos — eles eram uns caras racionalistas e durões.”

“Mas Ravelstein estava longe de ser simplista”, disse Rosamund.

“Claro que estava. Mas vamos dar mais um ou dois passos — vou deixar você acompanhar um pensamento esquisito. Fico imaginando o que pode acontecer. Se eu escrevesse a biografia de Ravelstein não haveria nenhuma barreira entre a morte e mim.”

Rosamund riu muito disso. “Você quer dizer que suas obrigações teriam acabado, que não ia ter mais nenhum motivo para você viver?”

“Não, não. Por sorte ainda tenho você como razão para viver, Rosamund. O que provavelmente estou tentando dizer é que, do ponto de vista de Ravelstein, eu posso não ter mais nada a fazer nesta vida além de celebrá-lo.”

“Esse é um pensamento estranho para qualquer pessoa.”

“Ele achou que estava me dando um grande tema — o tema dos temas. E esse é um pensamento estranho. Mas nunca presumi que eu fosse um sujeito racional, moderno. Uma pessoa racional não ia encontrar seus mortos no crepúsculo — fique esse crepúsculo onde ficar.”

“Tanto faz”, disse Rosamund, “o fato de isso ser tão persistente faz com que seja algo com que vale a pena lidar.”

“E por que eu? Em menos de um minuto posso dizer o nome de cinco pessoas mais qualificadas.”

“Sobre as ideias dele, sim”, disse Rosamund. “Mas eles não iam saber dar cor a isso. Além disso — vocês dois ficaram amigos já mais velhos e, como regra, pessoas mais velhas não criam esse tipo de ligação...”

Talvez ela quisesse dizer, também, que os velhos não se apaixonam. Eles não tinham a inclinação para entrar nesse campo magnético em que não tinham nada que se meter.

“Por um ou dois anos Ravelstein me atazanou porque Vela e eu nos encontrávamos demais com Radu Griescu e a mulher dele”, eu disse a Rosamund.

“Você se divertia com eles?”

“Eles nos levavam a bons restaurantes — os mais caros, de todo modo. Vela adorava a beijação de mão, as reverências, os cuidados com as senhoras, os enfeites de flores para pôr no pulso, e os brindes. Ela tinha um prazer imenso com aquilo. Griescu fazia toda uma encenação. Ravelstein ficava extremamente curioso sobre essas noites. Ele dizia que Radu tinha feito parte da Guarda de Ferro. Eu não dava muita atenção a isso. Eu não entendia, e isso incomodava Ravelstein.”

“Você não achava que ele era nazista?”, Rosamund disse.

“Ravelstein foi mais longe e me disse que cerca de dez anos atrás Griescu tinha sido convidado para fazer uma palestra em Jerusalém mas que o convite foi cancelado. De algum modo nem nisso eu prestei atenção. Eu devia estar ocupado demais para fazer as contas. É verdade que às vezes

eu desligo o radar e decido, de algum modo, não ver aquilo que está lá para ser visto. Ravelstein percebia isso, naturalmente. Eu é que não percebia.

“Ravelstein queria saber qual era exatamente a de Grielescu e eu disse que durante o jantar ele falava sobre história arcaica, enchia o cachimbo e riscava um monte de fósforos. Você segura o cachimbo para evitar que ele trema, e então os dedos com o fósforo tremem duas vezes mais. Ele ficava enchendo o cachimbo com o tabaco que não obedecia. Quando o cachimbo não ficava cheio, ele não tinha força suficiente no polegar para compactar aquilo. Como uma pessoa dessas pode ser politicamente perigosa? Os punhos do paletó dele iam até as juntas dos dedos.”

Rosamund disse: “Meu palpite é que ser visto em público com você era algo valioso para Grielescu. Mas é assim que você faz as coisas, Chick: as observações que você faz não o deixam ver o principal”.

“Era bem isso que Ravelstein me dizia de vez em quando. E como era curioso que eu me deixasse usar desse jeito.”

“Você queria agradar a sua esposa. Queria que ela pensasse bem de você. E Ravelstein provavelmente achava que você estava se deixando enganar. Fazendo o que era mais fácil...”

“Imagino que eu tenha dito para mim mesmo que isso era algum tipo de absurdo franco-balcânico. Por alguma razão eu não conseguia levar a sério os fascistas dos Bálcãs. Quando chegava a conta, Radu pulava da cadeira para pegar. Acabou virando um jogo o fato de eu nunca conseguir pegar o papel. E uma das coisas que me impressionava era o modo como ele pagava com notas limpas, sem vinco, recém-saídas do banco, e ele nunca parecia olhar o valor da conta. Quem cresceu durante a Depressão jamais deixaria de perceber algo assim.

“E você divertia Ravelstein com as suas descrições.”

“Eu tentava. Mas ele não queria saber de cachimbos e de maneirismos. Ele queria que eu enxergasse o óbvio.”

“Bom, você era o biógrafo que ele tinha escolhido. O fato de você demorar para entender não ia deixá-lo feliz.”

“Claro que não. Quando ele me contou que o convite de Radu para ir a Jerusalém tinha sido cancelado, eu nem perguntei sobre os detalhes. Agora vejo que comi bola.”

“Bom, quando ele escolheu você para escrever sobre ele não é que ele pensasse que você não tinha defeitos”, disse Rosamund.

“Sobre o básico nós concordávamos em quase tudo, levando em conta a minha ignorância”, eu disse para ela. “Ele tinha os clássicos como base. Eu certamente não tinha, mas quando eu estava errado, não me concentrava nos meus erros. Eu aprendi já mais velho o quanto era tolo insistir que você tinha razão.”

“Você precisava ter razão e você não tinha como se livrar daquilo e estar certo ao mesmo tempo”, disse Rosamund.

“O plano de Vela era substituir Ravelstein por Griesescu. Em Paris, quando Abe entrou de qualquer jeito no nosso quarto e pegou Vela de combinação, ela correu para o banheiro — ela tinha um jeito esquisito de correr, com uns saltinhos na ponta dos dedos — e trancou a porta. Depois veio o momento em que ela me disse que não podíamos mais ver Ravelstein.”

“Isso foi muito estranho”, disse Rosamund. Quando falava sobre Vela ela era sempre correta e circunspecta. “Foi nessa época que Vela chamou a mãe dela? Ela mandou a mãe ir para Paris?”

“Não, não. A velhinha tinha morrido uns anos antes disso. Mas seu palpite está certo. Ela confiava na mãe para tratar das — como é que eu vou chamar isso — relações humanas. Ela não tinha habilidade para isso. De qualquer jeito, a velha me desprezava. Ter um genro judeu estragou a velhice dela.”

“Agora você tocou na verdadeira ferida”, disse Rosamund. “Você pensou muito sobre todo tipo de problema, menos no mais importante. Você tocou na questão judaica”, ela disse.

“É claro que é em torno disso que esta conversa está circulando — o que significa para os judeus que tantas outras pessoas, milhões de outras pessoas, desejaram que eles estivessem mortos. O resto da humanidade os

expulsou. Hitler disse oficialmente que quando chegasse ao poder ia colocar forcas, filas de forcas, na Marienplatz em Munique e que os judeus, até o último deles, seriam enforcados lá. Os judeus foram o passaporte de Hitler para chegar ao poder. Ele não tinha outro programa, nem precisava ter. Ele se tornou chanceler unindo a Alemanha e grande parte do resto da Europa contra os judeus. De todo modo, no que diz respeito a Grieblescu, não acho que ele fosse alguém maligno que odiasse judeus, mas, quando ele foi chamado a se manifestar, ele se manifestou. Ele tinha direito a um voto e votou. Ravelstein viu isso e eu me recusei a me dar ao trabalho desagradável de pensar direito sobre aquilo.”

“Você não sabia por onde começar?”

“Bom, eu tinha de levar uma vida judia falando o idioma dos americanos, e esse não é um idioma útil quando se trata de pensamentos sombrios.”

“Você alguma vez conversou com Ravelstein sobre esse poder da maldade?”

“Talvez. A personalidade de Abe era bem mais alegre do que a minha — do tipo aberto e ensolarado. Ele era mais parecido com uma pessoa normal. Mas ao mesmo tempo ele não era nada inocente.”

“Eu estudei Tucídides com ele”, disse Rosamund. “E eu lembro o que ele disse sobre a praga em Atenas e sobre os corpos dos pais e irmãos mortos sendo jogados nas piras funerárias de estrangeiros. Mas quanto a ligar isso com as imensidões de mortos no século XX — isso não era algo que ele fizesse em sala de aula. Você se lembra de algo que ele possa ter dito?”

“Como você imagina”, eu perguntei a Rosamund, “que um homem como Ravelstein pode equiparar a própria existência — a consciência diária de que está morrendo — com o fato de que a atenção dele agora é atraída pelos vários milhões que foram destruídos neste século. Não estou pensando aqui em combatentes ou em camponeses, kulaks, burgueses ou membros de partidos ou nas pessoas consideradas aptas a fazer trabalho forçado, para morrer nos gulags ou nos campos de concentração fascistas — pessoas fáceis de arrebanhar e de mandar embora em vagões de gado. Essas pessoas normalmente não teriam atraído a atenção de Ravelstein. Eles eram os

‘perdedores’ de sempre, pessoas com quem os governos não tinham motivos para se preocupar — aquilo que alguém chamou de ‘sociedade da areia movediça’ que tragava as suas vítimas e as afogava ou sufocava. O meio mais simples de se lidar com essas pessoas era se livrar delas, transformá-las em cadáveres. Também havia os judeus que tinham perdido o direito a existir e que ouviam isso de seus algozes — ‘Não tem nenhum motivo para que você não morra’. E assim do gulag na Rússia asiática até a costa atlântica, havia um histórico de destruição de algo como uma anarquia que disseminava a morte. Você precisava pensar nessas centenas de milhares de milhões destruídas por razões ideológicas — isto é, com algum pretexto de racionalidade. Um arrazoado tinha um valor considerável como manifestação da ordem ou de firmeza de propósito. Mas as formas mais loucas de niilismo são as formas militares alemãs mais rigorosas. De acordo com Davarr, que era um excelente analista, o militarismo alemão produziu o niilismo mais extremo e mais horrível. Para a soldadesca isso levou ao tipo mais sangrento e mais maluco de zelo assassino *revanchista*. Porque ficava implícito que, ao cumprir ordens, toda a responsabilidade cabia a quem estava no topo, a fonte de todas as ordens. E assim todos estavam absolvidos. Eles eram loucos de verdade. E esse foi o modo da Wehrmacht de evitar a responsabilidade pelos seus crimes. Imagine que houvesse métodos civis de atenuar condutas culposas, Ravelstein me disse. Acrescentando: ‘Mas aqui estou falando sem saber direito’. Ele tinha pontos de vista firmes sobre todos os assuntos mas perto do fim, quando falava de modo oblíquo sobre a condição dele, o mais comum era que ficasse triste, e não irônico, não é, Rosie?”

“Ele não se deixava afundar por tempo demais na tristeza, também.”

“Bom, mas havia uma disposição geral de conviver com a destruição de milhões. Aceitar isso era meio que o clima do século. Em combate você estava protegido pelas permissões especiais dadas aos soldados. Mas estou pensando nas grandes populações dos gulags e dos campos de trabalho dos alemães. Por que este século — não sei outra forma de dizer isso —

subscrive tanta destruição? Há uma fraqueza que recobre todos nós quando pensamos nesses fatos.”

Essa conversa em específico aconteceu, segundo eu me lembro, uns dois anos depois da morte de Ravelstein. Depois do Guillain-Barré ele tinha se esforçado muito para andar e recuperar o uso das mãos. Ele sabia que precisava se render, seguir em decadência, mas fazia isso de modo seletivo. Não importava o fato de que ele não conseguia operar o moedor de café, mas ele precisava das habilidades das mãos para se barbear, anotar coisas, se vestir, fumar, assinar cheques. A maioria das pessoas reconhece que se você não se dedicar à recuperação você é um caso perdido, você já era. Na manhã do dia em que ele e eu deparamos com os arbustos cheios de papagaios em que os pássaros estavam se alimentando de frutas vermelhas e afastando a neve, a cama do hospital com o triângulo de aço estava sendo desmontada e retirada do quarto de Ravelstein. “Graças sejam dadas a Alguém”, ele tinha dito quando aquilo desapareceu no elevador de carga, “nunca mais quero ver de novo aquele cordame de contramestre.”

Ele estava andando por conta própria — ainda não muito firme, mas uma espécie de Lázaro, se é que alguma vez houve um caso assim. Você acaba de voltar dos mortos e encontra uma tribo inteira de papagaios verdes, animais tropicais sobrevivendo em um inverno do Meio-Oeste. Ravelstein sorriu para mim e disse: “Eles têm até um olhar meio judeu”. Depois, apesar de ele quase não ter interesse por ciências naturais, ele me perguntou de novo como eles tinham se tornado tão numerosos. Subitamente eu tinha me tornado o expert em natureza. Assim descrevi para ele de novo: aquilo eram pequenos ninhos pendurados nas árvores e nas travessas dos postes de energia. Como se fossem meias de náilon superesticadas, aqueles condomínios de ninhos em que os ovos eclodiam, abaixavam até dez metros. “Esses ninhos fazem a gente pensar nos condomínios da zona leste”, eu disse a ele.

“Vamos pedir ao Nikki que nos leve lá para dar uma olhada. Onde é o quartel-general?”

“Jackson Park. Mas tem uma colônia grande numa alameda da rua Cinquenta e Quatro.”

Mas nunca fomos ver os condomínios de papagaios, os canais bamboleantes, em camadas, em que eles faziam seus ninhos. Em vez disso, Ravelstein me disse na outra vez que o encontrei que ele e Nikki iam viajar para Paris.

“Mas para que você quer fazer isso?”

Deu para ver que eu tinha feito uma pergunta estúpida e ofensiva, e que Ravelstein ficou decepcionado comigo. Mas era o jeito dele de dar cobertura aos amigos íntimos. E era natural que ele me desse cobertura. “O pessoal do hospital diz que não tem problema de eu ir.”

“Mesmo?”, eu disse.

O raciocínio dos médicos era transparente. Embora Ravelstein estivesse morrendo, ele ainda tinha condições de viajar de avião. Paris era um dos grandes prazeres dele: ele tinha amigos íntimos lá e todo tipo de assuntos humanos inacabados. Se ele queria tanto ir, por que não deixar? Os médicos chegaram à conclusão de que uma viagem de dez dias não ia fazer muito estrago. De minha parte, vinte e quatro horas de viagem aérea iam ser cansativas demais, mas Ravelstein ia andar de cadeira de rodas nos aeroportos e, ao contrário de mim, viajava de primeira classe. Para ir um pouco mais a fundo, receio que eu tenha de admitir que para mim aquilo não parecia ser uma coisa séria para um moribundo fazer. E ninguém sabia o que queria dizer “ter condições de voar” em um caso como o de Ravelstein. Ele ia viajar em um 727, ou havia poderosas asas escondidas debaixo do casaco dele?

E apesar de eu pensar que Ravelstein estava decepcionado comigo, não acho que ele tenha ficado surpreso. Entre nós era uma premissa que nada devesse ficar oculto e que nada fosse vergonhoso demais para confessar, e não havia nada que eu não pudesse dizer a Ravelstein. Em parte isso significava que dificilmente havia algo que ele não fosse detectar por conta própria. Por isso ele teria entendido que eu não via Paris com bons olhos. Tem um ditado de judeus livre-pensadores sobre Paris — *wie Gott in*



*Frankreich*. Quer dizer que até Deus passava as férias na França. Por quê? Porque os franceses são ateus e entre eles o próprio Deus podia ficar tranquilo, um flâneur, como qualquer turista.

O que eu não entendi até o último minuto era que Ravelstein tinha uma segunda vida, uma vida complementar em Paris. Ele voltou mais alegre dessa breve excursão de despedida, sem falar nada sobre os amigos franceses mas com um ar de ter feito o que precisava fazer.

Me disseram, no entanto, que o dr. Schley agora tinha determinado que Ravelstein voltasse ao hospital para “fazer mais exames”. Nikki confirmou isso mas acrescentou que o quarto que Ravelstein queria só ia estar disponível no início da outra semana. No domingo à tarde ele deu uma festa — pizza e cerveja, estilo piquenique, com copos e pratos de papel. Ele tinha comprado um novo equipamento de vídeo — *dernier cri*, ele dizia (até eu preferia isso a “estado da arte”) — e cantores e instrumentistas eram exibidos em tamanho real e com uma espécie de proximidade gerada por uma luz da floresta tropical. O filme que Ravelstein tinha escolhido era um dos favoritos dele — *A italiana em Argel*, de Rossini. Os painéis em que os músicos e cantores apareciam eram rasos, finos, altos, amplos, insuportavelmente reais — arte rearmada pela tecnologia, como Ravelstein dizia. Os rostos dos cantores pintados como vidro veneziano e as câmeras levando você até os belos olhos escuros e até mesmo aos dentes deles. Ravelstein em seu robe de pele de camelo estava em sua espreguiçadeira admirando e explicando o novo equipamento — e também brincando com a ignorância dos leigos. Mas ele não tinha como fazer aquilo e ficava apertando o botão de mudo para poder ser ouvido. No fim acabou sendo simplesmente demais para ele, e Nikki o ajudou e o levou dali, dizendo: “É empolgação demais. Ele achou que podia pular a sesta só por hoje. Mas não dá”.

O vídeo no mudo e o próprio Ravelstein, em silêncio e talvez revendo os fatos da doença e da morte de um ângulo pouco familiar, se foram com Nikki. Nós o levamos de volta ao quarto com sua cama-trenó e edredons de

seda. Quando ele deitou a cabeça nos travesseiros, eu o cobri com todos os linhos e as sedas.

O apartamento logo ficou vazio. Quando os que tinham se atrasado chegaram, Nikki apertou o botão para manter a porta do elevador aberta e disse: “Abe teria ficado muito feliz de ver vocês mas ele está tomando todo tipo de remédio e não sabe bem o que está acontecendo”.

No dia seguinte, quando Ravelstein tocou no assunto, eu disse: “Nikki teve muito tato. Ele não respondia a nenhuma pergunta. Mas a festa acabou bem rapidinho”.

“Ele nunca responde a perguntas, não é? Tem perguntas silenciosas em todo lugar mas ele as ignora. Tem que ter certa força para fazer isso.”

“Ele desligou o vídeo novo. Acho que eu não saberia fazer isso.”

Nos últimos dias de Ravelstein em casa eu frequentemente fazia companhia para ele durante a manhã. Como eu morava na mesma quadra e não tinha um cronograma regular, aparecia depois do café da manhã. Nikki, que normalmente se deitava às quatro da manhã, dormia profundamente até as dez, enquanto Ravelstein cochilava porque não tinha companhia e ficava deitado com os grandes joelhos esticados. Os médicos o drogavam (tranquilizavam), mas isso não impedia que ele pensasse — ponderando sobre vários problemas em seu aspecto matutino. E mesmo quando ele estava cochilando era possível aprender muita coisa sobre ele olhando o rosto peculiar de judeu. Não dava para imaginar um recipiente mais estranho para o estranho intelecto dele. De algum modo a calvície singular, total, quase geológica, implicava que não havia nada sobre ele que ficasse escondido. Ele dizia — como sempre preferindo falar em francês — que ele tinha tido um *succès fou*, mas agora estava tendo de se confrontar com o cemitério.

Embora eu fosse alguns anos mais velho, ele se via como meu professor. Bom, era isso que ele fazia — ele era um educador. Ele nunca se apresentava como filósofo — professores de filosofia não eram filósofos. Ele tinha tido treinamento filosófico e tinha aprendido como uma vida filosófica devia ser vivida. Era disso que tratava a filosofia, e era por isso

que ele lia Platão. Se tivesse de escolher entre Atenas e Jerusalém, para nós as duas principais fontes de vida superior, ele escolheria Atenas, embora cheio de respeito por Jerusalém. Mas em seus últimos dias era dos judeus que ele queria falar, não dos gregos.

Quando comentei sobre essa mudança ele se irritou comigo. “Por que não falar deles?”, ele disse. “No Sul eles ainda falam sobre a guerra entre os Estados muito mais de um século atrás, mas em nossa própria época milhões foram destruídos, a maior parte deles em nada diferente de você. De nós. Não devemos dar as costas a eles. Moisés se comunicava com Deus, que deu orientações a ele, e a conexão se prolongou por milênios.”

Ravelstein continuou desse modo por um bom tempo. Ele disse que os judeus tinham sido usados para dar a toda a espécie uma medida da maldade humana. “Você diz às pessoas que uma grande nova vai começar se você eliminar a classe dominante ou a burguesia, se racionalizar os meios de produção, se usar a eutanásia nos incuráveis. Para mentes tão preparadas você então propõe que os judeus sejam destruídos. E eles dão um primeiro passo significativo. Matam mais da metade dos judeus europeus — e você e eu, Chick, pertencemos ao que sobrou.” Essas não são palavras literais de Ravelstein. Estou parafraseando. O que ele disse era que nós, como judeus, agora sabíamos o que era possível.

“Não dá para dizer de onde isso vai vir na próxima vez — da França? Não, não, não da França. Eles tiveram sangue em excesso no século XVIII e não se importariam se isso acontecesse, mas não seriam eles a fazer isso. Mas que tal os russos? *Os Protocolos dos Sábios de Sião* foram uma falsificação russa. E não faz muito tempo você estava me contando sobre Kipling.”

“Sim, foi Kipling. Um escritor maravilhoso”, eu disse. “Mas alguém me mostrou uma coletânea das cartas dele, e em uma delas ele estava atacando Einstein furiosamente. Foi no começo do século. Ele dizia que os judeus já tinham distorcido a realidade social em nome de seus propósitos judaicos. Mas não satisfeito com isso, Einstein estava desfigurando a realidade física

com sua teoria da relatividade, e os judeus estavam tentando dar um toque de farsa judaica ao universo físico.”

“Você vai ter que tirar Kipling da sua lista de favoritos, então”, disse Ravelstein.

“Não, a gente não tem como bancar fazer um Index Judaico. Para começar nunca íamos conseguir impô-lo, nem para os leitores judeus. Quem ia querer que você deixasse Céline de lado? A propósito, eu te emprestei a minha cópia do panfleto dele ‘*Les Beaux Draps*’...”

“Você tem um fraco pelos niilistas”, eu disse.

“Imagino que seja porque eles não dizem um monte de mentiras bem-intencionadas. Eu gosto do tipo que aceita o niilismo como condição e vive sob essa condição. São os niilistas intelectuais que eu não suporto. Prefiro o tipo que vive com seus próprios males, francamente. Os niilistas naturais.”

“Céline recomendou que os judeus fossem exterminados como bactérias. Era o médico que havia nele, imagino. Nos romances a influência da arte é uma limitação para ele, mas na propaganda ele é um perfeito assassino.”

Nesse ponto a conversa acabou temporariamente, porque mais uma vez a silenciosa ambulância parou na porta de Ravelstein e os atendentes, familiarizados com o local, tocaram a campainha do elevador de carga. Ravelstein tinha ido e voltado do hospital tantas vezes que havia dado um jeito de nem perceber isso.

O dr. Schley nunca tinha conversado comigo sobre a doença de Ravelstein. Ele era um desses médicos supersérios — pequeno, rijo, aquilino, eficiente. O cabelo que tinha sobrado ele penteava eriçado para trás, ao estilo moicano. Ele não devia explicações médicas para mim. Eu não era parente de sangue de Ravelstein. Mas a essa altura Schley tinha visto que Ravelstein e eu éramos muito íntimos e começou a me fazer sinais silenciosos — aquilo que uma senhora parisiense que conheci décadas atrás no auditório de música ABC me ensinou a chamar de *chanson à la carpe*. Nenhuma outra pessoa parecia jamais ter ouvido essa expressão mas eu achava ótima — dois grandes peixes no meio de bolhas transparentes silenciosamente se comunicando por meio de abertura das mandíbulas. Foi

assim que o dr. Schley me avisou que os dias de Ravelstein estavam contados. E Rosamund, também, havia dito: “Esta pode ser a última ida de Ravelstein para o hospital”. Eu concordei. E Nikki, naturalmente, tinha chegado à mesma conclusão. Ele não parava quieto, ia atrás de coisas, falava ao telefone. Era Nikki, não as enfermeiras, que barbeava Ravelstein com o barbeador elétrico enquanto Ravelstein, com os olhos fechados, inclinava a cabeça para trás para erguer o queixo. Um pequeno copo de plástico debaixo do nariz fornecia oxigênio para ele.

“Não parece nada bom, não é?”, Nikki me disse no corredor.

“Verdade.”

“Ele tem um recado para o advogado. E me pediu para chamar Morris Herbst.”

Bem, não havia como se recuperar dessa doença, como todos sabíamos. Quando Ravelstein foi hospitalizado pela última vez, ele tinha dado aulas improvisadas da cama do hospital, com atuação brilhante. O número de vaudeville de ensino ainda estava de pé. Mesmo agora os alunos ficavam sentados no saguão de visitantes debaixo da imensa claraboia — esperando ser chamados — mas, embora ele perguntasse, pelo nome, sobre um ou outro deles, ele não estava mais lecionando, nem fazendo sala. O fato era que eu já podia ver os primeiros sinais da morte se aproximando nos movimentos dele — a cabeça começando a pesar no pescoço e nos ombros, uma mudança de cor, especialmente debaixo dos olhos. As opiniões dele ficaram mais curtas, e ele se preocupava menos com os sentimentos dos outros, de modo que o conselho era falar sobre assuntos neutros. Ele falou sobre Vela: “Você desistiu — você tentou me vender uma versão colorida da mulher como se fosse um daqueles displays de papelão de celebridades que costumavam pendurar nos saguões dos cinemas antigamente. Sabe, Chick, você às vezes diz que não tem nada que você não possa me contar. Mas você fraudou a imagem da sua ex-mulher. Você vai dizer que fez isso em nome do seu casamento, mas que tipo de moralidade é *essa*?”

“Isso é perfeitamente verdadeiro”, eu disse. Ele tinha razão, me pegou no pulo. Ele podia ter acrescentado quando o acusei de preferir os niilistas aos

acadêmicos contemporâneos “com mais princípios” que pelo menos os nihilistas não estavam propondo nenhuma deformidade ou falsidade pequeno-burguesa como exemplo de altos princípios ou mesmo de beleza.

Nikki, o filho chinês de Ravelstein que não tinha nada a ver com essas conversas, estava ali para limpar o rosto dele. Nikki só saía dali para os técnicos que faziam raios X de Ravelstein ou coletavam amostras de sangue. De vez em quando eu punha a mão na cabeça calva de meu amigo. Eu podia perceber que ele queria ser tocado. Fiquei surpreso ao descobrir que tinha um pouco de pelos no topo da cabeça. Ele parecia ter decidido que a calvície total ficava melhor nele do que uns poucos cabelos, e raspava a cabeça do mesmo modo como fazia com as bochechas. De qualquer jeito, essa cabeça estava indo em direção ao túmulo.

“O dia está escuro lá fora”, Ravelstein me perguntou, “ou eu é que estou em um humor sombrio?”

“Não é o seu humor. Tem uma cobertura grossa de nuvens.”

Nem era típico de Ravelstein se preocupar com o clima; o clima se adaptaria a qualquer coisa que as pessoas que importavam estivessem pensando, e ele às vezes me criticava por “chegar o mundo externo” — ficar de olho nas nuvens. “Você pode confiar que a natureza vai continuar fazendo o que sempre fez. Você acha que vai correr em direção à natureza e ter um insight?”, ele dizia. Mas esses momentos brilhantes raramente ocorriam agora. Era mais comum que ele parecesse comatoso — e Rosamund sussurrava ansiosamente: “Ele ainda está aqui?”.

Houve vezes em que eu não conseguia responder com confiança. Já tinha sido deixado claro várias vezes que ele não teria como sobreviver, e ele ficava deitado, respirando irregularmente com uma prateleira cheia de frascos de remédios perto da cabeça, enfileirados atrás das vistosas orelhas dele. Às vezes você imaginava que ele preferia entrar cochilando na morte. Talvez ele estivesse seguindo uma linha de raciocínio que não quisesse discutir. Ele tinha se dedicado principalmente a dois polos da vida humana — religião e governo, que era o modo como Voltaire se referiu a isso. Ravelstein não acreditava que Voltaire fosse sério intelectualmente, mas de

vez em quando ele resumia as coisas de maneira conveniente. E Ravelstein, hoje em dia, teria acrescentado que Voltaire, famoso pelas campanhas em que militou — “*Ecrasez l’infame!*” —, odiava os judeus de maneira violenta. E havia ainda outra diferença física a ser percebida. O corpo estendido de Ravelstein era muito grande, ele tinha quase dois metros de altura e o avental dele, que nos pacientes comuns ia até os tornozelos, ficava acima dos joelhos. O grosso lábio inferior tinha uma curvatura afetuosa, mas o grande nariz era severo. Ele estava respirando pela boca. A pele tinha a textura de farinha cozida.

Eu podia ver que ele estava seguindo um rastro de ideias judias ou de essências judias. Era incomum por essa época que ele, em alguma conversa, mencionasse Platão ou Tucídides. Ele agora citava as Escrituras o tempo todo. Falava de religião e do difícil projeto de ser um homem no sentido mais pleno, de se tornar homem e nada mais que homem. Às vezes ele era coerente. Na maior parte do tempo eu ficava perdido.

Quando falei disso para Morris Herbst ele disse: “Bom, é claro que ele vai continuar falando dessas coisas enquanto estiver respirando — e para ele isso é prioridade máxima, porque isso está ligado ao grande mal”. Entendi bem o que ele estava dizendo. A guerra deixou claro que quase todo mundo concordava que os judeus não tinham direito de viver.

Isso fica impregnado até nos ossos da pessoa.

Outras pessoas podiam escolher entre algumas opções — a atenção delas é solicitada por esta ou aquela questão, e estando cercadas de questões as escolhas que elas fazem dependem de suas inclinações. Nunca se ouviu falar nem nunca se percebeu um volume como esse de ódio e de negação do direito à vida, e o desejo que desejava a morte deles era confirmado e justificado por um grande acordo coletivo de que o mundo melhoraria com o desaparecimento e a extinção dessas pessoas. Rismus, que era a palavra do professor Davarr para maldade, ódio, determinação de se livrar dessa população incômoda em fornalhas ou em covas coletivas. Não precisávamos ir mais longe. Mas a conclusão a que chegavam pessoas como Herbst e Ravelstein era de que uma pessoa não tinha como se livrar

de suas origens, é impossível deixar de ser um judeu. Os judeus, acreditavam Ravelstein e Herbst, seguindo a linha de pensamento estabelecida pelo professor deles, Davarr, eram historicamente testemunhas da ausência de redenção.

Por isso, enquanto estava morrendo, pensando nessas questões, Ravelstein formulava aquilo que diria mas não tinha condições de transmitir as suas conclusões. E uma dessas conclusões era que um judeu devia se interessar profundamente pela história dos judeus — pelos seus princípios de justiça, por exemplo. Mas nem todo problema pode ser resolvido. E o que Ravelstein *podia* ter feito?

Mas de todo modo ele não estaria aqui para fazer isso. Nesse caso qual era a sugestão mais importante que ele poderia fazer aos amigos? Ele começou a falar sobre a chegada dos feriados judaicos e me instruiu a levar Rosamund à sinagoga. Herbst estava certo de que Ravelstein estava indicando o melhor caminho para os judeus, que não tinham nada mais valioso do que seu legado religioso.

Herbst e Ravelstein tinham sido próximos quando eram estudantes quarenta anos atrás, e ter Herbst como orientador não era o pior que poderia me ocorrer. Mas, se eu começasse a fazer perguntas, me envolveria em autoexplicação e eu não tinha estômago para isso. Ravelstein estava morrendo — ele ficava deitado totalmente coberto, com os olhos fechados. Ele estava dormindo ou pensando naquilo que precisava pensar naqueles últimos dias. Minha intuição era que ele estava tentando fazer tudo que podia nesses momentos finais — fazer, digo, pelas pessoas que estavam sob seus cuidados, os seus pupilos. Mas eu era velho demais para ser pupilo, e Ravelstein não acreditava na educação de adultos. Era tarde demais para me platonizar. E o que as pessoas chamavam de cultura não era nada mais do que uma palavra bonita para sua ignorância. Ravelstein às vezes dizia que eu era sonâmbulo por escolha, mas isso não significava que era impossível me ensinar, só significava que eu é que tinha de decidir quando estava pronto para fazer as coisas.



Você pode me falar de algo de grande importância, e eu entenderia bem, mas não aceitaria aquilo. Não era simples teimosia.

Existem poucas pessoas com quem você pode discutir essas coisas. Uma pena. Como somos frequentemente chamados a fazer julgamentos, naturalmente nós os endurecemos por uso constante ou por abuso. É claro que então você não vê nada de original, nada de novo; no fim, você não fica mais sensibilizado por nenhum rosto, por nenhuma pessoa. E era aqui que Ravelstein entrava. Ele virava novamente o seu rosto em direção ao original. Ele forçava você a reabrir o que você havia fechado.

Um dia eu cheguei a ditar algumas anotações sobre isso e minha então secretária fez um comentário incomum. Ela disse: “Acho que entendo o que você está dizendo”. Cada vez mais fui me convencendo de que isso era verdade.

Nikki, herdeiro de Ravelstein e quem mais sofreu com o luto — havia muitos rivais —, ocupou o apartamento dele, logo na esquina. Havia um espaço coberto de grama entre o prédio dele e o nosso onde crianças pequenas davam cambalhota e aprendiam a jogar bola. Da janela do meu quarto eu olhava para aquele que tinha sido o apartamento de Ravelstein. Você via as luzes. Não havia mais festas. Pior ainda, como Rosamund dizia com razão: “A vizinhança inteira se tornou um cemitério. A comunidade dos seus mortos. Você não consegue nem dar uma volta sem apontar para as portas e janelas de velhos amigos e conhecidos. Não conseguimos dar uma volta na quadra sem você se lembrar dos velhos camaradas e das namoradas. Ravelstein era um amigo querido — um em um milhão. Mas ele diria que você está levando nas costas uma carga excessiva de depressão”.

Ela achava que nós devíamos nos mudar. Nós tínhamos a casa em New Hampshire e um convite de três anos de uma universidade de Boston para ministrar (tão bem quanto eu podia fazer isso, sozinho) as aulas que Ravelstein e eu havíamos dado juntos. Tinham oferecido boas acomodações

para Rosamund e para mim na região de Back Bay. Ela cuidaria da mudança, eu não precisava me preocupar com isso. Como o apartamento de Back Bay estava totalmente mobiliado, podíamos sublocar nosso apartamento do Meio-Oeste. Teríamos como voltar se não gostássemos do leste. E não precisávamos ficar olhando apavorados por cima dos gramados na direção das janelas de Ravelstein.

“E como um presente especial...” Rosamund segurava os lustrosos panfletos de turismo — praias ensolaradas, colinas com bosques, palmeiras, pescadores nativos. O que ela estava propondo era um feriado caribenho. Descarregaríamos nossas coisas em Boston e esvaziaríamos as caixas de papelão com nossas coisas. Depois voaríamos para Saint Martin via San Juan. Lá boiaríamos à toa, sonharíamos no mar aquecido, recarregando as baterias vitais.

“De onde você conseguiu toda essa glamorosa propaganda de viagens, Rosamund? Saint Martin, é? Não é para lá que os Durkin vão?”

“Tanto faz. Eles são bons amigos. Conseguem perceber exatamente aquilo de que você precisa.”

“As Índias Ocidentais vão tirar todas essas camadas de estresse, e subitamente vou estar recuperado, e bem e forte o suficiente para escrever a biografia de Ravelstein.”

“Não estou sugerindo uma viagem de trabalho”, disse Rosamund. “Imagino que você já tenha ido ao Caribe.”

“Sim.”

“E você não gosta?”

“É uma imensa favela tropical... Mas vou principalmente a Porto Rico. Grandes lugares para fazer apostas, uma imensa lagoa fedida, escura e cheia de lama — multidões infelizes de nativos à procura de bem-estar. E daí os europeus chegando em voos fretados. E o que eles levam para casa é o sentimento de que os americanos estragaram tudo e que Castro merece o apoio de escandinavos e holandeses independentes e inteligentes.”

Mas no fim Rosamund fez as coisas do jeito dela. Eu descobri, no entanto, logo no início do nosso casamento, que, fazendo as coisas do jeito dela, ela punha meus interesses na frente dos dela. Os Durkin recomendaram um pequeno apartamento na praia. A bagagem foi examinada — todos aqueles farrapos de verão, os papéis, roupas de banho, protetor solar, sandálias, repelentes de insetos. San Juan parecia mais glamorosa, pelo menos na orla. Nós tínhamos tempo para gastar entre os voos e o gastamos no bar do grande hotel. Lá sentamos ao lado de um americano que bebia muito e que nos disse que a mulher dele tinha sido derrubada por uma doença não identificada. Esse sujeito disse que tinha viajado entre Dallas, onde era dono de uma empresa, e o grande hospital de porte industrial de San Juan onde ela estava sendo tratada. Por algumas semanas ela ficou sem conseguir falar, talvez sem ouvir — quem podia saber? Ela ficou inconsciente. Não abria os olhos, talvez não conseguisse. “Ela não responde. Eu me sinto um tolo, falando com ela.”

Quando nosso ônibus ficou pronto, nós o deixamos no bar. Ele se parecia muito com uma ribanceira de arenito com um trecho de grama desbotada pendurado. Rosamund não suportava a ideia de abandoná-lo, triste daquele jeito — ela é assim. Mas ele não respondeu quando nos despedimos.

Cerca de meia hora depois, ao pousar em Saint Martin, passamos pelo hangar de imigração, um imenso barracão de metal verde corrugado — tudo nos trópicos me dava a impressão de ter um caráter provisório. Diante de um funcionário debaixo de luzes crepitantes formamos uma fila para pagar uma taxa e conseguir que carimbassem nossos passaportes. Depois entramos no táxi e fomos levados para o lado francês da ilha. Nossa anfitriã foi lacônica porque tínhamos feito com que ela ficasse acordada até tarde. Pouco depois de deitarmos um sujeito furioso chegou, chutou e socou a porta dela, gritando que ia matá-la. Eu disse: “Se a corrente na porta não aguentar, isso pode acabar em assassinato”. Mas os policiais chegaram em um carro com giroflex no teto e o levaram dali.

“O que você acha?”, perguntou Rosamund.

Eu me lembro de ter dito que isso podia ser normal naquele clima. Bonito mas instável.

Eu me recusei a ser cativado pelo lugar. Talvez fosse a velhice. Eu costumava ser um viajante alegre mas agora eu farejo o lençol quando deito. Aqui senti cheiro de sabão em pó nos lençóis e nas fronhas, e a fossa séptica embaixo do banheiro.

Mas acordamos em uma manhã tropical com lagartos e galos. No oceano, bem à nossa frente, os barcos rebocavam botes. Aviões na base aérea decolavam e pousavam. Mas a praia era bonita, firme, ampla, com árvores à margem e arbustos com flores, e havia multidões de mariposas amarelas viajando. No lado da casa que era voltado para o interior da ilha havia uma árvore vistosa, cheia de limões. Atrás havia uma colina íngreme.

Para nosso café da manhã andamos até o fim da rua principal. Falava-se uma espécie de francês nos bistrôs e nas padarias. Sentamos no terraço para admirar a vista. O que havia para ver ali? Ou para fazer? Para começar íamos comprar o essencial do dia a dia. Depois iríamos nadar. Raramente se viam ondas na baía. Você podia flutuar de barriga para cima a qualquer hora, ou deitar para se secar na areia. Além disso, você podia caminhar pela praia e inspecionar as mulheres de topless — tomando sol ou exibindo os seios. Sendo naturais, suponho. Mas os olhos dessas mulheres informavam que, se você falasse com elas, elas não iriam responder.

Quando voltamos, os lugares que serviam almoço estavam abrindo. Costelinhas, frango e lagosta eram oferecidos em cerca de vinte grelhas amontoadas umas perto das outras, com chamas jorrando para cima, mais chamas do que seriam necessárias para cozinhar algo de maneira sensata. Cada lugar tinha seu próprio angariador de clientes, sorridente, gritando, rindo e segurando lagostas vivas, balançando-as pelas antenas ou pela cauda. Se alguma parte da criatura se desprendia e caía no chão, isso era parte da diversão.

“Vamos fugir disso”, disse Rosamund. Ela reclamava da fumaça das churrasqueiras. Fazia os olhos dela arderem. Mas o que ela não conseguia tolerar era a tortura das lagostas. Em New Hampshire quando ela via

salamandras na estrada, ela as pegava e carregava até um lugar seguro. Eu dizia: “Elas podem não querer estar no lugar em que você colocou”. Era errado da minha parte brincar com ela por causa dos impulsos humanos que ela tinha. Compaixão é um problema pouco confortável para todos os envolvidos. O que sente compaixão deixa para os que são menos afetados pelo sentimento dizerem: “É a lei da vida. Precisamos comer. E os próprios crustáceos não são canibais?”. Mas tudo isso é uma fuga. Você salpica essa “interpretação” com livros de ciência da época da escola. Essas lagostas com couraça regeneram as garras que perdem? Parece que é para isso que temos aulas de ciências, para ter um meio de encobrir nossa crueldade. Ou para torná-la mais refinada, pelo menos. Polônio está em um jantar, não onde ele come mas é comido por vermes — o pagamento por uma vida inteira de jantares.

Você não pode usar a fita métrica humana para medir qualquer coisa. Antes que você possa rechaçar tudo isso os teus mortos subitamente terão te cercado. O que Ravelstein teria dito sobre isso? Teria dito: “Escrúpulos de meninas”. O que talvez quisesse dizer: “Ela é um ser humano compassivo e precisa resolver as coisas por conta própria. Todo adulto precisa pensar nisso. Quanto às salamandras vermelhas, talvez pudessem ser usadas em um molho de espaguete...”.

Em Saint Martin estávamos na extremidade mais baixa — mais a leste — da baía, em uma casa de dois andares. Abaixo uma família de turistas do norte da França dominava o jardim. Eles estavam *en famille* e nós não tínhamos qualquer necessidade especial de um jardim. Era a praia que nos interessava, logo além do muro baixo. Estávamos a cerca de dez metros do início das águas. Um barco com fundo de vidro levava turistas numa escala regular de horários ao recife de corais ali ao norte.

Eu era grato pela baía. Ela nos dava um abrigo. Eu gosto que haja limites. Gosto que as fronteiras estejam desenhadas à minha volta. Eu não estava aqui para lutar contra o mar mas para nadar e flutuar tranquilamente. Para abrir minha mente para Ravelstein. Frequentemente Rosamund me rebocava ou me levava para a água até a altura dos ombros. Punha os braços

por baixo de mim e andava para lá e para cá. Ela não era uma mulher forte — não precisava ser. Na água do mar parece mais fácil de flutuar, você não precisa fazer esforço para ficar à tona, como num lago ou numa piscina. Rosamund tinha uma compleição esbelta, não esquelética, não abrupta. Ela usa o cabelo castanho até a altura dos ombros. É como um patrimônio infinito. Os longos olhos dela são azuis, não castanhos como os cabelos escuros fariam você esperar. A música que ela cantava enquanto navegava meu corpo pela água era do *Salomão* de Haendel. Tínhamos ouvido aquilo em Budapeste uns meses antes. “Viva eternamente”, ela cantava. “Feliz-feliz Salomão.” Esse refrão cantado unicamente pela voz dela tinha por baixo de si a sussurrante água do mar. Deitado nos braços dela eu via as mariposas, de um pálido amarelo em lentos grupos rodopiantes de centenas. Devia ser época de acasalamento para elas. E acima da rua principal havia uma nuvem de fumaça de churrasco, e os angariadores de clientes, filhos de Belial, rindo cegados pelo sol estariam balançando lagostas vivas pela antena para fazer tentação para os turistas.

Eu achava que nunca ia me deixar levar por esse paraíso tropical. Em vez disso, enquanto Rosamund com sua adorável voz cantava “Viva-para-sempre”, eu pensava em Ravelstein em seu túmulo, todos aqueles dons, seu caráter infinitamente divertido, e o intelecto dele totalmente imóveis. Não suponho que quando ele me instruiu a escrever um relato sobre a vida dele esperasse que eu me acomodasse com o que era característico — característico em mim, é o que eu quero dizer, naturalmente.

Rosamund e eu agora tínhamos trocado de lugar, e eu a levava pela água, a areia sob os pés rugosa, assim como era ondulada a superfície do mar, e dentro da boca o palato também tem sua rugosidade. “Vamos parar no Le Forgeron no caminho para casa e reservar uma mesa para hoje à noite? Dá uns cinco minutos da praia.”

Roxie Durkin tinha nos dado um bilhete para entregar a M. Bédier, que era o responsável pelo lugar. Rosamund já tinha feito reserva para o jantar. Quando o assunto eram restaurantes você podia confiar nos Durkin. Eles tinham convivido bastante com Ravelstein nos últimos anos de vida dele.

Tínhamos jantado muitas vezes juntos em Greektown ou no clube de Kurbanski.

Os Durkin tinham sido muito gentis. Só pediram um favor em troca. Durkin, que era advogado, tinha trazido uns volumes grossos para Saint Martin e tinha se esquecido de copiar várias passagens relacionadas ao caso que logo estaria defendendo no tribunal. Ele pediu, como um favor especial, que nós procurássemos essas passagens e enviássemos por e-mail. Rosamund tinha me lembrado várias vezes desses volumes encadernados. A dona da casa fez um empregado levá-los até nosso pequeno apartamento.

Naquela noite andamos até o Le Forgeron ao longo da praia refrescante. Rosamund carregava sapatos e sandálias em uma redinha. Nós os colocamos antes de entrar no portão pelo lado do oceano. Havia água correndo pelo jardim de maneira agradável — videiras e arbustos, flores. Mme. Bédier, trabalhando na cozinha, não percebeu que estávamos lá. M. Bédier olhou sem verdadeiro interesse o agradável bilhete escrito por Roxie. Ele era um sujeito grande, calvo, de complexão robusta, organizado fisicamente com um tipo de violência. A mensagem dele, se você pudesse colocá-la em palavras, era: “Estou preparado para fazer qualquer coisa que um cliente [*un client*] possa querer, mas estou sob tremenda pressão e posso estourar a qualquer momento”. Ele era o único garçom e o lugar estava ficando cheio. Não tinha mais ninguém para ajudar. A mulher dele era quem cozinhava tudo. Mas os turistas, você era levado a compreender, não estavam no mesmo nível social deles.

Eu estava ciente da influência de Ravelstein quando pensei nas coisas desse modo. Posso muito bem admitir que ele frequentemente aparecia nos eventos do dia a dia. Isso se devia à força da personalidade dele. E também ao fato de a vida dele ser mais estruturada internamente do que a minha, e de eu ter me tornado dependente do poder dele de ordenar a experiência — também pode ser que ele quisesse persistir. E da parte dele, ele também precisava de mim. Além disso, muitas pessoas querem se livrar dos mortos. Eu, pelo contrário, tenho um modo de me manter agarrado a eles. Meu palpite persistente — já deve estar claro a essa altura — é de que eles não

se foram para sempre. O próprio Ravelstein teria desprezado essas noções como infantis. Bom, talvez sejam. Mas não estou defendendo uma tese, estou simplesmente relatando. Sei que se perde em respeitabilidade mental quando se admitem essas fantasias. Mesmo eu, veja, me rendo às opiniões aceitas. Mas pode haver explicações simples para a persistência de Ravelstein na minha vida cotidiana. Quando ele morreu comecei a ver que tinha o hábito de lhe contar o que havia acontecido desde nosso último encontro.

No entanto, ele tinha maneiras estranhas de aparecer, e não pretendo fingir que ele não vinha de uma maneira oblíqua de onde quer que continuasse a existir. Isso não deve se transformar em uma discussão sobre vida após a morte. Não quero debater. É só que não posso esconder informações simplesmente porque elas não são intelectualmente respeitáveis.

Mas — o que M. Bédier do Forgeron recomendava esta noite? Pasgo, servido frio com maionese. Rosamund pediu algum outro peixe. Nenhum dos pratos estava bem preparado. O pasgo à temperatura ambiente estava pegajoso. A maionese parecia óleo de zinco.

“Como está?”, Rosamund perguntou.

“Malpassado.”

Depois de provar, ela concordou que não estava bem cozido. Estava cru no centro.

“Fale para o *patron*. Você pode falar em francês com ele.”

“O inglês dele é melhor. As pessoas não gostam de ficar presas em conversas tolas. Por que ele devia conversar comigo em francês? Vai achar que eu preciso de um curso na Berlitz.”

Não consegui comer o peixe até o fim. O jantar não acabava nunca.

Rosamund disse: “É uma noite ruim — eles não podem servir comida tão ruim em um lugar bonito como este”.

Você não podia servir jantares indigestos ao lado dessa água quente, tropical, com uma lua para compor o ambiente. Um restaurante a dez



minutos a pé do seu apartamento teria sido um sonho de noiva — nada de fazer compras, descascar, servir, lavar, ou ter de tirar o lixo.

Perto da meia-noite havia uma calma no tráfego aéreo. Eu tinha aprendido rápido quantos aviões particulares pousavam no aeroporto local — um fato revelador da riqueza e das capacidades de pilotagem de uma considerável população de esportistas americanos, mexicanos, venezuelanos, hondurenhos, e até italianos e franceses — pessoas que desejavam que a realidade delas seguisse seus pensamentos. Pensava-se em um lugar e numa questão de horas era possível estar lá. No século XVI, as viagens pelos mares espanhóis às vezes duravam meses. Hoje você pode jogar golfe na Venezuela e jantar na mesma noite no Yucatã. De volta a Pasadena de manhã, a tempo de assistir ao Orange Bowl.

Quando você começa a pensar sobre essas pessoas que são ricas o suficiente para voar por aí e fazer os próprios itinerários e calcular quantos quilômetros dá para fazer com aquela gasolina — logo você reconhece que o cansaço que você sente pelas horas de voo é *seu* cansaço.

O fato é que Bédier do Forgeron me contaminou.

Quando reclamei de cansaço e de falta de energia, Rosamund me disse que era o acúmulo de cansaço agravado pela preocupação e pela tristeza. Ela, também, ainda estava triste pelo pobre Ravelstein, destruído pelos próprios hábitos sexuais imprudentes. Rosamund não era de desprezar as queixas dos outros — dava toda a atenção sem ficar irritada. Ela disse que era comum que as férias começassem com essa sensação de peso e com sentimentos difíceis. Ela fazia carinho no meu rosto de maneira afetuosa e dizia que eu precisava aproveitar para dormir.

Foi o que fiz mas não me senti melhor. A toxina que havia no peixe era resistente ao calor, eu ficaria sabendo depois, e, mesmo que o peixe ficasse cozinhando ou assando por mais tempo, isso não a neutralizaria. Como me explicaram mais tarde em Boston, a ciguatoxina era excretada rapidamente pelo corpo mas não antes de causar danos radicais ao sistema nervoso.

Muito parecido com a síndrome de Guillain-Barré de Ravelstein. Entre os primeiros sintomas está uma súbita repulsa pela comida. Eu não gostava nem de olhar. Vim a detestar todo cheiro de comida. No jantar eu só conseguia comer sucrilhos com um pouco de leite. Eu continuava dizendo a Rosamund que estava tudo bem. Eu estava perdendo o que tinha de excesso de peso. Como todo mundo nos Estados Unidos, eu disse, eu comia demais.

A família francesa do apartamento abaixo do nosso veio de Ruão para ficar tranquila e ficar sem fazer nada, afrouxar os botões nos trópicos. Eles nadavam no mar tranquilo; o mesmo fazíamos Rosamund e eu. Nos secávamos na praia, conversando agradavelmente. Mas os cheiros que vinham da cozinha deles estavam se tornando insuportáveis. Eu disse a Rosamund: “Que tipo de merda eles estão cozinhando?”.

“É tão ruim assim?”, disse Rosamund.

Então eu fiz um discurso sobre o declínio da culinária francesa. “Antes você comia bem em qualquer bistrô. Talvez o turismo tenha baixado os padrões. Ou será que o desaparecimento dos camponeses pode estar arruinando a cozinha francesa?”

“Um dos prazeres de viver com você, Chick, é que você tem tanta coisa para dizer sobre todo assunto. Mas parece que você perdeu o apetite completamente. Eu tenho uma teoria: você andou tão tenso — tenso demais, exaurido — que este lugar cheio de paz é pacífico demais para você. Você está com um monte de cordas te apertando demais.” Era evidente que ela estava preocupada com a força e a violência das minhas reações.

“Tenho que fugir deste fedor horroroso de comida.”

“Então vamos sair.”

“Isso, vamos sair. *Você* precisa comer, Rosamund — você devia comer um bom jantar. Eu não tenho apetite, mas quero que você coma.”

Minhas noites na ilha tinham sido agitadas — meu coração não se comportava. Eu tinha aumentado as doses de quinino prescritas pelo dr. Schley, o cardiologista. Engolia as pastilhas com copos de água de quinino. Minha cabeça estava lúcida o suficiente mas eu reclamava de torpor na sola

dos pés. “É como um arrepio desagradável que corre pelos meus pés”, eu disse.

“Talvez seja o jeito como você senta. Tente trabalhar de pé. Talvez você esteja exagerando no quinino”, disse Rosamund.

“Dr. Schley disse que eu podia tomar qualquer dose para a arritmia — as fibrilações — Meu Deus! Todo mundo soa como médico hoje em dia.”

Andávamos na praia para evitar o fedor das tendas de frango e de lagosta na rua principal. No Le Forgeron o *patron*, descansando do lado de fora, fingiu estar olhando para o mar e não respondeu quando cumprimentei. “Nove mil quilômetros da França e ele se emancipou da *politesse*”, eu disse.

“Nós paramos de comer aqui...”

“*Machts nicht*. Ele é um porco que teve aulas de boas maneiras, mas não adiantou nada. Pessoas terríveis em toda parte. Não dá para fazer uma bolsa de seda com o couro do rabo de uma porca.”

Eu não sabia o quanto estava doente. Só sabia que ficava irritado o tempo todo ou de alguma maneira desequilibrado — meio demente. Eu sabia que estava me repetindo e que Rosamund estava estressada. Ela estava pensando o que podia fazer. Provavelmente se culpava por ter me trazido até aqui. Talvez valha a pena descrever uma das minhas obsessões. Eu frequentemente dizia a Rosamund que um dos problemas de envelhecer era a aceleração do tempo. Os dias passavam voando “como estações de metrô quando o trem expresso passava por elas”. Eu mencionava com frequência *A morte de Ivan Ilitch* para ilustrar isso para Rosamund. Os dias da infância são muito longos mas na velhice eles passam voando “mais velozes do que a lançadeira do tecelão”, como diz Jó. E Ivan Ilitch também menciona a lenta subida de uma pedra lançada no ar. “Quando ela volta para a terra ela acelera a dez metros por segundo por segundo.” Você é controlado pelo magnetismo gravitacional e todo o universo está envolvido nessa aceleração de seu fim. Se apenas você tivesse como trazer de volta esses dias plenos que nós conhecíamos na infância. Mas nós nos tornamos familiarizados demais com os dados da experiência, eu sugiro. Nosso modo de organizar

os dados que passam correndo por nós no estilo *Gestalt* — ou seja, em formas cada vez mais abstratas — acelera as experiências em uma comédia amalucada que alguém estivesse passando em alta velocidade. Nossa necessidade de ordenar as coisas rapidamente elimina os detalhes que fascinam, detêm ou atrasam as crianças. A arte é um resgate dessa aceleração caótica. O metro na poesia, o tempo na música, a forma e a cor na pintura. Mas sentimos que estamos acelerando em direção à terra, nos espatifando em nossos túmulos. “Se isso só fossem palavras”, eu disse para Rosamund. “Mas eu sinto isso todos os dias. O próprio pensamento impotente como o que resta da vida...”

Pobre Rosamund, ela tinha de ouvir essas coisas noite após noite, no jantar — e essas férias caribenhas eram para ter sido românticas, uma espécie de lua de mel extra.

“Você discutiu isso com Ravelstein?”, ela perguntou.

“Bem... sim, discuti.”

“O que ele te disse?”

“Ele disse que Ivan Ilich tinha feito um *mariage de convenance*, e que se ele e a mulher dele tivessem se amado as outras coisas teriam parecido diferentes.”

“Pobres deles, realmente se odiavam”, disse Rosamund. “Ler aquela história é como cruzar uma montanha de vidro quebrado. É uma tortura.” Ela era muito inteligente, Rosamund. Nós não só podíamos falar um com o outro como podíamos contar que seríamos entendidos.

Nós agora nos concentramos nos volumes que nosso amigo Durkin tinha pedido para vermos, trabalhando juntos nas páginas que ele tinha pedido para copiarmos para ele. Era uma tarefa pequena, na verdade, e Rosamund fez a maior parte do trabalho. Não havia máquinas copiadoras para volumes desse tamanho. Eu lia os trechos em voz alta, e Rosamund anotava tudo no processador de texto dela. Eu tinha começado com pouco interesse no material, mas rapidamente aquilo me absorveu. Não o lado jurídico da coisa, o processo de direitos autorais movido pelo cliente de Durkin. O autor do diário em que o livro se baseava era um médico americano que

tinha passado anos na floresta da Nova Guiné com uma bolsa de estudos do Instituto Nacional de-alguma-coisa, e falava sobre o pidgin ou dialeto da ilha. O fato de ele escrever bem tornava o relato muito mais eficaz — realmente memorável às vezes. Ele descrevia um penhasco coberto com grandes flores como uma “cachoeira de orquídeas carmesins”. Havia várias passagens quase exageradas, mas você percebia que ele estava reagindo ao exagero da natureza. Ele tinha um propósito científico firme e o artigo inteiro era importante — de interesse humano. Ele começava descrevendo a falta de proteína na dieta das tribos que havia estudado. Ele dizia que nas guerras primitivas os nativos não podiam se dar ao luxo de desperdiçar os corpos dos inimigos.

Esse tipo de especulação científica não era meu interesse principal. Mencionei várias vezes que minha especialidade eram as especificidades comuns do dia a dia. Ravelstein também tinha dito isso várias vezes, não os númenos, ou “as coisas em si” — eu deixava todas essas coisas para os Kants deste mundo. Corpos negros decapitados numa floresta em que orquídeas carmesins escorrem por centenas de metros *seriam* fenômenos, não seriam? Os homens eram logo mortos e decapitados. As cabeças eram postas de lado. O pesquisador que registrou tudo isso disse que elas eram moeda usada na compra de esposas. É por isso que os caçadores de cabeças caçam cabeças. Mas esse pesquisador americano tinha sido atraído pela emboscada ao lado do córrego não pelos homens lutando mas pelo cheiro de carne assando. “Exatamente como o cheiro de uma cozinha em nossa terra — um saudável pedaço de carne no forno. Ou um peru no Dia de Ação de Graças. Tão apetitoso quanto. Carne humana, também, pode ativar as suas glândulas salivares [...] os guerreiros me ofereceram um pouco dos espetinhos de carne humana deles. As vítimas estavam viradas com a barriga para baixo. O chão ficava cheio de sangue vermelho. Os vencedores achavam minhas expressões faciais mortalmente engraçadas. Eles diziam: ‘Ora, é só carne, como qualquer outra carne’.” E na verdade o autor seguiu por mais tempo do que o necessário falando sobre a fragrância apetitosa. Os caçadores diziam que se eles tivessem sido os emboscados os outros

estariam cozinhando e comendo os corpos deles. Para nós, isso poderia ter sido uma racionalização. Para eles era um fato da vida. Nas florestas não há muitos jogos. Os caçadores frequentemente estão exaustos e têm necessidade crítica de uma refeição. O americano prossegue especulando sobre Leningrado na época em que os nazistas fizeram o cerco, e falando também dos japoneses deixados nas selvas das Filipinas, comendo aqueles que morriam, e mencionando também os atletas sul-americanos cujo avião caiu nos Andes. E certamente nossos próprios niilistas que dizem que tudo é permitido teriam de concordar que o canibalismo é perfeitamente lógico. “Mas o que me causou dificuldades”, escreve o pesquisador americano, “foi o cheiro saboroso de coxas humanas assadas, cortadas dos corpos ainda sangrando nesse paraíso de flores. Essa foi a coisa difícil para mim. Não as cabeças que os guerreiros carregavam quando iam fazer a corte, e que balançavam pelos cabelos cheios de pó.”

Rosamund, agora percebendo que eu realmente estava doente — embora eu negasse — andou quilômetros pelo meio da fumaça e do fogo das grelhas à beira da calçada procurando um peru de Dia de Ação de Graças. Não havia nada para ela encontrar. As magricelas galinhas locais pareciam ter pelos, não penas. No fundo de um freezer no mercado, ela encontrou pacotes de coxas e asas de galinha duras como pedras. Ela disse que a aparência ficou bem pior depois de descongeladas. Nessa ilha de inhames e cocos não se cozinhavam verduras. No entanto, ela conseguiu depois de horas de esforço produzir uma sopa de galinha. Por gratidão tentei fazer uma piada sobre minha incapacidade de comer aquilo — lembrando uma mãe imigrante de minha infância que gritava: “Meu Joey não consegue comer uma casquinha de sorvete. Ele vira a cabeça quando ofereço. Se ele não lambe um sorvete, deve estar morrendo!”.

Talvez porque eu visse os trópicos como uma ameaça mortal, meu instinto era procurar o lado cômico em qualquer assunto que tivesse de ser levado em conta. Um motivo é que eu continuava achando que o solo é mais poroso aqui. Não era tão sólido quanto no norte. Deve ser difícil enterrar alguém nesse solo de corais apodrecidos. Eu não ia falar desse

assunto maluco com Rosamund. Rosamund estava se culpando por ter me vendido essas deliciosas férias — mas eu sabia que podia confiar nela para fazer a coisa certa. Eu estava me sentindo muito estranho, mas disse a mim mesmo que isso era um mal-estar que eu tinha trazido do norte — um tipo de desconforto ou deslocamento — algo como um sofrimento metafísico. Anos atrás quando me vi encalhado em Porto Rico para passar um longo período eu tinha sentido o mesmo tipo de não conforto no cenário tropical — cheiros de água salgada represada e de matéria marinha em decomposição surgindo das lagoas —, os estranhos maus odores da vida das plantas da floresta e de matéria animal apodrecendo. O mangusto em Porto Rico era tão comum quanto cães de rua em outros lugares. Você não imagina animais tão grandes à beira das estradas e nas pequenas ruas das aldeias.

À noite havia explosões de música tribal vindo da cidade. Os galos encurtavam nosso sono. Mas eu não estava dormindo muito, e só conseguia comer sucrilhos. Eu reclamava da água da torneira e Rosamund, agora muito preocupada, ia com frequência à loja para trazer de volta pesadas garrafas de água.

Eu estava obviamente doente mas não deixava que dissessem isso. Eu achava que estava tendo pensamentos anormais, e aos poucos se tornou aparente que eu estava me preocupando com o problema da evolução. É claro que eu acreditava na evolução — quem podia se recusar a aceitar as milhares de provas. O que não era óbvio era que isso tivesse acontecido por meio de mudanças aleatórias como tantos cientistas que realmente acreditavam nisso estavam convictos. “*Qualquer coisa* pode acontecer, dado tempo suficiente, e bilhões de anos dão a você tempo para todos os erros e becos sem saída.” Watson, o geneticista, tinha estabelecido a lei para isso. Mas eu disse a Rosamund, ainda discutindo com Watson, se você levasse em conta os sutis recursos do corpo, milhares deles, sutis demais para serem acidentais, Watson estava falando de carpintaria rústica — lojas de produtos de madeira feitas por garotos, não trabalho de carpinteiros experimentados.

Em retrospectiva eu me arrependo — sinto pena de Rosamund, que agora via que eu estava doente. Ela tentou preparar remédios na pequena cozinha dela. Ela cozinhava jantares que normalmente eu teria comido com prazer. Mas a carne do mercado era tosca. Quando ela fazia sopas, eu não conseguia nem mesmo tomar uma colherada. A família francesa abaixo de nós continuou cozinhando porcarias que me deixavam louco só pelo cheiro.

“Como é possível que pessoas boas, decentes, agradáveis, civilizadas consigam cozinhar — e comer! — essa meleca fedorenta!”

Rosamund disse: “Eles ficariam chateados se eu pedisse para eles fecharem as janelas. Mas você não acha que devia ir a um médico? Tem um médico francês não muito longe. Nós vimos a placa dele dezenas de vezes.”

Estávamos na varanda tomando uma taça de vinho antes do jantar que eu não ia conseguir engolir. Comi as azeitonas recheadas que Rosamund serviu. Eu gostava das recheadas com anchovas, ao estilo espanhol. Aqui você só conseguia as com pimenta. Não era possível estudar o céu de uma noite no Caribe sem pensar em Deus, eu estava descobrindo. Nem era possível pensar em Deus sem que seus próprios mortos aparecessem. Então você renovava sua conexão com seus mortos e terminava fazendo a estimativa mais honesta possível — passando em revista uma vida de atividades, afetos, ligações. Eu não me saía nada bem nisso.

E como eu devia a Rosamund fazer tudo o que fosse possível para descobrir tudo que fosse possível cientificamente, no dia seguinte fui ao médico. Americanos não confiam muito na medicina estrangeira. Eles têm a tendência de pensar que um médico francês vai dizer que você tem uma *crise de foie* e precisa diminuir o consumo de vinho tinto. O médico que ficava ali perto não tinha nada a dizer sobre vinho. Ele me disse, no entanto, que eu tinha dengue. Bom, isso não era muito ruim. A dengue é uma doença tropical transmitida por mosquitos; você trata com quinino. Assim acrescentei quinino local ao Quinaglute que o médico americano — Schley, o mesmo médico que havia dado uma bronca em Ravelstein por ele estar fumando minutos depois de sair da UTI — tinha receitado para evitar que meu coração me levasse embora.



Rosamund foi mais uma vez à farmácia — uma viagem de ida e volta de cinco quilômetros sem proteção contra o sol. Ela parecia mais tranquila depois do diagnóstico do médico francês. Apesar de a dengue ser séria, é tratável.

Os vizinhos, cujo fedor da comida me fazia subir pelas paredes, ofereceram ajuda. Eles disseram que estavam à disposição para me levar ao hospital na cidade de M. a quarenta quilômetros dali. A estrada era bonita mas engarrafada, como eu bem sabia, com veículos rurais caindo aos pedaços e *guaguas* (ônibus).

O médico era tranquilo, “discreto”, como se diz, sem tendência a fazer diagnósticos melodramáticos. Portanto, decidi aceitar minha dengue sem espalhafato e tomar a mistura de quinino que ele receitou. Rosamund e eu líamos *Antônio e Cleópatra* juntos, lembrando a máxima de Ravelstein de que sem a grande política não era possível representar as paixões. Rosamund chorou quando Antônio disse: “Estou morrendo, Egito, morrendo”, e quando Cleópatra pôs a serpente no seio. Depois disso fomos deitar e dormimos, mas não por muito tempo.

Na lajota fria do banheiro eu desmaiei. Estava escuro e eu estava tateando para sair do quarto quando caí. Rosamund não conseguia me erguer ou me fazer rolar até a cama. Ela correu escada abaixo para acordar a dona da casa, que imediatamente ligou pedindo uma ambulância. Quando me disseram que a ambulância estava a caminho, eu disse que nunca aceitaria ir ao hospital. Eu tinha visto o bastante desses lugares. Medicina colonial, especialmente nos trópicos, era algo bastante incerto.

Rosamund disse: “Você *precisa*”. Mas quando ela viu o quanto eu estava obstinado, desceu de novo para ligar para o médico usando o telefone da dona da casa. Ele estava a cinco minutos de distância. Bem tranquilo para quem tinha sido acordado, ele jogou a luz da lanterna na minha garganta e nos meus olhos. Dois ajudantes corpulentos preenchiem agora a porta com uma maca arriada. Esses homens negros de macacão já tinham começado a armar a maca no chão quando eu os fiz parar dizendo: “Não vou a lugar nenhum”.

Rosamund pediu ao médico que desse uma opinião e ele disse: “Bem, não é completamente *nécessaire* se ele se opõe tão fortemente”. Ele mandou a ambulância embora. Não fez muita diferença para os ajudantes, que ficaram em silêncio. Foi o motor da ambulância que rosou.

De algum modo nos livramos do resto da noite, e, à luz do dia, sem qualquer menção a café da manhã, sentei do lado de fora olhando os recifes negros — a atmosfera e a água fazendo o que sempre fazem. Um dos atrativos da estação eram as nuvens de mariposas pálidas, um tipo de amarelo suave. Elas não eram grandes nem tinham padrões bonitos, pairando em direção ao mar e voltando para a vegetação.

Rosamund estava embaixo, usando o telefone da dona da casa, que nunca antes tinha estado à nossa disposição. A dona da casa não anotava recados para nós. Os hóspedes não tinham autorização para fazer chamadas. Mas agora eu estava doente, e ela não queria me ver resmungando para lá e para cá. Achei que isso também devia ser aparente para Rosamund e curiosamente eu quase não tinha qualquer sentimento sobre isso. O sol ainda não tinha nascido e havia apenas luz suficiente para distinguir o fluido do sólido — um mar — um tipo de achatamento, e um correspondente vazio interior. Mas Rosamund, normalmente flexível, elegante, atenciosa, e bem-educada, agora revelava (sem margem para dúvidas) uma firmeza oculta e a vontade de mostrar o quanto estava bem preparada para lidar com os maus bofes da dona da casa e com a frieza burocrática dos atendentes de telefone da empresa aérea. E quando ela subiu as escadas, disse, com um ligeiro sorriso: “Voltamos amanhã cedo. Há muitos assentos vazios a partir de San Juan porque é Dia de Ação de Graças. Os voos até San Juan é que foram o problema. Mas eu disse que era uma emergência médica. Disseram que vai ter uma cadeira de rodas esperando”.

Uma cadeira de rodas! Eu nunca ia adivinhar que estava doente a esse ponto. No fim a inexperiente Rosamund viu os fatos mais claramente que qualquer outra pessoa. Eu nunca antecipei crises ou emergências.

Nós tínhamos como contar com um táxi de manhã tão cedo? Sim. Primeiro, porque a empresarial dona da casa, de meia-idade, bonita, severa, afro-caribenha, tinha percebido a ambulância e o médico na noite anterior. Provavelmente ela tinha dado uma palavrinha com o consciencioso e não totalmente confiável jovem francês. Mas ela não precisava que ele a alertasse: só olhar meu rosto enrugado, desafortunado, antes do amanhecer na escada do lado de fora teria sido suficiente.

Rosamund, a essa altura assustada, estava simplesmente feliz demais por ir embora. O rosto moreno-pálido dela agora estava recomposto para Boston, com seus milhares de médicos. Ela parecia ter entendido a mensagem: ficar na ilha era morte certa. Ela me perguntou: “Quais livros e papéis vamos deixar para trás?”. Isso era muito fácil. “Vamos nos livrar de todos os volumes pesados. E especialmente dos *Poemas reunidos* de Browning.” Eu tinha me rebelado contra Browning. Agora eu o punha junto com a culinária e com os vizinhos franceses.

O que eu não iria descartar era a revista do meu amigo Durkin — o número que falava do canibal. Eu tinha ficado interessado na carne humana assada, nos canibais e nas cabeças decepadas sobre a grama coberta de sangue olhando para cima onde estavam os penhascos cobertos por orquídeas. A carne humana sendo comida tinha ficado — admito — na minha consciência contaminada. Era a minha doença que me deixava especialmente suscetível. Eu não teria deixado essas páginas para trás de jeito nenhum. Eu podia alegar a doença como pretexto. Mas elas desapareceram durante o voo.

O alívio demonstrado pela bela e rígida dona da casa dizia tudo. O quanto ela estava contente, o quanto ela estava orgulhosa de se livrar de mim. Deixe que ele vá embora e morra em outro lugar — num táxi ou num avião. Ela levantou antes do sol nascer para nos despachar. Os vizinhos franceses também saíram. A ambulância na noite anterior com a sirene e as luzes piscando deve ter feito com que eles acordassem. Com boa intenção e sentindo pena, eles nos desejaram boa sorte e acenaram para dar tchau. Pessoas decentes, no fim das contas. O adeus da dona da casa queria dizer

“Deem o fora!”. No lugar dela talvez eu pensasse o mesmo. À luz das cinco da manhã ela acenou dizendo tchau — superempolgada!

Rosamund, falando de nossas férias frustradas, disse: “Que pesadelo”. No barulhento táxi que ia rápido, ela disse adeus à ilha com um tipo de alívio selvagem. Ela pelo menos estava se livrando do motoqueiro mascarado que uma ou duas vezes por semana dominava a rua principal. Todo enfeitado de couro e com um capacete de Buck Rogers. Os grandes dentes ficavam descobertos e cerrados. A polícia desaparecia quando ele fazia a corrida dele. As pessoas se dispersavam quando ele chegava voando. Ele rugia para lá e para cá em tempestades de pó, e certamente teria matado os pedestres. “O louco da cidade”, Rosamund o chamava. “Não vou ter que me preocupar com ele, indo e voltando da farmácia”, ela disse.

No vasto galpão de metal verde do aeroporto que cobria centenas de metros quadrados, Rosamund me ajudou, o homem doente, na cadeira de rodas que estava esperando. Eu sentei nela, me sentindo imbecilizado, e assinei os traveller checks no meu colo, para pagar as taxas de saída. Eu achava que não precisava realmente de uma cadeira de rodas. Eu ainda era capaz de andar, disse a Rosamund, e fiz uma demonstração para ela subindo as várias escadas até a aeronave. Depois desci de novo em San Juan, onde me sentei agradecido na segunda cadeira de rodas que me esperava. A maior parte da minha bagagem estava empilhada ao redor dos meus pés e sobre os meus joelhos. Mas então havia a inspeção de passaporte, para a qual eu precisava ficar de pé. O pior de tudo era o exame na alfândega. Rosamund tinha de pegar as caixas gigantes e as malas de roupas da esteira e levar para as mesas de inspeção — abri-las, responder perguntas, depois trancar de novo e arrastá-las de novo para que fossem reembarcadas para o voo até os Estados Unidos. Ela não tinha a pegada masculina, a força necessária. E aqui eu descobri de uma vez por todas que já não era o passageiro saudável que um dia tinha sido. Rosamund disse aos inspetores que eu não estava bem, mas eles não deram atenção especial a ela.

Era Dia de Ação de Graças e o avião estava com menos da metade dos lugares tomados. O comissário de bordo disse que eu podia querer me

esticar e nos levou até a parte traseira, onde afastou os braços de uma fileira de assentos. Eu pedi água e depois mais água. Eu nunca tinha tido tanta sede. O chefe dos comissários, que tinha tido dengue no Pacífico Sul durante a guerra, tinha muitos bons conselhos para dar. Ele me ofereceu oxigênio. Rosamund insistiu que eu aceitasse mas eu só pedi mais água.

Ela, enquanto isso, estava tentando ligar para meus médicos em Boston. Havia dois deles — o médico “principal” e o cardiologista. Com o cardiologista, no campo de golfe, não conseguíamos falar; o médico “principal” tinha ido a New Hampshire para um jantar em família.

Eu lembro que durante o voo eu comecei de novo a falar do jovem amigo de Griescu que foi assassinado na cabine do banheiro masculino.

“Você já me contou isso.”

“Quando foi isso?”

“Não faz muito tempo.”

“Parece que não consigo tirar ele da cabeça. Não vou mencionar isso de novo. Mas acho que de alguma maneira eu o liguei a Ravelstein. Veja, eu não gostava de Griescu mas achava ele engraçado, e para Ravelstein isso era uma fuga, e também era típico de mim. Dizer que ele era divertido era deixar ele escapar livre. Mas ele era suspeito — pensavam que ele tinha estado aliado a assassinos. Parece que eu não consigo entender muito as pessoas nos ganchos de carne.”

Rosamund realmente tentava prestar atenção. Ela me incentivava a falar. Estava tremendamente preocupada.

“Ele morreu no meio do ato — se aliviando. Atiraram bem de perto nele. Ravelstein achava que era um dos meus erros típicos...”

“Ele estava dizendo que Griescu tinha ligações com assassinos?”

“Exatamente. Ele disse que eu devia saber disso.”

“Mas esse assassinato aconteceu depois de Ravelstein ter morrido.”

“Mas ele estava certo, independente disso. Esse famoso acadêmico teórico, Griescu, ele estava dizendo, era no fim das contas um nazista.”

Tentando me fazer mudar o disco, Rosamund disse: “O que você e Griescu tinham em comum?”.

“Ele costumava citar coisas minhas para mim mesmo.” Ele tinha desencavado uma declaração que eu fizera sobre o moderno desencantamento. Sob os escombros das ideias modernas o mundo continuava lá para ser redescoberto. E o modo dele de falar disso era que a teia cinza da abstração que cobria o mundo para simplificá-lo e explicá-lo de um modo que servisse a nossos objetivos culturais havia *se tornado* o mundo aos nossos olhos. Nós precisávamos ter visões alternativas, uma diversidade de visões — e ele queria dizer visões que não fossem dominadas por ideias. Ele via isso como uma questão de palavras: “valores”, “estilos de vida”, “relativismo”. Eu concordava, até certo ponto. Nós precisamos saber — nossa necessidade humana profunda, porém, não pode ser satisfeita por esses termos. Não podemos sair do poço da “cultura” e das “ideias” que supostamente a expressam. As palavras certas seriam de grande ajuda. Mas, mais do que isso, um dom para ler a realidade — o impulso de colocar o seu amado rosto nele e de pôr as mãos nele para segurá-lo.

“Mas então, no campo da esquerda, ou será que eu quero dizer campo da direita, Ravelstein insiste que todo mundo leia Céline. Bom, o.k. Céline era tremendamente talentoso, mas também era um absoluto lunático, e antes da guerra ele publicou suas *Bagatelles pour um massacre*. Nesse panfleto Céline berrava contra os judeus que haviam ocupado e estuprado a França, denunciava-os. Para muitos na França, era o judaísmo que era o inimigo, não a Alemanha. Hitler — isso foi em 1937 — iria libertar a França da ocupação dos judeus. Os ingleses, que estavam aliados com os judeus, tramavam junto com eles para destruir *La France*. Aquilo já tinha se transformado em uma casa de prostituição judia. *Un lupanar Juif — Bordel de Dieu*. O caso Dreyfus voltou a ser trazido à tona. As autoridades receberam milhares de cartas anônimas de pessoas que eram contra Dreyfus e odiavam os judeus. Eu concordava com Ravelstein que Céline não fingia não ter tido qualquer papel na Solução Final de Hitler. Nem eu trocaria o meio-campo Griesescu pelo ponta direita Céline. Quando você fala em termos de esporte você percebe o quanto aquilo era maluco.”

Rosamund estava fazendo minhas vontades. Eu nunca tinha estado tão doente. E nunca me passou pela cabeça que eu estivesse doente. Não estava bem, certo; era evidente que eu não estava bem. Mas eu tinha vivido o bastante para saber dizer que não estava morrendo e que estava só indisposto. Uma sociedade secreta reacionária poderia determinar que chegou a hora de você morrer — uma camarilha de seus compatriotas votou que você deve ser assassinado. E então fizeram um estudo de seu programa. Isso seria descrito como político mas na verdade era a vontade da maldade. Um acadêmico playboy errático que tinha hábitos regulares sentou para satisfazer uma necessidade natural — a coisa diária — e foi baleado por um assassino no cubículo ao lado e morreu em um instante.

Rosamund era totalmente a favor de ir direto do aeroporto para o hospital.

Mas eu insisti em ir para casa. Quando estivesse na minha cama ficaria bem. Claro, eu não tinha como me ver. Eu não sabia o quanto minha febre estava alta — insistindo em dizer que estava perfeitamente bem. Rosamund desistiu e empilhou nossas malas e caixas no porta-malas do táxi. Quando chegamos era evidente que estava fora de questão a possibilidade de arrastar as malas escada acima depois de pagar a corrida, e o motorista, pressentindo o problema, pegou o dinheiro e se mandou. Nosso problema era evidente para ele, mas não para mim. Eu rastejei escada acima e fui para a cama.

“Feliz de sair daquela ilha má”, eu disse para Rosamund. “Será que ainda pode ser o mesmo dia? É perto de meio-dia? Nós decolamos quando o sol nasceu. ‘A mão do tempo está sobre o agulhão do meio-dia’, como disse Mercúcio — um dos versos de Shakespeare de que Ravelstein mais gostava.”

Debaixo das cobertas me sentindo seguro e bem, eu disse a Rosamund que uma boa soneca era tudo de que eu precisava. Mas era o começo da tarde — não hora de dormir. Rosamund não conseguia concordar que dormir era a resposta. Por meio de alguma faculdade que me era invisível ela reconheceu que eu estava em uma situação desesperadora. “Você teria

morrido dormindo”, ela disse mais tarde, e continuou tentando encontrar os médicos. “Dia de Ação de Graças é dia de estar com a família — é hora de se divertir, de jogar golfe.”

Rosamund se mantinha em boa forma. Ela meditava, ia a aulas de ioga. Ela conseguia encostar o dedo do pé na têmpora. Mas ela tinha se esgotado com a bagagem vindo de Saint Martin. De algum modo ela conseguiu arrastar as malas escada acima até o apartamento no terceiro andar. Você nunca imaginaria que ela tinha músculos para isso.

Era mais fácil fazer isso, ela disse, do que conseguir ajuda no hospital. Nenhum dos telefonemas dela foi atendido. Nos feriados, quando os médicos estão de folga, os residentes supostamente ficam no lugar deles. “Bom, não é tão urgente quanto você pensa”, eu disse. “Você pode falar com os médicos amanhã.” Mas para Rosamund era óbvio que eu não sabia o que estava dizendo. Se eu tivesse ficado em Saint Martin eu teria morrido antes de amanhecer. Se tivesse perdido a conexão do voo de Porto Rico teria morrido em San Juan. E se tivesse feito as coisas do meu jeito e dormido bem à noite eu já era. Rosamund disse que sem oxigênio eu não teria sobrevivido àquela noite.

Enquanto o sol se punha, os corvos soavam como buzinas elétricas. Aqui eles se tornaram aves urbanas. Algum poeta francês os tinha chamado de *les corbeaux délicieux* — mas quem? Duvido que mesmo Ravelstein soubesse. Meu cérebro já não conseguia seguir a si mesmo. Mas eu estava certo de que meus travesseiros e meu acolchoado iam me salvar.

Mas Rosamund tinha conseguido falar com o pai dela no interior do estado de Nova York por telefone. “Pense quem é a pessoa mais influente com quem você consegue falar”, ele disse. “Peça a ajuda dessa pessoa.”

Em minha agenda Rosamund por sorte encontrou o nome do dr. Starling, o homem que havia nos trazido para Boston. Quando ela contou a ele o que estava acontecendo, ele disse: “Em dez minutos você vai receber uma ligação de Andras, o diretor do hospital. Deixe a linha desocupada”. Em bem pouco tempo o dr. Andras, um homem muito velho, estava fazendo perguntas a Rosamund sobre meus sintomas; então ele disse que estava



mandando uma ambulância para me buscar. Rosamund disse a ele que no Caribe eu tinha me recusado a entrar na ambulância. O velho diretor perguntou se podia falar comigo sobre isso. Bem, sim, eu disse a ele que estava confortável onde estava, na minha própria cama, mas para agradar a minha esposa eu aceitaria ser examinado pelos médicos. Mas não ia ser carregado numa maca. Negociando como um tolo, concordei em ser um passageiro.

“Feito!”, disse o dr. Andras. “Precisamos de você aqui imediatamente.”

Assim sentado ao lado do motorista fui levado pela ambulância com as luzes girando e a sirene soluçando guturalmente até o pronto-socorro. Lá fui levado numa maca para um canto onde fui examinado por vários médicos. Não sei dizer com coerência o que aconteceu depois. Lembro principalmente que fui posto imediatamente no oxigênio. Depois veio uma longa demora. Alguns diziam que eu devia ir imediatamente para a UTI cardíaca. Outros achavam que o problema era a respiração. A enfermeira colocou uma máscara de oxigênio no meu rosto, que eu ficava tirando. Rosamund estava lá para cuidar de mim. Ela disse: “Você precisa do oxigênio, Chick, e eu não quero que eles amarrem as suas mãos”.

“Mas eu estou sufocando”, eu disse.

Tenho a minha própria versão do que estava acontecendo. Tinha um médico no comando que não usava jaleco branco e estava em mangas de camisa. Falante e técnico, ele exagerava nas cores e de uma maneira casual descreveu meu estado. Nessas circunstâncias homens e mulheres brotam, aparecem, se materializam. Esse médico falante parecia estar falando sobre technicalidades que não tinham relação com meu estado. Mas entendi completamente errado o que estava acontecendo. Fui mandado para a UTI cardíaca e lá, naquela mesma noite, tive uma insuficiência cardíaca. Mas eu não me lembro disso. Nem da UTI pulmonar para onde fui removido. Rosamund me diz que ambos os meus pulmões estavam, para usar o termo técnico, tomados pela pneumonia. Uma máquina respirava por mim — canos na minha garganta, no meu nariz.

Eu não sabia onde estava, nem tinha noção de que Rosamund dormia ao meu lado em uma cadeira reclinável. Ela frequentemente passava noites com parentes em UTIs durante as crises de filhos ou irmãs. Nos primeiros dez dias Rosamund não foi para casa. Ela comia os restos de comida que achava nas bandejas. Ela se recusava a ir à lanchonete com medo de que eu morresse enquanto ela estava comendo. Quando as enfermeiras entenderam isso, começaram a dar comida para ela.

Tudo isso eu soube mais tarde. Eu certamente não sabia que estava lutando pela sobrevivência. Durante essas semanas eu estava com doses pesadas de Verset. Um dos efeitos desse remédio é que ele suspende a vida mental. Eu não pensava se estava morto ou vivo. Todas as aparências (o mundo exterior) tinham sido canceladas. Meus falecidos irmãos, os dois, se aproximaram, certa vez. Eles estavam com as roupas de sempre, camisas, gravatas, sapatos, os ternos que os alfaiates faziam para eles. Meu pai estava no fundo. Ele não se aproximou. Meus irmãos indicaram que estavam satisfeitos com a condição deles. Eu não chamei meu pai. *Ele* sabia quais eram as regras. Eu não via sentido em fazer perguntas. Achando que estava mais para lá do que para cá, eu não sentia nenhuma curiosidade urgente. Eu queria informações, mas as respostas podiam esperar. Então meus irmãos se retiraram, ou foram retirados. Eu não pensava em mim como um moribundo. Minha cabeça estava cheia de delírios, alucinações, absurdas causas e efeitos. Dizem que o Verset amortece a memória. Mas minha memória sempre foi persistente. Eu me lembro de ser virado frequentemente. Algum enfermeiro ou ajudante que sabia o que estava fazendo bateu nas minhas costas e me mandou tossir.

Eu tinha visitado Ravelstein e outros amigos e parentes em UTIs de vários hospitais e com a burrice natural de um homem são, saudável, tinha às vezes pensado que um dia eu podia ser a pessoa amarrada, ligada a aparelhos.

Mas agora eu era o moribundo. Meus pulmões tinham deixado de funcionar. Uma máquina respirava por mim. Inconsciente, eu não tinha mais noção da morte do que têm os mortos. Mas a minha cabeça (presumo

que fosse a cabeça) estava cheia de visões, delírios, alucinações. Não eram sonhos nem pesadelos. Pesadelos têm uma escotilha por onde você pode fugir...

Eu me lembro principalmente de ficar andando à toa, de achar isso muito difícil. Em uma de minhas visões estou em uma rua da cidade procurando o lugar em que devo passar a noite. Finalmente encontro. Entro naquilo que há muito tempo, nos anos vinte, foi um cinema. A bilheteria é fechada com tábuas. Mas logo atrás, em um piso de lajotas que formam uma subida, há camas dobráveis do Exército. Não está passando nenhum filme. As centenas de assentos estão vazias. Mas entendo que o ar aqui é especialmente tratado e que respirá-lo vai fazer bem para meus pulmões. Passar a noite aqui faz você ganhar pontos rumo à sua recuperação. Então me junto a mais uma meia dúzia de pessoas e me deito. Minha mulher supostamente vem me pegar de manhã. O carro está em um estacionamento próximo. Ninguém aqui está com sono. Os homens também não são falantes. Eles se levantam. Passeiam à toa pelo saguão ou sentam na beira de uma das camas. O chão não é limpo há uns cinquenta anos pelo menos. Não há aquecimento. Você dorme completamente vestido com seu sobretudo abotoado. Ninguém tira chapéus, bonés e sapatos.

Mesmo antes de eu ser liberado da UTI, saí da cama pensando que estava em New Hampshire e que uma das minhas netas estava esquiando em volta da casa. Eu estava irritado com os pais dela por não a terem trazido para ver o avô. Era uma manhã de inverno, ou era o que eu achava. Na verdade, deve ter sido no meio da noite, mas o sol parecia estar brilhando na neve. Passei por cima da cabeceira da cama sem perceber que estava ligado por tubos e agulhas a frascos pendurados que continham todo tipo de mistura intravenosa. Vi meus pés no chão ensolarado como se fossem os pés de outra pessoa. Eles pareciam não estar dispostos a carregar meu peso mas eu os forcei a obedecer à minha vontade. Então caí, aterrissando de costas. De início não senti dor. O que me aborrecia era que eu não conseguia sair da cama e andar até a janela. Enquanto estava deitado indefeso, um ajudante correu e disse: “Ouvi dizer que você era encenqueiro”.

Um dos médicos me disse que minhas costas estavam tão inflamadas que pareciam um incêndio na floresta visto de cima. Os médicos me puseram num CAT scan. Parecia que eu estava em um bonde lotado e que estava sendo sufocado e empurrado por trás. Implorei para me deixarem sair. Mas ninguém estava disposto a me obedecer.

Na época eu estava com doses bem altas de anticoagulantes e minha queda foi perigosa. Eu estava com hemorragia interna. As enfermeiras me puseram um colete que limitava os movimentos. Pedi a meus netos maiores para chamar um táxi. Eu disse que ficaria melhor em casa, mergulhado na banheira. “Em cinco minutos eu podia estar lá”, eu disse. “É logo depois da esquina.”

Muitas vezes eu tinha a impressão de estar logo abaixo da praça Kenmore em Boston. A esquisitice desse ambiente alucinatório de certa forma era liberadora. Eu às vezes me pergunto se não pode ter acontecido de nos umbrais da morte eu ter ficado me divertindo tranquilamente, como qualquer pessoa normal, aproveitando aqueles delírios absurdos — ficções que não precisavam ser inventadas.

Eu me vi em um porão imenso. As paredes de tijolos tinham sido pintadas havia eras. Em alguns pontos elas ainda eram brancas como requeijão. Mas o queijo tinha ficado sujo. O lugar era iluminado por lâmpadas fluorescentes — mesa após mesa após mesa de itens de brechó, roupas femininas, principalmente, doadas para o hospital para revenda: roupa de baixo, meias-calças, blusas, echarpes, camisas. Uma infinidade de mesas. O lugar me fez pensar na Filene’s Basement, onde os clientes logo começavam a se empurrar e a brigar por barganhas. Mas ninguém estava aqui para brigar. A uma longa distância havia jovens mulheres que pareciam ser voluntárias fazendo trabalho de caridade. Eu estava sentado, preso, entre centenas de espreguiçadeiras de couro. Fugir desse canto de queijo encardido estava fora de questão. Atrás de mim, imensos canos vinham do teto e se afundavam no solo.

Eu estava dolorosamente preocupado com o colete ou com o pulôver que eu era forçado a usar e que restringia movimentos. Esse colete cáqui quente

era apertado — estava me matando, me prendendo à morte. Eu tentava, e não conseguia, me desvencilhar dele. Eu pensava, Se apenas eu conseguisse que uma dessas voluntárias de serviço social que estão fazendo caridade me trouxesse uma faca ou uma tesoura! Mas elas estavam há várias quadras de distância, e nunca iam me ouvir. Eu estava em um canto bem, bem distante cercado por cadeiras Barcalounger.

Outra experiência memorável foi esta:

Um atendente do sexo masculino do hospital em uma escada portátil está pendurando itens de Natal, cordões brilhantes, visco, e pedaços de sempre-viva nas arandelas. Esse atendente não me dá muita bola. Foi ele que me chamou de encrenqueiro. Mas isso não me impediu de tomar nota dele. Tomar nota das coisas é parte da descrição do meu emprego. A existência é — ou era — o emprego. Sendo assim eu o observei na escada de três degraus — os ombros caídos e as costas amplas. Então ele desceu e levou a escada para o próximo pilar. Mais cordões brilhantes e sempre-vivas espinhosas.

Mais para o lado havia outro sujeito velho, pequeno, nervoso e aflito, indo para um lado e para o outro de pantufas. Ele era meu vizinho. Os aposentos dele davam para o meu quarto, mas ele não me reconhecia. Ele tinha uma barba rala, o nariz era como um pão-duro, e ele estava usando uma boina. Ele *tinha* que ser um artista. Mas para mim parecia que as feições dele não tinham qualquer interesse.

Depois de um tempo, eu me lembrei de tê-lo visto na televisão. Ele *era* um artista, muito respeitado. Ele dava lições enquanto desenhava. Os temas dele eram coisas da moda — ambientalismo, essências de flores holísticas, e assim por diante. Os desenhos eram vagos, sugerindo amor e responsabilidade pelo nosso entorno natural. Em um quadro-negro ele primeiro produziu uma nebulosa superfície marinha, e então com o lado do giz criou a ilusão de um rosto oculto — os cabelos ondulados de uma mulher, como ruibarbo cozido, vislumbres da natureza que sugeriam uma presença humana — algo mítico ou, igualmente provável, uma projeção. Talvez uma ondina ou uma virgem do Reno. Não dava para acusar esse

sujeito de mistificação ou superstição. A única coisa de que dava para reclamar nele era a presunção, o quanto ele gostava dele mesmo — *suffisance*, em francês. Eu gostava de *suffisance* mais do que de presunção, assim como eu gostava mais da palavra inglesa para sufocar (*suffocating*) do que do francês *suffoquant* — *Tout suffoquant et blême*. (Verlaine?) Se você estava se asfixiando, por que se preocupar com o fato de estar pálido?

Esse Ananias, ou falso profeta (artista), morava aqui — ele tinha um pequeno apartamento ao lado do prédio do hospital. Os aposentos dele ficavam depois da esquina, portanto eu não podia vê-los da minha cama. Eu conseguia ver um pouquinho das estantes de livros e de um carpete verde que ia de uma parede até a outra. O atendente que punha os enfeites de Natal era muito atencioso com o artista que, por sua vez, não me percebia. Zero! Eu não tinha permissão para causar impressão. Com isso quero dizer somente que eu não me encaixava em nenhum dos conceitos dele.

Esse *artiste* da tevê, de todo modo, tinha um jeito de quem morava aqui havia muito tempo, mas logo ficou claro que ele estava indo embora naquele dia. Estavam carregando caixas de papelão para fora do apartamento — ou cenário. O pessoal da mudança estava empilhando coisas. Os livros estavam desaparecendo das prateleiras, as próprias prateleiras estavam sendo desmontadas com uma tremenda pressa. Uma van estacionou de ré e foi rapidamente carregada, e então usando um longo vestido verde e dourado a velha esposa do artista saiu, se abaixou e recebeu ajuda para entrar na boleia. Ela estava com um chapéu de seda. O artista de tevê enfiou as pantufas nos bolsos do sobretudo, calçou mocassins e se arrastou para sentar ao lado dela.

O ajudante do sexo masculino estava lá para se despedir dele, e então ele me disse: “Você é o próximo. Precisamos do espaço, e tenho ordens de tirar você daqui agora mesmo”. Imediatamente uma equipe desmontou as prateleiras e separou tudo em partes pequenas. Tudo em volta foi posto abaixo como se fossem cenários de teatro. Não ficou nada. Enquanto isso uma van estacionou de ré, e minhas roupas de passeio, meu Borsalino, meu barbeador elétrico, artigos de higiene, CDs, et cetera, foram enfiados em

sacolas de supermercado. Me ajudaram a sentar em uma cadeira de rodas e me ergueram para entrar em um caminhão trailer. Lá eu me deparei com um escritório — não, um posto de enfermagem, pequeno mas completo, com luz elétrica. A porta traseira se ergueu; as portas superiores não estavam fechadas e a van rugiu diretamente para o subsolo, entrando em um túnel. Ela continuou por algum tempo em alta velocidade. Depois paramos, o motor gigante em ponto morto. E continuava em ponto morto.

Apenas uma enfermeira estava atendendo. Ela viu que eu estava agitado e se ofereceu para me barbear. Admiti que precisava me barbear. Ela, portanto, me ensaboou e fez o trabalho com uma Schick ou Gillette descartável. Poucas enfermeiras entendem como barbear um homem. Elas põem a espuma sem primeiro amolecer a barba como os antigos barbeiros costumavam fazer com toalhas quentes. Se você não foi primeiro ensaboado e encharcado, a lâmina quando passa raspando puxa os pelos e você sente uma ferroada no rosto.

Eu disse para a enfermeira que estava esperando minha esposa Rosamund às quatro horas, e pelo grande relógio circular já eram bem mais de quatro. “Onde você acha que estamos?” A enfermeira não sabia dizer. Meu palpite era de que estávamos embaixo da praça Kenmore em Boston, e se eles tivessem desligado o motor que estava em ponto morto daria para ouvir os trens da linha verde do metrô. Agora já eram quase seis horas, da manhã ou da tarde, quem poderia dizer? Agora estávamos lentamente nos posicionando atrás de uma passagem para pedestres por onde as pessoas — não muitas pessoas — subiam à rua ou desciam dela.

“Você parece um pouco um guerreiro indígena”, a enfermeira disse. “Além disso você perdeu tanto peso que ficou mais enrugado, e a barba cresce nos sulcos. É difícil de tirar. Você já foi gordinho?”

“Não, mas meu corpo já mudou de forma várias vezes. Sempre tive melhor aparência sentado do que em pé”, eu disse, e apesar de estar com o coração triste, eu ri.

Ela não sabia o que fazer com essas observações.

E não tinha existido van nenhuma. Eu tinha precisado liberar o quarto — ele precisava ser usado com urgência — e fui removido de noite para outra parte do hospital. “Onde você esteve?”, eu disse para Rosamund quando ela chegou. Eu estava irritado com ela. Mas ela me explicou que tinha repentinamente sentado na cama superacordada e preocupada comigo. Ela ligou para a UTI, soube que eu tinha sido transferido, entrou correndo num táxi e veio rápido para cá.

“É de noite”, eu disse.

“Não, está amanhecendo.”

“E onde eu estou?”

A enfermeira que estava me atendendo era impressionantemente rápida e compreensiva. Ela correu a cortina em torno da minha cama e disse para a minha mulher: “Tire os sapatos e deite com ele. O que você precisa é dormir por umas horas. Vocês dois precisam”.

Mais uma breve visão, para fins de orientação.

Vela aparece nessa.

Então aqui estamos nós dois em exposição para o mundo inteiro nos julgar. A mão dela aberta e elegante atrai a atenção para minha postura inquieta.

Ela e eu nos vemos nesse cenário parados diante de uma parede de pedra polida no interior de um banco — um banco de investimentos. Nessa ocasião estamos novamente de mal. Mas eu tinha ido ao banco porque ela pediu que eu a encontrasse. Ela estava acompanhada de um homem que parecia espanhol e muito elegante com vinte e poucos quase trinta anos. Um terceiro homem também estava presente, um banqueiro que falava em francês. À nossa frente, colocadas na glamorosa parede de mármore, havia duas moedas. Uma era de dez centavos de dólar, a outra um dólar de prata com um diâmetro de três metros ou três metros e meio.

Vela me apresentou a seu acompanhante espanhol. Não foi exatamente uma apresentação, já que ele nem acusou a minha presença. Então ela disse,



simplesmente explicando: “Até agora eu nunca tinha tido nenhuma experiência de sexo glamoroso, e ficava pensando, naquilo que você sempre chama de revolução sexual, que eu deveria ter uma amostra disso — descobrir de uma vez por todas do que eu era privada estando com você”.

Eu disse: “É como uma imensa gaiola de coelhos, milhões de coelhos, com as fêmeas provando todos os coelhos machos”.

Mas a primeira frase do encontro rapidamente ficou para trás. O objetivo dela, evidentemente, era me encher de culpa e injetar em mim um solvente ou um amaciante mental.

“Você pode me contar onde estamos?”, eu perguntei. “E por que estamos nos encontrando aqui em frente a essas moedas? Elas significam — o quê?”

Então o banqueiro se aproximou e disse que ao longo de um período de anos a moeda de dez centavos à direita iria se transformar no dólar de três metros de diâmetro.

“Quanto tempo vai demorar?”

“Um século ou um pouco mais.”

“Bom, eu não duvido que a matemática esteja certa — mas isso seria feito para quem?”

“Para você”, disse Vela.

“Para mim? E você sabe como?”

“Por criogenia”, ela disse. “A pessoa se deixa congelar e é armazenada. Um século depois eles a descongelam e ela volta à vida. Você não lembra que lemos em um tabloide como o próprio Howard Hughes mandou que o congelassem e que ele seria descongelado e iria reviver quando descobrissem uma cura para a doença que o estava matando? Chamam isso de criogenia.”

“Vamos ver o que você quer que eu faça. Adivinhação não serve. O que você está planejando — quando você quer me congelar?”

“Você faria isso agora. Eu iria depois. E acordaríamos juntos no século XXII.”

O brilho cinza e o extremo polimento das placas de mármore eram calculados para convencer qualquer um sobre a estabilidade do dólar eterno.

Mas também era a fachada de um frigorífico — ou de uma cripta. Isso era tolice, talvez. O seu corpo seria enfiado com outros investidores atrás da fachada de mármore. Você ficaria deitado em um laboratório com técnicos-sacerdotes que cuidariam de você geração após geração, regulando a temperatura, a umidade, e fazendo anotações sobre o seu estado.

“Você voltaria a viver”, Vela disse. “Imagine os juros compostos por milhão. Nós dois viveríamos.”

“Companheiros na velhice?...”

O homem do banco, na verdade usando um fraque, disse em uma voz treinada: “Até lá a expectativa de vida vai passar de duzentos anos”.

“É a única chance para o nosso casamento”, Vela me disse.

Havia certa graça sérvia no tom (si bemol lá, si bemol dó) na grande palavra “casamento”.

“Ah, pelo amor de Deus, Vela! Não é assim que se deve abordar o tema da morte. Adiar por um século não resolve nada.”

Devo lembrar a você que eu já tinha morrido e ressurgido, e que havia uma curiosa distância na minha cabeça entre o velho modo de ver (falso) e o novo modo (estranho mas libertador).

O inglês não era a primeira língua de Vela, e ela não conseguia reformular nada porque tinha gasto tanto esforço compondo as formulações que tinha acabado de expor. Só o que ela conseguia fazer era repetir o que tinha dito. De novo ela expôs os fatos como os entendia, o que não fazia a discussão avançar.

Eu disse a ela: “Não posso fazer isso”.

“Por que você não pode fazer isso?”

“Você está me pedindo para cometer suicídio. Suicídio é proibido.”

“Quem proíbe o suicídio?”

“É contra a minha religião. Judeus não cometem suicídio a não ser que sejam derrotados no cerco como em Massada, ou quando estão prestes a ser retalhados em pedacinhos, como nas Cruzadas. Nesse caso eles matam os filhos antes de se matar.”

“O único caso em que você recorre à religião é para ganhar uma discussão”, disse Vela.

“Imagine que você saia daqui e processe o banco, assim que eu tiver sido congelado”, eu disse. “E daí você reivindica meu espólio porque estou morto. Eles não podem provar que posso ser descongelado e devolvido à vida. Ou você acha que eles iam me trazer de volta só para ganhar o processo? O processo todo sendo discutido diante de um juiz que não tem a menor ideia do que está acontecendo?”

Quando alguém falava em processos o representante do banco ficava pálido e de certo modo eu me solidarizava, embora eu mesmo não estivesse bem, meu coração tendo chegado a um ponto tão baixo.

“Você me *deve* isso”, disse Vela.

O que ela queria dizer? Mas eu tenho como princípio não discutir com pessoas irracionais. Simplesmente balancei a cabeça e repeti: “Não dá para fazer, não dá, e não vou fazer”.

“Não?”

“Você não entende o que você está pedindo?”, eu disse.

“Não?”

“Pelo jeito que você fala, você diz que *eu* não sei o que *eu* estou fazendo. É justo.” Eu nunca me comentei tão mal quanto na hora em que ficamos diante do juiz para nos casarmos. Um velho amigo de escola que eu tinha convidado para o casamento estava profundamente apaixonado por Vela. Ele sussurrou no meu ouvido, enquanto o juiz procurava o texto do casamento no livro: “Mesmo se isso não durar seis meses, mesmo se só durar um mês, ainda vale a pena — com uns peitos e uns quadris e um rosto como o dela”.

Retomando o diálogo no banco com Vela, eu me ouvi dizendo, com a convicção de uma seriedade definitiva: “Eu me adaptei há muito tempo à ideia de morrer de uma morte natural, como a de todo mundo. Já vi muita morte até hoje, e estou preparado para isso. Talvez eu tenha sido um pouco imaginativo demais sobre o túmulo — a umidade e o frio. Imaginei tudo com detalhes demais e talvez tenha um sentimento exagerado — um

sentimento anormal — em relação aos mortos. Mas não tem a menor chance de me convencerem a me colocar nas mãos da ciência experimental. Eu me sinto ofendido com a sua proposta. Mas se você conseguiu me induzir a casar com você, talvez você ache que também consegue me convencer a ser congelado por um século”.

“Sim, eu realmente acho que você me deve algo”, disse Vela, depois do que eu tinha dito.

Uma das nossas dificuldades, e uma fonte de mal-entendidos, era o fato de que o meu ponto de vista era incompreensível para ela. Cães conseguem entender uma piada. Gatos nunca, mas nunca, têm chance de rir. Vela, quando outras pessoas estavam rindo, ria com elas. Mas, se ninguém dava a deixa (“Isso é engraçado”), ela não sorria. E, quando eu divertia as pessoas à mesa durante um jantar, ela desconfiava que eu estava fazendo as pessoas rirem dela.

Eu posso não ter tido consciência, quando achava que estava em um banco, com uma pequena moeda de dez centavos e um dólar gigante colocados sobre o mármore polido, que no mundo real a minha vida estava sendo salva. Médicos com os remédios que me davam, enfermeiras cuidando de mim, técnicos com suas habilidades, estavam trabalhando para me ajudar. Quando ou se eu fosse salvo, eu seguiria com a minha vida.

E se não fosse pela matéria sobre Howard Hughes, Vela não teria sugerido que ser congelado por um século era uma ideia maravilhosa — que ela iria fazer coisas lascivas com o namorado espanhol (a propósito, ele nunca disse nem bom dia para mim) enquanto eu estava congelado, um bloco de gelo, esperando ressuscitação ou ressurreição.

E eu não duvidava da realidade desse banco, dessas moedas, dessas companhias — Vela, o galã espanhol, o consultor de investimentos, e das observações de Vela sobre a revolução sexual.

“Naquela reunião no banco você acredita”, minha mulher, Rosamund, a verdadeira esposa, disse mais tarde, depois de eu ter descrito aquele momento para ela. “Por que são sempre as *piores* coisas que parecem ser

tão reais para você? Às vezes eu me pergunto se algum dia vou convencê-lo a deixar de ser sádico com você mesmo.”

“Sim”, concordei. “Tem um tipo específico de satisfação nisso, o fato de ser ruim garante que aquilo é uma experiência real. É por isso que nós passamos, e é assim que é a existência. O cérebro é como um espelho que reflete o mundo. É claro que vemos imagens, não as coisas verdadeiras, mas gostamos das imagens, passamos a amá-las e mesmo que saibamos o quanto o cérebro-espelho é um órgão que distorce o que vemos. Mas não é hora de começar com metafísica.”

Eu era o tipo de paciente de UTI que podia ter sido objeto de apostas por parte da equipe que trabalhava lá, se eles fossem do tipo que ficasse apostando. Mas essas pessoas eram sérias demais para fazer aposta sobre se alguém ia sobreviver. Mais tarde esbarrei em alguns deles em outros departamentos do hospital e eles diziam: “Ah, você conseguiu — maravilha! Eu não ia ter adivinhado. Bom... você lutou bastante. Eu não teria dado dois centavos pela sua vida”.

E então... *hasta la vista*. Nos vemos na próxima vida.

Se esses encontros tivessem sido mais demorados (embora eu preferisse que eles fossem o mais curtos possível) eu devia ter mencionado minha mulher, dado o devido crédito a ela. Aqui e ali se materializava um especialista que a tinha notado: “Que mulher bonita”. “Como ela era dedicada.” É comum que os parentes dos moribundos fiquem como pássaros confusos ofuscados pela luz dos holofotes, voando às cegas. Mas não era o caso de Rosamund. Para me salvar ela teria feito o que fosse necessário. Foi por isso que, por ela, a equipe da UTI afrouxou as regras. Eles tinham um profundo e complexo conhecimento sobre irmãos, irmãs, mães, maridos e esposas. No meu caso sobreviver não parecia uma opção provável, e parecia que ela estava ajudando um perdedor. Para algumas outras pessoas, principalmente mulheres, podia parecer que Rosamund estava me mantendo desse lado da fronteira da morte.

Essas mulheres acreditavam que o amor salvava vidas? Se estivessem respondendo perguntas de um pesquisador elas negariam. Como diz a

célebre frase de Ravelstein, o niilismo americano era um niilismo sem abismo. O amor devia ser visto por direito — ou do ponto de vista moderno — como uma paixão desacreditada, mas as enfermeiras da UTI na linha de frente da morte estavam mais abertas a sentimentos puros do que aqueles que trabalhavam em corredores mais silenciosos. E Rosamund, essa mulher esguia, de cabelos escuros, com nariz reto, foi paradoxalmente reconhecida como alguém que fazia aquilo de maneira natural. Embora altamente educada — uma ph.D., inteligente demais para se deixar levar — ela amava o marido. O amor encontrava apoio secreto naquelas enfermeiras que trabalhavam na marca do pênalti, com oitenta por cento dos casos terminando na morgue. A equipe flexibilizou as regras para ela — para nós. Ela teve permissão para dormir ao lado da cama, no meu cubículo.

Quando me formei na UTI eles deixaram que Rosamund oferecesse uma pequena ceia. Dr. Bertolucci trouxe o macarrão à marinara de casa. Eu sentei e comi umas garfadas e falei sobre o canibalismo na Nova Guiné, onde os inimigos massacrados eram assados ao lado dos penhascos onde havia flores tropicais caindo por dezenas de metros, como cascatas.

Quando tive alta da UTI, Rosamund continuou tendo permissão para ir e vir, sem qualquer restrição. Depois do jantar ela me levou para casa no Crown Vic. Para me tranquilizar ela disse: “É estável, é confiável. É o carro que a polícia usa, e me sinto segura nele quando paro num semáforo. Os sujeitos mal-intencionados acham que sou uma policial à paisana, e que estou armada”.

Mesmo assim, a janela lateral foi estilhaçada uma noite no estacionamento atrás do nosso prédio. Ela também não gostava de ver os ratos à noite sentados em filas de onde podiam ver e sentir os odores do restaurante na Beacon Street. “Eles ficam em filas como os jurados no cercadinho do júri”, ela dizia, “e os olhos deles concentram toda a luz que existe.”

Quando ela subia mancando até o terceiro andar o gato estava lá para cumprimentá-la, ou para acusá-la de negligência. Ele era um gato do campo e tinha vivido de comer ratos e esquilos e pássaros. Agora passava os dias

olhando iráunas, gaios-azuis, e corvos gigantes. Esses corvos pareciam bem maiores do que os que você via na floresta — talvez em função da menor escala das plantas domesticadas da cidade. No fim da tarde eles soam de cima dos telhados como se fossem serras de metal.

Suponho que serviam a algum propósito biológico, mas eu não estava interessado. Na época eu estava surdo à teoria — assim como me recusava a pensar sobre o que estava fazendo para lutar pela sobrevivência. Se eu tivesse parado para pensar nisso, teria percebido que estava cavando com as mãos nuas para sair debaixo da terra. Algumas pessoas teriam admirado minha tenacidade ou minha lealdade à vida. Para mim não era isso — era algo tedioso como batatas.

Rosamund depois de olhar a geladeira vazia (não tinha tido tempo de ir às compras) mascava umas cascas de queijo e depois com os cabelos protegidos por um cone alto de toalhas turcas ficava debaixo de um banho quente. Na cama, ela ligava para os pais e conversava com eles. O despertador dela estava programado para as sete, e ela estava no hospital bem cedo de manhã. Ela era capaz de dizer o nome de todos os remédios que os médicos tinham me receitado, e os médicos descobriram que ela sabia dizer como eu tinha reagido a cada um deles, a que eu era alérgico, ou lembrar como minha pressão tinha estado anteontem. Havia um grande equipamento de triagem na cabeça daquela mulher bonita. Ela me disse, com confiança, que viveríamos até ser bem velhos, muitos anos ainda depois do começo do século que estava por chegar. Ela dizia que eu era um prodígio. Eu me via mais como um tipo de aberração.

Não existia nenhum tema de que alguém falasse e que ela não compreendesse imediatamente. Ravelstein teria ficado muito satisfeito com ela. É claro que ele nunca teria tido a vantagem que eu tinha, o acesso que eu tive a ela. E depois da crise Rosamund disse que ela nunca duvidou que eu sobreviveria. E eu parecia acreditar que não iria morrer porque tinha coisas a fazer. Ravelstein esperava que eu cumprisse a minha promessa de escrever a biografia que ele tinha encomendado. Para cumprir com a minha palavra eu tinha de continuar vivo. Claro que havia um corolário óbvio.

Quando a biografia estivesse escrita, eu perderia minha proteção, e me tornaria tão prescindível quanto qualquer outro.

“Mas isso não poderia se aplicar a você”, disse Rosamund. “Depois de você ter encontrado o caminho para *chegar* lá, nada te deteria. Além disso, você sobreviveria por mim.”

Era comum que eu me lembrasse de perguntar a Ravelstein qual dos amigos dele tinha mais chances de ir logo depois dele. “Para fazer companhia a você”, era o modo como eu dizia. E depois de examinar profundamente minha cor, minhas rugas, minha aparência, ele disse que o mais provável era que eu fosse o próximo a segui-lo. Ele era assim. Se você pedia que ele fosse direto ele não iria te poupar. A clareza dele era como um fluido que congela rapidamente. Será que ele queria dizer que eu seria o primeiro dos amigos dele a me unir a ele na vida após a morte? Era isso que o tom da nossa conversa sugeria. Mas ele não acreditava na vida após a morte. Platão, que o orientava nesse tipo de tema, frequentemente falava numa próxima vida mas era difícil dizer o quanto ele levava isso a sério. Eu não sentia disposição para entrar no ringue com esse campeão de sumô representando a metafísica platônica. Uma única batida da poderosa barriga dele e eu estaria fora do ringue brilhante e novamente na escuridão ruidosa.

Ele tinha me perguntado, contudo, como eu imaginava que a morte seria — e quando eu disse que as imagens iriam parar ele refletiu seriamente sobre a minha resposta, parou completamente, e pensou no que eu queria dizer com aquilo. Ninguém pode desistir das imagens — as imagens precisam, sim elas *precisam* continuar. Eu me pergunto se alguém acredita que o túmulo é tudo o que existe. Ninguém pode desistir das imagens. As imagens precisam e irão continuar. Se Ravelstein o ateu-materialista tinha implicitamente dito que iria me ver mais cedo ou mais tarde, ele queria dizer que não aceitava o túmulo como o fim. Ninguém pode e ninguém aceita isso. Nós só *falamos* assim.

Então quando fiz minha observação sobre as imagens, Ravelstein me respondeu com sua explosiva gargalhada-gaguejo: “Har har”. Mas ele tinha alguma consideração — algum respeito pela resposta.



Mas então ele se deixou ir longe a ponto de dizer: “Parece que você pode logo, logo se juntar a mim”.

Essa é a confiança involuntária e normal, secreta, esotérica do homem de carne e sangue. A carne iria diminuir e desaparecer, o sangue iria secar, mas ninguém acredita em sua mente das mentes ou coração dos corações que as imagens *realmente* param.

Grosso modo, quarenta por cento dos pacientes de tratamento intensivo morrem na UTI. Do restante uns vinte por cento ficam permanentemente incapacitados. Esses inválidos são enviados para o que a indústria da saúde chama de “unidades de tratamento crônico”. Não se espera que eles jamais voltem a levar um vida normal. Do restante, dos sortudos, diz-se que estão “em campo”.

Em campo, eu não era mais atendido pela equipe de médicos da UTI. Exaustos pelas centenas de horas na UTI, dois deles deram uma passada para dizer que estavam saindo de folga nos feriados. Como eu era um dos grandes sucessos deles, eles vinham me procurar em campo para se despedirem. A dra. Alba trouxe canja de galinha feita na cozinha dela. O presente do dr. Bertolucci foi um prato de lasanha feita em casa e um complemento de almôndegas com molho de tomate, como o que eu tinha comido na UTI. Eu ainda era incapaz de me alimentar sozinho. A colher tremia na minha mão e batucava no prato; eu não era capaz de levá-la até a boca. O dr. Bertolucci veio jantar com Rosamund e comigo. Longe do normal, eu continuava levando a conversa de volta ao tema do canibalismo. Mas o dr. Bertolucci ficou muito satisfeito comigo, dizendo: “Você está prestes a escapar de uma boa”. Ele tinha salvado a minha vida. Eu estava sentado, comendo o jantar que o próprio médico tinha preparado, e conversando, e resmungando. Rosamund também estava satisfeita e empolgada. Essa era minha primeira noite em campo, e eu não iria parar em uma instituição de tratamento crônico para começar uma vida de aleijado.

Quando fui transferido para o campo de jogo, o residente de neurologia fez um exame preliminar em mim. Meu histórico médico estava disponível no posto de enfermagem em um caderno grosso. Rosamund tinha mantido um diário escrito por ela nas semanas de crise e o residente também fez perguntas a ela.

Naquela mesma noite, o dr. Bakst, o neurologista-chefe, apareceu à meia-noite e também fez perguntas a ela. Ela tinha ficado dormindo na poltrona ao lado da cama.

Eu tinha sido tratado de pneumonia e insuficiência cardíaca. E, embora estivesse em campo, ainda não tinha escapado. Ainda não. Não exatamente. Quais eram os meus problemas é apenas parcialmente relevante aqui. Deixe eu simplesmente dizer que as coisas estavam longe do normal, e que meu futuro ainda era incerto.

O dr. Bakst veio com seu pacote de agulhas. Ao me examinar — enfiando agulhas no meu rosto — ele descobriu que meu lábio superior estava (para dizer do meu próprio jeito) manco. Mesmo quando eu falava ou ria ele ficava estranhamente imóvel ou parcialmente paralisado. Ele fez alguns exames simples comigo — e eu não passei. Em vários momentos ele pediu para desenhar mostradores de relógios. De início eu era incapaz de desenhar qualquer coisa. Minhas mãos eram inúteis. Eu não tinha qualquer controle sobre elas. Era impossível para mim tomar minha sopa ou assinar meu nome. Eu não conseguia manejar uma caneta. Quando ele disse, “Desenhe um relógio”, só o que eu consegui desenhar foi um garrancho de um zero. Para o dr. Bakst parecia que os meus sintomas se deviam a um envenenamento. Bédier em Saint Martin tinha me servido um peixe tóxico. O neurologista disse que eu fui vítima da ciguatoxina. Agora eu estava disposto a acreditar no pior sobre o Caribe. O médico francês com quem eu me consultei lá diagnosticou o meu problema como dengue. Ele podia, imagino eu, ter feito um trabalho melhor. Um expert australiano em ciguatoxina descreveu os sintomas daquela doença por telefone para o dr. Bakst em Boston. Alguns dos colegas de Bakst em Boston não aceitavam o

diagnóstico. Eu fiquei ao lado de Bakst, contudo, por motivos que pouco tinham a ver com medicina, a rigor.

Para colocar as coisas de maneira simples, eu precisava decidir se devia ou não fazer esforços para me recuperar. Eu tinha ficado inconsciente por longas semanas, meu corpo estava desgastado — irreconhecível. Meus esfíncteres estavam confusos e eu estava mais cambaleando do que andando — me segurando em uma armação de metal. Em certo momento eu tinha sido o membro mais jovem de uma numerosa família. Agora eu tinha netos adultos. Quando eles vinham me visitar, aqueles que haviam herdado meus traços me davam a impressão de que eu estava sendo visto por meus próprios olhos — ainda relevante mas prestes a ser substituído por um modelo mais novo. Ravelstein teria me aconselhado a não perder a cabeça. Eu me sentia quase condenado, mas eu estava, não importa o quanto estivesse avariado, cansado de tudo aquilo, ainda não dispensado do serviço.

Rosamund estava determinada a me manter vivo. Foi ela, é claro, que me salvou — me trouxe de volta do Caribe bem a tempo, me acompanhou durante o tratamento intensivo, dormindo em uma cadeira ao lado da minha cama. Quando eu lutava para respirar ela levantava a máscara de oxigênio para limpar a parte de dentro da minha boca. Só depois de trazerem o respirador ela foi para casa por uma hora para pôr roupas limpas.

O único médico que vinha regularmente para me ver era o dr. Bakst. Ele também vinha irregularmente — em horas estranhas. Ele dizia: “Desenhe um mostrador às 10h47”. Ou, “Qual é a data de hoje? Agora, não vá me dizer que você vive em um plano superior e não precisa saber a data exata. Eu quero que você me dê respostas específicas”. Ou, “Multiplique setenta e dois por noventa e três — e agora... divida cinco mil trezentos e vinte e dois por quarenta e seis”.

Graças a Deus eu estava com a minha tabuada em dia.

Ele não tinha intenção de discutir questões “mais profundas” comigo — ou questões relativas à extensão de minha recuperação.

Aos oito anos de idade eu tinha precisado me recuperar de uma peritonite complicada por pneumonia. Voltando do hospital, o que eu precisava decidir era se eu seria um inválido para o resto da vida com dois irmãos mais velhos me odiando por monopolizar o afeto e a preocupação dos nossos pais. Como essas decisões são tomadas na infância é algo que está além da compreensão. Hoje eu entendo, no entanto, que escolhi não ser uma pessoa frágil. Em alguma loja de usados encontrei um livro sobre forma física escrito por Walter P. Camp, e fiz como o famoso técnico de futebol americano tinha feito — carreguei baldes cheios de carvão com os braços estendidos subindo a escada do porão. Eu fazia barras, fazia exercícios com um saco de pancadas e com maçãs de madeira. Estudei um tratado chamado *Como ficar forte e permanecer assim*. Conteí para todo mundo que estava treinando. Não era exagero. E o fato é que eu não tinha dom para esportes. Mesmo assim a escolha que fiz aos oito anos continuou sendo eficiente. Cerca de setenta anos depois eu estava me preparando para fazer isso de novo.

Por uma rara coincidência, o dr. Bakst tinha outra paciente no andar acima com ciguatoxina. Ela tinha sido infectada numa viagem à Flórida. A toxina devasta o sistema nervoso mas logo é excretada, de modo que em poucos dias não há sinal dela. Por sorte no caso dela a doença foi descoberta no início, e depois de o veneno transmitido pelo peixe ter sido filtrado da corrente sanguínea ela estava bem o suficiente para ir para casa.

Eu continuava empurrando a armação de metal pelos corredores tortuosos, determinado a recuperar o uso das minhas pernas. Eu era mantido em pé no chuveiro e me sentia humilhado enquanto era ensaboado e enxaguado por enfermeiras gentis que tinham visto de tudo e não ficavam chocadas com meu corpo.

Presumi que meu neurologista sênior e anjo da guarda estava familiarizado com casos como o meu e sabia exatamente “em que pé eu estava”. Minhas mãos e pernas avariadas iam murchar e meu senso de equilíbrio se perderia se eu permitisse que os pequenos músculos se atrofiassem. Se eu estivesse propenso a isso, poderia decidir não fazer o

esforço. Você realmente se cansa de executar os truques, amassar a bola de massa e de montar quebra-cabeças só para ver, ao examinar-se você mesmo, as longas rugas da parte interior de seus braços ressecadas.

Só agora começo a entender quanto tato havia na conduta do médico e a perceber que ele sabia perfeitamente bem que eu me desintegraria se não fizesse os exercícios que ele prescreveu. Eu detestava os exercícios mas não podia me deixar desmoronar. Além disso, eu devia a Rosamund o esforço de me recuperar. Sim, eu estava tentado a desistir, mas ela tinha concentrado a alma dela completamente em minha sobrevivência. Minha desistência seria um insulto para ela. E, por fim, viver significava necessariamente fazer o que eu sempre tinha feito, e eu precisava ser forte o suficiente para executar de maneira independente as tarefas em que minha vida consistia.

Dr. Bakst era um craque do diagnóstico, eu achava, mas no meu caso o diagnóstico tinha sido contestado. A ciguatoxina é uma doença tropical. A toxina é transmitida por peixes que se alimentam de recifes — “píscívoros”, como o médico os chamava. Não importava o quanto você grelhasse ou cozinhasse você não iria conseguir destruir o veneno que havia no luciano-do-golfo posto diante de mim por Bédier, um sujeito durão fazendo o papel do anfitrião mais francês dentre os franceses. Ele tinha vindo aos trópicos para ganhar dinheiro para educar as filhas pequenas — elas já não recebiam um *dot*, recebiam educação. (Ravelstein, que assombra essas personalidades e ocasiões, teria preferido que eu dissesse *dot* e não *dote*.) Fora por desempenhar o papel, Bédier não devia nada aos clientes. Eles se arriscavam com os piscívoros do recife de corais, assim como ele se arriscava com os investimentos. Nem Bédier nem o médico que me disse que eu tinha dengue responderam aos questionários de Boston.

Na minha idade a pessoa já teve uma experiência considerável com o modo como as coisas acontecem, as esquivas que acompanham o autointeresse. Todas essas considerações estão ferozmente misturadas.

O diagnóstico de ciguatoxina do dr. Bakst tinha sido contestado por outros médicos. Assim, ele teve um interesse extra em provar que estava

certo. Ele me mandou para cada canto do hospital para fazer CAT scans, ressonâncias magnéticas e dezenas de outros exames esotéricos, nos quais as forças do planeta como um todo ficam sobre você. Eu era capaz, mas só até certo ponto, de separar as preocupações profissionais dele dos outros motivos. O fato era que ele sabia que eu precisava das visitas “pessoais” dele, da sua presença diária — que eu dependia dele.

Me ocorreu durante um dia fragmentado e desesperado que eu podia ser um daqueles pacientes espertos cujo grande plano é sugar a atenção do médico. O homem doente percebe que o médico precisa compartilhar, e também reconhece uma necessidade especial de ficar à frente de seus rivais doentes e moribundos. O médico naturalmente tem de se proteger contra esses impulsos monopolizadores — talvez eu deva dizer instintos — das pessoas que estão cegamente inclinadas a se recuperar, que têm a profunda e especial ganância dos doentes quando eles decidem não morrer.

Dr. Bakst tinha uma compleição sólida mas com uma estranha tendência em relação à cabeça, que ele carregava como um boxer. Claro que estava fora de cogitação adivinhar o que ele estava pensando. Ele ia e vinha conforme achava que era o caso. Os óculos dele podiam se virar para você quando os olhos não o faziam. Isso me levou a perceber que seria um erro tentar comunicar as muitas coisas estranhas que eu estava vivenciando. Os problemas de aritmética que ele estava me propondo eram em grande medida semelhantes aos que o perverso, tirânico padraço propunha a David Copperfield — “Nove dúzias de queijos a duas libras, oito shillings e quatro pence. Você não pode levar mais do que três minutos com essa conta”. Eu tinha sido bom em somar no meu tempo de escola, e fazer essas contas me levava de volta à infância. Para os meus dedos, também, elas eram uma boa terapia, e eu logo era capaz de assinar cheques e de pagar minhas contas.

O médico agora adotava um estilo mais duro comigo.

“Que dia da semana é hoje?”

“Terça.”

“Não é terça. Qualquer adulto sabe que dia é hoje.”

“Então deve ser quarta.”

“Sim. E qual é a data?”

“Não tenho ideia.”

“Bom, você está se preparando para dar um chute — arriscar um palpite, Mas de agora em diante você vai saber a data como qualquer pessoa normal. Você vai checar isso toda manhã, e de agora em diante vai estar pronto para dizer o dia da semana e a data exata do calendário.” E então ele pendurou um calendário na parede para mim. O médico tinha visto que meus dias eram um atoleiro de autonegligência e que eu estava sem moral, à deriva e perdendo a coragem por meio da preguiça e da desordem.

É possível que o dr. Bakst tenha me salvado. Eu acredito que devo minha vida a ele e, claro, a Rosamund. Bakst não achava que me pôr no “em campo” tivesse sido um erro ou que eu estivesse destinado a uma unidade de tratamento crônico. Ele acreditava que eu podia — e que portanto eu *devia* — chegar lá. De alguma maneira ele me considerava capaz de dar a volta por cima. Eu me pergunto como seria a medicina se os médicos não dessem bola para essas intuições. Dr. Bakst, como um habilidoso batedor indígena do século passado, colocou o ouvido sobre os trilhos e ouviu a locomotiva chegando. A vida logo retornaria, e eu ocuparia meu assento no trem-vida. A morte iria se encolher ao lugar que ocupava previamente à margem da paisagem. O desejo do paciente é se arrastar ou mancar ou dar um jeito de chegar de volta à vida que precedeu a doença, e entrincheirar-se e se fortalecer na antiga posição.

Se eu tivesse morrido naturalmente teria sido liberado da promessa que fiz anos antes de escrever uma curta descrição de Ravelstein e de fazer um relato de sua vida. Tendo eu mesmo passado perto da morte, não preciso ter medo da culpa que frequentemente os vivos têm em relação aos outros — pais, esposas, maridos, irmãos e amigos — que estão em seus túmulos.

Assim que saí da faculdade nos anos 30 fui um pesquisador assistente ajudando a compilar um guia geográfico, e aprendi que havia uma Atenas praticamente em cada estado americano. Também era fato que A. N. Whitehead havia profetizado durante uma estadia em Chicago que a cidade estava destinada a liderar o mundo moderno. A inteligência estava aqui para

ser usada livremente por todas as pessoas, e assim era altamente possível que essa cidade pudesse fazer o papel de uma nova Atenas.

Quando disse isso para Ravelstein eu me lembro de ele ter rido exorbitantemente e dito: “Se isso acontecer aqui não vai ser por causa do Whitehead. Não havia filosofia suficiente nele para encher uma bexiga de aniversário. Não que Russell fosse muito melhor”.

Eu estava interessado em opiniões como essa não porque tivesse ambições filosóficas mas porque, sem muito conhecimento sobre filosofia política, estava me preparando para escrever, tinha concordado em escrever, uma biografia de Ravelstein, um filósofo político. E eu não sabia dizer se Whitehead ou Russell tinham ou não desenvolvido ideias que valessem ser examinadas. Ravelstein me disse vivamente para não me importar com os estudos, ensaios e opiniões deles. Mas eu já tinha lido cinco ou seis livros deles. Devíamos ser gratos por conselhos desse tipo já que a vida é curta demais para nos arriscarmos a perder tempo — um mês inteiro, digamos, com a *História da Filosofia* de Russell, um livro obviamente deformado e até mal-humorado, muito moderno por tentar poupar você de estudar vários filósofos alemães e franceses.

A seu próprio modo Ravelstein tentava me proteger para que eu não precisasse me debruçar sobre as obras dos pensadores que ele mais admirava. Ele me mandou escrever esta biografia, sim, mas ele não achava que era necessário que eu mourejasse nos clássicos do pensamento ocidental. Mas para o que era necessário para uma biografia curta eu o compreendia bem o suficiente, e concordei que isso devia ser feito por alguém como eu. Além disso, acredito fortemente no poder de uma obra inacabada para manter você vivo. Mas a sua sobrevivência não pode ser explicada por essa simples equivalência abstrata entre as duas coisas. Rosamund impediu que eu morresse. Não tenho como descrever isso sem encará-lo e não posso encarar isso enquanto meus interesses continuarem centrados em Ravelstein. Rosamund estudou o amor — o amor romântico



de Rousseau e também o Eros platônico, com Ravelstein — mas ela sabia bem mais sobre o assunto do que o professor ou o marido dela.

Mas eu preferiria ver Ravelstein novamente a explicar assuntos que não é útil explicar.

Ravelstein, se vestindo para sair, está falando comigo, e eu vou para lá e para cá com ele enquanto tento ouvir o que ele diz. A música está transbordando do aparelho de som dele — as várias planícies da cabeça calva dele vão à minha frente no corredor entre a sala de estar e o monumental quarto master do apartamento. Ele para diante do espelho pendurado entre as janelas — não há espelhos fixados nas paredes — e coloca as pesadas abotoaduras de ouro, abotoa a camisa listrada da Kissler & Asser da Jermyn Street — a American Trustworthy lavanderia e limpeza entrega as camisas protegidas por papel de seda. Ele ajeita a gravata levantando o colarinho que estala de tão engomado. Ele faz um nó exuberante. Os dedos trêmulos, longos, mal coordenados, nervosos a ponto de serem decadentes, fazem uma volta dupla. Ravelstein gosta de um nó grande — afinal, ele é um sujeito grande. Então ele se senta na lã belamente curada de sua cama e coloca as botas curtidas Wellington da Poulsen and Skone. O pé esquerdo é muito menor do que o direito mas ele não manca. Ele fuma, claro, sempre está fumando, e inclina a cabeça para longe da fumaça enquanto faz o nó e o coloca no lugar. O elenco e a orquestra fazem soar *A italiana em Argel*. Essa é música para se vestir, música acessória ou para melhorar o humor, mas Ravelstein tem um ponto de vista nietzschiano, que dá preferência à comédia e aos coretos. Melhor Bizet e a *Carmen* do que Wagner e *O anel*. Ele gosta do volume do poderoso aparelho de som no máximo. O telefone é deixado na secretária eletrônica. Ele coloca seu terno de cinco mil dólares, uma lã italiana misturada com seda. Puxa os punhos do paletó com as pontas dos dedos e alisa o topo da cabeça. E talvez sinta prazer em ter tantos instrumentos fazendo uma serenata para ele, tantos músicos a seu serviço. Ele se corresponde com empresas de CDs de trás da Cortina de Ferro. Ele tem ajudantes que vão ao correio pagar tarifas alfandegárias para ele.

“O que você acha dessa gravação, Chick?”, ele diz. “Eles estão tocando instrumentos de época autênticos.”

Ele se perde na música sublime, uma música em que as ideias se dissolvem, refletindo essas ideias na forma de sentimento. Ele as leva para baixo com ele, para a rua. Há um princípio de neve nos arbustos mais altos, os mesmos arbustos que foram ocupados por uma imensa revoada de papagaios — aqueles que escaparam de gaiolas e que hoje constroem seus ninhos nos becos. Ravelstein me olha, rindo com prazer e assombro, fazendo gestos porque não se consegue fazer ouvir com todo esse barulho dos pássaros.

Você não entrega facilmente para a morte uma criatura como Ravelstein.

## Sobre o autor

Saul Bellow nasceu em Lachine, no Canadá, em 1915. Mudou-se para os Estados Unidos aos nove anos, onde se transformaria na mais poderosa voz da literatura americana do século XX depois de William Faulkner. Escreveu catorze romances e novelas, além de contos e ensaios. Recebeu o Nobel de literatura em 1976. Morreu em 2005.

### OBRAS DE SAUL BELLOW PUBLICADAS PELA COMPANHIA DAS LETRAS

*As aventuras de Augie March*. Tradução de Sonia Moreira, 2009.

*Henderson, o rei da chuva*. Tradução de José Geraldo Couto, 2010.

*Herzog*. Tradução de José Geraldo Couto, 2011.

*O legado de Humboldt*. Tradução de Rubens Figueiredo, 2013.

### PARA SABER MAIS SOBRE O AUTOR

ATLAS, James. *Bellow: a biography*. Random House, 2000.

BELLOW, Saul. *There Is Simply Too Much to Think About: Collected Nonfiction*. Viking, 2015.

ROTH, Philip. *Entre nós*. Tradução de Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras, 2008.

LEADER, Zachary. *The Life of Saul Bellow: To Fame and Fortune, 1915-1964*.

TAYLOR, Ben (org.). *Saul Bellow: letters*. Penguin, 2012.

Copyright das novelas: *A Theft* © 1989 by Saul Bellow. *The Bellarosa Connection* © 1989 by Saul Bellow. *The Actual* © 1997 by Saul Bellow. *Ravelstein* © 2000 by Saul Bellow.  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Jaime Azenha

*Revisão*

Luciane Helena Gomide

Jane Pessoa

ISBN 978-85-438-0409-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)